FREDERICK FORSYTH

O PUNHO DE DEUS



FREDERICK FORSYTH

O Punho de Deus

Título original inglês

THE FIST OF GOD

1994

Tradução

EDUARDO SALÓ

Livros do Brasil, Lisboa

COLECÇÃO DOIS MUNDOS
FREDERICK FORSYTH
O PUNHO DE DEUS
C M P V
Tradução Livros Do Brasil Lisboa Rua dos Caetanos, 22.
Tradução de Eduardo Saló.
Capa de A. Pedro.
Título da edição original THE FIST OF GOD.
Copyright © Transworld Publishers Ltd, London 1994
“This edition is published by arrangement with Transworld Publishers Ltd, London”.
Reservados todos os direitos pela legislação em vigor Lisboa 1994.

Às viúvas e aos órfãos do Regimento do Serviço Aéreo Especial.

E a Sandy, sem cujo apoio isto teria sido muito mais difícil.

Aos que sabem o que realmente aconteceu no Golfo e me falaram disso, os meus sinceros agradecimentos. Vocês sabem quem são; deixemos as coisas assim.

Personagens

Americanos

George Bush Presidente
James Baker Secretário de Estado
Colin Powell Chefe do Estado maior Conjunto das Forças Armadas
General Norman Schwarzkopf Comandante das Forças da Coalizão no Golfo
General Charles (Chuck) Horner Comandante das Forças Aéreas da Coalizão no Golfo
Brigad. General Buster Glosson Assistente de Chuck Horner
Bill Stewart Diretor de Operações, CIA
Chip Barber Chefe da Divisão do Oriente Médio, CIA
William Webster Diretor Geral da Central de Inteligência, CIA
Steve Turner USAF Comandante de Esquadrão de Caças
Don Walker USAF Piloto de Caça
Tim Nathanson Oficial de Armamento de Don Walker
Randy Roberts Companheiro de Esquadrão de Don Walker
Jim Henry Oficial de Armamento de Randy Roberts
Harry Sinclair Chefe da Estação de Londres, CIA
Saul Nathanson Banqueiro e Filantropo
“Daddy” Lomax Físico Nuclear aposentado

Britânicos

Margaret Thatcher Primeira-Ministra
John Major Sucessor de Thatcher como Primeiro-Ministro.
General Sir Peter de la Billière Comandante das Forças Britânicas no Golfo
Sir Colin McColl Chefe do SIS
Sir Paul Spruce Presidente do Comitê Medusa Britânico
Brigadeiro J.P. Lovat Oficial Comandante do 22º regimento da

SAS

Major Mike Martin Major da SAS
Major “Sparky” Low Oficial da SAS, Khafji
Dr. Terry Martin Acadêmico e Especialista de Assuntos Árabes
Steve Laing Diretor de Operações Divisão do Oriente Médio do SIS
Simon Paxman Chefe da Divisão Iraquiana do SIS
Stuart Harris Homem de Negócios Britânico em Bagdá
Julian Gray Chefe da Estação do SIS em Riad
Dr. Bryant Bacteriologista do Comitê Medusa
Dr. Reinhart Especialista em Gases Venenosos do Comitê Medusa
Dr. John Hipwell Especialista Nuclear do Comitê Medusa
Sean Plummer Chefe do Serviço Árabe do GCHQ
Philip Curzon Oficial Comandante do Esquadrão 608 da RAF
Lofty Williamson Líder do Esquadrão 608 da RAF
Sid Blair Tenente-Aviador, navegador de Williamson
Peter Johns Tenente-Aviador, piloto no Esquadrão 608
Nicky Tyne Tenente-Aviador, navegador de Johns
Peter Stephenson Sargento do SAS
Ben Eastman Cabo do SAS
Kevin North Cabo do SAS

Iraquianos

Saddam Hussein Presidente
Izzat Ibrahim Vice-Presidente
Hussein Kamil Cunhado de Saddam, chefe do MIMI
Taha Ramadan Primeiro Ministro
Sadoun Hammadi Vice Primeiro Ministro
Tariq Aziz Ministro do Exterior
Ali Hassan Majid Governador Geral do Kuwait ocupado
General Saadi Tumah Abbas Comandante da Guarda Republicana
General Ali Musuli Comandante do Corpo de Engenheiros
General Abdullah Kadiri Comandante do Corpo Blindado
Dr. Amer Saadi Vice de Hussein Kamil

Brigadeiro Hassan Rahmani Chefe da Contra inteligência
Dr. Ismail Ubaidi Chefe da Inteligência Externa
Brigadeiro Omar Khatib Chefe da Polícia Secreta (Amn-al-Amm)
Coronel Osman Badri Coronel, Engenheiros do Exército
Coronel Abdelkarim Badri Coronel da Força Aérea Iraquiana
Dr. Jaafar Al-Jaafar Chefe do Programa Nuclear
Coronel Sabaawi Chefe da Polícia Secreta do Kuwait ocupado
Dr. Salah Siddiqui Engenheiro Nuclear

Kuwaitianos

Khaled Al-Khalifa Capitão Piloto
Ahmed Al-Khalifa Comerciante
Coronel Abu Fouad Chefe do Movimento de Resistência
Asrar Qabandi Heroína da resistência

Israelenses

Itzhak Shamir Primeiro Ministro
General Yaacov “Kobi” Dror Chefe do Mossad
Sami Gershon Chefe da Divisão de Combatentes do Mossad
David Sharon Chefe da Divisão Iraquiana do Mossad
Benjamin Netanyahu Vice Primeiro Minister
Gideon “Gidi” Barzilai Controlador de Missão da Operação Joshua
Dr. Moshe Hadari Especialista em Assuntos árabes da Universidade de Tel Aviv
Avi Herzog, alias Karim Aziz Agente do Mossad em Vienna

Vienenses

Wolfgang Gemutlich Vice-presidente do Winkler Bank
Edith Hardenberg Secretária particular de Gemutlich

Capítulo 1

O homem a quem restavam dez minutos de vida estava rindo.

A fonte do seu divertimento era uma história contada por sua assessora pessoal, Monique Jamirié, que o levava a casa naquele entardecer glacial e chuvoso de 22 de março de 1990, do escritório para o apartamento.

Dizia respeito a uma colega mútua nos escritórios, da Sociedade de Pesquisas Especiais na Rua de Stalle, considerada uma autêntica vamp devoradora de homens, que se tornara homossexual. A fraude encantava o sentido de humor obsceno do homem.

Eles tinham abandonado os escritórios no subúrbio de Bruxelas de Uccle às sete menos dez, com Monique ao volante do Renault 12 do Estado. Alguns meses atrás, ela vendera o Volkswagen do patrão, porque receara que este, péssimo condutor, acabasse por se matar.

Embora o percurso entre os escritórios e o apartamento no bloco central do complexo de três edifícios Chendreu, perto da Rua François Folie, não excedesse dez minutos, pararam pelo caminho numa padaria. Entraram ambos, a fim de ele comprar um pain de campagne, que apreciava particularmente. A chuva era varrida por vento agreste, pelo que eles inclinavam a cabeça para o peito, o que os impediu de se aperceberem do carro que os seguia.

Não havia nada de estranho na omissão, pois nenhum dos dois possuía treino na matéria, O veículo anônimo, com dois ocupantes de expressões sinistras, seguia o cientista,com persistência nas últimas semanas, sem se aproximar demasiado, apenas na expectativa, e ele não se dera conta. Outros tinham reparado, sem que se achasse, porém, ao corrente. ; Emergiu da padaria diante do cemitério, colocou o pão no banco de trás e subiu para o carro, a fim de completar o trajeto até casa. Às sete e dez, Monique travou diante da porta de vidro laminado do bloco de apartamentos, que se erguia a quinze metros da borda do passeio. Ofereceu-se para subir também, todavia ele recusou. Ela sabia que esperava a sua amiguinha Helene e não queria que as duas

mulheres se conhecessem. Tratava-se de uma das vaidades em que o seu respeitoso pessoal feminino colaborava: Helene não passava de uma boa amiga, que lhe fazia companhia, quando estava em Bruxelas e a esposa no Canadá.

Ele apeou-se, a gola do impermeável levantada, como sempre, e suspendeu do ombro o enorme saco de lona preto que quase nunca abandonava. Pesava mais de quinze quilogramas e continha uma grande quantidade de papéis — documentos científicos, projetos, cálculos e dados. O cientista não confiava nos cofres e pensava ilogicamente que todos os pormenores dos seus planos mais recentes beneficiavam de maior segurança suspensos do seu ombro.

A última vez que Monique o viu, o seu patrão estava diante da porta de vidro, o saco pendurado num dos ombros e o pão debaixo do outro braço, enquanto procurava as chaves. Aguardou que entrasse no átrio do prédio e a mola fechasse a porta automaticamente atrás dele. Em seguida, pôs o carro em movimento.

O acadêmico vivia no sexto andar do bloco de oito. Os dois elevadores situavam-se nas traseiras do edifício, ladeados pela escada, com uma saída de incêndio em cada piso. Ele entrou numa das cabinas, que abandonou no sexto. Ato contínuo, a luz do corredor acendeu-se, também automaticamente. Fazendo tilintar as chaves entre os dedos, um pouco curvado ao peso do saco e com o pão debaixo do outro braço, voltou à esquerda e depois novamente à esquerda, ao longo da alcatifa castanho-avermelhada, até que tentou introduzir a chave na fechadura da porta do seu apartamento.

O assassino estivera à espera do outro lado do poço do elevador, fora do campo visual do recém chegado. Naquele momento, emergiu do esconderijo empunhando a Beretta de 7,65 mm automática munida de silenciador, envolta num saco de plástico para evitar que as cápsulas ejetadas se espalhassem pelo chão.

Cinco tiros, disparados de menos de um metro de distância, todos dirigidos à nuca e costas, foram mais do que suficientes. O homem alto e possante tombou para a frente contra a porta e deslizou para a alcatifa. O pistoleiro não perdeu tempo a verificar — não havia necessidade. Efetuara aquele tipo de trabalho no

passado, a exercitar-se com prisioneiros, pelo que sabia que a missão fora cumprida. Desceu rapidamente os seis níveis de degraus, transpôs a porta das traseiras, cruzou o jardim sulcado de árvores e saiu para o carro que o aguardava. Uma hora mais tarde, estava na embaixada do seu país e, vinte e quatro horas depois, abandonava a Bélgica.

Helene chegou cinco minutos mais tarde. A princípio, supôs que o amante sofrera um colapso cardíaco. Dominada pelo pânico, entrou no apartamento e chamou os paramédicos. Soube posteriormente que o médico-assistente dele morava no mesmo bloco e telefonou-lhe igualmente. Os paramédicos foram os primeiros a chegar.

Um deles tentou levantar o pesado corpo, ainda de bruços. Retirou a mão coberta de sangue. Minutos mais tarde, ele e o médico pronunciaram a vítima irremediavelmente morta. A outra única ocupante dos quatro apartamentos daquele andar assomou à porta do seu — uma mulher de meia-idade que estava a ouvir um concerto clássico e não se dava conta de coisa alguma que se desenrolasse do outro lado da sua porta de madeira maciça. Na verdade, Cheridrea era uma área muito discreta.

O homem que jazia no chão sem vida era o Dr. Gerald Vincent Bull, um gênio excêntrico, designer de armas de fogo para o mundo e, mais recentemente, armeiro de Saddam Hussein, do Iraque.

Na sequência do assassinato do Dr. Gerry Bull, começaram a acontecer coisas estranhas um pouco por toda a Europa. Em Bruxelas, a contra espionagem belga admitiu que, durante alguns meses, ele fora seguido quase diariamente por uma série de carros anônimos que continham dois homens de compleição escura do Mediterrâneo Oriental.

A 11 de abril, funcionários alfandegários ingleses apreenderam, nas docas de Middlesborough, oito secções de tubos de aço, admiravelmente forjados e torneados, prontos para receberem fortes parafusos e porcas. Os funcionários anunciaram, triunfantes, que não se destinavam a uma fábrica petroquímica como especificavam os conhecimentos de carga e os certificados de exportação, pois faziam parte de uma potente peça de artilharia concebida por Gerry Bull para o Iraque. Nasceu assim a farsa da

Superpeça, que seria representada repetidamente, com a participação de desonestidade, as garras sutis de várias agências de serviços secretos, um volume maciço de inépcia burocrática e alguma chicanice política.

Em poucas semanas, fragmentos da Superpeça começaram a aparecer por toda a Europa. A 23 de abril, a Turquia anunciou que interceptara um caminhão húngaro que transportava um tubo de aço de dez metros para o Iraque, supostamente pertencente à arma em causa. No mesmo dia, funcionários gregos apreenderam outro caminhão com peças de aço e detiveram o infortunado condutor inglês durante várias semanas por cumplicidade.

Em maio, os italianos interceptaram 75 toneladas de peças confeccionadas pela Società delia Fucine e mais 15 na fábrica Fucine, perto de Roma. Estas últimas eram de uma liga de aço e titânio e destinavam-se à culatra da peça, assim como outras encontradas num armazém de Bresoia, no norte do país.

Os alemães entraram em cena com descobertas em Frankfurt e Bremerhaven, fabricadas pela Mannesmann AG, também identificadas como componentes da já mundialmente famosa Superpeça.

Na verdade, Gerry Bull fizera as encomendas para a sua criação, habilmente e com perfeição. Os tubos que formavam os canos foram na realidade fabricados em Inglaterra por duas firmas — a Walter Somers, de Birmingham, e a Sheffield Forgemasters. os oito descobertos em abril de 1990 eram os últimos de cinquenta e duas secções, suficientes para constituir dois canos completos com 156 metros de comprimento e o incrível calibre de um metro, capazes de disparar um projétil do tamanho de uma cabina telefônica cilíndrica. :

Os munhões, ou apoios, provinham da Grécia, os tubos, bombas e válvulas que formavam o mecanismo de recuo da Suíça e Itália, o bloco da culatra da Áustria e Alemanha e o propulsor da Bélgica. Ao todo, havia sete países envolvidos como empreiteiros e nenhum sabia com exatidão o que fabricava.

A imprensa popular dispunha de vasto material para espionar, assim como os exultantes funcionários alfandegários e o sistema legal britânico, que começou avidamente a levantar processos

contra qualquer entidade inocente envolvida. O que ninguém diria era que a caça grossa escapara. O material interceptado constituía as super peças Dois, Três e Quatro.

Quanto ao assassinato de Gerry Bull, originou algumas teorias bizarras nos media. Naturalmente, a CIA foi mencionada pela brigada “a CIA é responsável por tudo”. O que representava mais uma insensatez. Embora Langley tenha, no passado e em circunstâncias especiais, apoiado a eliminação de determinadas personagens, ocupou-se quase sempre de alvos do mesmo ramo: contratar funcionários indesejáveis, renegados e agentes duplos. A ideia de que o lobby em Langley fica chocado com os cadáveres de antigos agentes abatidos pelos próprios colegas em obediência a ordens de diretores genocidas é divertida, mas absolutamente natural.

De resto, Gerry Bull não pertencia a esse mundo subterrâneo. Era um cientista, designer e empreiteiro de artilharia muito conhecido, convencional e despido de convencionalismos, um cidadão americano que trabalhara para os Estados Unidos durante anos e falava copiosamente com os seus amigos do exército americano, sobre o que fazia. Se todos os designers e industriais da fabricação de armamento ao serviço de um país não considerado (de momento) inimigo da América fossem “desperdiçados”, cerca de quinhentos cavalheiros da América do Norte e do Sul e da Europa teriam de se candidatar ao lugar.

Finalmente, Langley tem visto os movimentos algo restringidos, pelo menos nos últimos dez anos, pela nova burocracia de comandos e comissões de fiscalização. Nenhum membro da agência determina uma “baixa” sem uma ordem escrita e assinada. Para um homem como Gerry Bull, essa assinatura teria de ser do próprio diretor da Central Intelligence.

O DCI na época era William Webster, antigo magistrado íntegro de Kansas. Seria quase tão fácil obter de William Webster uma ordem de semelhante natureza como escavar um túnel com uma colher de chá, para fugir da Penitenciária Marion.

Mas, substancialmente distanciada do topo do pelotão dos corredores do enigma de “quem matou Gerry Bull”, figurava naturalmente o Mossad israelense. Toda a Imprensa e a maior parte

dos amigos e família da vítima abraçaram a mesma conclusão. Bull trabalhava para o Iraque, que era o inimigo de Israel. Dois e dois são sempre quatro. O pior é que, no mundo de sombras e espelhos deformadores, aquilo que pode ou não parecer dois tem possibilidade de somar quatro, porém as probabilidades indicam que talvez não seja assim.

O Mossad é a agência de serviços secretos mais pequena, implacável e eficiente de todas as existentes no mundo. No passado, dedicou-se indubitavelmente a muitos assassinatos, recorrendo a uma das três equipes kidon o termo é hebraico e significa baioneta. O kidonim depende da Divisão de Combatentes, ou Komemiute, indivíduos anônimos, a brigada dura. Mas até o Mossad possui as suas regras, apesar de auto-impostas.

Os extermínios dividem-se em duas categorias. Uma consiste na "exigência operacional", emergência imprevista em que uma operação que envolve vidas de amigos se acha em perigo e a pessoa de permeio tem de ser removida do caminho, rápida e permanentemente. Nestes casos, o responsável do caso, ou katsa, tem o direito de "desperdiçar" o oponente que compromete a missão e obtém apoio retroativo dos chefes situados em Telaviv.

A outra categoria refere-se àqueles que já figuram na lista de execução, a qual existe em dois lugares: o cofre pessoal do Primeiro-Ministro e o do chefe do Mossad. Todo o novo Primeiro-Ministro tem a obrigação e direito de a ler, podendo conter entre trinta e oitenta nomes. Tem a faculdade de rubricar cada nome e conceder luz verde à Mossad numa base de "se-e-quando" ou insistir em ser consultado antes de cada nova missão. Em qualquer dos casos, deve assinar a ordem de execução.

De um modo geral, os que figuram na lista dividem-se em três classes. Há os poucos nazis importantes que restam, embora esta classe quase tenha deixado de existir. No passado, se bem que Israel montasse uma operação de grande envergadura para raptar e julgar Adolfo Eichmann com vista a um exemplo internacional, outros nazis foram simplesmente liquidados em segredo. Na segunda classe figuram quase todos os terroristas contemporâneos, em particular os árabes que já derramaram sangue israelense ou judeu, como Ahmed Jibril, Abu Nidal, ou gostariam de o fazer, com

alguns não-árabes à mistura.

À terceira, que poderia conter o nome de Gerry Bull, pertencem os que trabalham para os inimigos de Israel e cuja ação, se prosseguir, envolve grande perigo para este e respectivos cidadãos.

O denominador comum reside em que os alvos devem ter as mãos ensanguentadas — de fato ou em perspectiva.

Se se impõe uma eliminação, o Primeiro-Ministro confia o assunto a um investigador judicial tão secreto, que poucos juristas israelenses e nenhum cidadão chegam a inteirar-se, o qual põe em marcha “um tribunal” com a leitura da culpa, um acusador e um defensor. Se o pedido do Mossad se confirma, o caso regressa ao Primeiro-Ministro, para que aponha a assinatura. A equipe kidon encarrega-se do resto... se puder.

O problema da teoria “o-Mossad-matou-Bull” consiste em que apresenta pontos fracos em quase todos os níveis. Com efeito, ele trabalhava para Saddam Hussein, ao conceber nova artilharia convencional (que não poderia alcançar Israel), um programa de mísseis (que talvez pudessem, um dia) e uma peça gigantesca (que não preocupava Israel minimamente). Mas faziam o mesmo centenas de outros. Meia dúzia de firmas alemãs estava por detrás da indústria de gases venenosos do Iraque, com cujos produtos Saddam já ameaçara Israel. Alemães e brasileiros trabalhavam abertamente para os mísseis Saad 16. Os franceses foram os primeiros impulsionadores e fornecedores das pesquisas iraquianas para a fabricação de um engenho nuclear.

De que Bull, as suas ideias, projetos, atividades e progressos interessavam profundamente a Israel não subsiste a menor dúvida. Na sequência da sua morte, explorou-se o fato de que, nos meses precedentes, ele se preocupara com repetidas intrusões dissimuladas no seu apartamento, quando se achava ausente. Nunca levaram nada, mas ficaram vestígios. Copos mudados de lugar, janelas deixadas abertas, uma video-cassette rebobinada e retirada do respectivo leitor. Estaria a ser advertido e encontrar-se-ia o Mossad por detrás de tudo? A resposta a ambas as dúvidas era afirmativa, mas por uma razão de modo algum óbvia.

Após o crime, os desconhecidos de compleição escura e

sotaque gutural que o seguiam por toda Bruxelas foram identificados pelos media como assassinos israelenses à espreita do momento oportuno para atuar. Infelizmente para a teoria, os agentes do Mossad não andam por aí com aspecto e modos próprios de Pancho Villa. Estavam na verdade presentes, toda^ via ninguém os viu — Bull, os amigos ou família deste ou a polícia belga. Encontravam-se em Bruxelas com uma equipe que podia passar por europeia — belgas, americanos ou o que lhes apetecesse. Foram eles que revelaram às autoridades locais que Bull era seguido por outra equipe.

Além disso, Gerry Bull era um homem de uma indiscrição extraordinária. Não resistia a um desafio. Trabalhara para Israel, gostava do país e dos seus habitantes, tinha muitos amigos no exército israelense e revelava-se incapaz de guardar um segredo. Desafiado com uma frase como “Gerry, aposto que nunca conseguirá que os mísseis Saad 16 funcionem...”, enveredava por um monólogo de três horas para descrever com exatidão o que fazia, até que ponto o projeto avançara, quais os problemas surgidos e como esperava ultrapassá-los — numa palavra, tudo. Para os serviços secretos de qualquer país, constituía um sonho de indiscrição. Ainda na última semana da sua vida, recebera dois generais israelenses em seu escritório e fornecera-lhes uma exposição minuciosa da situação, registrada fielmente pelos gravadores ocultos nas pastas destes últimos. Para que destruir uma cornucópia de informação valiosa?

Finalmente, o Mossad tem outro hábito, quando lida com um cientista ou industrial, mas nunca com um terrorista. Transmite sempre uma última advertência — não um exótico assalto a um domicílio para mudar copos de lugar ou rebobinar vídeo cassettes, mas de natureza verbal. O processo foi observado até com o Dr. Yahia El Meshad, físico nuclear egípcio que trabalhava no primeiro reator iraquiano, assassinado no seu quarto do Hotel Meridien, em Paris, em 13 de junho de 1980. Um katsa de língua árabe procurou-o nos seus aposentos e explicou abertamente o que lhe sucederia, se não desistisse. O cientista replicou que o deixasse em paz- atitude a todos os títulos imprudente. Responder torto a um membro de uma equipe kidon não constitui uma tática aprovada pela

indústria dos seguros. Duas horas mais tarde, Meshad expirava. Mas fora-lhe concedida uma oportunidade de evitar o passamento prematuro. Um ano mais tarde, todo o complexo nuclear abastecido pelos franceses em Osirak Um e Dois era destruído por uma incursão da aviação israelense.

Bull era diferente. Cidadão americano nascido no Canadá, jovial, acessível e consumidor de uísque, de talento impressionante. Os israelenses podiam conversar com ele como se fosse um amigo, o que acontecia com frequência. Teria sido a coisa mais fácil do mundo enviar alguém para lhe comunicar que parasse com a atividade a que se dedicava, sob pena de a brigada dura o procurar. "Não veja nada de pessoal nisto, Gerry. Contingências da vida." Bull não se ocupava de nada que justificasse a concessão de uma medalha a título póstumo. De resto, já admitira aos israelenses e ao seu amigo íntimo George Wong que desejava cortar todos os laços com o Iraque. Estava farto. O que na realidade lhe aconteceu foi algo de muito diferente.

Gerald Vincent Bull nasceu em 1928, em North Bay, Ontário. Nas aulas, revelava-se inteligente e impelido pelo desejo de triunfar e conquistar a aprovação do mundo. Aos dezesseis anos, poderia obter a formatura, mas, por ser tão jovem, o único estabelecimento capaz de aceitar um aluno daquela idade era a Universidade de Toronto — a Faculdade de Engenharia, mais concretamente-, onde demonstrou que, além de inteligente, merecia o adjetivo de brilhante. Aos vinte e dois anos, tornou-se o PhD mais jovem. A engenharia aeronáutica dominava-lhe a imaginação e, especificamente, a balística-o estudo de corpos, quer projéteis, quer mísseis, em voo. Foi isto que o conduziu ao caminho da artilharia.

Depois de Toronto, ingressou no Estabelecimento de Desenvolvimento de Armamento e Pesquisas Canadense, CARDE (Canadian Armament and Research Development Establishment), em Valcartier, então uma pequena e tranquila vila nos subúrbios de Quebeq. Em princípios dos anos cinquenta, o Homem erguia o rosto não só para os céus, mas também para além deles-o Espaço propriamente dito. A palavra de ordem era "foguetes". Foi então que Bull provou que era algo mais do que brilhante tecnicamente. Um ser diversificado-inventivo, despido de convenções e imaginativo.

Foi durante os dez anos no CARDE que desenvolveu a ideia que se converteria no sonho do resto dos seus dias.

À semelhança de todas as ideias novas, a dele parecia extremamente simples. Quando se apercebeu da aparição da gama de foguetes americanos, no final dos anos cinquenta, descobriu que nove décimos dos que então se revelavam impressionantes estavam na fase inicial. No topo, em apenas uma fracão do tamanho total, encontravam-se a segunda e a terceira e, de dimensões ainda mais reduzidas, a carga a transportar.

A primeira e gigantesca fase consistia em elevar o foguete nos primeiros cento e cinquenta quilômetros, onde a atmosfera era mais densa e a gravidade maior. Após a marca dos 150 km, necessitava muito menos propulsão para conduzir o satélite ao Espaço e orbitar num ponto entre os 400 e 500 quilômetros da Terra. Cada vez que um foguete se elevava, todo o volumoso e dispendioso conteúdo da primeira fase era destruído-queimado-para mergulhar eternamente nos oceanos.

“E se fosse possível disparar a segunda e terceira fases, além da carga de explosivo, nesses primeiros cento e cinquenta quilômetros por meio de uma peça de artilharia gigantesca? ”, cismava Bull. Assegurou a indivíduos endinheirados que, em teoria, era possível, mais fácil e menos oneroso, e a peça poderia voltar a ser utilizada um largo número de vezes.

Foi o seu primeiro contato com políticos e burocratas, de que saiu derrotado, sobretudo em virtude da sua própria personalidade. Odiava-os e eles pagavam-lhe na mesma moeda.

Em 1961, a sorte bateu-lhe à porta. A Universidade McGill entrou em cena por prever alguma publicidade interessante. E o Exército dos Estados Unidos fê-lo por razões especiais: guardião da artilharia americana, entrava na luta pelo poder com a Força Aérea, que se esforçava por obter o controlo de todos os foguetes e projéteis que ultrapassassem altitudes superiores aos 100 quilômetros. Com os seus fundos combinados, Bull pôde montar um pequeno estabelecimento de pesquisas na ilha de Barbados. O Exército concedeu-lhe uma embalagem que continha uma peça fora de uso da Marinha de 16 polegadas (o maior calibre do mundo), um cano sobressalente, uma pequena unidade de rastreio de radar,

uma grua e alguns caminhões. A McGill procedeu à montagem de uma oficina. A situação podia comparar-se a enveredar pela indústria de corridas do Grand PNx com as disponibilidades de uma garagem de segunda ordem. Não obstante, ele alcançou o seu objetivo. Principiara a sua carreira de invenções surpreendentes, aos trinta e três anos de idade — acanhado, desleixado, inventivo e, todavia, intrépido. Chamou às instalações em Barbados Projeto de Pesquisas de Grande Altitude, ou HARP (High Altitude Research Project). A velha peça de artilharia da Marinha foi montada e ele começou a trabalhar em projéteis. Deu-lhes o nome de Martinete, em homenagem ao pássaro heráldico que figura na insígnia da Universidade McGill.

Pretendia colocar uma carga de instrumentos em órbita terrestre mais barata e rápida do que qualquer outra entidade. Sabia perfeitamente que nenhuma criatura humana poderia suportar as pressões de ser disparada de uma peça, mas admitia acertadamente que, no futuro, 90 por cento das pesquisas científicas e trabalho no Espaço dependeriam de máquinas e não de homens. A América, sob a égide de Kennedy, e estimulada pelo voo do astronauta russo Gagarin, desenvolvia no Cabo Canaveral o mais espetacular, mas, em última análise, o mais inútil exercício de colocar ratos, cães, macacos e, eventualmente, homens em órbita.

Entretanto, em Barbados, Bull continuava a trabalhar com a sua única peça de artilharia e os projéteis Martinete. Em 1964, expeliu um a 92 quilômetros de altitude, após o que acrescentou 16 metros ao cano da peça (custou-lhe exatamente 41 mil dólares) e tornou o total de 36 o mais longo do mundo. Graças a isso, atingiu os mágicos 150 quilômetros com uma carga de 180 quilogramas.

Ia resolvendo os problemas à medida que surgiam. Um de relevo foi a propulsão. Numa peça pequena, a carga aplica ao projétil um único impulso ao passar do estado sólido ao gasoso num microssegundo. O gás tenta escapar à compressão e a única saída consiste na extremidade do cano, com o que empurra o obus. Mas no caso de um cano tão longo como o de Bull, havia necessidade de uma carga propulsora especial de ação retardada para não o destruir ou, pelo menos, rachar. Carecia de um pó que enviasse o projétil ao longo do enorme cano de consumo gradualmente

crescente. Por conseguinte, concebeu-o.

Também não ignorava que nenhum instrumento resistiria à força de gravidade de 10 000 causada pela explosão de uma carga propulsora, mesmo de consumo lento, pelo que concebeu um sistema absorvente de choques para a reduzir a 200. Um terceiro problema foi o recuo. Não se tratava de uma espingarda de pressão de ar, pelo que o recuo resultaria enorme, à medida que os canos, cargas e instrumentos transportados se avolumassem. Nessa conformidade, concebeu um sistema de molas e válvulas, a fim de o reduzir a proporções aceitáveis.

Em 1966, os seus antigos adversários entre os burocratas do Ministério da Defesa canadense o convenceram o ministro da tutela a suspender o financiamento. Bull protestou que podia colocar uma carga substancial de instrumentos no Espaço por uma fracão do que custava ao Cabo Canaveral. Não lhe serviu de nada. Para proteger os seus interesses, o Exército dos Estados Unidos transferiu-o de Barbados para Yuma, no Arizona. Aí, em novembro desse ano, enviou uma carga a 180 quilômetros de altitude, recorde que se manteve durante vinte e cinco anos. Mas, em 1967, o Canadá retirou-se totalmente da corrida — o Governo e a Universidade McGill. O Exército dos Estados Unidos seguiu-lhe o exemplo e o projeto HARP foi encerrado. Bull fixou-se, numa base puramente consultiva, em Highwater, propriedade que comprara, na fronteira de North Vermont e o Canadá.

Houve dois pós-escritos, no caso HARP. Em 1990, custava dez mil dólares cada quilograma de instrumentos colocados no Espaço, através do programa do Vaivém Espacial com sede no Cabo Canaveral. até o final da sua existência, Bull manteve-se convencido de que o teria conseguido por seiscentos. E, em 1988, o trabalho recomeçou com um pequeno projeto no Laboratório Nacional Lawrence Livermore, na Califórnia, o qual envolve uma peça gigantesca, mas, até agora, com um cano de apenas 4 polegadas de calibre e 50 metros de comprimento. Espera-se, mais tarde, e pelo custo de centenas de milhões de dólares, construir outro muito maior, com vista a disparar cargas para o Espaço. Foi-lhe dado o nome de Projeto de Pesquisas de Supergrande Altitude, ou SHARP (O Super-High Altitude Research Project).

Gerry Bull viveu e dirigiu o seu complexo em Highwater, na fronteira, durante dez anos. Nesse período, abandonou o seu sonho irrealizado de uma peça que disparasse cargas para o Espaço e concentrou-se na sua segunda área de perícia — a mais lucrativa da artilharia convencional.

Começou com o problema mais importante — quase todos os exércitos do mundo baseavam a sua artilharia na peça universal do obus de 155 mm. Ele sabia que, num duelo de artilharia, quem domina o maior alcance é rei. Pode repelir e destruir o inimigo e permanecer incólume. Assim, dispôs-se a aumentar o alcance e melhorar a pontaria da peça em causa. E principiou pelas munições. A experiência fora efetuada diversas vezes, sem êxito. Ele alcançou o seu objetivo em quatro anos.

Nos testes, o obus de Bull ultrapassou uma vez e meia o limite máximo das outras peças de idênticas características, revelou-se mais rigoroso e explodiu com a mesma impetuosidade em 4700 fragmentos, número muito superior aos 1350 dos da OTAN. Esta não se mostrou, porém, interessada. E, pela graça de Deus, a União Soviética tão-pouco.

Imparável, Bui] prosseguiu na sua senda e produziu um novo obus de longo alcance. Ante o mesmo desinteresse da OTAN, que preferia continuar com os seus fornecedores tradicionais e o obus de curto alcance.

Mas se as Potências lhe voltavam as costas, a atitude do resto do mundo era diferente. Afluíam as delegações militares e Highwater para consultar Gerry Bull. Entre outras, havia as de Israel (foi nessa ocasião que ele cimentou amizades iniciadas com os observadores em Barbados), Egito, Venezuela, Chile e Irã. Também fornecia conselho à Grã-Bretanha sobre outras questões de artilharia e depois à Holanda, Itália, Canadá e Estados Unidos, cujos cientistas militares (se não o Pentágono) continuavam a estudar com assombro os seus trabalhos.

Em 1972, tornou-se discretamente cidadão americano. No ano seguinte, começou a trabalhar na peça de campanha de calibre 155. Em dois anos, descobrira que o comprimento perfeito do cano de um canhão era nem mais nem menos do que quarenta e cinco vezes o seu calibre. Aperfeiçoou uma nova concepção da peça de

campanha de calibre 155, a que chamou CP (Calibre de Peça)-45. A nova arma, com os seus obuses de longo alcance, dominaria qualquer artilharia em todo o arsenal comunista. Mas se estava a contar com contratos, ficou desapontado. O Pentágono continuou fiel ao lobby do armamento e à sua nova ideia de obuses, com um preço por unidade oito vezes superior. O rendimento de ambos os obuses era idêntico.

Bull começou a cair em desgraça de um modo aparentemente inocente, quando foi convidado, com a conivência da CIA, a ajudar a aperfeiçoar a artilharia e obuses da África do Sul e depois a combater os cubanos apoiados por Moscou em Angola.

Na realidade, ele era politicamente ingenuo a um grau quase incrível. Partiu para lá, descobriu que gostava dos sul-africanos e deu-se bem com todos. O fato de o país desfrutar da discutível honra do desprezo internacional em virtude da sua política de apartheid não o preocupava. Ajudou-os a conceber o novo parque de artilharia em obediência às linhas da peça de CP-45 de cano e alcance longos. Mais tarde, os sul-africanos produziram a sua própria versão, e foram esses canhões que esmagaram a artilharia soviética e repeliram os russos e os cubanos.

De regresso à América, Bull continuou a expedir os seus obuses. O Presidente Jimmy Carter ascendera ao poder, e a retidão política constituía a nova palavra de ordem. Assim, Bull foi detido e acusado de exportações ilegais para um regime banido. A CIA largou-o como uma batata escaldante. Foi convencido a guardar silêncio e confessar-se culpado. Não passava de uma formalidade, garantiram-lhe, e condená-lo-iam simplesmente por uma infração de natureza técnica.

A 16 de junho de 1980, um juiz dos Estados Unidos sentenciou-o a um ano de prisão, com a pena suspensa durante seis meses, e uma multa de 105 000 dólares. Acabou por cumprir quatro meses e dezessete dias na cadeia de Allenwood, Pensilvânia. Mas, para Bull, não era isso que interessava.

Afligiam-no a vergonha e desonra, além da sensação de traição. Como fora possível que lhe fizessem aquilo? Ajudara a América sempre que pudera, adquirira a sua cidadania e aceitara o conselho da CIA, em 1976. Durante o período de clausura, a sua

companhia faliu e fechou as portas. Estava arrumado.

Quando foi posto em liberdade, abandonou a América e o Canadá para sempre e emigrou para Bruxelas, onde regressou à estaca zero num apartamento de uma divisão assoalhada com quitinete. Alguns amigos revelaram mais tarde que se modificou depois do julgamento e nunca voltou a ser o mesmo. Jamais perdoou à CIA e à América, apesar do que desenvolveu esforços durante anos para a revisão do processo e concessão do perdão.

Voltou a dedicar-se à atividade de consultor e aceitou uma oferta apresentada antes do julgamento: para trabalhar na China na remodelação da sua artilharia. Ao longo do princípio e meados dos anos oitenta, consagrou-se principalmente à Beijing e reconcebeu o seu parque de artilharia assim como as linhas do canhão CP-45, agora vendido ao abrigo de uma licença mundial pela Voest-Alpine da Áustria, a qual lhe comprara a patente por dois milhões de dólares. Bull sempre se revelou um péssimo homem de negócios, de contrário ter-se-ia tomado multimilionário.

Haviam-se registrado várias ocorrências, na sua ausência. Os sul-africanos serviram-se dos projetos de Bui! e aperfeiçoaram-nos substancialmente, criando um obus denominado C-5, do seu CP-45, e um canhão de autopropulsão, o C-6, ambos com um alcance de quarenta quilômetros, que a África do Sul vendia a diversos países. Em resultado do seu modesto acordo com eles, Bull não recebeu um único cêntimo de direitos.

Entre os clientes interessados nessas armas, figurava um certo Saddam Hussein, do Iraque. Foram esses canhões que arrasaram as vagas humanas de fanáticos iranianos, na guerra de oito anos Iran-Iraq, para acabarem por derrotá-los na região pantanosa de Fao. No entanto, Saddam Hussein juntou-lhes um ingrediente de sua própria inspiração, em particular na batalha de Fao. Encheu os obuses de gás letal.

Bull trabalhou então para a Espanha e a Jugoslávia e converteu a velha artilharia de 130 mm de fabricação soviética do exército jugoslavo, com os novos canhões de 155 mm de obuses de longo alcance. Embora ele não vivesse o suficiente para o ver, foram estas peças herdadas pelos sérvios aquando do colapso do país, que serviram para pulverizar as cidades dos croatas e

muçulmanos na guerra civil. Em 1987, inteirou-se de que a América utilizaria finalmente o canhão de lançamento de cargas no Espaço, mas com a sua participação firmemente eliminada.

Naquele inverno, recebeu um telefonema estranho da Embaixada do Iraque em Bonn. Estaria o Dr. Bull interessado em visitar Bagdá como convidado do Iraque?

Ele não sabia, porém, que, em meados dos anos oitenta, aquele país assistira à “Operação Estanque”, esforço concertado americano para “secar” todas as fontes de importação de armamento destinado ao Iraque. Isto seguiu-se à carnificina de marines dos Estados Unidos em Beirute, num ataque apoiado pelos iranianos ao seu aquartelamento por fanáticos Hezbollá.

A reação do Iraque, embora beneficiasse na sua guerra com o Irã com a Operação Estanque, consistiu em “se eles podem fazer isto ao Irã, podem aplicar-nos a mesma receita”. A partir de então, decidiu importar não armamento, mas, sempre que possível, a tecnologia para o fabricar. Ora, Bull era, acima de tudo, um designar, pelo que lhe interessava.

A missão de o recrutar competiu a Amer Saadi, Número Dois no Ministério da Indústria e Industrialização Militar, mais conhecido por MIM1. Quando Bull chegou a Bagdá, em janeiro de 1988, Saadi, diplomata/cientista cosmopolita de maneiras suaves, que dominava os idiomas inglês, francês e alemão, além do árabe, “preparou-o” admiravelmente.

Explicou que o Iraque necessitava dele para concretizar o seu sonho de colocar satélites de paz no Espaço. Para tal, precisava de conceber um foguete capaz de colocar a carga lá em cima. Os seus cientistas egípcios e brasileiros tinham sugerido que o primeiro passo consistiria em reunir cinco mísseis Scud dos 900 que o Iraque comprara à União Soviética. No entanto, havia problemas técnicos-e não poucos. Careciam de acesso a um supercomputador. Poderia Bull ser-lhes útil nesse sentido?

Este último adorava os problemas, que constituíam a sua raison dêntre. Não tinha acesso a qualquer supercomputador, mas considerava-se o mais próximo substituto de duas pernas. De resto, se o Iraque pretendia realmente ser a primeira nação árabe a colocar satélites no Espaço, havia outra maneira... menos onerosa,

mais simples e rápida do que foguetes a partir do zero. “Conte-me tudo”, solicitou o iraquiano. E Bull contou. Revelou que, apenas por três milhões de dólares, produziria uma peça de artilharia gigantesca que executaria o trabalho. Tratar-se^ia de um programa de cinco anos. Deixaria para trás os esforços dos americanos em Livermore. Constituiria um triunfo árabe. O Dr. Saadi exultava de admiração. Exporia a ideia ao seu governo e recomendá-la-ia com veemência. Entretanto, importava-se o Dr. Bull de inspecionar a artilharia iraquiana?

No final da visita de uma semana, o cientista aceitara a tarefa de solucionar os problemas de reunir cinco mísseis Scud para formarem o primeiro andar de um foguetão de âmbito intercontinental ou espacial, conceber duas novas peças de artilharia para o exército e apresentar uma proposta formal para a sua peça de colocação de uma carga em órbita.

Tal como acontecera no caso da África do Sul, Bull conseguiu isolar a mente da natureza do regime para o qual trabalharia. Pessoas amigas haviam-no informado do recorde de Saddam Hussein como sendo o homem de mãos mais ensanguentadas do Oriente Médio. Mas, em 1988, havia milhares de companhias respeitáveis e dezenas de governos ansiosos por negociar com o perdulário Iraque.

Para Bull, o engodo era a sua peça — a sua estimada peça-, sonho da sua vida, finalmente com um patrocinante disposto a ajudá-lo a aperfeiçoá-la e ingressar no panteão dos cientistas.

Em março de 1988, Amer Saadi enviou um diplomata a Bruxelas para conversar com ele. Este confirmou que efetuara progressos quanto aos problemas técnicos do primeiro andar do foguete iraquiano e acrescentou que teria o maior prazer em os divulgar após a assinatura de um contrato com a sua companhia, mais uma vez a Space Research Corporation. O acordo foi consumado. O Iraque reconheceu que a oferta da peça por três milhões de dólares era ridícula, pelo que a elevou para dez milhões, mas exigiu maior rapidez.

Quando se dispunha a trabalhar depressa, Bull trabalhava mesmo depressa. Num mês, reuniu uma equipe dos melhores colaboradores independentes que conseguiu encontrar. À testa do

grupo da superpeça no Iraque, estava um engenheiro de projetos britânico chamado Christopher Cowley. O próprio Bull baptizou como Projeto Pássaro o programa de foguetes baseado no Saad 16, no norte do país. A tarefa da superpeça propriamente dita foi denominada Projeto Babilônia.

Em maio, as especificações exatas do Babilônia tinham sido determinadas. Seria uma máquina incrível. Um metro de diâmetro, um cano de 156 metros de comprimento e o peso de 1665 toneladas — mais do dobro da altura da Coluna de Nelson em Londres e igual à do Monumento a Washington. Quatro cilindros de recuo com o peso de 60 toneladas cada um e dois de amortecimento de sete toneladas. A culatra pesaria 182.

O aço tinha de ser especial, para suportar 4900 quilogramas por centímetro quadrado de pressão interna e uma resistência tênsil de 1250 megapascais.

Bull já deixara bem claro a Bagdá que teria de construir um protótipo mais pequeno, um Mini-Babilônia com o diâmetro de 350 mm e o peso de apenas 113 toneladas, em que poderia testar cones de “nariz”, úteis para o projeto do foguete. Os iraquianos ficaram satisfeitos com a ideia, pois também necessitavam desse tipo de tecnologia.

O pleno significado do apetite insaciável deles pela tecnologia de cones de nariz parece ter escapado a Bull na época. Existe a possibilidade de que, no seu entusiasmo ilimitado para ver o sonho da sua vida concretizado, se limitasse a ignorá-lo. Os cones de nariz de concepção muito avançada são necessários para evitar que a carga arda em resultado do atrito ao reentrar na atmosfera terrestre. No entanto, as cargas em órbita no Espaço não regressam — permanecem lá em cima.

Em fins de maio de 1988, Christopher Cowley fazia as suas primeiras encomendas a Walter Somers, de Birmingham, de secções de tubo que constituiriam o cano do Mini-Babilônia. As destinadas ao Babilônia Um, Dois, Três e Quatro surgiriam mais tarde. Ao mesmo tempo, outras estranhas encomendas de aço eram efetuadas um pouco por toda a Europa.

Entretanto, Bull trabalhava a um ritmo impressionante. Em dois meses, avançara de um modo que uma empresa do governo levaria

dois anos a igualar. Em fins de 1988, concebera duas novas peças para o Iraque — de autopropulsão e não rebocadas como as fornecidas à África do Sul. Seriam tão potentes que poderiam esmagar virtualmente as peças das nações à sua volta — Irã, Turquia, Jordânia e Arábia Saudita — que se abasteciam com a OTAN e a América.

Mas conseguiu igualmente superar os problemas relacionados com a reunião de cinco Scuds para formarem o primeiro andar do foguete Pássaro, que se chamaria Al-Abeid, o Crente. Descobrira que os iraquianos e brasileiros do Saad 16 trabalhavam baseados em dados deficientes proporcionados por um túnel de vento que não funcionava nas melhores condições. A partir de então, confiou os seus cálculos recentes aos brasileiros, para que se guiassem por eles.

Em maio de 1989, a maior parte da indústria do armamento e da Imprensa, juntamente com observadores do governo, compareceram a uma importante exposição de armas em Bagdá. O interesse geral concentrou-se nos modelos de protótipos das duas enormes peças. Em dezembro, o Al-Abeid foi testado na presença dos abismados media e sobressaltou seriamente os analistas europeus.

Perante as câmaras da TV iraquiana, o impressionante foguete de três andares ergueu-se da Base de Pesquisas Espaciais Al-Anbar, ganhou altitude e desapareceu no Espaço.

Mas os analistas traçaram conclusões. Se o Al-Abeid podia fazer aquilo, também podia ser um míssil balístico intercontinental. Os serviços secretos ocidentais viram-se apressadamente forçados a corrigir a suposição de que Saddam Hussein não oferecia o menor perigo, situado a anos de distância de poder representar uma ameaça importante.

As três principais agências — CIA, nos Estados Unidos, SIS, na Grã-Bretanha, e Mossad, em Israel — reconheceram que, dos dois sistemas, a peça Babilônia não passava de um mero brinquedo e o Pássaro uma verdadeira ameaça. Laboravam em erro. Foi o Al-Abeid que não funcionou devidamente.

Bull sabia porquê e revelou aos israelenses o que acontecera.

O Al-Abeid subiu a 12000 metros e foi perdido de vista.

O segundo andar recusou separar-se do primeiro. O terceiro não existia. Era um simulacro. Ele achava se ao corrente, porque fora incumbido de tentar convencer a China a fornecer-lhe terceiro andar e partiria para Beijing em fevereiro. ; Seguiu na verdade para lá, mas os chineses rejeitaram a proposta com prontidão. Durante a estada naquele país, encontrou-se e conversou demoradamente com o seu velho amigo George Wong. Alguma coisa correra mal no assunto do Iraque que o preocupava seriamente, e não eram os israelenses. Insistiu várias vezes que queria “libertar-se” do Iraque, e o mais depressa possível. Acontecera algo, dentro da sua própria cabeça, e ansiava por abandoná-lo. Era uma decisão absolutamente correta, mas pecava por tardia.

A 15 de fevereiro de 1990, o Presidente Saddam Hussein convocou uma reunião plenária do seu grupo de conselheiros, no Palácio de Sarseng, no topo dos montes curdos.

Ele gostava particularmente do local. Erguia-se numa área altaneira e, das janelas de vidros à prova de bala, podia contemplar o território em volta onde os camponeses curdos passavam os agrestes invernos nas suas frágeis cabanas. Não distava muitos quilômetros da aterrorizada vila de Halabja, onde, ao longo de dois dias — 17 e 18 de março de 1988-, determinara que a localidade de 70000 habitantes fosse punida por pretensa colaboração com os iranianos.

Quando a artilharia completou a sua obra, havia 5000 cães curdos mortos e 7000 incapacitados para toda a vida. Saddam ficara particularmente impressionado com os efeitos do cianeto de hidrogênio ejetado dos obuses da artilharia. As empresas alemãs que o haviam ajudado com a sua tecnologia a adquirir e criar o gás, assim como os agentes Tabun e Sarin, receberam a sua gratidão. Mereceram-na com o seu gás, muito similar ao Ziklon-B, empregado com extrema eficácia com os judeus no passado e num provável futuro.

Postou-se atrás da janela do seu quarto de vestir e contemplou a manhã. Havia dezesseis anos que estava no poder-um poder indiscutido-? durante os quais se vira obrigado a castigar muitas pessoas. Mas também conseguira muitas coisas.

Erguera-se uma nova Senaquerib da velha Nínive e outra

Nebucadnezzar da Babilônia. Alguns tinham-no aceitado pela pela maneira mais fácil, a submissão. Outros, ao invés, do modo mais difícil e estavam agora quase todos mortos. Não obstante, ainda restavam muitos que precisavam de aprender. Mas aprenderiam, sem a menor dúvida.

Ouviu o ruído dos helicópteros provenientes do sul, enquanto o costureiro o ajudava a vestir-se. Quando se considerou satisfeito, Saddam pegou na arma portátil pessoal — uma Beretta de coronha de ouro de confecção iraquiana — introduziu-a no coldre e colocou este último à cintura. Tivera de a utilizar, uma ocasião, sobre um ministro do seu Gabinete, e a necessidade poderia repetir-se. Por conseguinte, levava-a a toda a parte.

Um lacaio de libré bateu à porta e informou o Presidente de que os convocados o aguardavam na sala de reuniões. Quando ele entrou no vasto aposento de janelas panorâmicas sobranceiras à paisagem nevada, todos se levantaram, como que impelidos por uma mola comum. Somente ali, em Sarseng, o seu receio de ser assassinado diminuía. Sabia que o palácio estava rodeado por três filas dos membros mais eficientes do seu pelotão de segurança presidencial — o Amn-al-Khass — comandado pelo seu próprio filho Usay, pelo que ninguém se podia aproximar das amplas janelas. No telhado, havia mísseis antiaéreos Crotale franceses, além de que os seus caças cruzavam o céu sobre os montes.

Por fim, sentou-se na cadeira com a configuração de um trono no centro da mesa do topo que formava a haste do T. Ladeavam-no-dois de cada lado — quatro dos seus assessores mais fidedignos. Para Saddam Hussein, havia apenas uma qualidade que exigia aos homens que desfrutavam da sua simpatia: lealdade. Uma lealdade absoluta, total, servil. A experiência ensinara-lhe que havia gradações nela. Em primeiro lugar, figurava a família, depois o clã e por último a tribo. Existe uma máxima árabe do seguinte teor: “Eu e o meu irmão contra o nosso primo; eu e o meu primo contra o mundo.” Ele aceitava-a sem reservas, absolutamente convicto de que funcionava.

Saddam provinha de um bairro miserável de uma pequena povoação chamada Tikrit e da tribo do al-Tikriti. Um número extraordinário de membros da sua família e do al-Tikriti ocupavam

altos cargos no Iraque e podia perdoar-se-lhes qualquer brutalidade, erro ou excesso pessoal, desde que lhe fossem leais. O seu segundo filho, por exemplo, o psicopata Uday, espancara um criado até à morte e fora perdoado.

À sua direita, sentava Izzat Ibrahim, seu primeiro adjunto, e, a seguir, o genro, Hussein Kamil, chefe do Ml Ml, encarregado da aquisição de armamento. À esquerda, encontravam-se Taha Rarnadan, Primeiro-Ministro, e depois Sadoun Hammadi, adjunto deste último e muçulmano xiita devoto. Saddam Hussein era sumia, porém a sua única área de tolerância residia em assuntos de religião. O Ministro dos Assuntos Estrangeiros, Tariq Aziz, era cristão. Que havia de mal nisso, se cumpria todas as suas ordens?

Os chefes militares sentavam-se perto do topo da haste do T: os generais que comandavam a guarda republicana, infantaria, blindados, artilharia e engenharia. Seguiam-se os quatro peritos em resultado de cujos relatórios e experiência fora convocada) a presente reunião.

Dois permaneciam à direita da mesa: o Dr. Amer Saadi, tecnólogo e assessor do genro de Saddam, e, a seu lado, o brigadeiro Hassam Rahmani, chefe da ala de contra espionagem do Mukhabarat. Na sua frente, achavam-se o Dr. Ismail Ubaidi, que controlava o braço estrangeiro do Mukhabarat, ou serviços secretos, e o brigadeiro Ornar Khatib, diretor da temível polícia secreta, a Amnal Am.

Os três homens do serviço secreto tinham tarefas claramente definidas. O Dr. Ubaidi conduzia a espionagem no estrangeiro; Rahmani contra-atacava a espionagem montada pelo estrangeiro no Iraque; e Khatib mantinha a população iraquiana na ordem, esmagando toda a oposição interna possível através de uma combinação da sua vasta rede de vigilantes e informantes e do terror puro e simples originado pelos rumores do que ele fazia aos oponentes detidos e levados para a prisão de Abu Gbraib, a oeste de Bagdá, ou para o seu centro de interrogatório pessoal conhecido ironicamente por Ginásio, nos subterrâneos da sede da AMAM. Não eram poucas as queixas apresentadas a Saddam Hussein sobre a brutalidade do chefe da sua polícia secreta, todavia acolhia-as invariavelmente com uma risada sardônica. Constava que fora ele

próprio que atribuíra a alcunha a Kathib Al Muazib, o carrasco. Este último era, evidentemente do al-Tikriti e leal até o fim.

Alguns ditadores gostam de manter uma reunião pouco numerosa, quando se trata de discutir assuntos delicados. Saddam pensava precisamente o contrário — se havia trabalho sujo para executar, deviam envolver-se todos. Assim, ninguém poderia alegar que tinha as mãos limpas e ignorava o que se passava. Deste modo, todos os que o rodeavam assimilavam a mensagem: “Se eu cair, vocês cairão comigo.” Depois de devidamente instalados, o Presidente inclinou a cabeça para o genro, Hussein Kamil, o qual indicou ao Dr. — Saadi que falasse. O tecnocrata leu o seu relatório sem erguer os olhos uma única vez. Ninguém, possuidor de um mínimo de prudência, se atrevia a fitar Saddam abertamente. Este último alegava que podia ler na alma de um homem através da vista, e muitos acreditavam. Se ele suspeitava de deslealdade, o transgressor sucumbia usualmente a uma morte horrível.

Quando o Dr. Saadi completou a leitura, Saddam ficou pensativo por um momento.

— Esse homem... esse canadense, o que sabe?

— Não tudo, mas creio que não tardará a saber o suficiente para traçar conclusões, sayidi.

O interpelado empregava a fórmula árabe honorífica equivalente ao ocidental sir, mas mais respeitosa. Um título alternativo e aceitável era Sayid Rais ou senhor presidente.

— Dentro de quanto tempo?

— Em breve, se porventura não se inteirou já, sayidi.

— E tem conversado com os israelenses?

— Constantemente, Sayid Rais. É amigo deles desde longa data. Visitou Telaviv e deu lições de balística aos seus oficiais superiores de artilharia. Sim, conta com muitas amizades, possivelmente até entre os membros do Mossad, embora ele talvez não o saiba.

— Podemos terminar o projeto sem ele? — quis saber Saddam, porém o genro interveio.

— É um homem estranho. Insiste em carregar sempre os documentos científicos, num saco de lona. Transmiti instruções ao nosso pessoal da contra espionagem para que os examinassem e

copiassem.

— Já o fizeram? — inquiriu o Presidente, volvendo o olhar para Hassan Rahmani, chefe da contra espionagem.

— Imediatamente, Sayid Rais. No mês passado, durante a sua visita ao nosso país. É um grande consumidor de uísque. Drogamos-lhe a bebida e ele dormiu longa e profundamente. Aproveitamos então para confiscar o saco e fotocopiar todas as páginas que continha. Também gravamos as suas conversas de natureza técnica. Os documentos e transcrições foram entregues ao nosso camarada, Dr. Saadi.

O olhar presidencial transferiu-se de novo para o cientista.

— Volto a perguntar, o projeto pode ser completado sem ele?

— Pode, Sayid Rais. Estou convencido disso. Embora alguns dos cálculos só façam sentido para o seu autor, os nossos melhores matemáticos estudam-nos há mais de um mês. Disseram que conseguem entendê-los. Os engenheiros podem ocupar-se do resto.

Hussein Kamil dirigiu uma mirada de advertência ao seu adjunto: “Oxalá não te enganes, meu amigo...”

— Onde está ele agora? — perguntou o Presidente.

— Partiu para a China, sayidi — informou o homem da contra espionagem no estrangeiro, Ubaidi. — Tenta encontrar um terceiro andar para o foguete Al-Abeid. Lamentavelmente, não o conseguirá. É esperado de regresso a Bruxelas em meados de março.

— Temos agentes lá... dos bons?

— Sim, sayidi. Mantivemos sob vigilância constante durante dez meses, em Bruxelas. Foi assim que soubemos que recebeu delegações de Israel, no seu gabinete. Também dispomos das chaves do prédio em que se situa o seu apartamento.

— Então, arrumem o assunto. No seu regresso.

— Sem a menor demora, Saydi Rais.

Ubaidi pensava nos quatro homens que tinha em Bruxelas. Um deles, já se incumbira de uma tarefa idêntica, no passado. Abdelrahman Moyeddin. Confiar-lhe-ia a delicada missão.

Os três homens dos serviços secretos e o Dr. Saadi foram dispensados. Depois de saírem, Saddam Hussein voltou-se para o genro.

— E o outro assunto? Quando estará pronto?

— No final do ano, segundo me asseguraram, Abu Usay.

Como pertencia à "família", Kamil podia empregar a designação mais íntima de "Pai de Usay". Ao mesmo tempo, recordava aos outros presentes quem era e quem não era da família. O Presidente emitiu um grunhido.

— Precisamos de um lugar novo, uma fortaleza, e não de um já existente, por muito secreto que seja. Um lugar novo e secreto que ninguém conheça. Ninguém, à exceção de um pequeno punhado de pessoas. Não um projeto de engenharia civil, mas militar. Pode ser?

O General Ali Musuli, da unidade de engenharia, empertigou-se e fixou o olhar no peito do Presidente.

— Com o maior orgulho, Sayid Rais.

— Escolha o seu melhor homem.

— Sei quem é, sayidi. Um coronel. Brilhante na construção e logro. O russo Stepanov disse que era o seu melhor aluno de maskirovka de todos os tempos.

— Nesse caso, que venha à minha presença. Não aqui, mas em Bagdá, dentro de dois dias. Eu próprio o nomearei. É um servidor fiel? Leal ao partido e à minha pessoa?

— Totalmente, sayidi. Morreria pelo seu Presidente.

— Assim como todos vocês, espero. — Registrou-se uma pausa e Saddam acrescentou com brandura: — Confiemos em que a situação não chegue a esse ponto.

Como ponto final da reunião, funcionou perfeitamente.

O Dr. Gerry Bull regressou a Bruxelas a 17 de março, exausto e deprimido. Os colegas pensavam que a depressão se devia ao seu desaire na China. Mas havia algo mais.

Desde que chegara a Bagdá, mais de dois anos atrás, deixara-se convencer, porque se tratava do que queria acreditar, que o programa dos foguetes e a peça Babilônia se destinavam ao lançamento de pequenos satélites com instrumentos para a órbita da Terra. Compreendia pelo menos os enormes benefícios em amor-próprio e orgulho para todo o mundo árabe, se o Iraque lograsse a proeza. Além disso, resultaria lucrativo e abriria o caminho para que o país lançasse satélites de comunicações e meteorológicos para outras nações.

Segundo ele entendera, o plano consistia em a peça Babilônia disparar o seu míssil-satélite para sudoeste, sobre o resto do território iraquiano, a Arábia Saudita e o sul do Oceano Índico, até ficar em órbita. Fora para isso que Bull o concebera.

Vira-se obrigado a concordar com os colegas em que nenhuma nação ocidental o encararia desse modo. Depreenderiam que se tratava de uma arma militar. Daí o subterfúgio de encomendar as peças para formar o cano, a culatra e o mecanismo de recuo.

Somente ele, Gerald Vincent Bull, conhecia a verdade, que era muito simples: não poderia ser utilizada como arma de lançamento de obuses explosivos convencionais, por gigantescos que fossem.

Antes de qualquer outra consideração, a peça Babilônia de cano de 156 metros não podia permanecer rígida sem apoios. Precisava de um munhão, ou apoio, ao longo das 26 secções do cano, mesmo que, como previa, este último se situasse num ângulo de 45 graus com a montanha. Sem eles, o cano tombaria como um esparguete amolecido e desconjuntar-se-ia à medida que as junções se abrissem.

Por conseguinte, não podia aumentar ou diminuir a sua elevação ou deslocar-se lateralmente. E, portanto, ficaria impossibilitada de atingir uma variedade de alvos. Para modificar o ângulo — para cima e para baixo ou para os lados — teria de ser desmontada, o que consumiria semanas. Mesmo para proceder à limpeza e recarregá-la entre dois disparos demoraria duas semanas. Por outro lado, os repetidos disparos desgastariam o altamente dispendioso cano.

Por último, a Babilônia não podia ser oculta a um contra-ataque. Cada vez que disparasse, uma coluna de chamas com 90 metros de altura brotaria do cano, visível de todos os satélites e aviões. As suas coordenadas estariam em poder dos americanos dentro de escassos segundos. E as ondas de choque da reverberação seriam captadas por qualquer bom sismógrafo em lugares tão distantes como a Califórnia.

O problema de Bull consistia em que, depois de dois anos no Iraque, chegara à conclusão de que, para Saddam Hussein, a ciência só tinha uma aplicação-nas armas de guerra e poder que

elas proporcionavam, e nada mais. Então, por que carga de água financiava a Babilônia? Só poderia ser disparada uma vez antes que bombardeiros de retaliação a reduzissem a fragmentos, e apenas um satélite ou um obus convencional.

Foi na China, na companhia do cordial George Wong, que decifrou o mistério. Seria a última equação que resolvia.

Capítulo 2

O longo Ram Charger rolava velozmente na autoestrada de Qatar em direção a Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos. O condicionador de ar mantinha o interior fresco, e o condutor tinha suas canções country favoritas vibrando no ar, provenientes do leitor de cassettes, lembrando sua terra natal.

Depois de Ruweis, havia o campo aberto, com o mar à esquerda visível apenas intermitentemente entre as dunas, e à direita o vasto deserto que se estendia em centenas de arenosos e inóspitos quilômetros no sentido de Dhofar e o Oceano Índico.

Sentada ao lado do marido, Mrs. Maybelle Walker contemplava, extasiada, o deserto ocre que parecia fervilhar ao sol do meio-dia. Ele, Ray, conservava o olhar fixo na estrada. Consagrado à exploração petrolífera desde sempre, cansara-se de ver desertos. “Quem vê um vê todos”, costumava resmungar, quando a esposa emitia uma das suas frequentes exclamações de admiração perante vistas e sons inteiramente novos para ela.

No entanto, para Maybelle Walker, era tudo novidade e, embora colocasse na bagagem, antes da partida de Oklahoma, medicamentos em quantidade suficiente para abrir uma sucursal da Eckerd, adorara cada minuto do tour de duas semanas ao Golfo Pérsico.

Tinham começado no norte, no Kuwait, seguido para sul em direção à Arábia Saudita, atravessado Khafji e Al-Khobar, cruzado a área pantanosa até o Bahrein, depois retrocedido através de Qatar e entrado nos EAU. Em cada paragem, Ray Walker procedera a uma “inspeção” superficial da delegação da sua companhia — razão aparente da viagem — enquanto ela recorria a um guia e visitava os pontos de interesse turístico. Sentia-se muito corajosa ao percorrer as ruas estreitas tendo apenas um homem branco como companhia, inconsciente de que corria muito mais perigo em qualquer uma das cinquenta capitais americanas do que entre árabes do Golfo.

O que via a encantava, na sua primeira e provavelmente última viagem fora dos Estados Unidos. Admirava os palácios e minaretes, maravilhava-se com a torrente de ouro exposta nos souks e

abismava-se com a vaga de rostos e vestes multicoloridas que redemoinhavam à sua volta, nos bairros antigos.

Tirara fotografias a tudo e todos para poder mostrar no Clube das Senhoras na terra natal onde estivera e o que vira, e prestara a devida atenção à recomendação do representante da companhia em Qatar para não fotografar um árabe do deserto sem a sua autorização, pois alguns ainda acreditavam que a objetiva de uma máquina capturava parte da alma da pessoa visada.

Recorda a si própria com frequência que era uma mulher feliz e dispunha de muitos motivos para tal. Casara quase logo após o liceu com o homem que a acompanhava regularmente durante cerca de dois anos e desfrutava de uma posição sólida numa empresa petrolífera de que agora era vice-presidente.

Possuíam uma bela casa nos arrebaldes de Tulsa e uma casa de praia para as férias em Hatteras, entre o Atlântico e Pamlico Sound, no norte da Califórnia. Fora um bom matrimônio de trinta anos, recompensado com um belo filho. E, agora, isto: uma digressão de duas semanas, a expensas da firma, através daquela mescla de vistas, sons, cheiros e experiências exóticas de outro mundo — o Golfo Pérsico.

— A estrada é boa — observou, enquanto subiam uma encosta sob o sol ardente. Se a temperatura dentro do carro não excedia os vinte graus, ultrapassava sem dúvida os quarenta no deserto.

— Nem se podia esperar outra coisa — respondeu o marido. — Fomos nós que a construímos.

— A companhia?

— Não. O Tio Sam, pô.

Ray Walker tinha o hábito de acrescentar a palavra “pô” toda vez fornecia uma informação. Conservaram-se imersos em sociável silêncio, enquanto Tommy a aconselhava a apoiar sempre o seu homem, como ela nunca deixara de fazer e tencionava continuar assim ao longo da aposentação.

Com cerca de sessenta anos, Ray Walker entrara nesse período com uma pensão substancial e alguns excelentes títulos da Bolsa, além de que a companhia, como prova de gratidão, lhe oferecera uma viagem em primeira classe, com todas as despesas

pagas, ao Golfo, para “inspecionar” as várias dependências ao longo da costa. Embora também nunca tivesse visitado a área, via-se forçado a admitir que se sentia menos impressionado do que a esposa com o que se lhe deparava, mas congratulava-se com a satisfação dela.

Ansiava por visitar Abu Dhabi e Dubai o mais rapidamente possível e embarcar no avião com destino aos Estados Unidos, com escala em Londres. Aí, ao menos, poderia pedir um Bud gelado sem ter de o fazer à socapa numa delegação da companhia. O Islã podia ser muito agradável para algumas pessoas, mas depois de permanecer nos melhores hotéis do Kuwait, Arábia Saudita e Qatar e ser informado de que não serviam bebidas alcoólicas, ele perguntava-se que espécie de religião era aquela que impedia uma pessoa de tomar uma cerveja fria num dia escaldante.

Trajava como considerava próprio de um homem ligado a assuntos petrolíferos no deserto-botas altas, jeans, cinturão, camisa e Stetson, O que não se tornava inteiramente necessário, pois era na realidade um químico do controlo de qualidade.

Consultou a quilometragem: faltavam cento e vinte quilômetros para o desvio de Abu Dhabi.

— Vou parar para urinar, querida — anunciou a meia-voz.

— Mas tem cuidado — advertiu Maybelle. — Deve haver escorpiões por aí.

— Duvido que possam dar saltos demais de meio metro de altura — replicou ele, e soltou uma gargalhada com o comentário jocoso. Ser mordido por um escorpião na ponta do pênis... Não podia deixar de contar essa aos rapazes quando voltasse.

— És terrível, Ray — acusou ela, mas também achou graça.

O marido encostou o Ram Charger à beira da estrada deserta, desligou o motor e abriu a porta. A onda de calor irrompeu no carro como se proviesse de uma fornalha. Após um segundo de hesitação, desceu e tratou de fechar a porta imediatamente, para impedir a saída do ar fresco que restava.

Maybelle ficou sentada, enquanto Ray se encaminhava para a duna mais próxima e puxava o fecho da braguilha. De súbito, arregalou os olhos na direção do para-brisas e murmurou: — Não posso perder isto, meu Deus. — Pegou a Pentax, abriu a porta do

seu lado e saiu. — Achas que ele se importa se o fotografar, Ray?

Este, que se voltara para o outro lado, entretido a conceder uma das maiores satisfações de um homem de meia-idade, replicou: — Vou já, querida. A quem te referes?

O beduíno estava no meio da estrada, aparentemente procedente de entre duas dunas, tendo surgido como que por artes mágicas. Maybelle Walker conservava-se junto do para-choque da frente, de máquina fotográfica na mão, indecisa. O marido deu meia volta, ao mesmo tempo em que puxava o fecho da braguilha para cima, e fixou olhando o homem.

— Não sei. Suponho que não. Mas não te aproximes muito. É capaz de ter pulgas. Vou ligar o motor. Tira a fotografia e se ele reagir mal salta para dentro. Depressa.

Instalou-se ao volante e ligou o motor, com o que o condicionador de ar recomeçou a funcionar, o que constituiu um alívio.

Maybelle Walker deu alguns passos para a frente e levantou a máquina fotográfica à altura do rosto.

— Posso tirar seu retrato? — aventurou-se. — Máquina fotográfica? Fotografia? Um estalido, e pronto. Para o meu álbum de recordações.

O homem permanecia imóvel e calado, fitando-a sem pestanejar. O outrora branco djelaba, cheio de manchas e pó, prolongava-se dos ombros até quase os pés, enquanto o keffiyeh lhe cobria o rosto, do nariz até o pescoço. Os olhos negros brilhavam como carbúnculos. Maybelle já dispunha de muitas fotos para enriquecer o álbum, mas nenhuma de um beduíno tendo o deserto como pano de fundo.

Corrigiu a posição da máquina fotográfica, sem que o homem se movesse. Enquanto espreitava pelo visor, perguntava-se se conseguiria alcançar o carro a tempo, se o árabe se precipitasse para ela. Clique.

— Muito obrigada — agradeceu, em voz não totalmente firme.

Ele mantinha-se imóvel. Maybelle começou a recuar em direção ao carro, com um sorriso. “Sorria sempre”, recordava-se de ter lido no Readers Digest, como recomendação aos americanos quando confrontados por alguém que não falava inglês.

— Acaba lá com isso, querida — chamou o marido.

— Acho que não há novidade — disse ela, abrindo a porta.

A cassette chegara ao fim, enquanto ela tirava a fotografia, o que desligou automaticamente o rádio. A mão de Ray Walker estendeu-se para a ajudar a subir para o carro, que em seguida se pôs velozmente em marcha.

O árabe viu o carro afastar-se, encolheu os ombros e encaminhou-se para trás da duna onde estacionara seu Land-Rover camuflado. Instantes depois, abandonava igualmente o local, rumo a Abu Dhabi.

— Para que tanta pressa? — perguntou Maybelle. — Ele não tencionava atacar-me.

— Não é isso que me preocupa. — Ray Walker assumira uma expressão grave, preparado para enfrentar qualquer emergência internacional. — Seguimos para Abu Dhabi e tomamos o primeiro avião para casa. O Iraque invadiu o Kuwait, esta manhã, pô. Os tipos podem chegar aqui a todo o momento.

Eram dez horas da manhã, tempo do Golfo, de 2 de agosto de 1990.

Doze horas antes, o coronel Osman Badri aguardava, tenso e excitado, junto de um tanque de combate T-72, perto de um pequeno aeródromo chamado Safwan. Embora o ignorasse na época, a guerra pela posse do Kuwait começaria e terminaria aí, em Safwan.

Ao lado do aeródromo, que tinha pistas, mas nenhuma construção, estendia-se, a autoestrada norte-sul. Na parte norte, que ele percorrera três dias atrás, situava-se a encruzilhada onde os viajantes podiam seguir para leste em direção a Basra ou noroeste, rumo a Bagdá.

Na parte sul, a estrada prolongava-se diretamente através do posto fronteiriço do Kuwait, a oito quilômetros de distância. Do ponto onde estava, voltado para sul, ele avistava o tênue clarão de Jahra e, para além, do outro lado da baía, as luzes de Kuwait City.

Estava excitado, porque chegara a hora da sua pátria. O momento de castigar a escumalha kuwaitiana pelo que fizera ao seu país, pela guerra econômica não declarada, pelos prejuízos

financeiros e pela extraordinária arrogância.

Ao longo de oito sangrentos anos, o Iraque impedira as hordas da Pérsia de invadir o norte do Golfo e pôr termo ao seu luxuoso estilo de vida. E a recompensa de agora consistia em assistir impassível, enquanto os kuwaitianos se apoderavam de uma porção muito superior à que lhes competia do petróleo do campo partilhado de Rumailah. Deveriam limitar-se a uma posição quase de indigência, ao mesmo tempo que o Kuwait excedia as suas quotas de produção e aviltava os preços? Deveriam sucumbir docilmente, enquanto os cães de Al Sabah insistiam no pagamento do miserável empréstimo de quinze milhares de milhões de dólares concedido ao Iraque durante a guerra? Não, o Rais abarcara a situação da forma correta, como sempre. O Kuwait era, historicamente, a décima nona província do Iraque — sempre fora, até que os ingleses tinham traçado a maldita divisória na areia, em 1913, e criado o emirado mais próspero do mundo. Agora, o Kuwait seria reclamado, naquela noite, e Osman Badri faria parte da operação.

Como engenheiro do exército, não se encontraria nas primeiras linhas, mas achar-se-ia perto, com as suas unidades de sapadores, tratores e outro material irresistível, para rasgarem o caminho, se porventura os kuwaitianos tentassem bloqueá-lo. Em todo o caso, o reconhecimento aéreo não revelara qualquer obstrução. Não obstante, as tropas de engenharia estariam presentes, comandantes por Osman Badri, para abrir o caminho aos blindados e infantaria motorizada da guarda republicana.

A poucos metros do lugar em que estava, a tenda do comando de campanha estava cheia de oficiais superiores, que se debruçavam sobre mapas e introduziam pequenas alterações de última hora no plano de ataque, enquanto aguardavam a ordem para avançar do Rais, em Bagdá.

Osman Badri já trocara impressões com o seu comandante-general Ali Musuli, responsável por todo o corpo de engenharia do exército iraquiano, ao qual devia obediência absoluta por o ter recomendado para o “serviço especial”, em fevereiro passado. Pudera assim assegurar ao chefe que os seus homens estavam totalmente equipados e prontos para entrar em ação.

Enquanto conversava com Musuli, aparecera outro general e

fora apresentado a Abdullah Kadiri, comandante da unidade de blindados. Vira, à distância, o general Saadi Tumah Abbas, comandante da elite da guarda republicana, entrar na tenda. Na sua qualidade de membro leal do partido e idólatra de Saddam Hussein, ficara perplexo ao ouvir Kadiri articular entre dentes “oportunista político”. Como se podia admitir uma coisa daquelas? Porventura Tumah Abbas não era íntimo de Saddam Hussein, recompensado por ter vencido a batalha crucial de Fao, que assinalara a derrota final dos iranianos? O coronel Gadri afastara do espírito a ideia de que a vitória se devera ao agora general Maher Rashid.

À sua volta, soldados e oficiais das divisões de Tawakkulna e Wledina da Guarda achavam-se reunidos em número elevado, na escuridão. Os pensamentos dele recuaram à memorável noite de fevereiro em que o general Musuli o afastara do seu cargo. Achava-se convencido de que seria agora reintegrado.

— O Presidente quer falar com você — anunciou Musuli, bruscamente. — Mandará chamar. Vá para as instalações dos oficiais e esteja disponível dia e noite.

Badri mordeu os lábios. O que fizera? O que dissera? Nada de menos leal, sem margem para a mínima dúvida. Teria sido falsamente denunciado? Não, o Presidente não pretenderia falar com alguém em semelhante situação. O infrator estaria simplesmente nas mãos dos brutais agentes da Brig, a temível Amn-al-Amm de Khatib, para ser-lhe administrada uma lição. Ao ver-lhe a expressão apreensiva, Musuli rompeu a rir, os dentes brilhantes sob o espesso bigode preto que muitos oficiais usavam em imitação ao de Saddam Hussein.

— Não se preocupe. Ele tem uma missão para você. Uma missão especial.

E tinha, de fato. Menos de vinte e quatro horas mais tarde, Badri fora chamado às instalações dos oficiais superiores, onde o aguardava um longo carro de comando preto, com dois homens da Amn-al-Khass, brigada de guarda-costas do Presidente. Conduziram-no diretamente ao palácio presidencial para o encontro mais emocionante e momentoso da sua vida.

O palácio ficava na esquina das ruas Kindi e 14 de Julho, perto da ponte do mesmo nome, que assinalava a data do primeiro dos

dois coups de julho de 1968, o qual levara ao poder o Partido Baath e pusera termo ao domínio dos generais. Badri foi introduzido numa sala de espera, onde o conservaram durante duas horas. Revistaram-no minuciosamente duas vezes, antes de ser levado à presença do Presidente.

No momento em que os guardas que o ladeavam se detiveram, apressou-se a imitá-los, após o que procedeu à saudação, que se prolongou por três segundos, e retirou o barrete da cabeça, para o colocar debaixo do braço. Em seguida, conservou-se perfilado.

— Com que então, é você o gênio maskirovka, hein?

Haviam-lhe recomendado que não fitasse o Rais nos olhos, mas quando este se lhe dirigiu não o pôde evitar. Saddam Hussein estava bem disposto. O olhar do jovem oficial na sua frente brilhava de amor e admiração, ótimo, não tinha nada a temer dele. E, em tom pausado, revelou ao engenheiro o que pretendia, enquanto o peito deste último se dilatava de orgulho e gratidão.

Ao longo de cinco meses, esforçara-se por cumprir o prazo impossível e conseguira-o com dois dias de antecedência. Dispunha de todas as facilidades que o Rais lhe prometera. Tudo e toda a gente estavam ao seu dispor. Se necessitasse demais aço ou betão, bastar-lhe-ia telefonar a Kamil para o seu número secreto, e o genro do Presidente trataria de o comprazer imediatamente através dos recursos do Ministério da Indústria. Se precisasse demais mão-de-obra, enviar-lhe-iam centenas de operários, sempre coreanos ou vietnamitas. À parte os coolies, ninguém utilizava a estrada, pois esta, que seria mais tarde destruída, destinava-se apenas aos caminhões que transportavam material. Todos os outros seres humanos, à exceção dos condutores de pesados, chegavam em helicópteros russos MIL, e só depois de se acharem no seu destino retiravam as vendas aos passageiros, operação que se repetia no regresso. Esta maneira de proceder tanto se aplicava ao iraquiano mais humilde como ao mais importante.

Fora o próprio Badri que escolhera o local, após dias de reconhecimento aéreo de helicóptero nas montanhas. Acabara por optar pela área elevada na Jebal Hamreen, onde as colinas da cordilheira Hamreen se convertiam num maciço, sobranceiro à

estrada para Saluaymaniyam.

Ele trabalhara vinte horas diárias, dormira desconfortavelmente no local, maltratara, ameaçara, bajulara e subornara os seus homens para que operassem maravilhas, do que redundara a conclusão dos trabalhos antes do termo de Julho. Em seguida, haviam sido removidos todos os vestígios do que acontecera, sobretudo o mínimo fragmento de aço suscetível de refletir os raios solares e despertar a atenção de alguma personagem indesejável que sobrevoasse o local.

As três aldeias em redor tinham sido completadas e habitadas, com as suas cabras e ovelhas. Por último, a estrada foi eliminada total e eficientemente e a paisagem readquiriu o aspecto primitivo. Ou quase.

Com efeito, ele, Osman Badri, coronel de engenharia, herdeiro da perícia que contribuíra para erigir Nínive e Tiro, estudioso do grande Stepanov da Rússia, mestre de maskirovka, a arte de dissimular algo para que parecesse outra coisa ou absolutamente nada, construira para Saddam Hussein a Qaala, a Fortaleza. Ninguém a podia ver, nem sabia onde se situava.

Antes do seu encerramento, assistira à montagem do impressionante canhão cujo cano parecia alcançar as estrelas. Quando tudo ficou concluído, partiram todos, ficando apenas a guarnição, que viveria aí. Ninguém sairia a pé. Quem tivesse de chegar ou partir, fá-lo-ia de helicóptero, e sempre de olhos vendados. Os pilotos e tripulantes permaneceriam encerrados numa única base aérea, sem visitas nem telefone. Assim, com a paisagem em volta restituída ao aspecto anterior, a Fortaleza foi abandonada ao seu isolamento.

Embora não fosse do conhecimento de Badri, os operários que tinham chegado de caminhão tinham sido levados neste meio de transporte e depois transferidos para ônibus com janelas opacas. Num local isolado, os veículos, que continham três mil trabalhadores asiáticos, detiveram-se e os guardas abandonaram-nos. Quando as explosões abalaram os montes circundantes, ficaram sepultados para sempre. Depois, os guardas foram abatidos por outros. Todos tinham visto a Qaala.

As evocações de Badri foram interrompidas por uma erupção

de gritos provenientes da tenda de comando, e circulou o aviso de que chegara o momento do ataque.

Ele correu para o seu caminhão e subiu para o lugar do passageiro, ao mesmo tempo que o condutor ligava o motor. A viatura conservou-se imóvel, enquanto as duas divisões da Guarda que precederia a invasão enchiam a atmosfera de ruído" e os T-72 russos abandonavam o aeródromo em direção ao Kuwait.

Tudo se desenrolou virtualmente como numa carreira de tiro, segundo explicaria mais tarde ao irmão Abdelkarim, coronel e piloto de "caça" da força aérea. O frágil posto de polícia da fronteira foi esmagado sem dificuldade. Às duas da madrugada, a coluna estava bem internada em território kuwaitiano e continuava a rolar para sul. Se o Ocidente estava convencido-de que se limitariam a capturar as desejadas ilhas de Warbah e Bubiyan, a fim de Bagdá dispor do há muito ansiado acesso ao Golfo, equivocava-se redondamente. As ordens emanadas de Bagdá eram bem claras: conquistar todo o território.

Pouco antes da alvorada, registrou-se um choque de tanques na pequena vila petrolífera de Jahra, a norte da Cidade do Kuwait. Os kuwaitianos lutaram com coragem e bem e seguraram a nata da guarda republicana durante uma hora, mas não tinham a menor possibilidade de triunfo. Os poderosos T-72 soviéticos esmagaram os T-55 chineses. Os defensores perderam seus vinte tanques em outros tantos minutos e os sobreviventes acabaram por bater em retirada.

Osmar Badri, que observava o embate de longe, não podia prever que, um dia, aqueles T-72 das divisões de Medina e Tawakkulna seriam por sua vez esmagados pelos Challenger e Abrams dos ingleses e americanos.

Ao amanhecer, as primeiras unidades penetravam nos subúrbios a noroeste de Kuwait City e dividiam os seus efetivos para cobrir as quatro autoestradas de acesso — a de Abu Dhabi, ao longo da costa de Jahra, entre os subúrbios de Granada e Andalusia, e a Quinta e Sexta rodovias circulares, mais a sul. Finalmente, convergiram para a parte central do Kuwait.

O coronel Badri quase não era necessário, pois não havia escavações para os seus sapadores abrirem, nem obstruções para

fazer voar com dinamite ou pontes para reconstruir. Somente numa ocasião a sua vida correu perigo.

Quando rolava através de Sulaibikhat, muito perto do cemitério cristão, um Skyray isolado visou o tanque à sua frente com quatro mísseis ar-terra, o qual oscilou, perdeu uma das lagartas e começou a arder, enquanto a tripulação em pânico o abandonava precipitadamente. Em seguida, o Skyray descreveu um largo círculo e concentrou o fogo nos restantes tanques. Badri viu o pavimento irromper na sua frente e projetou-se pela porta do caminhão, que, quase simultaneamente, era atingido e se desviava para a beira.

Ninguém ficou ferido, mas Badri estava indignado com o arrojo do piloto e completou o percurso noutro caminhão.

Houve tiroteio esporádico ao longo do dia, enquanto as duas divisões atravessavam a cidade de Kuwait. Um grupo de oficiais kuwaitianos encerrou-se no Ministério da Defesa e tentou enfrentar os invasores com o modesto armamento de que dispunha.

Um dos comandantes iraquianos salientou que nenhum sobreviveria se abrisse fogo com o canhão do seu tanque. Enquanto alguns dos sitiados tentavam argumentar antes da rendição, os outros despiram os uniformes e escaparam-se pelas traseiras, como civis vulgares. Um destes últimos tornar-se-ia mais tarde chefe da resistência kuwaitiana.

A principal oposição verificou-se na residência do emir Al Sabah, embora este e a família tivessem há muito partido para o sul, em busca de refúgio na Arábia Saudita. Foi, porém, igualmente esmagada.

Ao por do sol, o coronel Osman Badri estava de costas para o mar no ponto mais setentrional da cidade, do Kuwait, na Rua do Golfo Pérsico, e contemplava a fachada dessa residência — o Palácio Dasman. Alguns soldados iraquianos já se achavam dentro e, de vez em quando, emergia um com um artefato inapreciável arrancado das paredes, passando por cima dos corpos sem vida estendidos na escadaria e nos jardins, para o depositar num caminhão.

Badri quase se sentiu tentado a guardar algo para si, mas conteve-o a herança da maldita escola inglesa que frequentara durante vários anos em Bagdá, apenas devido à amizade do pai

com o britânico Martin e à admiração de tudo o que provinha da Inglaterra.

— Pilhar é roubar, rapazes, e o roubo é um delito. A Bíblia e o Corão proíbem. Portanto, não o façam.

Ainda hoje conseguia recordar a voz de Mr. Hartley, diretor da Escola Preparatória da Fundação, dependente do consulado britânico, a perorar perante os alunos ingleses e iraquianos.

Por conseguinte, devido a um diretor escolar, vinte e cinco anos atrás, abstinha-se de participar na pilhagem ao Palácio Dasman, embora isso fizesse parte da tradição de todos os seus antepassados e os ingleses não passassem de imbecis.

Ao menos, a sua permanência na escola preparatória ensinara-lhe a dominar o idioma britânico fluentemente, o que resultara útil nas suas conversas com o coronel Stepanov, o qual fora o oficial mais graduado do Grupo de Conselheiros Militares Soviéticos antes de a Guerra Fria terminar, altura em que regressara a Moscou.

Osman Badri tinha trinta e cinco anos, e 1990 revelava-se o ano mais prometedor de toda a sua vida. Como confidenciaria ao irmão mais velho: “Diante do Palácio Dasman, de costas para o Golfo, pensei: "Conseguimos, pelo Profeta. Tomamos finalmente o Kuwait. E apenas num dia". Tudo terminou aí.” Estava redondamente equivocado. Era apenas o princípio.

Enquanto Ray Walker desenvolvia penosa e ininterrupta azáfama no aeroporto de Abu Dhabi para que lhes fornecessem a passagem de regresso aos Estados Unidos, vários compatriotas seus chegavam ao fim de uma noite em claro.

A sete fusos horários de distância em Washington, o Conselho de Segurança Nacional passara toda a noite em atividade constante. Outrora, costumavam reunir-se na Sala de Situação, na cave da Casa Branca, porém a tecnologia mais recente permitia-lhes trocar impressões dos diferentes locais em que estavam através de uma rede de vídeo secreta.

Na noite anterior, ainda 1º de agosto, em Washington, as primeiras informações indicavam trocas de tiros ao longo da fronteira norte do Kuwait. O fato não se podia considerar inesperado. As imagens obtidas pelos potentes satélites KH-11 da

área setentrional do Golfo haviam revelado a acumulação de forças iraquianas e elucidado Washington muito mais do que o embaixador no Kuwait na realidade sabia. O problema consistia em descobrir quais eram as intenções de Saddam Hussein. Ameaçar ou invadir?

Tinham sido enviados frenéticos pedidos de informação à CIA, no dia anterior, porém Langley não se mostrara minimamente útil, limitando-se a fornecer análises repletas do advérbio “talvez”, com base nas imagens de satélite recolhidas pela Organização de Reconhecimento Nacional e rumores políticos já obtidos pela Divisão do Oriente Médio do Departamento de Estado.

— Qualquer burro vesgo pode obter isso — grunhiu Brent Scowcroft, diretor do NSC. — Não temos ninguém dentro do regime iraquiano?

A resposta a esta pergunta cifrou-se num pesaroso “não”. Tratava-se de um problema abordado com frequência no passado.

A resposta ao enigma surgiu antes das dez da noite, quando o Presidente George Bush foi se deitar e não recebeu mais telefonemas de Scowcroft. Já amanhecera no Golfo e os tanques iraquianos haviam ultrapassado Jahra, para penetrarem nos subúrbios a noroeste de Kuwait City.

Foi uma noite em cheio, como os participantes recordariam mais tarde. Havia oito pessoas na rede de vídeo, em representação do NSC, Tesouro, Departamento de Estado, CIA, Chefes do Estado-maior e Defesa. Registrou-se a emissão de uma série de ordens, que foram executadas. Entretanto, uma série similar provinha de uma reunião convocada apressadamente pelo COBRA (Anexo da Sala de Informações do Conselho de Ministros) em Londres, que se achava a cinco horas de distância de Washington, mas apenas a duas do Golfo.

Todos os bens financeiros iraquianos no estrangeiro foram congelados por ambos os governos, assim como (com o acordo dos embaixadores kuwaitianos nos dois países) os do Kuwait, para que nenhum governo fantoche a soldo de Bagdá pudesse movimentá-los. Estas decisões imobilizaram biliões e biliões de petrodólares.

O Presidente Bush foi acordado às 4.45 de 2 de agosto para assinar os documentos. Em Londres, Margareth Thatcher, há muito levantada e ativa, fizera o mesmo antes de embarcar no avião para

os Estados Unidos.

Outro passo importante consistiu em reunir o Conselho de Segurança das Nações Unidas em Nova Iorque para condenar a invasão e ordenar a retirada imediata do Iraque, o que foi efetuado através da Resolução 660, assinada às 4.30 da mesma madrugada.

Terminada a conferência da rede de vídeo, perto da alvorada, os participantes dispuseram de duas horas para ir a casa, tomar banho, fazer a barba, mudar de roupa e regressar à Casa Branca para assistir, às 8.00, à reunião plenária do NSC, presidida por George Bush.

Entre os recém-chegados, figuravam Richard Cheney, da Defesa, Nicholas Brady, do Tesouro, e o procurador-geral Richard Thornburgh. Bob Kimmitt continuou a representar o Departamento de Estado, porque o secretário, James Baker, e o sub-secretário, Laurence Eagleburger, estavam ausentes da cidade.

O chefe do Estado-maior General, Colin Powell, regressara da Florida acompanhado do general responsável do Comando Central, um homem alto e possante, do qual muito se ouviria falar posteriormente. Norman Schwarzkopf estava ao lado do general Powell, quando entraram.

O presidente abandonou a reunião às 9.15, quando Ray e Maybelle Walker se achavam finalmente no ar e sobrevoavam a Arábia Saudita, rumo a noroeste e à segurança. George Bush embarcou num helicóptero em direção à base da Força Aérea Andrews, onde se transferiu para o aparelho Air Force One e partiu para Aspen, Colorado. Estava previsto que pronunciaria uma conferência sobre as necessidades dos Estados Unidos no capítulo da defesa. Na realidade, tratava-se de um tema apropriado, porém o dia revelar-se-ia muito mais atarefado do que estava previsto.

Durante a viagem, recebeu um telefonema do rei Hussein da Jordânia, um dos vizinhos mais obscuros do poderoso Iraque. O rei haxemita estava no Cairo, para conferenciar com o presidente egípcio Hosni Mubarak.

Hussein suplicou desesperadamente que a América concedesse aos Estados Árabes alguns dias para tentarem resolver a situação sem uma guerra e propôs uma conferência de quatro países, que incluiria Mubarak, ele próprio, Saddam Hussein e o rei

Fahd, da Arábia Saudita, que presidiria os trabalhos. Declarou-se convicto de que semelhante reunião bastaria para que o ditador iraquiano retirasse as suas forças armadas do Kuwait pacificamente. No entanto, tornavam-se necessários três ou mesmo quatro dias e nenhuma condenação pública do Iraque por qualquer das nações participantes.

Bush replicou: — De acordo. Tem o meu apoio.

Só que o infortunado presidente não se encontrara ainda com a dama de Londres, que o aguardava em Aspen. Esse encontro realizou-se naquela noite.

A Dama de Ferro não tardou a perceber que o seu bom amigo estava na iminência de transigir. Em duas horas, enfiou o cabo de uma vassoura tão profundamente na perna esquerda da calça do presidente, que emergiu quase à altura do colarinho da camisa.

— Não podemos de modo algum permitir que ele leve a sua avante, George.

Colocado perante aqueles olhos azuis penetrantes e o tom da voz cortante, tendo o zumbido do condicionador de ar como fundo, George Bush admitiu que os Estados Unidos também perfilhavam essa posição. Mais tarde, fontes próximas deixaram transparecer que estava menos preocupado com a artilharia e blindados de Saddam Hussein do que com a interlocutora britânica.

A 3 de agosto, a América trocou algumas palavras discretas com o Egito. Foi recordado ao Presidente Mubarak até que ponto as suas forças armadas dependiam do armamento americano, o quantitativo que o Egito devia ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional e a forma como os Estados Unidos costumavam apoiar as suas pretensões. A 4 do mesmo mês, o governo egípcio emitia uma declaração em que condenava abertamente a invasão de Saddam Hussein.

Ante o desalento — embora não surpresa — do rei da Jordânia, o déspota iraquiano recusou comparecer à conferência de Jeddah e sentar-se ao lado de Hosni Mubarak, sob a presidência do rei Fahd.

Para o rei da Arábia Saudita, a atitude constituiu uma brutal manifestação de despeito no seio de uma cultura que se orgulhava da sua elaborada cortesia. O rei Fahd, que encobria um cérebro

político particularmente sagaz por detrás de maneiras a todos os títulos deferentes, não ficou contente.

Este foi um dos fatores que fez abortar a conferência de Jeddah. O outro dizia respeito ao fato de o monarca saudita ter mostrado fotografias americanas tiradas do Espaço que provavam que o exército iraquiano, longe de conter o seu avanço, continuava a avançar para sul em direção à fronteira saudita, na área meridional do Kuwait.

Tencionaria invadir também a Arábia Saudita? Os dados aritméticos batiam certo. Este último país possuía as maiores reservas de petróleo do mundo. Em segundo lugar, figurava o Kuwait, com mais de uma centena de anos de reservas aos atuais níveis de produção. Em terceiro, o Iraque. Ao tomar o Kuwait, Saddam Hussein invertera as posições. Além disso, 90 por cento dos poços e reservas do petróleo saudita situavam-se no extremo nordeste do reino, em volta de Dhahran, Al-Khobar e Jubail e no interior destes portos. O triângulo localizava-se no caminho das divisões da Guarda Republicana, e as fotografias demonstravam que continuavam a entrar outras no Kuwait.

Por sorte, Sua Majestade nunca descobriu que as fotografias tinham sido forjadas. As divisões próximas da fronteira continuavam a avançar, porém os tratores haviam sido eliminados.

Em 6 de agosto, o reino da Arábia Saudita pediu formalmente aos Estados Unidos o envio de tropas para defesa do seu território.

As primeiras esquadrilhas de caças-bombardeiros partiram para o Oriente Médio no mesmo dia. Principiaram a operação Proteção no Deserto.

O brigadeiro Hassan Rahmani apeou-se do carro de comando e subiu apressadamente os degraus do Hotel Hilton, que fora prontamente requisitado para quartel-general das forças de segurança iraquianas no Kuwait ocupado. Divertia-o, enquanto transpunha a porta de vaivém e entrava no átrio, naquela manhã de 4 de agosto, o fato de o Hilton se situar junto da embaixada americana, com ambos os edifícios virados para as águas azuis do Golfo Pérsico.

A admirável vista era tudo o que o pessoal da embaixada obteria por algum-tempo, pois, por sugestão dele, fora

imediatamente cercada por forças da Guarda Republicana, situação que se manteria. Não podia evitar que diplomatas estrangeiros transmitissem mensagens do interior do seu território soberano aos respectivos governos, além de que sabia perfeitamente que não possuía os supercomputadores necessários para decifrar os códigos mais sofisticados como os que os ingleses e americanos utilizavam.

Mas, como chefe da contra espionagem da Mukhabarat, podia providenciar para que dispusessem de pouco material interessante para transmitir, limitando as suas observações à vista de que desfrutavam das janelas.

Subsistia, evidentemente, a possibilidade de obterem informação de compatriotas ainda em liberdade no Kuwait, pelo telefone. Outra prioridade máxima: tomar as providências necessárias para que todas as comunicações telefônicas com o exterior fossem cortadas. E daí, não — conviria mais colocar as linhas sob escuta, mas os seus homens mais experientes encontravam-se todos em Bagdá.

Entrou na suite que estava reservada à equipe da contra espionagem, despiu o dólman, entregou-o à ordenança que trouxera as suas duas malas de documentos e aproximou-se da janela para contemplar a marina do Hilton, com a piscina a antecedê-la. Decidiu que iria dar um mergulho mais tarde, mas mudou imediatamente de ideias ao ver dois soldados encherem lá os cantis e outros dois a urinar, não muito longe dos primeiros, o que o levou a soltar um suspiro de resignação.

Com trinta e sete anos, Rahmani era alto e elegante, bem-parecido, de rosto impecavelmente escanhoado — não suportava sequer a hipótese de usar um bigode afetado como o de Saddam Hussein. Sabia que estava na atual posição devido à sua competência inquestionável e não em virtude de qualquer tipo de bajulação política — um tecnocrata num mundo de cretinos guindados a lugares de realce graças a manobras escusas.

Amigos estrangeiros tinham-lhe perguntado com frequência por que servia aquele regime. A interrogação costumava surgir nas ocasiões em que ele os embriagava parcialmente, no bar do Hotel Rashid ou num local mais isolado. Convivia com esses indivíduos, porque fazia parte da sua profissão. Mas conservava-se sempre

sóbrio. Não objetava às bebidas alcoólicas por motivos religiosos. Em regra, pedia gim com água tônica e certificava-se de que o barman lhe servia apenas esta última.

Por conseguinte, sorria ante a pergunta, encolhia os ombros e replicava que se orgulhava de ser iraquiano, pelo que não podia servir qualquer outro governo.

Intimamente, sabia perfeitamente bem por que trabalhava para um regime cujos luminares, salvo raras exceções, desprezava. Se existia alguma emoção nele, concentrava-se naquele país e no seu povo-o povo vulgar, que o Partido Baath há muito deixara de representar.

No entanto, a razão fundamental consistia em que queria triunfar na vida. Para um iraquiano da sua geração, existiam poucas opções. Podia opor-se ao regime e demitir-se do cargo que exercia, para auferir um salário modesto numa atividade civil obscura no estrangeiro ou permanecer no Iraque.

O que conduzia a três opções. Opor-se ao regime e terminar a existência nas câmaras de tortura do animal que dava pelo nome de Ornar Khatib, criatura que detestava, consciente de que o sentimento era plenamente retribuído; tentar sobreviver como homem de negócios independente numa economia hermética; ou continuar a sorrir aos idiotas e guindar-se a uma posição confortável graças ao seu cérebro e talento.

Não via nada de censurável na terceira opção. Era como fizera Reinhard Gehlen, que servira primeiro Hitler, depois os americanos e finalmente os alemães-ocidentais; ou Marcus Wolf, ao serviço dos comunistas da Alemanha Oriental sem acreditar numa única palavra do que diziam. Ele, Rahmani, vivia para o jogo de xadrez em que se envolvera, os movimentos intrincados de espiar e contra-espiar. O Iraque constituía o seu tabuleiro pessoal, e sabia que outros profissionais espalhados pelo mundo compreenderiam a sua posição.

Afastou-se da janela, sentou-se à secretária e começou a escrever. Havia muitíssimo que fazer para que o Kuwait se tornasse razoavelmente seguro como décima nona colônia do Iraque.

O seu primeiro problema residia no fato de não saber quanto tempo Saddam Hussein tencionava permanecer no Kuwait, e

duvidava de que ele próprio fizesse uma ideia concreta a esse respeito. Não havia necessidade de montar uma vasta operação de contra espionagem, vedando todas as eventuais fugas de segurança, se o Iraque acabasse por se retirar.

Estava persuadido de que Saddam lograria o seu intento. Todavia, isso implicaria uma atuação revestida de um mínimo de diplomacia. A primeira diligência tinha de consistir em participar na reunião do dia seguinte em Jeddah, a fim de adular o rei Fahd e proclamar que o Iraque apenas pretendia um tratado justo sobre o petróleo e acesso ao Golfo, após o que recolheria a Bagdá. Assim, conservando tudo em mãos árabes e os americanos e ingleses fora do assunto por todo o preço, Saddam poderia confiar na preferência árabe para continuar a falar até que o inferno congelasse.

O Ocidente, acabaria por se cansar e deixá-los resolver a situação, e, desde que o petróleo continuasse a fluir para criar o smog que os sufocava, os anglo-saxões ficariam contentes. A menos que o Kuwait fosse brutalizado selvaticamente, os media desinteressar-se-iam do caso, o regime de Al Sabah seria esquecido no exílio algures na Arábia Saudita, os kuwaitianos reatariam as suas vidas sob um novo governo e a conferência sobre a retirada do Kuwait poderia apresentar declarações mais ou menos bombásticas durante uma década, até que se perdessem no campo da banalidade.

Sim, seria possível consegui-lo, mas com o tato indispensável. O tato de Hitler: “Pretendo apenas um acordo pacífico com as minhas exigências; esta é a minha última ambição territorial.” O rei Fahd cairia na esparrela. Ele e Hussein da Jordânia terminariam por se desinteressar da sorte dos kuwaitianos como Chamberlain fizera em relação aos checos, em 1938.

Só que Saddam era, estratégica e diplomaticamente, uma nulidade. Acabaria por proceder sem a prudência conveniente e contribuir para a destruição do petróleo e prosperidade inerente durante uma geração, ao brindar o mundo ocidental com um fait accompli.

E o Ocidente significava a América, com os ingleses a seu lado, e, no fundo, eram todos anglo-saxões. Rahmani conhecia-os bem. Os cinco anos que passara na Escola Preparatória Adisiya de

Mr. Hartley permitira-lhe aprender o inglês fluente em que se exprimia, a compreensão do temperamento britânico e o hábito anglo-saxão de aplicar um murro no queixo sem aviso prévio.

Levou a mão ao queixo em que recebera um murro, num passado distante, e soltou uma risada seca que fez estremecer a ordenança, no outro lado da sala. Onde se encontraria agora o sanguinário Mike Martin?

Por fim, debruçou-se sobre a tarefa que tinha entre mãos. Do milhão e oitocentos mil habitantes do Kuwait, somente seiscentos mil eram kuwaitianos. Podiam juntar-se-lhes outros tantos palestinianos, alguns dos quais se manteriam leais ao país, enquanto outros alinhariam ao lado do Iraque, porque a OLP o fizera, embora um número elevado se abstivesse de qualquer manifestação e se concentrasse unicamente em sobreviver. Havia também trezentos mil egípcios, muitos dos quais decerto trabalhavam para o Cairo, o que, atualmente, equivalia a fazê-lo para Washington ou Londres, e duzentos e cinquenta mil paquistaneses, indianos e filipinos, na sua maioria empregados de escritório ou domésticos.

E, por último, cinquenta mil cidadãos da Primeira Guerra Mundial — ingleses, americanos, franceses, alemães, espanhóis, suecos, dinamarqueses etc. E ele devia suprimir a espionagem estrangeira. Rahmani emitiu um suspiro saudosista. Bons tempos aqueles em que as mensagens significavam mensageiros e telefones. Como chefe da contra espionagem, podia encerrar as fronteiras e cortar as ligações telefônicas.,Agora, qualquer imbecil com um satélite tinha possibilidade de marcar dígitos num telefone celular ou num computador modem e falar para a Califórnia. A fonte era difícil ou impossível de localizar ou interceptar, a menos que se dispusesse de equipamento sofisticado, como não acontecia na contra espionagem iraquiana.

Não merecia a pena perder tempo a tentar o impossível, embora ele tivesse de fingir que o fizera e fora bem sucedido. O principal alvo teria de consistir em impedir a sabotagem ativa, a morte de iraquianos e destruição do seu equipamento e formação de um movimento de resistência. E necessitava de evitar que uma eventual organização clandestina recebesse auxílio do exterior sob

a forma de homens, know-how ou equipamento.

Neste aspecto, teria de enfrentar os seus rivais da AMAM, polícia secreta, instalada dois pisos abaixo dele. Inteirara-se naquela manhã de que Khatib, instalara o rufia do Sabaawi, indivíduo particularmente brutal, como chefe da AMAM no Kuwait. Se algum resistente kuwaitiano lhe caísse nas mãos, os gritos resultantes das torturas ouvir-se-iam na fronteira. Por conseguinte, Rahmani concentrar-se-ia apenas nos estrangeiros.

Naquela manhã, o Dr. Terry Martin terminou a aula na Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS) H, faculdade da Universidade de Londres na Gower Street, pouco antes do meio-dia e recolheu à sala comum dos docentes. Quando ia a entrar, cruzou-se com Mabel, secretária que partilhava com dois outros professores de estudos árabes.

— Tenho um recado para você, Dr. Martin. — Ela procurou na pasta, apoiada no joelho erguido e extraiu um pedaço de papel. — Este senhor telefonou e disse que tinha urgência em lhe falar.

Uma vez na sala comum, ele pousou os apontamentos sobre o califado de Abassid que utilizara na aula e usou o telefone público no canto. Uma voz feminina quase musical atendeu ao segundo toque e limitou-se a enunciar o número. Não mencionou qualquer nome de assinante — apenas o número.

— Mr. Stephen Laing está? — perguntou Martin.

— Quem deseja falar?

— Dr. Martin. Terry Martin. Ele me telefonou.

— Perfeitamente, Dr. Martin. Um momento, por favor.

Ele enrugou a fronte. Ela estava ao corrente do telefonema e do seu nome. No entanto, Martin não fazia a menor ideia de quem pudesse ser Stephen Laing. Por fim, surgiu uma voz de homem, do outro lado do fio.

— Fala Stephen Laing. Estou imensamente grato por telefonar com tanta prontidão. Fomos apresentados, há algum tempo, no Instituto de Estudos Estratégicos. Na época em que você pronunciou a brilhante alocução sobre a persistente aquisição de armamento pelo Iraque. Tem algum compromisso para o almoço?

Laing, quem quer que fosse, adotava uma maneira de se exprimir difícil de refutar.

— Hoje? Agora?

— A menos que tenha outros planos. Qual era a sua ideia?

— Sanduíches, no refeitório — disse Martin.

— Não aceitaria um decente linguado à meunière, no Scotts? Suponho que conheça o restaurante? Na Mount Street.

Na verdade, conhecia, um dos restaurantes mais seletos e dispendiosos de Londres, cuja especialidade era o peixe. A vinte minutos dali, de táxi. E ele adorava o peixe. Além de que o Scotts se achava fora do alcance do seu salário acadêmico. Estaria Laing ao corrente destes pormenores?

— Pertence ao ISS ? — acabou por perguntar.

— Explico tudo durante o almoço, doutor. Digamos à uma? Até já. — E a ligação foi cortada.

Quando Martin entrou no restaurante, o maître correu ao seu encontro.

— Dr. Martin? Mr. Laing o aguarda. Queira acompanhar-me.

A mesa situava-se a um canto sossegado, onde se podia conversar fora do alcance de ouvidos indiscretos. Laing — alto e magro, de fato cinzento-escuro, gravata de uma tonalidade mais clara e cabelo grisalho ralo-indicou uma cadeira ao convidado e, com um leve movimento de cabeça, a garrafa de Meursault gelado no respectivo balde metálico, ao que Martin acedeu com um leve gesto.

— Suponho que não pertença ao Instituto, Mr. Laing?

Este não se mostrou minimamente embaraçado. Aguardou que o empregado servisse o vinho e se afastasse e ergueu o copo.

— Na realidade, pertenço à Century House. Isso o desagrada?

O Serviço de Contra espionagem Britânico tem sua sede na Century House, um edifício de aspecto algo decrépito a sul do Tamisa, entre o Elephant and Castle e a Old Kent Road, que não corresponde à natureza das atividades que se supõe desenrolarem-se no seu interior e tão labiríntico que os visitantes não necessitam de utilizar os seus passes de segurança — em poucos segundos, perdem-se e acabam por implorar misericórdia.

— Não, apenas desperta meu interesse — replicou Martin.

— Na verdade, somos nós que estamos interessados. Incluo-me entre os seus admiradores. Tento manter-me a par das

inovações, mas não sou tão informado como você.

— Custo a crer — declarou, embora se sentisse intimamente lisonjeado.

— É absolutamente exato — insistiu Laing. — Linguado para dois? Excelente. Espero ter lido todas as suas comunicações apresentadas ao Instituto, ao pessoal dos Serviços Unidos e na Chatham. Além de, claro, os dois artigos publicados na Survíval.

Ao longo dos cinco anos precedentes, apesar da sua juventude, com apenas trinta e cinco anos, o Dr. Martin tornara-se cada vez mais solicitado para apresentar comunicações eruditas em estabelecimentos como o Instituto de Estudos Estratégicos, o Instituto dos Serviços Unidos e à outra instituição de estudos intensivos de assuntos estrangeiros, Chatham House. Survíval era a revista do ISS, e vinte e cinco exemplares de cada uma das suas edições seguiam automaticamente para o Departamento do Estrangeiro e da Comunidade, na King Charles Street, cinco dos quais tomavam o rumo da Century House.

O interesse de Terry Martin por aquela gente não se devia à sua excelência escolástica sobre a Mesopotâmia medieval, mas ao segundo chapéu que usava. Em obediência a mera curiosidade pessoal, principiara, anos atrás, a estudar as forças armadas do Oriente Médio, frequentando exposições de métodos de defesa e cultivando amizades entre fabricantes e seus clientes árabes, onde o seu fluente árabe lhe permitira estabelecer muitos contatos. Passados dez anos, era uma enciclopédia ambulante do tema que escolhera para os tempos livres, escutado com respeito por profissionais de relevo, mais ou menos como o romancista americano Tom Clancy, encarado como um perito mundial de equipamento defensivo da OTAN e do antigo Pacto de Varsóvia.

Os dois linguados à meunière foram servidos e eles começaram a comer com entusiasmo.

Oito semanas atrás, Laing, então diretor de Operações da Divisão do Oriente Médio na Century House, solicitou dados biográficos completos sobre Terry Martin ao pessoal da seção de pesquisas, e o que se lhe deparou impressionou-o profundamente.

Nascido em Bagdá, criado no Iraque e instruído em Inglaterra, Martin saíra de Haileybury com três Níveis Avançados, todos com

distinção, em Inglês, História e Francês. Aquele estabelecimento de ensino considerava-o um brilhante intelectual, candidato a uma bolsa de estudo em Oxford e Cambridge.

Porém o rapaz, que já se exprimia em árabe fluente, queria aprofundar os estudos de assuntos árabes, pelo que se candidatou à SOAS em Londres e submeteu-se aos respectivos testes na primavera de 1973. Admitido imediatamente, começou a frequentar as aulas no período do outono do mesmo ano, para estudar particularmente a história do Oriente Médio.

Obteve o diploma de Primeira Classe em três anos e consagrou mais três ao doutoramento, especializando-se no Iraque do oitavo ao décimo quinto séculos, com referência especial ao califado dos Abássidas de 750 a 1258 AD. Obteve o PhD em 1979, e estava no Iraque quando este país invadiu o Irã, em 1980, o que originou a guerra de oito anos, experiência que lhe estimulou o interesse pelas forças militares do Oriente Médio.

No regresso, ofereceram-lhe o cargo de leitor com apenas vinte e seis anos de idade, um sinal de honra na SOAS, considerada justificadamente uma das escolas de aprendizagem de árabe mais exigentes do mundo. Tornou-se depois leitor de história do Oriente Médio aos trinta e quatro.

Laing lera tudo isto na biografia escrita. O que lhe interessava ainda mais eram os seus conhecimentos sobre os arsenais do Oriente Médio. Durante anos, fora um assunto periférico, abafado pela Guerra Fria, mas agora...

— Trata-se desse assunto no Kuwait — acabou por revelar.

Consumidos os linguados, os pratos haviam sido retirados e os dois homens tinham declinado a sobremesa. O Meursault deslizara muito satisfatoriamente, e Laing preocupara-se em que o convidado ingerisse a parte de leão. Agora, havia dois cálices de Porto na sua frente.

— Como deve calcular, tem havido intensa azáfama, nos últimos dias.

Na realidade, Laing ficava aquém da verdade. A Dama regressara do Colorado num estado de espírito que os mandarins referiam como de Boadiceia, numa alusão à rainha inglesa de outrora que costumava reduzir a estatura dos súbditos romanos

cortando-lhes as pernas pelos joelhos com as lâminas de espadas que emergiam das rodas da sua carruagem, se se aproximavam demasiado. Constava que o secretário dos Assuntos Estrangeiros, Douglas Hurd, encarava a possibilidade de vir a usar capacete de aço, e a exigência de uma informação completa imediata surgira nos gabinetes da Century House.

— Gostaríamos de introduzir alguém no Kuwait para averiguar exatamente o que se está a passar.

— Apesar da ocupação iraquiana? — estranhou Martin.

— Receio que sim.

— Por que eu?

— Vou ser franco — disse Laing, que tencionava ser tudo menos isso. — Precisamos de fato de nos inteirar do que se passa. A natureza da ocupação iraquiana, natureza dos efetivos, grau de perícia, equipamento etc. Os nossos compatriotas enfrentam a situação satisfatoriamente, correm perigo, podem ser retirados com segurança? Necessitamos de um homem no meio. Toda essa informação é vital. Daí, a escolha de alguém que fale árabe como um nativo: kuwaitiano ou iraquiano. Ora, você passou a vida entre pessoas que se exprimem nesse idioma, muito mais do que eu...

— Mas deve haver centenas de kuwaitianos aqui na Grã-Bretanha que poderiam ser introduzidos no seu país.

Produziu um som algo desagradável com a boca, para tentar desalojar um resíduo de linguado entre dois dentes.

— Aqui entre nós, preferimos alguém da nossa nacionalidade.

— Um britânico? Capaz de se fazer passar por árabe no meio deles?

— Exatamente. E começávamos a duvidar de que existisse algum nessas condições.

Deve ter sido do vinho ou do Porto. Terry Martin não estava acostumado a beber Meursault e Porto no almoço. Mais tarde, teria arrancado a língua, se pudesse fazer o ponteiro do relógio retroceder alguns segundos. No entanto, falou e depois já não pôde voltar atrás.

— Conheço um. Meu irmão Mike, major do SAS. Pode passar perfeitamente por árabe.

Laing dissimulou a excitação, ao mesmo tempo em que

retirava o palito da boca com o incomodativo fragmento de linguado.

— Não me diga! Acha que sim?

Capítulo 3

Laing regressou à Century House de táxi, dominado por um misto de surpresa e euforia. Convidara o arabista acadêmico para almoçar na esperança de o recrutar para outra tarefa, que continuava presente no seu espírito, e abordara o assunto do Kuwait apenas para encetar a conversa.

Anos de experiência haviam-lhe ensinado a começar com uma pergunta ou um pedido que o alvo não podia satisfazer e passar ao verdadeiro tema. A teoria consistia em que o perito, abalado pela solicitação inicial, ficaria mais dócil para aceitar a segunda.

A revelação surpresa de Martin respondia a uma necessidade que fora abordada durante uma reunião de alto nível na Century House, no dia anterior. na época, tinha sido encarada de um modo geral como um desejo sem esperança de concretização. Mas se Martin não mentia... Um irmão que falava árabe ainda melhor do que ele... E que pertencia aos quadros do Regimento do Serviço Aéreo Especial e estava, por conseguinte habituado à vida mais ou menos clandestina... Sim, interessante, muito interessante mesmo.

Ao chegar à Century, Laing procurou imediatamente o seu superior, o Controlador do Oriente Médio. Após conciliábulo de cerca de uma hora, dirigiram-se ao piso superior, a fim de conversar com um dos dois subchefes.

O Secret Intelligence Service, ou SIS, também conhecido popular, embora incorretamente, por M.1.6, continua a ser, mesmo numa época de governo supostamente “aberto”, uma organização obscura imersa em secretismo. Somente em anos recentes uma Administração britânica admitiu formalmente a sua existência. E foi só em 1991 que o mesmo governo mencionou publicamente o chefe, atitude considerada na maior parte dos círculos, insensata e injustificada que só serviu para condenar a infortunada personalidade a ter de se deslocar a toda a parte acompanhado por guarda-costas pagos pelos contribuintes. Assim vão as futilidades de uma política correta.

O pessoal do SIS não figura em qualquer manual, limitando-se a aparecer — quando aparece — como funcionários públicos nas

listas de uma variedade de ministérios, em particular no dos Assuntos Estrangeiros, sob cujos auspícios o Serviço se encontra. O respectivo orçamento não se acha mencionado em parte alguma e advém de contribuições dissimuladas sob epígrafes banais de uma dúzia de outros ministérios.

O seu próprio quartel-general supôs-se constituir um segredo de Estado durante anos, até que se tornou óbvio que qualquer motorista de táxi de Londres a quem um cliente mandava seguir para a Century House, replicava: “Ah, refere-se ao Castelo dos Fantasmas? ” Nessa altura reconheceu-se que, se os taxistas londrinos conheciam a sua localização, a KGB decerto teria chegado à mesma conclusão.

Embora muito menos famosa que a CIA, a “Firma” conquistara uma sólida reputação entre amigos e inimigos pela qualidade do seu “produto” (informações de contra espionagem obtidas secretamente). Entre as agências de informações mais importantes do mundo, somente a Mossad israelense funciona em maior sigilo.

O homem que dirige o SIS é conhecido oficialmente por Chefe e nunca, apesar das intermináveis alusões erradas da Imprensa, por Diretor-geral. É a organização irmã — o M. 1.5, ou Serviço de Segurança-, responsável pela contra espionagem dentro das fronteiras do Reino Unido, que possui um Diretor-geral.

Dentro de portas, o Chefe é conhecido por “C”, à primeira vista a inicial de Chefe, mas tal não acontece. O primeiro foi o almirante Sir Mansfield Cummimgs, e esse “C” provém do apelido do há muito falecido cavalheiro.

Na escala hierárquica, seguem-se dois subchefes e cinco assistentes, que dirigem os cinco departamentos principais: Operações (que recolhe a informação secreta), Inteligence (que a analisa, na esperança de encontrar uma sequência significativa), Técnico (responsável pelos documentos falsos, mini-câmaras, escrita secreta, comunicações ultra compactas e todos os outros pedaços de metal para fazer algo de ilegal e escapar às consequências num mundo hostil), Administrativo (que abarca os salários, pensões, listas de pessoal, contabilidade, seção Legal, Registro Central, etc); e Contra^Espionagem (que tenta manter o Serviço limpo e penetração inimiga por meio de uma inspeção

profunda).

Abaixo das Operações, há os Controladores, que se ocupam das várias divisões no mundo — Hemisfério Ocidental, Bloco Soviético, África, Europa, Oriente Médio e Austrália — com uma subseção para Ligação, que tem a delicada tarefa de tentar cooperar com agências “amigas”.

Naquele agosto de 1990, o foco das atenções fixava-se no Oriente Médio e em particular na seção do Iraque, à qual todo o mundo político e burocrático de Westminster e Whitehalf parecia ter acudido como um clube ruidoso e indesejável.

O Subchefe escutava atentamente o que o Controlador do Oriente Médio e o Diretor das Operações dessa região tinham para dizer e inclinava a cabeça repetidamente. Afigurava-se-lhe que era, ou poderia vir a ser, uma opção interessante.

Não era que não chegasse qualquer informação do Kuwait. Nas primeiras quarenta e oito horas, antes de os iraquianos encerrarem as linhas telefônicas internacionais, todas as empresas britânicas com delegações naquele território tinham utilizado o telefone, telex ou fax para contatar com o seu responsável local. A embaixada do Kuwait atordoava os ouvidos do Ministério dos Assuntos Estrangeiros com as primeiras histórias de terror e exigências de libertação imediata.

O problema consistia em que virtualmente nenhuma das informações existentes era do tipo que o Chefe podia apresentar ao Gabinete como totalmente fidedigna. Na sequência da invasão do Kuwait, havia uma “irritante confusão de notícias”, segundo a expressão do secretário dos Assuntos Estrangeiros.

O próprio pessoal da embaixada britânica estava agora firmemente imobilizado na PERIFERIA do Golfo, quase à sombra das pontiagudas Torres do Kuwait, tentando estabelecer contato telefônico com os cidadãos britânicos de uma lista largamente desatualizada, para saber se estavam bem. Segundo a informação recebida desses alarmados homens de negócios e engenheiros, ouviam-se disparos esporádicos.

Ora, um homem implantado no local e, ainda por cima, com treino de penetração secreta profunda, capaz de passar por árabe... Sim, poderia resultar muito interessante. À parte informações reais

sobre o que acontecia, subsistia uma possibilidade de mostrar aos políticos que se estava na verdade a fazer alguma coisa e obrigar William Webster, da CIA, a engasgar-se com as pastilhas digestivas com que costumava concluir as refeições.

O Subchefe não tinha a menor dúvida quanto à estima (mútua) quase felina de Margaret Thatcher pelo SAS desde aquela tarde de maio de 1980 em que este havia liquidado os terroristas entrincheirados na embaixada iraniana em Londres e ela passara o serão com a equipe no aquartelamento da Albany Road a ingerir uísque e escutar a descrição dos seus feitos heróicos.

— Acho que é melhor trocar impressões com o DSF — acabou o Subchefe por decidir.

Oficialmente, o Regimento de Serviço Aéreo Especial não tem nada de comum com o SIS. As redes de comando são totalmente diferentes. O vigésimo segundo de serviço ativo do SAS (em oposição ao vigésimo terceiro de regime part-time) tem a base num aquartelamento que se intitula simplesmente “linhas stirling”, nos arrebaldes da vila de Hereford, no oeste de Inglaterra. O seu comandante presta contas ao Diretor das Forças Especiais cujos escritórios se situam num edifício incaracterístico do oeste londrino.

O DSF depende do Diretor de Operações Militares (um general), que, por sua vez, é responsável perante o Chefe do Estado-maior General (um general ainda mais antigo), por seu turno sob as ordens do Ministério da Defesa.

No entanto, o termo “Especial” na designação do SAS existe por um motivo. Desde a sua fundação no Deserto Ocidental, em 1941, por David Stirling, esse Serviço tem funcionado secretamente. As suas missões incluíram sempre penetração profunda, com vista a observar movimentos inimigos; penetração profunda com vista a sabotagem, assassinato e morticínio geral; eliminação terrorista; recuperação de reféns; proteção próxima, eufemismo de guarda-costas para os altos e poderosos; e missões de treino no estrangeiro.

À semelhança dos membros de uma unidade de elite, os oficiais e pessoal anônimo do SAS tendem para viver discretamente no seio da sua própria sociedade, impossibilitados de discutir as suas atividades com estranhos ao serviço, recusando-se a ser

fotografados e raramente emergindo das sombras.

Por conseguinte, os estilos de vida dos membros das duas sociedades secretas tinham muita coisa em comum-o SIS e o SAS conheciam-se, pelo menos de vista, e haviam cooperado com frequência no passado, quer em operações conjuntas, quer com o pessoal da intelligence, pedindo “emprestado” um soldado especialista do Regimento para uma tarefa em particular. Era algo do gênero que o Subchefe do SIS (o qual pedira autorização para a visita a Sir Colin) tinha em mente, ao aceitar um uísque do brigadeiro J. P. Lovat no quartel-general secreto de Londres, naquela tarde, quando o Sol se aproximava do Ocaso.

O alvo dessa discussão e reflexão privada em Londres e no Kuwait debruçava-se naquele momento sobre um mapa noutro aquartelamento a muitos quilômetros dali. Nas últimas oito semanas, ele e a sua equipe de doze instrutores haviam vivido numa seção das instalações atribuídas à unidade de guarda-costas do xeque Zayed bin, sultão de Abu Dhabi.

Tratava-se de uma tarefa que o Regimento executara numerosas vezes no passado. Ao longo da costa ocidental do Golfo, do sultanato de Omana, no sul, até Bahrain, no norte, há uma série de sultanatos que os ingleses têm visitado durante séculos. Os Trucial States, agora Emirados Árabes Unidos, tinham esse nome porque a Grã-Bretanha, uma ocasião, assinara uma trégua 15) com os seus governantes para os proteger com a Royal Navy contra os piratas que infestavam a área, em troca de privilégios comerciais. A situação perdura, e muitos desses governantes dispõem de unidades de guarda em pontos estratégicos através de equipes de instrutores do SAS. Existe uma remuneração, sem dúvida, mas reverte para o Ministério da Defesa, em Londres.

O major Mike Martin tinha um largo mapa do Golfo e da maior parte do Oriente Médio aberto na sua frente, na mesa da sala da messe, e estudava-o, rodeado por vários dos seus homens. Com trinta e sete anos, não era a pessoa mais velha presente, pois dois dos seus sargentos atingiam os quarenta, embora ninguém se atrevesse a desafiá-los para uma confrontação física.

— Há alguma coisa para nós, chefe? — perguntou um destes últimos.

Como em todas as unidades pequenas e herméticas, os nomes de baptismo são largamente empregados no Regimento, mas os oficiais costumam ser tratados por “chefe” pelos subalternos.

— Não sei — admitiu Martin. — Saddam Hussein instalou-se no Kuwait. Resta saber se se retirará espontaneamente. Em caso negativo, as Nações Unidas autorizarão a intervenção de tropas para correr com ele? Se resolver sair de sua livre vontade, creio que haverá algo para fazermos.

— Ótimo — disse o sargento, com satisfação, enquanto os outros seis homens em torno da mesa aquiesciam com acenos de cabeça, conscientes de que havia muito tempo que não participavam numa operação de combate.

Há quatro disciplinas básicas no Regimento, e cada recruta deve frequentar pelo menos uma. Assim, temos os Queda Livre, que se especializam em descidas de para-quedas de grande altitude, os Montanheses, cujo terreno preferido são as áreas rochosas e os picos elevados, os Batedores de Blindados, que atuam em Land Rovers inexpugnáveis, e os Anfíbios, que atuam em canoas e outras embarcações ligeiras insufláveis.

Na sua equipe de doze homens, Martin dispunha de quatro de Queda Livre, contando com ele próprio, quatro Batedores de Blindados, que ensinavam aos Abu Dhabis os princípios do ataque e contra-ataque rápidos do deserto, e, como Abu Dhabi se situa junto do Golfo, quatro instrutores Anfíbios.

Além da sua própria especialidade, os homens do SAS devem possuir profundos conhecimentos das outras disciplinas, pelo que as permutas são frequentes. À parte isto, têm de se familiarizar com a rádio, primeiros socorros e línguas.

A unidade de combate básica consiste em apenas quatro homens. Se algum fica fora de ação, as suas tarefas são prontamente partilhadas pelos sobreviventes, quer estejam a operar a rádio, quer como uma unidade médica.

Orgulham-se de um nível de educação muito mais elevado do que em qualquer outra unidade do Exército, e como têm de viajar, o domínio dos idiomas constitui um requisito indispensável. Todos os soldados têm de aprender um idioma além do inglês. Durante anos, o russo foi o favorito, mas o termo da Guerra Fria fê-lo passar de

moda. O malaio é muito útil no Extremo Oriente, onde o Regimento combateu ao longo de anos em Bornéu. O espanhol está a adquirir importância crescente, desde as operações secretas na Colômbia contra os barões da cocaína, de Medellín e Cali. O francês também se aprende-pelo sim pelo não.

E como o Regimento passou anos a prestar assistência ao sultão Qaboos de Omã, a sua guerra contra infiltrações comunistas provenientes do Iêmen do Sul para o interior de Dhofar, além de outras missões de treino ao longo do Golfo e na Arábia Saudita, muitos homens do SAS falam um árabe sofrível. O sargento desejoso de entrar em ação era um deles, mas via-se obrigado a reconhecer que "o chefe é surpreendente. Nunca vi ninguém como ele. Bronzeado como um árabe." Mike Martin endireitou-se, fez deslizar a mão bronzeada pelo cabelo e decidiu:

— São horas de irmos para a cama.

Passavam poucos minutos das dez, mas tinham de se levantar ao amanhecer para a habitual corrida de quinze quilômetros antes que o Sol se tornasse insuportável. Era uma tarefa que os Abu Dhabis detestavam, mas o seu xeque insistia nela. Se aqueles estranhos soldados ingleses diziam que lhes fazia bem, eles também tinham de a executar. De resto, pagava por isso e queria algo em troca do seu dinheiro.

O major Martin recolheu às suas instalações e não tardou a adormecer profundamente. O sargento tinha razão. Os seus homens perguntavam-se por vezes se adquirira a pele cor-de-azeitona e olhos e cabelos pretos de antepassados mediterrânicos. Ele nunca os elucidara, mas estavam equivocados.

O avô materno dos dois irmãos Martin fora um plantador de chá em Darjeeling, índia. Quando crianças, tinham visto fotografias dele — alto, faces rubicundas, bigode louro, cachimbo entre os dentes, espingarda na mão, de pé ao lado de um tigre abatido.

Em 1928, Terence Granger fizera o impensável: apaixonara-se por uma jovem indiana, com a qual insistira em casar. O fato de ser bonita e possuidora de qualidades não interessava. A ideia estava simplesmente fora de qualquer conceito. A companhia produtora de chá não o despediu, mas enviou-o para o exílio interno numa plantação isolada no distante Assa.

Se a intenção consistia em castigá-lo, não foi alcançada. Granger e a jovem esposa, ex-Miss Indira Bohse, adoraram o local ermo, o clima e os habitantes. Susan nasceu aí em 1930. Em 1943, a guerra chegou à índia, com o avanço dos japoneses através da Birmânia até à fronteira. Granger tinha idade suficiente para não ser obrigado a alistar-se, mas insistiu e, após treino básico, foi colocado nos fuzileiros de Assa. Em 1954, perdeu a vida em combate. O seu corpo nunca foi recuperado, passando a fazer parte das dezenas de milhares que ficaram perdidos nas selvas da Birmânia.

Com uma pequena pensão, a viúva regressou à sua própria cultura. Dois anos mais tarde, surgiram complicações. A índia estava a ser desmembrada, em 1947. Os ingleses abandonavam-na. Ali Jinnah insistia no seu Paquistão muçulmano, a norte, enquanto o pandita Nehru se contentava com a índia hindu no sul. Vagas de refugiados das duas religiões deslocavam-se constantemente de norte para sul e vice-versa e eclodiu a guerra em que perdeu a vida mais de um milhão de pessoas. Mrs. Granger, temendo pela filha, enviou-a para Haslemere, Surrey, onde vivia o irmão mais novo do seu falecido pai, arquiteto de renome. Seis meses mais tarde, ela morria vitimada pelos tumultos constantes.

Com dezessete anos, Susan Granger desembarcou em Inglaterra, pátria dos pais, que nunca vira. Permaneceu um ano numa escola de-moças perto de Haslemere e mais tarde no hospital-geral de Farnham, como enfermeira, seguido de um como secretária de um solicitador na mesma localidade.

Aos vinte e um, idade mínima em que tal era permitido, concorreu para hospedeira da British Overseas Airways Corporation. O treino de enfermeira foi-lhe extremamente útil para 65 o convívio com os passageiros, e o seu aspecto contribuiu para lhe assegurar o lugar. Escolheram-na para a carreira número um, Londres-índia, opção óbvia para uma jovem que falava hindu fluentemente.

A viagem era longa, naqueles tempos em que se utilizavam Argonautas quadrimotores. O percurso obedecia à sequência Londres-Roma-Cairo-Basra-Bahrain-Karachi-Bombaim. E daí para Díli, Calcutá, Colombo, Rangun, Banguecoque e finalmente Singapura, Hong-Kong e Tóquio. É claro que uma única tripulação não podia resistir a semelhante tirada sem interrupção para

repousar, pelo que a primeira paragem para esse fim situava-se em Basra, ao sul do Iraque, onde se procedia à substituição.

Foi aí, em 1951, quando tomava uma bebida no clube local, que ela conheceu um tímido contabilista da Companhia Petrolífera Iraquiana, na época pertencente aos ingleses. Chamava-se Nigel Martin e convidou-a para jantar. Embora ela tivesse sido alertada para a existência de "lobos" naquelas paragens, pareceu-lhe simpático e aceitou.

Na sua próxima passagem por Basra, voltaram a encontrar-se. Desta vez, no outono de 1951, jogaram tênis, nadaram na piscina do clube e percorreram os bazares locais juntos. Por sugestão de Martin, ela meteu uns dias de férias e acompanhou-o a Bagdá, onde ele trabalhava.

Casaram-se em 1952, na Catedral de S. Jorge, igreja anglicana na Haifa Street, com a assistência de pessoal da embaixada.

Os Martin tiveram dois filhos, nascidos em 1953 e 1955 Michael e Terry, tão pouco parecidos como o giz e o queijo Michael herdara os genes de Indira Bohse — cabelo preto, pele bronzeada e olhos da mesma cor-e muitos membros da comunidade britânica afirmavam que parecia árabe. Terry, surgido dois anos mais tarde, saía ao pai — baixo, atarracado, rubicundo, cabelo ruivo.

O major Martin foi acordado por uma ordenança às três da madrugada.

— Chegou uma mensagem, sayidi.

Tratava-se de uma comunicação simples, porém continha o código de urgência blitz, indicativo de que provinha pessoalmente do diretor das Forças Especiais. Não exigia resposta. Ordenava-lhe apenas que regressasse a Londres no primeiro avião disponível.

Martin delegou as suas atribuições no capitão do SAS que efetuava a sua primeira missão para o regimento e figurava a seguir na escala hierárquica, após o que se dirigiu para o aeroporto, devidamente desfardado.

O voo das 2.55 para Londres já devia ter partido, e os passageiros ensopados limitaram-se a emitir grunhidos de contrariedade, quando a hospedeira anunciou que por "motivos técnicos", haveria uma demora de noventa minutos na decolagem.

— Raios partisse o árabe — murmurou alguém, quando viu surgir um homem de pele cor-de-azeitona, Jeans, botas do deserto e blusão, obviamente a causa do “motivo técnico” do atraso.

Quando amanheceu no Golfo, duas horas mais tarde, o “jato” da British Airways voava em direção a noroeste, para aterrar em Heathrow pouco antes das dez da manhã, hora local. Mike Martin foi dos primeiros a desembaraçar-se das formalidades alfandegárias, porque não teve de aguardar qualquer bagagem. Não havia ninguém à sua espera, como calculara. E sabia perfeitamente aonde se devia dirigir, para o que se meteu num táxi.

Ainda não despontara a alvorada em Washington, mas as primeiras indicações do aparecimento do Sol já se desenhavam nas colinas distantes do condado Prince Georges, onde o rio Patuxent rola para se juntar ao Chesapeake. No sexto e último piso do imponente edifício oblongo entre o aglomerado que forma o quartel-general da CIA, conhecido simplesmente por Langley, as luzes ainda estavam acesas.

O juiz Wiiliam Webster, diretor da Central Intelligence Agency, pousou as pontas dos dedos nos olhos fatigados, levantou-se e aproximou-se da janela panorâmica. O arvoredo que o impedia de apreciar a vista na época da sua folhagem plena, como agora acontecia, achava-se imerso na penumbra. Fora mais uma noite em claro. Desde a invasão do Kuwait, apenas conseguira passar pelas brasas entre telefonemas do Presidente, do Conselho da Segurança Nacional, do Departamento de Estado e, ao que parecia, de todos os outros que conheciam o seu número.

Atrás dele, não menos cansado, sentavam-se Bill Stewart, sub diretor (Operações), e Chip Barber, chefe da Divisão do Oriente Médio.

— Com que então, é isso? — disse o DCI, como se a repetição da pergunta pudesse suscitar uma resposta mais satisfatória.

Mas não se registrou qualquer alteração. A situação consistia em que o Presidente, o NSC e o Estado clamavam por uma informação minuciosa do que se passava no coração de Bagdá e dos próprios conselheiros de Saddam Hussein. Decidiria permanecer no Kuwait? Retirar-se-ia ante a ameaça das resoluções das Nações Unidas que brotavam do Conselho de Segurança?

Hesitaria perante o embargo ao petróleo e bloqueio comercial? Que pensaria naquele momento? Que planeava?

E a agência não fazia a menor ideia. Dispunha de um chefe e posto em Bagdá, sem dúvida, mas o homem fora neutralizado, semanas atrás. O fato era do conhecimento do filho da mãe do Rahmani, dirigente da contra espionagem iraquiana, e tornava-se agora óbvio que o material fornecido ao chefe de posto não passara de um ardiloso produto da sua imaginação. Tudo indicava que as suas melhores “fontes” trabalhavam para Rahmani e se tinham limitado a ser portadoras de elementos falsos.

Havia, evidentemente, as fotografias, em número suficiente para traçar conclusões. Os satélites KH-12 e KH-12 sobrevoavam o Iraque a intervalos de poucos minutos para fotografar todo o país a seu bel-prazer. Analistas desenvolviam azáfama ininterrupta para identificar o que podia ser uma fábrica de gás venenoso, uma central nuclear... ou uma simples oficina de reparação de bicicletas.

Os analistas do Departamento de Reconhecimento Nacional, empresa pertencente, em partes iguais, à CIA e à Força Aérea, juntamente com os luminares do ENPIC, Centro de Interpretação Fotográfica Nacional, construíam uma imagem que, um dia, estaria completa: isto é um posto de comando, isto uma rampa de lançamento de mísseis, isto uma base de caças. Não pode ser outra coisa, porque estas fotografias o confirmam. Mas que mais havia? Oculto, dissimulado no subsolo?

Os anos de desinteresse pelo Iraque produziam agora frutos. Os homens afundados em cadeiras atrás de William Webster eram fantasmas dos velhos tempos que tinham conquistado a fama e larga experiência de assuntos relacionados com o Muro de Berlim, quando o betão deste ainda não secara. Datavam de uma época remota, antes de o equipamento eletrônico sofisticado substituir a recolha meticulosa e não pouco penosa de elementos através de meios por assim dizer artesanais.

E tinham-lhe comunicado que as câmaras do NRO e os ouvidos atentos da National Security Agency de Fort Meade não podiam revelar planos, espiar intenções ou introduzir-se na cabeça de um ditador.

Por conseguinte, o NRO continuava a tirar fotografias e os

ouvidos de Fort Meade a escutar e gravar todas as palavras proferidas em todas as chamadas telefônicas e mensagens da rádio, para e do Iraque. E continuava a não surgir qualquer revelação pertinente.

A mesma Administração e o mesmo Capitólio que tanto se tinham mesmerizado com as inovações eletrônicas no valor de milhares de milhões de dólares exigiam agora informações que o sofisticado equipamento não se achava em condições de fornecer.

E os homens sentados atrás dele afirmavam que a Elint — abreviatura de Eletronic Intelligence — constituía apoio e suplemento da Humint (inteligência humana), não seu substituto. O que era agradável de saber, mas não solucionava o problema.

Em resumo, a Casa Branca exigia respostas que só podiam ser dadas com autoridade por uma fonte, um denunciante, um espião, um traidor, ou algo do gênero, situado numa posição elevada da hierarquia iraquiana. Que ele não possuía.

— Contataram a Century House?

— Sim. Estão como nós.

— Parto para Telaviv em de dois dias — disse Chip Barber. — Devo encontrar-me com Yaacov Dror. Quer que lhe pergunte?

O DCI assentiu com uma inclinação de cabeça. O general Yaacov “Kobi” era o chefe do Mossad, a mais avessa à cooperação de todas as agências “amigas”. Webster ainda não se recompusera do caso de Jonathan Pollard, conduzido pela Mossad no seio da América e contra os Estados Unidos. Com amigos daqueles... Na realidade, custava-lhe pedir favores à agência israelense.

— Pressione-o, Chip. Se dispõe de uma fonte no interior de Bagdá, nós a queremos. Precisamos desse produto. Entretanto, voltarei à Casa Branca, para tornar a enfrentar Scowcroft.

E a reunião terminou numa atmosfera quase de desalento.

Os quatro homens que aguardavam no quartel-general do SAS em Londres, naquela manhã de 5 de agosto, tinham desenvolvido intensa atividade durante a maior parte da noite.

O diretor das Forças Especiais, brigadeiro Lovat, estivera quase sempre agarrado ao telefone, apenas com uma breve passagem pelo sono de duas horas na cadeira, entre as duas e as quatro. Pouco antes da alvorada, lavara-se, fizera a barba e ficara

em condições para mais um dia de azáfama quase ininterrupta.

Fora o seu telefonema a um “contato” das altas esferas da British Airways, à meia-noite (hora de Londres), que fizera o avião atrasar a partida de Abu Dhabi. O executivo da BOAC, acordado no seu domicílio, absteve-se de perguntar a razão pela qual devia retardar a decolagem de um aparelho a quase cinco mil quilômetros de distância até que determinado passageiro pudesse embarcar. Conhecia Lovat porque eram membros do Clube das Forças Especiais, em Herbert Crescent e sabia vagamente a que natureza de trabalho se dedicava, pelo que lhe fez o favor sem pretender inteirar-se do motivo.

À hora do pequeno-almoço, o sargento de serviço contatou com o aeroporto de Heathrow e foi informado de que o voo de Abu Dhabi recuperara um terço do atraso de noventa minutos e aterraria por volta das dez. Assim, o major deveria chegar ao aquartelamento cerca das onze da manhã.

Um mensageiro apresentara-se com a folha de serviço de determinada pessoa, proveniente do quartel de Browning, quartel-general do regimento de para-quedistas, em Aldershot. A documentação continha todos os elementos relativos à carreira de Mike Martin nos Paras desde o dia em que se apresentara, aos dezoito anos, e abarcava os dezenove, durante os quais fora um soldado profissional, à exceção dos dois longos períodos na sua transferência para o regimento SAS.

O comandante do 22. do SAS, coronel Bruce Craig, deslocara-se de carro de Hereford durante a noite, acompanhado do processo que cobria esses dois períodos, e chegou pouco antes da alvorada.

— Bom dia, JP. Que há de novo?

Os dois homens conheciam-se bem. Lovat — JP ou Jaypee — comandava o pelotão que recuperara a embaixada iraniana das mãos dos terroristas, dez anos atrás, e Craig chefiava um piquete que colaborara na operação.

A Century quer implantar um homem no Kuwait — informou Lovat, quase secamente, pois as longas tiradas não eram da sua predileção.

Um dos nossos? Martin? — O coronel largou o processo que trouxera em cima da secretária.

Parece que sim. Mandei-o regressar de Abu Dhabi.

Que se lixem. Tenciona ir nisso?

Mike Martin era um dos oficiais de Craig, e também se conheciam de longa data. Este detestava que a Century House lhe "roubasse" o pessoal. O DSF encolheu os ombros.

— Talvez não tenha outro remédio. Se se lhes meteu a ideia na cabeça, são capazes de recorrer a todo o poder de que desfrutam nas altas esferas.

Craig emitiu um grunhido e aceitou o café que o sargento lhe oferecia. Chamava-se Sid e haviam combatido juntos em Dhofar. Quando se tratava de política, o coronel sabia as linhas com que se cosia. Em caso de necessidade, o SIS podia puxar cordelinhos aos níveis mais elevados. Ambos os militares conheciam Margareth Thatcher perfeitamente e sabiam que, à semelhança de Churchill, manifestava tendência para a "ação imediata". Por conseguinte, a Century House acabaria por triunfar e o regimento ver-se-ia compelido a colaborar.

Os dois homens da Century chegaram pouco depois do coronel. O mais graduado era Steve Laing, que trouxera consigo Simon Paxman, chefe da seção do Iraque. Introduziram-nos numa sala de espera e foi-lhes oferecido café, juntamente com os documentos para estudarem. Momentos depois, mergulhavam nos antecedentes de Mike Martin a partir dos dezoito anos. Na noite anterior, Paxman conversara com o irmão mais novo daquele durante quatro horas, para se elucidar do passado da família e período de permanência em Bagdá e Haileybury.

Martin escrevera uma carta pessoal aos Paras durante o último semestre de estudos, no verão de 1971, e fora-lhe concedida uma entrevista em setembro do mesmo ano em Aldershot. Acabou por ser admitido e iniciou o treino no mesmo mês, ao longo de vinte e duas esgotantes semanas que conduziram os sobreviventes do curso a abril de 1972.

O soldado Mike Martin fora há muito considerado um excelente oficial potencial e, em maio daquele ano, ingressou na Royal Military Academy, em Sandhurst, para frequentar o primeiro dos novos cursos militares padrão.

Mais tarde, o novo tenente Martin seguiu diretamente para

Hythe, a fim de tomar conta de um pelotão em treino preparatório para a Irlanda do Norte, que comandou durante doze excruciantes semanas, num posto de observação denominado Flax Mill, o qual cobria o enclave ultra-republicano de Ardoyne, Belfast. Naquele verão, porém, a vida decorria calmamente naquela área, porque, desde o domingo sangrento de janeiro de 1972, o IRA manifestava tendência para evitar os Paras, como se fossem uma epidemia.

Martin foi em seguida colocado no terceiro batalhão, mais conhecido por para Três, e, depois de Belfast, regressou à base de Aldershot para comandar o pelotão de recrutas, onde colocou os recém-chegados no mesmo purgatório que ele próprio suportara. No verão de 1977, voltou para o para Três, então localizado, desde fevereiro anterior, em Osnabruck, fazendo parte do exército britânico no Reno.

Foi mais um período penoso, até que, em novembro de 1977, pediu transferência para o SAS.

Um número apreciável dos efetivos do regimento provinha dos Paras, porventura porque o treino apresentava pontos comuns, embora o SAS afirme que o seu era mais duro. O domínio do idioma árabe de Martin não passou despercebido aos superiores que se debruçaram sobre o seu processo, pelo que foi convidado para o curso de seleção no verão de 1978.

Frequentou o de seleção “inicial” de seis semanas, entre outros paras, fuzileiros e voluntários de diferentes armas. No primeiro dia, um instrutor sorridente anunciou:

— Neste curso, não tentamos treiná-los. Tentamos matá-los.

E não faltava à verdade. Somente dez por cento dos candidatos costuma resistir a esse curso preliminar do SAS. Mas poupa-se assim tempo mais tarde. Martin passou. Houve depois a continuação do treino, um período de permanência em Belize e mais um mês, de novo em Inglaterra, dedicado à resistência ao interrogatório. “Resistência” significa tentar guardar silêncio, enquanto são infligidas práticas a todos os títulos indesejáveis. A boa notícia consiste em que tanto o regimento como o voluntário têm o direito constante de insistir, no RTU regresso à unidade.

— São loucos — resmungou Paxman, pousando o processo e servindo-se novamente do café. — São mesmo lunáticos.

Laing emitiu um grunhido. Achava-se imerso na segunda tranche do processo, que se referia à experiência do homem na Arábia de que necessitava para a missão que tinha em vista.

Martin passara três anos no SAS da primeira vez, com a patente de capitão e o cargo de comandante. Optara pela Esquadrilha “A”, dos Queda-Livre — as Esquadrilhas são A, B, C e G-, o que constituía uma escolha natural para quem saltara, quando estava nos paras, com a sua equipe de queda livre de grande altitude, os Diabos-Vermelhos.

No período de três anos, 1979-81, prestara serviço junto das forças do sultão de Omã, em Dhofar Ocidental, ensinara proteção a VIP em dois emirados do Golfo, instruía a Guarda Nacional saudita em Riad e prestara assistência aos guarda-costas do xeque Isa, também de Riad. Os registros revelavam que regressara aos paras após três anos de permanência no SAS, no inverno de 1981, e verificara com satisfação que eles participavam na Operação Rocky Lance durante os meses de janeiro e fevereiro de 1982, nada menos do que em Omã. Por conseguinte, voltou ao Jebel Akdar por esse período, antes de entrar em férias em março. Em abril, foi convocado de urgência: a Argentina invadira as Falkland.

Embora o para Um se conservasse no Reino Unido, o Dois e Três partiram para o Atlântico Sul a bordo do paquete Cam-berra, convertido apressadamente em transporte de tropas. Enquanto o para Dois expulsava os argentinos de Goose Green, o Três avançava para Port Stanley e instalara-se numa fazenda solitária chamada Estancia House, a fim de se preparar para o assalto final a Port Stanley, o que implicava tomar primeiramente o Monte Longdon, defendido com pesados efetivos. Foi naquela agitada noite de 11 para 12 de junho que o capitão Mike Martin recebeu a sua bala.

Tudo principiou com o ataque silencioso às posições argentinas, que se tornou assaz ruidoso no momento em que o cabo Milne pisou uma mina que lhe destruiu o pé. As metralhadoras dos argentinos abriram fogo, os verylight iluminaram o monte como em pleno dia e o para Três viu-se perante a alternativa de recuar para se refugiar algures ou prosseguir em direção à origem do tiroteio inimigo e tomar Longdon. Optou pela segunda, com vinte e três

mortos e mais de quatro dezenas de feridos. Um destes últimos era Mike Martin, com um projétil na perna e larga manifestação de cólera por meio de interjeições apropriadas, por sorte em árabe.

Foi transferido, quando a situação o permitiu, para uma enfermaria em Ajax Bay e, depois de receber os primeiros socorros, para o navio hospital *Uganda*, onde ficou num beliche ao lado de um tenente argentino. No decurso da viagem até Montevideu, tornaram-se amigos e ainda se correspondiam.

O *Uganda* fez escala na capital uruguaia para desembarcar os argentinos, e Martin figurava entre os suficientemente recuperados para voar para Inglaterra. Os paras concederam-lhe então três semanas em Headley Court, Leatherhead, para convalescer.

Conheceu lá a enfermeira Lucinda, que se tornaria sua mulher, após breve namoro. Instalaram-se num chalé perto de Chobbam, num lugar conveniente para o trabalho dela em Leatherhead e o dele em Aldershot. No entanto, após três anos, vendo-o num total de quatro meses e meio, Lucinda pôs o marido entre a espada e a parede: “Tens de escolher entre mim e o deserto”. Ele refletiu e escolheu o deserto.

Ela fez muito bem em abandoná-lo. No outono de 1982, Martin frequentou curso para oficial superior, antecâmara de um cargo mais elevado atrás de uma mesa, talvez no Ministério. Em fevereiro de 1983, foi reprovado no exame.

— Fez de propósito — disse Paxman. — A anotação do comandante garantia que podia ter passado com um pé nas costas, se quisesse.

— Eu sei — assentiu Laing. — Também li isso. O homem é... incomum.

No verão de 1983, Martin foi investido das funções de oficial do estado-maior britânico, colocado no quartel-general das forças terrestres do sultão de Oman em Mascate, onde se manteve dois anos, acabando por comandar o regimento da fronteira norte e sendo promovido a major no verão de 1986.

Os oficiais que prestaram um período de serviço no SAS podem voltar para um segundo, mas somente por convite. Mal acabara de desembarcar em Inglaterra, no verão de 1987, altura em que o seu divórcio se consumou oficialmente, quando surgiu o

convite de Hereford. Regressou como comandante de esquadrilha em janeiro de 1988, prestando serviço no Flanco Norte (Noruega), depois com o sultão de Brunei e seis meses com a equipe de segurança interna em Hereford. Em junho de 1990, foi enviado para Abu Dhabi com a sua equipe de instrutores.

O sargento Sid bateu à porta, assomou a cabeça e anunciou:

— O brigadeiro solicita sua presença. O major Martin está a caminho.

Quando este último entrou, Laing apercebeu-se do rosto bronzeado e olhos negros e trocou uma mirada de inteligência com Paxman. O homem parecia ideal para a missão. Restava saber se conseguiria levá-la a cabo e dominava o árabe como diziam.

JP adiantou-se e apertou a mão do recém-chegado com o vigor habitual.

— Muito prazer em tornar a vê-lo, Mike.

— Obrigado, brigadeiro — disse Martin, e estendeu a mão ao coronel Craig.

— Deixe-me apresentar-lhe estes dois senhores — volveu o DSF. — Mr. Laing e Mr. Paxman, ambos da Century. São portadores de uma proposta interessante. — Virou-se para os dois forasteiros. — Preferem conversar com ele a sós?

— De modo algum — apressou-se Laing. — O chefe espera que, se esta reunião for positiva, tenhamos uma operação conjunta.

“Oportuna alusão a Sir Colin”, refletiu JP. “Para deixar transparecer até que ponto os filhos da mãe estão dispostos a ir.” Os cinco homens sentaram-se. Laing encarregou-se de explicar os antecedentes políticos da situação e a incerteza quanto à possibilidade de Saddam Hussein abandonar ou não o Kuwait com prontidão, o que, no segundo caso, implicaria o recurso à força para o expulsar. No entanto, segundo os analistas, o Iraque depauperaria em primeiro lugar o Estado conquistado de todos os seus valores e em seguida faria exigências que as Nações Unidas não tencionavam minimamente aceitar. O que poderia tardar meses consecutivos.

A Grã-Bretanha precisava saber o que acontecia no Kuwait por informação fidedigna e não rumores ou conjeturas sem base concreta. Sobre cidadãos britânicos que ainda estavam lá, tropas de

ocupação e eventualidade, caso fosse necessário recorrer à força, de uma resistência kuwaitiana poder revelar-se útil para desgastar os efetivos de Saddam.

Martin inclinava a cabeça ocasionalmente, com uma ou outra pergunta, e escutava em profunda concentração, enquanto os dois oficiais superiores dirigiam o olhar para a janela. Laing terminou o arrazoado pouco depois do meio-dia.

— Creio que abarquei tudo, major. Não espero uma resposta imediatamente, mas lembro que o tempo urge.

— Importa-se que troquemos algumas palavras com o nosso colega a sós? — perguntou JP.

— Claro que não. Simon e eu vamos voltar ao escritório. Você tem o número. Se pudesse me informar à tarde...

O sargento Sid acompanhou os dois civis à saída e aguardou na calçada até que os viu subir num táxi, após o que voltou à sala.

JP abriu um frigobar e pegou três cervejas. Os três homens retiraram as tampas e tomaram um gole.

— Você tem mais experiência na matéria do que qualquer um de nós, Mike. Se a proposta lhe parece alucinada, concordaremos.

— Claro — confirmou Craig. — No regimento, ninguém é expulso por dizer não. A ideia é deles e não nossa.

— Mas se aceitar a missão, entrará pela porta da casa deles, por assim dizer, e não sairá de lá até o fim — salientou JP.

— Também estaremos envolvidos, claro, pois provavelmente não poderão prescindir de nós, mas o comando das operações é deles. Quando tudo terminar, voltará para cá como se tivesse estado de férias.

Martin sabia perfeitamente como aquelas coisas funcionavam. Inteirara-se disso através de outros que haviam trabalhado para a Century. Uma pessoa deixava de existir para o regimento até o seu regresso. Depois, limitavam-se a dizer-lhe: “Temos muito gosto em voltar a vê-lo.” E nunca mencionavam o local onde estivera, nem lhe faziam perguntas a esse respeito.

— Aceito — declarou, por fim.

O coronel Craig levantou-se. Tinha de regressar a Hereford. — Felicidades, Mike — disse, estendendo a mão.

— Antes que me esqueça — disse o brigadeiro. — Está

convidado para almoçar. Nesta rua. Ideia da Century.

Entregou um pedaço de papel a Martin, despediu-se e este retirou-se. Segundo a indicação no papel, o almoço decorreria num pequeno restaurante a quatrocentos metros dali e o anfitrião era Wafic Al-Khouri.

À parte o MI5 e o MI6, o terceiro braço importante dos serviços secretos britânicos é o quartel-general de comunicações do governo, ou GCHQ, um complexo de edifícios numa área protegida nos arrebaldes da vila de Cheltenham, em Gloucestershire.

O GCHQ é a versão britânica da Agência de Segurança Nacional americana, com a qual colabora intimamente. Graças à sua cooperação com o GCHQ, a NSA tem vários postos em território britânico, além de outros de escuta espalhados pelo mundo, e o GCHQ dispõe das suas próprias instalações no Ultramar, em particular uma estação muito importante em Ahrotiri, Chipre.

Esta última, por se encontrar mais perto do cenário, coordena o Oriente Médio, mas transmite todo o seu produto a Cheltenham para análise. Entre os analistas, figuram vários peritos que, embora árabes por nascimento, desfrutam de posições de relevo. Um deles era Al-Khouri, o qual há muito decidira fixar residência na Grã-Bretanha, naturalizar-se e casar com uma inglesa.

Esse jovial indivíduo, antigo diplomata jordaniano, exercia agora as funções de analista-chefe no serviço árabe do GCHQ, onde, embora haja muitos especialistas de árabe britânicos, conseguia com frequência ler nas entrelinhas da gravação de um discurso de um dirigente do mundo árabe. Era ele que, a pedido da Century, aguardava Mike Martin no restaurante.

A refeição prolongou-se por duas horas e o diálogo desenrolou-se inteiramente em árabe. Quando se separaram, Martin regressou ao edifício do SAS. Haveria horas de instrução antes que se achasse devidamente preparado para partir para Riad, com um passaporte que a Century entretanto prepararia sob uma identidade falsa, munido dos vistos indispensáveis.

Antes de abandonar o restaurante, Al-Khouri usou o telefone do banheiro.

— Não há problema, Steve. Ele é perfeito para o trabalho. Na

verdade, não me recordo de ter jamais conhecido alguém assim. Não se trata de árabe intelectual, mas de algo melhor, do seu ponto de vista. árabe das ruas, com todo o seu calão, imprecações etc. E sem o menor sotaque... Não, não me agradeça, amigo. Tive muito gosto em lhe ser útil.

Trinta minutos mais tarde, seguia no carro pela estrada M4 em direção a Cheltenham. Antes de entrar no quartel-general do regimento, Mike Martin também efetuou uma chamada, para determinado número na área da Gower Street. O homem a quem telefonou levantou o fone no gabinete da SOAS onde trabalhava com determinados documentos, numa tarde em que não tinha aulas.

— Olá, Bro. Sou eu.

O militar não necessitava se apresentar. Desde que tinham frequentado juntos a escola preparatória em Bagdá, sempre tratara o irmão mais novo por Bro. Registrou-se uma exclamação abafada no outro extremo do fio.

— Mike? Onde diabo estás?

— Em Londres, numa cabine.

— Julgava-te em algum lugar do Golfo.

— Regressei esta manhã. É provável que volte a partir logo à noite.

— Não vás, por favor. A culpa foi minha. Devia ter ficado calado.

Martin soltou uma gargalhada.

— Tinha de haver alguma razão de peso para os caras terem lembrado subitamente de mim. Levaram-te para almoçar, hein?

— Sim, e estávamos falando de outra coisa. O teu nome veio à baila por mera casualidade. Mas não és obrigado a aceitar. Diz-lhes que exagerei...

— É tarde demais. De resto, já aceitei.

— Valha-me Deus... — Seguiu-se uma pausa. — Cuida bem de ti, Mike. Rezarei para que não te aconteça nada.

— Está bem, Bro. Até a volta.

Martin cortou a ligação, enquanto o irmão, no seu gabinete solitário, apertava a cabeça entre as mãos.

Quando o aparelho da British Airways das 20h45, com destino à Arábia Saudita, decolou de Heathrow, Mike Martin estava a bordo

com um passaporte em outro nome, e havia alguém à sua espera no final da viagem: o chefe de posto da Century na embaixada em Riad.

Capítulo 4

Don Walker freou e o Corvette Stingray 1963 imobilizou-se por um momento na entrada principal da base da força aérea Seymour Johnson, para deixar passar dois campistas, antes de enveredar pela autoestrada.

Fazia calor. O sol escaldante de agosto incidia na pequena localidade de Goldsboro da Carolina do Norte e o asfalto parecia fervilhar. Era ótimo ter a capota baixada e sentir o vento, apesar de quente, agitar-lhe o cabelo louro cortado curto.

Rolou através da povoação em direção à rodovia 70 e depois entrou na 13, rumo a nordeste.

Naquele verão quente de 1990, Don Walker tinha vinte e nove anos, solteiro, e acabava de se inteirar de que ia para a guerra. Enfim, talvez. Tudo indicava que isso dependia de um chanfrado árabe chamado Saddam Hussein.

Naquela manhã, o coronel (mais tarde general) da aviação Hal Hornburg expusera-lhe a situação claramente. Dentro de três dias, a 9 de agosto, a sua esquadrilha, a Rockteers 336 do Nono Regimento do Comando tático Aéreo, partiria para o Golfo Pérsico. As ordens tinham sido emanadas pelo comando do TAC da base da Força Aérea em Langley, Hampton, Virgínia. A euforia entre os pilotos fora quase delirante. Qual a utilidade de tantos anos de treino se nunca podiam pôr a perícia em prática?

A três dias de vista, havia muito trabalho para ultimar, sobretudo para Walker, como oficial do armamento. Mas solicitara vinte e quatro horas de licença para se despedir da família, e o tenente-coronel Steve Turner, chefe do armamento, advertira-o de que, se faltasse o mínimo pormenor a 9 de agosto, quando os Eagles F-15 E estivessem prestes a decolar, trataria de o "recompensar" pessoalmente. Depois, exibira um sorriso e dissera-lhe que, se queria regressar ao nascer-do-Sol, não devia perder tempo e partir imediatamente.

Por conseguinte, Walker atravessava Snow Hill e Greenville às nove da manhã, rumo à série de ilhas a leste do Pamlico Sound. Por sorte, os pais não tinham regressado a Tulsa, Oklahoma, de

contrário não disporia de tempo para os ir ver. Em agosto, encontravam-se no local habitual de férias, numa casa da família perto de Hatteras, a cinco horas de automóvel da base.

Ele sabia que era um excelente piloto e regozijava-se com isso. Ter vinte e nove anos, fazer aquilo que mais lhe agradava e de forma inexcedivelmente perfeita, constituía uma sensação aprazível. Gostava da base e dos colegas e adorava o Eagle F-15 McDonnell Douglas que pilotava, versão de ataque do 15C. Considerava mesmo que se tratava do melhor avião que toda a Força Aérea dos Estados Unidos possuía.

Em Bethel, seguiu para leste em direção à Colúmbia e Whalebone, onde a estrada se prolongava para a série de ilhas. Com Kitty Hawk atrás dele, à sua esquerda, voltou para sul no sentido de Hatteras, e a rodovia terminou finalmente, com o mar de ambos os lados.

Agora que o pai tencionava aposentar-se do cargo que exercia numa companhia petrolífera de Tulsa, talvez pudesse passar mais tempo com a mãe na casa da praia e Walker teria oportunidade de os visitar mais vezes. Era suficientemente jovem para não admitir sequer a possibilidade de não regressar do Golfo, se participasse numa guerra iminente.

Completara o curso liceal em Tulsa animado de uma única ambição: queria voar. Assim, frequentou a Faculdade de Oklahoma e formou-se em engenharia, em junho de 1983. Prestou serviço militar no Campo de Treino de Oficiais na Reserva e, naquele outono, ingressou na Força Aérea.

Após onze meses de instrução, adquiriu as asas de piloto, em quarto lugar entre quarenta candidatos, e verificou com alegria que os cinco primeiros eram requisitados para frequentar um curso de “caça” num centro de instrução de Alamogordo, no Novo México.

Na Unidade de Treino Intensivo de Homestead, Florida, deixou de pilotar os T-38 e transitou aos Phantom F-4, aparelhos sem dúvida mais pesados e eficazes.

O 336. Regimento de Goldsboro, no verão de 1987, proporcionou-lhe a oportunidade de pilotar Phantoms durante um ano, a que se seguiram quatro meses nos Luke AFB de Phoenix, Arizona, onde passou aos Strike Eagle, e havia mais de um ano que

os pilotava, quando Saddam Hussein invadiu o Kuwait.

O Stingray alcançou a série de ilhas por volta do meio-dia e, através de Nags Head, seguiu a fi-ada de reboques de campistas até que por último dispersaram em direção aos diferentes destinos e desimpediram a estrada, o que lhe permitiu chegar finalmente à casa de madeira dos pais, cerca da uma da tarde. Foi encontrá-los no terraço voltado para o mar azul e calmo.

Ray Walker foi o primeiro a avistar o filho e soltou uma exclamação de prazer. Maybelle emergiu da cozinha onde preparava o almoço e correu a abraçá-lo. Por seu turno, o avô sentava-se na cadeira de balouço e contemplava o oceano. Don aproximou-se e disse:

— Olá, avô. Sou eu, Don.

O ancião ergueu os olhos, inclinou a cabeça com um sorriso e tornou a virar-se para o mar.

— Não tem passado muito bem — explicou Ray. — Umas vezes reconhece-nos, outras não. Bem, senta-te e conta novidades. Que dizes a duas cervejas para um par de homens com sede, Maybelle?

Enquanto bebiam, Don comunicou que partiria para o Golfo dentro de cinco dias. A mãe cobriu a boca com a mão, num gesto de angústia, enquanto o marido assumia uma expressão grave.

— Bem, acho que foi para isso que te treinaste com afinco - acabou por admitir.

Don levou o copo aos lábios, ao mesmo tempo que se perguntava por que teriam os pais de se preocupar sempre tanto. Entretanto, o avô fitava-o, com um leve clarão de reconhecimento nos olhos congestionados.

— Don vai para a guerra! — gritou Ray.

O sogro participara na guerra do Pacífico nas tropas do general MacArthur, como testemunhavam as dezessete cicatrizes dispersas pelo corpo, e sobrevivera ao inferno de Iwo Jima, como comprovavam algumas condecorações. Figurava igualmente entre os que haviam desembarcado na Coreia e terminara a atividade nas Forças Armadas como primeiro-sargento, pois negara-se sempre a concorrer a oficial.

O ancião fez sinal ao neto para que se acercasse e este

levantou-se da mesa para o comprazer.

— Cuidado com os japoneses, rapaz — recomendou num murmúrio. — De contrário, cuidam da tua saúde.

— Não te preocupe, avô. Nem os deixarei se aproximar.

Inclinou a cabeça e pareceu satisfeito. Tinha oitenta anos.

Atualmente, passava a maior parte do tempo imerso num sonho agradável, com a filha e o genro a cuidar dele, porque não tinha para onde ir.

Após o almoço, os pais falaram a Don do cruzeiro ao Golfo Pérsico de que tinham regressado quatro dias atrás. Maybelle foi buscar as fotografias, acabadas de chegar do laboratório.

Don sentou-se ao lado da mãe, enquanto ela lhas mostrava e identificava os locais visitados.

— Tem cuidado, quando chegares — advertiu. — É gente muito perigosa. Basta ver os olhos.

Don observou a foto que tinha na mão. O beduíno estava entre duas dunas, com o deserto atrás dele e o rosto parcialmente encoberto pelo keffiyeh. Somente os olhos eram bem visíveis, cravados na objetiva.

— Serei cuidadoso — prometeu por fim.

Às cinco da tarde, decidiu que devia empreender o regresso à base e dirigiu-se para o carro, onde se despediu dos pais. Antes de o pôr em marcha, olhou para trás. O avô, apoiado a duas bengalas, surgiu no terraço. Em seguida, devagar, pousou-as no parapeito e empertigou-se, lutando, momentaneamente vitorioso, com o reumatismo que lhe flagelava as costas e ombros. Depois, ergueu a mão, com a palma para baixo, até à pala do boné de basebol, onde a conservou, como um velho guerreiro a saudar o neto que partia para mais uma guerra.

Don retribuiu o gesto, levantando a mão. Por último, pôs o carro em movimento. Não voltou a ver o avô. O ancião expirou durante o sono, em fins de outubro .

Em Londres, já anoitecera. Terry Martin trabalhara até tarde, porque embora os alunos se achassem ausentes nas férias de verão, tinha conferências para preparar. No entanto, naquele serão, empenhara-se especialmente em ter algo para fazer, a fim de

distrair o espírito daquilo que o preocupava.

Sabia para onde o irmão partira e imaginava os perigos envolvidos na tentativa de penetrar no Kuwait ocupado pelos iraquianos, sem ser interceptado.

Às dez, enquanto Don Walker rolava em direção à base, abandonou a escola, dirigiu uma saudação cordial ao porteiro e percorreu a Gower Street e St. Martins Lane, rumo a Trafalgar Square, animado da vaga esperança de a iluminação pública lhe neutralizar a amargura.

Em St. Martin-in-the-Fields, reparou que a porta estava aberta e, através dela, soava o cântico de hinos. Entrou, sentou-se num dos bancos da retaguarda e escutou o ensaio do coro. Todavia, as vozes límpidas só serviram para lhe intensificar a depressão e evocou a infância que partilhara com Mike, trinta anos atrás, em Bagdá.

Nigel e Susan Martin viviam numa casa de dois pisos confortável em Saadun, bairro elegante na metade da cidade 81 denominada Risafa. Mike nascera em 1953 e ele dois anos depois. A sua primeira recordação, quando tinha dois, era a de o irmão a vestir-se com esmero para o primeiro dia na escola pré-primária de Miss Saywell.

A vida era fácil e divertida para a comunidade britânica, em Bagdá dos anos cinquenta. Havia o clube Mansour e o Alwiya, com piscina, corte de tênis e recinto de squash, onde os funcionários da Iraq Petroleum Company e da embaixada se reuniam para jogar, nadar ou tomar bebidas frescas no bar.

Ele lembrava-se de Fátima, a ama, uma jovem roliça de uma aldeia do interior, a qual economizava o dinheiro do salário, a fim de poder casar com um jovem abastado, quando regressasse à sua tribo. Terry costumava jogar tênis com ela, antes de irem buscar Mike à escola de Miss Saywell.

Dois anos mais tarde, ele passou igualmente a frequentar esse estabelecimento, mas, devido à sua inteligência e facilidade em aprender, entraram juntos para a Escola Preparatória da Fundação, dirigida por Mr. Hartley.

Ele tinha seis anos e o irmão oito, quando se apresentaram em Tasísiya, frequentado igualmente por garotos iraquianos das classes

mais elevadas.

Entretanto, já houvera um golpe de Estado. O rei-menino e Nuri-as-Said foram assassinados e o general neocomunista Kassem assumira o poder absoluto. Embora os dois garotos ingleses se achassem inconscientes do fato, os pais e a comunidade britânica começavam a preocupar-se. Com o apoio do Partido Comunista iraquiano, Kassem procedia a um pogrom implacável entre os nacionalistas do Partido Baath, que, por seu turno, procuravam eliminá-lo. Um dos membros do grupo que tentara abater o ditador era um fogoso jovem que atendia pelo nome de Saddam Hussein.

No seu primeiro dia na Escola Preparatória, Terry viu-se rodeado por vários rapazes iraquianos.

— É um aborto — disse um.

Não sou! — replicou ele, e começou a chorar.

— És, sim. Gordo, branco e com cabelo esquisito. Não pareces outra coisa. Aborto, aborto, aborto!

E os outros fizeram coro, até que Mike se aproximou.

— Não digam isso ao meu irmão.

— Ele é teu irmão? Mas vocês não se parecem nada. Não passa de um aborto.

O emprego do punho cerrado não faz parte da cultura árabe. Com efeito, acha-se banido de muitas culturas, à parte em determinadas partes do Extremo Oriente. Mesmo a sul do Sara, não constitui uma arma tradicional. Os negros de África e seus descendentes tinham de ser ensinados a utilizá-lo, após o que se tornaram os melhores do mundo nessa prática. O soco do punho cerrado é sobretudo uma tradição do oeste do Mediterrâneo e, em especial, dos anglo-saxões.

O de Mike Martin contatou violentamente com o queixo do colega que tomara a iniciativa de insultar o irmão e derrubou-o sem dificuldade. Desde esse dia, ninguém voltou a chamar-lhe aborto.

Surpreendentemente, Mike e o iraquiano acabaram por se tornar bons amigos e, durante os anos na Escola Preparatória, foram inseparáveis. O garoto em causa chamava-se Hassan Rahmani. O terceiro membro do “bando” de Mike era Abdel-karim Badri, que tinha um irmão mais novo, Osman, da mesma idade de Terry. Por conseguinte, este e Osman tornaram-se igualmente

amigos, o que resultou útil porque o Badri mais velho visitava a casa dos pais deles com frequência. Era médico e os Martin escolheram-no para assistente da família. Foi ele que acudiu a Mike e Terry ao longo das habituais doenças mais ou menos infantis: sarampo, varicela, papeira, etc.

Terry recordava-se de que o mais velho dos irmãos Bradi tinha inclinação especial para a poesia, sempre imerso na leitura de um livro de poetas ingleses, e conquistara vários prêmios pela perfeição com que dizia versos, mesmo em competição com rapazes daquela nacionalidade. O mais jovem, Osman, brilhava em matemática e queria ser engenheiro ou arquiteto. Sentado ao fundo da sala do templo, Terry perguntava-se o que teria acontecido a todos eles.

Enquanto estudavam em Tasisiya, a situação à sua volta no fraque modificava-se. Quatro anos depois de tomar o poder com o assassinato do rei, Kassem foi por sua vez derrubado e morto por um exército que se preocupava crescentemente com o seu servilismo aos comunistas. Seguiram-se onze meses de governo partilhado pelas forças armadas e o Partido Baath, durante os quais os membros deste último exerceram represálias sangrentas sobre os antigos perseguidores.

Contudo, o exército acabou por afastar o Baath e relegou-o mais uma vez para a clandestinidade, governando sem companhia até 1968.

Em 1966, com treze anos, Mike fora enviado para uma escola pública inglesa chamada Haileybury, a fim de completar a educação, e Terry seguiu-lhe as pisadas, dois anos mais tarde. Naquele verão, os pais levaram-no a Inglaterra, em fins de junho, para poderem passar as férias grandes todos juntos, antes de Terry se juntar a Mike em Haileybury. Escaparam assim, por mero acaso, aos dois coups, a 14 e 30 de julho, que derrubaram o exército e colocaram o Partido Baath no poder, sob a égide do Presidente Bakr e a vice-presidência de um certo Saddam Hussein.

Nigel Martin suspeitara de algo do gênero, pelo que tomara as devidas precauções. Abandonou a IPC f22) e ingressou numa empresa petrolífera com sede em Inglaterra chamada Burmah Oil. Depois de recolher os bens da família e resolver os assuntos pendentes em Bagdá, fixou residência nos subúrbios de Hertford, de

onde se podia deslocar diariamente a Londres, para o novo emprego.

Tornou-se um exímio jogador de golfe e, nos fins-de-semana, os filhos faziam de seus caddies, quando enfrentava um colega da Burmah Oil chamado Denis Thatcher, cuja esposa manifestava particular interesse pela política.

Terry adorava o ambiente de Haileybury, então dirigida por William Steyvart, e os dois rapazes encontravam-se na Melvill House, na época sob a orientação de Richard Rhodes-James. Como era de prever, ele tornou-se no intelectual e Mike no atleta. A atitude protetora deste último em relação ao irmão, iniciada na escola de Hartley, em Bagdá, foi confirmada em Haileybury.

Desprezando a oportunidade de triunfar na universidade, Mike não tardou a anunciar a intenção de fazer carreira no Exército, decisão com a qual Rhodes-James concordou sem reservas.

Terry Martin abandonou a igreja quando o ensaio do coro terminou, cruzou Trafalgar Square e tomou o ônibus para Bayswater, onde partilhava um apartamento com Hilary. Quando passava diante do estádio de Park Lane, recordou-se do encontro final de râguebi contra Tonbridge, com que o irmão terminara os seus cinco anos em Haileyburgh e durante o qual brilhara e tivera um papel decisivo na vitória das suas cores. À saída, reuniu-se a Terry, que o aguardava exultante, estendeu a mão e revolveu-lhe o cabelo, enquanto dizia:

— Ganhamos, Bro.

E agora, procedendo como um idiota quando devia ficar calado, fizera com que o irmão fosse despachado para o Kuwait ocupado. A custo continha as lágrimas de revolta e frustração.

Desceu do ônibus e percorreu Chepstow Gardens. Hilary, ausente por três dias em serviço, já devia ter regressado. Oxalá que sim, pois ele necessitava de consolação. Quando abriu a porta do apartamento, chamou e ouviu com profunda alegria, a voz responder da sala.

A indignação consigo próprio atenuou-se nos braços confortáveis da pessoa com a qual partilhava a vida.

Mike Martin passara dois dias com o chefe de posto em Riad, cujos efetivos acabavam de ser aumentados com a adição demais

dois homens da Century.

O posto de Riad costuma funcionar na embaixada e como a Arábia Saudita é considerada o país mais receptivo aos interesses britânicos, nunca exigiu uma guarnição numerosa e equipamento complexo. No entanto, a crise no Golfo, já com dez dias de existência, alterara o panorama.

A recém-criada Coligação de nações ocidentais e árabes opunha-se veementemente à continuação da ocupação do Kuwait pelo Iraque e já nomeara dois comandantes-chefes: o general Norman Schwarzkopf, dos Estados Unidos, e o príncipe Khafed bin Sultan bin Abdulaziz, militar profissional de quarenta e oito anos, treinado em Sandhurst, Inglaterra, e nos Estados Unidos, sobrinho do rei e filho do Ministro da Defesa, príncipe Sultan.

O príncipe Khaled, em resposta ao pedido britânico, mostrara-se tão atencioso como sempre e, com notável prontidão, fora adquirida uma casa nos arrebaldes da cidade para alugar à embaixada de Inglaterra.

Técnicos de Londres instalavam receptores e transmissores com os inevitáveis dispositivos de codificação para uma utilização segura, e o local estava na iminência de se tornar o quartel-general do Serviço Secreto Britânico, enquanto a emergência perdurasse. Algures do outro lado da cidade, os americanos procediam de modo muito similar para a CIA, a qual tencionava visivelmente ter uma presença de peso. A animosidade que mais tarde se desenvolveria entre as altas patentes das forças armadas dos Estados Unidos e os civis da agência ainda não principiara.

Entretanto, Mike Martin ficara na residência privada do chefe de posto, Julian Gray. Os dois homens reconheceram que haveria qualquer vantagem em o primeiro ser visto em companhia de alguém da embaixada. A encantadora Mrs. Gray, dona de casa de carreira, fora sua anfitriã e nunca se lembrara de lhe perguntar quem era ou o que fazia na Arábia Saudita. Martin não pronunciava uma única sílaba em árabe diante do pessoal saudita, limitando-se a aceitar o café oferecido com um sorriso e um “Obrigado” em inglês.

No serão do segundo dia, Gray procedeu à transmissão de instruções finais, e pareceu-lhes que tinham abarcado tudo o possível, pelo menos em Riad.

Você segue de avião para Dhahran, pela manhã. É um voo civil de Saudia. Deixaram de os efetuar diretos para Khafji. Haverá alguém à sua espera. A Firma estabeleceu um “expedidor” naquela cidade, que o acompanhará ao norte. Aqui para nós, creio que pertenceu ao Regimento. Sparky Low.

— Conhece-o?

— Conheço — assentiu Martin.

— Tem todas as coisas que você disse que precisava. E descobriu um jovem piloto kuwaitiano com o qual decerto gostará de conversar. Receberá de nós todas as fotografias mais recentes dos satélites americanos da área fronteiriça e das principais concentrações de tropas iraquianas a evitar, além de tudo o resto que obtivermos. Finalmente, estas fotos acabam de chegar de Londres.

Gray estendeu várias em cima da mesa da sala de jantar.

— Saddam parece que ainda não nomeou um governador — -geral iraquiano. Tudo indica que procura formar uma administração de traidores kuwaitianos, sem até agora o conseguir. Nem a própria oposição do Kuwait quer colaborar. No entanto, dá a impressão de que já existe uma polícia secreta numerosa. Este aqui deve ser o chefe da AMAM local, chamado Sabaawi, um filho da mãe de todo o tamanho. O seu patrão em Bagdá é o chefe da Amn-al-Amm, Ornar Khatib. Este.

Martin observou o rosto da fotografia — uma expressão quase bestial, com um misto de crueldade e esperteza saloia nos olhos e cantos dos lábios.

— Tem reputação de sanguinário. Como o seu homólogo no Kuwait, Sabaawi. Khatib tem cerca de quarenta e cinco anos, oriundo de Tikrit, pertencente ao clã de Saddam e seu homem de mão de longa data. Ainda não sabemos muito sobre Sabaawi, mas iremos elucidando gradualmente.

Gray indicou outra foto. — Além da AMAM, Bagdá enviou uma equipe do Departamento de Contra-Espionagem da Mukhabarat, provavelmente para se ocupar dos estrangeiros e qualquer tentativa de espionagem ou sabotagem. O patrão da CE é este aqui, considerado extremamente astuto e inteligente. Talvez seja o merecedor demais atenção.

Era o dia 8 de agosto. Mais um Galaxy C-5 ecoou sobre as suas cabeças em direção ao aeroporto militar das proximidades, parte da vasta máquina logística que já se achava em atividade e trazia o seu interminável material para um reino muçulmano nervoso, incompreensivo e extremamente tradicional.

Mike Martin baixou os olhos e fixou-os no rosto de Saddam Hussein.

Era de novo Steve Laing ao telefone.

— Não quero falar — disse Terry Martin.

— Acho que deve, Dr. Martin. Está preocupado com o seu irmão, não é?

— Muito.

— Não tem motivo para isso. Ele sabe cuidar de si. De resto, queria ir. Não há a menor dúvida a esse respeito. Concedemos-lhe plena liberdade para recusar.

— Eu devia ter ficado calado.

— Tente encarar a situação do nosso ponto de vista, doutor. Se as coisas se agravarem, talvez tenhamos de mandar muitos outros irmãos, maridos, filhos, tios e seres amados para o Golfo. Não lhe parece, pois, que nos compete recorrer a todos os meios para limitar as baixas?

— Está bem. Que pretende?

— Mais um almoço, se não achar inconveniente. É mais fácil trocar impressões frente a frente. Conhece o Hotel Montcalm? À uma, está bem?

— Apesar dos miolos que tem, é um emocional — dissera Laing a Simon Paxman, naquela manhã.

— Santo Deus! — bradou este último, como um entomologista que acabava de descobrir uma nova espécie debaixo de uma pedra.

O espião-chefe e o acadêmico ocupavam um reservado discreto, pois Mr. Costa providenciara nesse sentido. Depois de se servir de postas de salmão, Laing abordou o assunto.

— A verdade é que talvez acabe por haver guerra no Golfo. Não para já, claro, pois precisamos de tempo para organizar os efetivos necessários. Os americanos estão nitidamente inclinados nesse sentido, com o apoio absoluto da nossa dama de

Downing Street, para expulsar Saddam Hussein e os seus rufias do Kuwait.

— E se ele decidir retirar-se espontaneamente? — sugeriu Martin.

— Nesse caso, não haverá necessidade de guerra — admitiu Laing, embora intimamente considerasse que essa alternativa, no fundo, não seria muito conveniente, pois havia rumores pouco tranquilizadores no ar, principal causa daquele almoço com o arabista. — De contrário, não hesitaremos, sob os auspícios das Nações Unidas.

— Fala no plural...

— Refiro-me em particular aos americanos. Enviaremos efetivos para ajudá-los por terra, mar e ar. Temos navios no Golfo neste momento e caças e bombardeiros que se dirigem para o sul. A Dama de Ferro está disposta a mostrar ao mundo que não nos deixaremos intimidar. De momento, não passa da Proteção do Deserto, para impedir o filho da mãe de tentar invadir a Arábia Saudita. Mas a situação pode agravar-se. Suponho que ouviu falar das WMD?

— Armas de destruição em massa? Com certeza.

— É este o problema. NBC. Nucleares, bacteriológicas e químicas O nosso pessoal da Century tem tentado prevenir discretamente os chefes políticos nos últimos tempos. No ano passado, o Chefe apresentou uma comunicação intitulada “Os Serviços Secretos nos Anos Noventa”. Esclarece que a grande ameaça, após o termo da Guerra Fria, é a Proliferação.

— O nosso amigo Saddam Hussein dispõe de material abundante dessa natureza.

— Este é o ponto. Calculamos que ele gastou cinquenta bilhões de dólares nos últimos dez anos em armamento sofisticado. Daí ter chegado à bancarrota, pois deve quinze bilhões ao Kuwait e outros tantos aos sauditas, e isto apenas em empréstimos durante a guerra Irã-Iraque. Invadiu Kuwait porque o governo se negava a perdoar a dívida e facilitar-lhe mais trinta milhões para equilibrar a economia interna. O pormenor menos tranquilizador no meio de tudo isso é que a terça parte desse dinheiro, nada menos que dezessete bilhões, foi gasta com a aquisição de WMD ou de meios

para as obter.

— E o Ocidente acordou finalmente?

— Com uma vingança. Há uma operação gigantesca em marcha. Langley recebeu instruções para percorrer o mundo, a fim de tentar determinar os governos que venderam esse tipo de matéria-prima ao Iraque e verificar as licenças de exportação. Nós fazemos a mesma coisa.

— Não deve demorar muito, se esses governos colaborarem, como decerto acontecerá.

— Não é tão fácil como pensa. Embora ainda seja cedo para traçar uma conclusão definitiva, parece não subsistirem dúvidas de que o genro de Saddam, Kamil, montou uma máquina de aquisição altamente eficiente. Centenas de pequenas empresas falsas espalhadas pela Europa e três Américas, que se dedicam aparentemente a atividades inocentes. No entanto, uma vez reunidos os produtos "inofensivos" de que se ocupam, obtém-se um todo altamente preocupante.

— Sabemos que ele tem gás venenoso — assentiu Martin. — Utilizou-o contra os curdos e os iranianos em Fao. Fosgênio, gás mostarda. Mas constou-nos que também existem agentes nervosos. Sem odor ou qualquer indício visível. Mortais a curto prazo.

— Bem que eu achei que você era um poço de informação.

Laing achava-se ao corrente de tudo aquilo, mas também conhecia as vantagens da adulação.

— Há depois o antraz. Ele também se dedicou a experiências com isso e porventura com a epidemia pneumônica. Mas não se podem manipular essas coisas com luvas de cozinha. Há necessidade de equipamento químico especializado, que devia figurar nas licenças de exportação.

Inclinou a cabeça e emitiu um suspiro de frustração.

— Sim, devia. Mas os investigadores já estão a contas com dois problemas. Uma muralha de ofuscação da parte de algumas companhias, sobretudo na Alemanha, e a questão do uso duplo. Alguém resolve expedir um carregamento de pesticida, e que há demais inocente num país que tenta incrementar as suas produções agrícolas? Outra companhia de outro país envia um produto químico diferente, também um "pesticida". Por fim, um especialista junta-os

e... bingo. Surge um gás venenoso. Em seguida, ambos os fornecedores choramingam: “Não sabíamos de nada!” A chave reside no equipamento da mistura química.

— Estamos perante alta tecnologia. Não se podem juntar ingredientes desses numa banheira. Procurem as pessoas que abastecem essas fábricas básicas e aquelas que preparam os produtos.

— Fábricas básicas?

— Sim, unidades fabris construídas do zero por companhias estrangeiras contratadas. O novo proprietário limita-se a receber a chave e entrar. Mas nada disto explica este nosso almoço. Vocês devem ter acesso a químicos e físicos. Eu só estou ao corrente dessas coisas por interesse pessoal. Por que me escolheu?

Laing moveu a colher na xícara de café por um momento, consciente de que devia agir com prudência.

— Sim, dispomos de químicos e físicos. Peritos de todas as espécies. E decerto acabarão por chegar a conclusões úteis. Depois traduziremos em linguagem clara. Trabalhamos em colaboração total com Washington. Os americanos farão o mesmo e compararemos as nossas análises. Obteremos assim algumas respostas, mas não todas. Estamos convencidos de que você tem algo de diferente para oferecer. Daí o presente almoço. Como talvez não ignore, quase todas as nossas altas patentes pensam que os árabes não são capazes de montar um triciclo, quanto mais inventá-lo.

Compreendeu que acabava de tocar num nervo sensível. O perfil psicológico do Dr. Terry Martin que encomendara estava na iminência de demonstrar a sua utilidade. O acadêmico corou e replicou:

— Aqui para nós, fico furioso quando vejo compatriotas insistindo em que os povos árabes não passam de condutores de camelos com toalhas de chá enroladas na cabeça. Sim, estou sabendo dessa crença. Na realidade, eles construíam palácios, mesquitas, portos, autoestradas e sistemas de irrigação extremamente complexos quando nossos antepassados ainda andavam em peles de urso. Estávamos sem rumo definido no limiar da História quando eles já tinham governantes de valor e

legisladores de notável discernimento.

Inclinou-se para a frente e apontou a colher do café ao homem da Century na sua frente.

— Garanto que os iraquianos contam com cientistas brilhantes e, como construtores, não têm comparação. Os seus arquitetos superam os de toda a região, e não excluo Israel. Admito que muitos recebam treinamento na União Soviética ou no Ocidente, mas absorveram os conhecimentos como esponjas e acrescentaram muitos e valiosos elementos de sua autoria.

Fez uma pausa e Laing apressou-se a voltar à carga.

— Concordo inteiramente. Embora minha permanência na Divisão do Oriente Médio da Century seja de um ano apenas, cheguei à mesma conclusão. Os iraquianos são um povo muito talentoso. No entanto, governa-os um homem que já se dedicou ao genocídio. Todo o seu dinheiro e talento serão realmente utilizados para matar dezenas, talvez centenas de milhares de pessoas. Saddam oferecerá a glória aos seus súbditos ou os arrastará para uma carnificina indiscriminada?

— Tem razão. O homem é uma aberração. Perverteu o nacionalismo do antigo Partido Baath em Nacional-Socialismo, inspirado em Adolf Hitler. Que pretendem de mim?

Laing refletiu por um momento. Achava-se demasiado perto de conseguir o que tinha em mente, para o perder com alguma imprudência.

— George Bush e a Dama de Ferro concordaram em que os nossos dois países criassem um corpo de investigação e analisasse toda a área das WMD de Saddam. Os investigadores fornecerão os fatos à medida que os descobrirem e os peritos nos revelarão o seu significado. Que possui ele concretamente? Com que grau de desenvolvimento? Em que quantidade? De que necessitamos para nos proteger disso, se eclodir a guerra? Máscaras de gás? Trajes especiais? Seringas com antídotos?

— Não entendo nada dessas coisas — argumentou Martin.

— Mas sabe algo que ignoramos. O funcionamento da mente árabe, de Saddam. Ele utilizará o que possui, endurecerá a sua posição no Kuwait ou acabará por se retirar? Que métodos o obrigarão a renunciar? Levará a sua intenção até o fim? O nosso

pessoal não entende o conceito árabe do martírio.

Soltou uma risada.

— O Presidente Bush e todos que o rodeiam atuarão em conformidade com os princípios pelos quais foram educados, que se baseiam na filosofia moral do cristianismo, apoiada pela lógica greco-romano. E Saddam reagirá com base na sua ótica de si mesmo.

— Como árabe e muçulmano? O Islã não tem nada a ver com isso. Ele está pouco se lixando para o Hadith, os ensinamentos codificados do Profeta. Reza diante das câmeras quando lhe convém. Não, temos de recuar a Nínive e à Assíria. Preocupa-se pouco com quantos tenham de morrer, desde que pense que pode vencer.

— Não pode vencer a América. Ninguém pode.

— Engana-se. Emprega o termo "vencer" como qualquer inglês ou americano. Da mesma maneira que Bush, Scowcroft e os outros em volta. Saddam encara as coisas de um modo muito diferente. Se sair do Kuwait porque o rei Fatíd lhe pagou, o que podia ter acontecido, se a conferência de Jeddah se realizasse, vencerá com honra. Ser pago para renunciar aos seus desígnios considera-se aceitável. Fica a ganhar. Mas a América não o permitirá.

— Nem pensar.

— Mas se se retirar sob ameaça, perde. Toda a Arábia verá. Perde e provavelmente morre. Portanto, não recuará.

— E se a máquina de guerra americana for lançada contra ele? Ficará reduzido a fragmentos irreconhecíveis.

— Tem seu bunker. O povo morrerá, mas isso não tem importância. Por outro lado, se conseguir abalar a América, vencerá. Se a afetar com gravidade, será coberto de glória. Vivo ou morto. Vencerá.

— Assunto complicado — resmungou Laing, com um suspiro.

— Nem por isso. Verifica-se um salto profundo na filosofia moral quando se cruza o Jordão. Permita-me que repita a pergunta: o que pretendem de mim?

— A comissão está em formação. Precisamos que tente explicar aos peritos a questão dessas armas de destruição em massa. As peças de artilharia, tanques, aviões etc. ficam a cargo do

Ministério da Defesa. Não constituem o fulcro do problema. São coisas que podemos destruir do ar. De momento, há duas comissões: uma em Washington e a outra em Londres. Com observadores ingleses na deles e americanos na nossa. Haverá pessoal do Ministério dos Assuntos Estrangeiros, Aldermaston e Porton Down. A Century tem dois locais. Vou enviar um colega, chefe da seção do Iraque, Simon Paxman. Gostava que você lhe fizesse companhia, para verificar se existe algum aspecto da interpretação suscetível de nos passar despercebido por se tratar de uma faceta peculiarmente árabe. É o seu ponto forte, que lhe permite contribuir com eficiência.

— Muito bem. Contribuirei com o que puder, que poderá se resumir a nada. Que nome tem a comissão? Quando se reúne?

— Simon telefonará mais tarde para fornecer esses e outros esclarecimentos. Na verdade, tem um nome muito apropriado, Medusa.

O crepúsculo começava a envolver a base aérea Seymour Johnson, naquela tarde cálida de 10 de agosto.

Os homens da Esquadrilha de Caças tática 334 que ainda não estavam operacionais com os F-15E e os dos 335 TFS, os Chefes, que seguiriam para o Golfo em dezembro, assistiam à azáfama à sua volta. Com a Esquadrilha 336, constituíam o Quarto Grupo de Caças tático da Força Aérea 9. Era a 336 que se preparava para partir.

Dois dias de atividade frenética chegavam finalmente ao seu termo — quarenta e oito horas de preparação dos aparelhos, planeamento da rota, escolha do equipamento, alojamento dos manuais secretos e do computador da esquadrilha, com todas as táticas de combate armazenadas no seu banco de dados. A mudança de uma esquadrilha de aviões não é a mesma coisa que uma mudança de casa, que, mesmo assim, não causa pouco trabalho. Parece mais a transferência de uma pequena cidade.

Na pista, os vinte e quatro Eagle aguardavam em silêncio — feras temíveis à espera das pequenas criaturas da mesma espécie que as tinham concebido e construído, para comandar o seu poder imenso com pontas dos dedos insignificantes.

Encontravam-se a postos para o longo voo em direção à península arábica numa única tirada. Embora transportassem uma quantidade enorme e pesada de material, mais tarde, uma caravana aérea de Starlifters e Galaxies levaria o resto, em que estaria incluído o equipamento eletrônico e variadas máquinas para as oficinas de eventuais reparações.

Cada Strike Eagle, naquela tarde, representava quarenta e quatro milhões de dólares de caixas pretas, ligas de alumínio e fibra de carbono, computadores e peças hidráulicas, juntamente com algum trabalho de design inspirado. Embora este originasse de trinta anos atrás, o Eagle era um novo avião de caça.

À testa da delegação cívica da vila de Goldsboro, estava o governador da comunidade Hal K. Plonk, conhecido pela diplomacia hábil com que enfrentava os periódicos e exigentes, visitantes oficiais de Washington, o que lhe permitia levar a bom termo as suas pretensões. Naturalmente, obtinha uma, maioria de votos confortável nas sucessivas eleições regionais.

Ao lado do comandante de esquadrilha Hal Hornburg, a delegação cívica contemplava com orgulho os Eagles, os quais, rebocados por tratores, emergiam dos hangares e eram gradualmente ocupados pelos tripulantes. Assim que um aparelho se imobilizava no extremo da pista, o pessoal de manutenção apressava-se a rodeá-lo para as verificações usuais antes da partida.

— Conhece aquela do general e a prostituta? — perguntou o governador ao oficial da Força Aérea a seu lado.

Por sorte, naquele momento Dom Walker ligou os motores, e o uivo dos dois turbojatos Pratt and Whitney F100-PW-22O abafou os pormenores das deploráveis experiências da mulher em causa às mãos do general.

Ao longo da pista até o ponto de decolagem, havia grupos de guardas armados e da polícia da Força Aérea. Uns acenavam e outros perfilavam-se, enquanto os aparelhos desfilavam para lá.

Os Eagles aguardavam pacientemente — 20 metros de comprimento, 6 de altura e 13 de largura, com o peso de 18000 quilogramas sem carga e 40.000 com a capacidade máxima de largada, como quase acontecia naquele momento. A decolagem

seria uma operação prolongada.

Por fim, os aparelhos avançaram na pista e, cerca de dois quilômetros adiante, à velocidade de 185 nós, as rodas deixaram de contatar com o solo, após o que o trem de aterragem recolheu lentamente às entranhas do respectivo avião.

A esquadrilha não tardou a dispor-se em formação ampla, cem aproximadamente mil e quinhentos metros entre as extremidades das asas dos diferentes aparelhos. Uma hora mais tarde, os pilotos avistaram as luzes de presença do primeiro “petroleiro” KC-10.

Don Walker foi o primeiro a abastecer-se, para o que, coadjuvado pelo co-piloto, Tim, procedeu à manobra de abordagem, após o que o carburante se transferiu rapidamente até atingir o quantitativo desejado.

No final da operação coletiva, prosseguiram através da noite, que não foi longa, pois a esquadrilha deslocava-se em direção a Nascente. Seis horas mais tarde, o Sol surgiu, quando sobrevoavam a costa de Espanha e se deslocavam tanto quanto possível a norte para evitar a Líbia. À medida que se acercavam do Egito, parte das forças da Coligação, a 336 rumou a sueste, alcançou o espaço aéreo do Mar Vermelho e os tripulantes avistaram pela primeira vez a imensa extensão de areia chamada Deserto árabe.

Depois de quinze horas no ar, cansados e rígidos, os quarenta e oito jovens americanos aterraram em Dhahran, na Arábia Saudita. Em seguida, na sequência de um intervalo de cerca de duas rumaram ao seu destino final: a base aérea de Thumrait, no sultanato de Omana.

Viveriam lá em condições que mais tarde recordariam com nostalgia — a mil e duzentos quilômetros da fronteira iraquiana e da zona de perigo, durante quatro meses, até meados de dezembro. Tripulariam missões de treino sobre o interior de Omã, quando o equipamento de apoio chegasse, tomariam banho nas águas azuis do Oceano Índico e aguardariam o que Deus e Norman Schwarzkopf lhes reservasse.

Em dezembro, entrariam na Arábia Saudita e um deles, embora nunca viesse a sabê-lo, alteraria o curso da guerra.

Capítulo 5

O aeroporto de Dhahran estava superlotado. Parecia a Mike Martin, ao chegar de Riad, que a maior parte dos habitantes da costa oriental queria sair dali. Situado no coração da longa fiada de campos petrolíferos que proporcionavam à Arábia Saudita a sua riqueza fabulosa, há muito que se acostumara à presença de americanos e europeus, ao contrário de Taíf, Riad, Yenbo e outras cidades do reino.

Nem o próprio porto de Jeddah tinha o hábito de albergar tantos rostos anglo-saxões nas suas ruas, mas, na segunda semana de agosto, estaria na iminência de rebentar pelas costuras com a invasão.

Alguns tentavam abandonar a área e muitos tinham percorrido a estrada de carro até Bahrain, para embarcar aí num avião. Outros ainda acudiam ao aeroporto de Dhahran, na sua mataria esposas e famílias de indivíduos envolvidos na indústria petrolífera, com destino a Riad e ligação com um voo que os conduzisse ao país de origem.

Assim, o movimento nas pistas era virtualmente ininterrupto. O aparelho civil de Martin conseguira aterrar entre dois Galaxies C-5.

Não se tratava da Tempestade no Deserto, campanha para libertar o Kuwait, ainda a cinco meses de distância, mas apenas da Proteção do Deserto, destinada a dissuadir o exército iraniano, agora aumentado para catorze divisões dispostas ao longo da fronteira e de todo o Kuwait, a partir do sul.

Para um observador vulgar postado no aeroporto de Dhahran, o cenário poderia resultar impressionante, porém uma observação mais atenta revelaria que a camada protetora tinha a espessura do papel. A artilharia e blindados americanos ainda não haviam chegado — as primeiras partidas pelo mar começavam a abandonar as águas dos Estados Unidos-e o material transportado pelos Galaxies, Starlifters e Hércules não passavam de uma fracão da carga que um navio podia transportar.

Os Eagles estacionados em Dhahran, os Hornets dos Fuzileiros em Bahrain e os Tornados britânicos que acabavam de

chegar a Dhahran e ainda não haviam praticamente arrefecido do longo percurso desde a Alemanha dispunham entre si de material suficiente para montar meia dúzia de missões antes de se esgotar.

Martin abriu caminho com o ombro através da multidão, com o saco que constituía a sua única bagagem sobre o ombro, e descortinou um rosto familiar do outro lado da sala das chegadas.

No seu primeiro curso de seleção para o SAS, quando lhe disseram que não tentariam treiná-lo, mas matá-lo, o objetivo quase fora atingido. Um dia, efetuara uma marcha de cinquenta quilômetros nos Brecons, um dos terrenos mais cruéis da Grã-Bretanha, sob chuva glacial, com cinquenta quilogramas de equipamento na mochila. À semelhança dos companheiros, achava-se exausto, encerrado num mundo hermético onde toda a existência representava um pesadelo de dor e desconforto e só a força de vontade sobrevivia. ; De súbito, avistou o belo e atraente caminhão. Significava o termo da marcha e, em termos de resistência humana, o final do percurso. Cem metros, oitenta, cinquenta, enquanto o martirizado corpo já antevia os prazeres de um largamente merecido repouso.

Havia um homem sentado na retaguarda do caminhão, com o olhar indiferente pousado no rosto amargurado que se acercava. Quando o taipal estava a trinta centímetros dos dedos estendidos, a viatura pôs-se subitamente em marcha, para desaparecer no horizonte. Esse homem era Sparky Low.

— Olá, Mike. Tenho muito gosto em voltar a ver-te.

Um episódio daquela natureza não se esquecia nem perdoava com facilidade.

— Salve, Sparky. Como vai tudo?

— Podia ir muito melhor, para ser franco. — Sparky conduziu o decrépito jipe de tração dupla para fora do superlotado parque de estacionamento e, trinta minutos mais tarde, os dois homens deixavam Dhahran para trás e rumavam a norte. Khafji distava 320 quilômetros, um trajeto de três horas, mas depois de o porto de Jubail deslizar para a sua direita, eles ficaram com menos problemas de tráfego para resolver. Na verdade, a estrada achava-se quase deserta, porquanto ninguém tinha vontade especial de visitar Khafji, pequena comunidade petrolífera na fronteira do

Kuwait, agora reduzida a uma vila fantasma. — Continuam a chegar refugiados? — perguntou Martin.

— Alguns, mas o maior afluxo já passou. Os que vêm pela estrada principal são sobretudo mulheres e crianças com passes. Os iraquianos deixam-nas seguir para se livrarem delas. Se eu dominasse o Kuwait também quereria desembaraçar-me dos expatriados. Chegam igualmente vários indianos, que eles parecem ignorar. Quanto a mim, fazem mal. Esses tipos dispõem de boas informações, e consegui convencer alguns a voltar para trás e levar mensagens aos nossos.

— Arranjaram o que pedi?

— Sim. Gray deve ter puxado alguns cordões. Chegou num caminhão, com dizeres de origens sauditas, ontem. Mandei-o colocar no quarto vago. Esta noite, jantamos com aquele piloto da Força Aérea do Kuwait de que te falei. Diz que tem contatos no interior do país, pessoas de confiança que podem ser-nos úteis.

A casa requisitada por Sparky Low não era má, na opinião de Martin. Pertencia a um executivo petrolífero americano da Aramco, que o transferira para Dhahran.

Martin considerou prudente não perguntar a Sparky o que fazia naquele setor arborizado. Era óbvio que também fora pedido "emprestado" pela Century House e a sua tarefa parecia consistir em interceptar os refugiados que se infiltravam no sul e, se queriam falar, extrair-lhes tudo o que haviam visto e ouvido.

Khafji estava virtualmente deserta, à parte no tocante à Guarda Nacional saudita, instalada em posições defensivas dentro e em redor da localidade. Mas havia alguns sauditas desconsolados que continuavam com as portas do seu negócio abertas, à espera de um eventual e improvável cliente. Assim, Martin pôde adquirir a roupa de que necessitava.

Ainda havia energia elétrica, em meados de agosto, o que implicava que o condicionamento de ar funcionava, assim como a bomba de água do poço e o termoacumulador. Ele podia tomar banho, se quisesse, todavia absteve-se de o fazer. Havia três dias que não se lavava, barbeava ou utilizava a escova de dentes. Se Mrs. Gray, sua anfitriã em Riad, se dera conta do mau odor crescente, como decerto acontecera, a educação esmerada que

recebera impedira-a de mencionar o fato. Como higiene dentária, Martin limitava-se a utilizar um palito, no final das refeições. Sparky Low também não emitiu qualquer comentário, mas conhecia o motivo.

O oficial kuwaitiano era um jovem bem-parecido de vinte e seis anos, indignado com o que fora feito à sua pátria e claramente apoiante da derrubada dinastia real de Al Sabah, agora 97 alojado num hotel de luxo em Taif, como hóspede do rei Fahd, da Arábia Saudita.

Mostrou-se algo perplexo ao verificar que, embora o seu anfitrião correspondesse ao que imaginara, um oficial britânico trajado à paisana, a terceira personagem à mesa, aparentemente árabe, usava um thob encardido, com um keffiyeh que lhe cobria mais da metade do rosto. Quando Low procedeu às apresentações, exclamou: — É realmente inglês?

Depois de ouvir o motivo pelo qual Martin se vestia daquele modo e ocultava parte do rosto, inclinou a cabeça. — Aceite as minhas desculpas, major. Compreendo perfeitamente.

Referia-se à circunstância de o seu interlocutor considerar conveniente que não lhe visse o rosto, para eliminar a possibilidade de o descrever mais tarde, se fosse feito prisioneiro e torturado.

A sua história era simples. Fora chamado em casa, na tarde de 1 de agosto, para se apresentar na base aérea de Ahmadi, onde se achava colocado. Ao longo da noite, ele e os outros oficiais escutaram as informações pela rádio da invasão do seu país pelo norte. Ao amanhecer, a sua esquadrilha de Skyhawks preparou-se para a decolagem. Aquele tipo de avião, apesar de não obedecer aos requisitos mais modernos, ainda se podia revelar útil. Embora não pudesse enfrentar vitoriosamente os MIG 23, 25 ou 29 iraquianos ou os seus Mirage de origem francesa, até agora não se lhe deparara nenhum.

Encontrara os seus alvos nos subúrbios a norte de Kuwait City, pouco após a alvorada.

— Destruí um dos tanques com meus mísseis — explicou, excitado. — Posso afirmá-lo, porque o vi arder. Ainda neutralizei dois ou três caminhões de apoio, até que fiquei sem munições e regressei à base. Mas quando sobrevoávamos Ahmadi, a torre de

controle indicou-nos que seguíssemos para sul em direção à fronteira e salvássemos os aparelhos. Tinha o depósito de carburante quase vazio no momento em que aterrei em Dhahran. Conseguimos levar para lá mais de sessenta: Skyhawks, Mirage e Hawks de treino. Além de helicópteros Gazelle, Puma e Super-Puma. Agora combaterei a partir daqui e regressarei quando formos libertados. Pensam que o ataque principiará em breve?

Sparky Low exibiu um sorriso cauteloso, ante o entusiasmo do rapaz.

— É natural que ainda demore um pouco. Há que ter paciência. Existe um longo trabalho preparatório. Fale-nos do seu pai.

Segundo constava, o pai do piloto era um comerciante abastado, amigo da família real e figura influente no território. Colaboraria com as forças invasoras?

— Nunca! Pelo contrário, fará tudo ao seu alcance para acelerar a libertação. — O rapaz voltou-se para o rosto parcialmente encoberto. — Se se encontrarem, pode confiar nele.

— É possível que nos encontremos — admitiu Martin.

— Importa-se de lhe levar uma mensagem minha?

O piloto escreveu durante alguns minutos numa folha de papel, que entregou a Martin, o qual a queimou no cinzeiro, depois de o outro se retirar. Não podia levar nada de comprometedor para Kuwait City.

Na manhã seguinte, ele e Low colocaram o “equipamento” que pedira na retaguarda do jipe e seguiram de novo para o sul até Manifah, onde cortaram para oeste ao longo da estrada de Tapline, que se estendia perto da fronteira iraquiana, através da Arábia Saudita. Chamavam-lhe Tapline, porque TAP eram as iniciais de Trans-Arabian Pipeline.

Mais tarde, a estrada Tapline tornar-se^ia a principal artéria de transporte dos maiores efetivos militares terrestres jamais vistos, quando 400000 americanos, 70000 ingleses, 10000 franceses, 200000 sauditas e outros soldados árabes se juntaram para a invasão do Iraque e Kuwait pelo sul. Mas naquele dia apresentava-se deserta.

Alguns quilômetros adiante, o jipe virou de novo a norte e

tornou a aproximar-se da fronteira da Arábia Saudita com o Kuwait, mas num lugar diferente, mais para o interior. Perto da aldeia infestada de mascas de Hamatiyyat, do lado saudita, a fronteira situa-se no ponto mais próximo de Kuwait City.

As fotografias dos reconhecimentos por via aérea efetuadas por Gray em Riad mostravam que o grosso das forças armadas iraquianas se concentrava acima da fronteira, mas perto da costa. Quanto mais para o interior uma pessoa ia, menor o número de postos de vigilância das tropas do Iraque. Agrupavam-se entre a encruzilhada de Nuwaisib na costa e o posto fronteiriço de Al-Wafra, 60 quilômetros para o interior.

A aldeia de Hamatiyyat situa-se a 50 quilômetros da orla do deserto. Os camelos que Martin pedira aguardavam-nos numa pequena fazenda dos subúrbios — uma fêmea e respectivo rebento.

— Para que é a "criança"? — perguntou Low, enquanto se conservavam sentados no jipe e observavam os animais no curral.

— Para efeito de "cobertura". Se alguém me interrogar, digo que a levo às fazendas de camelos de Sulaibiya, para vender. Lá, os preços são melhores. Martin desceu do jipe e foi acordar o condutor de camelos que dormitava à sombra da sua barraca. Os dois homens conservaram-se de cócoras durante trinta minutos, para discutir o preço dos animais. Nunca passou pela cabeça do árabe que não falava com um beduíno endinheirado interessado em adquirir dois bons camelos.

Concluído o negócio, Martin pagou o preço ajustado e levou os dois animais para um local, a cerca de dois quilômetros de distância, onde se achavam a coberto de olhares indiscretos pelas dunas. Low reuniu-se-lhe no jipe.

Este último mantivera-se a um par de centenas de metros do curral e entretivera-se a observar os acontecimentos. Embora conhecesse bem a península árabe, nunca trabalhara com Martin e achava-se impressionado. O homem não se limitava a fingir que era árabe. A partir do momento que se apeou do jipe, converteu-se num autêntico beduíno.

Se bem que ele o ignorasse, no dia anterior, no Kuwait, dois engenheiros britânicos, ansiosos por abandonar a região, emergiram do seu apartamento trajados como autênticos

kuwaitianos. Haviam percorrido metade da distância que os separava do seu carro, quando uma criança gritou: “Por muito que se vistam como árabes, andam como ingleses.” Os engenheiros voltaram para o apartamento, de onde não tornaram a sair.

Transpirando abundantemente ao sol, mas fora do campo visual de algum eventual curioso, os dois homens do SÁS transferiram o “equipamento” para as cestas de bagagem que pendiam de cada lado da camela, a qual estava agachada e protestava com o peso suplementar através de uma espécie de grunhido prolongado.

Os 100 quilogramas de explosivo Semtex-H foram acondicionados numa das cestas, cada bloco de três quilogramas envolto em pano, com alguns grãos de café por cima, a fim de tranquilizar um soldado iraquiano que insistisse em espreitar. Na outra, deram entrada as metralhadoras-ligeiras, munições, detonadores e granadas, juntamente com o pequeno, mas potente, emissor-receptor de Martin, o qual tinha incorporado o prato de uma antena parabólica e pilhas de cádmio-níquel sobresselentes. Mais uma vez, uma quantidade apropriada de grãos de café cobria o conteúdo.

Quando terminaram, Low perguntou: — Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

— Não, é tudo, obrigado. Ficarei aqui até o por do sol. Você não precisa esperar.

Low estendeu a mão. — Lamento aquilo dos Brecons — disse.

— Passou. — Martin apertou-a. — Sobrevivi.

— Sim, é o que todos nós fazemos. Sobreviver. Continua com sorte, Mike.

Quando ficou só, Mark encostou-se à sela do camelo, puxou o keffiyeh para o rosto e entregou-se a reflexões sobre os dias que se avizinhavam. O deserto não constituiria um problema, mas a confusão que decerto reinava em Kuwait City talvez representasse um obstáculo. Até que ponto estariam apertados os controles e as barreiras nas estradas? Qual o grau de astúcia dos soldados que os guarneciam? A Century oferecera-se para tentar obter-lhe documentos falsos, porém ele discordara. Os iraquianos podiam ter

modificado os requisitos para comprovação da identidade.

Estava convencido de que o disfarce que escolhera era dos melhores no mundo árabe. Os beduínos circulam à sua vontade. Não oferecem qualquer resistência a exércitos invasores, porque assistiram à presença de muitos ao longo dos tempos: sarracenos e turcos, cruzados e templários, alemães e franceses, ingleses e egípcios, israelenses e iraquianos. E sobreviveram a todos, porque se alhearam propositadamente dos assuntos de natureza política e militar.

Muitos regimes tentaram subjugá-los, sem êxito. O rei Fahd, da Arábia Saudita, decretou que todos os cidadãos deviam ter uma casa e mandou construir uma pequena povoação chamada Escan, equipada com todos os requisitos modernos — piscinas, casas de banho e água corrente em toda a parte. Alguns beduínos deixaram-se atrair pelas inovações e instalaram-se lá. No entanto, após um período mais ou menos breve de permanência, retiraram-se, depois de explicar polidamente ao monarca que preferiam dormir sob as estrelas. Escan foi aproveitada pelos americanos durante a crise do Golfo.

Martin também sabia que o problema mais agudo consistia na sua altura. Tinha um metro e setenta e cinco e quase todos os beduínos eram muito mais baixos.

A ausência de documentos de identificação não o apoquentava, pois vários governos tinham tentado, em vão, obrigar os beduínos a possuí-los, e acabado por se preocupar unicamente com providências para evitar que causassem distúrbios. Por conseguinte, nunca lhes passaria pela cabeça envolverem-se em qualquer movimento de resistência kuwaitiano. Martin sabia-o perfeitamente e acalentava a esperança de que os iraquianos também estivessem conscientes disso.

Passou pelo sono até o por do sol e subiu para a sela da camela, que, não sem porfiada insistência dele, terminou por se pôr em marcha, com o filhote na pegada. Os animais tinham sido bem alimentados no curral, pelo que não se cansariam durante dias. Martin estava a noroeste do posto da polícia de Ruqaifah, onde passa uma estrada rudimentar do Kuwait para a Arábia Saudita, quando cruzou a fronteira, pouco antes das oito. A noite, à parte o

brilho tênue das estrelas, podia considerar-se escura. O clarão distante do campo petrolífero de Manageesh, no Kuwait, situava-se à sua direita e decerto contava com uma patrulha iraquiana, porém o deserto em frente achava-se vazio.

Segundo o mapa, as fazendas de camelos a sul de Sulai-biya, distrito que precedia Kuwait City, onde ele tencionava deixar os animais até que voltasse a necessitar deles, distavam 50 quilômetros. Antes, porém, enterraria o “equipamento” no deserto e marcaria o local.

A menos que fosse interceptado e retido, fá-lo-ia na escuridão, antes do nascer-do-Sol, dentro de nove horas. A décima hora conduzi-lo-ia às fazendas dos camelos.

Quando o campo petrolífero de Manageesh ficou para trás, passou a orientar-se pela bússola de pulso segundo uma linha reta. Calculava que os iraquianos patrulhariam as estradas, e até os caminhos solitários, mas nunca o deserto. Com efeito, nenhum refugiado tentaria escapar-se por aí.

Martin sabia que, uma vez nas fazendas dos camelos, ao amanhecer, poderia saltar para bordo de um caminhão que se dirigisse para o coração da cidade, 30 quilômetros adiante.

Sobre a sua cabeça, silencioso no céu noturno, um satélite KH-11 do National Reconnaissance Office cruzava o espaço silenciosamente. Anos atrás, outras gerações de satélites-espiões americanos tinham de tirar fotografias e ejetar as cápsulas a intervalos em veículos de reentrada na atmosfera terrestre, para serem laboriosamente recuperadas, a fim de revelar a película.

Os KH-11, de 20 metros de comprimento e o peso de 15000 quilogramas, são mais “espertos”. À medida que vão fotografando a superfície do Globo que sobrevoam, codificam automaticamente as imagens numa série de impulsos eletrônicos, expedidos para cima, em direção a outro satélite.

Este último, à semelhança de vários outros, faz parte de uma rede posicionada em órbita geo sincronizada, o que significa que se deslocam no espaço a uma velocidade e rumo que os mantém sempre sobre o mesmo ponto da Terra. Na realidade, pode dizer-se que pairam.

Depois de receber as imagens do KH-11, o satélite paira-dor

pode enviá-las diretamente para a América ou, se a curvatura da Terra se interpõe, expeli-las para outra “ave” paira-dora, que as faz então seguir para os americanos interessados. Deste modo, o NRO pode recolher a informação fotográfica escassos segundos depois de as imagens terem sido obtidas.

As vantagens, em termos de guerra, são enormes. Significam que o KH-11 pode ver, por exemplo, um comboio inimigo em movimento a tempo de enviar uma esquadrilha de bombardeiros para pulverizar os caminhões. E o satélite pode funcionar com a mesma eficiência dia e noite, através de céu encoberto ou de denso nevoeiro.

Emprega-se com frequência a expressão “não lhe escapa nada”. Infelizmente, não corresponde inteiramente à realidade. O KH-11 daquela noite não viu o beduíno solitário penetrar em território proibido nem se apoquentaria com isso, em caso contrário. Deslocava-se dos céus do Kuwait para os do Iraque e via muitos edifícios, grandes e extensões de minicidades industriais, em torno de Al-Hillah e Tarmiya, Al-Atheer e Tuwaitha, mas não o que havia dentro. Assim, passavam-lhe despercebidas as tinas de gás venenoso em preparação ou o hexafluoreto de urânio destinado às centrífugas de difusão de gás da fábrica de separação de isótopos.

Prosseguiu para norte, captando os aeródromos, estradas e pontes. Até se apercebeu do cemitério de carros em Al-Qubai, mas não lhe prestou atenção especial. Assim como os centros industriais de Al-Quaim, Jazira e Al-Shirqat, a oeste e norte de Bagdá, mas não os dispositivos de mortes em massa que estavam a ser preparados no interior. Sobrevoou o Jebel Al Hamreen, sem todavia ver a fortaleza que fora construída pelo engenheiro Osman Badri. Só se apercebeu de um monte entre outros e aldeias de montanha. Em seguida, passou sobre o Curdistão, em direção à Turquia.

Mike Martin continuava a avançar através da noite a caminho de Kuwait City, invisível numa indumentária que não usava havia quase duas semanas. Sorriu ao recordar o momento em que, quando regressava ao seu Land-Rover de um passeio para desentorpecer as pernas no deserto nas proximidades de Abu Dhabi, ficara surpreendido ao ser interceptado por uma turista americana que lhe apontara a máquina fotográfica e gritara “Clique,

dique!” Ficara assente que a Comissão Medusa se reuniria para a sua conferência preliminar numa sala por baixo do Gabinete do Conselho de Ministros, em Whitehall. O principal motivo consistia em que o edifício oferecia segurança absoluta, pois era inspecionado com regularidade, em busca de dispositivos de escuta.

O local para o qual os oito convidados foram conduzidos situava-se dois pisos abaixo do nível da rua. Sir Paul Spruce, um burocrata experiente com a patente de Subsecretário Permanente do Gabinete, assumiu a presidência, após o que se apresentou e os outros entre si. A embaixada americana e, por conseguinte, os Estados Unidos, estavam representados pelo adido assistente da Defesa e Harry Sinclair, membro astuto e calejado de Langley, que dirigira o posto da CIA em Londres nos últimos três anos.

O americano inclinou a cabeça e piscou o olho a Simon Paxman, com quem se encontrara uma vez numa reunião da Comissão dos Serviços Secretos Conjuntos, em que a CIA tinha assento permanente em Londres. A sua tarefa consistia em anotar tudo o que se revestisse de interesse apresentado pelos cientistas britânicos e transmiti-lo a Washington, onde o ramo americano da Comissão Medusa, consideravelmente mais numeroso, se achava também reunido. Em seguida, toda a nova informação seria compilada e comparada para analisar o potencial do Iraque para causar baixas importantes.

Havia dois representantes de Aldermaston, Estabelecimento de Pesquisas de Armas Atômicas, em Berkshire, cuja missão consistia em determinar, perante os elementos, recolhidos pelos diferentes serviços da especialidade, o grau de avanço do Iraque no âmbito do domínio da tecnologia para produzir uma bomba atômica.

Encontravam-se presentes mais dois cientistas, estes de Porton Down um químico e um biólogo especializado em bacteriologia.

Porton Down foi acusado frequentemente pela Imprensa da esquerda de trabalhar no desenvolvimento de armas químicas e bacteriológicas para utilização da Grã-Bretanha. Na realidade, as suas pesquisas têm-se concentrado, desde longa data, na busca de antídotos para todo o tipo de armas de gás e germes apontadas a tropas inglesas e aliadas. Infelizmente, é impossível desenvolver

antídotos sem conhecer as propriedades da toxina em causa. Por conseguinte, os dois representantes de Porton tinham sob a sua égide, e em condições de segurança maciça, algumas substâncias assaz perigosas. Mas o mesmo acontecia, naquela data — 13 de agosto-, a Saddam Hussein. A diferença consistia em que a Grã-Bretanha não tinha a menor tenção de as utilizar contra os iraquianos, enquanto nada fazia prever que o presidente do Iraque se viesse a revelar tão prudente.

A tarefa dos homens de Porton cifrar-se-ia em verificar se, com o estudo das listas de produtos químicos adquiridos pelo Iraque nos últimos anos, podiam deduzir o que possuía, em que quantidade, grau de nocividade e possibilidade de utilização. Também examinariam fotografias aéreas de uma série de fábricas daquele país, à procura de indícios reveladores da existência de unidades de descontaminação ou de natureza similar, suscetíveis de identificar centros de fabricação de algum gás venenoso.

— O fardo mais pesado está depositado sobre seus ombros — disse Sir Paul, dirigindo-se aos quatro cientistas. — Nós, os restantes, prestaremos todo o apoio possível. Tenho aqui dois volumes da informação secreta recebida dos nossos agentes no estrangeiro: pessoal das embaixadas, missões comerciais e... hum... pessoas que atuam na sombra. São os primeiros resultados da seleção das licenças de exportação para o Iraque na última década, provenientes de governos que manifestam apoio absoluto e incondicional às nossas intenções. Lançamos a rede numa área extremamente ampla. Faz-se alusão à exportação de produtos químicos, materiais de construção, equipamento de laboratório, produtos de engenharia especializada; em suma, praticamente tudo, exceto guarda-chuvas, novelos de lã e brinquedos.

“Algumas dessas exportações, porventura a maioria, se revelarão sem dúvida as normais de um país árabe em vias de desenvolvimento para fins pacíficos, e peço desde já desculpa pelo tempo que perderão com essas. Mas agradeço que se concentrem não só em aquisições especializadas para a produção maciça, como igualmente nas de utilização múltipla que se possam adaptar ou modificar para um objetivo diferente do proclamado. Creio que os nossos colegas americanos tão-pouco se têm mantido inativos.”

Entregou uma das suas pastas de plástico aos homens de Porton Down e outra aos de Aldermaston. O representante da CIA pegou também em duas e deu-lhes idêntico destino. Os visados contemplaram com alguma perplexidade o trabalho em perspectiva que tinham em frente.

— Tentamos evitar as duplicações, tanto nós como os americanos — acrescentou Sir Paul. — Mas, deploravelmente, é natural que não o conseguíssemos por completo. As minhas desculpas antecipadas. Tenha a bondade, Mr. Sinclair.

O chefe de posto da CIA, ao contrário do funcionário público de Whitehall, que quase conseguira adormecer os cientistas com a sua verborragia, entrou diretamente no assunto.

— A verdade, senhores, é que talvez tenhamos de combater esses filhos da mãe. — Assim era muito melhor. Sinclair exprimia-se como os ingleses gostavam de conceber os americanos: sem rodeios nem medo de chamar as coisas pelos nomes. Graças a isso, quatro cientistas concederam-lhe atenção absoluta. — Se esse dia surgir, avançaremos primeiro com a força aérea. À semelhança dos ingleses, desejamos sofrer o mínimo de baixas. Nessa conformidade, nos concentraremos na infantaria, artilharia e aviação do inimigo. Visaremos de preferência os silos de mísseis SAM, elos de comunicações e centros de comando. Mas se Saddam utilizar armas de destruição em massa, haverá perdas humanas elevadíssimas. Por conseguinte, precisamos de saber duas coisas.

“Em primeiro lugar, o que possui ele? Depois, poderemos fazer planos em termos de máscaras de gás, antídotos químicos etc. Em segundo, onde diabos escondeu esse equipamento? Poderemos então bombardear as fábricas e armazéns, para destruir tudo antes que decida pô-lo em prática. Portanto, estudem as fotografias, recorram a lupas potentes, prestem especial atenção a todos os pormenores suspeitos. Continuaremos a procurar e interrogar os empreiteiros que construíram as fábricas e os cientistas que as equiparam. Com essas diligências, deveremos apurar elementos úteis. No entanto, subsiste a possibilidade de os iraquianos terem transferido o mais importante para outros lugares. Em face disso, os analistas terão a última palavra. Podem contribuir para salvar muitas vidas, identifiquem as WMD e avançaremos para reduzir tudo a

fragmentos irreconhecíveis.”

A perplexidade dos quatro cientistas acentuou-se visivelmente. Tinham uma missão a cumprir e estavam bem cientes da sua natureza. Por seu turno, Sir Paul parecia algo chocado.

— Pois é... Bem, creio poder afirmar que estamos todos muito gratos a Mr. Sinclair pela sua... hum... exposição. Proponho que voltemos a reunir-nos quando Aldermaston ou Porton Down tiver algo de interessante para comunicar.

Quando abandonaram o edifício, Simon Paxman e Terry Martin imergiram no sol quente de agosto e seguiram a pé em direção à Parliament Square, repleta de transportes de turistas, como habitualmente. Encontraram um banco desocupado perto do bloco de mármore de homenagem a Winston Churchill, que cravava o olhar austero nos simples mortais que acudiam à sua volta.

— Já sabe as últimas de Bagdá? — perguntou Paxman.

— Com certeza.

Saddam Hussein acabava de se oferecer para retirar do Kuwait, se Israel abandonasse a margem ocidental e os sírios saíssem do Líbano. Todavia, as Nações Unidas tinham rejeitado a proposta imediatamente. Continuavam a brotar resoluções do Conselho de Segurança, para isolar o comércio do Iraque e congelar as exportações de petróleo, movimento de divisas, viagens aéreas e obtenção de quaisquer recursos. Entretanto, a destruição sistemática do Kuwait pelas tropas invasoras prosseguia.

— Obteve algum efeito?

— Não, apenas a agitação habitual. Previsível, aliás. A OLP gostou, claro, mas nada mais. Não se trata de um plano de ação.

— Ele tem algum? — inquiriu Paxman.

— Se tem, ninguém consegue entendê-lo. Os americanos julgam-no louco. Eu sei. Ouvi o Bush na TV, ontem à noite.

— Acha-o louco? O Saddam?

— Como uma raposa.

— Então, por que não segue para sul e ocupa os campos petrolíferos dos sauditas enquanto pode? Os preparativos dos americanos estão no início e os nossos também. Algumas esquadrilhas e transportes de tropas no Golfo, mas nada em terra. O poder aéreo por si não basta para deter o homem. Esse general

que os americanos acabam de nomear...

— Schwarzkopf — esclareceu Martin. — Norman Schwarzkopf.

— Isso. Reconhece que precisa de dois meses para reunir os efetivos e proceder a uma invasão em larga escala. Por que não atacar já?

— Porque isso significaria atacar um estado árabe vizinho com o qual ele não tem qualquer desentendimento. Provocaria humilhação. Alienaria todos os árabes. É contra a cultura. O homem quer dominar o mundo árabe. Ser aclamado por ele e não abominado.

— Invadiu o Kuwait — salientou Paxman.

— Isso é diferente. Pode alegar que corrigia uma injustiça imperialista, porque o território kuwaitiano fez sempre, historicamente, parte do Iraque. Como Nehru, quando invadiu Goa, administrada pelos portugueses.

— Ora, ora! O sujeito invadiu o Kuwait porque seu país faliu. Todos sabem. :

— Sim, a verdadeira razão é essa. Mas a aparente consiste em que reclamava um território que, por direito, lhe pertencia.

São coisas que acontecem constantemente pelo mundo afora. A índia tomou Goa, a China o Tibete, a Indonésia o Timor-Leste. A Argentina tentou fazer o mesmo com as Falklands. Em todos os casos, é reclamada uma parcela de território a que se tem direito.

— Então, como se explica que os outros países árabes se insurgissem?

— Pensam que Saddam não se safará.

— E não há de se safar mesmo. Nesse ponto, têm razão.

— Somente por causa dos Estados Unidos e não da atitude do mundo árabe. Se ele quer conquistar aprovação árabe precisa humilhar a América e não seus vizinhos. Já esteve em Bagdá?

— Recentemente, não — admitiu Paxman.

— Está cheio de fotografias e cartazes de Saddam representado como guerreiro do deserto, a cavalo, de espada desembainhada. É tudo marketing, sem dúvida, mas ele se vê assim.

— É tudo muito teórico — observou, levantando-se. — Mas obrigado pelas suas considerações. Infelizmente, tenho de lidar com

fatos reais, palpáveis. De qualquer modo, ninguém consegue descortinar como o homem poderia humilhar os Estados Unidos. Os ianques possuem todo o poder, toda a tecnologia. Quando estiverem devidamente preparados, entrarão em cena para arrasá-lo.

— Baixas, Simon. A América pode suportar muitas coisas, mas não baixas maciças, ao contrário do Saddam. Para ele, carecem de importância.

— Mas ainda não há lá americanos em número suficiente.

— Precisamente.

O Rolls-Royce que transportava Ahmed Al-Kalifa deteve-se quase abruptamente diante do bloco de escritórios que se anunciava em inglês e árabe como sede da Al-Khalifa Trading Corporation, Ltd.

O condutor, um indivíduo de porte atlético, que acumulava as funções de motorista com as de guarda-costas, abandonou o lugar atrás do volante e apressou-se a abrir a porta ao amo.

Talvez não fosse muito sensato trazer o Rolls, porém o milionário kuwaitiano ignorara as recomendações para utilizar o Volvo, com receio de ofender os soldados iraquianos que estavam nas barreiras erguidas nas estradas.

“Que apodreçam no inferno”, resmungou durante o pequeno-almoço. Na verdade, a viagem decorrera sem qualquer incidente, da sua suntuosa residência rodeada de muros inexpugnáveis no subúrbio de Andalusia até o bloco de escritórios em Shamiya.

Dez dias após a invasão, os soldados disciplinados e profissionais da Guarda Republicana iraquiana tinham sido retirados de Kuwait City e substituídos pelos rufias do exército popular. E se ele detestava os primeiros, só sentia desdém pelos segundos.

Nos primeiros dias, os homens da guarda haviam saqueado a cidade, mas sistemática e deliberadamente. Al-Khalifa vira-os entrar no Banco Nacional e apoderar-se de barras de ouro no valor de cinco bilhões de dólares, que constituíam a reserva nacional. Mas não se tratava de pilhar para lucro pessoal. As barras de ouro tinham sido acondicionadas em contentores, colocados em caminhões blindados e levadas para Bagdá.

O Gold Souk proporcionara mais bilhões de dólares em

artefatos de ouro maciço, que haviam seguido o mesmo caminho.

As barreiras nas estradas montadas pelos homens da Guarda Republicana, identificáveis pelas boinas pretas e fardamento de oficial, tinham sido rigorosas e profissionais. Até que, de repente, se haviam transferido mais para sul, a fim de tomarem posições ao longo da fronteira com a Arábia Saudita, Para os substituir, surgira o exército popular, composto por indivíduos quase andrajosos e indisciplinados e, por isso mesmo, mais imprevisíveis e perigosos, fato testemunhado pelo \ assassinato de um kuwaitiano por se recusar a entregar o seu \ carro. ;.

Em meados de agosto, o calor abateu-se na área — com a impetuosidade de um martelo numa bigorna. Os soldados iraquianos construíram proteções de madeira ao longo das ruas que deviam vigiar e refugiaram-se dentro. Quando refrescava, ao amanhecer e depois do por do sol, saíam para tentar provar que eram, acima de tudo, militares zelosos. Nessas ocasiões, brutalizavam os transeuntes e procediam a saques indiscriminados, com o pretexto de revistar viaturas em busca de-contrabando. :

Al Khalifa gostava de começar a trabalhar às sete da manhã, mas, como só o fazia às dez, nos dias de calor intenso, passara pelos postos controlados pelos homens do exército popular, quando estes estavam nos refúgios, pelo que ninguém o interceptara.

No entanto, compreendia que a situação não se manteria por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, um rufia das hostes invasoras apoderar-se-iam do Rolls. Paciência, compraria outro.

Por conseguinte, apeou-se diante do bloco de escritórios e o motorista contornou o carro para regressar ao volante e levá-lo para o parque de estacionamento da empresa.

— Uma esmola, sayidi! Há três dias que não como nada.

Al-Khalifa reparara vagamente no homem agachado no passeio, nas proximidades da porta, aparentemente adormecido ao sol, cenário muito corrente em qualquer cidade do Oriente Médio. Agora, estava junto dele — um beduíno de indumentária encardida e mão estendida.

O condutor do Rolls apercebeu-se do que se passava e retrocedeu para afastar o mendigo com uma fiada de imprecações. Todavia, Al-Khalifa ergueu a mão. Era muçulmano praticante e

procurava reger-se pelos ensinamentos do Corão, entre os quais figura o de que uma pessoa deve dar sempre esmola na medida das suas posses.

— Vai arrumar o carro — ordenou ao condutor.

Em seguida, puxou da carteira e extraiu uma nota de dez dinares. Ato contínuo, o beduíno aceitou-a com as duas mãos, indicando que a esmola do benfeitor era tão pesada que exigia a utilização de ambas para a segurar.

— Shukran, sayidi, shukran — disse e, sem alterar o tom da voz, acrescentou: — Quando estiver em sua sala, mande me chamar. Trago notícias do seu filho no sul.

Al-Khalifa achou que tinha ouvido mal, enquanto o homem se afastava e guardava a nota no bolso. Por fim, entrou no edifício, saudou o porteiro com uma inclinação de cabeça e subiu ao último piso onde se situava o seu gabinete, imerso numa espécie de aturdimento. Depois de se sentar à secretária, refletiu por um momento e premiu uma tecla do intercomunicador.

— Tem um beduíno na calçada. Quero falar com ele. Mande buscá-lo, por favor.

Se a recepcionista supôs que o patrão enlouquecera, não o deixou transparecer. Somente o nariz franzido, quando introduziu o homem no gabinete, cinco minutos mais tarde, indicava o que pensava acerca do odor corporal do estranho visitante.

Quando ela se retirou, o empresário gesticulou para uma cadeira.

— Disse que viu o meu filho? — perguntou secamente, admitindo a possibilidade de o indivíduo se encontrar ali para obter uma nota de banco de valor ainda mais elevado.

— Exato, Mr. Al-Khalifa. Estive com ele há dois dias, em Khafji.

O coração do kuwaitiano sofreu um sobressalto. Havia duas semanas que não tinha notícias do filho. Apenas soubera, indiretamente, que decolara, naquela manhã, da base aérea de Ahmadi, e depois... nada. Nenhum dos seus contatos habituais pudera fornecer-lhe qualquer informação útil sobre o que acontecera. Na verdade, registrara-se confusão generalizada, no dia 2 de agosto.

— É portador de uma mensagem dele?

— Sim, Sayidi.

— Entregue-a, por favor. — Al-Khalifa estendeu a mão. — Recompensarei bem.

— Tenho-a na cabeça. Como não podia trazer papel comigo, memorizei-a.

— Muito bem. Diga-me o que ele lhe pediu para comunicar.

Mike Martin recitou a carta de uma única página que o piloto do Skyhawk escrevera, sem omitir uma palavra. — Querido pai, apesar do aspecto, o homem que tem na sua frente é um oficial britânico...

Al Khalifa agitou-se na cadeira e arregalou os olhos de incredulidade, experimentando alguma dificuldade em acreditar no que via e ouvia.

— Veio ao Kuwait em missão secreta. Agora que ficou sabendo, tem a vida dele nas suas mãos. Aconselho-o a atender ao que lhe pedir. Estou em segurança e bem, com a Força Aérea Saudita em Dhahran. Consegui participar de uma missão contra os iraquianos e destruí um tanque e um caminhão. Continuarei a prestar serviço nesta unidade até a libertação da nossa pátria. Rogo todos os dias a Alá que abrevie a data em que poderemos voltar a estar juntos. Seu filho sempre obediente e fervoroso, Khaled.

Martin fez uma pausa. O kuwaitiano levantou-se, aproximou-se da janela e olhou para fora. Respirou fundo várias vezes e quando se recompôs o suficiente regressou à cadeira.

— Obrigado. Estou infinitamente grato. Que pretende?

— A ocupação do Kuwait não durará algumas horas ou dias, mas meses, a menos que Saddam Hussein possa ser convencido a retirar-se...

— Os americanos não virão em breve?

— Eles, os ingleses, os franceses e as demais forças armadas da Coalizão precisam de tempo para reunir seus efetivos. Saddam possui o quarto maior exército do mundo: mais de um milhão de homens. Alguns são mera escória, mas muitos sabem o que fazem. As tropas de ocupação não serão desalojadas por um punhado de soldados.

— Sim, compreendo.

— Por hora, pensa-se que todos os militares, tanques e armas

suscetíveis de serem neutralizados não poderão utilizar-se na fronteira...

— Está falando de resistência armada, retaliação. Aqueles que o tentaram foram abatidos pelas patrulhas iraquianas. Eliminados como cães.

— Acredito. Eram corajosos, mas imprudentes. Há maneiras apropriadas de atuar. O objetivo não consiste em matar centenas ou ser morto, mas em manter o exército de ocupação constantemente enervado, com medo, necessitado de escoltar cada oficial aonde quer que se desloque, sem conseguir dormir descansado.

— Escute, senhor inglês. Acredito que esteja animado de boas intenções e acostumado a estas situações. Mas eu não. Os iraquianos são um povo cruel e selvagem. Nós os conhecemos de longa data. Se procedermos como indica, haverá represálias. É como a violação.

— A violação?

— Quando está na iminência de ser violada, uma mulher pode resistir ou sucumbir. Se for dócil, será violada, provavelmente espancada e talvez morta. Se resistir, será igualmente violada, sem dúvida espancada e certamente morta. O Kuwait é a mulher e o Iraque o violador. Isso já eu sabia. Portanto, para que resistir?

— Porque temos que pensar no futuro. Amanhã, o Kuwait se olhará ao espelho. Seu filho verá o rosto de um guerreiro.

Ashmed Al-Khalifa cravou o olhar no rosto bronzeado e barbudo do inglês durante alguns segundos, até que declarou: — E o pai dele também. Que Alá se compadeça do nosso povo. Que pretende? Dinheiro?

— Não, obrigado. Isso já tenho.

Com efeito, Martin dispunha de 10.000 dinares, obtidos do embaixador em Londres, que os levantara do Banco do Kuwait, na esquina da Baker Street com a George Street.

— Preciso de casas para me alojar. Seis.

— Não haverá qualquer problema a esse respeito. Temos milhares de apartamentos abandonados e...

— Apartamentos, não. Casas isoladas. Os apartamentos têm vizinhos. Ninguém se lembrará de investigar os antecedentes de um pobre homem encarregado de cuidar de uma casa abandonada.

— Procurarei.

— E documentos de identidade. Kuwaitianos autênticos. Um total de três. Um para um médico do Kuwait, outro,para um contador indiano e o terceiro para um jardineiro de fora da cidade.

— Muito bem. Tenho amigos no Ministério do Interior. Creio que ainda controlam a tipografia que produz esse tipo de documentação. E quanto à fotografia de que necessitam?

— Para o jardineiro, procure um velho das ruas. Pague a ele. No caso do médico e do contador, escolha alguém do seu pessoal vagamente parecido comigo, mas de rosto barbeado. Depois, preciso de carros. Um de comando branco, um jipe de tração dupla e uma picape. Todos em garagens trancadas e com chapas de matrícula novas.

— Conte com eles. Onde entrego os documentos de identidade e as chaves das casas e das garagens?

— Conhece o cemitério cristão?

Al-Khalifa enrugou a fronte. — Ouvi falar dele, mas nunca estive lá. Por quê?

— Fica na estrada de Jahra, em Sulaibikhat, perto do principal cemitério muçulmano. Tem um portão muito obscuro, com uma placa que diz: PARA OS CRISTÃOS. A maior parte das lápides é de libaneses e sírios, com alguns filipinos e chineses. No canto ao fundo, à direita, há o túmulo de um homem da marinha mercante, Shepton. Está solta e por baixo abri uma cavidade. Deixe tudo lá. Assim como alguma mensagem que tiver para mim. Passe por lá uma vez por semana para verificar se há alguma para o senhor.

— Não tenho estofo para esse gênero de atividade — observou, meneando a cabeça.

Mike Martin desapareceu na confusão de pessoas que percorriam as ruas estreitas e becos do bairro de Bneid-al-Quar. Cinco dias mais tarde, sob a lápide do túmulo do marinheiro Shepton, encontrou três bilhetes de identidade, três conjuntos de chaves de garagens e de chaves de ignição e seis de casas, com os endereços nas respectivas etiquetas.

Transcorridos mais dois, um caminhão iraquiano que regressava à cidade do campo petrolífero de Umm Gudayr voou em

mil pedaços, em virtude da explosão de algo que o rodado pisou.

O chefe da Divisão do Oriente Médio da CIA, Chip Barber, estava no seu segundo dia em Telaviv, quando o telefone do gabinete que lhe tinham concedido tocou. Era o chefe de posto da América.

— Está tudo em ordem, Chip. Ele já regressou e combinei um encontro para as quatro horas. Você dispõe assim de tempo para seguir no último voo de Ben Gurion. Os tipos disseram que nos vinham buscar à embaixada.

Estava fora da embaixada, pelo que se exprimia em generalidades, para a eventualidade de a linha se achar sob escuta. Assim era, com efeito, mas pelos israelenses, que, de resto, estavam ao corrente de tudo.

"Ele" era o general Yaacov "Kobi" Dror, chefe do Mossad, e o escritório a "embaixada" e os "tipos" os dois homens do pessoal daquele, chegados num carro anônimo às três e dez.

Barber considerava cinquenta minutos excessivos para cobrir a distância que separava a embaixada da sede do Mossad, situada numa torre de escritórios denominada Hadar Dafna, no bulevar Rei Saul.

Mas a reunião não se efetuaria aí. O carro abandonou a cidade pela estrada do norte, passou pelo aeródromo militar de Sde Dov e enveredou pela rodovia marginal em direção a Haifa.

Nos arrebaldes de Herzlia, existe um complexo de apartamentos, com um hotel, chamado simplesmente Country Club, aonde acodem alguns israelenses, mas, sobretudo, judeus do estrangeiro para um período de repouso. Sentem-se tão des — contraídos e felizes no ambiente aprazível que nunca lhes ocorreu espreitar para o outro lado da colina sobranceira à área.

Se o fizessem, veriam, logo após o topo, um imponente edifício. E se perguntassem de que se tratava, diriam que era a residência de verão do Primeiro-Ministro.

O Primeiro-Ministro de Israel está de fato autorizado a visitar o local — um dos poucos governantes que desfrutam de semelhante concessão —, pois é a escola de treino do Mossad, conhecido internamente por Midrasha.

Yaacov Dror recebeu os dois americanos no último andar do

edifício, uma sala espaçosa e bem iluminada, com o condicionador de ar a tornar a atmosfera mais confortável. Era um homem baixo e atarracado, que usava a camisa de meia-manga e gola aberta do regulamento israelense e fumava os sessenta cigarros diários da ordem.

Barber congratulou-se intimamente ao notar que o condicionador de ar estava ligado, pois o fumo de tabaco convivia pessimamente com a sua sinusite.

O chefe dos espiões israelenses levantou-se de trás da secretária e avançou para os recém-chegados.

— Como tem passado, Chip, caro amigo?

E abraçou o americano mais alto. Divertia-o proceder como um mau ator que interpretava o papel de um judeu cordial. Na verdade, não passava de uma simulação. Em missões anteriores, na sua qualidade de chefe de operações, revelara-se muito inteligente e extremamente perigoso.

Chip Barber retribuiu a manifestação de afeto. Os sorrisos tinham tanto de postiços como as recordações de antigas. E não havia muito tempo que um tribunal americano condenava Jonathan Pollard, dos serviços secretos da Marinha, a um longo período de prisão por exercer espionagem em favor de Israel, operação que se desenrolara indiscutivelmente contra a América, dirigida pelo cordial Kobi Dror.

Passados dez minutos, entraram no assunto que motivara o encontro. O Iraque.

— Acho que vocês estão a atuar da melhor maneira — disse Dror, renovando a dose de café de Chip que o privaria de sono por vários dias, ao mesmo tempo que apagava o seu terceiro cigarro no cinzeiro.

Barber esforçou-se por conter a respiração, mas teve de renunciar.

— Se tivermos de intervir e ele não abandonar o Kuwait, começaremos com ataques aéreos.

— Naturalmente.

— E visaremos sobretudo as Armas de destruição em massa. Isso também favorece os nossos interesses. Precisaremos de alguma colaboração, como deve calcular. Há anos que vigiamos

essas WMD. Até os avisamos do perigo que representam. A quem pensa que se destina todo aquele gás venenoso e bombas disseminadoras de epidemias? A nós, sem dúvida. Fartamo-nos de lançar o alarme, mas ninguém se preocupou. Há nove anos, destruímos os geradores nucleares de Osirak, retardando substancialmente as pesquisas para a fabricação de uma bomba atômica e o mundo nos condenou. Os Estados Unidos também...

— Todos sabemos perfeitamente que não passou de uma ação cosmética.

— Está bem, Chip. Agora que estão em jogo vidas de americanos, deixou de ser cosmética. Podem morrer americanos para valer.

— Tem a paranoia à mostra, Kobi.

— Papo furado. Escute: é bom para nós que vocês destruam as fábricas de gás, os laboratórios de epidemias e as pesquisas de bombas atômicas. Convém-nos mesmo muito. E temos de nos manter à margem disso, porque o Tio Sam passou a contar com aliados árabes. Então, quem se queixa?

— Israel não. Nós revelamos tudo o que possuímos sobre programas de armas secretas. Tudo, repito. Sem ocultarmos nada.

— Precisamos de mais. Admito que descuramos um pouco o perigo iraquiano nos últimos anos, mas tínhamos a Guerra Fria com que nos entreter. Agora, surgiu em cena o Iraque e falta "combustível". Precisamos de informação e não de lixo a nível das ruas. Elementos palpáveis e eficazes. Assim, faço uma pergunta muito direta: vocês dispõem de alguma toupeira entre as altas esferas do regime iraquiano? Necessitamos de informação com urgência. Tencionamos pagar, em obediência às regras.

Seguiu-se um silêncio, durante o qual Kobi Dror contemplou a ponta do cigarro com uma expressão meditativa, enquanto os dois visitantes pareciam muito interessados no tampo da mesa à sua frente. Por fim, o primeiro declarou:

— Garanto que não, Chip. Se tivéssemos algum agente de alto nível em Bagdá, não o ocultaria. Dou-lhe a minha palavra.

Capítulo 6

Mike Martin viu o rapaz, de contrário este teria morrido ali mesmo. Ele conduzia a decrépita picape cheia de mossas e de melancias que comprara numa das várias fazendas dos arredores de Jahra, quando avistou a cabeça e respectivo turbante, que assomavam e desapareciam prontamente atrás de um monte de entulho ao lado da estrada. E também não lhe passou despercebida a extremidade do cano da espingarda que empunhava.

A picape cumpria perfeitamente as suas funções. Martin pedira uma viatura naquelas condições porque calculava que, mais cedo ou mais tarde, os soldados iraquianos começariam a confiscar os veículos em melhor estado para sua própria utilização.

Olhou pelo espelho retrovisor, travou e encostou à beira. Um pouco atrás, avançava um caminhão com militares do Exército Popular.

O jovem kuwaitiano apontava a arma ao transporte de tropas, quando uma mão pesada lhe pousou na boca, ao mesmo tempo que outra lhe arrancava a espingarda.

— Suponho que não queres morrer hoje, hein? — murmurou uma voz junto do seu ouvido.

— O caminhão prosseguiu e o momento apropriado para o atingir extinguiu-se igualmente. O rapaz, que já se sentira inseguro com o ato que se preparava para cometer, achava-se agora visivelmente aterrorizado.

Quando o caminhão desapareceu ao longe, a pressão das mãos atenuou-se e ele libertou-se com um movimento brusco. Na sua frente, estava um beduíno barbudo, de expressão dura.

— Quem é você? — balbuciou.

— Alguém que nunca se atreveria a tentar matar um iraquiano na presença de duas dezenas de outros. Onde está o teu veículo de fuga?

— Lá — indicou o rapaz, que aparentava cerca de vinte anos.

Tratava-se de uma scooter, a uns vinte metros de distância, junto de um grupo de árvores. O beduíno suspirou. Pousou a espingarda, uma velha Enfield 303 que o jovem devia ter adquirido

num antiquário, e levou-o firmemente para a picape.

Depois, colocou a arma na retaguarda, foi buscar a scooter e depositou-a em cima das melancias, algumas das quais se abriram.

Em seguida, rolaram em direção a um lugar isolado perto do porto de Shuwaikh, onde Martin travou.

O rapaz conservava o olhar fixo no para-brisas marcado pelas moscas. Exibia uma expressão amargurada e os lábios tremiam.

— Violaram a minha irmã. Uma enfermeira... no Hospital de Al Adan. Eram quatro. Deram cabo dela.

Martin inclinou a cabeça.

— Há e haverá muitos casos similares. E resolveste retaliar matando iraquianos?

— Todos os que puder. Antes de morrer.

— A habilidade está em não morrer. Se é isso que pretendes, talvez convenha treinar-te. De contrário, não duras vinte e quatro horas.

O jovem fungou com desdém.

— Os beduínos não lutam.

— Nunca ouviste falar da Legião Árabe? E, antes disso, do príncipe Faisal e da Revolta Árabe? Eram todos beduínos. Há mais como tu?

Na verdade, era um estudante de Direito, que frequentava a Universidade de Kuwait antes da invasão.

— Somos cinco. Todos animados do mesmo propósito. Decidi ser o primeiro a tentar a sorte.

— Grava este endereço. — Martin mencionou-o (uma casa numa rua escusa de Yarmuk) e fez o interlocutor repeti-lo vinte vezes. — Hoje, às sete. Já terá anoitecido, mas o recolher obrigatório só começa às nove. Deixem as scooters a uns duzentos metros pelo menos. Entrem com intervalos de vinte minutos. A porta estará aberta.

Viu o rapaz afastar-se e tornou a suspirar. “É material básico, mas de momento, não disponho de outro”, refletiu com resignação.

Os jovens compareceram pontualmente. Martin conservava-se deitado num terraço do outro lado da rua e viu-os chegar. Estavam enervados e inseguros, com olhares desconfiados em volta. Tinham visto demasiados filmes de Humphrey Bogart. Depois de entrarem

todos, ele deixou transcorrer mais dez minutos, mas não apareceu qualquer membro da segurança iraquiana. Por fim, desceu do terraço, cruzou a rua e entrou na casa pelas traseiras. O grupo estava sentado na sala com a luz acesa e as cortinas descerradas. Quatro rapazes e uma moça, de expressões e atitudes sombrias.

Voltavam-se para a porta do corredor, quando ele entrou da cozinha. Os jovens tiveram oportunidade de o ver apenas de relance, antes de apagar a luz.

— Fechem as cortinas — ordenou.

A moça encarregou-se disso. Era uma tarefa de mulher. Só então Martin voltou a acender a luz.

— Nunca se mantenham numa sala iluminada com as cortinas descerradas — advertiu. — Não convém que os vejam juntos.

Dividira as suas seis residências em dois grupos. Utilizava quatro para viver, transferindo-se de uma para outra sem qualquer sequência pré-concebida. De cada vez, deixava pequenos sinais para si próprio, devidamente dissimulados. Se lhes notasse a menor alteração ou mesmo o seu desaparecimento, ficava com a certeza de que o local tinha sido visitado. Nas outras duas, armazenara o "equipamento" que trouxera do esconderijo no deserto. A que escolhera para o encontro com os estudantes era a menos importante das seis e, a partir de agora, não a tornaria a utilizar para dormir.

Na realidade, não eram todos estudantes, pois um deles trabalhava num banco. Martin insistiu em que se apresentassem e explicou:

— Precisam de novos nomes. — Enumerou os cinco propostos. — Não os revelem a absolutamente ninguém. Sempre que forem empregados, saberão que a mensagem provém de um de nós.

— Como o chamamos? — quis saber a moça, que acabava de se tornar "Rana".

— Beduíno é suficiente. — Ele apontou para um homem.

— Repete o endereço daqui.

O homem puxou um pedaço de papel, porém Martin retirou-o de sua mão.

— Tem de ser tudo memorizado. Nada de papéis. O Exército

Popular pode ser composto de estúpidos, mas a polícia secreta não. Se os revistassem, como explicariam isso? — Martin fez uma pausa. — Conhecem bem a cidade?

— Razoavelmente — disse o mais velho, que era bancário e tinha vinte e cinco anos.

— Não basta. Amanhã, comprem mapas e roteiros e estudem como se fosse para um teste de fim de curso. Fixem bem cada rua, beco, praça e parque, assim como os edifícios públicos importantes e mesquitas. Sabem que as placas com os nomes estão sendo arrancadas?

Eles assentiram com inclinações de cabeça. Transcorridos quinze dias desde o início da invasão, recompostos do choque inicial, os kuwaitianos começavam a oferecer uma resistência passiva de desobediência cívica. Fora espontânea e descoordenada. Um dos objetivos consistia em arrancar as placas com os nomes das ruas. A cidade tem uma topografia complicada e, sem essas indicações, convertia-se num labirinto. As patrulhas iraquianas começavam a ficar compreensivelmente desorientadas. Para a polícia secreta, encontrar o endereço de um suspeito constituía um pesadelo.

Naquela primeira noite, Martin deu aos novos pupilos algumas noções de segurança básica. Deviam estar sempre munidos de uma explicação suscetível de ser confirmada, para qualquer percurso ou encontro. Absterem-se de ter consigo documentos comprometedores. Tratar os soldados iraquianos com respeito a roçar a deferência. Não confiar em ninguém.

— De agora em diante, cada um de vocês é duas pessoas. Uma corresponde ao original que todos conhecem, o estudante ou empregado. Delicado, atencioso, cumpridor da lei, incoerente, inofensivo. Os iraquianos não o incomodarão, porque não constitui uma ameaça. Nunca lhes insulta a pátria, a bandeira ou o chefe supremo. Jamais desperta a atenção da AMAM. Contenta-se com permanecer vivo e em liberdade. A outra personalidade só surge durante uma missão. Torna-se então cauteloso, hábil e perigoso... e esforça-se por se conservar vivo.

Falou-lhes da segurança numa reunião. Chegar cedo e deixar o transporte a uma distância conveniente. Confundir-se com as

sombras. Observar o local durante vinte minutos, prestando particular atenção às casas próximas. Procurar cabeças nos telhados, prenunciadoras de uma emboscada. Apurar os ouvidos para tentar detetar passos pesados de soldados. Quando, finalmente, os mandou embora, antes do início do recolher obrigatório, eles mostraram-se desapontados.

— E os invasores? Quando começamos a matá-los?

— Quando soubermos como.

— Não há nada para fazer, já?

— Os iraquianos costumam andar por aí a pé? — perguntou Martin.

— Não — informou o estudante de Direito. — Usam caminhões, picapes, jipes, carros roubados.

— Que têm tampas de tanque fáceis de retirar. Basta girá-las levemente. Cubos de açúcar, vinte por cada depósito. Dissolve a gasolina, introduz-se no carburador e transforma-se em caramelo espesso com o calor do motor, acabando por destruí-lo. Tenham a maior cautela para não serem surpreendidos. Ajam em duplas e depois do anoitecer. Um fica de vigia, enquanto o outro derrama o açúcar no tanque, coloca de novo a tampa. Bastam dez segundos. — Martin fez nova pausa. — Um pedaço de aglomerado de dez centímetros por dez, com quatro pregos pontudos atravessando. Empurrem com o pé para baixo do pneu de um veículo estacionado. Há muito rato no Kuwait, assim muitas lojas vendem raticida. Comprem do branco, à base de estricnina. Depois, consigam massa de pão numa padaria, misturem o veneno usando luvas de borracha, que devem ser destruídas em seguida. Assem o pão no forno de casa, mas só quando estiverem sozinhos.

Os estudantes arregalaram os olhos. — Temos de dar isso aos iraquianos?

— Não, levem em cestas descobertas na scooter ou na mala do carro. Eles os interceptarão nas barreiras e não deixarão de roubá-los. Bem, voltamos a encontrar-nos aqui, dentro de uma semana.

Quatro dias mais tarde, começaram as avarias em motores de viaturas iraquianas. Umas eram rebocadas, outras abandonadas: seis caminhões e quatro jipes. Os mecânicos descobriram a causa,

mas não conseguiram apurar quando ou onde a sabotagem ocorrera. Eram frequentes as explosões de pneus; os pedaços de madeira foram entregues à polícia de segurança, que quase explodiu também de frustração e espancou kuwaitianos detidos ao acaso nas ruas.

As enfermarias dos hospitais principiaram a encher-se de soldados com problemas gástricos. Como comiam o que encontravam, pois não dispunham de rações de combate, as autoridades sanitárias concluíram que as indisposições se deviam a água contaminada.

Até que, no Hospital de Amiri, em Dasman, um técnico de laboratório kuwaitiano analisou amostra de vômito de um iraquiano doente e, perplexo, procurou o chefe do departamento.

— Tudo indica que ingeriu raticida, mas ele garante que, nos últimos três dias, só comeu pão e fruta.

— Pão do exército iraquiano?

— Não. A distribuição de pão deles é irregular e ele o roubou de um entregador de padaria, que o levava a um cliente.

— Onde está a amostra?

— No laboratório.

— Jogue fora, sem deixar vestígios. Não aconteceu nada, entende?

O chefe do laboratório meneou a cabeça espantado quando o outro se retirou. Raticida misturado a massa do pão. Quem lembraria disso?

A Comissão Medusa voltou a reunir-se em 30 de agosto, porque o perito em bacteriologia de Porton Down considerou que descobrira tudo o que podia sobre o programa de guerra bacteriológica do Iraque.

— Receio que estejamos diante de insignificâncias — anunciou o Dr. Bryant. — A principal razão consiste em que o estudo de bacteriologia se pode efetuar adequadamente em qualquer laboratório de medicina legal ou veterinária com o mesmo equipamento de um laboratório comum, o que não figura em licenças de exportação. A esmagadora maioria do produto destina-se ao benefício da Humanidade, para curar doenças e não propagá-

las. Nada mais natural num país em desenvolvimento do que estudar enfermidades como esquistossomose, beribéri, febre amarela, malária, cólera, tifo ou hepatite. São todas humanas. Há outra gama de doenças, animais que colegas veterinários desejarão naturalmente estudar.

— Em outras palavras, não há qualquer maneira de estabelecer se o Iraque dispõe de meios para fabricar uma bomba bacteriológica? — perguntou Sinclair, da CIA.

— Concretamente, não — assentiu Bryant. — Há registros de que, em 1974, quando Saddam Hussein ainda não ocupava o trono, por assim dizer...

— Era vice-presidente e o poder por trás do trono — esclareceu Terry Martin.

— Bem, não importa — volveu Bryant, contrariado com a interrupção. — O Iraque assinou um contrato com o Instituto Merieux de Paris para a construção de um projeto de pesquisas bacteriológicas, aparentemente destinado a estudos veterinários de doenças de animais, e talvez fosse verdade.

— E quanto às histórias de culturas de antraz para usar contra seres humanos? — quis saber o americano.

— Bem, é possível. O antraz é uma doença particularmente virulenta. afeta sobretudo o gado, mas também pode contaminar a pessoa que manipular ou ingerir produtos de origens infectadas. Como sabemos, o governo britânico fez experiências dessa natureza na ilha Grinard, das Hébridas, na Segunda Guerra Mundial. A doença continua incontrolável.

— É assim tão grave, hein? Onde teria Hussein obtido essa matéria-prima?

— Este é o ponto, Mr. Sinclair. Não se pode visitar um laboratório de renome europeu ou americano e pedir: “Poderiam me fornecer algumas culturas de antraz, porque quero envenenar certas pessoas?” Até porque, nem seria necessário. Há gado contaminado em praticamente todo o Terceiro Mundo. Bastaria tomar nota de um surto e comprar duas ou três carcaças infectadas, operação que não figura na papelada oficial de um governo.

— Nesse caso, ele pode ter culturas dessa doença para usar em bombas, mas nós não sabemos. É isso? — perguntou Sir Paul

Spruce, que conservava a esferográfica de ouro suspensa sobre o bloco de notas.

— Mais ou menos — aquiesceu Bryant. — Mas esta é a má notícia. A boa notícia é que duvido que funcione contra um exército em marcha. Penso que, frente a um inimigo avançando, qualquer força armada deseja sustá-lo e, se possível, repeli-lo.

— De fato, é o caso — confirmou Sinclair.

— Pois bem, o antraz não faz isso. Ele impregnaria o solo, se fosse lançado do ar à frente do exército. Tudo o que houvesse no chão... grama, frutas, legumes... ficaria infectado. Todos os animais que pastassem ali morreriam. Quem comesse a carne, bebesse o leite ou manuseasse a pele sofreria o contágio. Por outro lado, o deserto não é o meio ideal para a cultura de semelhantes esporos. Nossos soldados se alimentarão sem dúvida de refeições previamente preparadas e beberão água engarrafada.

— Como, aliás, já fazem — observou.

— Portanto, não exerceria efeitos indesejáveis, a menos que inalassem os esporos pela respiração. A doença nos seres humanos tem de alcançar os pulmões ou o canal digestivo por ingestão. De qualquer modo, suponho que usarão máscaras?

— Está nos nossos planos.

— E nos nossos — acudiu Sir Paul.

— Então, não vejo por que o antraz — declarou Bryant. — Não reteria os soldados, como certos gases, e aqueles que o contraíssem poderiam ser curados com antibióticos potentes. Há um período de incubação. As tropas podiam ganhar a guerra e depois adoecer. Francamente, é mais uma arma de terroristas do que de militares. Um frasco de antraz concentrado despejado no sistema de abastecimento de água de uma cidade provocaria epidemia catastrófica que sobrecarregaria os serviços médicos. Mas se eu pretendesse “borrifar” soldados em combate num deserto, escolheria um gas dos nervos. São invisíveis e de ação rápida.

— Então, sem indicação de que Saddam tenha laboratório de preparação de armas químicas? — observou Sir Paul Spruce.

— Francamente, eu procuraria todos os institutos e universidades ocidentais de Veterinária. Para saber se tiveram professores ou delegações visitando o Iraque nos últimos dez anos.

Aos que visitaram perguntaria se algum prédio lhes era proibido, ou cercado de precauções de quarentena. Se sim, é ali.

Sinclair e Palfrey escreviam furiosamente. Mais uma tarefa para os investigadores.

— Se isso não produzir resultado, restam os serviços secretos — acrescentou Bryant. — Um cientista iraquiano dessa especialidade que se tenha transferido para o Ocidente. Os investigadores de bacteriologia gostam de formar grupos herméticos. Sabemos o que acontece nos nossos países, mesmo numa ditadura como o Iraque. Se Saddam dispõe de algo do gênero, um homem assim pode estar ao corrente.

— Bem, somos profundamente gratos, Dr. Bryant — disse Sir Paul, enquanto todos se levantavam. — Mais trabalho para os detetives dos nossos governos, hein, Mr. Sinclair? Ouvi dizer que nosso outro colega em Porton Down, Dr. Reinhart, poderá fornecer o resultado de suas deduções sobre gases venenosos em duas semanas. Obrigado por terem comparecido, senhores.

O grupo no deserto observava em silêncio a alvorada que começava a cobrir as dunas. Os jovens que chegaram à casa do beduíno na véspera não sabiam que passariam a noite em claro. Contavam com mais uma preleção.

Assim, não tinham levado casacos e as noites no deserto são geladas, mesmo em pleno agosto. Tremiam e se perguntavam como explicariam sua ausência aos pais preocupados. Parados em algum lugar pelo toque de recolher obrigatório? Então, por que não tinham telefonado? O aparelho não funcionava. Sim, era a justificativa mais ou menos plausível.

Três dos cinco voluntários perguntavam-se se tinham feito a opção certa, mas era tarde demais para reconsiderar. O beduíno disse que chegara a hora da ação e conduziu-os a um maltratado Land Rover estacionado a dois quarteirões de distância, encontrando-se em pleno deserto antes do recolher obrigatório.

Rolaram para sul por trinta quilômetros, até que interceptaram uma estrada no areal que, segundo eles suspeitavam, se estendia do campo petrolífero de Manageesh para oeste em direção à Rodovia Exterior. Não ignoravam que todos os poços de petróleo

contavam com guarnições de iraquianos e as estradas principais estavam infestadas de patrulhas. Ao sul do ponto onde estavam, havia dezesseis divisões do Exército e da Guarda Republicana, voltadas para a Arábia Saudita e a vaga crescente de americanos, o que os enervava.

Três membros do grupo deitavam-se na areia ao lado do beduíno, com o olhar cravado na estrada, à claridade crescente. Era muito estreita. Os veículos teriam de se desviar para a beira pedregosa para cruzar.

Uma prancha com numerosos pregos cobria metade da estrada. O beduíno a retirara do carro, colocara-a no local apropriado e dissimulara-a com algumas sacos velhas e areia, com ajuda dos companheiros.

Os outros dois — o bancário e o estudante de Direito — concentravam-se na vigilância. Cada um postara-se atrás de uma duna a 100 metros do local, para comunicar a aproximação de algum veículo.

Passavam poucos minutos das seis da manhã quando o estudante de Direito acenou de determinada maneira, que significava: “Material demais para os nossos recursos.” O beduíno puxou a linha de pesca cuja extremidade segurava e a prancha deslizou para fora da estrada. Trinta segundos mais tarde, passaram dois caminhões repletos de soldados. Em seguida, ele aproximou-se e voltou a preparar a armadilha.

Transcorridos mais alguns minutos, foi a vez de o empregado bancário fazer sinal. Era o apropriado. Acercava-se um carro de comando que seguia para o lado dos campos petrolíferos.

O condutor não prestou atenção especial à área coberta de areia na estrada e os pregos não tardaram a furar as rodas da frente, enquanto as sacas vazias as envolviam e o veículo oscilava perigosamente, até que se imobilizou.

O homem saltou para o chão e emergiram dois oficiais do banco de trás — um major e um alferes — que começaram a gritar, ao mesmo tempo em que apontavam para as rodas. Seria impossível aplicar o macaco, em virtude do ângulo caprichoso em que o carro ficara. O beduíno indicou aos surpreendidos pupilos que aguardassem onde estavam, levantou-se e encaminhou-se para a

estrada. Tinha uma manta cobrindo o ombro direito e exibia um largo sorriso quando saudou o major.

— Salaam aleikhem, sayidi major. Vejo que têm um problema. Talvez lhes possa ser útil. Os meus companheiros estão aqui perto.

O oficial levou a mão à pistola, mas em seguida acalmou-se e inclinou a cabeça.

— Aleikhem salaam, beduíno. Este diabo de camelo deixou o carro sair da estrada.

— Tem de ser puxado para a pista, sayidi. Conto com muitos irmãos.

O beduíno estava a menos de três metros, quando ergueu o braço. Fez fogo no estilo SAS: duas rajadas da Kalashnikov desmontável, uma pausa, mais duas e nova pausa. O major foi atingido em pleno coração. Um leve movimento da arma para a direita não permitiu que o alferes acabasse de sair do veículo e a rajada final pôs termo à vida do condutor.

O ruído dos disparos pareceu ecoar nas dunas, porém o deserto e a estrada estavam vazios. Por fim, o beduíno chamou os três aterrorizados estudantes dos seus esconderijos.

— Coloquem os corpos no carro, com o condutor sentado ao volante e os oficiais na retaguarda — indicou aos dois rapazes, após o que entregou uma chave de fenda à moça. — Fure o tanque em três pontos.

Em seguida, olhou para os locais onde estavam os vigias, os quais gesticularam para indicar que não se aproximava ninguém. Voltou-se de novo para a moça e mandou-a embeber o lenço em gasolina, ao qual aplicou um fósforo aceso e atirou ao carro, depois de lhes indicar que se afastassem para o lugar onde haviam deixado o Land Rover, não sem pegar previamente na prancha e nas sacas.

Durante o percurso de regresso, e na sequência de um longo silêncio, Martin perguntou: — Observaram tudo com atenção?

— Absolutamente.

— O que acharam?

— Foi tudo... muito rápido — disse a moça.

— Pois a mim pareceu que nunca acabava — declarou o bancário.

— Foi rápido e brutal — asseverou Martin. — Quanto tempo

acham que estivemos na estrada?

— Meia hora?

— Seis minutos. Ficaram chocados?

— Ficamos.

— Ótimo. Só os psicopatas não se sentiriam chocados na primeira vez. Um general americano chamado Patton...Sabem a quem me refiro?

— Não.

— Disse uma vez que não lhe competia certificar-se de que os seus soldados morriam pela pátria, mas de que os outros infelizes morriam pela deles. Compreendem?

A filosofia de George Patton não se traduzia muito bem em árabe, mas eles entenderam a conclusão geral.

— Quando uma pessoa vai para a guerra, pode esconder-se até determinado ponto. A partir daí, há uma alternativa. Ou morre ela ou o inimigo. Escolham já. Podem regressar aos estudos ou ir para a guerra.

Os jovens refletiram durante alguns minutos, até que Rana foi a primeira a falar.

— Vou para a guerra, se me mostrar como devo proceder.

Perante essa atitude, os outros tiveram de concordar.

— Muito bem — disse Martin. — Mas primeiro tenho de lhes ensinar a destruir, matar e conservar a vida. Encontramo-nos em minha casa, dentro de dois dias, ao amanhecer, quando terminar o recolher obrigatório. Levem livros de estudo, todos, inclusive tu, bancário. Se forem interceptados, comportem-se com naturalidade. São meros estudantes que vão para as aulas.

— Agora, desçam. Arranjem transporte para a cidade em veículos separados.

Tinham alcançado a estrada pavimentada. Ele apontou para uma garagem onde os caminhões decerto parariam e lhes dariam boleia. Quando os jovens se afastaram, regressou ao deserto, desenterrou o rádio do esconderijo, afastou-se cerca de cinco quilômetros do local, montou o prato da parabólica e começou a exprimir-se em código para determinada casa em Riad.

Uma hora após a emboscada, o carro de comando

carbonizado foi encontrado por outra patrulha e os corpos levados para o hospital mais próximo, Al Adan, nas cercanias de Fintas, na costa.

O médico-legista que procedeu às autópsias perante um impaciente coronel da polícia secreta, AMAM, descobriu os orifícios das balas. Era um chefe de família, com duas filhas e conhecia a jovem que fora brutalmente violada.

Por fim, cobriu o terceiro corpo com lençol e principiou a descalçar as luvas.

— Tudo indica que morreram asfixiados quando o carro se incendiou, após o acidente — anunciou. — Que Alá se compadeça das suas almas.

O coronel emitiu um grunhido e retirou-se. No terceiro encontro com seu grupo de voluntários, o beduíno levou-os para o interior do deserto — um local a oeste de Kuwait City e a sul de Jahra, onde podiam estar em isolamento absoluto.

Sentados na areia como em piquenique, os cinco jovens assistiram com curiosidade, enquanto o instrutor pegava uma mochila e retirava dela vários dispositivos estranhos, que ia colocando em cima da manta que estendera previamente, ao mesmo tempo que os identificava.

— Plástico explosivo, fácil de manipular, muito estável...

Eles empalideceram visivelmente, quando o viram espremer a substância entre os dedos, como se fosse barro de esculpir. Um dos rapazes, cujo pai possuía uma tabacaria, trouxera, por indicação de Martin, algumas caixas de charutos.

— Temos aqui um detonador com um lápis temporizador incorporado. Quando se imprime uma rotação ao parafuso do topo, é esmagado um tubo de vidro que contém ácido, o qual começa a abrir caminho através de um diafragma de cobre em cerca de sessenta segundos. A seguir, o fulminante de mercúrio ativa o explosivo. Prestem atenção.

Com estas palavras, Martin pegou num pedaço de Semtex do tamanho de um maço de cigarros, colocou-o numa caixa de charutos e introduziu o detonador no centro da massa.

— Quando se faz girar o parafuso, assim, basta fechar a caixa,

colocar um elástico em volta e mantê-la fechada. Isto só se faz no último momento. — Depositou-a no centro do círculo. — Sessenta segundos são um lapso muito mais longo do que pensam. Chegam para ir até o caminhão iraquiano, bunker, ou qualquer refúgio, atirar a caixa para lá e fugir. Mas sempre em andamento normal, sem correr. Uma pessoa em corrida desencadeia o alarme. Afastem-se sempre com antecedência suficiente para alcançar uma esquina. E continuem a caminhar, sem correr, mesmo depois de ouvirem a explosão.

Entretanto, conservava o olhar no relógio de pulso. Trinta segundos.

— Uma coisa... — aventurou o bancário.

— O quê?

— Suponho que isso não seja de verdade?

— A que te referes?

— À bomba que acaba de preparar. É um simulacro, hein?

Quarenta e cinco segundos. Martin estendeu o braço e pegou a caixa.

— Não, é de verdade. Quis mostrar-lhes a duração de sessenta segundos. Nunca entrem em pânico, com estas coisas. O pânico só serve para atrair atenção e morte. Conservem sempre a calma. Com um movimento rápido, atirou-a para as dunas. Pousou atrás de uma e explodiu quase imediatamente. O estrondo abalou o pequeno grupo e levantou uma nuvem de areia.

Num local ao norte do Golfo, um avião de reconhecimento americano observou a deflagração em um dos seus sensores e o técnico comunicou-o ao controlador da missão, que se debruçou sobre a tela, onde o clarão da fonte de calor se atenuava gradualmente.

— Intensidade?

— Das dimensões de um obus de tanque.

— Está bem. Registre o fato. Não há necessidade de tomar medidas.

Vocês também conseguirão preparar engenhos destes, ainda hoje-afirmou o beduíno. — Transportarão e guardarão os

detonadores e os lápis temporizadores aqui.

Pegou num invólucro de charuto, envolveu o detonador em algodão e introduziu-o nele, após o que voltou a aplicar a cápsula da extremidade.

— E o plástico aqui — acrescentou.

Retirou o envoltório de um sabonete e substituiu este por um pedaço de massa de plástico das mesmas dimensões e configuração.

— Vocês mesmos tratarão de comprar mais caixas de charutos, Mantenham sempre dois autênticos dentro, para o caso de serem interceptados e revistados. Se um iraquiano quiser apoderar-se de um ou de toda a caixa, não se oponham.

Obrigou-os a praticar sob o sol ardente, até que conseguiram desembrulhar o sabonete, esvaziar os envoltórios dos charutos, preparar a bomba e colocar o elástico em trinta segundos.

— Podem fazê-lo no banco de trás de um carro, nos banheiros de um café, num portal ou à noite sob a proteção de uma árvore. Primeiro escolham o alvo, certifiquem-se da inexistência de outros soldados afastados que possam sobreviver, para só então imprimir a rotação ao parafuso, lançar a bomba e bater em retirada, com as precauções que referi. Contem até cinquenta, devagar, a partir do momento em que atuarem no parafuso. Se, passados cinquenta segundos, continuarem com ela nas mãos, atirem-na o mais longe que puderem. E como a operação se desenrolará quase sempre na escuridão, é o que vamos fazer a seguir.

Indicou aos pupilos que pusessem vendas nos olhos e observou como procediam. Ao fim da tarde, verificou que conseguiam dar conta do recado de modo satisfatório. Antes de partir, distribuiu o resto do conteúdo da mochila, suficiente para cada um preparar seis “sabonetes” e outros tantos detonadores. O filho do dono da tabacaria comprometeu-se a fornecer — as caixas e envoltórios de alumínio dos charutos. Cada um trataria de comprar o algodão, sabonetes e elásticos. Por último, regressaram à cidade.

Ao longo de setembro, a sede da AMAM no Hotel Hilton começou a receber uma série de relatórios de uma escalada de ataques a soldados e equipamento militar iraquianos. O coronel

Sabaawi tornava-se cada vez mais indignado, à medida que a sua frustração aumentava. As coisas não se desenrolavam como o previsto, pois haviam-lhe assegurado que os kuwaitianos eram covardes e obedeceriam sem discutir. Na realidade, havia vários movimentos de resistência em formação, na sua maioria isolados e descoordenados. No bairro xiita de Rumaithiya, os soldados iraquianos não paravam de desaparecer. Os muçulmanos xiitas tinham motivos especiais para odiar os invasores, porque seus correligionários, os do Irã, haviam sido chacinados aos milhares na guerra Iraque-Irã. Soldados iraquianos que se aventuravam no labirinto de ruas que constituíam o bairro de Rumaithiya arriscavam-se a ser degolados, os corpos abandonados nas sarjetas, jamais recuperados.

Entre os sunitas, a resistência concentrava-se nas mesquitas, onde os iraquianos raramente se atreviam a entrar. Aí, trocavam-se mensagens, forneciam-se armas e planeava-se ataques.

A resistência mais organizada provinha da orientação de notáveis do Kuwait, indivíduos cultos e abastados. Al-Khalifa tornou-se no seu banqueiro e utilizava os fundos para fornecer alimentos para que os kuwaitianos pudessem comer, e outros tipos de carga oculta sob os gêneros provenientes do exterior.

A organização tinha seis alvos em mente, cinco dos quais uma forma de resistência passiva. Um consistia na documentação: todo o resistente recebia elementos de identificação perfeitos, forjados por colaboradores do Ministério do Interior. Outro dizia respeito a serviços de informação: conhecimento dos movimentos dos iraquianos rumo ao quartel-general da Coligação em Riad, em particular acerca do número de efetivos, armamento, fortificações costeiras e localização de rampas de lançamento de mísseis. Um terceiro ramo abarcava o funcionamento dos serviços: água, eletricidade, brigadas de bombeiros e saúde. Quando os iraquianos, derrotados, acabaram por abrir as torneiras do petróleo e destruir o próprio mar, engenheiros petrolíferos do Kuwait indicaram aos bombardeiros americanos que válvulas deviam visar para estancar a inundação.

Circulavam por todos os distritos comissões de solidariedade da comunidade, que contatavam frequentemente com os europeus

e outros residentes do Primeiro Mundo ainda alojados nos seus apartamentos, para os afastar das redes de arrasto do Iraque.

Foi introduzido clandestinamente um sistema de telefones via satélite proveniente da Arábia Saudita, no reservatório falso de um jipe. Não se achava codificado como o de Martin, mas mudando-o constantemente de poiso a resistência kuwaitiana conseguia evitar a detecção iraquiana e contatar com Riad sempre que havia algo de útil para informar. Um rádio-amador desenvolveu notável atividade durante todo o período de ocupação, enviando sete mil mensagens a um seu homólogo no Colorado, as quais foram comunicadas ao Departamento de Estado.

E existia a resistência ofensiva, coordenada por um tenente-coronel kuwaitiano, um dos poucos que se haviam escapado do edifício do Ministério da Defesa, no primeiro dia. Como tinha um filho chamado Fuad, o seu nome de código era Abu Fouad, pai de Fouad.

Saddam Hussein acabou por desistir de formar um governo fantoche e nomeou o meio-irmão, Ali Hassan Majid, governador-geral.

A resistência não constituía um mero jogo. Desenvolvia-se nos meios subterrâneos uma guerra pequena, porém extremamente suja. A AMAM respondeu com a instalação de dois postos de interrogatório: no centro desportivo de Kathma e no Estádio de Qadisiya. Os métodos do chefe desses departamentos, Ornar Khatib, foram importados da prisão de Abu Ghraib, nos subúrbios de Bagdá, e empregados indiscriminadamente. Antes da libertação, morreram quinhentos kuwaitianos, duzentos e cinquenta dos quais executados, muitos deles após tortura prolongada.

O chefe da contra espionagem, Hassan Rahmani, sentava-se à sua secretária no Hotel Hilton e lia os relatórios preparados pelo pessoal destacado para os locais de ação, no decurso de uma breve visita, a 15 de setembro. O texto que se lhe deparava constituía leitura sombria.

Registrava-se um acréscimo de ataques aos postos iraquianos de estradas solitárias, veículos e barreiras. Aquilo achava-se dentro da alçada da AMAM. A resistência local fazia parte das suas atribuições e, no entender de Rahmani, o cretino brutal do Khatib

desfrutava com a situação.

Rahmani manifestava escassa inclinação para a tortura a que o seu rival da estrutura dos serviços secretos iraquianos se mostrava tão dedicado. Preferia confiar na ação paciente da investigação, dedução e astúcia, embora se visse forçado a reconhecer que, no Iraque, fora o terror e nada mais que mantivera o Rais no poder durante tantos anos. Tinha de admitir para consigo que o psicopata e antigo arruaceiro das vielas de Tikrit lhe provocava um certo receio.

Tentara convencer o seu presidente a deixá-lo encarregar-se dos serviços secretos internos no Kuwait, porém a resposta consistira num rotundo "não". Era uma questão de princípio, segundo o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Tariq Aziz, lhe explicara. Ele, Rahmani, estava incumbido de proteger o estado da espionagem e sabotagem de fontes estrangeiras. O Rais não queria conceder que o Kuwait era território forasteiro. Tratava-se, ao contrário, da décima nona província do Iraque. Nessa conformidade, competia a Ornar Khatib providenciar para que isso se verificasse na prática.

Enquanto contemplava o maço de relatórios na sua frente, naquela manhã, no Hotel Hilton, Rahmani sentia-se aliviado por não ter a tarefa a seu cargo. Não passava de um pesadelo e, como predissera, Saddam Hussein jogara os seus trunfos da pior maneira.

O recurso a reféns ocidentais como escudos humanos contra o ataque revelava-se catastrófico e totalmente contraproducente. O Presidente deixara escapar a oportunidade de avançar para sul e ocupar os campos petrolíferos sauditas, o que obrigaria o rei Fahd a comparecer à mesa de negociações, e agora os americanos acudiam em número cada vez maior.

Todas as tentativas para absorver o Kuwait estavam a revelar-se infrutíferas, e, dentro de um mês ou provavelmente menos, a Arábia Saudita seria inexpugnável com o seu escudo americano ao longo da fronteira norte.

Ele estava persuadido de que Saddam Hussein não conseguiria abandonar o Kuwait sem humilhação, nem permanecer lá, se fosse atacado, sem uma afronta ainda mais ignominiosa. Não obstante, o estado de espírito entre os círculos mais próximos do

Rais continuava a ser de confiança, como se estivesse à espera de algo de imprevisto que alteraria radicalmente a situação. Mas que demônio aguardava o homem que sucedesse? Que Alá descesse pessoalmente dos céus para esmagar o inimigo?

Rahmani levantou-se da secretária e aproximou-se da janela. Gostava de se movimentar, enquanto refletia — desanuviava-lhe o cérebro. Olhou para baixo e observou que a marina parecia transformada num local de recolha de lixo.

Havia algo nos relatórios que o preocupava particularmente. Voltou a sentar-se, para nova leitura. Sim, existia algo de estranho. Alguns dos ataques aos iraquianos provinham de armas ligeiras e outros de bombas fabricadas com TNT industrial. No entanto, havia outro tipo de atentados que indicava o recurso a explosivo de plástico. Ora, o Kuwait nunca possuíra aquele gênero de material, e muito menos o Semtex-H. Por conseguinte, quem o utilizava e onde o obtinha?

Como se isso não bastasse, falava-se de um transmissor de mensagens codificadas situado no deserto, em mutação constante da sua fonte e períodos de duração variáveis, assim como no tocante à hora.

Havia igualmente a alusão a um beduíno misterioso, que surgia e desaparecia como por artes mágicas, nos lugares mais inesperados, e deixava sempre uma esteira de destruição. Dois soldados feridos com gravidade haviam revelado, antes de expirar, que tinham visto o homem, alto e senhor de si, de keffiyeh vermelho e branco, uma de cujas extremidades lhe cobria parte do rosto.

Dois kuwaitianos haviam mencionado, sob tortura, a lenda do beduíno invisível, embora alegassem que nunca o tinham visto. O homens de Sabaawi tentavam convencê-los do contrário, através de martírios ainda mais excruciantes.

Quanto mais ponderava o assunto, mais Hassan Rahmani admitia a possibilidade de ter entre mãos um infiltrador estrangeiro, indiscutivelmente integrado na sua autoridade. Custava-lhe a crer que existisse um beduíno familiarizado com explosivos de plástico e transmissores de mensagens codificadas, se porventura se devia tudo ao mesmo homem.

Resultaria impossível localizar e deter todos os beduínos que

vagueavam pela cidade e pelo deserto. A AMAM decerto procederia assim, mas limitar-se-ia a arrancar unhas durante anos consecutivos, sem chegar a qualquer resultado prático.

Para ele, o problema resumia-se a três opções. Capturar o homem durante um dos seus ataques, mas seria contingente e talvez nunca acontecesse. Deter um dos seus colaboradores kuwaitianos e, a partir daí, tentar localizar o covil. Ou surpreendê-lo debruçado sobre o seu transmissor, no deserto.

Rahmani concentrou-se na terceira alternativa. Mandaria vir do Iraque duas ou três das suas melhores equipes de detetores de rádio, colocá-las-ia em pontos diferentes e tentaria triangular a origem da transmissão. Necessitaria igualmente de um helicóptero do exército pronto para acudir, com um grupo das forças especiais, que se encarregaria do resto. Trataria disso assim que regressasse a Bagdá.

Hassan Rahmani não era a única pessoa interessada no beduíno, naquele dia, no Kuwait. Numa casa suburbana a alguns quilômetros de distância do Hilton, um jovem kuwaitiano de thob de algodão branco sentava-se numa poltrona e escutava o amigo que o procurara com uma informação interessante.

— Estava no carro, à espera que a luz do sinal mudasse, quando reparei num caminhão do exército iraquiano no cruzamento, com os soldados em volta do capô, comendo e fumando. De repente, um jovem surgiu de um café com um objeto que parecia uma caixa de charutos na mão. Não achei nada de extraordinário no fato, até que o vi atirá-la para baixo do carro. A seguir, dirigiu-se para a esquina e desapareceu. A luz mudou, mas continuei onde estava. Deviam ter passado uns cinco segundos quando o caminhão se desintegrou e varreu os soldados. Então saí velozmente, antes que os homens da AMAM chegassem.

— Explosivo plástico — murmurou o oficial do exército. — Quanto eu não daria para ter algum! Devia ser um dos homens do beduíno. Quem será o filho da mãe? Gostaria de conhecê-lo.

— Mas eu reconheci o rapaz. Não teria vindo informar uma coisa que já sabias. Garanto que identifiquei o cara que lançou a bomba. Há anos que compro tabaco na loja do pai dele.

Quando falou na Comissão Medusa, em Londres, três dias mais tarde, o Dr. Reinhart parecia cansado. Embora tivesse suspendido todas as suas outras atribuições em Porton Down, a documentação que levara consigo da reunião anterior e a informação suplementar chegada quase ininterruptamente desde então haviam-no sobrecarregado com uma tarefa monstruosa.

— O estudo talvez ainda não esteja concluído, mas nota-se já uma imagem muito clara — anunciou. — Sabemos que Saddam Hussein dispõe de uma grande capacidade de produção de gás venenoso. Estimo-a em mais de mil toneladas por ano. Durante a guerra Irã-Iraque, alguns soldados iranianos afetados foram tratados aqui na Grã-Bretanha, e tive oportunidade de os examinar. Fosgênio e gás mostarda foram identificados sem dificuldade. A notícia mais grave consiste em que não há dúvida de que o Iraque possui reservas de dois dos gases mais letais, agentes nervosos de invenção alemã denominados sarin e tabun. Se fossem empregados nessa guerra, como acredito, nem valia a pena tratar as vítimas em hospitais ingleses. Teriam morrido.

— Qual é o alcance da gravidade desses... hum... agentes? — perguntou Sir Paul Spruce.

— É casado?

O homem mostrou surpresa.

— Com certeza.

— Sua esposa costuma perfumar-se com um pulverizador?

— Sim, na verdade via-a fazê-lo diversas vezes.

— Reparou nas minúsculas gotas?

— Sim, notei que eram minúsculas e, pelo preço, congratulei-me com isso.

— Duas gotas como essas de sarin ou tabun na pele, e a pessoa morre — explicou o químico de Porton Down. Fez uma pausa para apreciar o efeito produzido. — As pesquisas dos iraquianos no campo dos gases nervosos remontam a 1976. Nesse ano, contataram com a empresa britânica ICI para produzir exterminadores de pulgas, mas os materiais que pediam levaram-na a rejeitar a ideia. As especificações que apresentam destinavam-se a vasilhas de reatores, tubos e bombas anticorrosivos, indícios

suficientes para a convencer de que era um gás dos nervos e não pesticidas que estava em jogo.

— Ainda bem que a pretensão foi rejeitada — murmurou Sir Paul, enquanto escrevia algo no bloco de notas.

— Mas não fecharam todas as portas — salientou o antigo refugiado vienense. — O pretexto consistia sempre em que o Iraque necessitava de produzir herbicidas e pesticidas, o que, naturalmente, exige o emprego de venenos.

— Claro não queriam realmente produzir esses exterminadores agrícolas? — aventurou Paxman.

— Nem por sombra — asseverou Reinhart. — Para um químico profissional, a chave reside nas quantidades e tipos. Em 1981, conseguiram que uma firma alemã lhes construísse um laboratório de uma natureza muito especial e invulgar. Destinava-se à produção de pentacloreto de fósforo, ponto de partida químico do fósforo orgânico que constitui um dos ingredientes do gás nervoso. Nenhum laboratório de pesquisas universitário necessitaria de manipular essas hediondas substâncias tóxicas. Os engenheiros químicos envolvidos deviam estar ao corrente do fato. Outras licenças de exportação revelam encomendas de tiodiglicol. O gás mostarda obtém-se a partir dele, quando misturado com ácido clorídrico. O tiodiglicol, em pequenas quantidades, também se utiliza para produzir a tinta das esferográficas.

— Que quantidade compraram? — quis saber Sinclair.

— Quinhentas toneladas.

— Dá para muitas esferográficas — comentou Paxman, secamente.

— Isto aconteceu em 1983 — prosseguiu Reinhart. — No verão, a importante fábrica de veneno de Samarra entrou em laboração, para produzir iperite, que é o gás mostarda, e começaram a empregá-lo contra os iranianos em dezembro do mesmo ano. Durante os primeiros ataques destes, os iraquianos serviram-se de uma mistura de chuva amarela, iperite e tabun. Em 1985, aperfeiçoaram-na com cianeto de hidrogênio, gás mostarda, tabun e sarin, conseguindo assim uma taxa de mortalidade de sessenta por cento entre a infantaria do Irã.

— Não podemos nos concentrar apenas nos gases de nervos,

doutor? — sugeriu Sinclair. — Parecem-me ser os realmente letais.

— E são — confirmou o Dr. Reinhart. — A partir de 1984, os produtos químicos que eles adquiriam eram o oxicloreto de fósforo, importante precursor do tabun, e dois precursores do sarin: o fosfito trimelítico e o fluoreto de potássio. Do primeiro destes três, tentaram encomendar duzentas e cinquenta toneladas a uma companhia holandesa. Trata-se de pesticida suficiente para matar todas as árvores, arbustos e relva do Oriente Médio. No entanto, os holandeses negaram-se a comprazê-los, à semelhança da ICI, mas, apesar disso, os iraquianos lograram adquirir dois produtos químicos não controlados na época: a dimetilamina para produzir tabun e o isopropanol para o sarin.

— Se não eram controlados na Europa, por que não podiam ser utilizados para pesticidas? — perguntou Sir Paul.

— Por causa das quantidades, do equipamento de manufatura e instalações fabris — explicou Reinhart. — Para um engenheiro químico, nenhuma dessas aquisições se podia destinar a um objetivo que não fosse o gás venenoso.

— Sabe quem tem sido o maior fornecedor ao longo dos anos?

— Claro. Registrou-se uma importante contribuição de natureza científica por parte da União Soviética e Alemanha Oriental, nos primeiros tempos, e algumas exportações de cerca de oito países, na maioria dos casos de pequenas quantidades de produtos químicos não controlados. Mas oitenta por cento da maquinaria, equipamento especial, tecnologia e know-how proveio da Alemanha Federal.

— Na verdade, há anos que protestamos junto das autoridades de Bonn — esclareceu Sinclair. — Sem resultado, claro, pois afirmam que as nossas suspeitas são infundadas. Pode identificar as fábricas de gás nas fotografias que lhe fornecemos, doutor?

— Com certeza. Umas estão à parte, enquanto outras se veem com lupa. — O químico dispôs cinco fotos ampliadas em cima da mesa. — Desconheço os nomes árabes, mas estes números bastam.

— Basta que aponte os edifícios — disse Sinclair. — Aqui, há um complexo de dezessete... temos aqui outro conjunto, este de apenas oito... e mais este...

Consultou uma folha de papel que extraiu da pasta e inclinou a cabeça, com uma expressão sombria.

— É o que nós calculávamos. Situam-se em Al-Qaim, Fallujah, Al-Hillah, Salman Pak e Samarra. Estou-lhe muito grato, doutor. Os nossos rapazes chegaram exatamente à mesma conclusão. Todos esses locais serão incluídos na primeira onda de bombardeios.

No fim da reunião, Sinclair, Simon Paxman e Terry Martin seguiram a pé até Piccadilly e tomaram café em Richoux.

— Não sei o que vocês acham disso, mas, para nós, o ponto crucial é a ameaça do gás — observou Sinclair, enquanto movia a colher no cappuccino. — O general Schwarzkopf está convencido de que isso corresponde ao que classifica de cenário de pesadelo. Ataques de gás maciços às nossas tropas. Terão de estar equipadas da cabeça aos pés para enfrentar esse tipo de inimigo. A faceta menos pessimista da situação é que o gás não tem uma duração prolongada, quando exposto ao ar. Você não parece seguro disso, Terry.

— Essa chuva de projéteis... — resmungou Terry. — Como Saddam vai lançá-los?

Sinclair encolheu os ombros.

— Por uma barragem de artilharia, suponho. Foi o que fez contra os iranianos.

— Mas as peças dele só têm alcance de trinta quilômetros. Devem estar em algum lugar do deserto.

— Sim, temos tecnologia necessária para localizá-las, apesar da camuflagem.

— Então, se a artilharia dele for destruída, como lançará a chuva de gás?

— De bombardeiros, sem dúvida.

— Mas também terão sido destruídos, quando as forças terrestres avançarem. Ele não terá nada para voar.

— Então, recorrerá a mísseis Scud ou qualquer outra coisa. Bem, amigos, vou andando.

— Qual é sua ideia, Terry? — perguntou Paxman, quando o homem da CIA se retirou.

— Não sei bem — admitiu Martin, com um suspiro. — Saddam e seus estrategistas devem saber de tudo isso. Duvido que

minimizem o poderio aéreo dos americanos. Pode conseguir todos os discursos do homem nos últimos seis meses, Simon? Mas têm de ser em árabe.

— Acho que sim. Devem estar arquivados no GCHQ em Cheltenham ou no serviço árabe da BBC. Gravados ou transcritos?

— Gravados, se possível.

Ao longo de três dias, Martin escutou a voz gutural proveniente de Bagdá. Passou as gravações diversas vezes sem conseguir libertar-se da persistente convicção de que o déspota iraquiano produzia os ruídos errados para um homem tão profundamente imerso em apuros. Ou não reconhecia a extensão deles ou sabia algo que os seus inimigos ignoravam.

Em 21 de setembro, Saddam Hussein pronunciou novo discurso, ou melhor, uma declaração, no Conselho do Comando Revolucionário, que continha seu vocabulário peculiar. Afirmou não haver a menor possibilidade de uma retirada do Kuwait e qualquer tentativa para expulsá-lo levaria à “mãe de todas as batalhas”.

A imprensa adorou a expressão, que passou a ser repetida a propósito ou despropósito de tudo.

Terry Martin estudou o texto e finalmente telefonou a Simon Paxman.

— Consultei o vernáculo do Alto Tigre — anunciou.

— Que passatempo! — comentou o outro.

— Por causa da expressão que ele empregou: “a mãe de todas as batalhas”.

— Sim, e daí?

— O termo traduzido por “batalha” também significa baixa ou banho de sangue.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Não se preocupe com isso — acabou Paxman por dizer.

No entanto, Martin se preocupava.

Capítulo 7

O filho do dono da tabacaria estava assustado e o pai também.

— Diz o que sabes, rapaz — indicou este último.

Os dois homens da delegação da Comissão de Resistência do Kuwait tinham-se mostrado absolutamente delicados ao identificarem-se, mas firmes quanto ao desejo de que o jovem fosse sincero.

O dono da tabacaria, embora soubesse que os nomes não correspondiam aos verdadeiros, compreendia que tinha na sua frente dois indivíduos poderosos e influentes. E ficou surpreso ao saber que o filho estava envolvido em resistência ativa. Como se isso não bastasse, acabava de ouvir que não fazia parte da organização oficial kuwaitiana, pois lançara uma bomba num caminhão iraquiano por ordem de um sujeito de quem nunca ouvira falar. Na verdade, tudo para deixar um pai extremamente abalado.

Encontravam-se os quatro sentados na sala da residência confortável do tabaqueiro em Keifan, e um dos visitantes explicava que a organização não tinha nada contra o beduíno e apenas pretendia contatar com ele, para estabelecerem uma plataforma de colaboração.

O rapaz descreveu o que acontecera desde que o seu amigo fora impedido de atirar nos ocupantes de um transporte de tropas iraquianas, emboscado atrás de um monte de entulho, na beira da estrada. Os dois homens escutaram em silêncio, apenas com uma ou outra pergunta ocasional de esclarecimento. O que mantinha mutismo absoluto e usava óculos escuros era Abu Fouad.

O interlocutor estava particularmente interessado na casa onde o grupo de jovens se reunia com o beduíno. O rapaz forneceu o endereço e acrescentou: — Duvido que haja qualquer vantagem em procurá-lo. Ele é muito cauteloso. Um de nós foi lá uma vez para falar com ele e encontrou a porta trancada. Achamos que não mora lá, mas soube da visita na sua ausência e recomendou que não o repetisse, de contrário interromperia o contato conosco e não o tornaríamos a ver.

Abu Fouad inclinou a cabeça em assentimento. Ao contrário

dos outros, era um militar treinado e julgava reconhecer a presença de alguém nas mesmas condições.

— Quando é a próxima reunião? — perguntou a meia-voz.

— Ele procura um de nós, que informa os outros. Talvez demore algum tempo.

Os dois kuwaitianos saíram. Levavam a descrição de dois veículos: uma picape amassada, aparentemente disfarce de um agricultor que transportava frutas para a cidade, e um potente Land-Rover para as digressões ao deserto.

Abu Fouad revelou os números de matrícula a um amigo que trabalhava no Ministério dos Transportes, mas só conseguiu apurar que eram fictícios. O único indício suplementar consistia nos bilhetes de identidade que o homem necessitaria de utilizar para não ser retido nos locais de inspeção e barreiras nas estradas.

Através da sua comissão, contatou um funcionário do Ministério do Interior, e desta vez a sorte não lhe voltou as costas. O homem recordava-se de emitir um bilhete de identidade falso para um agricultor de Jahra, um favor que fizera ao milionário Ahmed Al-Khalifa, seis semanas antes.

Abu Fouad ficou encantado e intrigado. O comerciante era uma figura influente e respeitada no movimento, mas sempre se supusera que só participava da parte financeira da organização. Que motivo o levaria a proteger o misterioso e letal beduíno?

Ao sul da fronteira do Kuwait o fluxo de armamento americano prosseguia. Na última semana de setembro, o general Norman Schwarzkopf, instalado no labirinto de salas secretas dois pisos abaixo do Ministério da Força Aérea Saudita, em Riad, reconheceu finalmente que dispunha de material e homens suficientes para declarar a Arábia Saudita a coberto de um eventual ataque iraquiano.

No ar, o general Charles “Chuck” Horner construíra um “guarda-chuva” de aço em patrulha constante — uma frota aérea de “caças, bombardeiros e aviões de reabastecimento, em número suficiente para aniquilar uma possível invasão.

Norman Schwarzkopf sabia que possuía unidades mecanizadas e artilharia ligeira e pesada para enfrentar qualquer

coluna iraquiana, cercá-la e destruí-la.

Na última semana de setembro, em condições de sigilo absoluto ao ponto de nem os aliados da América se inteirarem, foram traçados planos para passar da posição defensiva para a ofensiva. O assalto ao Iraque achava-se projetado, embora o mandato das Nações Unidas ainda se limitasse a garantir a segurança da Arábia Saudita e dos Estados do Golfo, e apenas isso.

Mas Schwarzkopf também enfrentava problemas. Um consistia em que o número de tropas, armas e tanques voltados contra ele era o dobro do existente quando chegara a Riad, seis semanas atrás. Quanto ao outro óbice, residia em que necessitaria de duplicar os efetivos das forças da Coligação para libertar o Kuwait.

O general esforçava-se por seguir à risca as maneiras de proceder de George Patton: uma baixa entre as suas forças representava um morto a mais. Assim, antes de entrar em ação, pretendia duas coisas: duplicar o número de soldados com que atualmente contava e a garantia de um ataque aéreo com a certeza de “degradar” em cinquenta por cento o poderio das forças iraquianas dispostas a norte da fronteira.

O que implicava mais tempo, equipamento, armamento, tanques, tropas, aviões, combustível, alimentos, armazéns e, sobretudo, muito mais dinheiro. Por fim, comunicou aos abismados Napoleões de poltrona do Capitólio que, se queriam obter a vitória, tinham de lhe satisfazer o pedido.

O planeamento desenrolado na última semana de setembro desenrolou-se no meio do maior segredo. E ainda bem que foi assim, pois as Nações Unidas, sem planos definidos, aguardariam até 29 de novembro, antes de dar luz verde para expulsar as tropas iraquianas do Kuwait, a menos que Saddam Hussein prometesse retirá-las antes de 16 de janeiro. Se o planeamento fosse iniciado em fins de novembro, não teria sido completado a tempo.

Ahmed Al-Khalifa estava profundamente embaraçado. Conhecia, evidentemente, Abu Fuad, e sabia quem e o que era. Além disso, o seu pedido causava-lhe satisfação. Mas, como explicou, empenhara a sua palavra de honra, pelo que se achava impossibilitado de o comprazer.

Absteve-se, pois, de lhe revelar que o beduíno em causa era na realidade um oficial britânico. No entanto, aceitou deixar uma mensagem para ele num local que sabia que visitaria, mais cedo ou mais tarde.

Na manhã seguinte, depositou uma carta, com a sua recomendação pessoal para que se encontrasse com Abu Fuad, sob a lápide de mármore do túmulo do marinheiro Shepton, no cemitério cristão.

O grupo tinha cinco soldados comandados por um sargento, que ficaram tão surpresos como o beduíno quando este surgiu na esquina.

Mike Martin deixara a picape na garagem habitual e atravessava a cidade a pé em direção à casa que escolhera para aquela noite. Quando avistou os iraquianos e compreendeu que também o tinham visto, amaldiçoou-se entre dentes, consciente de que, na sua atividade, um homem pode morrer por mínima distração.

Há muito que soara o recolher obrigatório e, embora estivesse habituado a percorrer a cidade deserta de transeuntes mas mas cheia de patrulhas, esforçava-se por permanecer nas ruas menos iluminadas, enquanto as forças invasoras preferiam vigiar as principais estradas.

Todavia, na sequência do regresso de Hassan Ahrnani a Bagdá e seu ácido relatório quanto à ineficiência do Exército Popular, houve alterações na rotina. As boinas verdes das Forças Especiais começavam a aparecer.

Embora não se equiparassem à Guarda Republicana, os Boinas Verdes eram pelo menos mais disciplinados do que a escória de recrutas que atendia pelo nome de Exército Popular. Seis deles estavam agora junto a seu transporte, num cruzamento onde normalmente não costumava haver iraquianos.

Martin teve tempo apenas de se apoiar pesadamente ao bordão de que se fazia acompanhar e adotar a atitude de um ancião. Tratava-se de uma postura conveniente, pois a cultura árabe concede respeito aos velhos.

— Venha cá! — bradou o sargento.

Havia quatro espingardas de assalto apontadas ao vulto solitário de keffiyeh de xadrez, que fez uma pausa e em seguida recomeçou a coxear.

— Que fazes na rua a estas horas, beduíno?

Tento chegar a minha casa antes do recolher obrigatório.

— O recolher começou há duas horas, velho tonto.

Este meneou a cabeça, confuso.

— Não sabia, sayidi. Não tenho relógio.

No Oriente Médio, os relógios não são indispensáveis; apenas apreciados como sinal de prosperidade. Os soldados iraquianos no Kuwait não tardaram a possuir um, roubado, naturalmente. Mas o termo “beduíno” deriva de bidun, que significa “sem”.

O sargento emitiu um grunhido. A explicação era plausível.

— Documentos — exigiu.

Martin pousou a mão livre na túnica encardida.

— Parece que os perdi — gemeu.

— Revistem-no.

Um dos soldados adiantou-se para obedecer. A granada de mão fixada à parte interna da coxa esquerda do suposto beduíno parecia-lhe uma melancia como as da picape.

— Não toques nas minhas bolas — advertiu, bruscamente.

O soldado deteve-se e um colega soltou uma risada divertida, enquanto o sargento procurava manter uma expressão grave.

— Vá, Zuhair. Revista-o.

O interpelado hesitou, embaraçado, consciente de que estava sendo provocado.

— Só a minha mulher pode tocar aí — volveu o beduíno.

Dois soldados não conseguiram conter o riso e baixaram as espingardas. Os outros logo o imitaram, ao passo que Zuhair continuava indeciso.

— É claro que não lucras nada com isso — persistiu Martin. — A idade já não me permite essas coisas.

Desta vez, nem o próprio sargento conservou o ar sisudo.

— Muito bem, velhote. Segue teu caminho. E não voltes a andar depois do toque de recolher.

Martin afastou-se com lentidão e, ao alcançar a esquina, fez uma pausa e voltou-se, ao mesmo tempo que introduzia a mão na

túnica. Quando a granada que lançou pousou na biqueira da bota de Zuhair, todos a fitaram de olhos arregalados. Por fim, explodiu. Foi a morte de seis militares. Era também o último dia de setembro.

Naquela noite, longe dali, em Telaviv, o general Yaacov Kobi Dror, do Mossad, estava sentado no seu gabinete, no edifício Hadar Dafna, a saborear uma bebida após o trabalho com um velho amigo e colega, Shlomo Gershon, mais conhecido por Sami.

Este último era chefe dos Combatentes, ou Divisão Komemiute, seção responsável pelos agentes “ilegais”, perigoso ramo da espionagem. estava presente, com outro homem, quando o seu superior hierárquico mentira a Chip Barber. — Não teria sido conveniente dizer-lhes? — perguntou, porque o assunto voltara a ser abordado.

Dror levou o copo aos lábios e pousou-o, antes de replicar:

— Que se mexam e recrutem seus agentes.

Era um sabra, nascido e educado em Israel, sem a amplitude de visão nem a indulgência de pessoas como David Ben Gurion.

A sua lealdade política voltava-se para o partido Likud, quase da extrema-direita, com Menachem Begin, que estivera no Irgun, e Itzhak Shamir, outrora da linha dura.

Uma ocasião em que assistia a uma preleção de um subordinado a novos recrutas, ouvira-o pronunciar a expressão “agências de serviços secretos amigos”, mandara-o calar e dirigira-se aos alunos nos seguintes termos:

— Israel não tem amigos de espécie alguma, salvo a possível exceção de uma diáspora judaica. O mundo divide-se em duas categorias: inimigos e neutros. Quanto aos primeiros, sabemos como enfrentá-los. No caso dos segundos, aceitamos tudo o que têm para nos oferecer, sem darmos nada em troca. Somam-lhes, apliquem-lhes palmadas nas costas, tomem uma bebida com eles, elogiem-nos, agradeçam as informações, mas não lhes revelem nada.

— Esperemos ao menos que eles nunca o descubram — observou Gershon.

— Como haveriam de descobrir? Só oito pessoas sabemos. E pertencemos todos ao mesmo departamento.

Talvez fosse devido à bebida, mas Dror esquecera-se de uma pessoa.

Na primavera de 1988, um homem de negócios britânico chamado Stuart Harris visitou uma feira industrial em Bagdá. Era diretor de vendas de uma firma de Nottingham que fabricava e vendia equipamento para construção de estradas. O evento era patrocinado pelo Ministério dos Transportes iraquiano. Como quase todos os ocidentais, instalara-se no Hotel Rashid, na Yafa Street, construído quase exclusivamente para os estrangeiros, e ficava sempre sob vigilância.

No terceiro dia da exposição, quando regressou ao quarto, Harris descobriu que haviam introduzido um envelope por baixo da porta. Não tinha a indicação de qualquer nome; apenas o número dos aposentos, que era o correto.

Continha uma folha de papel e outro envelope em branco, do tipo da correspondência por via aérea. Na primeira, em inglês e maiúsculas, lia-se: QUANDO REGRESSAR A LONDRES, ENTREGUE ESTE ENVELOPE A NORMAN, NA EMBAIXADA ISRAELENSE.

Apenas isto. Stuart Harris sentiu-se dominado pelo pânico, aterrorizado mesmo. Conhecia a reputação da temível polícia secreta do Iraque. O que quer que o sobrescrito encerrasse, poderia contribuir para a sua detenção, tortura e porventura morte.

Não obstante, conseguiu manter-se calmo e tentou analisar a situação. Por que ele, por exemplo? Havia dezenas de homens de negócios ingleses em Bagdá. Por que o haviam escolhido? Não podiam saber que era judeu e o pai chegara à Grã-Bretanha em 1935, procedente da Alemanha, com a identidade de Samuel Horowitz.

Embora nunca viesse a inteirar-se, houvera uma conversa, dois dias atrás, no refeitório do recinto da feira, entre dois funcionários do Ministério dos Transportes do Iraque. Um falara ao outro da sua visita à fábrica de Nottingham, no outono anterior, onde Harris fora seu anfitrião no primeiro e segundo dias, desaparecera durante vinte e quatro horas e finalmente regressara à circulação. Quando lhe perguntara se estivera doente, um colega presente rira

e revelara que se ausentara para celebrar o Yom Kippur.

Os dois funcionários públicos iraquianos não voltaram a pensar no assunto, ao contrário de alguém que estava sentado perto deles, o qual repetiu a conversa ao seu superior. Este fingiu não lhe ligar importância, porém mais tarde ponderou o assunto, decidiu mandar investigar Stuart Harris, de Nottingham, e inteirou-se do número do seu quarto no Hotel Rashid.

Harris perguntava-se o que deveria fazer. Mesmo que o autor anônimo da missiva descobrisse a sua ascendência judaica, havia uma coisa de que nunca tomaria conhecimento, por mais que se esforçasse. Por extraordinária coincidência, era um sayan.

O Instituto de Contra-Espionagem e Operações Especiais israelense, fundado em 1951, por determinação do próprio Ben Gurion, é conhecido fora das suas portas por Mossad, termo hebraico que significa Instituto. No seu seio, nunca se emprega essa designação, mas sempre o “Gabinete”. De entre todas as organizações congeneres do mundo, é sem dúvida a menos numerosa, com um orçamento reduzido, comparativamente.

Deve-se a dois fatores conseguir funcionar com uma guarnição e verba modestas. Um consiste na facilidade com que “suga” informação no meio da população civil israelense — população essa ainda surpreendentemente cosmopolita, que contém uma enorme variedade de talentos, idiomas e origens geográficas.

O outro fator diz respeito a uma rede internacional de colaboradores ou assistentes, em hebraico sayanim. Trata-se dos judeus da diáspora, os quais, embora provavelmente leais ao país em que residem, manifestam simpatia especial pelo estado de Israel.

Há dois mil só em Londres, cinco mil no resto da Grã-Bretanha e dez vezes mais nos Estados Unidos. Nunca intervêm diretamente em operações — pedem-se-lhes unicamente favores. E devem ser convencidos de que a colaboração solicitada não faz parte de qualquer ação contra o seu país de nascimento ou adopção, pois o conflito de lealdades não é permitido. No entanto, o recurso a essas pessoas permite reduzir os custos operacionais substancialmente.

Por exemplo: uma equipe do Mossad chega a Londres para montar uma operação contra uma brigada secreta palestiniana.

Precisa de transporte. Para tal, um sayan dedicado à venda de veículos recebe o pedido para deixar um carro usado em determinado lugar, com as chaves debaixo do tapete. Mais tarde, quando já não é necessário, devolvem-no. O sayan nunca se inteira do objetivo para o qual o utilizam e fica registrado nos livros da firma que foi cedido para a eventual venda a um interessado.

Essa mesma equipe carece de uma “fachada”. Um sayan envolvido na compra e venda de bens imobiliários cede-lhe uma loja desocupada, e outro ligado ao comércio de doçaria abastece-a. Para ponto de entrega da “correspondência”, outro sayan empresta as chaves de um escritório vago.

Stuart Harris estava em gozo de férias na estância de veraneio israelense de Eilat, quando, no bar do Red1 Rock, entabulou conversa, ou vice-versa, com um jovem bemparecido que dominava perfeitamente o idioma inglês. Num encontro ulterior, o mesmo jovem apresentou-se com um indivíduo mais idoso, o qual conseguiu hábil e sutilmente inteirar-se da posição de Harris quanto aos interesses de Israel. Antes de terminar o período de férias, este último admitiu que, se alguma vez lhes pudesse ser útil...

De regresso a Inglaterra e à casa em que vivia com a esposa, tudo se desenrolou normalmente durante dois anos, sem que o incumbissem de qualquer missão. Não obstante, um visitante de modos cordiais procurava-o periodicamente por mera cortesia. Com efeito, uma das tarefas mais fastidiosas dos katsas em serviço no estrangeiro consiste em estar a par da situação dos sayanim da sua lista.

Por conseguinte, Stuart Harris conservava-se dominado pelo pânico num quarto de hotel de Bagdá, sem saber o que fazer. A carta podia perfeitamente constituir uma provocação e alguém o interceptaria no aeroporto, quando pretendesse embarcar com ela no bolso. Deveria introduzi-la dissimuladamente na bagagem? Duvidava de que fosse capaz. De resto, como a recuperaria em Londres?

Por fim, acalmou-se e elaborou um plano, que executou perfeitamente. Queimou o sobrescrito exterior e o bilhete num cinzeiro, pulverizou as cinzas e lançou-as na sanita, após o que accionou o autoclismo. Em seguida, ocultou o segundo sobrescrito

debaixo do cobertor de reserva dobrado no armário, depois de o limpar de impressões digitais.

Se efetuassem uma busca ao quarto, juraria que não precisara do cobertor e a carta devia ter sido deixada por um ocupante anterior.

Entrou numa papelaria para comprar um sobrescrito de maiores dimensões e num edifício dos Correios, a fim de adquirir estampilhas suficientes para expedir uma revista para Londres. Para o efeito, optou por uma que enaltecia as virtudes do Iraque como organizador da feira.

No último dia da sua estada, antes de partir para o aeroporto com os dois colegas, recolheu ao quarto, introduziu a carta entre as páginas da revista e esta no sobrescrito, que endereçou a um tio em Long Eaton. Sabia que havia um marco postal no átrio e a próxima extração da correspondência se efetuava dentro de quatro horas. Calculou que mesmo que a embalagem fosse aberta por eventuais agentes iraquianos, ele já se encontraria então a bordo de um avião britânico, que nessa altura provavelmente sobrevoaria os Alpes.

Diz-se que a sorte favorece os intrépidos ou os imprudentes, ou ambos. Na realidade, o átrio era vigiado por homens da AMAM, particularmente interessados em observar se algum estrangeiro prestes a partir era abordado por um iraquiano, para tentar entregar-lhe qualquer objeto suspeito. Harris levava o sobrescrito debaixo do braço esquerdo, dentro do casaco. Um homem entrincheirado atrás de um jornal aberto prestava atenção ao que se passava, porém um carro com bagagem interpôs-se no momento em que o inglês depositava o sobrescrito no marco. Quando reapareceu no campo visual do iraquiano, estava junto da Recepção, para entregar a chave do quarto.

A revista foi entregue em casa do tio, uma semana mais tarde. Harry sabia que ele estava ausente de férias e, como possuía a chave, para a eventualidade de se registrar um roubo ou incêndio, utilizou-a para a recolher. A seguir, dirigiu-se à embaixada israelense em Londres e pediu para falar com o seu contato. Conduziram-no a uma saleta e indicaram que aguardasse.

Pouco depois, surgiu um homem de meia-idade, que lhe perguntou o nome e motivo pelo qual desejava avistar-se com

“Norman”. Harry elucidou-o, extraiu o sobrescrito da algibeira e pousou-o na mesa. O diplomata empalideceu, solicitou-lhe que esperasse um momento e saiu.

Ele aguardou interminavelmente, segundo lhe parecia. Embora o ignorasse, estava a ser observado e fotografado, ao mesmo tempo que se desenrolavam diligências para confirmar que se tratava realmente de um sayan e não de um terrorista palestiniano. Por fim, dissipadas todas as dúvidas, o jovem katsa entrou na sala.

Sorriu, apresentou-se com a identidade de Rafi e convidou Harris a contar a sua história desde o princípio, em Eilat. Apesar de se achar ao corrente de tudo, necessitava de se certificar. Quando a narrativa chegou a Bagdá, o seu interesse aumentou e passou a formular várias perguntas. Não anotou nada, porque estava a ser tudo devidamente gravado. Por último, pegou no telefone e manteve diálogo em voz baixa com um colega mais graduado, que estava no aposento contíguo.

O seu derradeiro ato consistiu em agradecer profusamente a Harris, felicitá-lo pela coragem e sangue-frio revelados, exortá-lo a não divulgar o incidente a ninguém e desejar-lhe feliz regresso a casa.

Um homem de capacete de segurança, blusão protegido e luvas levou a carta, a fim de ser fotografada e submetida aos raios-X. A embaixada israelense já perdera um homem com uma missiva armadilhada e não queria que o fato se repetisse.

A carta foi finalmente aberta. Continha duas folhas de papel apropriado do correio aéreo cobertas de caracteres árabes. Rafi não falava o idioma e ainda menos o lia. E o mesmo se aplicava ao resto do pessoal do posto de Londres, pelo menos para decifrar a complexa caligrafia. Em face disso, ele enviou um relatório minucioso a Telaviv e pela rádio e a seguir redigiu uma descrição ainda mais pormenorizada no estilo formal e uniforme denominado NAKA, no Mossad. Seguiram ambos na mala diplomática do voo da noite de Heathrow, com destino ao aeroporto de Ben Gurion.

Um estafeta armado que se deslocava numa motocicleta recebeu a encomenda do avião e levou-a para o imponente edifício no bulevar Rei Saul, onde, após a hora do pequeno-almoço, foi entregue ao chefe da seção do Iraque, um eficiente e jovem katsa

chamado David Sharon.

Este falava e lia árabe fluentemente e o que se lhe deparou nas duas páginas de papel quase transparente produziu-lhe uma sensação muito semelhante à que o invadira quando se lançou de para-quedas sobre o deserto de Negev, durante o período de treino nos Paras.

Serviu-se da sua própria máquina de escrever, evitando recorrer à sua secretária e ao processador de palavras, para bater uma tradução literal do texto. Em seguida, levou-a, juntamente com o relatório de Rafi, ao seu superior imediato, diretor da Divisão do Oriente Médio.

Segundo a carta, o signatário era um funcionário de alto nível do regime iraquiano disposto a trabalhar para Israel em troca de uma remuneração, e só com esta condição.

Havia mais algum texto e o endereço de uma posta-restante no edifício principal dos Correios de Bagdá, mas a essência era essa.

Naquela noite, houve uma reunião de cúpula no gabinete privado de Kobi Dror. Estavam presentes Sami Gershon, chefe dos Combatentes, Eitan Hadar, superior imediato de Sharon como Diretor do Oriente Médio, ao qual ele levara a carta, nessa manhã, e o próprio David Sharon.

Gershon mostrou-se incrédulo desde o início.

— É tudo falso — asseverou. — Nunca vi uma tentativa de vigarice tão grosseira. Não estou disposto a enviar um único dos meus homens para se certificar, Kobi. Seria o mesmo que mandá-lo para a morte. Não enviaria sequer um o*ter* para o contato. Oter é um árabe que o Mossad usa para estabelecer contato preliminar com outro árabe; um elo de ligação de baixo nível e muito mais dispensável que um eficiente katsa israelense. E seu ponto de vista parecia prevalecer. A carta não passava de uma manobra pouco hábil para atrair uma alta patente katsa a Bagdá, para ser preso, torturado, submetido a julgamento e executado em público. Por fim, Dror voltou-se para Sharon.

— Cortaram sua língua, David? Qual é a sua opinião?

— Creio que Sami deve ter, quase inevitavelmente,

razão. Seria rematada loucura enviar um bom agente.

Eitan Hadar dirigiu-lhe um olhar de advertência. Havia a rivalidade habitual entre Divisões. Não convinha conceder a vitória de bandeja a Gershon. — Noventa e nove por cento das hipóteses indicam que se trata de uma armadilha.

— Só noventa e nove? — ironizou Dror. — E o um por cento que resta, meu amigo?

— É uma ideia sem pé nem cabeça que acaba de me ocorrer. O um por cento significaria que caiu do céu aos trambolhões no nosso como um novo Penkovsky.

Seguiu-se um pesado silêncio. O nome pairava na atmosfera como um desafio aberto. Gershon expeliu o ar dos pulmões através de um longo silvo. Por seu turno, Kobi Dror fitava o chefe da seção do Iraque e Sharon contemplava as pontas dos dedos.

Em espionagem, existem apenas quatro maneiras de recrutar-se um agente de infiltração nos altos níveis de um país.

A primeira e de longe a mais difícil consiste em recorrer a um dos cidadãos do país, mas treinado para passar por súbdito da nação visada. Trata-se de um objetivo quase impossível, a menos que o infiltrador tenha nascido e vivido nele e possa ser enviado de novo para lá, com uma explicação convincente da sua ausência. Mesmo assim, tem de esperar anos primeiro que ganhe acesso a segredos importantes — período que por vezes se chega a prolongar por dez anos.

Não obstante, Israel fora mestre nessa técnica. E isto porque, quando o Estado era jovem, afluíam os judeus que se haviam criado em diferentes partes do mundo. Havia-os capazes de passar por marroquinos, argelinos, líbios, egípcios, sírios, iraquianos e iemenitas. Sem contar com os provenientes da Rússia, Polônia, Europa Ocidental e Américas.

O mais bem sucedido de todos foi Elie Cohen, nascido e criado na Síria, introduzido em Damasco como um sírio que estivera ausente vários anos e decidira regressar. Com o seu nome nativo, tornou-se íntimo de políticos, funcionários públicos e generais importantes, os quais se exprimiam livremente durante as suntuosas recepções que ele promovia. Tudo o que diziam, inclusive todo o plano de batalha sírio, chegou ao conhecimento de Telaviv a tempo

para a Guerra dos Seis Dias. Cohen foi descoberto, torturado e executado publicamente na Praça da Revolução de Damasco. Essas infiltrações são extremamente perigosas e muito raras.

Mas os anos passaram e os primeiros imigrantes israelenses envelheceram. Os seus filhos sabra não estudavam árabe, pelo que não podiam tentar emular Cohen, razão pela qual a Mossad, em 1990, dispunha de muito menos arabistas do que se poderia imaginar.

Havia, porém, uma segunda razão. A penetração dos segredos árabes efetua-se mais facilmente na Europa ou na América. Se um Estado Árabe compra um “caça” americano, os pormenores podem ser roubados facilmente e com menos riscos nos Estados Unidos. Se um árabe bem situado na vida parece mais suscetível de uma abordagem, por que não efetuá-la quando visita pontos importantes da Europa? Era por isso que, em 1990, a esmagadora maioria das operações do Mossad se desenrolava de preferência na Europa e América de baixo risco do que nos Estados Árabes de risco elevado.

No entanto, o rei de todos os infiltradores foi Marcus Wolf, o qual, durante anos, dirigiu a rede dos serviços secretos da Alemanha Oriental. Possuía uma vantagem importante — um alemão oriental podia passar por alemão federal.

No decurso da sua época, “Mischa” Wolf infiltrou várias dezenas de agentes seus na Alemanha Federal, uma das quais se tornou secretária particular do chanceler Willi Brandt. A especialidade de Wolf consistia na secretária solteirona de meia-idade que conseguia revelar-se indispensável para o seu patrão-ministro, capaz de copiar todos os documentos que lhe passavam pelas mãos, a fim de informar Berlim Oriental.

O segundo método de infiltração diz respeito à utilização de um nativo da Agência agressora, fazendo-se passar por alguém proveniente de uma terceira nação. O país alvo sabe que o infiltrador é estrangeiro, mas julga que se pode considerar amigável e simpatizante.

O Mossad dedicou-se a esta operação de forma brilhante com um homem chamado Zeev Gur Arieh, que nascera, em 1921, em Mannheim, Alemanha, com o nome de Wolfgang Lotz. Tinha um metro e oitenta de altura, louro, de olhos azuis, não circuncidado,

mas judeu. Chegou a Israel em criança, criou-se aí, adquiriu um nome judeu, combateu no movimento de resistência Haganah e veio a tornar-se major do exército israelense, até que a Mossad decidiu pegar-lhe na mão.

Foi enviado para a Alemanha durante dois anos para aperfeiçoar as suas noções do idioma e “prosperar” com o dinheiro fornecido pela Mossad. Em seguida, com uma atraente esposa germânica, emigrou para o Cairo e montou uma escola de equitação.

Constituiu um êxito extraordinário. Os oficiais egípcios adoravam descontrair-se com os seus cavalos, sob as vistas do atencioso Wolfgang, alemão direitista e anti-semita no qual podiam confiar. E não confiavam pouco. Tudo o que diziam era transmitido a Telaviv. Lotz acabou por ser desmascarado, mas teve a sorte de escapar à execução e, após a Guerra dos Seis Dias, foi trocado por prisioneiros egípcios.

Mas um impostor ainda mais bem sucedido foi outro alemão de uma geração anterior. Antes da Segunda Guerra Mundial, Richard Sorge exercia as funções de correspondente estrangeiro em Tóquio e dominava perfeitamente o idioma japonês, com contatos importantes no governo de Hideki Tojo, o qual aprovava os manejos de Hitler e supunha que Sorge era um nazi ferrenho — pelo menos, este assim proclamava.

Nunca ocorreu a Tóquio que, ao invés, se tratava de um comunista alemão ao serviço de Moscou. Durante anos, revelou às autoridades soviéticas os planos de guerra de Tojo. O seu coup supremo foi o último. Em 1941, as tropas de Hitler encontravam-se às portas de Moscou. Estaline precisava de saber com urgência se o Japão montaria uma invasão à URSS a partir das suas bases na Manchúria. Sorge averiguou que não tencionava fazê-lo. Assim, o dirigente russo pôde transferir 40000 soldados mongóis do Leste para Moscou. A carne de canhão asiática manteve os alemães em respeito por mais algumas semanas até à chegada do inverno, altura a partir da qual Moscou ficou livre de perigo.

Mas não Sorge, que foi descoberto e enforcado. Todavia, antes de morrer, a sua informação provavelmente alterou o curso da História.

O método mais comum de assegurar a presença de um agente no país alvo é o terceiro: recrutá-lo simplesmente quando se encontra ainda “no local”. O recrutamento pode ser fastidiosamente moroso ou surpreendentemente rápido. Com esse objetivo em vista, “detetores de talentos” patrulham a comunidade diplomática em busca de um funcionário superior do “outro lado” suscetível de se sentir desencantado, insatisfeito e rancoroso ou de algum modo suficientemente maduro para se deixar aliciar.

São estudadas as delegações que visitam países estrangeiros, para verificar se algum dos seus membros se revelará sensível a uma abordagem para uma troca de lealdades. Quando o detetor de talentos encontra um “possível”, os recrutadores entram em cena através de uma amizade banal, que se vai aprofundando com o tempo. Por último, o “amigo” solicita um pequeno favor — uma informação de escassa importância.

A partir do momento em que a armadilha está montada, não há fuga possível. Os motivos para o recrutamento com vista a servir outro país variam. O recruta pode estar crivado de dívidas, ter sido preterido numa promoção, detestar o regime vigente ou ambicionar simplesmente uma vida de dinheiro e luxo.

Muitos soviéticos, como Penkovsky e Gordievsky, mudaram de campo por razões de “consciência” sinceras, mas a maioria dos espiões obedece a fins mais pessoais e egoístas, persuadidos de que se revestem de importância especial no esquema das coisas.

Mas o mais singular de todos os recrutamentos é a “entrada”. Como o termo indica, o recruta limita-se a entrar, inesperadamente, sem se fazer anunciar, e oferecer os seus préstimos.

A reação da agência abordada reveste-se sempre de profundo ceticismo: se tratará de uma “implantação” do outro lado? Assim, quando, em 1960, um russo de estatura elevada procurou os americanos em Moscou, declarou que era coronel dos serviços secretos militares soviéticos-o GRU — e se prontificou a espiar para o Ocidente, foi rejeitado.

Perplexo, o homem procurou os ingleses, que decidiram conceder-lhe uma oportunidade. Oleg Penkovsky revelou-se um dos agentes mais surpreendentes. Durante a sua breve carreira de trinta meses, entregou 5500 documentos à operação anglo-americana

que o “dirigia”, todos pertencentes à categoria de “secreto” ou “ultra-secreto”. No decurso da crise dos mísseis cubanos, o mundo nunca se apercebeu de que o Presidente Kennedy estava inteirado de todos os trunfos que Nikita Khruschev tinha para utilizar, como um jogador de póquer com um espelho atrás do ombro do oponente. O espelho era Penkovsky.

O russo expôs-se a riscos extremamente perigosos, ao recusar-se a vir para o Ocidente definitivamente, quando o podia fazer. Após a crise dos mísseis, foi desmascarado pela contra espionagem soviética, julgado e fuzilado.

Nenhum dos outros três israelenses presentes no gabinete de Kobi Dror naquela noite em Telaviv precisava de esclarecimentos acerca de Oleg Penkovsky. No seu mundo, fazia parte de uma lenda. O sonho pairou nas suas mentes, quando Sharon mencionou o nome. Um traidor real, de vinte e cinco quilates, em Bagdá? Seria verdade? Poderia ser verdade?

Kobi Dror dirigiu um olhar intenso a Sharon.

— Qual é a sua ideia, rapaz?

— Bem, estava apenas pensando — replicou o interpelado. — Uma carta... sem risco para ninguém... mera carta com algumas perguntas... perguntas difíceis, de coisas que gostaríamos de saber.

O olhar de Dror transferiu-se para Gershon, e o homem que dirigia os agentes “ilegais” encolheu os ombros, como se pretendesse dizer: “Limito-me a colocar homens no terreno. Quero lá saber de cartas!”

— Muito bem, jovem David. Vamos responder, fazemos algumas perguntas e aguardamos o resultado. Colabore com o David nisto, Eitan. Mostrem-me o texto antes de enviar.

Eitan Hadar e David Sharon retiraram-se juntos.

— Oxalá saiba o que está fazendo — advertiu o chefe do Oriente Médio ao seu protegido.

A carta foi redigida com o maior cuidado por vários peritos na matéria; pelo menos, na versão hebraica. A tradução seria efetuada mais tarde.

David Sharon apresentou-se apenas com o nome de baptismo, e desde o início. Agradeceu ao signatário os incômodos a que se expusera e assegurou-lhe que a carta chegara ao destino

pretendido por quem a redigira.

E prosseguia referindo que o signatário decerto compreendia que a missiva suscitava surpresa e suspeita consideráveis, tanto pela sua origem como pelo método de envio.

Se a idoneidade do seu autor pudesse ser estabelecida, a exigência do pagamento não provocaria qualquer problema, embora o produto tivesse de justificar a compensação financeira, importar-se-ia por conseguinte de responder às perguntas enumeradas na folha apensa? E terminava com um endereço em Roma para onde a resposta poderia ser enviada.

Na realidade, esse endereço correspondia ao de uma “casa segura” pouco utilizada que o posto de Roma indicara a pedido de Telaviv. A partir daí, o pessoal de Roma manteria o local sob vigilância permanente. Se alguém da segurança iraquiana aparecesse lá, seria detetado e o assunto terminaria virtualmente antes de haver começado.

As vinte perguntas da lista foram escolhidas meticulosamente e após longa meditação. O Mossad já conhecia as respostas a oito, pelo que qualquer tentativa para ludibriar Telaviv não funcionaria.

Outras oito referiam-se a desenvolvimentos cuja veracidade poderia ser investigada, depois de ocorrerem. E as restantes quatro envolviam fatos que Telaviv desejava na verdade conhecer, em particular sobre as intenções de Saddam Hussein.

— Bem, veremos até onde o filho da mãe pretende ir — murmurou Kobi Dror, quando acabou de ler a lista.

Por último, foi chamado um professor da Faculdade Árabe da Universidade de Telaviv para incutir à redação da carta um estilo impecável. Sharon assinou-a com a versão árabe do seu nome: Daoud.

O texto continha mais uma questão. Como David gostaria de atribuir uma identidade ao seu correspondente, importar-se-ia que se chamasse simplesmente Jericho?

A carta foi expedida do único país árabe em que Israel tinha embaixada: do Cairo.

Em seguida, David Sharon dispôs-se a aguardar pacientemente. Quanto mais pensava no assunto, mais alucinado lhe parecia. Um “marco postal” num país cuja rede de contra-

espionagem era dirigida por alguém tão arguto e implacável como Hassan Rahmani afigurava-se-lhe rematada loucura. Assim como mencionar informação ultra-secreta em linguagem clara, e não existia qualquer indicação de que Jericho estava minimamente familiarizada com a escrita secreta. O recurso ao correio vulgar achava-se igualmente posto de parte, se acaso o assunto prosseguisse. Em todo caso, era muito provável que tudo ficasse por ali.

Não foi, porém, o que aconteceu. A resposta de Jericho chegou a Roma quatro semanas mais tarde e seguiu para Telaviv numa caixa inviolável. Tomaram-se precauções extremas. O sobrescrito podia conter um explosivo ou emanar uma toxina letal. Quando os cientistas o declararam finalmente “limpo”, foi aberto.

Ante o assombro geral, Jericho excedia as previsões mais otimistas. Das oito perguntas de que a Mossad conhecia as respostas, não havia uma única incorreta. Outras oito-? referentes a movimentos de tropas, promoções, demissões, viagens ao estrangeiro de luminares identificáveis com o regime — teriam de aguardar confirmação, quando e se ocorressem. Quanto às quatro finais, Telaviv não tinha possibilidades de proceder à verificação, mas revelavam-se verossímeis.

David Sharon redigiu uma carta de resposta, através de um texto que não causaria problemas de segurança, se fosse interceptada. “Prezado tio: Agradeço a tua carta que acabo de receber. Congratulo-me por saber que estás bem de saúde. Algumas das coisas que referes levarão o seu tempo a averiguar, mas prometo voltar a escrever em breve. O teu dedicado sobrinho, Daoud.” Começava a generalizar-se a convicção, no edifício Hadar Dafna de que Jericho poderia revelar-se merecedor de confiança e útil. Se fosse o caso, havia necessidade de passar à ação com urgência. A permuta de duas cartas era uma coisa, mas orientar um agente secreto instalado numa ditadura brutal diferia substancialmente. Nem pensar em prosseguir a comunicação através de linguagem clara e do correio público, ingredientes seguros de um desastre prematuro.

Seria necessário um agente da sede para entrar em Bagdá, viver lá e “dirigir” Jericho pelas das armas usuais: escrita secreta,

códigos, marcos postais “mortos” e um método sem interceptação de fazer o produto sair de lá, rumo a Israel.

— Não vou nessa — repetia Gershon. — Não quero colocar um katsa experiente israelense em Bagdá numa missão “negra”, para uma permanência prolongada. Sem cobertura diplomática, nada feito.

— Pronto, Sami — acedeu Dror. — Pode contar com ela.

— Vejamos o que temos.

O ponto notável da cobertura diplomática consiste em que um agente “negro” pode ser detido, torturado e enforcado. Um diplomata acreditado, mesmo em Bagdá, pode evitar esses desconfortos. Se for surpreendido exercendo espionagem, declaram-no persona non grata e é expulso. Acontece com frequência.

Naquele verão, várias divisões importantes do Mossad exerceram atividade extraordinária — em particular, a de Investigação. Gershon pôde anunciar imediatamente que não possuía qualquer agente em qualquer embaixada acreditada em Bagdá, pelo que se achava livre de embaraços a esse respeito. Principiaram, pois, as diligências para encontrar um diplomata que satisfizesse as condições indispensáveis.

Foram identificadas todas as embaixadas estrangeiras em Bagdá e adquiridas listas das capitais de todos os países do seu pessoal naquela cidade. Não havia ninguém que tivesse trabalhado para a Mossad e pudesse ser reativado. Não figurava sequer um sayan nelas.

De súbito, surgiu alguém com uma ideia: as Nações Unidas. A organização tinha uma agência com base em Bagdá, em 1988 — a Comissão Econômica da Ásia Ocidental.

O Mossad tem uma penetração profunda das Nações Unidas em Nova Iorque, pelo que foi adquirida uma lista do pessoal. Um nome despertou prontamente a atenção — um jovem judeu chileno chamado Alfonso Benz Moncada. Embora não fosse um agente treinado, era um sayan, pelo que se achava presumivelmente preparado para ser útil.

As informações de Jericho revelaram-se totalmente exatas.

— Ou o próprio Saddam está envolvido nisso ou Jericho trai o

seu país sem apelo nem agravo — comentou Kobi Dror.

David Sharon enviou uma terceira carta, também protegida por uma aura de inocência. Aludia a uma encomenda efetuada pelo cliente instalado em Bagdá de peças extremamente delicadas de vidro e porcelana. Tudo indicava que havia necessidade de proceder a uma embalagem segura, a fim de evitar quebras durante o transporte.

Um katsa de língua espanhola radicado na América do Sul foi enviado a Santiago, para convencer os pais do senhor Benz a chamar o filho em casa com urgência, devido a doença grave da mãe, e o próprio pai incumbiu-se de transmitir a mensagem para Bagdá. O preocupado filho apressou-se a solicitar três semanas de licença e seguiu de avião para o Chile.

Aguardava-o, não a mãe enferma, mas toda uma equipe de agentes de treino do Mossad, os quais lhe rogaram que acedesse à sua proposta. Ele discutiu o assunto com os pais e acabou por aceder.

Outro sayan em Santiago, sem conhecer o motivo, emprestou a sua casa de verão, rodeada por um jardim murado, fora da cidade e junto do mar, e a equipe de treino iniciou os trabalhos.

O treino de um katsa costuma prolongar-se por dois anos, sobretudo para se tornar num agente secreto em território hostil. a equipe dispunha de três semanas e as atividades desenrolaram-se a um ritmo de dezesseis horas diárias, no final das quais o instruendo aprendeu virtualmente a enfrentar todas as situações difíceis e, em particular, desembaraçar-se delas.

No termo desse lapso de tempo, Alfonso Benz Moncada despediu-se dos pais quase lavados em lágrimas e regressou a Bagdá de avião, via Londres. O chefe dos instrutores, reclinado numa poltrona na casa, passou a mão exausta pela fronte e desabafou:

— Se aquele fulano conseguir conservar a vida e a liberdade; participo numa peregrinação a Meca.

Os outros soltaram gargalhadas, pois era um judeu irredutivelmente ortodoxo. Enquanto instruíam Moncada, permaneciam totalmente ignorantes da natureza da sua missão em Bagdá. De qualquer modo, não era de sua conta. E o chileno

também não fora elucidado nesse sentido.

Durante a escala em Londres, foi conduzido ao Hotel Penta de Heathrow, onde se encontrou com Sami Gershon e David Sharon, que o esclareceu.

— Não tente identificá-lo — recomendou Gershon. — Deixe isso conosco. Limite-se a estabelecer os "cestos" e abastecê-los. Enviaremos as listas do que pretendemos que seja averiguado. Não as compreenderá, porque estarão redigidas em árabe. Pensamos que Jericho entende mal o inglês, se é que não o desconhece por completo. Nunca tente traduzir o que lhe enviarmos. Deixe-o num dos "cestos" e faça o sinal apropriado a giz, para ele ver de qual se trata.

Noutro quarto, Alfonso Benz Moncada recebeu a sua nova bagagem. Havia uma máquina fotográfica que parecia uma Pentax de turista, mas podia tirar uma centena de fotos com um único rolo de películas e um suporte de alumínio de aspecto inocente para a manter à distância conveniente acima de uma folha de papel.

O estojo de higiene pessoal incluía produtos químicos combustíveis dissimulados sob a forma de loção para depois da barba e várias tintas invisíveis. Por último, explicaram-lhe a maneira de entrar em contato com eles, método concebido durante o treino no Chile.

Escreveria cartas relativas ao seu interesse pelo xadrez ao amigo Justin Bokomo, do Uganda, que trabalhava no Secretariado Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque. A sua correspondência sairia de Bagdá sempre na mala diplomática e as respostas proviriam através de Bokomo.

Embora Benz não o soubesse, havia na verdade um ugandense chamado Bokomo em Nova Iorque, assim como um katsa do Mossad na sala de distribuição da correspondência para proceder às interceptações.

As cartas de Bokomo teriam um reverso que, quando devidamente tratado, revelaria a lista de pedidos do Mossad, a qual deveria ser fotocopiada em segredo e entregue a Jericho, num dos "cestos" previstos.

De regresso a Bagdá, o jovem chileno, com o coração na boca, estabeleceu seis "cestos", na sua maioria em tijolos soltos de

muros antigos ou casas abandonadas, debaixo de lajes em becos obscuros e um sob o peitoril de uma loja encerrada.

Cada vez que se entregava a essa tarefa, imaginava que o cercavam agentes da temível AMAM, porém os cidadãos de Bagdá mostravam-se tão corteses como sempre e ninguém parecia reparar nele, quando se dedicava aos arriscados preparativos.

Anotou devidamente a localização dos seis “cestos” — três para mensagens suas a Jericho e os restantes destinados às respostas dele. Escolheu igualmente seis lugares — muros, portões ou janelas — a fim de marcar a giz a advertência de que havia necessidade de visitar determinado esconderijo.

Quando considerou tudo pronto, escreveu os elementos à máquina; depois de memorizar todos os pormenores, destruiu a fita, fotografou as folhas e enviou a película a Bokomo. Através da sala de correspondência do edifício das Nações Unidas em Nova Iorque, a pequena encomenda chegou às mãos de David Sharon, em Telaviv.

A parte arriscada consistia em enviar toda essa informação a Jericho, pois implicava uma última carta à malfadada posta-restante em Bagdá. Sharon escreveu ao “amigo” que os documentos que pedira seriam depositados ao meio-dia em ponto de 18 de agosto de 1989, dentro de duas semanas, com a obrigatoriedade de os recolher uma hora mais tarde, quando muito.

As instruções precisas, em árabe, encontravam-se em poder de Moncada no dia 16. Ao meio-dia menos cinco de 18, entrou no edifício dos correios, dirigiu-se à posta-restante e depositou o pequeno volume. Ninguém o interceptou ou tentou prender. Uma hora mais tarde, Jericho abria a caixa e retirava o embrulho. Também ninguém o interceptou ou tentou prender.

Uma vez estabelecido o contato seguro, o movimento passou a desenrolar-se com naturalidade. Jericho insistiu em que imporia o “preço” de cada tranche de informações que Telaviv pretendesse, as quais seriam obtidas e enviadas depois da recepção do dinheiro. Para o efeito, indicou um banco muito discreto em Viena, o Winkler, na Balgasse, perto da Franziskanerplatz, e o número da conta.

Telaviv concordou e tratou imediatamente de investigar acerca do estabelecimento bancário em causa. Era pequeno, ultra discreto

e virtualmente inexpugnável. Continha claramente uma conta numerada que correspondia à indicada, porque a primeira transferência no valor de 20000 dólares procedente de Telaviv não foi devolvida.

O Mossad sugeriu a Jericho que se identificasse, “para sua própria proteção, na eventualidade de alguma coisa correr mal e os amigos do Ocidente não lhe poderem acudir. No entanto, ele recusou peremptoriamente, e foi mesmo mais longe. Se se apercebesse de alguma tentativa para vigiar os “cestos” ou abordá-lo de qualquer modo ou ainda o dinheiro não chegasse pontualmente, suspenderia as atividades.

Alfonso Benz Moncada “dirigiu” Jericho durante dois anos, e o resultado não podia ser mais valioso. Referia-se a política, armas convencionais, progressos militares, mudanças de comando, importação e armamento, mísseis, produtos para a guerra química e duas tentativas de golpe de estado contra Saddam Hussein. Jericho só se mostrava hesitante no referente a progressos de natureza nuclear.

No outono de 1989, comunicou a Telaviv que Gerry Bull era alvo de suspeitas e vigiado em Bruxelas por uma equipe da Mukhabarat do Iraque. O Mossad, que na época utilizava os préstimos do cientista sobre outra fonte de progressos do programa de mísseis iraquiano, tentou preveni-lo o mais sutilmente possível. Não lhe podia revelar abertamente o que sabia, pois equivaleria a admitir que tinha alguém infiltrado nas altas esferas de Bagdá.

Por conseguinte, o katsa que controlava o posto em Bruxelas incumbiu os seus homens de penetrar no apartamento de Bull em diversas ocasiões durante o outono e inverno, para deixarem mensagens oblíquas através da rebobinagem de uma cassette de vídeo, alteração do lugar de um ou dois copos utilizados diariamente, uma janela injustificadamente aberta e até alguns cabelos de mulher na almofada da cama.

O cientista preocupou-se, com efeito, mas não o suficiente. Quando chegou a mensagem de Jericho relativa à intenção de o liquidar, era demasiado tarde. A execução consumara-se.

A informação deste último proporcionou à Mossad um quadro quase completo dos preparativos da invasão do Kuwait, em 1990. O

que divulgou sobre as Armas de destruição em massa de Saddam confirmou e ampliou os elementos fornecidos por Jonathan Pollard, entretanto condenado a prisão perpétua.

Tendo presente o que a Mossad sabia e o que supunham que a América também não ignorava, os israelenses aguardaram a reação desta última. No entanto, como, enquanto os preparativos de natureza química, nuclear e bacteriológica prosseguiam no Iraque, o torpor no Ocidente persistia. Telaviv resolveu guardar silêncio.

Em agosto de 1990, dois milhões de dólares tinham sido transferidos do Mossad para a conta numerada de Jericho em Viena. Este resultava dispendioso, mas revelava-se eficiente e Telaviv admitia que merecia o dinheiro. Por fim, ocorreu a invasão do Kuwait e o imprevisto aconteceu. As Nações Unidas, que tinham aprovado a resolução de 2 de agosto no sentido de que o Iraque abandonasse o território imediatamente, reconheceram que não podiam continuar a apoiar Saddam mantendo uma presença em Bagdá e, a 7 do mesmo mês, a Comissão Econômica para a Ásia Ocidental foi encerrada e os diplomatas regressaram a Nova Iorque.

Benz Moncada conseguiu efetuar uma última tarefa. Deixou uma mensagem num “cesto”, para explicar a Jericho que se via forçado a abandonar o país e o contato era interrompido. Não obstante, existia a possibilidade de regressar, pelo que Jericho devia estar atento à eventual aparição de alguma marca a giz nos lugares habituais. O jovem chileno prestou longas e minuciosas informações em Londres, até não haver mais nada que pudesse revelar a David Sharon.

Assim, Kobi Dror pôde mentir a Chip Barber sem pestanejar. Na época, não tinha agente algum implantado em Bagdá. Seria extremamente embaraçoso admitir que não conseguira descobrir o nome do traidor e agora até perdera o contato com ele. No entanto, como Sami Gershon salientara, se os americanos soubessem... No fundo, talvez devesse ter mencionado Jericho.

Capítulo 8

Mike Martin visitou o túmulo do marinheiro Shepton, no cemitério de Sulaibikhat, a 1 de outubro , e encontrou o pedido de Ahmed Al-Kalifa.

Não ficou particularmente surpreendido. Se Abu Fouad ouvira falar dele, também se inteirara do movimento crescente da resistência no Kuwait. Nessa conformidade, era quase inevitável que viessem a encontrar-se, mais cedo ou mais tarde.

Em seis semanas, a posição das forças de ocupação iraquianas alterara-se dramaticamente. A invasão constituíra pouco mais que um mero passeio, o que levara os altos poderes a concluir que a consumação da conquista se desenrolaria sem esforços especiais.

A pilhagem revelara-se fácil e lucrativa, a destruição divertida e a utilização das mulheres agradável. Fora uma sucessão de fatos que remontava aos tempos de Babilônia.

Todavia, transcorridas seis semanas, o panorama começou a alterar-se. Mais de cem soldados e oito oficiais haviam desaparecido ou sido encontrados mortos. Os desaparecimentos não se podiam explicar na totalidade por deserções. As forças de ocupação tinham medo pela primeira vez.

A resistência obrigara o Alto Comando a substituir o exército popular pelas forças especiais, tropas treinadas para o combate que deveriam encontrar-se na linha da frente, para a eventualidade de um ataque americano. O começo de outubro não constituiu para o Kuwait, para parafrasear as palavras de Churchill, o princípio do fim, mas o fim do princípio.

Como não dispunha de meios para responder à mensagem de Al-Khalifa no momento em que a leu no cemitério, Martin só o pôde fazer no dia seguinte.

Acedeu em se encontrarem, mas segundo as suas próprias condições. A fim de dispor da vantagem da escuridão e no intuito de evitar o recolher obrigatório, às 22.00, marcou a reunião para as sete e meia. Forneceu indicações minuciosas sobre o local em que Abu Fouad devia estacionar o carro e o grupo de árvores onde se

encontrariam. O lugar que referia situava-se no bairro de Abrak Kheitan, perto da autoestrada da cidade para o atualmente destruído e inoperante aeroporto.

Desconhecia por completo o conceito de segurança do homem, pelo que preferia supor que não era brilhante, e pretendia tomar todas as precauções para evitar um possível dissabor. Mencionou a tarde do dia sete e deixou o bilhete no cemitério, onde Ahmed Al-Khalifa o recolheu setenta e duas horas antes da data do encontro.

Quando se voltou a apresentar perante a Comissão Medusa, o Dr. John Hipwell, não parecia um físico nuclear e muito menos um dos cientistas que passavam as horas de trabalho por detrás da segurança maciça do estabelecimento de armas atômicas, em Aldermaston, a conceber ogivas de plutônio para os mísseis Trident.

Um observador comum imaginaria que se tratava de um agricultor provinciano, mais à vontade num mercado de gado do que a orientar a delicada e, sobretudo, letal operação de revestir discos de plutônio de ouro puro.

Embora a temperatura ainda fosse alta como em agosto, usava camisa de flanela, gravata de lã e casaco de tweed. Sem perguntar se alguém se opunha, encheu o cachimbo antes de se debruçar sobre o seu relatório. Sir Paul Spruce franziu o nariz com desagrado e fez sinal para que subissem dois furos o regulador do ar condicionado.

— Ora, senhores. A boa notícia consiste em que o nosso amigo Saddam Hussein não tem uma bomba atômica à disposição. Por enquanto e nem de longe — frisou Hipwell, ao mesmo tempo que desaparecia no meio de uma nuvem de fumo azulado.

Registrou-se uma pausa, enquanto ele prestava atenção momentânea ao cachimbo. Entretanto, Terry Martin refletia que, se uma pessoa se arriscava diariamente a receber uma dose mortal de raios de plutônio, a cortina de fumo de tabaco constituía uma ninharia. Por fim, Hipwell concentrou-se de novo nos seus apontamentos.

— O Iraque procura fabricar uma bomba atômica desde meados dos anos setenta, quando Saddam Hussein pegou as rédeas de todo o poder. Parece ser sua principal obsessão. Nessa

época, o país comprou um sistema de reator nuclear completo à França, que não estava vinculada ao Tratado de Não Proliferação Nuclear de 1968.

Chupou o cachimbo quase com volúpia, sem se preocupar com o fato de cair alguma cinza nos papéis à frente.

— Desculpe a interrupção — disse Sir Paul —, mas esse reator destinava-se à produção de eletricidade?

— Suponho que sim — admitiu Hipwell. — Uma insensatez, claro, e os franceses sabiam. O Iraque possui os três maiores depósitos de petróleo do mundo. Podia construir uma usina de energia por menos da metade do preço. Não, a intenção era abastecer o reator de urânio de baixa concentração, o chamado bolo amarelo ou caramelo, e poderiam convencer fornecedores estrangeiros a vender-lhe. Depois de utilizado num reator, o produto final é plutônio.

Cabeças se inclinaram em torno da mesa. Todos sabiam que o reator britânico de Sellafield criava eletricidade para a rede de abastecimento e produzia o plutônio que seguia para os domínios do Dr. Hipwell, destinado às suas ogivas.

— Portanto, os israelenses entraram em ação — prosseguiu. — Primeiro, uma equipe de comandos fez ir pelos ares a enorme turbina de Toulon, antes de ser expedida, o que obrigou o projeto a recuar dois anos. Depois, em 1981, quando as preciosas fábricas de Saddam, Osirak Um e Dois, se preparavam para entrar em laboração, caças-bombardeiros israelenses reduziram-nas a escombros. Desde então, o homem não conseguiu comprar novo reator, até que desistiu de tentar.

— Por que cargas d'água faria isso? — perguntou Harry Sinclair, do extremo oposto da mesa.

— Porque mudou de rumo — esclareceu Hipwell, com um largo sorriso, como se acabasse de resolver o problema de palavras cruzadas do Times em meia hora, — Até então, seguia a via do plutônio para chegar à bomba atômica. A partir daí, enveredou pela do urânio. Com algum êxito, diga-se de passagem. Mas não o suficiente. Em todo o caso...

— Não estou entendendo — confessou Sir Paul Spruce. — Qual é a diferença entre a bomba de plutônio e a de urânio?

— A do urânio é mais simples — informou o físico. — Há várias substâncias radioativas que se podem empregar para uma reação em cadeia, mas para uma bomba atômica simples, básica e eficiente, o urânio é o ideal. Daí o interesse de Saddam nele desde 1982. Ainda não chegou lá, mas continua tentando e, um dia, será bem sucedido. — E recostou-se no espaldar da cadeira, com novo sorriso, como se agora tivesse decifrado o enigma da Criação. No entanto, à semelhança da maior parte dos que se sentavam em torno da mesa, Sir Paul Spruce continuava perplexo.

— Se Saddam pode comprar esse urânio para o reator destruído, por que não consegue fabricar uma bomba com ele?

O interpelado lançou-se sobre a pergunta como um agricultor a regatear o preço de um novilho numa feira de gado.

— Tipos diferentes de urânio, meu caro. O urânio é um corpo curioso. Muito raro. De mil toneladas de minério, obtém-se apenas um bloco do tamanho de uma caixa de charutos. Bolo amarelo. Chama-se Urânio Natural, com o número isotópico de 238. Pode-se abastecer um reator industrial com ele, mas não fabricar uma bomba. Não é suficientemente puro. Para isso, há necessidade do isótopo mais leve, o Urânio 235.

— De onde vem? — perguntou Paxman.

— Está dentro do bolo amarelo. No bloco do tamanho de uma caixa de charutos, há Urânio 235 suficiente para colocar debaixo da unha sem desconforto. A questão é separá-los. O nome disso é separação isotópica. Muito difícil, muito técnica, muito dispendiosa e muito lenta.

— Mas você disse que o Iraque caminha para isso — argumentou Sinclair.

— Disse, mas ainda não chegou. Existe apenas uma maneira viável de purificar e refinar o bolo amarelo para obter a pureza necessária de noventa e três por cento. Há anos, no Projeto Manhattan, os americanos tentaram vários métodos. Ernest Lawrence optou por um e Robert Openheimer por outro. Naquela época, usavam-se ambos de forma complementar e criaram Urânio 235 em quantidade suficiente para produzir o *Little Boy*.

“Após a guerra, foi inventado o método centrífugo, aperfeiçoado lentamente. Hoje, só se emprega esse. Basicamente,

coloca-se o bloco numa centrífuga, que gira tão rapidamente que todo o processo tem de se desenrolar num vácuo; do contrário, os rolamentos viram geleia. Pouco a pouco, os isótopos mais pesados... os que não interessam... são atraídos para a parede exterior da centrífuga e expelidos. O que resta é um pouco mais puro do que inicialmente. Apenas um pouco, note-se. É preciso repetir a operação milhares de horas, só para obter uma hóstia, chamemos assim, de urânio do tamanho de um selo postal.

— Mas ele está fazendo isso? — insistiu Sir Paul.

— Está. Há um ano. Quanto às centrífugas... bem, para resumir, nós as ligamos em série a que damos o nome de cascatas. Mas são necessárias milhares de centrífugas para dispor de uma cascata.

— Se eles enveredaram por esse caminho desde 1982, por que demoram tanto? — interpôs Terry Martin.

— Não se pode entrar numa loja de utilidades e comprar uma centrífuga de difusão de gás de urânio — observou Hipwell. — Até antarem, mas não deu certo, como os documentos revelam. Desde 1985 que compram componentes para construir um complexo fabril destinado a esse objetivo. Obtiveram umas quinhentas toneladas de bolo amarelo de urânio básico, metade disso de Portugal. Compraram da Alemanha grande parte da tecnologia da centrífuga...

— Eu achava que os alemães tinham assinado acordos internacionais limitadores da difusão da tecnologia de bombas nucleares — protestou Paxman.

— Talvez assinassem, mas os iraquianos conseguiram peças de várias origens.

— Vejamos se estou captando a situação — disse Harry Sinclair. — Saddam ainda tem centrífugas de separação de isótopos?

— Sim, uma cascata. Funciona há cerca de um ano. E em breve entrará outra em atividade.

— Sabe onde fica tudo isso?

— A fábrica da centrífuga fica num local chamado Taji... aqui. — O cientista estendeu uma fotografia aérea ampliada ao americano, em que se via uma série de edifícios industriais. — A

cascata parece estar no subsolo, não longe dos destroços do velho reator francês, em Tuwaitha, a que chamavam Osirak. Não sei se vocês conseguirão localizá-la com um bombardeiro, porque está muito bem camuflada.

— E a nova cascata?

— Não faço a menor ideia. Pode estar em qualquer lugar.

— Provavelmente em outro lugar — opinou Terry Martin. — Os iraquianos praticam duplicação e dispersão, desde que puseram todos os seus ovos numa cesta e Israel os pulverizou.

Sinclair emitiu um grunhido de contrariedade.

— Como podemos ter certeza de que Saddam Hussein já não tem a bomba? — inquiriu Sir Paul.

— É uma questão de tempo — disse o físico. — Ainda não conseguiu o suficiente. Para uma bomba atômica básica, mas utilizável, ele precisa de trinta a trinta e cinco quilos de Urânio 235 puro. Tendo partido do zero há um ano, mesmo admitindo-se que a cascata pode funcionar vinte e quatro horas por dia... e não é o caso... um programa de centrifugação exige pelo menos doze horas por centrífuga.

“São necessárias mil rotações para passar de zero por cento aos noventa e três indispensáveis. O que representa quinhentos dias de centrifugação. Isto sem contar com as pausas para limpeza das peças de manutenção e eventuais avarias. Mesmo com mil centrífugas em cascata funcionando atualmente e nos últimos trezentos e sessenta e cinco dias, haveria necessidade de cinco anos. Admitindo-se que começaria a funcionar uma segunda cascata no próximo ano, poderia abreviar-se o prazo para três.

— Portanto, ele só terá trinta e cinco quilos em 1993, pelo menos? — interpelou Sinclair.

— Exato.

— Uma última pergunta. Se obtiver o urânio, quanto tempo para conseguir uma bomba?

— Pouco. Algumas semanas. Um país que pretenda fabricar o seu próprio engenho atômico terá a engenharia nuclear funcionando paralelamente. Não se trata de uma operação muito complicada, desde que se saiba o que se está fazendo. E Jaafar sabe, pois o treinamos em Harwell. No entanto, o caso é que Saddam ainda não

tem urânio puro em quantidade suficiente. Dez quilos, se muito. Está atrasado três anos... pelo menos.

O Dr. Hipwell foi felicitado pelo resultado das semanas de análise a que se dedicara e a reunião chegou ao fim.

Sinclair regressaria à embaixada para redigir extensos relatórios que seguiriam para a América, devidamente codificados. Uma vez lá, seriam comparados com as análises dos peritos locais, efetuadas nos laboratórios de Sandia, Los Alamos e, principalmente, Lawrence Livermore, na Califórnia, onde, durante anos, uma seção secreta denominada Departamento Z acompanhava a disseminação da tecnologia nuclear em redor do mundo por conta do Departamento de Estado e do Pentágono.

Embora Sinclair não soubesse, o resultado das pesquisas das equipes britânicas e americanas confirmavam-se mutuamente com um rigor notável.

Terry Martin e Simon Paxman abandonaram o local da reunião juntos e percorreram Whitehall sob o sol benigno de outubro .

— Que alívio — murmurou o segundo. — O velho Hipwell foi bem categórico. Ao que parece, os americanos concordam inteiramente. O filho da mãe ainda está longe da bomba atômica. Enfim, menos um pesadelo para nos afligir.

Separaram-se na esquina. Paxman atravessou o Tâmisa em direção à Century House e Martin cruzou a Trafalgar Square e seguiu em direção à Gower Street. Estabelecer o que o Iraque possuía, ou mesmo provavelmente possuía, era uma coisa. Averiguar com exatidão onde se situava diferia por completo.

As fotografias continuavam a ser tiradas. Os KH-11 e KH-12 cruzavam os céus numa sequência interminável para captar tudo em território iraquiano.

Em outubro, mais um dispositivo passou a cruzar o espaço: um avião de reconhecimento americano tão secreto que o Capitólio desconhecia sua existência. Tinha o nome de código Aurora, voava na periferia do espaço interior e atingia velocidades Mach 8, quase oito mil quilômetros por hora, muito além do alcance do radar iraquiano ou dos mísseis de interceptação.

Ironicamente, enquanto o Blackbird era retirado da ativa, outro

aparelho ainda mais idoso sobrevoava o Iraque, naquele outono. Com quase quarenta anos de existência, denominado Dragon Lady, o U-2 ainda funcionava e tirava fotografias. O modelo renovado de 1990 tinha sido reequipado mais como “ouvinte” do que como “observador”, embora ainda tirasse fotos.

Toda a informação de professores e cientistas, analistas e intérpretes formava uma imagem global do Iraque que de modo algum se podia considerar tranquilizadora.

Graças a milhares de fontes, tudo se concentrou finalmente numa sala muito secreta, dois pisos abaixo do Ministério da Força Aérea da Arábia Saudita, denominada simplesmente “Buraco Negro”.

Foi no isolamento do Buraco Negro que se assinalaram os locais que deveriam ser destruídos, num total de setecentos, seiscentos dos quais militares-no sentido de que constituíam centros de comando, pontes, aeródromos, arsenais, rampas de lançamento de mísseis e concentrações de tropas — e os restantes albergavam Armas de destruição em massa, laboratórios químicos e armazéns.

Foi igualmente registrada a linha de manufatura da centrífuga de gás em Taji, nas proximidades do complexo de Tuwaitha.

Mas a fábrica de “engarrafamento” de água de Tarmiya não figurava nos planos, assim como Al-Qubai. Na realidade, ninguém conhecia a sua localização.

Uma cópia do relatório minucioso de Harry Sinclair foi fazer companhia às de outros provenientes de várias partes dos Estados Unidos e do estrangeiro. Por último, uma síntese do conjunto deu entrada numa seção muito discreta e confidencial do Departamento de Estado, conhecida por Political Intelligence and Analysis Group. O PIAG é uma espécie de estufa de análise de assuntos estrangeiros e redige relatórios absolutamente vedados ao consumo público. Com efeito, a unidade depende direta e unicamente do Secretário de Estado, na época James Baker.

Dois dias mais tarde, Mike Martin estava deitado de bruços no terraço do qual podia observar a seção de Abrak Kheitan, onde marcara o encontro com Abu Fouad.

À hora combinada, viu um carro abandonar a estrada Rei

Faisal que conduzia ao aeroporto e enveredar por uma rua transversal. Pouco depois, imobilizava-se diante do local que ele descrevera na sua mensagem a Al-Khalifa e apearam-se duas pessoas: um homem e uma mulher. Olharam em volta para se certificarem de que nenhum veículo os seguira e encaminharam-se para um grupo de árvores.

Abu Fouad e a companheira tinham recebido instruções para aguardar meia hora. Se até lá o beduíno não aparecesse, iriam embora. Na realidade, esperaram quarenta minutos antes de regressar ao carro, visivelmente frustrados.

— Deve ter sido retido — observou Abu Fouad. — Talvez uma patrulha iraquiana. Que problema! Terei de começar tudo de novo.

— Acho que fazes mal em confiar nele — replicou a mulher. — Não sabes de quem se trata.

Falavam em voz baixa, e o dirigente da resistência kuwaitiana não parava de olhar nos dois sentidos da rua para se certificar de que não havia soldados iraquianos nas imediações.

— É hábil e astuto e atua como um profissional. Isso me basta. Gostaria de colaborar com ele, se concordar.

— Nada tenho a objetar — disse uma voz atrás dele.

Ela soltou um grito abafado e Abu Fouad estremeceu ao volante.

— Não se voltem — indicou a voz do banco de trás. — Conversemos assim.

Pelo espelho retrovisor, o kuwaitiano viu os contornos de um keffiyeh e detetou o cheiro de quem não dispõe de muito tempo livre para tomar banho, o que o levou a emitir um suspiro de alívio.

— Age com sutileza, beduíno.

— Não há necessidade de fazer barulho, Abu Fouad. Atrai os iraquianos, coisa que não me agrada, a menos que esteja preparado para recebê-los.

— Muito bem. Agora que nos encontramos, conversemos. Mas por que se escondeu no carro?

— Se este encontro tivesse sido uma armadilha para mim, as suas primeiras palavras quando entrou seriam diferentes.

— Auto incriminadoras...

— Exato.

— E? ...

— Você já não estaria vivo.

— Entendido.

— Quem é a sua companheira? Não mencionei testemunhas.

— Como foi você que preparou o encontro, eu também tinha que tomar precauções. É uma colega de confiança. Asrar Qabandi.

— Muito bem. Saudações, Miss Qabandi. De que querem falar?

— Armamento. Pistolas automáticas Kalashnikov, granadas de mão modernas, Semtex-H. Com esse material, meu povo poderia ser muito mais eficiente.

— Seu povo está sendo capturado. Dez homens foram cercados na mesma casa por uma companhia da infantaria iraquiana chefiada por homens da AMAM. Não escapou um. Todos adolescentes.

Abu Fouad não replicou. De fato, fora um fracasso importante.

— Nove — acabou por corrigir. — O décimo fingiu-se morto e fugiu mais tarde. Está ferido, mas cuidamos dele. Foi ele que nos informou.

— De quê?

— Foram traídos. Se tivesse morrido também, nunca saberíamos.

— Sim, a traição. É um perigo sempre possível num movimento de resistência. E o traidor?

— Sabemos quem é, claro. Pensamos que podíamos confiar nele.

— Mas é de fato culpado?

— Parece que sim.

— Parece apenas.

Abu Fouad suspirou. — O sobrevivente jura que somente o décimo primeiro homem sabia da reunião e do local. No entanto, pode ter havido uma inconfidência em outro ponto, ou talvez algum deles foi seguido.

— Nesse caso, o suspeito deve ser testado. Se for culpado, deve ser punido. Importa-se de nos deixar a sós por uns momentos, Miss Qabandi?

A jovem olhou para Abu Fouad, que assentiu. Ela saiu do carro

e encaminhou-se para um grupo de árvores. O beduíno explicou a Abu Fouad o que pretendia dele.

— Só sairei da casa às sete — concluiu. — Por conseguinte, em caso algum o telefonema se deve efetuar antes das sete e meia. Entendido?

Em seguida, desceu e desapareceu na escuridão, enquanto Abu Fouad punha o carro em movimento e ia recolher Asrar Qabandi.

O beduíno não tornou a vê-la. Antes da libertação do Kuwait, foi capturada pela AMAM, torturada, estuprada por vários iraquianos, fuzilada e decapitada, sem ter revelado uma palavra.

Terry Martin falava ao telefone com Simon Paxman, o qual se achava assoberbado de trabalho e dispensava perfeitamente as interrupções. Foi apenas graças à simpatia que o laborioso professor lhe merecia que atendeu a chamada.

— Desculpe incomodá-lo, mas conhece alguém no GCHQ?

— Com certeza. Sobretudo no serviço árabe. O diretor, por exemplo.

— Pode telefonar a ele e perguntar se pode me receber?

— Sem dúvida. Qual é a sua ideia?

— Uma informação que chegou do Iraque. Estudei todos os discursos de Saddam, naturalmente, reparei nas alusões a reféns e escudos humanos e assisti às bombásticas na televisão. Mas gostaria de verificar se recebeu mais alguma coisa que não tenha sido autorizada pelo Ministério da Propaganda.

— Bem, é o que o GCHQ costuma fazer — admitiu Paxman. — Não vejo qualquer inconveniente. Uma vez que você pertence à Comissão Medusa, dispõe automaticamente de autorização. Vou telefonar.

Naquela tarde, Terry Martin seguiu de carro para Gloucestershire e apresentou-se à entrada do bem guardado edifício que compreendia o terceiro braço principal dos serviços secretos britânicos, juntamente com o MI6 e o M. 5, quartel-general das comunicações do governo.

O diretor do Serviço árabe era Sean Plummer, sob cujas ordens trabalhava o mesmo Al-Khouri que testara o árabe de Mike

Martin no restaurante de Chelsea, onze meses atrás, embora Terry Martin e Plummer não estivessem ao corrente disso.

Recebeu-o em dia atarefado, porque ouvira falar do jovem catedrático da SOAS e admirava suas pesquisas sobre o califado dos Abássidas.

— Em que posso ser útil? — perguntou, depois de se sentarem, diante de xícaras de chá. Ao ouvir que Terry estava surpreso com a escassez de interceptações do Iraque, seu olhar iluminou-se. — Tem toda a razão. Como sabe, os nossos amigos árabes gostam de pairar como gralhas em circuitos abertos. Nos últimos anos, o tráfego interceptável diminuiu. Agora, ou a índole do nativo mudou ou...

— Cabos enterrados — aventurou Martin.

— Exato. Tudo indica que Saddam e os seus rapazes enterraram mais de sete mil quilômetros de cabos de comunicação de fibras ópticas. Em face disso, como querem os luminares de Londres que a minha unidade continue a fornecer informações? Que pretende ver?

Durante as quatro horas seguintes, Martin examinou uma variedade de interceptações. As transmissões por rádio eram anódinas. Interessava-lhes mais algo do gênero de um telefonema descuidado, uma palavra aparentemente deslocada, um erro qualquer. Por fim, fechou o grosso volume e pediu a Plummer: — Importa-se de prestar atenção especial a qualquer pormenor que pareça estranho e, à primeira vista, sem sentido?

Mike Martin começava a pensar que um dia deveria escrever um guia turístico sobre os terraços de Kuwait City. Permanecera tempo considerável deitado num deles para vigiar a área embaixo. Por outro lado, constituíam lugares excelentes para um PP, ou posição de pé.

Havia quase dois dias que observava a casa cujo endereço fornecera a Abu Fouad, uma das seis que lhe haviam sido cedidas por Ahmed Al-Khalifa e não voltaria a utilizar.

Embora tivessem transcorrido cerca de quarenta e oito horas e não devesse acontecer nada até àquela noite de 9 de outubro , não interrompera a vigilância, dia e noite, alimentando-se de pão e fruta.

Se aparecessem soldados iraquianos antes das sete e meia do dia 9, saberia quem o traíra: o próprio Abu Fouad. Consultou o relógio: 19h30. O coronel kuwaitiano devia estar telefonando, como lhe fora indicado.

Com efeito, no outro extremo da cidade, Abu Fouad acabava de levantar o fone e discava um número. Alguém atendeu ao terceiro toque.

— Salah?

— O próprio. Quem fala?

— Não nos conhecemos pessoalmente, mas me contaram muitas coisas agradáveis a seu respeito. Sei que é leal e corajoso, um dos nossos. Sou Abu Fouad. — Exclamação abafada no outro lado do fio. — Preciso da sua ajuda, Salah. Podemos... o movimento... contar consigo?

— Sem dúvida, Abu Fouad. Basta dizer o que pretende de mim.

— Não sou eu propriamente, mas um amigo. Está ferido e debilitado. Sei que é farmacêutico. Leve antibióticos, analgésicos, gaze. Ouviu falar de alguém conhecido por beduíno?

— Com certeza. Você o conhece?

— Isso não interessa, mas há semanas que trabalhamos juntos. É de enorme importância, para nós.

— Vou descer à farmácia imediatamente para recolher os produtos necessários e levar. Onde o encontro?

— Está refugiado numa casa em Shuwaikh e não pode se mexer. Leve também papel e lápis.

Abu Fouad olhou o endereço.

— Vou de carro, sem demora — prometeu Salah. — Pode confiar em mim.

— É um bom homem e será recompensado.

Abu Fouad cortou a ligação. O beduíno dissera que telefonaria ao amanhecer, se não acontecesse nada, e o farmacêutico estaria livre de suspeitas.

Mike Martin viu, mais do que ouviu, o primeiro caminhão pouco antes das oito e meia. Rolava graças ao impulso adquirido, com o motor desligado para não produzir qualquer ruído, e transpôs o cruzamento antes de parar, poucos metros adiante. Martin inclinou a

cabeça, num gesto de aprovação.

O segundo caminhão fez mais ou menos o mesmo, momentos depois, e desceram vinte homens de cada um. Boinas Verdes bem compenetrados da missão. Avançaram em fila indiana ao longo da rua, precedidos de um oficial que segurava um civil pelo braço. Com as placas arrancadas de virtualmente todas as esquinas, os militares iraquianos precisavam de um guia para localizar a rua que lhes interessava. No entanto, os números das portas ainda prevaleciam nos devidos lugares.

O civil deteve-se diante de uma casa, consultou o número e apontou. O oficial manteve breve diálogo com o seu sargento, o qual se afastou com quinze soldados em direção a um beco para cobrir as traseiras do prédio.

Seguido dos que restavam, o oficial — um capitão — impeliu o portão de ferro de acesso a um pequeno jardim. Depois de o transpor, viu que havia luz numa janela do primeiro piso. A maior parte do rés-do^chão era ocupada pela garagem, que estava vazia. Uma vez junto da porta da frente, as precauções foram abandonadas. O oficial verificou que se achava trancada e gesticulou para um soldado, que disparou uma rajada com a espingarda automática, e a fechadura foi destruída.

Os Boinas Verdes irromperam pela abertura, sempre precedidos do capitão. Alguns dividiram-se pelos aposentos do piso térreo, enquanto ele e os outros subiam a escada.

Do patamar do primeiro andar, o capitão avistou o interior do quarto debilmente iluminado, com uma poltrona de costas para a porta e o keffiyeh de xadrez que assomava no topo. Não fez fogo. O coronel Sabaawi, da AMAM, fora bem explícito: queria o homem vivo para o interrogar. Quando começou a avançar, o jovem oficial não se apercebeu do fio de nylon em contato” com as canelas.

Ouviu os seus homens irrompendo dos fundos e outros subindo a escada. Viu a túnica encardida recheada com almofadas e a melancia em que fora enrolado o keffiyeh. Seu rosto se contorceu de raiva e ainda teve tempo para insultar o trémulo farmacêutico na entrada do quarto.

Três quilos de Semtex-H não produzem um ruído espetacular e ocupam pouco espaço. As casas das cercanias eram de pedra e

betão, razão pela qual sofreram apenas estragos superficiais. No entanto, aquela em que os militares estavam desapareceu virtualmente. Telhas dela foram encontradas mais tarde a várias centenas de metros do local.

O beduíno não aguardou para assistir a sua obra. Achava-se já a dois quarteirões de distância, caminhando despreocupadamente, quando ouviu o estrondo abafado, como o bater de uma porta, o subsequente segundo de silêncio e o desmoronar de pedra e caliça.

No dia seguinte, aconteceram três coisas, todas depois do anoitecer. No Kuwait, o beduíno teve o segundo encontro com Abu Fouad. Desta vez, o kuwaitiano compareceu sem companhia e os dois homens conversaram à sombra de um portal a apenas duzentos metros do Sheraton ocupado por dezenas de oficiais superiores iraquianos.

— Ouviu, Abu Fouad?

— Muito bem. Eles estão em polvorosa. Perderam mais de duas dezenas de homens e tiveram numerosos feridos. — O interpelado suspirou. — Vai haver mais represálias.

— Vocês querem parar, agora?

— Não. É impossível. Mas durante quanto tempo teremos ainda de sofrer?

— Os americanos e ingleses virão salvá-los. Um dia.

— Esperemos que Alá o permita em breve. Salah estava com eles?

— Estavam com um civil. Não falou com mais ninguém?

— Não, só com ele. Tem as vidas de nove homens pesando na cabeça. Não entrará no Paraíso.

— Muito bem. Que mais pretende de mim?

— Não lhe perguntarei quem é ou de onde vem. Como oficial do exército treinado, sei que não pode ser um mero beduíno do deserto. Dispõe de reservas de explosivos, armas, munições e granadas. O meu povo poderia ocasionar muitos estragos com esse material.

— Qual é sua proposta?

— Junte-se a nós e traga o material. Ou então, continue isolado e partilhe-o conosco. Não vim para ameaça, mas para pedir. Se quer ajudar a nossa resistência, é essa a maneira.

Martin refletiu por um momento. Ao cabo de oito semanas, dispunha de metade do material inicial, ainda sepultado no deserto ou disperso pelas duas casas que só usava como armazéns. Das outras quatro, uma fora destruída e outra, onde se reunira com os pupilos, estava comprometida. Podia entregar o material e solicitar mais — operação possível, embora arriscada, desde que as suas mensagens para Riad não fossem interceptadas, do que não existia a mínima garantia. Ou mais uma viagem através da fronteira e regresso com novo carregamento, devidamente dissimulado. Esta última hipótese também não era despida de risco, pois havia atualmente dezesseis divisões de iraquianos postadas na área, o triplo das existentes quando chegara.

Era hora de voltar a contatar Riad e pedir instruções. Entretanto, daria a Abu Fouad quase tudo o que tinha. Havia mais, ao sul da fronteira, e tinha que ir buscar, de uma maneira ou de outra.

— Onde quer que entregue? — perguntou, por fim.

— Temos um armazém em Shuwaikh. Oferece a maior segurança. O dono, que é dos nossos, guarda peixe lá.

— Daqui a seis dias.

Combinaram a hora e local onde um homem de confiança de Abu Fouad se encontraria com o beduíno, que o acompanharia ao armazém. Martin descreveu o veículo que conduziria e o seu próprio aspecto naquela altura.

Na mesma noite, mas duas horas mais tarde, devido à diferença de fuso horário, Terry Martin estava num restaurante sossegado próximo do seu apartamento e fazia girar um copo de vinho numa das mãos. O convidado que aguardava, entrou poucos minutos mais tarde- — um indivíduo idoso, de cabelo grisalho, óculos e gravata de pintas pretas e brancas.

— Estou aqui, Moshe — indicou Martin, vendo-o olhar em volta.

O israelense aproximou-se dele, que se levantara, e cumprimentaram-se efusivamente.

— Como vai, rapaz?

— Melhor, agora que chegou. Não podia permitir que passasse

por Londres sem ao menos jantarmos juntos e conversar um pouco.

Moshe Hadari tinha idade suficiente para ser pai de Martin, porém a sua amizade baseava-se em interesses comuns. Eram ambos acadêmicos e estudiosos incansáveis das antigas civilizações árabes no Oriente Médio, com as suas culturas, arte e línguas.

Foi um jantar animado e agradável e o tema abordado limitou-se quase exclusivamente às recentes pesquisas, as novas percepções do estilo de vida nos reinos do Oriente Médio, dez séculos atrás.

Consciente de que estava vinculado pelo sigilo, as suas atividades na Century House não podiam ser abordadas. Não obstante, na época do café, a conversa orientou-se naturalmente para a crise no Golfo e perspectivas de uma guerra.

— Acha que ele vai se retirar do Kuwait? — perguntou Moshe.

Martin meneou a cabeça com veemência.

— Não pode, a menos que lhe concedam uma via marcada com clareza, concessões que justifiquem a retirada. Se regressa a Bagdá de mãos vazias, está perdido.

O outro suspirou.

— Tanto dinheiro esbanjado, suficiente para converter o Oriente Médio num paraíso na Terra, tantos talentos e jovens perdidos. E para quê? Diga uma coisa, Terry. Se houver guerra, os ingleses combaterão com os americanos?

— Com certeza. Já enviamos a Sétima Brigada de Blindados e creio que a Quarta não tardará a partir. Só isso, constitui uma divisão, sem falar dos caças e vasos de guerra. Não se preocupe com o assunto.

— Sim, mas morrerão mais jovens.

Martin inclinou-se para a frente e deu uma leve palmada no braço do amigo.

— É indispensável parar o homem. Mais cedo ou mais tarde. Israel deve saber até que ponto ele se aventurou com as suas Armas de destruição em massa. Pode dizer-se que, de certo modo, estamos descobrindo gradualmente a verdadeira escala do que tem. Nós temos colaborado, sem dúvida. Aliás, talvez sejamos seu principal alvo. O nosso problema fundamental é a obtenção de

informações diretamente do local. Não dispomos de um agente infiltrado em Bagdá. Tanto nós como os americanos ou mesmo vocês.

O jantar terminou vinte minutos mais tarde, e Terry Martin acompanhou o convidado a um táxi, que o conduziria ao hotel.

Por volta da meia-noite, três estações de triangulação eram implantadas no Kuwait por ordem de Hassan Rahmani, em Bagdá.

Tratava-se de “pratos” de rádio destinados a localizar a fonte de uma emissão. Uma dessas estações era fixa, montada no telhado de um edifício alto no bairro de Ardiya, a sul de Kuwait City, com o prato voltado para o deserto.

As outras duas eram imóveis instaladas em carrinhos, com os pratos no tejadilho e uma verdadeira cabina de escuta no interior. Um dos veículos estava fora de Jahra, a oeste do seu homólogo de Ardiya, e o terceiro noutro ponto da costa, no recinto do Hospital Al Adão, onde a irmã do estudante de Direito fora violada, nos primeiros dias da invasão.

Na base aérea de Ahmadi, de onde outrora Khaled Al-Khalifa decolara no seu Skyhawk, um helicóptero Hind soviético, devidamente armado permanecia em estado de alerta permanente. A tripulação pertencia à força aérea e os técnicos incumbidos do rastreio eram membros do serviço de contra espionagem.

O professor Moshe Hadari passou uma noite agitada. Algo que o amigo dissera preocupava-o profundamente. Considerava-se a todos os títulos leal a Israel, oriundo de uma antiga família que emigrara no princípio do século com homens como BenYehuda e David Ben Gurion. Nascera nas cercanias de Yaffa, quando ainda era um concorrido porto dos árabes palestinianos, e aprendera árabe em criança.

Criara dois filhos, assistira à morte de um, na sequência de uma infame emboscada no sul do Líbano e tinha cinco netos. Por conseguinte, quem se podia atrever a sugerir sequer que não amava a pátria?

Mas havia algo de errado. Se eclodisse a guerra, morreriam muitos jovens, como acontecera ao seu Zeev, mesmo que fossem

ingleses, americanos e franceses. Seria o momento opor — tuno de Kobi Dror se revelar vingativo e mesquinhamente chauvinista?

Levantou-se cedo, pagou a conta, fez as malas e mandou chamar um táxi para o conduzir ao aeroporto. Antes de abandonar o hotel, conservou-se uns minutos junto dos vários telefones públicos no átrio, mas acabou por mudar de ideias.

A meio caminho do aeroporto, indicou ao motorista que saísse da estrada M4 e procurasse uma cabina. A sorte protegia-o, pois foi Hilary quem atendeu o telefone no apartamento em Bayswater.

— Um momento, que ele vai a caminho da porta.

A voz de Terry Martin surgiu na linha no momento imediato.

— É Moshe, tenho pouco tempo. Comunique aos seus amigos que o instituto tem na verdade uma fonte altamente situada em Bagdá. Que perguntem o que aconteceu a Jericho. Adeus, meu amigo.

— Um instante, Moshe! Tem certeza? Como o sabe?

— Não interessa. Você nunca ouviu falar de mim. Adeus.

Em Chiswick, o idoso acadêmico regressou ao táxi e prosseguiu em direção a Heathrow. Tremia devido à enormidade do que acabava de cometer. Como poderia explicar a Terry Martin que fora ele, o professor de árabe da universidade, que codificara a primeira resposta a Jericho, em Bagdá?

O telefonema de Martin surpreendeu Simon Paxman sentado à secretária, na Century House, pouco depois das dez.

— Almoçar? Lamento, mas não posso. É um dia infernal. Talvez amanhã.

— Tem de ser hoje, Simon. É urgente.

Paxman suspirou. O mais certo era o acadêmico ter descoberto uma nova interpretação de uma frase numa emissão da rádio iraquiana que supunha suscetível de alterar o significado da vida.

— Garanto-lhe que é impossível. Tenho uma reunião importante aqui. Só se for uma bebida rápida. No Hole-in-the-Wall, um botequim debaixo da Ponte de Waterloo, perto do meu antro de trabalho. Às duas? Posso conceder-lhe meia hora.

— Dá e sobra — asseverou Martin. — Até logo.

Pouco depois do meio-dia, os dois sentavam-se diante de

cervejas no estabelecimento por cima do qual os comboios da linha do sul rugiam em direção a Kent, Sussex e Hampshire. Sem revelar a fonte, Martin repetiu o que lhe fora dito naquela manhã.

— Caramba! — murmurou Paxman. — Quem lhe disse?

— Não posso revelar.

— Tem que revelar.

— Ele cometeu uma indiscrição, por assim dizer. Prometi guardar segredo. Só posso acrescentar que é um catedrático de meia-idade.

Refletiu por um momento. Um acadêmico que convivia com Martin. Também arabista, sem dúvida. A informação tinha de ser transmitida à Century House e o mais depressa possível. Por fim, agradeceu a revelação, deixou a cerveja pelo meio e voltou apressadamente à base.

Por causa da reunião na hora do almoço, Steve Laing não abandonara o edifício. Assim, Paxman chamou-o à parte e contou. O outro contou ao chefe.

Sir Colin, pouco propenso a exageros, considerava o general Kobi Dror “um sujeito muito chato”, prescindiu do almoço normal, ordenou que deixassem algo na sua mesa e subiu ao último andar, onde recorreu a uma linha segura para falar com o juiz William Webster, diretor da CIA.

Ainda eram apenas 8h30 em Washington, porém o magistrado gostava de começar o dia cedo, pelo que estava no seu gabinete para atender a chamada. Fez duas ou três perguntas sobre a fonte da informação, emitiu um grunhido ante a reserva do colega britânico e terminou por reconhecer que se tratava de algo que não podia ser ignorado.

Em seguida, repetiu a revelação ao sub diretor (Operações), Bill Stewart, o qual explodiu de fúria, após o que conferenciou durante meia hora com Chip Barber, chefe das Operações do Oriente Médio. Este último ainda se mostrou mais furioso, porque fora ele que se sentara diante do general Dror, na sala soalheira no topo da colina nos subúrbios de Herzlia, e este lhe mentira.

Combinaram o que pretendiam fazer e foram apresentar a ideia ao diretor.

No meio da tarde, William Webster reuniu-se com Brent

Scowcroft, responsável do Conselho da Segurança Nacional, o qual levou o assunto ao conhecimento do Presidente Bush. Perguntou o que pretendia que se fizesse e foi-lhe concedida autoridade absoluta para atuar.

O Secretário de Estado, James Baker, consultado sobre a eventualidade de uma colaboração íntima, anuiu imediatamente. Naquela noite, o Departamento de Estado enviou um pedido urgente a Telaviv, o qual foi apresentado ao destinatário na manhã seguinte, apenas três horas mais tarde, devido à diferença de fusos horários.

O Ministro-adjunto dos Assuntos Estrangeiros de Israel na época era Benjamin Netanyahu, diplomata elegante e bem-parecido e irmão de Jonathan Netanyahu, único israelense morto durante o assalto ao Aeroporto Entebbe, em que comandos daquele país libertaram os passageiros de um avião francês desviado por terroristas palestinianos e alemães.

Benjamin Netanyahu fora educado parcialmente nos Estados Unidos e, em virtude do seu conhecimento de línguas e arreigado nacionalismo, fazia parte do governo de Itzhak Shamir, exercendo com frequência as funções de seu porta^-voz nos contatos com os media ocidentais.

Desembarcou no Aeroporto Dulles de Washington dois dias mais tarde, a 14 de outubro , algo perplexo com a urgência do convite do Departamento de Estado para que se deslocasse aos Estados Unidos, a fim de participar em discussões de importância considerável.

Ainda ficou mais perplexo, quando duas horas de diálogo privado com o Subsecretário Lawrence Eagleburger apenas revelaram uma análise pormenorizada dos desenvolvimentos no Oriente Médio desde 2 de agosto. Por fim, absolutamente frustrado, preparou-se para regressar a Israel num voo noturno.

Quando abandonava o Departamento de Estado, um funcionário entregou-lhe um retângulo de cartolina, encimado por uma espécie de brasão pessoal, em que o signatário lhe solicitava que não abandonasse Washington sem efetuar uma breve visita a sua casa, para discutirem um assunto urgente “para os nossos países”.

Ele reconheceu a assinatura — era de um homem das suas

relações, abastado e poderoso. A sua limusina aguardava à porta. O ministro israelense tomou uma decisão: ordenou ao seu secretário que regressasse à embaixada, a fim de ir buscar a bagagem, e se encontrasse com ele, duas horas mais tarde, em determinada casa de Georgetown, de onde seguiriam para o aeroporto. Por último, subiu para a limusina.

A residência era suntuosa, situada na M Street, a menos de trezentos metros da Universidade de Georgetown. Foi conduzido a uma biblioteca decorada com esmero e luxo e, momentos depois, surgia o anfitrião, de mão estendida.

— Não tenho palavras para agradecer por estes breves minutos, meu caro Bibi.

Saul Nahanson era simultaneamente banqueiro e financeiro, atividades que o tinham tornado excecionalmente rico. À semelhança do político israelense, irradiava elegância e tinha cabelos grisalhos.

Instalaram-se em poltronas diante da lareira acesa e um empregado inglês de libré aproximou-se com uma garrafa e dois copos numa bandeja de prata.

Saul Nathanson era demasiado sutil para entrar de chofre no assunto que suscitaria o encontro, pelo que as primeiras palavras abordaram quase banalidades. Depois o diálogo enveredou pelo tema do Oriente Médio.

— Sinto que vai haver guerra — disse, com uma expressão de amargura.

— Não tenho a menor dúvida a esse respeito.

— Antes de terminar, muitos jovens americanos morrerão, jovens fortes e saudáveis que não merecem tal sorte. Temos de fazer tudo ao nosso alcance para manter o número de baixas tão reduzido quanto possível, não concorda? Mais vinho?

— Estou inteiramente de acordo.

— Aonde o homem pretende chegar?

O diplomata israelense não fazia a menor ideia.

— Saddam é uma ameaça — continuou Nathanson, com o olhar fixo no fogo. — Talvez mais para Israel do que para os outros estados vizinhos.

— É o que dizemos há anos. Mas quando bombardeamos o

reator nuclear dele, a América nos condenou.

— O pessoal de Carter — disse, com um gesto de desdém. — Mera atitude cosmética. Tenho um filho em serviço militar no Golfo.

— Não sabia. Faço votos para que regresse são e salvo.

— Obrigado, Bibi. — O anfitrião parecia sinceramente impressionado. — Rezo todos os dias para que isso aconteça.

— Quanto a mim... em face da gravidade da situação... a colaboração entre nós deve ser firme e constante. Não creio que haja duas opiniões quanto a isso. — O israelense tinha a desconfortável sensação de que se aproximavam más notícias.

— Para reduzir as baixas ao mínimo. Por isso solicito sua colaboração, Benjamin. Estamos do mesmo lado, certo? Sou americano e judeu.

A ordem de precedência com que ele empregou os dois termos pairou no ar.

— E eu, israelense e judeu — replicou Netanyahu.

— Precisamente. Mas por ter sido educado aqui, compreende... como direi? ... que os americanos às vezes se tornam muito emocionais. Posso falar com franqueza?

— Claro — assentiu o israelense, cada vez mais intrigado.

— Se tivéssemos algo, ainda que insignificante, para reduzir o número de baixas, eu e meus compatriotas ficaríamos eternamente gratos a quem contribuísse para isso.

A outra metade do sentimento permaneceu omissa, mas Netanyahu era um diplomata experiente demais. Se se fizesse ou deixasse fazer algo que contribuísse para aumentar as baixas a memória da América seria longa e a vingança desagradável.

— O que pretende de mim?

Saul Nathanson levou o copo aos lábios e voltou a fixar o olhar no fogo.

— Ao que parece, há um homem em Bagdá, codinome Jericho...

Quando os dois homens se separaram, foi um ministro-adjunto dos Assuntos Estrangeiros que seguiu velozmente para o aeroporto de Dulles, a fim de embarcar no voo que o reconduziria à pátria.

Capítulo 9

A barreira que o interceptou estava na esquina da Rua Mohamed ibn Kassem com a Quarta Circular. Quando a avistou de longe, Mike Martin sentiu-se tentado a efetuar uma rotação de cento e oitenta graus e voltar para trás.

Mas havia soldados iraquianos postados de cada lado da rua, aparentemente apenas com essa intenção, e seria loucura fugir. Assim, viu-se forçado a continuar em frente e incorporar-se na fila de veículos que aguardavam.

Como sempre, ao atravessar Kuwait City, procurava evitar os locais mais concorridos, porém o percurso pelas estradas circulares que envolviam a área numa espécie de faixas concêntricas só era possível numa encruzilhada importante.

Por outro lado, ao fazê-lo a meio da manhã, Martin acalentava a esperança de se perder no meio da confusão do tráfego ou descobrir que os soldados iraquianos se protegiam do calor algures.

Mas em meados de outubro o tempo arrefecera, além de que os membros das forças especiais se revelavam muito mais eficientes do que os do exército popular. Por conseguinte, ele decidiu aguardar pacientemente a sua vez, sentado ao volante da picape Volvo branca.

Ainda era noite, quando se aventurara no deserto para desenterrar os explosivos e restante equipamento que prometera a Abu Fouad. E, pouco antes da alvorada, procedera à sua transferência do jipe para a Volvo, na garagem de uma rua estreita de Firdous.

Entre a transferência de um veículo para o outro e o momento em que calculou que o Sol estaria suficientemente alto e quente para obrigar os iraquianos a protegerem-se à sombra, conseguira passar pelo sono durante cerca de duas horas sentado ao volante da picape. Por fim, mudara de roupa, trocando a túnica encardida de beduíno pela indumentária impecável de um médico kuwaitiano.

Os carros que o precediam deslocavam-se lentamente em direção ao grupo de soldados de infantaria em torno de barricas cheias de cimento que assinalavam a barreira. Em alguns casos,

eles limitavam-se a lançar uma olhadela aos documentos de identidade dos condutores e gesticulavam para que prosseguissem o seu caminho; noutros, mandavam-nos abandonar a fila, para uma busca minuciosa. De um modo geral, eram os veículos que transportavam alguma espécie de carga que tinham de se desviar para a beira.

Martin estava desconfortavelmente consciente dos dois caixotes atrás dele, no sobrado da área de carga da picape, que continham material em quantidade mais do que suficiente para justificar a sua detenção e entrega às nada delicadas mãos dos agentes da AMAM.

Finalmente, foi a sua vez de se submeter à inspeção. O sargento não se deu ao trabalho de pedir documentos. Ao ver os caixotes na carroceria da Volvo, apontou peremptoriamente e vociferou uma ordem aos subordinados.

Surgiu um mal encarado indivíduo fardado ao lado da janela do condutor, cujo vidro Martin já baixara.

— Para fora — ordenou o soldado.

Martin obedeceu e empertigou-se, ao mesmo tempo em que exibia um sorriso cortês. Aproximou-se outro sargento, e o soldado contornou o carro e espreitou.

— Documentos — exigiu o primeiro.

Examinou a identidade comparou o rosto da fotografia ao original. Se notou alguma diferença entre o oficial britânico a sua frente e o empregado de Al-Khalifa cuja foto fora usada, não deixou transparecer. O documento exibia a data de emissão do ano anterior, lapso de tempo durante o qual um homem pode perfeitamente deixar crescer a barba.

— É médico?

— Exato, sargento. Trabalho no hospital.

— -Qual?

— O da Jahra Road.

— Para onde vai?

— Para o Hospital Amiri, em Pasman.

O homem não tinha cultura especial, pelo que considerava um médico pessoa de erudição e importância consideráveis. Por fim, emitiu um grunhido e encaminhou-se para a retaguarda da picape.

— Abra-a — ordenou.

Martin obedeceu e a porta, impelida pela mola, subiu acima das suas cabeças, após o que o iraquiano fixou o olhar nos dois caixotes.

— O que há aqui dentro?

— Amostras. Foram pedidas pelo laboratório de pesquisas do Hospital Amiri.

— Mostre.

Martin puxou um molho de chaves. Os caixotes tinham fechaduras de bronze e, enquanto ele fingia procurar a adequada, observou: — Como talvez saiba, o interior está refrigerado.

— Refrigerado? — repetiu o sargento, como se tivesse dificuldade em entender o significado do termo.

— Sim, frio. As culturas têm de se manter a temperatura constante. Se eu abrir os caixotes, o ar escapa e ficam muito ativas. É melhor recuar um pouco.

Ante a advertência, o sargento enrugou a fronte, empunhou a carabina que trazia no ombro e apontou-a para Martin, suspeitando de armas.

— Por quê? — inquiriu, em inflexão brusca.

— Lamento, mas não posso evitar. Os germes escapam para o ar a nossa volta.

— Quais germes? — Estava visivelmente confuso e irritado, tanto com a sua ignorância como com a atitude do suposto médico.

— Não lhe disse onde trabalho? — perguntou Martin, em tom quase melífluo.

— Disse, no hospital.

— Na seção de isolamento, onde há uma infinidade de amostras de germes de varíola e cólera para análise.

Desta vez, o sargento retrocedeu, pelo menos um metro. As marcas que ostentava na face eram lembrança pungente da varíola que o atacara em criança e quase o matara.

— Leve isto daqui, imediatamente!

Martin desfez-se em desculpas, fechou a traseira da picape, sentou-se ao volante e partiu prontamente. Uma hora mais tarde, entrava num armazém de peixe no porto de Shuwaikh e entregava a carga a Abu Fouad.

Departamento de Estado dos Estados Unidos Washington, DC 20520

MEMORANDO PARA: James Baker, Secretário de Estado

DE Grupo Político de Contra-Espionagem e Análise

ASSUNTO: Destruição da Máquina de Guerra Iraquiana

DATA: 16 de outubro de 1990

CLASSIFICAÇÃO: Só para seus olhos

Nas dez semanas que decorreram desde a invasão do Emirado do Kuwait pelo Iraque, procedeu-se à mais rigorosa investigação, de nossa parte e dos nossos aliados britânicos, sobre a exata dimensão, natureza e estado de preparação da máquina de guerra atualmente à disposição do Presidente Saddam Hussein.

Os críticos dirão sem dúvida, com o habitual benefício do discernimento, que essa análise se devia ter efetuado antes desta data. Seja como for, os resultados das várias investigações estão agora na nossa frente e apresentam um aspecto assaz preocupante.

Só as forças convencionais iraquianas, com o seu exército de um milhão e duzentos e cinquenta mil homens, peças de artilharia, tanques, baterias de mísseis e frota aérea moderna, tornam o Iraque de longe a força militar mais poderosa do Oriente Médio.

Há dois anos, estimou-se que, se o efeito da guerra com o Irã consistira em reduzir a máquina de guerra iraniana ao ponto em que não podia constituir uma real ameaça para os seus vizinhos, os danos produzidos pelo Irã à máquina de guerra do Iraque se revestiam de uma importância similar.

Torna-se agora claro que, no caso do Irã, o embargo criado deliberadamente por nós e pelos ingleses fez com que a sua situação não se alterasse. No caso do Iraque, porém, os dois anos intermédios foram preenchidos com um programa de rearmamento de um volume assustador.

Como recordará, senhor Secretário, a política ocidental na área do Golfo e mesmo em todo o Oriente Médio há muito que se tem baseado no conceito do equilíbrio; a noção de que a estabilidade e, portanto, o status quo só se podem manter se nenhuma nação da área conseguir adquirir um poder suficiente para

ameaçar até à submissão todos os vizinhos e estabelecer assim o domínio total. Só na frente da guerra convencional, é óbvio que o Iraque adquiriu esse poder e se prepara agora para criar o domínio.

Mas este relatório preocupa-se ainda mais com outro aspecto dos preparativos iraquianos: o estabelecimento de uma reserva assombrosa de Armas de destruição em massa, juntamente com projetos permanentes do seu acréscimo e sistemas de entrega internacionais e porventura intercontinentais.

Numa palavra, a menos que se consiga a destruição total dessas armas e respectivos sistemas de entregas, o futuro imediato apresenta-se sob um cariz catastrófico.

Dentro de três anos, o Iraque possuirá, de acordo com os estudos apresentados à Comissão Medusa e com os quais os ingleses concordam inteiramente, a sua própria bomba atômica e a capacidade para a lançar em qualquer ponto dentro de um raio de dois mil quilômetros de Bagdá.

A esta perspectiva deve acrescentar-se a de milhares de toneladas de gás venenoso e potencial de guerra bacteriológica, que inclui o antraz, tularemia e, possivelmente a peste bubônica e pneumônica.

Mesmo que o Iraque fosse governado por um regime benigno e razoável, essa perspectiva seria assustadora. Ora, o seu atual presidente, Saddam Hussein, acha-se claramente dominado por dois flagelos de natureza psiquiátrica: megalomania e paranoia.

Dentro de três anos, salvo se houver uma ação preventiva, o Iraque poderá dominar, somente por meio da ameaça, todos os territórios desde a costa norte da Turquia ao Golfo de Adem e dos mares ao largo de Haifa até às montanhas de Kandahar.

O efeito destas revelações deve consistir em modificar radicalmente a política do Ocidente. O desmantelamento da máquina de guerra iraquiana e, em particular, das Armas de destruição em massa, tem de passar a constituir o objetivo supremo da política ocidental. A libertação do Kuwait tornou-se irrelevante e serve apenas de justificação.

O alvo pretendido só pode ser frustrado com a retirada unilateral do Kuwait pelo Iraque, pelo que se devem desenvolver todos os esforços para garantir que tal não acontecerá.

Nessa conformidade, a política dos Estados Unidos, em conjugação com os nossos aliados britânicos, deverá visar quatro metas:

Na medida do possível, apresentar, secretamente, provocações e argumentos a Saddam Hussein destinados a levá-lo a recusar abandonar o Kuwait.“ Rejeitar qualquer solução de compromisso que ele ofereça para retirar do Kuwait, removendo assim a justificação da nossa projetada invasão e destruição da sua máquina de guerra.

Instar as Nações Unidas a aprovar, sem mais adiantamentos, a Resolução 678 do Conselho de Segurança que autoriza os aliados da Coligação a iniciar a Guerra Aérea, assim que eles estiverem preparados.

Dar a impressão de que se acolhe favoravelmente, mas na realidade frustrar qualquer plano de paz que permita ao Iraque escapar incólume do seu atual dilema. Neste aspecto, o secretário-geral da ONU, Paris e Moscou constituem os principais perigos, capazes de propor a qualquer momento um esquema inocente suscetível de boicotar o que se deve fazer. É claro que o público continuará a convencer-se do contrário.

Respeitosamente,

— É. Desta vez, temos de alinhar com eles, Itzhak.

O Primeiro-Ministro de Israel parecia, como de costume, inferiorizado pela enorme cadeira rotativa e secretária na sua frente, quando o seu adjunto dos Assuntos Estrangeiros o enfrentava no gabinete fortificado; sob a Knesset, em Jerusalém. Os dois para-quedistas armados do outro lado da porta de aço não podiam ouvir nada do que se dizia no interior.

Itzhak Shamir enrugou o cenho, enquanto as pernas curtas oscilavam sobre a carpeta. O adjunto dos Assuntos Estrangeiros diferia do Premier em todos os sentidos — alto, enquanto o dirigente nacional era baixo, elegante e não desleixado como Shamir e delicado, ao passo que este último se revelava bilioso. Não obstante davam-se muito bem e partilhavam o mesmo ponto de vista sobre o seu país e os palestinianos, pelo que o Primeiro^Ministro nascido na Rússia não hesitara em escolher e promover o diplomata

cosmopolita.

Benjamin Netanyahu expusera a situação com clareza. Israel precisava dos Estados Unidos — da sua boa vontade, outrora garantida automaticamente pelo poder do lobby judaico, mas estava agora sob o fogo cruzado do Capitólio e dos media americanos, seus donativos, armamento e veto no Conselho de Segurança. Era muita coisa junta para arriscar por um suposto agente iraquiano dirigido por Kobi Dror em Telaviv.

— Que fiquem com Jericho, quem quer que ele seja — opinou Netanyahu. — Se isso ajudar a destruir Saddam Hussein, melhor para nós.

O Primeiro-Ministro emitiu um grunhido, inclinou a cabeça e estendeu a mão para o intercomunicador.

— Diga ao general Dror que preciso dele aqui, no meu gabinete — indicou à secretária particular. — Quando estiver livre, não. Já!

Kobi Dror abandonava os domínios do superior quatro horas mais tarde, dominado por cólera surdia. Na realidade, não se recordava de outra ocasião em que se sentisse tão furioso.

Ouvir o Primeiro-Ministro dizer-lhe que procedera mal não se podia considerar nada agradável. Mas ter de se sujeitar ao epíteto de casmurro estúpido excedia tudo o que se lhe afigurava admissível.

De regresso a sua sala, mandou chamar Sami Gershon e transmitiu a novidade.

— Como diabos os ianques souberam? — uivou. — Quem deu com a língua nos dentes?

— Ninguém daqui — asseverou. — O que acha do professor? Acaba de regressar de Londres.

— Traidor imundo! — bradou Dror. — Quebro-lhe a espinha. Aposto que o embebedaram, para que falasse.

— Bem, o mal está feito. Como vamos agir?

— Revelar tudo sobre Jericho. Mas não conte comigo. Sharon que se encarregue da tarefa. A reunião será em Londres, onde ocorreu a inconfidência.

Gershon ponderou a sugestão e esboçou um sorriso malicioso.

— Do que ri? — quis saber Dror.

— Já não podemos contatar Jericho. Eles que tentem fazê-lo. Continuamos sem conhecer a verdadeira identidade do filho da mãe. Não me admiraria se quebrassem a cara.

— Envie Sharon esta noite. Depois, lançamos outro projeto. Aliás, já há algum tempo que andava às voltas com ele na cabeça. Chamaremos Operação Joshua.

— Por quê? — quis saber Gershon, perplexo.

— Não lembra o que Joshua fez a Jericho?

A reunião em Londres foi considerada suficientemente importante para Bill Stewart, subdiretor de Langley (Operações), cruzar o Atlântico, acompanhado de Chip Barber, da Divisão do Oriente Médio. Instalaram-se numa das casas seguras da Agência, um apartamento nas proximidades da embaixada americana, em Grosvenor Square, e jantaram com o subdiretor do SIS e Steve Laing. A presença do subdiretor devia-se a questões de protocolo, em virtude do grau hierárquico de Stewart. Seria substituído na época das declarações de David Sharon por Simon Paxman, que tinha a seu cargo a pasta do Iraque.

David Sharon deslocou-se de Telaviv com um nome suposto e tinha à sua espera um katsa da embaixada israelense, em Palace Green. O serviço de Contra-Espionagem Britânico, MI.5, que não gosta dos agentes estrangeiros, mesmo os de países amigos, que apreciam as brincadeiras no porto de entrada, fora alertado pelo SIS, pelo que localizou o kotsa da embaixada. Assim que este saudou o recém-chegado “Mr. Eliyahu”, proveniente do voo de Telaviv, o grupo do MV 1.5 entrou em cena para dar as calorosas boas-vindas a Mr. Sharon e prontificar-se para lhe tornar a estada o mais aprazível possível.

Os dois irritados israelenses foram escoltados ao carro e depois seguidos noutra viatura até o centro de Londres.

As revelações de David Sharon principiaram na manhã seguinte e prolongaram-se por todo o dia e metade da noite. O SIS decidiu utilizar uma das suas casas seguras — um apartamento bem protegido e “armadilhado” eficientemente, em South Kensington.

Era (e ainda é) um local espaçoso, em que a sala de jantar

serviu de teatro da reunião. Um dos quartos continha os bancos de gravadores e dois técnicos que registravam todas as palavras pronunciadas. Uma jovem esbelta e eficiente requisitada à Century House ocupava-se da cozinha, para que os seis homens não passassem fome.

Dois indivíduos de porte atlético permaneceram todo o dia no átrio do prédio para reparar o elevador que funcionava perfeitamente, embora na verdade providenciassem para que só entrassem os habitantes usuais dos diferentes andares.

Sentados em torno da mesa da sala de jantar, viam-se David Sharon e o katsa da embaixada de Londres, o qual, de qualquer modo, era um agente "declarado", os dois americanos, Stewart e Barber, de Langley, e os dois representantes do SÍS, Laing e Paxman.

Por indicação dos americanos, Sharon contou a sua história pormenorizadamente.

— Um mercenário? Um mercenário de "entrada"? — estranhou Stewart, a dada altura. — Suponho que não esteja brincando comigo?

— Recebi instruções para usar de absoluta sinceridade — respondeu o israelense. — Foi assim que as coisas se passaram.

Os americanos não tinham nada contra um mercenário. Na verdade, até constituía uma vantagem. Entre os motivos para trair a pátria, o dinheiro é o mais simples e fácil para a agência recrutadora. Com um mercenário, uma pessoa sabe as linhas com que se cose. Nada de sentimentos torturados de arrependimento, angústia de auto desdém, ego frágil para ser massajado e adulado ou penas eriçadas para alisar. Um mercenário no mundo dos serviços secretos assemelha-se a uma prostituta. Não há necessidade de jantares à luz das velas e pequenas atenções para consumar a conquista. Basta depositar um punhado de dólares em cima da mesa-de-cabeceira.

Sharon descreveu a busca frenética de alguém que podia viver em Bagdá sob cobertura diplomática em regime de permanência prolongada e da eventual "escolha de Hobson" de Alfonso Benz Moncada, com o respectivo treino intensivo em Santiago e reinfiltração para "dirigir" Jericho durante dois anos.

— Um momento — interrompeu Stewart. — Esse amador dirigiu Jericho ao longo de dois anos? Procedeu a setenta coletas de “cestos” e escapou?

— Juro pela minha saúde — confirmou Sharon, secamente.

— O que acha, Steve?

Laing encolheu os ombros.

— Sorte de principiante. Em Berlim Oriental ou Moscou não escaparia, com certeza.

— Exato — concordou Stewart. — E nunca o seguiram a um “cesto”? Nem se revelou?

— Nunca — afirmou Sharon. — Foi seguido algumas vezes, mas sempre de forma esporádica e pouco hábil. No percurso de casa para a Comissão Econômica ou vice-versa e uma ocasião quando se dirigia para um “cesto”. Mas percebeu a tempo e mudou de rumo.

— Suponhamos que o seguiram até um “cesto”.

— Rapazes da contra espionagem de Rahmani ficaram de atalaia e capturaram Jericho — sugeriu Laing. — Submetido a persuasão suficiente, viu-se forçado a colaborar...

— Nessa eventualidade, o produto perderia grande parte do valor — disse Sharon. — Ele estava produzindo estragos profundos. Rahmani não permitiria que isso continuasse. Teríamos assistido ao julgamento público e à execução de Jericho, e Moncada seria expulso do país, se tivesse sorte.

“Tudo indica que os perseguidores faziam parte da AMAM, embora os estrangeiros pertençam à tutela de Rahmani. De qualquer modo, mostraram-se tão ineptos como sempre e Moncada descobriu-os sem dificuldade. Como sabemos, a AMAM gosta de se intrometer nos assuntos da contra espionagem.”

Os outros aquiesceram, com inclinações de cabeça. A rivalidade interdepartamental não constituía uma novidade. Também se verificava nos seus países. Quando Sharon contou que Moncada foi retirado abruptamente do Iraque, Bill Stewart soltou uma imprecação.

— Está dizendo que ele desligou, cortou o contato? Em outras palavras, Jericho anda à solta, sem controlador?

— Aí é que está — replicou o israelense, pacientemente.

Virou-se para Chip Barber e prosseguiu: — Quando o general Dror disse que não tinha agente algum em Bagdá, falou a verdade. O Mossad estava convencido de que Jericho, como operador ativo, era passado.

— Queremos restabelecer o contato — declarou Laing, a meia-voz.

— Como?

Sharon indicou as seis localizações de marcos postais. No decurso de seus dois anos, Moncada mudara duas — num dos casos, porque o local estava sendo terraplanado para construção de um bloco habitacional e no outro porque a loja abandonada fora reativada. No entanto, as indicações agora expostas correspondiam às válidas na última informação da fonte antes da expulsão. A posição exata desses "cestos" e locais apropriados para as marcas a giz que indicavam a necessidade de visita eram mencionados com aproximação de centímetros.

— Talvez pudéssemos convencer um diplomata de um país amigo a abordá-lo, para revelar que regressava à atividade e a remuneração era mais compensadora — sugeriu Barber. — Evitavam-se essas visitas a esconderijos debaixo de tijolos e lajes.

— Não — declarou Sharon. — Ou nos conformamos com os cestos ou não haverá a menor possibilidade de estabelecer contato.

— Por quê? — perguntou Stewart.

— Talvez não acreditem, mas juro que é verdade. Nunca descobrimos sua verdadeira identidade.

Os quatro agentes ocidentais fitaram o israelense com incredulidade durante alguns momentos.

— Não conseguiram identificá-lo? — articulou Stewart, pausadamente.

— Não. Tentamos e insistimos em que nos dissesse, para sua própria proteção, mas recusou-se e ameaçou fechar a torneira, se persistíssemos. Procedemos a análises da escrita e elaboramos perfis. Comparamos a informação que fornecia com a que estava fora do seu acesso. Acabamos por ficar com uma lista de cerca de quarenta homens dos círculos de Saddam Hussein, no Conselho do Comando Revolucionário, no Alto-Comando do Exército e nas altas patentes do Partido Baath.

“Nunca conseguimos nos aproximar mais do que isso. Em duas ocasiões, introduzimos um termo técnico inglês nos nossos pedidos e foi devolvido com o pedido do equivalente em árabe. Parece que domina mal a nossa língua ou a desconhece por completo. É claro que pode ser subterfúgio. Escreve sempre em árabe.”

Stewart resmungou em contrariedade, convencido.

— Parece a repetição do Garganta Profunda. — Todos se lembravam da fonte secreta de Watergate, que fornecera informações confidenciais ao *Washington Post*.

— Mas Woodward e Bernstein o identificaram — argumentou Paxman.

— É o que eles garantem, mas duvido — volveu Stewart. — Acho que se manteve na sombra, como esse Jericho.

Havia algumas horas que anoitecera, quando os quatro homens permitiram que o exausto David Sharon regressasse finalmente à sua embaixada. Steve Laing tinha certeza de que, desta vez, a Mossad não guardara qualquer trunfo na manga, pois Bill Stewart explicara-lhe o nível da pressão a que o israelense fora submetido em Washington.

Os dois agentes britânicos e outros tantos homólogos americanos, fartos de sanduíches e café, seguiram para um restaurante das proximidades. Stewart, que padecia de uma úlcera gástrica e um stress elevado, de modo algum acalmados por doze horas de sanduíches, contentou-se com uma dose de salmão fumado.

— É um filho da mãe, Steve. Um autêntico filho da mãe de quatro olhos. À semelhança do Mossad, vamos ter de tentar encontrar um diplomata acreditado possuidor do tipo de treino conveniente e convencê-lo a trabalhar para nós. Pagamos-lhe, se for caso disso. Langley está na disposição de abrir os cordões à bolsa até onde for necessário. As informações de Jericho podem salvar muitas vidas, quando principiarem os combates.

— Então, o que temos pela frente? — observou Barber. — Metade das embaixadas em Bagdá já fecharam e as outras devem estar sob vigilância apertada. Há a sueca, a irlandesa, a suíça, a

finlandesa... Os países neutros não alinham, de certeza — asseverou Lang. — De resto, duvido que tenham um agente treinado destacado em Bagdá. Ignoremos as embaixadas do Terceiro Mundo, pois implicariam iniciar todo um programa de recrutamento e treino.

— De qualquer modo, não haveria tempo, Steve. Há urgência premente. Não podemos percorrer o mesmo caminho que os israelenses. Agora, Bagdá está em pé de guerra. A vigilância deve ser muito apertada. Partindo do zero, eu necessitaria de um mínimo de três semanas para treinar um diplomata com eficiência.

Stewart assentiu, com um movimento de cabeça. — À parte isso, só alguém com acesso legítimo. Alguns homens de negócios ainda entram e saem de lá, em particular os alemães. Podíamos arranjar um alemão ou japonês convincente. O pior é que a sua estada tem uma duração limitada.

— Idealmente, pretende-se alguém que "dirija" Jericho durante os próximos... quantos? ... quatro meses. E um jornalista? — aventou Laing.

Paxman sacudiu a cabeça.

— Tenho conversado com todos os que vêm de lá. Precisamente devido à sua profissão, são alvo de vigilância estreita. Um correspondente estrangeiro não pode percorrer vielas escuras sem um agente da AMAM no seu encalço. Não esqueçamos o que pode acontecer a quem cair nas mãos de Ornar Khatib.

Os quatro homens sentados à mesa do restaurante estavam ao corrente da reputação brutal de Khatib, chefe da AMAM, mais conhecido por al-Muazib, o Atormentador.

— É inevitável correr certos riscos — lembrou Barber.

— Referia-me mais à aceitação — explicou Paxman. — Que homem de negócios ou repórter se exporia, consciente do que lhe estaria reservado se fosse apanhado? Confesso que preferia a KGB à AMAM.

Bill Stewart pousou o garfo, frustrado, e pediu mais um copo de leite.

— Então, tem de ser assim. A menos que encontremos um agente treinado capaz de passar por iraquiano.

Paxman dirigiu uma mirada rápida a Steve Laing, que aquiesceu com uma inclinação de cabeça.

— Temos um cara que obedece a esses requisitos — anunciou o primeiro.

— Um árabe treinado? Isso o Mossad e nós mesmos também temos — retrucou Stewart. — Mas não no nível necessário. Trata-se de uma operação de alto risco.

— Refiro-me a um inglês, um major do SAS.

O americano imobilizou a mão com que levava o copo de leite aos lábios. Por seu turno, Barber pousou a faca e o garfo e parou de mastigar o bife.

— Falar árabe é uma coisa, mas passar por iraquiano no interior do país é outra muito diferente — disse Stewart.

— Tem pele morena, muito escura, cabelo preto e olhos castanhos, mas é cem por cento inglês. Nascido e criado neste país. Pode dar perfeitamente conta do recado.

— E foi devidamente treinado para operações secretas? — insistiu Barber. — Caramba, onde diabos ele está?

— No momento, no Kuwait — informou Laing.

— Deus meu! Quer dizer que está lá encurralado?

— Não. Segundo as nossas últimas informações, move-se livremente.

— Então, se pode sair, está esperando o quê?

— Prefere continuar lá matando iraquianos.

Stewart ponderou a resposta por um momento e inclinou a cabeça.

— Tem bolas — murmurou. — Podem tirá-lo de lá? Gostaríamos que nos emprestassem.

— Acho que sim. Informaremos da próxima vez que entrar em contato conosco por rádio. Mas será dirigido por nós. E partilharemos o produto.

— De acordo.

Paxman levantou-se e limpou a boca com o guardanapo. — Vou informar Riad.

Mike Martin estava acostumado a procurar a sua própria sorte, mas viu sua vida salva por um triz naquele outubro .

Devia entrar em contato com a casa designada do SIS nos arrebaldes de Riad, na noite de 19, a mesma em que os quatro membros superiores da CIA e da Century House jantavam em South Kensington. Se o tivesse feito, teria terminado o contato, devido à diferença de duas horas, antes de Simon Paxman regressasse à Century House e comunicasse a Riad que era procurado.

Pior ainda, estaria no ar de cinco a dez minutos, para discutir com o interlocutor formas de envio de mais explosivos e armas. Na verdade, estava na garagem em que guardava o jipe, pouco antes da meia-noite, e descobriu um pneu vazio. Praguejando entre dentes, passou a hora seguinte tentando soltar os parafusos que a mistura de lubrificante e areia do deserto haviam grudado. Era meio-dia e quarenta e cinco quando conseguiu finalmente sair da garagem e, menos de um quilômetro adiante, verificou que o estepe também deixava escapar ar.

Teve que voltar à garagem e desistir do contato com Riad. Precisou de dois dias para o reparo dos dois pneus, e somente na noite de 21 pôde aventurar-se no deserto, ao sul da cidade, onde montou o transmissor e emitiu uma série de breves blips, para indicar que era ele que chamava e se preparava para entrar “no ar”.

Ficara estabelecido que utilizaria um canal diferente em cada dia do mês. Era dia 21, e depois de se identificar, passou à escuta e aguardou. Transcorridos escassos segundos, uma voz grave e abafada disse: “Montanha Rochosa, Urso Preto, recebo em cinco.” Os códigos identificadores de Riad e Martin obedeciam igualmente a uma sequência prevista.

Ele voltou a transmitir diversas frases.

Nos subúrbios de Kuwait City, ao norte, um jovem técnico iraquiano foi alertado por uma luz intermitente no console a seu cargo, no apartamento requisitado de um bloco residencial. Um dos seus sistemas de rastreamento captara a transmissão.

— Capitão! — chamou com urgência, e aproximou-se um oficial da seção de comunicações do serviço de contra espionagem de Hassan Rahmani. — Acaba de aparecer alguém no ar — informou, indicando a luz intermitente.

— Onde?

— No deserto.

O técnico prestou atenção aos sinais recebidos nos fones, enquanto o sistema estabilizava na fonte da transmissão.

— Alterada eletronicamente — anunciou.

— Tem de ser ele. O chefe não se enganou. Quais são as coordenadas?

Ao mesmo tempo, o homem da contra espionagem estendia a mão para o telefone, a fim de prevenir as outras unidades de escuta — as picapes estacionadas em Jahra e no Hospital Al Adam, perto da costa.

— Dois zero dois graus.

O que significava vinte e dois graus sudoeste, e não havia absolutamente nada naquela direção, além do deserto do Kuwait, que se prolongava até o saudita, na fronteira.

— Frequência? — bradou o homem da contra espionagem, quando conseguiu ligação com o posto de Jahra. O interpelado informou. Era um canal pouco utilizado na gama de Frequência Muito Elevada.

— Vá imediatamente à base aérea de Ahmadi e mande decolar o helicóptero. Diga que conseguimos determinar uma posição.

Longe dali, no deserto, Martin terminou o que tinha a dizer e passou à escuta, para se inteirar da resposta de Riad. Não correspondeu ao que esperava. Ele falara apenas por quinze segundos.

“Montanha Rochosa, Urso Preto, regresse à gruta. Repito: regresse à gruta. Urgência máxima. Terminado.”

O oficial iraquiano comunicou a frequência aos outros postos de escuta. Em Jahra e no hospital, outros técnicos sintonizaram o equipamento na frequência indicada, enquanto, sobre suas cabeças, os pratos de um metro e vinte de diâmetro oscilavam de um lado para o outro. O da costa cobria uma área da fronteira norte do Kuwait com o Iraque até à da Arábia Saudita. Os detetores de Jahra esquadrinhavam a área do leste para oeste, do mar a leste até o deserto iraquiano a oeste.

Os três em conjunto puderam triangular um ponto fixo com um erro de cem metros e fornecer as coordenadas à tripulação do helicóptero Hind.

— Continua? — perguntou o oficial.

Os técnicos concentraram-se no rastreio por uns momentos. O ecrã que antes apresentava um ponto luminoso bem definido, achava-se agora virtualmente em branco. Só voltaria a aparecer quando e se o homem no deserto tornasse a transmitir.

— Não, capitão. Desapareceu do ar. Talvez esteja a escutar a resposta.

— Vai voltar — asseverou o oficial.

Mas ele se equivocava. Urso Preto franziu a testa diante das instruções repentinas de Riad, desligou o transmissor e recolheu a antena.

Os iraquianos concentraram-se naquela frequência durante toda a noite e, ao amanhecer, o Hind, em Al Ahmadi, desligou os rotores e os tripulantes saltaram para o chão.

Simon Paxman dormia no sofá de sua sala quando o telefone tocou. Era um funcionário das Comunicações, na cave.

— Desço já.

Era uma mensagem muito breve que tinham acabado de decodificar, procedente de Riad. Martin estabelecera contato e tomara conhecimento das ordens.

De sua sala, Paxman telefonou a Chip Barber, que estava no apartamento da CIA, perto da Grosvenor Square.

— Ele está a caminho, mas não sabemos quando atravessará a fronteira. Steve quer que eu vá lá, você me acompanha?

Claro — assentiu Barber. — O DOO regressa a Langley no voo da manhã, mas eu vou com você. Tenho de ver o cara.

No dia 22, a embaixada americana e o Foreign Office britânico abordaram a embaixada saudita para obtenção de uma acreditação urgente de um novo diplomata em Riad. Não foi levantada qualquer objecção. Dois passaportes, nenhum dos quais em nome de Barber ou Paxman, receberam os necessários vistos e eles seguiram no voo das 20.45 de Heathrow, chegando ao aeroporto internacional do

Rei Abdulaziz, em Riad, pouco antes da alvorada.

Havia um carro da embaixada americana à espera de Chip Barber para conduzi-lo à missão dos Estados Unidos, onde se ficava a base da vasta operação da CIA, enquanto um veículo modesto transportava Paxman à casa em que se alojava o pessoal do SIS britânico. A primeira notícia que recebeu foi que Martin aparentemente ainda não cruzara a fronteira.

A ordem de Riad para voltar à base era, na opinião de Martin, mais fácil de dar do que de cumprir. Regressara do deserto muito antes de amanhecer, em 22 de outubro , e passara o dia encerrando a operação.

Deixou mensagem sob a lápide do túmulo do marinheiro Shepton, no cemitério cristão, explicando a Al-Kalifa que se via forçado a abandonar o Kuwait. Em outro bilhete, destinado a Abu Fouad, indicava onde e como deveria recolher armas e explosivos que ainda estavam ocultos em duas das casas.

À tarde, ultimados os preparativos, seguiu na picape para a fazenda perto de Sulaibiya, onde começava o deserto. Seus camelos ainda estavam lá, em boas condições, e escolheu a cria, já suficientemente desenvolvida, para saldar a dívida com o dono da fazenda por haver cuidado deles.

Pouco antes do anoitecer, montou o camelo adulto e rumou para sudoeste; quando escureceu por completo, estava confortavelmente distante dos últimos sinais de habitação.

Levou quatro horas, em vez da uma habitual, para alcançar o lugar onde enterrara o rádio, assinalado pelos destroços enferrujados de um veículo que, num passadio remoto, sofrera avaria importante e fora abandonado.

Ocultou o rádio sob um carregamento de tâmaras que acondicionara nas cestas. A viagem de agora diferia da anterior, em meados de agosto. À medida que se internava no sul, Martin avistava cada vez mais sinais do enorme exército iraquiano que infestava a área, estendendo-se para oeste em direção à fronteira do Iraque. Conseguia avistar o clarão dos poços de petróleo que sulcavam o deserto e, consciente de que os iraquianos decerto os ocupavam, internava-se no areal para evitá-los. Ou então percebia o

cheiro de fumaça das fogueiras, conseguindo assim contornar os acampamentos a distância prudente.

Havia apenas duas divisões da Guarda Republicana do Iraque ao sul do Kuwait, quando entrara, e estavam mais para leste, a sul do Kuwait City.

Agora, a Divisão Hammurabi juntara a elas, e mais onze, na maioria do exército regular, tinham ocupado a área sul do país para enfrentar a concentração de tropas americanas e da Coligação, do outro lado da fronteira.

Catorze divisões são um volume de tropas substancial, mesmo espalhadas pelo deserto. Para sorte de Martin, não tinham o hábito de manter sentinelas e dormiam profundamente em seus veículos, embora o grande número de efetivos o obrigasse a deslocar-se cada vez mais para oeste.

A alvorada o surpreendeu a oeste do campo petrolífero de Manageesh e ainda ao norte do posto de polícia de Al Mufrad, que assinalava a fronteira num dos pontos de travessia. Entretanto, o terreno tornara-se acidentado e ele descobriu um aglomerado de rochas para passar o dia. Quando o sol despontou, desmontou do camelo, que prendeu nas proximidades, envolveu-se na manta e dormiu.

Pouco depois do meio-dia, foi acordado pelo ruído de tanques nas cercanias e viu que estava perto demais da estrada de Jahra para o Kuwait, que se internava na Arábia Saudita, no posto alfandegário de Al Salmi. Depois do por do sol, aguardou até meia-noite para reatar a marcha, consciente de que a fronteira não podia distar mais de vinte quilômetros do lugar em que estava.

O luar permitiu-lhe avistar ao longe o posto da polícia de Oairnat Subah e, três quilômetros adiante, calculou que cruzara a fronteira. No entanto, por precaução continuou em frente, até que chegou à estrada que se estendia no sentido leste-oeste entre Hamatiyyat e Ar-Rugi, onde se deteve para montar o rádio e o respectivo prato.

Como os iraquianos ao norte tinham escavado vários quilômetros no lado do Kuwait e o plano do general Schwarzkopf exigia que as forças de Proteção do Deserto também se mantivessem a certa distância, a fim de, na eventualidade de serem

atacadas, terem certeza de que os iraquianos haviam realmente invadido a Arábia Saudita, Martin estava numa deserta terra de ninguém. Logo, aquele espaço agora vazio teria uma torrente constante de tropas sauditas e americanas em direção ao Kuwait. Contudo, na escuridão que precedia a alvorada de 24 de outubro, era inteiramente seu.

Simon Paxman foi acordado por um membro da equipe da Century House que ocupava a casa.

— O Urso Preto acaba de ir para o ar. Diz que cruzou a fronteira.

Saltou da cama e correu para a sala de comunicações em pijamas. Um operador de rádio sentava-se numa cadeira rotativa diante de um console que ocupava toda uma parede do aposento que outrora fora um elegante quarto. Como era o dia 24, os códigos tinham sido alterados.

— Corpus Christi para Texas Ranger, onde você está? Repita a sua posição, por favor.

A voz era quase inaudível quando brotou do alto-falante, mas perfeitamente clara.

"A sul de Qaimat Subah, na estrada de Hamatiyyat para Ar-Rugi.” O operador voltou-se para Paxman, que premiu o botão de transmissão e disse: — Fique aí, Ranger. Um táxi vai buscá-lo. Entendido?

“Entendido”, replicou a voz tênue. “Fico à espera do táxi preto.”

Não era propriamente um táxi preto, mas um helicóptero Blackhawk americano que sobrevoava a estrada, duas horas mais tarde. Um dos tripulantes, munido de potente binóculo, avistou o homem e observou-o com desconfiança. Afinal, via um beduíno, embora o local fosse exatamente o indicado, e recebera instruções para recolher um inglês. Enquanto hesitava, o beduíno dispôs uma série de pequenas pedras no chão e afastou-se, em expectativa. O tripulante do helicóptero assestou o binóculo e leu: “Oi!”

— Deve ser o cara — observou ao piloto. — Vamos pegá-lo.

Martin já tinha retirado as pesadas cestas e a sela do camelo, deixando-as na beira da estrada. O rádio e a Browning de nove

milímetros e treze tiros do SAS estavam na mochila em seus ombros.

Quando o helicóptero desceu, o camelo se assustou e correu. Martin viu-o afastar-se com um leve sorriso. Fora extremamente útil e não de mal lhe aconteceria no deserto, era seu habitat. Andaria livremente até que algum beduíno o descobrisse e, vendo que não tinha marca, ficasse com ele.

Por fim, Martin inclinou a cabeça para evitar as pás das hélices e correu para a porta do helicóptero.

— Seu nome, por favor — solicitou o tripulante, levantando a voz para se fazer ouvir.

— Major Martin.

Uma mão estendeu-se pela abertura e o puxou para dentro.

— Bem-vindo a bordo, major.

Nas proximidades da cidade, o piloto alterou o rumo em direção a uma casa isolada, junto da qual alguém estendera três fileiras de almofadas com a forma de um “H”. Martin aguardou que o aparelho pairasse a um metro do chão, saltou e encaminhou-se para a casa, enquanto o helicóptero se afastava. Atrás dele, dois empregados da casa começaram a recolher as almofadas.

Transpôs a pequena arcada e entrou num pátio pavimentado, onde acabavam de surgir dois homens, um dos quais reconheceu imediatamente do quartel-general do SAS, a oeste de Londres.

— Simon Paxman — apresentou-se o mais jovem, estendendo a mão. — Muito prazer em tê-lo de volta. Este é Chip Barker, um dos nossos primos de Langley.

Barker apertou a mão do recém-chegado, observando-o — túnica branca encardida, manta dobrada no ombro, keffiyeh de xadrez, olhos negros penetrantes e barba de vários dias.

— Muito prazer em conhecê-lo, major. Falaram-me muito de você. — Franziu o nariz. — Talvez queira tomar um banho...

— Tem razão — interpôs Paxman. — Vou tratar disso imediatamente.

Martin inclinou a cabeça, agradeceu e entrou na casa, seguido dos dois homens. Barber estava quase eufórico com o que via. “Não admira que o homem dê conta do recado”, refletia.

Foram necessários três banhos consecutivos na banheira de

mármore cedida aos ingleses pelo príncipe Khaled bin Sultan até que Martin conseguisse eliminar a sujeira e o suor de várias semanas. Em seguida, sentou-se, com uma toalha em volta da cintura, enquanto o barbeiro que chamaram para ele cortava o cabelo crespo, após o que barbeou o rosto com apetrechos emprestados por Simon Paxman.

A roupa que vestia na chegada foi entregue a um empregado saudita, que a queimou no pátio. Duas horas mais tarde, vestindo calças de algodão e camisa de manga curta, também de Paxman, sentou-se à mesa para fazer as honras a um lauto almoço.

— Posso saber por que me mandaram voltar?

Foi Chip Barber quem respondeu. — É uma boa pergunta, major. Muito oportuna. Merece uma boa resposta, hein? Gostaríamos que se infiltrasse em Bagdá. Na semana que vem. Quer salada com o peixe?

Capítulo 10

A CIA e o SIS tinham pressa. Embora o fato fosse pouco ventilado, então ou mais tarde, em fins de outubro tinha sido estabelecida em Riad uma importante presença da Agência, para executar uma operação não menos capital.

A representação desta última não tardou a entrar em conflito com os chefes militares da “coelheira” das salas de planeamento das caves do Ministério da Força Aérea Saudita. Prevalecia a convicção, pelo menos entre os generais, de que, graças à utilização adequada do estendal de meios técnicos sofisticados à sua disposição, conseguiriam inteirar-se de tudo o que necessitavam de saber sobre os métodos de defesa e preparativos do Iraque.

E era na verdade um estendal surpreendente. À parte os satélites no Espaço que forneciam uma sequência constante de imagens do território de Saddam Hussein e dos Aurora e U-2, que faziam a mesma coisa, mas demais perto, havia outras máquinas de uma complexidade impressionante destinadas a proporcionar outro tipo de informação.

Entre os aviões, a principal unidade era o Sistema de Aviso e Controlo em Voo, conhecido por AWACS f28) — aparelhos Boeing 707 que transportavam uma enorme cúpula de radar montada no topo da estrutura. Deslocando-se em círculos lentos sobre o norte do Golfo, em turnos de vinte e quatro horas rotativos, os AWACS podiam informar Riad em poucos segundos de qualquer movimento aéreo sobre o Iraque. Praticamente, não podia decolar um aparelho daquele território sem que Riad se inteirasse do seu número, rumo, velocidade e altitude.

De apoio aos AWACS, havia outra conversão de Boeing 707, o E8-A, conhecido por J-STARS, que fazia em relação aos movimentos em terra o mesmo que os outros no ar. O seu potente radar procedia ao rastreio de uma vasta área à superfície, pelo que podia cobrir o Iraque sem entrar no espaço aéreo iraquiano e detetar quase qualquer objeto metálico que começasse a mover-se.

A combinação destes e outros milagres da técnica em que

Washington gastara muitos milhares de milhões de dólares convencia os generais de que se achavam em condições de tomar conhecimento imediato de tudo o que se movesse e, por conseguinte, destruí-lo. Nada podia escapar aos olhos do céu.

Ora, os agentes da Informação de Langley estavam cépticos e não o dissimulavam suficientemente bem. As dúvidas eram próprias dos civis e, em face disso, as entidades militares começaram a irritar-se. Tinham uma função importante e decisiva a desempenhar e dispensavam perfeitamente os baldes de água fria despejados sobre a sua euforia, Do lado dos ingleses, a situação era diferente. A operação do SIS no teatro do Golfo não se comparava à da CIA, apesar de se revestir de particular envergadura pelos padrões da Century House e, segundo o estilo desta, ser mais secreta.

Além disso, eles tinham nomeado comandante de todas as forças do Reino Unido e adjunto do general Schwarzkopf, um militar invulgar de antecedentes pouco comuns.

Norman Schwarzkopf era um homem corpulento, de porte e modos irredutivelmente marciais. Conhecido por Norman Temperamental ou “O Urso”, a sua disposição podia variar da bonomia cordial a explosões de temperamento, sempre de breve duração, a que os seus subordinados se referiam-por “entrar em trajetória balística”. O seu homólogo britânico não podia ser mais diferente.

O general-tenente Sir Peter de la Biliere, que chegara em princípios de outubro para assumir o comando das tropas inglesas, era desoladoramente magro, de modos reservados e discurso relutante. O possante americano extrovertido e o frágil inglês introvertido constituíam uma parelha singular, que só funcionava porque cada um sabia o suficiente do outro para reconhecer o que havia por detrás da atitude formal.

Sir Peter, conhecido entre as tropas por PB, era o militar mais condecorado do exército britânico, pormenor a que nunca aludia em circunstância alguma. Também fora comandante do SAS, fato que lhe facultava conhecimentos especiais úteis do Golfo Pérsico e operações secretas.

Como trabalhara em ligação com o SIS, a equipe da Century testava nele um ouvido mais acostumado a escutar as suas

reservas do que o grupo da CIA.

O SAS já contava com uma presença substancial no cenário saudita, instalado num recinto reservado na periferia de uma base militar nos subúrbios de Riad. Como antigo comandante daqueles homens, o general PB preocupava-se para que os seus notáveis talentos não fossem desperdiçados em tarefas quotidianas que a infantaria ou os para-quedistas podiam executar. Na verdade, tratava-se de pessoal especializado em penetração profunda e recuperação de reféns.

Constava que poderia ser utilizado para arrancar os britânicos das mãos de Saddam, o qual os conservava em seu / poder para uma eventual negociação, porém o projeto foi abandonado quando os dispersou por todo o Iraque.

Instaladas na casa perto de Riad, durante a última semana de outubro , as equipes da CIA e da SIS congeminaram uma operação que se achava no âmbito dos talentos invulgares do SAS, a qual foi apresentada ao comandante local deste último, que começou a trabalhar no seu planeamento.

A tarde do primeiro dia de permanência de Mike Martin na casa foi inteiramente dedicada a explicar-lhe tudo o que se relacionava à descoberta dos aliados anglo-americanos da existência do renegado em Bagdá que usara o nome de código de Jericho. Ele ainda podia recusar a missão e regressar ao seu regimento. Durante a noite, ponderou tudo. Por fim, anunciou aos agentes da CIA e do SIS que aceitava, mas tinha condições.

O principal problema, como todos reconheciam, consistia na sua história de cobertura. Não se tratava de uma missão rápida do gênero "entrar e sair”. Tampouco podia contar com apoio como acontecera no Kuwait, além de que escusava de pensar sequer em percorrer o deserto que circundava Bagdá como um beduíno nômade.

Entretanto, o Iraque convertera-se num enorme campo armado. As próprias áreas que, no mapa, pareciam desoladas e vazias, eram atravessadas por patrulhas. No interior da Capital, havia soldados do exército e agentes da AMAM em toda a parte, com a polícia militar à procura de desertores e a secreta de todos os

indivíduos suspeitos.

Assim, se conseguisse entrar lá, Martin deveria ter muita prudência. O contato com um agente como Jericho não seria fácil. Primeiro, teria de o localizar, para comunicar que regressava à atividade. Além disso, os “cestos” outrora empregados para a troca de comunicações podiam achar-se sob vigilância. E nada garantia que o próprio Jericho não tivesse sido desmascarado e obrigado a confessar suas comprometedoras atividades.

Como se não bastasse, Martin precisaria de um lugar para viver, uma base de onde pudesse enviar e receber mensagens. Para isso teria de esquadrinhar a cidade à procura de um esconderijo seguro.

Por último, e pior de tudo, não haveria cobertura diplomática para lhe evitar os horrores subsequentes à captura e denúncia pública. As celas de interrogatório de Abu Ghraib o aguardariam, com o cortejo inevitável de torturas.

— O que tem em vista? — quis saber Paxman, ao ouvir a exigência.

— Se não posso passar por diplomata, quero ser adido de um grupo diplomático.

— Não vai ser fácil, amigo. As embaixadas estão sob forte vigilância.

— Não me refiro a embaixadas, mas a um grupo diplomático.

— Como motorista, por exemplo? — aventurou Barber.

— Não. Daria muito na vista. O motorista tem que ficar ao volante. Conduz o diplomata de um lado para o outro e é tão vigiado como ele.

— Então, como quê?

A menos que as coisas mudassem radicalmente, muitos diplomatas mais importantes moram fora do edifício da embaixada e alguns têm mesmo casas isoladas, com jardim murado e tudo. Essas casas não dispensam um bom jardineiro.

— Um jardineiro? Mas isso é um trabalhador manual. Pegariam você e o recrutariam para o exército.

— Não. O jardineiro trabalha fora da casa. Cuida do jardim, vai ao mercado na sua bicicleta e vive num barracão a um canto do jardim.

— E daí? — inquiriu Paxman.

— Daí que é virtualmente invisível. Ninguém repara nele. Se o interceptam, tem os documentos de identidade em ordem, com uma carta em papel timbrado da embaixada, redigida em árabe, para explicar que trabalha para o diplomata e está isento do serviço militar. A menos que cometa alguma ilegalidade flagrante, se as autoridades o importunarem, a embaixada apresentará queixa.

— Os dois homens ponderaram a ideia por um momento. Por último, Barber admitiu:

— Talvez funcione. Banal, invisível. O que acha, Simon?

— Bem, o diplomata teria de estar por dentro.

— Apenas em parte — salientou Martin. — Bastaria que recebesse ordens de seu governo para aceitar o homem que o procurasse e depois fechasse os olhos ao seu comportamento. Independentemente das conclusões que tirar, não se manifestará — se quiser manter o lugar e a carreira. Isto se as ordens emanarem de um nível suficientemente elevado, claro.

— A embaixada britânica fica desde já excluída — disse Paxman. — Os iraquianos se esforçariam para contrariar nosso pessoal diplomático.

— O mesmo se aplica a nós — concordou Barber. — Tinha alguém em mente, Mike?

— Quando revelou, os dois interlocutores entreolharam-se de assombro.

— Não acredito que fale sério — declarou o americano.

— Pode acreditar— replicou Martin, calmamente.

— Mas um pedido desses teria de ser apresentado à Primeira-Ministra — argumentou Paxman.

— E ao Presidente — acrescentou Barber.

— Onde está a dificuldade? Não somos todos amigos de infância, atualmente? Se o produto de Jericho contribuir para salvar vidas dos aliados, não vale a pena dar um simples telefonema?

O americano consultou o relógio. Em Washington, eram sete horas mais cedo que no Golfo. Em Langley estariam acabando de almoçar. Em Londres, a diferença era apenas de duas, para menos, mas os funcionários superiores talvez ainda se encontrassem nos seus gabinetes.

Barber regressou apressadamente à embaixada dos Estados Unidos e enviou mensagem em código ao subdiretor de Operações, Bill Stewart, o qual, assim que a leu, foi mostrá-la ao diretor, Wiiliam Webster, que, por seu turno, ligou para a Casa Branca e solicitou encontro com o Presidente O telefonema codificado de Simon Paxman ainda apanhou Steve Laing no gabinete da Century House, e, depois de escutar, o chefe de Operações no Oriente Médio ligou para o chefe, no seu domicílio.

Sir Colin refletiu por um momento e pôs-se em contato com o Secretário do Conselho de Ministros, Sir Robin Butler.

O chefe do Secret Intelligence Service tem o direito, em casos que considere de emergência, de solicitar encontro com a Primeira-Ministra, e Margaret Thatcher sempre se distinguiu pela acessibilidade aos homens dos Serviços Secretos e das Forças Especiais. Concordou em recebê-lo em seu gabinete privado no número 10 da Downing Street, na manhã seguinte, às oito.

Estava, como sempre, atrás da mesa desde antes da alvorada e quase despachara todos os assuntos urgentes quando o chefe do SIS chegou. Escutou o bizarro pedido com leve perplexidade, exigiu várias explicações, refletiu e, por fim, tomou uma decisão.

— Trocarei impressões com o Presidente Bush assim que se levantar e veremos o que podemos fazer. Esse... hum... homem tenciona mesmo pôr a ideia em prática?

— É, na verdade, a intenção dele.

— É um dos seus funcionários, Sir Colin?

— Não, é major do SAS.

— Deve ser um indivíduo excecional.

— É, com efeito, essa também a minha impressão.

— Quando tudo isso terminar, gostaria de conhecê-lo.

— Providenciarei.

Quando o chefe do SIS se retirou, o pessoal de Downing Street fez a ligação para a Casa Branca, embora ainda fosse noite em Washington, e preparou o telefonema pela linha quente para as oito da manhã, uma da tarde em Londres. Em face disso, o almoço da Primeira-Ministra sofreu atraso de trinta minutos.

O Presidente George Bush, à semelhança do predecessor, Ronald Reagan, sempre tinha dificuldade em recusar um pedido a

Margaret Thatcher, quando esta recorria a toda a sua veemência.

— Está bem — acedeu, após cinco minutos de diálogo. — Farei a chamada.

— O pior que pode acontecer é dizer não — observou a Primeira-Ministra. — Mas não creio, depois de tudo o que temos feito por ele.

— Sim, isso é verdade.

Os dois chefes de governo fizeram os respectivos telefonemas com intervalo de uma hora e a resposta do homem perplexo do outro lado do fio foi afirmativa. Falaria com os seus representantes, assim que chegassem.

Naquela noite, Bill Stewart partia de Washington, enquanto Steve Laing embarcava no último voo do dia de Heathrow.

Se Mike Martin fazia ideia da atividade que seu pedido provocara, não deixava transparecer. Passou os dias 26 e 27 de outubro descansando, comendo e dormindo. No entanto, deixou de se barbear. Mas havia intensa atividade por conta dele em diferentes lugares.

O chefe de posto do SIS em Telaviv visitou o general Kobi Dror com um derradeiro pedido e o dirigente do Mossad o encarou com assombro.

— Vai mesmo levar isso a cabo? — perguntou.

— Só sei o que me incumbiram de lhe pedir, Kobi.

— Mas ele será apanhado.

— Podem fazê-lo?

— Com certeza.

— Vinte e quatro horas?

— Por você, meu rapaz, até sacrificaria a mão direita. Em todo o caso, o que propôs é uma loucura.

O israelense levantou-se, contornou a mesa e pousou o braço em torno dos ombros do inglês. — Infringimos metade das nossas regras e tivemos sorte. Normalmente, nunca obrigamos os nossos homens a visitar marcos postais de correspondência morta. Podia tratar-se de uma armadilha. Para nós, constitui uma via única: do katsa para o espião. No caso de Jericho, a ignoramos. Moncada recolhia o produto dessa forma, porque não havia outra maneira. E

teve sorte, durante dois anos. No entanto, dispunha de cobertura diplomática. Agora, vocês querem... isto?

Pegou a fotografia de um árabe de expressão amargurada, cabelo preto crespo e barba de vários dias, que o inglês acabava de receber de Riad, trazida pelo "jato pessoal HS-125 do general de la Billière, que agora aguardava no aeroporto militar de Sde Dov.

Por fim, encolheu os ombros.

— Está bem. Amanhã de manhã.

O Mossad tem indiscutivelmente alguns dos melhores serviços técnicos do mundo. Além de um computador central com quase dois milhões de nomes e dados e um dos mais hábeis grupos de arrombadores do planeta, há, na cave e subcave de sua central, uma série de salas cuja temperatura é regulada cuidadosamente.

Contém "papel". Não meramente papel velho, mas de uma natureza muito especial. Originais de quase todos os tipos de passaporte, juntamente com miríades de outros documentos de identidade, cartas de condução, cartões de segurança social, etc.

Há igualmente os documentos "em branco": os bilhetes de identidade por preencher com que os especialistas podem trabalhar à vontade, servindo-se dos originais como modelos para produzirem outros falsos de qualidade superior.

Os bilhetes de identidade não constituem a sua única especialidade. Podem produzir — e produzem — notas de banco virtualmente à prova de qualquer inspeção, em quantidades elevadas, quer para ajudar a minar a moeda corrente de nações vizinhas hostis, quer para financiar operações "negras" do Mossad — aquelas de que o Primeiro-Ministro e a Knesset nunca chegam a inteirar-se, nem vontade disso têm.

A CIA e o SIS não tinham acedido em pedir o favor à Mossad sem uma profunda introspecção, mas achavam-se impossibilitados de forjar o bilhete de identidade de um trabalhador iraquiano de quarenta e cinco anos capaz de escapar incólume a qualquer tipo de inspeção no Iraque.

Por sorte, o Sayeret Matkal, grupo fronteiriço de reconhecimento tão secreto que o seu nome não pode sequer figurar em qualquer documento ou jornal israelense, efetuara uma incursão no Iraque, dois anos atrás, para depositar um agente árabe

que necessitava de proceder a um contato qualquer de baixo nível naquele território. Durante a sua permanência, os membros do grupo tinham surpreendido dois trabalhadores do campo, haviam-nos manietado e aliviado dos bilhetes de identidade.

Em conformidade com o prometido, os falsificadores de Dror trabalharam toda a noite e, ao amanhecer, tinham completado um bilhete de identidade iraquiano, convincentemente desgastado pelo uso, em nome de Mahmoud Al-Khouri, de quarenta e cinco anos, natural de uma aldeia nos montes a norte de Bagdá, que trabalhava na capital.

Os falsificadores ignoravam que Martin adotara o nome do mesmo Al-Khouri que testara o seu árabe num restaurante de Chelsea, em princípios de agosto, nem podiam saber que escolhera o nome da aldeia de origem do jardineiro do seu pai, o velho que, havia muito tempo, debaixo de uma árvore em Bagdá, falara ao garoto inglês do lugar em que nascera, com a sua mesquita, bar e campos de alfalfa e meloais que o rodeavam. Havia mais uma coisa que os falsificadores desconheciam.

De manhã, Kobi Dror entregou a carteira de identidade ao agente do SIS destacado em Telaviv.

— Isto não o deixará ficar mal. Mas garanto uma coisa — acrescentou, pousando o volumoso indicador na foto. — Este seu árabe domesticado há de traí-los ou ser capturado em menos de uma semana.

O homem do SIS limitou-se a encolher os ombros. Nem sequer sabia que o indivíduo representado na fotografia não era árabe. Como não necessitava de se inteirar, não fora elucidado. Limitava-se a fazer o que lhe tinham ordenado: levou-a a alguém de confiança a bordo do HS-125, que a entregou, em Riad.

Nos arrebaldes da cidade, numa base secreta do exército, estavam a ser preparados dois veículos especiais, trazidos por um Hércules da RAF da base principal do SAS noutro ponto da península saudita, parcialmente desmontados e reequipados para um percurso prolongado e árduo.

A essência da conversão dos dois Land-Rover não consistia na blindagem e eficiência do armamento, mas na velocidade e raio de ação. Com efeito, cada um teria de transpor o seu complemento

normal de quatro homens do SAS e, num deles, um passageiro, enquanto no outro viajaria uma bicicleta moto — rizada de pneus reforçados e depósito de combustível modificado para efeitos de uma maior capacidade.

O exército americano contribuiu com dois dos seus helicópteros bi motores Chinook, que permaneciam na expectativa de uma ordem suscetível de surgir sem aviso prévio.

Mikhail Sergeievich Gorbachev sentava-se, como habitualmente, atrás da mesa em seu gabinete pessoal no sétimo e último piso do edifício do Comité Central, na Novaya Plosehad, com dois colaboradores, quando soou o besouro do intercomunicador para anunciar a chegada de dois emissários de Londres e Washington.

Por vinte e quatro horas estivera intrigado com os pedidos do Presidente americano e da Primeira-Ministra britânica para que recebesse um emissário pessoal de cada um. Não se tratava de um político ou diplomata, mas de um simples mensageiro. E a perplexidade intensificava-se ao pensar que, hoje em dia, qualquer mensagem podia ser transmitida através das vias diplomáticas normais. Até havia o recurso a uma “linha quente”, a coberto de qualquer interceptação, embora tivessem de intervir intérpretes e técnicos.

Na realidade, estava intrigado e curioso, e como a curiosidade constituía uma das suas mais notáveis características, ansiava por esclarecer o enigma.

Dez minutos mais tarde, os dois visitantes eram introduzidos no gabinete privado do secretário-geral do PCUS e presidente da União Soviética.

Em contraste com o estilo pesado e lúgubre dos dois antecessores, Andropov e Chernenko, Gorbachev, mais jovem, preferia uma decoração mais leve e arejada.

Quando os dois homens entraram, fez sinal aos dois colaboradores para que se retirassem, levantou-se e avançou ao seu encontro. — Saudações, senhores — disse em russo. — Algum dos dois fala minha língua?

Um dos interpelados, que ele julgou ser inglês, replicou em

russo hesitante: — Seria aconselhável um intérprete, senhor Presidente.

— Vitali — -chamou Gorbachev, e um dos colaboradores, já na porta, voltou-se. — Mande vir o Yevgeny.

Na ausência de comunicação verbal, sorriu e gesticulou para que os visitantes se sentassem. O seu intérprete pessoal apresentou-se pouco depois e ocupou uma cadeira ao lado da mesa.

— Meu nome é William Stewart e sou subdiretor de Operações da CIA em Washington — informou o americano.

Os lábios de Gorbachev comprimiram-se e a fronte enrugou-se.

— E eu Stephen Laing, diretor de Operações, Divisão do Oriente Médio, da Informação Britânica.

A perplexidade do dirigente soviético acentuou-se. Espiões? Que diabos pretenderiam dele?

— Pedimos aos nossos governos que solicitassem uma audiência, senhor Presidente. O Oriente Médio caminha para a guerra a passos largos. Ninguém o ignora. Para a evitar, precisamos conhecer as intenções íntimas do regime iraquiano.

— Estamos convencidos de que o que eles dizem em público e o que discutem entre si difere radicalmente.

— Não há nada de novo nisso — observou secamente.

— Absolutamente nada, de fato. No entanto, trata-se de um regime muito instável. Perigoso... para todos nós. Se conseguíssemos saber o que se passa no Gabinete do Presidente Saddam Hussein, poderíamos planejar uma estratégia para eliminar o risco de uma guerra iminente — disse Laing.

— É para isso que servem os diplomatas.

— Sim, em situações normais. Mas há casos em que nem a própria diplomacia é suficientemente aberta para exprimir certas ideias ou projetos particulares. Claro que se recorda do caso de Richard Sorge...

Gorbachev assentiu, com um movimento de cabeça. Todos os russos conheciam o episódio relacionado a Sorge. Era um herói póstumo da União Soviética.

— Na época, a informação dele de que o Japão não atacaria a

Sibéria revelou-se totalmente crucial para este país — salientou Laing. — Mas não poderia ser transmitida pela embaixada. Temos motivos para crer que existe em Bagdá uma fonte, excepcionalmente situada em termos de importância, em condições de nos revelar as intenções secretas de Saddam Hussein. A obtenção dessa informação pode representar a diferença entre uma guerra e a retirada voluntária dos iraquianos do Kuwait.

O secretário-geral soviético assentiu, com uma inclinação de cabeça. Também não gostava de Saddam Hussein. Outrora cliente dócil da URSS, o Iraque tornara-se cada vez mais independente e, recentemente, o seu Presidente mostrara-se mesmo ofensivo.

Além disso, Gorbachev achava-se plenamente consciente de que, se desejava levar a bom termo as reformas que tinha em mente, necessitaria de apoio financeiro e industrial. O que implicava a boa vontade do Ocidente. A Guerra Fria terminara. Era uma realidade inconteste. Por isso levara seu país a aprovar a condenação iraquiana do Kuwait promulgada pelo Conselho de Segurança.

— Então, contatem essa fonte, senhores. Obtenham informação que as grandes potências possam utilizar para alterar a situação, e ficarei profundamente grato. Eu e todo o meu povo. A União Soviética também não deseja que haja guerra no Oriente Médio.

— Na verdade, gostaríamos de estabelecer esse contato — volveu Stewart. — Mas não podemos. A fonte se recusa a identificar-se, e compreende-se por quê. Os riscos a que se expõe devem ser enormes. Assim, para o conseguirmos, temos de evitar a via diplomática. Ele deixou bem claro que só se comunicará conosco secretamente.

— Nesse caso, o que pretendem de mim?

Os dois ocidentais respiraram fundo.

— Queremos introduzir um homem em Bagdá para servir de agente de ligação entre a fonte e nós — explicou Barber.

— Um agente?

— Sim, senhor Presidente, um agente. Que se fará passar por iraquiano.

— Têm alguém nessas condições? — inquiriu Gorbachev,

surpreso.

— Temos. Mas precisará morar em algum lugar. Secreta, discreta e inocentemente... enquanto recolhe as mensagens e entrega as nossas. Pedimos que seja autorizado a fazer-se passar por iraquiano a serviço de um funcionário superior da embaixada soviética.

Uniu as pontas dos dedos e pousou ali o queixo. As operações secretas não lhe eram, de modo algum, estranhas e montara várias na KGB. Agora, solicitavam que ajudasse antigos antagonistas daquela organização a montar uma e oferecer a embaixada soviética como guarda-chuva do agente. Na realidade, a situação era tão impensável que quase soltou uma gargalhada.

— Se esse homem fosse apanhado, a minha embaixada ficaria comprometida.

— Não, senhor Presidente. A embaixada soviética teria sido ludibriada pelos tradicionais inimigos do Ocidente — referiu Laing. — Saddam engoliria a versão.

Gorbachev imergiu em reflexões. Ponderou o empenho pessoal de um presidente e uma primeira-ministra no assunto. Era óbvio que o consideravam importante, e ele via-se compelido a encarar a sua boa vontade para consigo não menos valiosa. Por último, inclinou a cabeça. — Muito bem. Transmitirei as instruções necessárias ao general Vladimir Kryuchkov para que conceda a colaboração necessária.

O general mencionado era, na época, diretor do KGB. Dez meses mais tarde, quando Gorbachev estava em férias no Mar Negro, Kryuchkov, com o Ministro da Defesa, Dmitri Yazov e outros, promoveria um golpe de estado para derrubar o Presidente.

Os dois ocidentais agitaram-se nas cadeiras com visível desconforto.

— Com o devido respeito, senhor Presidente, podemos pedir que confie unicamente no Ministro do Exterior? — aventurou Laing.

Eduard Shevardnaze era então o chefe da diplomacia soviética, amigo de confiança de Mikhail Gorbachev.

— Somente em Shevardnaze? — estranhou este último.

— Exato. Ficaríamos extremamente gratos.

— Então, os preparativos decorrerão apenas através do

Ministério do Exterior.

Quando os dois ocidentais se retiraram, Gorbachev imergiu em cogitações. Queriam que só ele e Shevardnaze estivessem ao corrente do assunto. Não desejavam que Kryuchkov se inteirasse. Saberiam alguma coisa que o presidente da União Soviética desconhecia?

Ao todo, eram onze agentes do Mossad — duas equipes de cinco e o controlador operacional que Kobi Dror escolhera pessoalmente, retirando-o de um período fastidioso como instrutor dos recrutas da escola de treino nos subúrbios de Herzlia.

Uma delas provinha do ramo de Yarid, seção do Mossad que se debruçava sobre a segurança e vigilância operacionais. A outra pertencia à Neviot, cuja especialidade consistia na instalação de dispositivos de escuta e introdução em lugares privados — por outras palavras, preocupava-se com tudo o que se relacionava com objetos inanimados ou mecânicos.

Oito dos dez agentes dominavam o alemão razoavelmente e o controlador da missão de forma fluente. O grupo avançado da Operação Joshua introduziu-se em Viena ao longo de três dias, procedente de pontos de partida diferentes, munidos de passaportes perfeitos e histórias de cobertura impecáveis.

Como no caso da Operação Jericho, Kobi Dror fechava os olhos a algumas regras, porém nenhum dos subordinados protestaria. Joshua fora considerado um caso; NF, o que significava “impossível de falhar”, e, proveniente do chefe, equivalia a prioridade máxima.

As equipes Yarid e Neviot costumam compor-se de sete a nove membros, mas como o alvo era qualificado de civil, neutro, amador e destituído de suspeitas, o número fora reduzido.

O chefe de posto do Mossad em Viena contribuíra com três das suas casas seguras e três bodlim para as manter limpas, arrumadas e abastecidas constantemente.

Um bodel-bodlim, no plural — costuma ser um jovem israelense, na maioria dos casos estudante, contratado como servente, após a investigação meticulosa dos seus ascendentes, e tem como missão fazer recados, executar pequenos trabalhos

domésticos e não manifestar a menor curiosidade pelo que o rodeia. Em troca, permite-se-lhe que viva, sem pagar aluguer, numa casa segura do Mossad, benefício excelente para um estudante de escassas posses numa capital estrangeira. Quando chegam "bombeiros" de visita, o bodel tem de sair, embora possa continuar a efetuar os trabalhos anteriores.

Ainda que Viena não pareça uma das grandes capitais da Europa, sempre se revestiu de particular importância para o mundo da espionagem. O motivo remonta a 1945, quando o Terceiro Reich tornou Viena na segunda capital e foi ocupada pelos Aliados vitoriosos, que a dividiram em quatro setores — francês, inglês, americano e russo.

Ao contrário de Berlim, Viena recuperou a liberdade; todavia o preço consistiu na neutralidade absoluta de toda a Áustria. Com a Guerra Fria a aumentar de intensidade durante o bloqueio de Berlim, em 1948, em breve se converteu num reino de espionagem.

Pouco depois da sua formação em 1951, a Mossad também se apercebeu das vantagens daquela cidade e instalou-se lá de uma forma tão numerosa, que o chefe de posto supera o embaixador em peso hierárquico.

A decisão justificou-se plenamente, quando a antiga capital do império austro-húngaro se tornou num centro ultra discreto da banca, lar das três agências separadas das Nações Unidas e ponte de ingresso na Europa favorita dos terroristas palestinianos e outros.

Compenetrada da sua neutralidade, a Áustria possui desde longa data um aparelho de contra espionagem e segurança interna tão simples de tornear, que os agentes do Mossad costumam referir-se aos seus homólogos austríacos com notável desdém.

O controlador de missão escolhido por Kobi Dror era um katsa dos duros, com anos de experiência europeia atrás de si em Berlim, Paris e Bruxelas.

Gideon Barzilai também prestara serviço numa das unidades de execução kidon perseguidoras dos terroristas árabes responsáveis da chacina dos atletas israelenses nos Jogos Olímpicos celebrados em Munique, em 1972. Afortunadamente para a sua carreira, não estivera envolvido noutro dos maiores desaires da história do Mossad, quando uma unidade kidon abatera a tiro um

inofensivo empregado de mesa marroquino, em Lille-hammer, Noruega, depois de identificado erradamente como sendo Ali Hassair Salameh, cérebro que preparara a carnificina.

Gideon “Gidi” Barzilai era agora Ewald Strauss, representante de uma fábrica de artigos sanitários em Frankfurt. Não só tinha todos os documentos em ordem, como o conteúdo da sua pasta revelaria a um curioso as brochuras, livros de encomendas e correspondência adequados.

A documentação, assim como a dos outros dez membros da sua equipe, constituía o produto de outra divisão dos vastos serviços de apoio do Mossad.

Depois de se instalar no apartamento, celebrou uma longa reunião com o chefe de posto local e iniciou a missão com uma tarefa relativamente simples: averiguar tudo o possível sobre uma discreta e ultra tradicional instituição bancária denominada Winkler Bank, na Franziskanerplatz.

Naquele mesmo fim-de-semana, dois helicópteros Chinook decolaram de uma base militar nas proximidades de Riad e rumaram a norte, para sobrevoar a Tapline Road ao longo da fronteira saudita-iraquiana de Khafji até à Jordânia.

Acondicionado em cada compartimento-de carga, havia um Land-Rover reduzido às componentes essenciais, mas equipado com depósitos de combustível para percursos extra longos. Viajavam quatro homens do SAS em cada veículo, comprimidos o melhor possível na área atrás da tripulação.

O local do seu destino final situava-se muito para além do seu raio de ação normal, mas na Tapline Road aguardavam-nos dois enormes caminhões-cisternas, trazidos de Dammam, na costa do Golfo.

Quando os sedentos Chinook pousaram na estrada, as equipes dos caminhões-cisterna entraram em ação, até que os depósitos dos helicópteros voltaram a estar “atestados. Em seguida, decolaram de novo em direção à Jordânia, voando a baixa altitude para evitar os detetores de radar postados do outro lado da fronteira.

Os Chinook aterraram mais uma vez logo após a cidade saudita de Badanah, nas proximidades do ponto em que as

fronteiras da Arábia Saudita, Iraque e Jordânia convergem. Havia mais dois caminhões-cisterna à sua espera para os reabastecer, mas foi aí que os helicópteros se desembaraçaram da carga e passageiros.

Se a tripulação americana sabia para onde os silenciosos ingleses se dirigiam, não o deixava transparecer e, em caso contrário, não tentou averiguá-lo. Os carros camuflados deslizaram pelas rampas para a estrada e os aparelhos decolaram para regressar à base, enquanto os caminhões-cisterna abandonavam igualmente o local.

Os oito homens do SAS viram-nos distanciar-se e afastaram-se no sentido oposto, a caminho da Jordânia. Oitenta quilômetros a noroeste de Badanah, detiveram-se e aguardaram.

O capitão que chefiava a missão de dois veículos verificou a posição em que estavam. Nos tempos do coronel David Stirling, no deserto da Líbia, fava-seca recorrendo a pontos de referência como o Sol, a Lua e as estrelas. No entanto, a tecnologia dos anos noventa tornara a tarefa mais fácil e rigorosa.

Ele tinha na mão um dispositivo do tamanho aproximado de um livro de bolso, chamado Sistema de Localização Global, ou SATNAV ou ainda magalânico. Apesar das suas dimensões, o GPS f29) pode localizar quem o utiliza dentro de um quadrado que não excede os dez metros de lado em qualquer lugar da superfície da Terra.

O do capitão podia ligar-se para o código O ou P. Este último oferecia um rigor do tipo do quadrado de dez metros de lado, mas exigia que quatro dos satélites americanos denominados NAVSTAR se encontrassem acima do horizonte ao mesmo tempo. Quanto ao código O, apenas necessitava de dois acima do horizonte, porém o rigor decrescia para cem metros.

Naquele dia, havia apenas dois satélites para orientação, mas bastavam. Depois de confirmar que se achava no local combinado, ele desligou o GPS e refugiou-se debaixo das redes de camuflagem estendidas pelos seus homens entre os dois veículos, para se protegerem do sol. O indicador de temperatura revelava que estavam cinquenta e cinco graus Célsius.

Uma hora mais tarde, surgiu o helicóptero britânico Gazelle,

proveniente do sul. O major Mike Martin voara desde Riad num transporte Hércules da RAF à cidade saudita de Al Jawf, local mais próximo da fronteira, possuidor de um aeroporto municipal. Este último aparelho transportara o Gazelle com os rotores dobrados, o seu piloto, a tripulação de terra e os depósitos de combustível sobresselentes para levar o Gazelle de A! Jawf até à Tapline Road e regressar.

Para a eventualidade de haver algum radar nas cercanias, o helicóptero quase roçara a superfície do deserto, todavia o Piloto não tardou a avistar o verylight disparado pelo capitão do SAS, quando ouviu o ruído do motor aproximar-se.

O Gazelle pousou na estrada a cinquenta metros dos Land Rover e Martin saltou para o chão. Trazia uma espécie de mochila aos ombros e um cesto de verga na mão esquerda, cujo conteúdo levara o piloto do helicóptero a perguntar-se se ingressara na força aérea de algum departamento agrícola. Com efeito, o cesto continha duas galinhas vivas.

Além disso, Martin trajava como os oito homens do SAS que o aguardavam: botas do deserto, calça folgada de lona rija, camisa, camisola e blusão de combate camuflado. Em torno do pescoço, usava um keffiyeh que podia ser puxado para cima, a fim de proteger o rosto da areia arrastada pelo vento e na cabeça um pesado gorro de lã encimado por largos óculos protetores.

O piloto estranhava que os homens não morressem de calor, com aquela indumentária, mas nunca experimentara o frio intenso de uma noite no deserto.

Os membros do SAS só se sentiram à vontade quando o helicóptero partiu. Martin conhecia-os, salvo duas exceções. Depois de se saudarem, dedicaram-se ao que os soldados britânicos costumam fazer, quando dispõem de tempo: chá forte.

O ponto que o capitão escolhera para transpor a fronteira do Iraque era isolado e acidentado por duas razões. Assim, haveria menos possibilidades de se cruzarem com uma patrulha iraquiana, e a sua missão não consistia em os enfrentar e vencer em campo aberto, mas escapar totalmente à detecção.

A segunda dizia respeito ao fato de que tinha de depositar o pessoal que escoltava o mais perto possível da longa autoestrada

sinuosa que se estendia de Bagdá para oeste, através do deserto, até à fronteira jordana, que atravessava em Ruweishid.

O posto isolado no deserto há muito que se tornara familiar aos telespectadores desde a conquista do Kuwait, por ser o local onde a vaga de refugiados — filipinos, bengaleses, palestinianos e outros — atravessava, em fuga do caos que a invasão causara.

Naquele recanto a noroeste da Arábia Saudita, a distância da fronteira à estrada de Bagdá era a mais curta. O ponto escolhido para proceder à travessia situava-se a cinquenta quilômetros do local em que estavam e depois eram mais cem até à estrada Bagdá-Ruweishid.

Iniciaram a marcha às quatro da tarde. O sol ainda queimava e o calor fazia com que lhes parecesse que atravessavam uma fornalha. Às seis, principiou o crepúsculo e a temperatura baixou sensivelmente. Às sete, anoitecera por completo e começou a fazer frio. A transpiração secou nos corpos e eles congratularam-se com as camisas que vestiam. Conduziram sem luzes, porém o navegador utilizava uma lanterna-lapiseira para consultar o mapa de que se havia munido e proceder às correções de rumo necessárias.

Efetuavam paragens cada sessenta minutos para confirmar a posição com o magalânico. O avanço era lento em virtude de, cada vez que surgia uma elevação, um dos homens ter de ir averiguar previamente se não os aguardava uma surpresa desagradável do outro lado.

Uma hora antes de amanhecer, encontraram um uade, seguiram até lá e cobriram-se com a rede. Um deles deslocou-se a uma proeminência próxima para observar o acampamento à distância e indicar as alterações necessárias para não despertar suspeitas a um eventual avião que sobrevoasse o local.

A marcha foi reatada após o por do sol. Há uma pequena localidade iraquiana nas imediações da autoestrada, e, pouco antes das quatro da madrugada, eles avistaram as suas luzes de longe. O magalânico confirmou que estavam onde desejavam — a oito quilômetros da estrada.

Pouco depois, procuraram e encontraram uma área perto de outro uade, onde se camuflaram para mais um período de imobilidade quase total durante o dia.

Enquanto o navegador procedia aos cálculos habituais, Mike Martin despiu-se totalmente e vestiu a túnica, turbante e sandálias de Mahmoud Al-Khouri, o jardineiro e pau para toda a obra iraquiano. Com um saco de lona que continha pão, azeite, queijo e azeitonas para o pequeno-almoço, uma carteira velha com o bilhete de identidade e fotografias dos supostos pais e uma caixa de estanho com algum dinheiro e um canivete, estava preparado para a etapa seguinte da sua odisseia.

— Felicidades — desejou o capitão.

— Boa caçada, patrão — disse o navegador.

Martin acenou a todos em despedida e principiou a cruzar o deserto em direção à estrada. Minutos depois, os Land-Rover punham-se igualmente em marcha e o local ficou vazio.

O chefe de posto de Viena tinha nos seus registros um sayan que trabalhava na banca, um executivo superior num dos estabelecimentos bancários de maior relevo da cidade. Foi ele o incumbido de preparar um relatório tão minucioso quanto possível sobre o Winkler Bank. Explicaram-lhe apenas que determinadas empresas israelenses haviam entrado em contato com o Winkler e queriam certificar-se da sua solidez, antecedentes e maneiras de trabalhar.

O sayan aceitou o motivo do inquérito e esforçou-se por fazer o seu melhor, que não foi nada mau, atendendo a que a primeira coisa que descobriu dizia respeito ao sigilo quase obsessivo com que o banco em causa costumava operar.

Fora fundado havia quase cem anos pelo pai do atual presidente. O Winkler de 1990 contava noventa e um anos e era conhecido em Viena por Der Alte, O Velho. Apesar da idade, negava-se a abdicar da presidência e, como era viúvo, sem filhos, não existia um sucessor natural, pelo que a eventual disposição do controlo ulterior teria de aguardar a leitura, um dia, do testamento.

Não obstante, o funcionamento quotidiano do banco estava a cargo de três vice-presidentes. As reuniões com o Velho realizavam-se à razão de uma por mês na residência deste último, durante as quais a principal preocupação parecia consistir em se certificar de que os seus rigorosos princípios continuavam a vigorar.

Assim, as decisões executivas achavam-se ao cuidado de Kessler, Gemutlich e Blei, os vice-presidentes. Os clientes do Winkler Bank não procuravam recolher juros substanciais, pois preferiam a segurança e anonimato absolutos que aí lhes eram garantidos. Deste modo, a discrição do banco tornava-se extensiva à identidade dos possuidores de contas numeradas.

Por outro lado, a aversão do Velho aos dispositivos modernos bania a existência de computadores para armazenamento de informação sensível, máquinas de fax e, tanto quanto possível, telefones. O Winkler aceitava instruções e informação por via telefônica, mas jamais as divulgava através desse meio de comunicação. Na maioria dos casos, recorria à correspondência ou a encontros pessoais no recinto do banco.

Quando leu o relatório, Gidi Barzilai entregou-se a uma série de imprecações. O velho Winkler talvez desconhecesse por completo as técnicas mais recentes das escutas telefônicas ou interferência em sistemas de computadores, porém os seus instintos arcaicos revelavam-se de um efeito radical.

Por conseguinte, se ele esperava infiltrar-se no computador central do Winkler Bank, podia tirar daí o sentido, porque não existia. Restavam as escutas telefônicas e interceptação da correspondência. No entanto, duvidava de que lhe resolvessem o problema.

Muitas contas bancárias carecem de uma tosung swort, uma “palavra de libertação” codificada para as movimentar e efetuar levantamentos ou transferências. Todavia, os seus titulares não costumam poder empregá-la para se identificar num telefonema ou fax e muito menos numa carta. Segundo a maneira como o Winkler Bank parecia operar, uma conta numerada elevada pertencente a um cliente estrangeiro como Jericho disporia de um sistema de funcionamento muito mais complicado-ou uma aparição forma! do titular, munido de abundantes meios de identificação ou um mandato escrito preparado de uma forma e maneira precisas, com determinadas palavras codificadas e símbolos situados exatamente nos lugares previamente estabelecidos.

Tudo indicava que o banco aceitaria um depósito de pagamento de qualquer pessoa. O Mossad sabia-o, porque fora

assim que remunerara Jericho. Contudo, persuadir o Winkler Bank a efetuar uma transferência para o exterior resultaria extremamente complicado.

A única outra coisa que o sayan conseguiu apurar foi que as contas excecionalmente importantes eram controladas por um dos três vice-presidentes e mais ninguém. O Velho escolhera-os com cuidado, pois parecia tratar-se de indivíduos implacáveis e muito bem remunerados. Numa palavra, eram impenetráveis. E o sayan concluía com a garantia de que Israel não teria qualquer problema com o Winkler Bank. Não subsistiam dúvidas de que o verdadeiro objetivo do inquérito lhe escapara. Por conseguinte, naquela primeira semana de novembro, Gidi Barzilai começava a estar farto do famigerado Winkler Bank.

Havia um ônibus, uma hora após a alvorada, que se deteve para recolher o único passageiro que aguardava na estrada a cinco quilômetros de Ar-Rurba. Entregou duas amarfanhadas notas de dinar, foi sentar-se ao fundo, pousou o cesto com duas galinhas nos joelhos e adormeceu.

A patrulha da polícia estava postada no centro da vila, mas embora inspecionasse os bilhetes de identidade de quem embarcava, contentou-se com espreitar pelas janelas cobertas de pó. Procurava indivíduos com ar suspeito suscetíveis de encobrirem um eventual terrorista.

Após mais uma hora de percurso, o ônibus enveredou por um desvio para leste e cruzou-se com algumas colunas militares e, duas ou três vezes, com viaturas do exército.

Conservando os olhos fechados, Martin escutava as conversas à sua volta e aproveitava para detetar uma ou outra palavra ou sotaque que pudesse ter esquecido, pois o árabe daquela área do Iraque diferia notavelmente do que se falava no Kuwait.

Somente um observador excecionalmente perspicaz se aperceberia de que a base do cesto que continha as galinhas tinha mais dez centímetros de largura que o interior e, dentro desse espaço havia alguns objetos que a polícia de Ar-Rutba teria achado intrigantes, embora interessantes. Um era um prato de parabólica dobrável. Outro, um emissor-receptor de pequenas dimensões, apesar demais potente do que o que Martin utilizara no Kuwait, pois

Bagdá não lhe proporcionaria a facilidade de transmitir, enquanto vagueava no deserto. Com efeito, as emissões prolongadas achavam-se fora de questão, o que justificava a presença do terceiro e último objeto no esconderijo. Tratava-se de um gravador, mas de um tipo especial.

Era fácil de utilizar e continha algumas características úteis. Uma mensagem de dez minutos podia ser lida lenta e claramente ao respectivo microfone. Antes de gravada na fita, um chip de silicone codificava-a numa algaraviada que, se fosse interceptada, os iraquianos dificilmente lograriam decifrar.

Premindo determinada tecla, a fita rebobinava-se. Recorrendo a outra, regravava, mas a uma velocidade cinzentas vezes inferior, o que a reduzia a uma “erupção” de três segundos, quase impossível de localizar.

Seria essa “erupção” que o transmissor enviaria para o ar, quando ligado à antena parabólica, à bateria e ao gravador. A mensagem seria captada em Riad, reduzida à velocidade normal, decodificada e passada em linguagem clara.

Martin desceu do ônibus em Ramadi e embarcou em outro rumo ao Lago Habbaniyah e antiga base da Royal Air Force, agora convertida numa unidade de caças iraquianos modernos, prosseguindo até alcançar Bagdá, onde os bilhetes de identidade foram inspecionados.

Ele ficou humildemente na fila de espera, sem largar o cesto das galinhas, enquanto os passageiros se aproximavam da mesa onde estava o sargento da polícia. Quando chegou sua vez, o oficial pegou seu documento e indicou o local de procedência.

— Onde fica isto?

— É uma aldeia ao norte de Baji, muito conhecida pela qualidade dos melões, bey.

O sargento comprimiu os lábios. “Bey” era uma forma de tratamento respeitosa que datava do império turco e só se usava ocasionalmente no interior do país. Por fim, liberou Martin, que pegou o cesto e regressou ao ônibus.

Pouco antes das sete, o veículo voltou a parar e o major Martin desembarcou no terminal de ônibus de Kadhnmiya, em Bagdá.

Capítulo 11

HAVIA uma distância considerável entre o terminal de ônibus a norte da cidade e a residência do primeiro-secretário soviético, no bairro de Mansour, mas Martin acolheu-a com satisfação, por dois motivos.

Em primeiro lugar, passara doze horas praticamente imobilizado em dois veículos de transporte ao longo de 380 quilômetros, de Ar-Rutba até à capital. Em segundo, o percurso a pé proporcionava-lhe a oportunidade de inalar mais uma vez o “clima” da cidade que não visitava desde que partira num avião com destino a Londres, aos treze anos, cerca de um quarto de século atrás.

Na verdade, haviam-se registrado muitas mudanças. Quando alcançou o bairro de Mansour, achou-o quase irreconhecível, devido às inovações introduzidas.

Passou a poucas centenas de metros da antiga escola preparatória de Mr. Hartley, onde recebera as primeiras lições a sério e brincara nos intervalos com os amigos Hassan Rahmani e Abdelkarim Badri, mas quase não reconheceu a rua.

Conhecia a atual atividade de Hassan, mas havia cerca de vinte e cinco anos que não voltara a ouvir falar dos dois filhos do Dr. Badri. Ter-se-ia o mais novo, Osman, formado em engenharia, como pretendia? E Abdelkarim, com inclinação especial para as letras, seria atualmente poeta ou escritor?

Em Riad, tinham-lhe mostrado um mapa atualizado da cidade de Bagdá e muitas fotografias tiradas de grande altitude, mas devidamente ampliadas, o que lhe permitira memorizar uma notável abundância de pormenores. Assim, cortou à esquerda na Rua da Jordânia e, a seguir à Praça de Yarmuk, enveredou pela avenida arborizada onde o diplomata soviético vivia.

Encontrou a casa sem dificuldade e identificou-a pela pequena placa de latão que indicava que se tratava de uma residência pertencente à embaixada da URSS. Martin fez uma pausa e puxou a corrente à direita do portão.

Transcorreram alguns minutos e este último foi aberto por um russo corpulento, de cabelo cortado curto e casaco branco de

serviçal.

— Da?

Martin replicou em árabe, no tom quase plangente de um suplicante de quem se dirigia a um superior. O outro enrugou a fronte. Martin introduziu a mão na túnica e puxou o bilhete de identidade. O russo aceitou-o, indicou com um gesto que aguardasse e fechou o portão.

Reapareceu em cinco minutos e fez sinal para que entrasse, conduzindo-o à entrada principal da casa. No momento em que alcançavam a base dos degraus de acesso, surgiu outro homem no topo.

— Deixa-o comigo — ordenou em russo ao empregado, que se afastou.

Yuri Kulikov, primeiro-secretário da embaixada soviética, era um diplomata inteiramente profissional, que considerara a ordem proveniente de Moscou desconcertante, mas irrefutável. Tudo indicava que lhe fora interrompido o jantar, pois segurava um guardanapo, que levou aos lábios enquanto descia os degraus.

— Com que então, é você o tal, hein? — disse em russo. — Já que temos de levar a cabo esta charada, tudo bem, mas não quero me envolver minimamente nela. Panimayesh?

Martin, que não entendia o idioma, encolheu os ombros e disse em árabe: — Perdão, bey?

Kulikov encarou a mudança de linguagem como uma insolência. Ao mesmo tempo, Martin percebia, com deliciosa ironia, que o interlocutor supunha que ele fosse na verdade russo, imposto por luminares de Lubyanka, em Moscou.

— Já que prefere falar árabe, está bem — replicou com azedume. — Aqui tem o seu bilhete de identidade e a carta que me mandaram preparar. Vai morar na cabana nos fundos do jardim, cuidará das plantas e vai fazer compras conforme as necessidades do chef. Não quero tomar conhecimento do resto das suas atividades. Se for capturado, alegarei que o admiti ao serviço na maior boa fé. E agora,viva sua vida e despache o diabo dessas galinhas. Não quero aves de capoeira correndo por aí e acabando com o jardim.

Martin encaminhou-se para seus novos aposentos, uma

espécie de barraca junto do muro ao fundo do recinto da embaixada, onde havia um beliche, uma mesa, duas cadeiras, alguns cabides numa das paredes e um lavatório ao canto.

Uma inspeção revelou-lhe um armário embutido e uma torneira de água fria no muro do jardim. As instalações sanitárias eram obviamente rudimentares e a comida sem dúvida servida na porta da cozinha, nos fundos da casa. Não pôde conter um suspiro de nostalgia ao recordar a casa na periferia de Riad.

Encontrou velas e fósforos. Acendeu uma, colocou um cobertor na janela e começou a atacar os ladrilhos do chão com o canivete.

Uma hora mais tarde, levantara quatro ladrilhos, e mais duas produziu uma abertura para transmissor de rádio, baterias, gravador e prato da parabólica. Uma mistura de lama e saliva introduzida entre os mosaicos dissimulou os últimos vestígios do trabalho.

Pouco antes da meia-noite, serviu-se novamente do canivete para arrancar o fundo falso do cesto e suprimir os indícios da antiga cavidade de dez centímetros. Enquanto trabalhava, as galinhas bicavam o chão, em busca de grãos de trigo inexistentes, mas conseguindo alguns pulgões.

Martin consumiu as azeitonas e o queijo que restavam e partilhou os fragmentos de pão de milho com as duas companheiras de viagem, juntamente com uma tijela de água obtida da torneira no muro.

As galinhas regressaram ao cesto e se notaram alguma diferença nas suas dimensões não o deixaram transparecer. Fora um dia exaustivo e não tardaram a adormecer.

Martin saiu para urinar no canteiro das rosas de Kulikov, apagou a vela e deitou-se. O relógio mental obrigou-o a acordar às quatro da manhã; tirou o equipamento transmissor do esconderijo, gravou breve mensagem destinada a Riad, acelerada duzentas vezes, ligou o gravador ao emissor e montou o prato da parabólica, apontado para a porta aberta.

Às 4h45, enviou “erupção” única pelo canal correspondente à data, desmontou tudo e tornou a guardar no buraco aberto na véspera.

O céu continuava escuro sobre Riad quando um disco similar

instalado no terraço da residência do SIS captou o sinal de um segundo e o retransmitiu à sala de comunicações. Duas bobinas em rotação receberam a “erupção” de Bagdá e acendeu-se uma luz de advertência aos técnicos, que reduziram a velocidade duzentas vezes, até que brotou nos fones em linguagem clara. Um deles anotou-a e abandonou a sala.

O chefe do posto, Julian Gray, foi acordado às 5h15.

— O Urso Preto acaba de se instalar.

Leu a mensagem com excitação crescente e foi por seu turno chamar Simon Paxman, que não ficou menos entusiasmado.

— Perfeito. Até aqui, tudo em ordem. O problema pode surgir quando ele tentar contatar Jericho — observou Gray.

Era uma possibilidade realista. O antigo “ativo” do Mossad em Bagdá estava mudo havia três meses. Entretanto, podia ter sido descoberto ou mudado simplesmente de ideia. Todas as hipóteses eram admissíveis.

— É melhor prevenir Londres — disse Paxman. — Consegue-se café?

— Vou chamar o Mohamed para cuidar disso.

Mike Martin regava os canteiros, por volta das cinco e meia, quando a casa começou a dar sinais de vida. A cozinheira, uma russa de seios opulentos, viu-o da janela e, quando a água principiou a ferver, chamou-o.

— Kak nazyvaetes? — perguntou, mas refletiu por um instante e recorreu ao termo árabe: — Nome?

— Mahmoud.

— Bem, aqui tem seu café, Mahmoud.

Martin inclinou a cabeça várias vezes, murmurou shukran e pegou a espécie de caneca quente com ambas as mãos.

O desjejum era às sete — uma malga de lentilhas e pão de milho, que ele devorou. O serviçal da véspera e a esposa, a cozinheira, cuidavam aparentemente do primeiro-secretário Kulikov, o qual parecia ser solteiro. Às oito, Martin conheceu o motorista, um iraquiano que falava pessimamente o russo, mas era útil para interpretar frases simples.

Martin decidiu não conviver com ele de muito perto, pois podia

tratar-se de um agente da AMAM ou mesmo do departamento de contra espionagem de Rahmani. No entanto, não se levantou qualquer problema por esse lado. O motorista era um cabotino, disposto a tratar o novo jardineiro com altivez. Não obstante, condescendeu suficientemente na sua atitude para explicar à cozinheira que Martin tinha de se ausentar, porque o patrão determinara que se desembaraçasse das galinhas.

Uma vez na rua, Martin encaminhou-se para o terminal de ônibus e deixou-as num descampado por onde passou. À semelhança do que acontece em muitas cidades árabes, o terminal de ônibus de Bagdá não é apenas um local para embarcar com destino às províncias. Constitui um turbilhão de humanidade da classe operária, que compra ou vende algo. Ao longo do muro do lado sul, funciona uma útil feira da Ladra. Foi aí que Martin, depois de regatear acaloradamente, como era hábito, comprou uma bicicleta tipo pasteleira.

Chegara logo à conclusão de que não se poderia se deslocar de carro e mesmo uma motocicleta simples representaria luxo inusitado para um humilde jardineiro.

Servindo-se mais uma vez do canivete, converteu o cesto num recipiente útil, que adaptou à retaguarda da bicicleta. Em seguida, utilizou esta para se deslocar de novo ao centro da cidade, onde comprou quatro paus de giz de cores diferentes, numa loja da Rua Shurja, quase defronte da igreja Católica de São José, onde os cristãos caldeus se dedicavam ao culto.

Entretanto, percebia a presença de agentes da AMAM virtualmente em toda parte, pois a maioria não fazia a menor tentativa para passar despercebida.

Superficialmente, a vida urbana seguia com naturalidade, porém ele pressentia que o medo imposto pelo tirano que governava era bem presente no espírito da população.

E, com efeito, em determinada altura, teve um exemplo disso. Estava no mercado de frutas de Bashra, depois de decidir que, se a dieta a que os russos tencionavam submetê-lo se concentrava em lentilhas e pão, poderia reforçá-la com algo demais suculento.

Nas proximidades do posto de venda em que se deteve, quatro homens da AMAM revistavam um adolescente com aspereza, mas

acabaram por mandá-lo embora. O velho vendedor que o atendia cuspiu no chão e resmungou: — Um dia, os Beni Naji voltarão, para nos livrar desta escória.

— Cuidadinho com a língua — advertiu Martin, a meia-voz, com o olhar fixo na fruta.

— De onde é, irmão?

— De longe. De uma aldeia no norte, para além de Baji.

— Se quer escutar o conselho de um velho, volte para lá. Os Beni Naji reaparecerão no céu, assim como os Beni el Kalb. — E o homem cuspiu mais uma vez.

Martin comprou pêssegos e limões e afastou-se, regressando à residência ao meio-dia. O primeiro-secretário há muito já seguira para a embaixada, assim como o motorista. As recriminações partiram da cozinheira e em russo, pelo que ele se limitou a encolher os ombros.

No entanto, ficou intrigado com a atitude do velho vendedor de frutas. Dava a impressão de que alguns previam a sua própria invasão e não se opunham. A expressão “para nos livrar desta escumalha” só se podia referir à polícia secreta e, por extensão, a Saddam Hussein.

Nas ruas de Bagdá, as pessoas referem-se aos ingleses por Beni Naji. A verdadeira identidade de Naji perde-se na neblina do passado, mas crê-se que se tratava de um homem santo e sagaz. Os jovens oficiais britânicos destacados naqueles lugares, na época do Império, costumavam procurá-lo, para se sentar a seus pés e escutá-lo. Recebia-os como se fossem seus filhos, apesar de cristãos e, por conseguinte, infiéis, e chamados “filhos de Naji”.

Os americanos são apelidados de Beni el Kalb. Em árabe, katb é um cão, animal que não desfruta de uma posição muito elevada, na cultura árabe.

Gideon Barzilai podia ao menos obter um conforto do relatório sobre o Winkler Bank redigido pelo sayan da embaixada. Apontava-lhe o rumo que devia tomar.

A prioridade tinha de se concentrar em qual dos três vice-presidentes — Kessler, Gemutlich e Blei — controlava a conta do renegado iraquiano Jericho.

O caminho mais rápido seria um telefonema, mas, a julgar pelo texto do relatório, nenhum deles pronunciaria nada de comprometedor por essa via.

Enviou o pedido por mensagem inexpugnavelmente codificada e recebeu a resposta de Telaviv com a maior prontidão possível.

Tratava-se de carta forjada em papel autêntico de um dos bancos ingleses mais antigos e respeitáveis: Coutts of The Strand, Londres, de que Sua Majestade a Rainha era uma das clientes.

A própria assinatura era uma imitação perfeita do autógrafo de um funcionário superior daquele estabelecimento bancário. Não figurava qualquer nome de destinatário, tanto no sobrescrito como na carta, que principiava simplesmente com a fórmula: “Prezado Senhor...” O teor do texto era simples e conciso. Um cliente importante do Coutts efetuaria em breve uma transferência substancial para a conta numerada de um do Winkler Bank: a número tantos de tal. Ora, esse cliente acabava de informar que, devido a problemas técnicos inevitáveis, haveria um atraso de alguns dias na concretização da transferência. Se o destinatário protestasse pelo fato de a quantia não ter chegado dentro do prazo inicialmente previsto, o Coutts ficaria eternamente grato se a sua congenere vienense lhe explicasse o motivo. Por último, solicitava que a recepção da carta fosse devidamente comunicada.

Barzilai calculava que, como os bancos adoram a perspectiva da entrada de dinheiro nos cofres, e poucos mais do que o Winkler, este não deixaria de responder aos banqueiros da Casa Real de Windsor. Não se equivocava.

O sobrescrito proveniente de Telaviv condizia com o papel que continha e apresentava estampilhas britânicas, aparentemente carimbadas na estação dos Correios da Trafalgar Square, dois dias atrás. Estava endereçada simplesmente ao diretor das contas de clientes no estrangeiro etc. Tratava-se de um cargo inexistente no Winkler Bank, pois essas funções achavam-se divididas por três homens.

A carta foi jogada na caixa de correspondência do banco na calada da noite.

Entretanto, havia uma semana que membros da equipe yarid vigiavam o edifício, anotando e fotografando a rotina quotidiana,

horas de abertura e encerramento, chegadas do correio, saída do estafeta para as tarefas usuais, posição da recepcionista atrás da secretária no átrio e do segurança noutra, mais pequena, em frente dela.

O Winkler não ocupava um prédio novo. Balgasse e, na verdade, toda a área da Franziskanerplatz situa-se no bairro antigo, perto da Singerstrasse. A avaliar pela topografia interna cie uma casa similar no largo que os membros yarid haviam inspecionado, fazendo-se passar por clientes de uma empresa de contabilidade que aí funcionava, dispunha apenas de cinco pisos, com seis divisões cada um.

Entre outras observações, eles tinham verificado que a correspondência enviada era levada, todas as tardes, pouco antes do encerramento, para o marco postal existente no largo, tarefa executada pelo segurança/porteiro, o qual regressava em seguida ao edifício, para conservar a porta aberta enquanto o pessoal saía. Por fim, admitia o guarda da noite e retirava-se. O guarda fechava o estabelecimento virtualmente a sete chaves.

Antes de a carta ao Coutts de Londres ser introduzida na caixa de correspondência do Winkler, o chefe da equipe examinara o marco postal da Franziskanerplatz e quase fungara de desdém. A sua abertura não causaria qualquer problema.

Além disso, a vigilância revelou que o segurança do banco depositava a correspondência no marco de vinte a trinta minutos antes da coleta, 18h.

No dia em que a carta do Coutts foi introduzida na ranhura da porta, os membros yarid montaram eficiente operação conjunta. Enquanto o segurança do banco regressava, depois de depositar a correspondência do dia, um especialista em arrombamentos abriu o marco postal. Em escassos segundos, apoderou-se da carta de resposta ao Coutts de Londres e voltou a fechá-la.

Quando Barzilai a abriu, verificou que se tratava de uma breve, embora cortês confirmação da recepção da outra missiva, redigida num inglês razoável e assinada por Wolfgang Gemutlich. Sabia agora quem se cuidava da conta de Jericho. Restava apenas proceder à sua infiltração. Só que ele não sonhava sequer que seus problemas não tardariam a avolumar-se.

Anoitecera, quando Mike Martin abandonou a embaixada russa, utilizando uma porta dos fundos cuja chave lhe fora confiada. Transferiu a bicicleta para fora, apoiou-a à parede para tornar a fechar a porta e começou a pedalar.

Sabia que o aguardava uma longa noite. O diplomata chileno Moncada descrevera perfeitamente aos agentes do Mossad onde dispusera as três caixas de cartas mortas destinadas às suas mensagens para Jericho e os locais em que colocava as marcas de giz para avisar que devia passar por lá. Martin entendia que necessitava usar as três simultaneamente, com mensagens idênticas em todas.

Redigira-as em árabe em papel de correspondência por via aérea e introduzira cada uma numa pequena bolsa de plástico, que colara com fita adesiva à parte interna da coxa. Quanto aos paus de giz, guardava-os numa algibeira lateral.

Fez escala em primeiro lugar no cemitério de Alwazia, do outro lado do rio, em Risafa. Tardou dez minutos a localizar o esconderijo, na área geral que Moncada referira. Soltou o tijolo do seu alojamento, introduziu uma das bolsas de plástico e voltou a colocá-lo.

O segundo “cesto” situava-se num muro parcialmente em ruínas, perto da não menos arruinada cidadela em Aadhamiya, onde uma lagoa de água estagnada é a única coisa que resta do antigo fosso. Martin descobriu sem dificuldade o muro que lhe interessava, com uma única árvore junto dele. Estendeu a mão para detrás desta e contou dez fiadas de tijolos na vertical, O décimo oscilou como um dente a separar-se da caveira e a segunda bolsa de plástico foi depositada.

O terceiro e último “cesto” situava-se de novo num cemitério, agora o inglês, há muito abandonado, em Waziraya, perto da embaixada turca. Como no Kuwait, tratava-se de uma sepultura, com o esconderijo debaixo da lápide.

Como trabalhava no edifício das Nações Unidas, a quilômetros dali, Moncada escolhera a área perto da estrada de Mansour, onde podiam ser vistas de um carro que passasse. Segundo o estabelecido, aquele dos dois — Moncada ou Jericho — que avistasse uma, devia tomar nota de qual se tratava e em seguida

apagá-la com um pano úmido. Deste modo, o seu autor, que voltaria lá um ou dois dias mais tarde, veria que desaparecera e concluiria que a sua mensagem fora recebida e o “cesto” visitado.

Os dois agentes tinham comunicado um com o outro por este processo durante dois anos, sem nunca se encontrarem nem conhecerem.

Como não tinha carro, ao contrário de Moncada, Martin devia servir-se da bicicleta. A sua primeira marca, na encruzilhada de St. Andrew, sob a forma de um “X”, foi efetuada com giz no pilar de pedra do portão de uma mansão abandonada.

Para a segunda, recorreu ao giz branco na porta enferrujada de uma garagem nas traseiras de uma casa em Yarmuk — uma cruz de Lorena. E a terceira a vermelho — um crescente do Islã, com uma barra horizontal no meio, na parede do edifício do Sindicato dos Jornalistas Árabes, na periferia do bairro de Mutanabi.

Martin não tinha possibilidade de saber se Jericho, apesar da advertência de Moncada de que poderia regressar, ainda patrulhava a cidade e espreitava da janela do carro para ver se havia marcas nas paredes. Restava-lhe apenas passar por lá todos os dias e aguardar.

Em 7 de novembro, descobriu que a de giz branco desaparecera. Teria o dono da garagem decidido lavar a porta?

Continuou a inspeção e verificou que as outras também tinham sido apagadas.

Naquela noite, visitou as três caixas de cartas mortas destinadas a mensagens de Jericho para seu controlador. Todas continham uma folha de papel de seda dobrada. Apressou-se a recolhê-las, depois de se certificar de que ninguém o observava — precaução quase desnecessária em virtude de se tratar de locais ermos — e regressou à barraca na embaixada soviética.

Leu-as à luz trémula de uma vela. A mensagem era idêntica nas três folhas. Jericho estava vivo e bem de saúde. Achava-se disposto a voltar a trabalhar para o Ocidente e sabia que os destinatários da sua informação eram agora os ingleses e americanos. Mas os riscos tinham aumentado incomensuravelmente e, por conseguinte, os seus honorários. Esperava que as novas condições fossem aceites e uma indicação do que pretendiam dele.

Martin queimou as três mensagens e reduziu as cinzas a pó. Conhecia já a resposta a ambas as premissas. Langley estava na disposição de se mostrar generosa, se o produto fosse bom. Quanto à informação pretendida, ele memorizara uma série de alíneas respeitantes às intenções de Saddam Hussein, seu conceito de estratégia e localização dos principais centros de comando e de fabricação de Armas de destruição em massa. Pouco antes da alvorada, comunicou a Riad: Jericho REGRESSOU À CIRCULAÇÃO.

Foi em 10 de novembro que o Dr. Terry Martin entrou no seu pequeno e desarrumado gabinete na Escola de Estudos Orientais e Africanos e encontrou uma folha de bloco de notas em cima da mesa.

"Telefonou um certo Mr. Plummer. Disse que o senhor tem o número dele e entenderia." A secura do texto indicava que Miss Wordsworth, sua secretária, estava agastada. Era uma mulher que gostava de proteger as pessoas sob o seu cuidado com sofreguidão de mãe-galinha, o que significava estar ao corrente de tudo o que se lhes referia.

Com o período do outono no auge e uma série de novos estudantes a seu cargo, Terry Martin quase esquecera o seu pedido ao Diretor dos Serviços árabes no Quartel-General das Comunicações do Governo.

Quando ligou, disseram-lhe que Plummer saíra para almoçar, e as aulas da tarde mantiveram-no ocupado até as quatro. A nova ligação para Gloucestershire apanhou o seu alvo quando se preparava para sair, às cinco.

— Lembra que pediu que lhe comunicasse algo de aparentemente estranho que surgisse? — disse Plummer. — Captamos uma coisa, ontem, no nosso posto em Chipre, que cheira a queimado. Pode ouvi-la se quiser.

— Aqui, em Londres?

— Receio que não. Temos uma gravação, claro, mas só pode ser passada na máquina apropriada. Um leitor vulgar não seria suficiente. É por isso que nem meu pessoal árabe pode decifrar.

O resto da semana revelava-se inteiramente preenchida para ambos. Martin acedeu em o procurar no domingo e Plummer

prontificou-se para lhe oferecer o almoço num “botequim muito jeitoso a cerca de dois quilômetros daqui”.

Os dois homens de terno de tweed não despertaram atenção especial no pequeno restaurante e ambos pediram o prato do dia: um bife e pudim de Yorkshire.

— Não sabemos quem fala com quem, mas são obviamente indivíduos altamente colocados — começou Plummer. — Por razões obscuras, quem fez a chamada utilizava uma linha aberta e parecia ter regressado de uma visita a determinadas instalações no Kuwait. Talvez se servisse do telefone do carro. Sabemos que não o fez através de uma rede militar, pelo que o interlocutor provavelmente não tinha qualquer relação com a tropa. Talvez um burocrata superior.

Os bifes chegaram e eles conservaram-se silenciosos até que a empregada se afastou.

— O autor da chamada parece referir-se a informações da Força Aérea Iraquiana de que os americanos e ingleses estão a enviar um número crescente de caças de reconhecimento para a fronteira com o Iraque, para retrocederem no último instante.

Martin assentiu com uma inclinação de cabeça. Ouvira falar daquela tática. Destinava-se a testar as reações da defesa aérea iraquiana aos aparentes ataques sobre o seu espaço, obrigando-a a "iluminar” os seus ecrãs de radar e rampas de mísseis SAM, com o que revelavam as suas posições exatas aos AWACS que sobrevoavam o Golfo.

— O homem alude aos Beni el Kalb, filhos de cães, que são os americanos, e o interlocutor ri e observa que o Iraque faz mal em responder a essa tática, destinada evidentemente a obrigá-los a divulgar as suas posições defensivas. A seguir, o outro diz uma coisa que não conseguimos decifrar, além de que há uma interferência qualquer. Seja como for, o interlocutor acaba por se irritar e manda-o calar e desligar. Cremos que estava em Bagdá. Interessava-me que você ouvisse as duas últimas frases.

Após o almoço, Plummer acompanhou Martin ao complexo de escuta, que funcionava em pleno, como num dia útil. O GCHQ permanece em atividade permanente. Numa sala à prova de som parecida com um estúdio de gravação, Plummer pediu a um dos

técnicos que passasse a gravação misteriosa e sentaram-se todos, enquanto as vozes guturais brotavam do ” alto-falante.

O diálogo principiava como Plummer descrevera. Perto do final, o iraquiano que efetuara a chamada pareceu excitar-se e a voz aumentou de intensidade.

“Já falta pouco, Rafeek. Em breve, teremos...” Começou então a interferência, como que meros “atmosféricos”, e as palavras tornaram-se ininteligíveis. Não obstante, o seu efeito no homem de Bagdá foi elétrico e desligou.

“Cale a boca, Ibn-al-gahba.” E pousou o fone com brusquidão, como se descobrisse subitamente que a linha não era segura. O técnico passou a gravação três vezes a velocidades levemente diferentes.

— Que lhe parece? — perguntou Plummer.

— Bem, pertencem ambos ao partido — disse Martin. — Somente os seus hierarcas empregam a fórmula Rafeek, que significa camarada.

— Exato. Temos, pois, duas altas patentes a conversar sobre a concentração de efetivos americanos e provocações da Força Aérea dos Estados Unidos na fronteira.

— Depois, o autor da chamada fica ansioso... irritado, provavelmente... com uma ponta de exultação. Emprega a frase “Já falta pouco”.

— Indicando que vai haver mudanças na situação?

— Dá essa impressão.

— A seguir, vem a parte ininteligível. Mas lembremos a reação do interlocutor, Terry. Não só desliga bruscamente como chama o outro de “filho de uma prostituta”. É uma linguagem forte.

Muito forte. Só o mais graduado dos dois a poderia empregar sem sofrer as consequências. Que a teria provocado?

— Ouçamos de novo a passagem confusa.

O técnico voltou a passá-la.

— Alguma coisa acerca de Alá? — aventurou Plummer. — Em breve estaremos com Alá? Nas mãos de Alá?

— Parece mais: “Em breve, teremos... qualquer coisa...qualquer coisa... Alá.” Muito bem, aceito essa possibilidade. Talvez “teremos ajuda de Alá...”.

— Então, como se explica a explosão de cólera do outro? — argumentou Martin. — Invocar a boa vontade do Todo-Poderoso para a sua causa não é nada novo. Nem particularmente ofensivo. Não sei... Pode me emprestar uma cópia da gravação?

— Claro.

— Falou com os nossos primos americanos sobre isto?

— Sem dúvida. Forte Meade captou a mesma conversa, de um satélite. Eles também não entendem. Na verdade, não a acham particularmente importante.

Terry Martin voltou para casa, com a pequena cassete na algibeira. Ante a profunda contrariedade de Hilary, insistiu em passá-la repetidamente. Quando o ouviu protestar, recordou-lhe que às vezes se preocupava até à exaustão com um vocábulo que lhe faltava para resolver o problema de palavras cruzadas do Times.

— Ao menos, fico a conhecê-la na edição da manhã seguinte — alegou Hilary, e voltou-se para o outro lado para dormir.

No entanto, Martin não obteve a explicação na manhã seguinte, nem nas mais próximas. Passava a gravação nos intervalos das aulas e anotava as alternativas possíveis para preencher o espaço ininteligível. Todavia, o sentido geral continuava a escapar-lhe. Que motivo levaria um dos interlocutores a irritar-se na sequência de uma alusão inofensiva a Alá?

Só cinco dias mais tarde entendeu.

Tentou contatar com Simon Paxman, mas da Century House informaram que se ausentara por tempo indeterminado. Em seguida, pediu para falar com Steve Laing, mas o chefe das Operações do Oriente Médio achava-se igualmente inacessível.

Embora ele o ignorasse, Paxman estava no quartel-general do SIS em Riad e Laing visitava a mesma cidade para participar numa reunião importante com Chip Barber, da CIA.

O homem a quem chamavam “Vigilante” seguiu de Tela-vive para Viena, com escala por Londres e Frankfurt, não tinha ninguém à espera e utilizou um táxi do Aeroporto Schwechat para o Hotel Sheraton, onde reservara aposentos.

O Vigilante era rubicundo e jovial, um advogado de Nova Iorque, possuidor de documentos comprovativos do fato. O seu

inglês com sotaque americano era irrepreensível, o que não surpreendia, pois passara vários anos nos Estados Unidos, e o alemão aceitável.

Poucas horas depois de chegar a Viena, requisitou os serviços de um amanuense do hotel para redigir uma carta cortês destinada a um certo Wolfgang Gemutlich, vice-presidente do Winkler Bank.

O papel timbrado era absolutamente autêntico e o signatário sócio de uma prestimosa firma de advogados de Nova Iorque, embora estivesse ausente em férias (pormenor que a Mossad averiguara através de um dos seus agentes naquela cidade) e não fosse de modo algum o atual visitante de Viena.

A missiva revelava-se apologética e intrigante, como se pretendia. O signatário representava um cliente de fortuna avultada e posição social inaceitável desejoso de efetuar depósitos substanciais da sua fortuna na Europa.

Fora este último quem insistira pessoalmente, segundo parecia depois de consultar um amigo, em que o Winkler Bank fosse abordado sobre o assunto, e especificamente, o próprio Herr Gemutlich.

O signatário teria efetuado um contato previamente, porém o cliente e a sua firma atribuíam extrema importância à discrição absoluta, evitando as linhas telefônicas abertas e faxes para discutir semelhantes temas, pelo que ele aproveitava a vantagem de uma visita à Europa para fazer escala por Viena.

Infelizmente, a sua agenda só lhe permitia demorar-se três dias naquela cidade, mas se Herr Gemutlich fosse amável ao ponto de lhe conceder uma entrevista, ele, o americano, teria o maior prazer em passar pelo banco.

A carta foi depositada pessoalmente pelo pretendente na caixa de correspondência do Winkler durante a noite e, ao princípio da tarde imediata, o mensageiro do banco entregava a resposta no Sheraton. Herr Gemutlich teria a maior satisfação em receber o advogado americano às dez da manhã seguinte.

A partir do momento em que o Vigilante foi introduzido, os seus olhos não perderam um único pormenor. A recepcionista verificou as suas credenciais, telefonou ao piso superior para obter confirmação de que era esperado, e um funcionário acompanhou-o ao austero

gabinete, a cuja porta bateu. O Vigilante não ficou só um único instante.

Ao soar a palavra “Entre”, o funcionário abriu a porta, indicou ao americano que avançasse, voltou a fechá-la atrás deste último e regressou à sua secretária, no piso térreo.

Herr Wolfgang Gemutlich levantou-se, estendeu a mão ao recém-chegado, indicou-lhe uma cadeira na sua frente e voltou a sentar-se.

O termo gemutlich, em alemão, significa “confortável”, com uma ponta de cordialidade. Na realidade, porém, nem remotamente correspondia ao aspecto do banqueiro, que aparentava uns sessenta anos, magro, quase cadavérico, de fato e gravata cinzentos, cabelo ralo e expressão sombria.

E não exercia aquela atividade como um mero passatempo. A banca, para ele, representava a própria vida e se havia alguma coisa que deplorasse era gastar dinheiro. Com efeito, o dinheiro fizera-se para poupar, de preferência sob a égide do Winkler Bank. Um simples levantamento provocava-lhe azia e uma transferência importante daquele estabelecimento para outro congenere bastava para lhe estragar toda a semana.

O Vigilante sabia que estava ali para tomar nota de determinados pormenores e revelá-los, mais tarde. A tarefa prioritária, acabada de consumar, consistia em identificar fisicamente Gemutlich à equipe yarid de serviço na rua. Procurava igualmente um cofre suscetível de conter os elementos operacionais da conta de Jericho, fechaduras de segurança, sistemas de alarme; numa palavra, viera para se familiarizar com o interior do banco, com vista a um eventual assalto.

Evitando especificar as quantias que o seu cliente pretendia transferir para a Europa, mas deixando transparecer que eram avultadas, conservava o diálogo sob o tópico da segurança e discrição mantidas pelo Winkler. Herr Gemutlich não teve dúvidas em explicar que o seu banco era inexpugnável e o sigilo constituía uma característica obsessiva.

A conversa só foi interrompida uma vez. Abriu-se uma porta lateral para dar passagem a uma mulher com três cartas para assinatura, e o banqueiro enrugou a fronte ante a distração.

— Disse que eram importantes, Herr Gemutlich — recordou ela. — De contrário, eu não...

— Na realidade, não era tão velha como o exame inicial sugerira; talvez rondasse os quarenta.

— Sim, eu sei... — cortou Gemutlich, estendendo a mão para as cartas. — Entschuldigung — solicitou ao americano.

Os dois homens exprimiam-se em alemão, depois de ficar estabelecido que o banqueiro não falava inglês com a fluência indispensável. No entanto, o Vigilante levantou-se e inclinou a cabeça na direção da recém-chegada.

— Cruss Gott, Fraulein — disse, em tom deferente.

Ela corou, pois os visitantes de Gemutlich não costumavam pôr-se de pé à aparição de uma secretária. Em todo caso, a atitude obrigou este último a aclarar a garganta e murmurar: — A minha secretária particular, Miss Hardenberg.

O Vigilante também anotou mentalmente aquilo, enquanto voltava a sentar-se.

No final, com a garantia de que o cliente de Nova Iorque efetuaria um depósito importante no Winkler Bank, repetiu-se a rotina da chegada. O funcionário foi chamado, para o acompanhar à saída.

Pelo caminho, porém, o Vigilante perguntou se podia utilizar o banheiro. O funcionário franziu o sobrolho, como se as necessidades fisiológicas constituíssem um fato insólito nas instalações do banco, mas parou o elevador na sobreloja e indicou uma porta sem qualquer marca, que o americano transpôs.

O local destinava-se visivelmente apenas aos empregados do sexo masculino: um mictório, um lavatório, um rolo de papel para as mãos e um cubículo. O Vigilante abriu a torneira para criar ruído e procedeu a uma inspeção rápida do que o rodeava. Havia uma janela gradeada, com os fios de um sistema de alarme — uma possibilidade, embora difícil. A ventilação era produzida por uma ventoinha automática. Num pequeno armário ao canto, depararam-se-lhe vassouras, baldes, embalagens de detergentes e um aspirador. Havia, pois, pessoal da limpeza. Quando agir, à noite ou no fim de semana? Alguém certamente o acompanharia quando entrasse nos gabinetes. O guarda-noturno poderia ser facilmente

neutralizado, mas Kobi Dror recomendara especificamente que não fosse deixado o menor vestígio.

Quando por fim emergiu do banheiro, o funcionário continuava à espera. Avistando a escada ao fundo do corredor, o Vigilante sorriu, apontou para lá e usou-a, em vez de esperar pelo elevador para uma distância tão curta.

O funcionário seguiu-o e escoltou-o até à saída. O Vigilante ouviu o estalido da fechadura automática atrás de si. Se o homem estivesse lá em cima, como conseguiria a recepcionista admitir um cliente ou um mensageiro?

Passou duas horas informando Gidi Barzilai dos pormenores que averiguara e, no final, este último meneou a cabeça repetidamente, com uma expressão sombria.

A introdução no banco não ofereceria qualquer problema, assim como a localização e neutralização do sistema de alarme. Mas quanto à necessidade de não deixar vestígios, o panorama não se apresentava tão desanuviado. Havia um guarda-noturno que decerto procedia a rondas regulares. Além disso, que procurariam? Um cofre? Onde? De que tipo? Com fechadura vulgar ou de segredo? Tudo isto consumiria horas. E haveria necessidade de silenciar o guarda-noturno, o que deixaria vestígios.

O Vigilante regressou a Telaviv no dia seguinte. Naquela tarde, de uma série de fotografias, identificou Wolfgang Gemutlich e, de passagem, Fraulein Hardenberg. Quando ele partiu, Barzilai e a equipe neviot voltou a reunir-se.

— Francamente, preciso de uma informação mais completa, Gidi. Há muita coisa que ainda não sei. Os documentos de que precisa devem estar encerrados num cofre. Onde? Num compartimento secreto? No sobrado? Na sala da secretária? No porão?

Barzilai emitiu um grunhido de frustração. Uma ocasião, num passado distante, durante uma aula de instrução, alguém lhe assegurara: não existe homem algum sem um ponto vulnerável. Impunha-se descobrir esse ponto e exercer pressão no nervo. Na manhã seguinte, as equipes yarid e neviot iniciaram uma vigilância intensiva a Wolfgang Gemutlich.

Mas o circunspecto banqueiro vienense provaria que aquela

máxima nem sempre correspondia à realidade.

Steve Laing e Chip Barber enfrentavam um problema importante. Em meados de novembro, Jericho enviou a primeira resposta aos pedidos formulados através da caixa de cartas mortas em Bagdá. O seu preço fora elevado, mas o governo americano efetuara a transferência para a conta em Viena sem um único murmúrio de protesto. Se a informação era rigorosa — e não havia motivo algum para supor o contrário-, revestia-se de uma utilidade excecional. Embora não respondesse a todas as perguntas, satisfizera algumas e confirmara outras já parcialmente respondidas.

Em particular, referia dezessete locais ligados à produção de Armas de destruição em massa. Oito já figuravam no campo das suspeitas dos Aliados e ele corrigia a posição de dois. O resto constituía informação nova, com realce para o ponto exato do laboratório sepultado onde funcionava a centrífuga de difusão de gás para preparação do Urânio-235.

O problema consistia em: como alertar os militares, sem divulgar que Langley e a Century dispunham de um “bem” altamente situado que traía Bagdá do interior do país?

Isto não significava que os mestres espiões desconfiassem das instâncias militares. Longe disso. Não obstante, no mundo subterrâneo há uma regra antiga e muitas vezes testada denominada “necessidade de saber”. Um homem que desconhece uma coisa não a pode divulgar, ainda que inadvertidamente.. Se um civil apresentasse uma lista de novos alvos, quantos generais, brigadeiros e coronéis cismariam sobre a sua proveniência?

Na terceira semana do mês, Barber e Laing reuniram-se na cave do Ministério da Força Aérea Saudita com o general Buster Glosson, adjunto do general Chuck Horner, que comandava a guerra aérea no teatro do Golfo.

Embora decerto tivesse outro nome de baptismo, ninguém se referia ao brigadeiro^general Glosson senão por “Busíér”, e fora ele que planejara e continuaria a planejar o ataque aéreo ao Iraque que toda a gente sabia que teria de preceder qualquer invasão por terra.

Há muito que Londres e Washington concordavam que, independentemente da solução do caso do Kuwait, a máquina de guerra de Saddam Hussein tinha de ser destruída, o que incluía as

capacidades de fabricação de gás, vírus e bombas atômicas.

Antes que a Proteção do Deserto aniquilasse finalmente qualquer possibilidade de um ataque vitorioso do Iraque à Arábia Saudita, os planos para a eventual guerra aérea estavam muito adiantados, sob a designação de código de Trovão Instantâneo. O verdadeiro arquiteto do projeto era Buster Glosson.

Em 16 de novembro, as Nações Unidas e as várias chancelarias diplomáticas em redor do mundo ainda tentavam chegar a um "plano de paz" para pôr termo à crise sem disparar um único tiro ou lançar qualquer míssil. Os três homens na sala subterrânea daquele dia sabiam que semelhante plano não se concretizaria.

Barber mostrou-se conciso e enfático. "Como sabe, Buster, nós e os ingleses há meses que tentamos localizar as bases das WMD do Saddam". O general inclinou a cabeça, com ar desconfiado. Tinha um mapa ao longo do corredor com mais alfinetes que o corpo de um porco-espinho, cada um dos quais constituía alvo de bombardeio. O que mais aconteceria?

"Assim, começamos pelas licenças de exportação e determinamos os países exportadores e depois as empresas que satisfizeram os contratos. Depois, os cientistas que guarneciam essas instalações, mas muitos deles foram levados em ônibus de janelas enegrecidas, viveram sempre lá e nunca chegaram a saber onde estiveram." "Finalmente, Buster, conversamos com o pessoal que construiu a maior parte dos palácios de gás venenoso do Saddam. E muitos deles forneceram as informações menos tranquilizadoras." E mostrou ao interlocutor a nova lista de alvos, que este examinou com curiosidade. Por fim, emitiu um grunhido. Sabia que alguns existentes nos seus registros já eram considerados alvos, enquanto outros representavam uma confirmação de outros, embora também houvesse vários novos. Com um suspiro de resignação, ergueu os olhos e perguntou:

— Isto é de confiança?

— Absoluta — asseverou o inglês. — Estamos convencidos de que o pessoal de construção é uma fonte fidedigna, talvez a melhor até agora.

— Muito bem. — Glosson levantou-se. — Terão mais material

para mim?

— Continuaremos a indagar na Europa — replicou Barber. — Se surgir algo de novo, informamos imediatamente. Eles têm muita coisa valiosa enterrada no deserto.

— Digam onde e trataremos de arrasar os locais.

Mais tarde, o general mostrou a lista a Chuck Horner, conhecido pela irreverência e firmeza implacável com que ignorava os obstáculos de qualquer natureza em seu caminho.

Depois de a inspecionar, emitiu um grunhido. Dois dos locais estavam assinalados no mapa como áreas desérticas.

— Onde arranjaram isto? — acabou por perguntar.

— Interrogaram as equipes que construíram as instalações — informou Glosson. — Pelo menos, é o que dizem.

— Mentira — retrucou Chuck Horner. — Os filhos da mãe têm mas é um informante implantado em Bagdá. Vamos ficar muito caladinhos com isto, Buster. Vamos nos limitar a anotar as indicações que ainda não temos. — Fez uma pausa e murmurou: — Quem será o cara?

Steve Laing regressou a Londres no dia 18 e encontrou profunda agitação no Parlamento: um setor do governo conservador procurava derrubar Margaret Thatcher do cargo de Primeira-Ministra. Apesar do cansaço, leu a mensagem de Terry Martin que estava em cima da mesa e telefonou para ele. Ao perceber a excitação do interlocutor, concordou em encontrá-lo para uma bebida, o que atrasou o regresso de Laing a sua casa, nos subúrbios da capital.

Quando estavam instalados numa mesa no canto de um bar pouco frequentado àquela hora, no West End, Martin tirou uma cassette e um pequeno player portátil da pasta, enquanto explicava o pedido que fizera a Sean Plummer, e o encontro de ambos, havia cerca de oito dias.

— Quer ouvir? — concluiu.

— Se os fulanos do GCHQ não a entendem, muito menos eu. Mas Plummer tem árabes especializados como Al-Khouri, entre o seu pessoal. Se também não chegaram a uma conclusão...

Não obstante, escutou polidamente.

— Reparou no som de um “k” seguido de “teremos”? — perguntou Martin, excitado. — O homem não está invocando Alá à causa do Iraque. Emprega um título. Foi isso que irritou o outro. Tudo indica que não deve ser mencionado abertamente. Tem de se limitar a um círculo de pessoas muito restrito.

— Mas o que diz ele, na verdade? — perguntou Laing, perplexo.

— Que o vasto aparato bélico americano não tem importância, porque “em breve teremos o Qubth-ut-Allah”. — Vendo que a perplexidade do interlocutor se acentuava, Martin acrescentou: — Só pode ser uma arma. Qualquer coisa que em breve estará disponível para conter os americanos.

— Perdoe o meu pobre árabe — disse Laing. — Mas o que é Qubth-ut-Allah?

— Oh, — disse Martin. — Quer dizer o Punho de Deus.

Capítulo 12

APÓS onze anos no poder e tendo vencido três eleições gerais, a Primeira-Ministra britânica caiu em 20 de novembro, embora só anunciasse a intenção de renunciar dois dias depois. A queda começou por uma obscura cláusula do regimento interno do Partido Conservador, que requer reeleição nominal periódica do líder do partido. O período era aquele novembro. Sua reeleição devia ser apenas uma formalidade, mas um ex-ministro de volta ao parlamento decidiu disputar com ela. Inconsciente do perigo, ela mal tomou conhecimento do desafio, conduzindo campanha negligente e até comparecendo a uma conferência em Paris no dia da votação. Em suas costas, ressentimentos antigos, egos afrontados e temores nervosos de que ela pudesse perder a eleição geral convergiram numa aliança que evitou sua vitória no primeiro escrutínio. Bastaria ter voltado e nem haveria o segundo, e seu desafiante desapareceria na obscuridade. Na votação de 20 de novembro ela precisava de maioria de dois terços; faltavam quatro votos, o que forçava uma segunda votação.

Em poucas horas, o que começara como pedrinhas rolando de um morro converteu-se em avalanche. Após consultar seu Gabinete, que lhe garantiu que perderia, ela renunciou. Para derrotar o desafiador, o Chanceler do Tesouro, John Major, disputou e venceu.

A notícia espantou os soldados no Golfo, tanto americanos quanto ingleses. Em Oman, pilotos de caça americanos que estavam em contato diário com os homens da SAS da base próxima perguntavam o que estava acontecendo e recebiam em resposta um perdido encolher de ombros.

Mike Martin soube quando o motorista iraquiano o informou. Encolheu os ombros e perguntou: — Quem é?

— Ignorante! — rosnou o outro. — A dirigente dos Beni Naji. Agora, venceremos.

Momentos depois, o Primeiro-Secretário Kulikov saía precipitadamente da residência para a embaixada.

Naquela noite, Martin enviou longa transmissão para Riad, que

continha o mais recente conjunto de informações de Jericho e o seu próprio pedido de novas instruções. E, agachado à entrada do barracão, para que o disco da parabólica não fosse visto de fora, aguardou a resposta. A luz intermitente no pequeno emissor-receptor indicou, à uma e meia, que uma mensagem acabava de ser recebida e gravada.

Em seguida, desmontou o aparelho, voltou a guardá-lo no esconderijo e escutou a gravação.

Havia uma nova lista de pedidos de informação e o acordo sobre a recente exigência monetária de Jericho, já transferida para a sua conta. Em menos de um mês, o renegado do Conselho do Comando Revolucionário possuía mais de um milhão de dólares.

Juntamente com a lista, havia duas novas instruções para Martin. A primeira consistia em enviar mensagem a Jericho, que se esperava conseguisse introduzir nas mentes dos planejadores de Bagdá. Referia-se à possibilidade de as últimas notícias de Londres sobre a demissão da Primeira-Ministra poderem levar a Coligação a rever a intenção de libertar o Kuwait, se a posição do Rais se mantivesse firme.

Nunca se saberá se essa desinformação chegou às altas esferas de Bagdá, mas ainda não se escoara uma semana quando Saddam Hussein declarou que a queda de Margaret Thatcher se devera ao desagrado do povo britânico por se lhe opor.

A outra instrução na gravação destinada a Mike Martin consistia em perguntar a Jericho se alguma vez ouvira falar numa arma ou sistema de armas chamado Punho de Deus.

Ele passou a maior parte do resto da noite a traduzir o texto em árabe em duas folhas de papel de correio aéreo. Vinte horas depois, achavam-se ocultas debaixo do tijolo solto no muro perto do santuário de Imam Aladham, em Aadhamiya.

As respostas demoraram uma semana. Martin leu a hieroglífica caligrafia de Jericho e verteu tudo para inglês. Do ponto de vista militar, tinha interesse.

As três divisões da Guarda Republicana que enfrentavam os ingleses e americanos ao longo da fronteira-, a Tawakkulna e a Medina, a que acabava de se juntar a Hammurabi — estavam

equipadas com uma mistura de tanques de combate T54/55, T62 e T72, todos de origem russa.

No entanto, numa visita recente, o general Abdullah Kadiri, do Corpo Blindado, descobrira, horrorizado, que a maioria dos soldados retirara as baterias e as utilizava para alimentar ventoinhas, fogareiros elétricos, rádios e leitores de cassettes. Resultava duvidoso que, agora, em condições de combate, algum voltasse a funcionar. Houvera várias execuções imediatas e dois comandantes tinham sido substituídos e mandados para casa.

O meio irmão de Saddam, Ali Hassan, agora governador-geral do Kuwait, comunicara que a ocupação estava a transformar-se num pesadelo, com o ataque aos soldados iraquianos e deserções em número crescente. Além disso, a Resistência não dava sinais de enfraquecer, apesar dos constantes e brutais interrogatórios, numerosas execuções pelo coronel Sabaawi, da AMAM, e duas visitas pessoais do seu chefe, Ornar Khatib.

E, pior de tudo, a Resistência adquirira explosivos de plástico denominados Semtex-H, mais potentes que a dinamite industrial.

Jericho identificara mais dois postos de comando militares importantes, construídos em cavernas subterrâneas e invisíveis do ar.

Imperava a convicção, no círculo imediato de Saddam Hussein, de que uma contribuição seminal para a queda de Margaret Thatcher fora a sua própria influência. Ele reiterara por duas vezes a recusa absoluta de considerar sequer a retirada do Kuwait.

Finalmente, Jericho nunca ouvira falar de nada com o nome de código de Punho de Deus, mas prestaria atenção, para a eventualidade de o pronunciarem na sua presença. No entanto, estava convencido de que semelhante arma ou sistema de armas não existia.

Martin leu a comunicação para o gravador, acelerou a velocidade e transmitiu a mensagem. Em Riad, foi recebida com avidez e a hora devidamente anotada: 23h55 de 30 de novembro de 1992.

Leila Al-Hilla emergiu do banheiro lentamente, deteve-se na

porta, com a iluminação procedente das suas costas, e pousou as mãos nas ombreiras.

O clarão realçava as formas voluptuosas do corpo através do négligê, que lhe custara uma pequena fortuna numa boutique de Beirute. O homem de compleição possante deitado na cama olhou-a com uma expressão faminta. Leila gostava de permanecer demoradamente na casa de banho antes de uma sessão de sexo, a fim de apurar todos os pormenores suscetíveis de intensificar os seus atributos provocatórios.

Por fim, baixou os braços e começou a avançar para a cama, em movimentos quase ondulatórios.

No entanto, o homem deitado de costas e despido, fechara os olhos.

“Não adormeças agora, cretino, precisamente quando preciso de ti”, pensou ela. Sentou-se na borda da cama e fez deslizar a mão pelo corpo dele, peludo como um urso. Em seguida, inclinou-se e beijou-o na boca. No entanto, os lábios do homem corresponderam apenas vagamente, e Leila notou o odor intenso a arak.

Bêbedo, mais uma vez. Por que seria que o imbecil não bebia com alguma moderação? Não obstante, aquela garrafa de arak todas as noites tinha as suas vantagens. Enfim, toca a trabalhar.

Era uma excelente cortesã e não o ignorava. A melhor do Oriente Médio, como muitos afirmavam, e sem dúvida das mais dispendiosas.

Na adolescência, treinara numa academia muito privada do Líbano, onde ensinavam todos os truques para conquistar e satisfazer um homem.

Após quinze anos de profissionalismo por conta própria, sabia que noventa por cento da perícia de uma boa prostituta não tinha nada que ver com o problema de enfrentar a virilidade insaciável. Isso era para as revistas e filmes porno, O seu talento concentrava-se em adular, enaltecer e condescender, mas em especial provocar uma ereção total, perfeita.

Assim, fez deslizar a mão para a virilha do homem e rodeou-lhe o pênis com os dedos. Emitiu um suspiro ao encontrá-lo flácido como uma esponja. O general Abdullah Kadiri, comandante do Corpo de Blindados do Exército da República do Iraque,

necessitaria de um encorajamento suplementar, naquela noite.

Pegou um vibrador que colocara previamente debaixo do colchão, encerrado numa sacola de “turco”, lubrificou-o com um gel especial e introduziu-lho no ânus.

O general soltou um grunhido, abriu os olhos, baixou-os para a mulher desnuda agachada junto do seu aparelho reprodutor e expôs os dentes encimados por um denso bigode preto, num largo sorriso.

Leila acentuou a pressão no vibrador e sentiu o pênis principiar a endurecer. Untou a boca com um líquido sem perfume nem sabor de um pequeno frasco e iniciou a sucção do órgão, operação que se prolongou até que a ereção se consumou, quando começava a doer-lhe o queixo.

Ato contínuo, antes que se registrasse um retrocesso na tumefacção, escarranchou-se em cima dele, para que a penetrasse completamente.

O general, agora totalmente acordado e lúcido, passou a colaborar ativamente no processo, até que, no meio de uma série de exclamações entrecortadas, se abandonou ao orgasmo.

Terminado o trabalho, ela deitou-se a seu lado, puxou o lençol para cima de ambos e acariciou o parceiro, ao mesmo tempo que murmurava:

— Meu pobre urso... Estás cansado, hein? Trabalhas demais, querido. Exigem demasiado de ti. Que foi, hoje? Mais problemas no conselho que só tu consegues resolver? Sabes que podes confiar na tua Leila.

E foi o que ele fez, antes de adormecer.

Mais tarde, quando o ouviu roncar, voltou ao banheiro e trancou a porta, após o que anotou tudo em árabe.

De madrugada, enrolou a folha de papel de seda numa espécie de tampão, que introduziu na vagina para a ocultar da inspeção dos seguranças. Posteriormente, a entregaria ao homem que pagava pelo serviço.

Sabia que era uma operação perigosa, mas lucrativa, e constituía a única maneira de vir a tornar-se rica, como sempre ambicionara. Poderia então abandonar o Iraque e montar uma academia, talvez em Tânger, com pessoal especializado para atrair e satisfazer a abastada clientela.

Se Gidi Barzilai se sentira frustrado com os métodos de segurança do Winkler Bank, as duas semanas de vigilância a Wolfgang Gemutlich tinham-no transtornado. O homem era positivamente inconcebível.

Após a identificação do Vigilante, o banqueiro fora prontamente seguido à sua residência nas imediações do Prater Park. No dia imediato, enquanto estava no banco, a equipe yarid mantivera-se nas proximidades da casa até que Frau Gemutlich saíra para ir às compras. O membro feminino da equipe fora no seu encalço, em contato com os colegas através da rádio, para os poder prevenir do seu regresso. Na realidade, a esposa de Wolfgang permaneceu ausente cerca de duas horas, tempo mais do que suficiente para o que pretendiam.

A introdução no domicílio não criou problemas à equipe neviot, que instalou dispositivos de escuta na sala, quarto e telefone. A busca rápida, porém eficiente, não revelou nada de útil. Havia apenas os documentos usuais: escritura da casa, passaportes, certificados de nascimento e de casamento e até uma série de circulares do banco. Não obstante, foi tudo fotografado.

Quando a colega que seguia Frau Gemutlich informou finalmente que ela se encaminhava para casa, os técnicos neviot haviam terminado as pesquisas e já se achavam cá fora. A porta da rua foi fechada pelo homem de fato-macaco da companhia dos telefones, sem que, atrás deles, ficasse o menor vestígio da invasão.

Daquele momento em diante, a equipe neviot ficaria à escuta na picape fechada estacionada um pouco abaixo, na mesma rua.

Duas semanas mais tarde, um dos agentes comunicou a Barzilai que as palavras trocadas pelo casal Gemutlich não chegavam a preencher uma bobina de gravação. Na primeira noite após a instalação do dispositivo de escuta, registrara-se um total de dezoito, entre as quais “Podes vir para a mesa, Wolfgang” e “Tenho sono. Vou-me deitar”. As restantes revelavam-se igualmente destituídas de importância.

Todas as outras diligências para descobrir um ponto vulnerável no temperamento ou atividades pessoais do banqueiro redundaram

num desaire total. O homem não jogava, não manifestava predileção por rapazes, não frequentava clubes noturnos, não tinha amantes, etc. Houve, porém, uma ocasião em que saiu de casa a uma hora diferente da rotina, e as esperanças dos agentes reanimaram-se.

Gemutlich vestia sobretudo preto e seguiu a pé em direção a uma residência, a cinco quarteirões de distância.

Bateu à porta, que se abriu para que entrasse. No momento imediato, uma das janelas do rés-do-chão iluminou-se. Antes de a porta voltar a fechar-se, um dos agentes israelenses vislumbrou uma mulher de expressão grave e túnica de nylon branca.

Seria de algum centro de massagens, com pessoal feminino eficiente e condescendente? O inquérito discreto efetuado na manhã seguinte revelou que se tratava de uma calista que recebia determinados clientes no domicílio. Wolfgang Gemutlich fora aparar os calos.

Em 1º de dezembro, Cidi Barzilai recebeu um “míssil” de Kobi Dror, em Telaviv. Não se tratava de uma operação sem limite de tempo. As Nações Unidas haviam intimado o Iraque a abandonar o Kuwait até 16 de janeiro. A partir dessa data, eclodiria a guerra e tudo poderia acontecer. Portanto, tinha de se despachar. — Podemos vigiar o filho da mãe até o dia do Juízo Final afirmaram os dois chefes das equipes ao seu controlador.

Não há um único grão de imundície na sua vida. O homem é incompreensível. Não faz nada, mas absolutamente nada, que possamos utilizar contra ele.

Barzilai enfrentava um dilema. Podiam raptar Frau Gemutlich e ameaçar o marido de que, se não colaborasse... No entanto, não só ele poderia preferir prescindir da companhia da esposa a cometer algum ato menos próprio, como havia o perigo de que recorresse à polícia.

Existia também a possibilidade de raptar o próprio banqueiro e pressioná-lo, porém o homem teria de voltar ao banco para efetuar a transferência para encerrar a conta de Jericho. E, uma vez no seu habitat usual, poderia lançar o alarme. Ora, Kobi Dror insistira em que não houvesse o menor indício da operação em curso.

— Concentremo-nos na secretária — acabou Barzilai por decidir. — Em regra, essas funcionárias costumam estar ao corrente de tudo o que o chefe sabe.

Por conseguinte, as duas equipes volveram a atenção para a não menos sensaborona, pelo menos aparentemente, Fraulein Edith Hardenberg.

Ainda lhes consumiu menos tempo — apenas dez dias. Seguiram-na ao seu apartamento na Trautenauplatz, no décimo nono bairro, nos subúrbios a noroeste da cidade.

Vivia só, sem qualquer amante, namorado ou sequer um animal de estimação. A busca aos documentos privados revelou uma conta bancária modesta e a existência de uma mãe em Salisburgo. Edith conduzia um pequeno Seat, que deixava estacionado diante da porta, mas a maioria das vezes utilizava os transportes públicos, sem dúvida em virtude da falta de espaço para arrumar o carro em plena cidade.

Não havia fotografias de homens jovens no apartamento, mas somente uma da mãe, outra de ambas de férias num lago qualquer e uma terceira de um indivíduo uniformizado, sem dúvida do pai, já falecido.

Todavia, se existia algum homem importante na sua vida, parecia ser Mozart.

É uma fanática pela ópera — informou o chefe da equipe neviot. — Todos os discos LP que possui... dá a impressão de que ainda não se decidiu a passar aos CD... são de composições de Mozart. Além disso, tem uma estante cheia de livros sobre o assunto e há vários cartazes de espetáculos de música clássica em teatros de Viena.

Então, a respeito de homens, nada, hein? — grunhiu Barzilai. — Só se for o Pavarotti... Acho melhor, não pensarmos mais nisso.

Mas ele continuava a pensar. Recordava-se de determinado caso em Londres, vários anos atrás. Uma funcionária pública que trabalhava no Ministério da Defesa. Uma solteirona inveterada, até que os soviéticos lhe tinham colocado no caminho um atraente jugoslavo. O próprio juiz se mostrara compreensivo, no julgamento dela.

Naquela noite, Barzilai enviou um longo telegrama codificado a

Telaviv.

Em meados de dezembro, a concentração do exército da Coligação a sul do Kuwait tornara-se numa vaga inexorável de homens e material.

Trezentos mil homens e mulheres de trinta nações estendiam-se numa série de linhas através do deserto saudita a partir da costa, por mais de cento e cinquenta quilômetros.

Nos portos de Jubail, Dammam, Bahrain, Doha, Abu Dhabi e Dubai, cargueiros largavam peças de artilharia, tanques, carburante, munições e peças sobresselentes, numa sucessão interminável.

A partir das docas, os comboios seguiam para oeste pela Tapline Road, para estabelecer as vastas bases logísticas que, um dia, abasteceriam o exército invasor.

Na época, as forças da Coligação achavam-se confinadas pelo general Schwarzkopf à porção do deserto a sul do Kuwait. Bagdá ignorava, porém, que, antes de atacar, o oficial americano tencionava enviar mais tropas através do Wadi ai Batin a mais cento e cinquenta quilômetros para oeste no interior do deserto, para invadir o Iraque, surpreendendo a Guarda Republicana pelo flanco e destruí-la.

A 13 de dezembro, os Rocketeers, 336.a Esquadrilha do Comando Aéreo tático da USAF, (M) decolaram da base em Thumrait, em Omã, e transferiram-se para Al Kharz, na Arábia Saudita, em obediência a uma decisão tomada no dia um daquele mês.

Al Kharz era um aeródromo “esquelético”, apenas com pistas. Não havia torre de controle, hangares, oficinas ou qualquer espécie de acomodação para o pessoal. Mas era um aeródromo. Com uma previdência surpreendente, o governo há muito que construíra bases aéreas em número suficiente para albergar aparelhos que totalizassem cinco vezes os efetivos da Real Força Aérea Saudita. Os construtores americanos entraram em atividade a partir de 1 de dezembro e não tardou a haver instalações para cinco mil homens e cinco esquadrilhas de caças.

Al Kharz situa-se a oitenta quilômetros a sueste de Riad, que ficava a apenas cinco para além do alcance máximo dos mísseis Scud, em poder do Iraque. Durante três meses, alojaria cinco

esquadrilhas.

Dor Walker gostara da estada em Thumrait. As condições de vida eram modernas e excelentes e, na atmosfera descontraída de Omã, as bebidas alcoólicas autorizadas dentro da base.

Contatara pela primeira vez o SAS britânico, que tinha uma base de treino permanente no local, e outros “oficiais contratados” que prestavam serviço nas forças do sultão Qaboos, de Omã. Realizaram-se algumas festas memoráveis, com representantes do sexo oposto eminentemente acessíveis, e resultara emocionante pilotar os Eagle em missões “simuladas” sobre a fronteira iraquiana.

Acerca do SAS, após uma incursão no deserto com membros do regimento em carros-patrulha, Walker comentara ao novo comandante de esquadrilha, tenente-coronel Steve Turner:

— Estes tipos são indiscutivelmente loucos.

Al Kharz seria diferente. Como lar dos dois lugares santos, Meca e Medina, a Arábia Saudita proíbe rigorosamente o consumo de bebidas alcoólicas, além de qualquer exposição do corpo das mulheres abaixo do queixo, à exceção das mãos.

Na sua Ordem Número Um, o general Schwarzkopf banira o álcool a todas as forças da Coligação sob o seu comando. Por conseguinte, todas as unidades americanas a respeitavam, e aplicava-se rigorosamente a Al Kharz.

Não obstante, no porto de Dammam, os descarregadores americanos ficaram surpreendidos com a quantidade de xampu destinado à Real Força Aérea britânica. Caixotes consecutivos do produto eram transferidos para caminhões ou aviões de carga Hércules C-130 e levados para as esquadrilhas da RAF.

Os trabalhadores portuários estranhavam sobretudo que, numa área largamente afetada pela escassez de água, as tripulações inglesas pudessem consagrar tanto tempo à lavagem do cabelo. O enigma persistiria até o termo da guerra.

Do outro lado da península, na base no deserto de Tabuq, que os Tornado britânicos partilhavam com os Falcon americanos, os pilotos da USAF estavam ainda mais intrigados ao verem, no final da tarde, os ingleses, sentados debaixo de toldos, decantar uma pequena porção de xampu num copo, que acabavam de encher de água engarrafada.

Em Al Kharz, o problema não se punha. Não havia xampu de qualquer espécie. Por outro lado, as condições gerais eram menos confortáveis que em Thumrait. À parte o comandante de esquadrilha, que dispunha de uma tenda só para ele, os outros, de coronel para baixo, partilhavam-nas à razão de dois, quatro, seis, oito ou mesmo doze em cada uma, consoante a graduação. Como se isso não bastasse, a área consagrada ao pessoal feminino estava-lhes vedada, inconveniência tornada ainda mais frustradora pelo fato de as damas americanas, fiéis à sua cultura e sem a política religiosa saudita para as orientar, tomavam banhos de sol em reduzidos biquinis, do outro lado de vedações pouco elevadas que tinham montado em torno das tendas.

O que levou o pessoal do sexo oposto a requisitar todos os veículos pesados da base possuidores de carroçarias bem acima do rodado.

Existia no local outro estado de espírito resultante de uma causa diferente. As Nações Unidas tinham imposto a Saddam Hussein o dia 16 de janeiro como limite do ultimato. No entanto, as declarações provenientes de Bagdá continuavam a revelar-se provocatórias, e tornava-se evidente pela primeira vez que os iraquianos estavam dispostos a ir para a guerra. Por conseguinte, as missões de treino assumiram um aspecto mais premente.

Graças a caprichos meteorológicos, o dia 15 de dezembro apresentava-se invulgarmente cálido, em Viena. O Sol incidia nas ruas e a temperatura subia gradualmente. À hora do almoço, Fraulein Hardenberg abandonou o banco como habitualmente para a sua refeição modesta quotidiana e, obedecendo a um impulso, decidiu munir-se de sanduíches e ir comê-las no Stadt-park, a poucos quarteirões de distância da Balgasse.

Era seu hábito fazê-lo no verão e até no outono, pelo que vinha prevenida de casa com sanduíches, o que não acontecia naquele 15 de dezembro.

Apesar disso, a sua decisão de comer no parque era irreversível e não estava disposta a deixar-se desencorajar por um pormenor de somenos.

Havia uma razão especial para a sua predileção pelo pequeno jardim do outro lado do Ring. Numa das extremidades, situa-se o

Hubner Kursalon, restaurante de paredes de vidro como uma ampla estufa, onde, durante o período do almoço, um pequeno conjunto musical costumava interpretar melodias de Strauss, sem dúvida um dos compositores vienenses de todos os tempos.

Se não tinha posses para pagar os preços assaz “salgados” do estabelecimento em causa, uma pessoa podia sentar-se num dos bancos das proximidades e escutar a agradável música gratuitamente.

Edith Hardenburg comprou os sanduíches num quiosque das cercanias, encontrou um banco desocupado e começou a comer lentamente, ao som das valsas.

— Entschuldigung.

Experimentou um sobressalto, ao ouvir a voz proferir com suavidade o equivalente a “Com licença”.

Se havia alguma coisa que detestava — e não permitia — era que desconhecidos lhe falassem.

O homem era jovem, de cabelo preto, olhos castanhos e sotaque estrangeiro. Preparava-se para desviar a vista, quando se apercebeu de que ele tinha na mão uma brochura ilustrada e apontava para uma palavra do texto. Tratava-se de um programa referente à ópera “A Flauta Mágica”.

— Este termo não é alemão, não? — E indicava a palavra partitura.

Em vez de guardar os sanduíches que restavam e afastar-se, como a mais elementar sensatez recomendava, ela replicou secamente: — Não, é italiano.

— Ah... — O homem pareceu algo intrigado. — Estou aprendendo alemão, mas não entendo o italiano. Refere-se à música, suponho?

— Não, diz respeito à obra no seu conjunto.

— Obrigado. Não é fácil compreender suas óperas vienenses, mas me agradam profundamente. — Fez uma pausa, enquanto Edith aguardava com certa curiosidade. — Esta se passa no Egito.

— Eu sei.

— Como a Aída. Também gosto de Verdi, mas prefiro Mozart.

Entretanto, ela acabara por embrulhar os sanduíches sobreviventes e estava disposta a afastar-se. Até já se devia ter

levantado, para ele não imaginar que estava disposta a escutá-lo. Todavia, o desconhecido escolheu aquele momento para exibir um sorriso que a fez vacilar. Era tímido, quase de súplica.

— Não há comparação possível — declarou Edith. — Mozart é o mestre de todos.

— Ele viveu aqui. — O sorriso acentuou-se e, portanto, os seus efeitos demolidores. — Talvez até se sentasse neste banco, para compor as suas obras.

— Custa-me crer. O banco ainda não existia, naquela época.

Ela levantou-se e o jovem inclinou-se numa leve vênia. — Lamento se a incomodei, Fraulein. — Agradeço-lhe os esclarecimentos, em todo o caso.

Edith empreendeu o regresso ao banco, onde acabou de comer os sanduíches, furiosa consigo própria. Só lhe faltava aquilo: deixar-se abordar nos parques por jovens desconhecidos! Por outro lado, tratava-se apenas de um estudante estrangeiro que pretendia elucidar-se acerca das óperas vienenses. Não havia nada de censurável nisso.

Apesar da sua paixão pela música, nunca assistira à representação de uma ópera no Staatsoper, onde “A Flauta Mágica” seria levada à cena dentro de três dias. No entanto, os preços praticados pela principal sala de ópera da cidade eram proibitivos, a menos que uma pessoa se resignasse a ir para a galeria.

No dia seguinte, o inverno reapareceu, com o seu habitual cortejo de desconforto. Por conseguinte, ela retomou o hábito de almoçar no café usual, sentada à mesa que já quase considerava sua.

No terceiro dia, após o breve e aparentemente insignificante episódio no parque, instalou-se no lugar do costume e notou que a mesa ao lado devia estar ocupada, pois continha dois livros de estudo — não se preocupou em ler os títulos — um copo de leite parcialmente consumido.

Acabava de pedir o prato do dia quando o ocupante reapareceu do banheiro. No momento em que se sentava, reconheceu-o e estremeceu de admiração. Outra vez, Gruss Gott! — articulou entre dentes, ao mesmo tempo que comprimia os lábios num trejeito de desaprovação.

— Terminei a tradução do programa — informou o jovem, após uma leve inclinação de cabeça. — Compreendi tudo perfeitamente.

Ela moveu levemente a sua e começou a comer, pois a empregada acabava de lhe servir o que pedira, pelo que se achava impossibilitada de invocar um pretexto qualquer e retirar-se.

— Excelente. Veio a Viena estudar?

Por que perguntara aquilo? Estaria louca? Contudo, o ruído das conversas à sua volta obrigou-a a ponderar a situação. Por que se preocupava? Um diálogo civilizado, mesmo com um estudante estrangeiro, não poderia conduzir a nada de deplorável. Em todo o caso, perguntou-se que pensaria Herr Gemutlich. Desaprovaria a ideia, sem a menor dúvida.

— Sim, engenharia — confirmou o jovem, com um largo sorriso. — Na Universidade Técnica. Quando me formar, regressarei ao meu país, para colaborar no seu desenvolvimento. A propósito, sou Karim.

— Fraulein Hardenberg — apresentou-se ela. — Qual é o seu país, Herr Karim?

— Jordânia.

Um árabe, ainda por cima! Bem, talvez houvesse vários a frequentar a Universidade Técnica, perto dali. A maioria dos que costumava ver compunha-se de vendedores ambulantes, indivíduos pouco atraentes que negociavam tapetes ou vendiam jornais junto dos cafés. Ora, o jovem da mesa ao lado tinha um ar absolutamente respeitável. Devia pertencer a uma família mais bem situada na vida. Em todo o caso... um árabe. Por fim, Edith acabou de comer e fez sinal à empregada para que lhe trouxesse a conta. Era hora de se separar do jovem, embora se mostrasse particularmente delicado. Para um árabe.

— Mas acho que não vou poder ir — declarou ele, pesaroso.

Ela baixou os olhos para a conta e abriu a carteira, para procurar o dinheiro.

— Ir onde?

— À ópera. Ver “A Flauta Mágica”. Sozinho, não poderia, no meio de tanta gente. Não saberia quando aplaudir ou permanecer silencioso.

— De qualquer modo, duvido que conseguisse arranjar

ingresso — observou, com uma expressão tolerante.

Ele assumiu uma expressão de perplexidade.

— Não se trata disso. — Levou a mão ao bolso e pôs dois retângulos de papel na mesa. Na dela. Ao lado da conta.

Eram na segunda fila. Perto dos cantores. Coxia central. — Tenho um amigo nas Nações Unidas. As empresas costumam mandar algumas entradas para lá. Ele não estava interessado em ir e me deu.

Deu. Não vendeu, deu. Os bilhetes disputavam-se praticamente a preço do ouro, e o amigo dera.

— Importa-se de me levar? — aventurou-se o jovem, em tom quase implorativo. — Por favor?

A frase fora construída habilmente. Ela o levaria.

— Nem pensar — replicou com firmeza.

— Peço desculpa, Fraulein. Vejo que a ofendi.

Ele pegou os ingressos e fez menção de rasgar.

— Não! — A palavra brotou dos lábios dela antes que conseguisse se conter. — Não faça isso, por favor.

— Mas não me servem para nada.

— Bem, talvez eu...

O rosto dele iluminou-se. — Quer então me acompanhar?

Ia “acompanhá-lo”, mais ou menos como uma cicerone, pelo que não havia nada de censurável na intenção.

Combinaram encontrar-se à entrada do teatro às sete e um quarto. Edith chegou no seu carro, que arrumou nas proximidades sem problemas, e foram conduzidos aos lugares.

Se Edith Hardenburg, solteira, de quase quarenta verões sem amor, alguma vez vislumbrou o paraíso, foi naquela noite de 1990, quando se sentou a poucos metros do palco e mergulhou na música. Se alguma vez conheceu a sensação da embriaguez foi também naquela ocasião ao deixar-se intoxicar pela torrente de vozes que se exprimiam nas mais variadas intonações musicais.

No final do espetáculo, a intoxicação persistia. De contrário, não teria permitido que ele a conduzisse ao Café Landman, antigo refúgio de Freud. O chefe dos empregados de mesa escoltou-os a uma mesa do canto, onde cearam.

Mais tarde, Karim acompanhou-a ao carro. Entretanto, ela

acalmara-se e a reserva inicial restabelecia-se.

— Gostaria que me mostrasse a verdadeira Viena — disse ele, num murmúrio. — A sua Viena, dos belos museus e concertos. Se não, nunca compreenderei a cultura da Áustria.

Detiveram-se junto ao carro. Não, ela não se ofereceria para levá-lo para casa, onde quer que fosse, e qualquer sugestão de que lhe permitisse a entrada na sua revelaria a espécie de biltre que era.

— Onde pretende chegar?

— Gostaria de voltar a vê-la.

— Por quê?

“Se me disser que sou linda, esbofeteio-o”, prometeu a si própria.

— Porque é bondosa.

— Ah...

Sentiu-se corar com intensidade. Sem mais uma palavra, Karim inclinou-se para a frente e beijou-a na face. Em seguida, deu meia volta e afastou-se.

Naquela noite, Edith Hardenburg teve sonhos agitados. Remontou ao passado. Outrora, houvera na sua vida Horst, que a amara naquele verão quente de 1970, quando ela tinha dezenove anos e era virgem. Fora ele que lhe suprimira a castidade e a possuíra. E desaparecera no inverno, sem uma palavra de explicação ou despedida.

A princípio, supôs que sofrera um acidente e telefonara a todos os hospitais. Depois, admitiu que a profissão de viajante de uma empresa o tivesse obrigado a ausentar-se da cidade subitamente e telefonaria mais tarde.

Por fim, inteirara-se de que tinha casado com uma jovem de Graz, com a qual estava quando o serviço o levava a passar por lá.

A partir de então, não tornara a envolver-se com qualquer homem. A mãe dissera-lhe que, mais cedo ou mais tarde, todos acabavam por trair as mulheres, e não se equivocara.

Naquela noite, a uma semana do Natal, adormeceu com o programa de “A Flauta Mágica” entre os dedos. Enquanto sorria e os sonhos lhe acudiam, exibia um sorriso de felicidade. Claro não havia mal algum nisso...

Capítulo 13

O longo Mercedes cinzento tinha dificuldade em avançar, devido ao tráfego intenso. Buzinando furiosamente, o condutor necessitava de abrir caminho à força por entre a torrente de veículos que sulcavam as ruas denominadas Khulafa e Rashid.

Era a parte velha de Bagdá, onde os vendedores ambulantes das especialidades mais variadas desenvolviam o seu negócio nos últimos séculos.

O Mercedes enveredou pela Bank Street, não menos congestionada que as outras, e finalmente entrou na Shurja. Adiante, o mercado ao ar livre de especiarias apresentava-se impenetrável. O motorista voltou a cabeça para trás parcialmente e anunciou:

— Não posso ir além daqui.

Leila Al-Hilla assentiu com um gesto e aguardou que lhe abrissem a porta. Ao lado do condutor, sentava-se Kemal, guarda-costas pessoal do general Kadiri, um corpulento sargento do Corpo de Blindados, que estava ao seu serviço desde longa data. Ela, por seu turno, detestava-o.

Uma das razões por que não o podia ver era o fato de a seguir a toda a parte. Embora se tratasse da sua obrigação, determinada por Kadiri, o conhecimento disso não contribuía para que o odiasse menos. Nessa conformidade, apeou-se, sem o olhar ou uma simples palavra de agradecimento.

O outro motivo que a impelia a abominá-lo era o mal disfarçado apetite com que a fitava. No fundo e por princípio, Leila não desdenhava as atenções de um membro do sexo oposto, todavia aquele tinha um defeito insuperável: era pobre.

Por seu turno, o homem pressentia a repulsa de que era alvo e divertia-se a insultá-la com as suas miradas concupiscentes, ao mesmo tempo que, verbalmente, mantinha uma atitude formal. Ela queixara-se a Kadiri da insolência do guarda-costas, todavia ele limitara-se a rir. A servidão e subserviência de Kemal impedi-lo-iam de cometer qualquer atrevimento de semelhante natureza.

Agora, ele fechou a porta ruidosamente e colocou-se ao lado

de Leila, enquanto percorriam a Shurja Street a pé.

Aquela área denomina-se Agid ai Nasara, Zona dos Cristãos. Além da igreja de São Jorge, do outro lado do rio, construída pelos ingleses para o seu próprio culto protestante, há três seitas cristãs no Iraque, que representam cerca de sete por cento da população.

O desigual par alcançou o portão de ferro forjado de acesso ao pátio pavimentado diante da porta arqueada do templo caldeu e Kemal deteve-se. Na sua qualidade de muçulmano, não avançaria nem mais um passo. Ela inclinou a cabeça e entrou, depois de adquirir uma vela numa espécie de cubículo.

O guarda-costas encolheu levemente os ombros e afastou-se alguns metros para comprar uma lata de coca^cola e procurar um lugar para se sentar, sem perder de vista a igreja. Não compreendia por que razão Kadiri permitia aquilo. A mulher não passava de uma prostituta e cansar-se-ia dela um dia, após o que ele, Kemal, poderia satisfazer o mal contido desejo, como lhe fora prometido.

Leila deteve-se depois de entrar para acender a vela numa das centenas que ardiam junto da porta e, de cabeça inclinada para o peito, encaminhou-se para os confessionários. Cruzou-se com um sacerdote de sotaina preta, que não lhe prestou atenção.

Apesar de haver vários, o confessionário era sempre o mesmo. Leila transpôs a estreita porta, sentou-se no banco destinado aos penitentes e aguardou. À sua direita, havia um espaço gradeado, atrás do qual soou uma espécie de ruge-ruge. Ele nunca deixava de comparecer à hora combinada. Quem seria? Por que pagava tão bem as informações que lhe fornecia? Não se tratava de um estrangeiro, pois exprimia-se num árabe demasiado perfeito para que tal pudesse acontecer, com o sotaque inconfundível das pessoas nascidas e criadas em Bagdá.

— Leila?

A voz não passava de um murmúrio uniforme. Ela tinha de chegar sempre depois dele e sair antes. De resto, advertira-a de que não devia ficar nas proximidades para tentar vê-lo, o que, de qualquer modo, seria impossível, com Kemal a espreitar constantemente por cima do seu ombro. !

— Identifica-te, por favor. — Pequei em assuntos carnais e não mereço a sua absolvição.

Fora ele que inventara a frase, porque mais ninguém se exprimiria assim.

— Que me trazes?

Leila estendeu a mão por entre as pernas e extraiu da vagina o tampão especial que ele lhe entregara, várias semanas atrás. Desenroscou uma das extremidades e retirou um estreito rolo de papel de diâmetro não superior ao de um lápis, que introduziu no espaço gradeado.

— Espera.

Ela ouviu o leve ruído produzido pelo desenrolar do papel que continha as informações que inscrevera-o relatório sobre as deliberações e conclusões do conselho de planeamento da véspera presidido pelo próprio Saddam Hussein, em que o general Abdullah Kadiri também estivera presente.

— Muito bem, Leila. Excelente.

Desta vez, o pagamento era em francos suíços, que ela se apressou a fazer desaparecer no lugar em que transportara as informações.

— Quanto tempo mais durará isto? — atreveu-se a perguntar.

— Já não falta muito. A guerra não tarda. No final, o Rais cairá e outros assumirão o poder. Estarei entre eles. Serás então devidamente recompensada. Conserva a calma, executa a tua tarefa e sê paciente.

Leila sorriu. Devidamente recompensada. Dinheiro aos montes, mais do que suficiente para partir para longe e ser rica até os seus últimos dias.

— Agora, vai-te.

Levantou-se e abandonou o confessionário. Quando saiu do templo, viu que Kemal aguardava do outro lado do gradeamento, com uma lata de coca-cola na mão possante, a transpirar abundantemente.

Sem se dignar olhá-lo, dirigiu-se para o local onde o Mercedes ficara estacionado. Não prestou a menor atenção a um pobre fellagha que pedalava numa bicicleta com uma cesta na retaguarda e viera ao mercado para comprar determinadas especiarias que a cozinheira da casa onde trabalhava lhe ordenara.

Uma vez só no confessionário, o homem de sotaina preta de

sacerdote caldeu deixou transcorrer alguns minutos para dar tempo à sua agente para se distanciar. Embora fosse extremamente improvável que o reconhecesse, naquela atividade todos os cuidados eram poucos.

Não a iludira com o que lhe dissera. A eclosão da guerra aproximava-se. Nem o afastamento da Dama de Ferro do governo de Londres o impediria. Os americanos não recuariam, depois da posição firme que haviam assumido.

O essencial era que aquele tresloucado do palácio junto do rio, na Ponte de Tamuz, não estragasse tudo e retirasse unilateralmente do Kuwait. Por sorte, parecia empenhado na sua própria destruição. Os americanos ganhariam a guerra e entrariam em Bagdá para completar a obra. Claro não se limitariam a libertar o Kuwait, convencidos de que tudo terminaria aí. Nenhum povo podia ser simultaneamente tão poderoso e ingenuo.

Quando eles chegassem, precisariam de um regime novo. Como americanos, gravitariam no sentido de alguém que falasse inglês fluente, compreendesse os seus hábitos, pensamentos e oratória e soubesse o que dizer para lhes agradar e desfrutar da sua preferência.

A própria educação, a urbanidade cosmopolita que agora militava contra ele, jogaria a seu favor. Para já, achava-se excluído dos conselhos de alto nível e decisões capitais do Rais, porque não pertencia à tribo de néscios de al-Tikriti, nem era um fanático irredutível do Partido Baath, general ou meio-irmão de Saddam.

Mas Kadiri era Tikrit e desfrutava de confiança. Apesar de um mero general de blindados e possuidor dos gostos de um camelo na época do cio, alinhara outrora na poeira dos becos de Tikrit com o Rais e o seu clã, o que bastava. Ele, Kadiri, achava-se presente em todas as reuniões de tomada de decisões, conhecia todos os segredos, e o homem do confessionário também necessitava de saber essas coisas, para proceder aos preparativos.

Por fim, convencido de que o caminho estava desimpedido, abandonou o templo pelas traseiras.

O homem da bicicleta achava-se apenas a uma dezena de metros de distância. Olhou por casualidade, quando o sacerdote emergiu da igreja, e desviou-se a tempo. O outro lançou-lhe uma

mirada, mas não prestou atenção especial ao fellagha debruçado sobre a máquina, na aparente tentativa de ajustar a corrente, e encaminhou-se apressadamente para um pequeno carro estacionado no beco.

O homem da bicicleta tinha a fronte coberta de transpiração e sentia o coração palpitar desordenadamente. Fora por um triz. Evitava deliberadamente aproximar-se do quartel-general da Mukhabarat em Mansour para não esbarrar naquele indivíduo. Que demônio faria disfarçado de sacerdote, no bairro cristão?

Havia anos, muitos, que tinham brincado juntos no pátio da Escola Preparatória de Mr. Hartley, quando lhe aplicara um soco no queixo por insultar o irmão mais jovem, recitavam poesia nas aulas, sempre ultrapassados por Abdelkarim Badri. Passara muito tempo desde que vira pela última vez o seu velho amigo Hassam Rahmani, agora chefe da contra espionagem da República do Iraque.

Era o advento do Natal e, nos desertos a norte da Arábia Saudita, trezentos mil americanos e europeus concentravam os pensamentos nos seus lares, enquanto se preparavam para assistir ao festival num território profundamente muçulmano. Mas, apesar da iminente celebração do nascimento de Cristo, reinava azáfama crescente nos bastidores da maior força armada de invasão desde a da Normandia, na Segunda Guerra Mundial.

A porção do deserto em que as tropas da Coligação estavam continuava a ser a área a sul do Kuwait. Não existia a menor sugestão de que todos aqueles efetivos viriam a estender-se igualmente para oeste.

Nos portos costeiros, as novas divisões continuavam a desembarcar. A Quarta Brigada Blindada juntara-se aos Ratos do Deserto, a Sétima, para formar a Primeira Divisão Blindada. Os franceses contribuíam com dez mil homens, que incluíam a Legião Estrangeira.

Os americanos haviam importado — ou preparavam-se para o fazer — a Primeira Divisão de Cavalaria, o Segundo e Terceiro Regimentos de Cavalaria Blindados, a Primeira Divisão de Infantaria Mecanizada e duas divisões de Fuzileiros.

As águas a norte do Golfo Pérsico estavam repletas de vasos de guerra das armadas da Coligação. No Golfo ou no Mar Vermelho,

do outro lado da Arábia Saudita, os Estados Unidos tinham posicionado cinco grupos de transportes de tropas e material, comandados pelos porta-aviões Eisenhower, Independence, John F. Kennedy, Midway e Saratoga, com o America, Ranger e Theodore Roosevelt ainda por chegar.

O poder aéreo só desses, com os seus Tomcat, Hornet, Intruder, Prowler, Avenger e Hawkeyes, era impressionante.

Ao longo dos estados do Golfo e da Arábia Saudita, todos os aeródromos estavam cheios de aparelhos, muitos dos quais efetuavam incursões nas cercanias do espaço aéreo iraquiano, sem contudo o invadir.

No entanto, também havia distrações, uma das quais consistia em visitar unidades vizinhas, para matar o tempo, por assim dizer. Os americanos estavam equipados com excelentes leitos de campanha que os ingleses invejavam. E dispunham igualmente de refeições pré-confeccionadas singularmente revoltantes, decerto idealizadas por algum funcionário público do Pentágono que preferiria morrer a ter de as tragar três vezes por dia.

Chamavam-lhes MRE, iniciais de Meals-Ready-to-Eat. Todavia, os soldados americanos negavam essa qualidade e afirmavam que a sigla significava Refeições Rejeitadas pelos Etíopes 36). Curiosamente, os ingleses comiam muito melhor, pelo que, em obediência à ética capitalista, não tardou a funcionar um sistema de trocas de camas americanas por rações britânicas.

Pouco antes do Natal, verificou-se a reintegração do contingente francês no coração do planeamento Aliado.

Nos primeiros dias, a França tivera um desastroso Ministro da Defesa chamado Jean-Pierre Chevènement, que parecia experimentar uma decidida simpatia pelo Iraque e ordenara ao comandante francês que comunicasse todas as decisões de planeamento dos Aliados a Paris.

Quando o general Schwarzkopf se inteirou, ele e Sir Peter de la Billière quase rebentaram a rir. Monsieur Chevènement era na época também presidente da Sociedade de Amizade França-Iraque. Embora o contingente francês fosse comandado por um excelente militar, o general Michel Roquejoffre, a França tinha de ser excluída de todos os conselhos de planeamento.

No final do ano, Pierre Joxe foi nomeado Ministro da Defesa e apressou-se a rescindir a ordem. A partir de então, o general Roquejoffre passou a desfrutar da confiança dos ingleses e americanos.

Dois dias antes do Natal, Mike Martin recebeu de Jericho a resposta a uma pergunta formulada uma semana atrás. O informante era peremptório: houvera, poucos dias antes, uma reunião do Gabinete de crise, apenas com a participação dos conselheiros de Saddam Hussein, Conselho do Comando Revolucionário e generais superiores.

Nela, fora abordada a questão da retirada voluntária do Kuwait. Obviamente, a proposta não partira de qualquer dos presentes — ninguém era estúpido a esse ponto. Com efeito, todos se recordavam perfeitamente de uma ocasião, durante a guerra Irã-Iraque, em que se registrara a sugestão iraniana segundo a qual, se Saddam Hussein abandonasse o poder, poderia haver paz. O Rais pedira a opinião dos outros.

O Ministro da Saúde observara que semelhante movimento poderia revelar-se sensato, como um estratagema puramente temporário, claro. Saddam convidou-o a acompanhá-lo a uma sala contígua, puxou do revólver, matou-o, e voltou a juntar-se aos outros para prosseguir a reunião.

A questão do Kuwait fora abordada sob a forma de uma denúncia das Nações Unidas por se atrever a sugerir a ideia. Todos aguardavam que Saddam indicasse a atitude a tomar. No entanto, ele declinou fazê-lo, de olhos semicerrados, à cabeceira da mesa, como uma serpente vigilante, à procura do mínimo indício de deslealdade.

Por fim, satisfeito com o silêncio à sua volta, fez uso da palavra. Quem deixasse transparecer sequer a mínima inclinação para semelhante humilhação catastrófica do Iraque perante os americanos, seria indigno de se sentar àquela mesa.

Não se voltou a falar no assunto. Os outros apressaram-se a proclamar que um pensamento daquela natureza se achava incomensuravelmente afastado das suas mentes.

Em seguida, o ditador iraquiano acrescentara algo. Somente se o Iraque pudesse vencer, e tornar-se manifesto que vencera,

existiria a possibilidade de uma retirada da décima nona província do país.

Todos concordaram com prontidão, apesar de não fazerem a menor ideia do que o Rais tinha realmente no pensamento.

Era uma informação longa, e Mike Martin transmitiu-a à casa nos arrebaldes de Riad na mesma noite.

Chip Barber e Simon Paxman analisaram-na durante horas consecutivas. Ambos tinham decidido deslocar-se a casa por breves dias, deixando os contatos com Mike Martin a cargo de Julian Gray, em nome da Inglaterra, e do chefe de posto da CIA, em representação dos Estados Unidos. Faltavam somente vinte e quatro dias para o termo do ultimato das Nações Unidas e o início da guerra aérea do general Chuck Horner contra o Iraque. Os dois homens desejavam juntar-se às respectivas famílias por uma breve temporada, e a longa e importante informação de Jericho proporcionava-lhes a oportunidade, se a levassem consigo.

— Que quererá ele dizer com “vencer e tornar-se manifesto que venceu”? — perguntou Barber.

— Não faço a menor ideia — admitiu Paxman. — Vamos ter de recorrer a analistas mais experientes do que nós.

— Sou da mesma opinião. Fornecerei o texto a Bill Stewart, para que consulte alguns luminares na matéria.

— Sei de um luminar que me agradaria que o visse.

Na véspera do Natal, sentado num bar pouco frequentado no West End de Londres, com Simon Paxman, o Dr. Terry Martin leu a mensagem completa proveniente de Jericho, após o que o outro lhe pediu que tentasse determinar o verdadeiro sentido daquela passagem.

— Em troca dos pequenos favores que me tem pedido, gostava que me fizesse um — observou Martin. — Como se encontra o meu irmão, no Kuwait? Continua em segurança?

Paxman olhou-o em silêncio por uns segundos. — Só lhe posso dizer que já não está no Kuwait.

— É a melhor prenda de Natal que me podiam dar. — Martin corou levemente de alívio. — Obrigado, Simon. — Agitando o indicador num gesto de simulada admoestação, acrescentou:-Não se lembrem nunca de o mandar para Bagdá.

A expressão do rosto de Paxman não se alterou, convencido de que o interlocutor não falava a sério.

— Por quê? — acabou por perguntar.

— Porque é a única cidade do mundo em que ele não deve pôr os pés. Lembra-se daquelas gravações de interceptações na rádio que Sean Plummer me mostrou? Algumas vozes foram identificadas. Reconheci um dos nomes.

— Sim? Continue.

— Já lá vai muito tempo, claro, mas tenho a certeza de que se trata da mesma pessoa. E quer saber uma coisa?

— É atualmente o chefe da contra espionagem em Bagdá, caçador de espiões Número Um do Saddam.

— Hassan Rahmani — murmurou Paxman.

— Esse mesmo. Andaram juntos na escola. Os três. Eu também. Na do velho Mr. Hartley. O Mike e o Hassan eram amigos íntimos. É por isso que o meu irmão não deve ir a Bagdá.

Quando se despediram, na rua, Paxman acompanhou o outro com a vista, ao mesmo tempo que refletia: “Quem podia adivinhar uma coisa destas? ” Alguém acabava de lhe estragar o Natal, e ele preparava-se para fazer o mesmo ao de Steve Laing.

Edith Hardenburg fora a Salisburgo, para passar a quadra festiva com a mãe, tradição que remontava a muitos anos.

O jovem estudante jordaniano, Karim, pôde então visitar Gidi Barzilai no apartamento da casa segura, onde o chefe da Operação Joshua oferecia bebidas aos membros das equipes yarid e neviot de folga sob as suas ordens. Apenas um infeliz tivera de seguir para Salisburgo, a fim de não perder de vista Miss Hardenburg, se porventura esta decidisse regressar à capital prematuramente.

O verdadeiro nome de Karim era Avi Herzog, jovem de vinte e nove anos, que a Mossad recrutara da Unidade 504, ramo dos serviços secretos do exército especializados em incursões através da fronteira, o que explicava o seu árabe fluente. Devido ao aspecto atraente e maneiras enganadoramente tímidas que podia aparentar quando queria, a Mossad utilizara-o por duas vezes para manobras de sedução.

— Como vai isso, pinga-amor? -perguntou Gidi, enquanto distribuía as bebidas.

— Devagar.

— Não tarde muito, porque o Velho quer resultados rápidos, como sabe.

— Trata-se de uma dama muito prudente — replicou Avi. — Só lhe interessa a união de mentes... por enquanto.

Para a sua cobertura de oriundo de Aman, instalara-se num pequeno apartamento partilhado com um estudante árabe, membro da equipe neviot, especialista da montagem de escutas telefônicas, que também falava árabe. Isto para o caso de Edith Hardenburg ou qualquer curioso pretender averiguar onde vivia e com quem.

O apartamento em causa podia ser alvo da inspeção mais minuciosa e achava-se inundado de livros de engenharia e jornais e revistas jordanianos. Os dois homens tinham-se matriculado realmente na Universidade Técnica, para a eventualidade de alguém estender a curiosidade igualmente naquela direção. Foi o companheiro de Avi quem respondeu:

— União de mentes? Passa já à fase seguinte, homem!

— Para já, não acho prudente. A propósito, vou precisar de dinheiro para riscos.

— Por quê? — estranhou Gidi. — Receia que ela lho morda, quando baixar as calças?

— É para as galerias de arte, concertos, óperas e recitais.

— Posso morrer de aborrecimento, antes de chegarmos a esse ponto.

— Continue a proceder como até aqui. Você acompanhou-nos apenas porque a sede acha que tem uma coisa que nos falta.

— Sim, cerca de vinte centímetros — interpôs a jovem da equipe yarid.

— Pare lá com isso, Yael. Pode voltar para a orientação do trânsito na Rua Hayarkon quando quiser.

Continuaram a trocar comentários jocosos durante algum tempo. Mais tarde, naquela noite, Yael descobriu que não se equivocara. Foi um bom Natal para a equipe do Mossad, em Viena.

— Então, que lhe parece, Terry?

Steve Laing e Simon Paxman tinham convidado Martin a reunir-se-lhes num dos apartamentos da Firma em Kensington, pois precisavam demais isolamento do que obteriam num restaurante.

Faltavam dois dias para o Ano Novo.

— Fascinante — declarou o interpelado. — Absolutamente fascinante. Isto corresponde à verdade? O Saddam disse de fato o que o texto refere?

— Por que o pergunta?

— Para ser franco, parece-me uma escuta telefônica estranha. O narrador descreve a outra pessoa uma reunião em que participou, enquanto ela se conserva calada.

— A Firma estava totalmente impossibilitada de lhe revelar as circunstâncias em que obtivera a informação.

— As intervenções do interlocutor são esporádicas — observou Lang. — Limita-se a emitir um grunhido ou uma expressão de interesse ocasional.

— Mas foi esta a linguagem que o Saddam empregou?

— Temos motivos para pensar que sim.

— Fascinante — repetiu Martin. — É a primeira vez que vejo uma coisa que ele disse que não se destina a divulgação pública.

Tinha nas mãos não a informação manuscrita de Jericho, destruída pelo irmão em Bagdá logo após ter sido lida integralmente para o gravador, mas uma transcrição datilografada em árabe do texto recebido em Riad através da “erupção” transmitida antes do Natal. Dispunha igualmente da tradução em inglês fornecida pela Firma.

— A última frase, em que ele diz “vencer e tornar-se manifesto que venceu” sugere-lhe alguma coisa? — perguntou Paxman, que devia regressar a Riad naquela noite.

— Com certeza. No entanto, vocês empregam o termo “vencer” na sua conotação europeia e norte-americana. Eu usaria antes o inglês: succeed.

— Seja. Como pensará ele que pode triunfar da América e da Coligação? — insistiu Laing.

— -Através da humilhação. Como já referi, tem de deixar a América coberta de ridículo.

— Mas não sairá do Kuwait dentro dos próximos vinte dias? Precisamos urgentemente de o saber, Terry.

— Bem, o Saddam invadiu-o porque as suas pretensões não seriam satisfeitas — volveu Martin. — Exigia quatro coisas: tomar as

ilhas Warba e Bubiyan para ter acesso ao mar; uma compensação pelo excesso de petróleo que afirma que o Kuwait extraía do campo comum; termo do excesso de produção kuwaitiano; e o perdão da dívida de guerra de quinze bilhões de dólares. Se conseguir tudo isto, poderá abandonar o Kuwait com honra e deixará a América de mãos a abanar, por assim dizer. Equivalerá a uma vitória.

— Há alguma possibilidade de ele pensar que a obterá?

Encolheu os ombros.

— Supõe que os pacifistas das Nações Unidas poderiam contribuir. Joga com o fator tempo a seu favor.

— O homem não faz sentido — resmungou Laing. — O prazo que lhe foi imposto termina em 16 de janeiro e faltam menos de vinte dias. Será esmagado.

— A menos que um dos Membros Permanentes do Conselho de Segurança apresente no último instante um plano de paz para manter o ultimato em suspenso. Paris ou Moscou. Ou ambas.

— Ele achará que pode vencer, se houver guerra? — inquiriu Paxman, que se apressou a retificar: — Desculpe, “triunfar”.

— Creio que sim — admitiu Martin. — Mas depende das baixas dos americanos. Não esqueçamos que o Saddam é um antigo arruaceiro. O seu eleitorado não se situa nos corredores da diplomacia do Cairo e Riad, mas nos becos e bazares apinhados de palestinianos e outros árabes que odeiam a América, apoiante de Israel. Por conseguinte, quem conseguir amesquinhar os americanos merecerá as preferências desses setores.

— Mas ele não pode fazer isso — argumentou Laing.

— Está convencido do contrário. Repare: é suficientemente atilado para compreender que, aos seus próprios olhos, a América não pode perder, não deve perder. Seria inaceitável. Lembremo-nos do Vietnã. Os combatentes regressaram à pátria e foram cobertos de lixo. Para a América, baixas pesadas às mãos de um inimigo que despreza representam uma forma de derrota. Uma derrota inaceitável. Por seu turno, o Saddam pode ficar sem cinquenta mil homens em qualquer momento e lugar. É-lhe indiferente, ao contrário do que se passa com o Tio Sam. Se essas baixas pesadas se consumarem, ficará abalado até o núcleo. Rolarão cabeças, haverá carreiras aniquiladas e governos cairão. As recriminações e

trocas de acusações de culpa poderão prolongar-se por toda uma geração.

— Não acredito que seja capaz disso — asseverou.

— Pois ele acha que sim — replicou Martin.

— É o gás venenoso — grunhiu Paxman.

— Talvez. É verdade, chegaram a descobrir o significado daquela frase na interceptação do telefonema?

Laing e Paxman entreolharam-se. Jericho, mais uma vez. Impunha-se que não o mencionassem.— Não — respondeu o primeiro. — Ninguém conseguiu explicar.

— Pode ter importância, Steve. Outra coisa, além do gás. Em menos de vinte dias, os americanos, conosco, os franceses, italianos, sauditas e outros, vão lançar contra Saddam Hussein a maior frota aérea que o mundo jamais viu. Um bombardeio de 20 dias que vai ultrapassar as toneladas de projéteis utilizados na Segunda Guerra Mundial. Os generais estão atarefadíssimos em Riad. Não podemos chegar lá e dizer-lhes: “Aguentem um pouco, enquanto tentamos decifrar uma frase que interceptamos.” Aceitemos a explicação mais natural: não passava de um homem excitado que dizia que Deus estava do seu lado.

— Não há nada de estranho nisso, Terry — acudiu Paxman.

— As pessoas que vão para a guerra proclamam que contam com o apoio de Deus desde os primórdios da História.

— O interlocutor mandou-o calar e desligar — recordou-lhes Martin.

— Devia estar ocupado e mal disposto.

— Chamou-lhe filho de uma prostituta. — Não devia simpatizar com ele. possível...

— Não se preocupe mais com isso, Terry. Foi uma frase banal. É com o gás venenoso que o Saddam conta. Concordamos com o resto da sua análise.

Terry foi o primeiro a retirar-se, e os dois homens dos serviços secretos imitaram-no vinte minutos mais tarde. Encolhidos dentro dos sobretudos, de golas levantadas, afastaram-se à procura de um táxi.

— O tipo não é parvo, e confesso que concordo inteiramente com ele — disse Laing. — Mas acho-o um picuinhas. Está ao

corrente da sua vida privada?

— Sem dúvida. A Caixa investigou-o.

A Caixa, ou Caixa 500, é a designação em calão do Serviço de Segurança, M.I.5. Outrora, há muito tempo, o endereço deste último era na realidade: Caixa Postal 500, Londres.

— Então, sabe ao que me refiro.

— Não creio que isso tenha nada que ver com o resto.

Laing deteve-se e fitou o subordinado.

— Acredite no que lhe digo, Simon. Está a fazer-nos perder tempo com as suas picuinhas. Mande-o passear.

— Tem de ser a arma do gás, senhor Presidente.

Três dias após as festividades do Ano Novo na Casa Branca, para alguns inexistentes devido à gravidade da situação mundial, toda a Ala Oeste, coração da Administração dos Estados Unidos, fervilhava de atividade.

No isolamento da Sala Oval, George Bush sentava-se atrás da imensa secretária, tendo nas suas costas as janelas altas e estreitas com vidraças de quinze centímetros de espessura.

Na sua frente, estava o general Brent Scowcroft, conselheiro da Segurança Nacional.

O Presidente baixou os olhos para o resumo das análises que acabava de lhe ser apresentado e perguntou:

— Estão todos de acordo?

— Sim, senhor. O material recebido de Londres indica que os seus pontos de vista coincidem inteiramente com os nossos. Saddam Hussein não retirará do Kuwait a menos que se lhe conceda uma “saída”, uma coisa que lhe salve a face, que providenciaremos para que não obtenha. Quanto ao resto, confiará em ataques de gás maciços às forças terrestres da Coligação, antes ou durante a invasão.

George Bush era o primeiro Presidente americano depois de John F. Kennedy que combatera realmente. Vira corpos de americanos ceifados num campo de batalha. No entanto, havia algo de particularmente hediondo, de especialmente revoltante, na perspectiva de jovens combatentes nos seus derradeiros momentos de vida, contorcendo-se sob os efeitos do gás que destruía os tecidos e paralisava o sistema nervoso central.

— Como o lançará?

— Pensamos que há quatro opções. A mais óbvia é por meio de recipientes largados de bombardeiros e caças. Colin Powell acaba de contatar pelo telefone com Chuck Horner, em Riad, o qual revelou que necessita de trinta e cinco dias de guerra aérea ininterrupta. A partir do vigésimo dia, nenhum avião iraquiano poderá chegar à fronteira. Do trigésimo em diante, nenhum estará no ar mais de sessenta segundos. Diz que o pode garantir, de contrário demite-se.

— E as outras opções?

— O Saddam tem várias baterias MLRS. Tudo indica ser essa a segunda linha de possibilidades.

Os sistemas de mísseis de multi lançamento eram de fabricação soviética e baseavam-se nos velhos Katyushka empregados com efeitos devastadores pelo exército da URSS na Segunda Guerra Mundial. Agora totalmente atualizados, esses mísseis, lançados em sequência rápida de uma plataforma retangular colocada na carroçaria de um caminhão ou numa posição fixa, tinham um raio de ação de cem quilômetros.

— Naturalmente, em virtude do seu alcance, teriam de ser lançados do interior do Kuwait ou do deserto iraquiano para oeste. Estamos convencidos de que os J-STARS os detetarão no radar e neutralizarão. Por muito que os iraquianos os camuflem, o metal acabará por denunciá-los. Quanto ao resto, o Iraque dispõe de enormes quantidades de obuses com gás utilizáveis pelos tanques ou artilharia. O raio de ação é inferior a trinta e sete quilômetros. Sabemos que estão reunidos em vários pontos do deserto, e a rapaziada da aviação garante que os conseguirá localizar e destruir. Finalmente, há os Scud, de que neste momento nos ocupamos.

— E quanto a medidas preventivas?

— Estão concluídas, senhor Presidente. Todos os homens foram vacinados, para a eventualidade de um ataque com antraz.

— Os ingleses seguiram-nos o exemplo. Entretanto, a produção dessa vacina aumenta gradualmente. E todos os homens e mulheres dispõem de máscaras antigás e capas apropriadas para se protegerem.

George Bush levantou-se e fixou o olhar na águia metálica do

selo dos Estados Unidos na parede.

Vinte anos atrás, assistira ao desembarque dos sacos herméticos que continham corpos sem vida procedentes do Vietnã, e sabia que os havia em número elevado encerrados em contentores sem qualquer marca, sob o sol escaldante da Arábia Saudita.

Apesar de todas as precauções, haveria áreas do corpo expostas, máscaras que não conseguiriam ser colocadas a tempo.

No ano seguinte, candidatar-se-ia à reeleição. Mas não era isso que interessava agora. Tanto se ganhasse como perdesse, não queria ficar na História como o Presidente americano que enviara dezenas de milhares de soldados para a morte, como no Vietnã, ao longo, não de nove anos, mas de escassas semanas ou mesmo dias.

— Brent...

— Senhor Presidente?

— James Baker deve avistar-se em breve com Tariq Aziz.

— Dentro de seis dias, em Genebra.

— Diga-lhe que venha falar comigo, por favor.

Na primeira semana de janeiro, Edith Hardenburg começou a estar contente consigo mesma, mas a valer, pela primeira vez em vários anos. Emocionava-a explorar e explicar ao seu jovem e ávido amigo as maravilhas da cultura que a cidade em que nascera encerrava.

O Winkler Bank concedia ao pessoal umas minifériasde quatro dias, para incluir o Ano Novo e depois eles teriam de cingir as suas digressões culturais à noite, o que ainda concedia a promessa de irem ao teatro, concertos ou recitais ou os fins-de-semana, em que os museus e galerias de arte permaneciam abertos.

Passaram meio dia no Jugendstil a admirar a arte nova e outro no Sezession, onde há a exposição permanente das obras de Klimt.

O jovem jordaniano mostrava-se encantado e entusiasmado, com uma reserva inesgotável de perguntas, e Edith Hardenburg deixava-se contagiar, os olhos brilhantes de excitação ao anunciar que havia outra maravilhosa exposição no Kunstlerhaus, visita imprescindível para o fim-de-semana seguinte.

Depois de apreciarem os trabalhos de Klimt, Karim levou-a a

jantar no Rotisserie Sirk. Ela protestou com a despesa envolvida, porém ele explicou que o pai era um cirurgião abastado em Mamam e lhe enviava uma mesada generosa.

Quando tomavam café, após uma refeição que Karim se esforçou por manter o mais regada possível, inclinou-se para a frente e pousou a mão na dela, a qual corou e olhou apressadamente em volta, mas ninguém parecia ter reparado. Não obstante, recolheu-a, embora com notável lentidão.

No final da semana, haviam visitado quatro dos tesouros culturais que Edith tinha em mente, e quando regressavam ao carro, após um serão no Musikverein, ele pegou-lhe na mão enluvada e exerceu alguma pressão. Desta vez, ela absteve-se de a retirar.

— Tem sido muito atenciosa para comigo — murmurou Karim, gravemente. — Imagino como isto a deve aborrecer.

— Oh, não, de modo algum! Adoro escutar e admirar todas essas coisas maravilhosas. E congratulo-me por você pensar do mesmo modo. Em breve será perito em arte e cultura europeias.

Quando chegaram ao carro, ele segurou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a nos lábios.

— Danke, Edith.

E afastou-se. Ela pôs o veículo em marcha como habitualmente, porém as mãos tremiam e quase colidiu com um "elétrico".

O Secretário de Estado James Baker encontrou-se com o Ministro dos Assuntos Estrangeiros iraquiano, Tariq Aziz, em Genebra, a 9 de janeiro. A reunião não foi longa nem cordial. Nem eles pretendiam que o fosse. Achava-se presente apenas um intérprete de inglês-árabe, embora o representante do Iraque dominasse o idioma do interlocutor suficientemente bem para o compreender. A mensagem deste último era muito simples.

— Se, durante as hostilidades que poderão ocorrer entre os nossos países, o seu governo decidir utilizar a arma internacionalmente proibida do gás venenoso, estou autorizado a informá-lo e ao Presidente Hussein de que o meu recorrerá a um engenho nuclear. Por outras palavras, arrasaremos Bagdá.

O pequeno iraquiano de cabelos grisalhos abarcou o sentido da advertência, mas a princípio não quis acreditar. Antes demais,

ninguém em plena posse das faculdades mentais se atreveria a dirigir uma ameaça tão insultuosa ao Rais.

Por outro lado, inicialmente não ficou muito convencido da sinceridade do americano. As sequelas do lançamento de uma bomba atômica decerto não se limitariam a Bagdá. Devastariam metade do Oriente Médio.

Tariq Aziz, que regressou ao seu país profundamente preocupado, ignorava três coisas.

Em primeiro lugar, as chamadas bombas nucleares de “teatro” da ciência moderna são muito diferentes da lançada em Hiroxima, em 1945. Os novos engenhos de efeitos limitados têm a designação de “limpos” devido ao fato de a radio-atividade que perdura após o lançamento ser de duração extremamente breve, apesar da extensão dos estragos produzidos.

Em segundo, nas entranhas do couraçado Wisconsin, então estacionado no Golfo, a que se juntara o Missouri, havia três contentores de aço e betão muito especiais, dentro dos quais estavam três mísseis de cruzeiros Tomahawk, que os Estados Unidos esperavam nunca ter de utilizar.

Em terceiro, o Secretário de Estado exprimia-se com sinceridade absoluta.

O general Sir Peter de la Billière percorria a área desértica sob a noite silenciosa. Militar profissional e antigo combatente, os seus gestos tinham tanto de ascéticos como o seu corpo de magro. Impossibilitado de experimentar prazer com o luxo oferecido pelas cidades, sentia-se mais à vontade nos acampamentos e companhia de camaradas de armas. À semelhança de outros antes dele, apreciava o deserto árabe, com os seus vastos horizontes, Sol escaldante, frio enregelador e, com frequência, o silêncio impressionante.

Naquela noite, numa visita às linhas da frente, um dos prazeres que se permitia com a maior frequência possível, abandonara o Campo de São Patrício, deixando atrás de si os tanques Challenger debaixo das suas redes, como animais agachados pacientemente à espera do momento de saltar sobre a presa. Entretanto, tornara-se amigo do general Schwarzkopf e inteirara-se do resultado das numerosas reuniões de alto nível, pelo

que sabia que a guerra estava iminente. Menos de uma semana antes da expiração do prazo concedido pelas Nações Unidas, não havia o mais remoto indício de que Saddam Hussein tivesse qualquer intenção de retirar do Kuwait.

O que o preocupava naquela noite era não conseguir compreender o verdadeiro objetivo do tirano de Bagdá. Como militar, o general britânico gostava de entender o inimigo, abarcar-lhe os intentos, as motivações, as táticas, a estratégia global.

Pessoalmente, o ditador iraquiano apenas inspirava desprezo. Os amplos dossiês documentados que descreviam genocídio, tortura e homicídio revoltavam-no. Saddam não fora, nem nunca fora, um militar.

Não era esse o problema, mas a circunstância de haver assumido o comando de todos os aspectos, políticos e militares, e nada do que fazia se revestir da menor sensatez.

Invadira o Kuwait no momento errado e por razões incorretas. Em seguida, perdera a oportunidade de assegurar aos seus compatriotas que se achava aberto à diplomacia e o assunto poderia ser resolvido no âmbito de negociações inter-árabes. Se tivesse enveredado por esse caminho, provavelmente poderia contar com que o petróleo continuasse a fluir e com a perda gradual de interesse do Ocidente pelas conferências do mundo árabe paradas durante anos.

Fora graças à sua estupidez que o Ocidente decidira intervir e, sobretudo, à ocupação do Kuwait, com o seu cortejo de violações e brutalidade e a tentativa para utilizar os ocidentais como escudos humanos, responsáveis pelo seu isolamento total.

Nos primeiros dias, Saddam tivera os campos petrolíferos particularmente ricos do nordeste da Arábia Saudita à sua mercê, mas recuara. Com o exército e a força aérea sob o comando apropriado, poderia mesmo chegar a Riad e impor as suas condições. Não o conseguira e fora montada a Proteção do Deserto, enquanto ele colecionava desastres em termos de relações públicas, em Bagdá.

Como podia um homem ser tão estúpido?

Mesmo em face do poderio aéreo agora disposto contra ele, procedia da maneira errada, política e militarmente. Não faria a

menor ideia da tormenta esmagadora que se desencadearia nos seus céus?

O general deteve-se e fixou o olhar no deserto a norte. Embora não houvesse luar, o brilho das estrelas remotas permitia-lhe descortinar os contornos do impressionante aparato bélico que se estendia à sua frente.

Apesar de tudo, o tirano de Bagdá possuía um trunfo que ele temia. Com efeito, Saddam podia simplesmente abandonar o Kuwait.

O fator tempo não se achava favorável aos Aliados — inclinava-se para o lado do Iraque. A 15 de março, principiariam as festividades muçulmanas do Ramadan. Ao longo de um mês, eles não consumiriam comida nem água entre o nascer e o pôr do sol. Alimentar-se-iam durante a noite. O que tornava a participação do seu exército numa guerra virtualmente impossível.

A partir daquela data, o deserto tornar-se-ia um inferno, com temperaturas superiores a quarenta graus. Aumentariam as pressões para remover os soldados dali e, chegado o verão, tornar-se-iam irresistíveis. Os Aliados teriam de retirar e, depois de o fazerem, jamais regressariam. A Coligação constituía um fenômeno de uma única vez.

Por conseguinte, 15 de março era o limite. A guerra em terra poderia durar vinte dias. Teria de começar-se porventura começasse — até 23 de fevereiro. Mas Chuck Horner precisava de trinta e cinco de guerra aérea para esmagar as armas, regimentos e defesas iraquianas. A data limite era 17 de janeiro.

E se Saddam abandonasse o Kuwait? Faria com que meio milhão de Aliados se cobrissem de ridículo, dispersos pelo deserto, sem terem qualquer inimigo para enfrentar. No entanto, o Rais mostrava-se inflexível — não voltaria atrás com a sua sanha de conquista.

Quais seriam as verdadeiras intenções do homem? Estaria à espera de alguma coisa, uma intervenção divina de uma imaginação que arrasaria os Aliados e o deixaria triunfante?

Soou um grito atrás dele, do lado do acampamento. Voltou-se e viu o comandante dos Queens Royal Irish Hussars, Arthur Denaro, que o chamava para jantar. O corpulento e jovial Denaro, que se

encontraria no primeiro tanque da ofensiva.

O general sorriu e começou a encaminhar-se para lá. Seria agradável avançar no areal com os camaradas de armas.

O inferno que consumisse aquele homem no norte. De que demônio estaria à espera?

Capítulo 14

A resposta à perplexidade do general britânico estava numa plataforma com rodas sob as luzes fluorescentes da fábrica, vinte e cinco metros abaixo do deserto do Iraque, onde fora construído.

Um engenheiro poliu o dispositivo e retrocedeu apressadamente para se perfilar, no momento em que a porta da sala se abriu. Entraram apenas cinco homens antes de os dois guardas armados do pelotão da segurança presidencial, a Amn-aí-Khass, a fecharem.

Quatro desses homens moviam-se respeitosamente em relação ao quinto. Um deles era o guarda-costas pessoal, que não o perdia de vista um único instante, apesar de todos terem sido revistados. Entre ele e o Rais, estava o genro deste último, Hussein Kamil, chefe do Ministério da Indústria e da Industrialização Militar, o MIMI. E, em muitos aspectos, o MIMI absorvera a maior parte das atribuições do Ministério da Defesa., Do outro lado do Presidente, via-se o cérebro do programa do Iraque, Dr. Jaafar Al-Jaafar, gênio considerado o Robert Openheimer iraquiano. Junto dele, mas um pouco atrás, achava-se o Dr. Salah Siddiqui. Enquanto Jaafar era o físico, Siddiqui podia considerar-se o engenheiro.

O aço do seu “brinquedo” refletia a luz branca. Tinha catorze metros de comprimento e mais de um de diâmetro.

Na retaguarda, um metro e vinte era ocupado por um elaborado conjunto de absorção de impactos, que seria retirado logo após o lançamento do projétil. O que restava dos três metros de comprimento do envoltório consistia numa espécie de suporte, uma manga de oito secções idênticas. Minúsculas cargas explosivas fariam com que se separassem, quando o projétil partisse para a sua missão.

O Iraque não possuía a telemetria necessária para comandar lemes móveis por meio de sinais de rádio emitidos da Terra, porém os fixos serviriam para estabilizar o projétil em voo e impedi-lo de se desviar.

Na frente, o nariz cônico era de aço ultra-rijo e pontiagudo, e mais tarde tornar-se-ia dispensável.

Quando um míssil, depois de penetrar no espaço interior no seu voo, regressa à atmosfera da Terra, o ar, tornado mais denso na trajetória descendente, cria um calor de atrito suficiente para fundir o nariz cônico. É por esse motivo que os astronautas, no seu regresso, necessitam da proteção contra o calor, a fim de evitar que a cápsula se incinere.

O dispositivo que os cinco iraquianos contemplavam naquele momento era similar. O nariz cônico de aço facilitaria o percurso ascendente, mas não sobreviveria à reentrada. Assim, estava concebido para se desintegrar no apogeu do voo e expor um cone de reentrada, mais curto e menos pontiagudo, feito de fibra de carbono.

Quando o Dr. Gerald Bull vivera, tentara comprar, em nome de Bagdá, uma firma britânica na Irlanda do Norte, chamada Lear Fan, empresa de aviação que falira. Procurara construir “jatos” de executivos com muitas componentes constituídas por fibra de carbono. O que lhe interessava e a Bagdá não eram os aviões para executivos, mas as máquinas de produção de fibra de carbono de Lear Fan.

A fibra de carbono é extremamente resistente ao calor, mas também muito difícil de manipular. Em primeiro lugar, o carbono é reduzido a uma espécie de “lã”, da qual se extrai uma linha ou filamento, que depois se deposita num molde para criar a configuração desejada.

Como a fibra de carbono é vital para a tecnologia de mísseis e esta secreta, a exportação dessas máquinas reveste-se de infinitas precauções. Quando o pessoal dos serviços secretos britânicos se inteirou de que o equipamento da Lear Fan se destinava ao Iraque, consultou Washington e a transação foi cancelada. Concluiu-se então que os iraquianos não adquiririam a tecnologia do filamento de carbono.

Os peritos estavam, porém, equivocados. O Iraque tentou outra tática, que funcionou. Um fornecedor de produtos de ar condicionado e isolamento americano foi persuadido a vender a uma empresa fantasma controlada por aquele país a maquinaria para tecer a “lã” particularmente dura, e os engenheiros ao serviço do Iraque procederam às modificações adequadas para obtenção

da fibra de carbono. — Entre o amortecedor de impacto da retaguarda e o nariz cônico, situava-se a obra do Dr. Siddiqui — uma pequena bomba atômica artesanal para ser ativada segundo o princípio do cano de uma espingarda, utilizando os catalisadores de lítio e polônio para criar a chuva de neutrões necessária para iniciar a reação em cadeia.

No interior estava o verdadeiro triunfo do Dr. Siddiqui — uma esfera e um tampão tubular, com o peso total de trinta e cinco quilogramas, produzidos sob a égide do Dr. Jaafar. Eram ambos de Urânio 235 puro e enriquecido.

Desenhou-se um sorriso de satisfação nos lábios de Saddam Hussein, que se aproximou para fazer deslizar um dedo ao longo da superfície de aço polido.

— Funcionará? — murmurou. — Funcionará mesmo?

— Sim, sayidi Rais-afirmou o físico.

O ditador inclinou a cabeça lentamente várias vezes.

— Estamos de parabéns, irmãos.

Abaixo do projétil, numa pequena plataforma de madeira, via-se uma simples placa com os dizeres: QUBTH-UT-ALLAH.

Tariq Aziz ponderara demoradamente a melhor maneira — e porventura havia alguma — de transmitir ao Presidente a ameaça americana proferida com tanta brutalidade, em Genebra.

Sabia perfeitamente que, se acontecesse alguma coisa ao seu chefe, ele próprio também chegaria ao termo da sua carreira. Ao contrário de alguns que se moviam em redor do trono, era demasiado arguto para acreditar que viviam num regime popular. O seu verdadeiro receio não eram os estrangeiros, mas a terrível vingança do povo do Iraque, se o véu compacto que protegia o Rais fosse rasgado.

O problema de Tariq Aziz, naquele dia 11 de janeiro, enquanto aguardava o momento de enfrentar Saddam, no regresso da Europa, consistia na maneira como construiria a frase referente à ameaça americana sem atrair a fúria inevitável sobre a sua cabeça. O Presidente poderia facilmente suspeitar que fora ele, o primeiro-ministro, quem realmente a sugerira aos americanos. Não existe a menor lógica na paranoia; apenas o instinto visceral, umas vezes acertado e outras errado. Muitos inocentes tinham morrido, assim

como as respectivas famílias, devido a uma desconfiança injustificada do Rais.

Duas horas mais tarde, quando regressava ao carro, estava aliviado, sorridente e intrigado.

O alívio explicava-se sem dificuldade: o Presidente mostrara-se descontraído e cordial. Escutara com aprovação a descrição receosa da missão em Genebra e inteirara-se da corrente geral que predominava na Europa acerca da situação, com predomínio crescente de um inequívoco antiamericanismo.

No momento em que referiu as palavras pronunciadas por James Baker, preparou-se para a explosão que se lhe afigurava inevitável.

No entanto, apesar de os outros em redor da mesa exibirem expressões indignadas, Saddam Hussein continuara a sorrir.

Aziz também sorria ao retirar-se, porque o Rais o felicitara pelo resultado da sua missão à Europa. O fato de, segundo todos os padrões da diplomacia, haver redundado num discutível desaire, carecia aparentemente de importância.

Quanto ao ar intrigado, devia-se a algo que o Presidente dissera no final da audiência. Fora um aparte, um comentário a meia-voz dirigido ao Ministro dos Assuntos Estrangeiros, quando este se preparava para sair.

— Não se preocupe, Rafeek, prezado camarada. Em breve poderei apresentar uma surpresa aos americanos. Não para já. Se os Beni el Kalb se atreverem a transpor a fronteira, ripostarei, não com gás, mas com o Punho de Deus.

Tariq Aziz inclinara a cabeça vagamente, embora não fizesse a menor ideia do que Saddam pretendia dizer. Todavia, elucidar-se-ia vinte e quatro horas mais tarde, juntamente com outros.

Na manhã de 12 de janeiro, realizou-se a última reunião do Conselho do Comando Revolucionário no palácio presidencial, na esquina das ruas 14 de Julho e Kindi. Uma semana mais tarde, era bombardeado^ e reduzido a escombros, mas a ave que continha há muito que voara.

Como habitualmente, a convocação surgiu quase em cima da hora. Ninguém — independentemente da sua posição hierárquica — sabia com antecedência onde o Rais se encontraria numa hora e dia

determinados.

Se continuava vivo após sete importantes tentativas de assassinato, era em virtude da sua obsessão pela segurança pessoal.

Tanto o pessoal da contra espionagem como a polícia secreta de Ornar Khatib ou o exército ou sequer a guarda republicana não lhe mereciam confiança suficiente para velar por essa segurança, A tarefa competia à Amn-al-Khass, composta de verdadeiros fanáticos, comandada pelo próprio filho do Presidente, Usay.

Mesmo em Bagdá, ele transferia-se de um lugar para outro consoante o capricho do momento — por vezes, passava alguns dias no palácio, enquanto noutras ocasiões se refugiava no bunker, num subterrâneo das traseiras do Hotel Rashid.

Toda a comida que ingeria tinha de ser provada previamente e o provador era o filho primogênito do chef, enquanto o vinho provinha invariavelmente de garrafas seladas.

Naquela manhã, a convocação para o palácio chegou ao conhecimento de cada membro do Conselho do Comando Revolucionário através de um mensageiro especial, com apenas uma hora de antecedência. Por conseguinte, não sobrava tempo suficiente para preparar um atentado.

As limusinas depositaram os passageiros à entrada do palácio e recolheram a um parque de estacionamento especial, enquanto eles passavam através de uma arcada em que havia um detetor de objetos metálicos.

Quando se sentaram à enorme mesa em forma de “T”, eram trinta e sete. Oito ocupavam o topo do “T”, ladeando o trono vazio ao centro. Os restantes estavam frente a frente ao longo da haste da letra.

Sete dos presentes achavam-se relacionados com o Rais consanguineamente e três por casamento. Esses e mais oito eram de Tikrit ou regiões imediatas e pertenciam todos ao Partido Baath.

Dez dos trinta e três faziam parte do Conselho de Ministros e nove generais do exército ou da força aérea. Saadi Tumah, antigo comandante da guarda republicana, fora promovido a Ministro da Defesa naquela manhã e sentava-se à cabeceira da mesa, sorridente. Substituíra Abud al-Jabber Shenshall, renegado curdo,

há muito ao serviço do verdugo do seu próprio povo.

Entre os generais, figuravam Mustafa Radi, da infantaria, Farouk Ridha, da artilharia, Ali Musuli, da engenharia © Abdullah Kadiri, dos blindados.

Ao fundo da mesa, encontravam-se os três homens que controlavam o aparelho dos serviços secretos: o Dr. Ubaidi, da Mukhabarat do Ultramar, Hassan Rahmani, da contra espionagem e Ornar Khatib, da polícia secreta.

Quando o Rais entrou, levantaram-se todos e aplaudiram. Ele sorriu, ocupou o seu lugar, indicou-lhes que se sentassem e começou a falar. Não os tinha convocado para discutir coisa alguma, mas para o escutar.

Somente o genro, Hussein Kamil, não deixou transparecer a menor admiração, quando o Presidente iniciou a peroração. No momento em que, após um arrazoado que parecia interminável para enaltecer a série ininterrupta de triunfos que assinalara o seu governo, entrou finalmente no assunto, a reação imediata consistiu num silêncio de estupefacção geral.

Por fim, foi Hussein Kamil quem se levantou para dar o mote da ovação. Os outros apressaram-se a secundá-lo, igualmente de pé, e o problema que a seguir pareceu pairar na atmosfera foi quem tomaria a iniciativa de parar de aplaudir.

Quando regressou ao seu gabinete, duas horas mais tarde, Hassan Rahmani, o circunspecto e cosmopolita chefe da contra espionagem, afastou a papelada de cima da secretária, comunicou que não queria ser incomodado e sentou-se, com uma xícara de café forte e fumegante na sua frente. Precisava de refletir profundamente.

Como acontecera a todos os outros, a revelação impressionara-o. De um momento para o outro, o equilíbrio do poder no Oriente Médio alterara-se, mas ninguém sabia. No final da prolongada ovação, a que o Rais pusera termo com um gesto peremptório, foram todos obrigados a jurar silêncio.

Até aí, Rahmani compreendia perfeitamente. Apesar da euforia quase incontrolável que os invadira no final da reunião, eram visíveis problemas importantes.

Um dispositivo destruidor daquela envergadura não valia

absolutamente nada, a menos que os amigos e, sobretudo, os inimigos conhecessem a sua existência e nas mãos de quem estava. Só então os inimigos potenciais acudiam de chapéu na mão.

Algumas nações que haviam desenvolvido a arma, tinham-se limitado a anunciar o fato com um teste importante, e o resto do mundo que extraísse as ilações. Outras, como Israel e a África do Sul, apenas tinham deixado transparecer o que possuíam sem qualquer confirmação.

No entanto, Rahmani estava convencido de que uma situação daquela natureza não funcionaria para o Iraque. Se o que ouvira correspondia à verdade, ninguém fora do país acreditaria.

A única maneira de obter dividendos do fato consistia em prová-lo. Ora, o Rais parecia decidido a não o fazer, embora existissem obstáculos de monta à eventual confirmação da posse da terrível arma.

O teste em território nacional estava fora de causa, pois representaria uma rematada loucura. Enviar um navio para os confins do Oceano Índico, abandoná-lo e deixar a experiência consumar-se aí teria sido possível no passado, porém não agora, pois todos os portos permaneciam firmemente bloqueados. Contudo, poderia ser convidada uma equipe da Agência da Energia Atômica Internacional das Nações Unidas em Viena para se certificar de que não se tratava de uma impostura. De resto, a AEAI visitara o país quase todos os anos durante uma década e fora-lhe sempre encoberto o que na realidade se passava Se lhe fornecessem elementos palpáveis, teria de se render às provas e testes.

Não obstante, Rahmani acabava de se inteirar de que essa via estava rigorosamente vedada. Por quê? Porque não correspondia à verdade? Porque o Rais tinha uma ideia diferente em vista? E, em particular e mais importante, que lucraria ele, Rahmani, com isso?

Ao longo de meses, confiara em que Saddam Hussein enveredaria por uma guerra que não poderia ganhar e seria esmagado pelas forças dos aliados ocidentais, para então ele assumir o poder, num regime apoiado pelos americanos. Agora, a situação mudara. Reconheceu que precisava de tempo para refletir e decidir a melhor maneira de jogar aquele surpreendente trunfo

acabado de ventilar.

Naquela noite, pouco depois de escurecer, apareceu uma nova marca a giz nas traseiras do templo caldeu de São José, na área dos cristãos. Parecia um oito deitado.

Os cidadãos de Bagdá tremiam. Apesar das proclamações da propagandas da rádio local e da confiança cega de que tudo correspondia à verdade, havia outros que escutavam na BBC, em árabe, os comunicados preparados em Londres e transmitidos de Chipre, pelo que sabiam que os Beni Naji falavam verdade. A guerra estava iminente.

Predominava na cidade a convicção de que os americanos abririam as hostilidades com o bombardeio maciço de Bagdá, ideia que se propagara ao próprio palácio presidencial. Haveria, portanto, um número de baixas elevado entre a população civil.

O regime aceitava essa ilação, mas não se preocupava. Imperava a crença de que um morticínio indiscriminado de civis suscitaria a reprovação mundial da atitude das forças agressoras, o que obrigaria a América a desistir dos seus intentos e partir. Era por esse motivo que ainda havia um contingente de representantes dos media tão numeroso no Hotel Rashid. Assim que o genocídio principiasse, indivíduos ao serviço do governo se apressariam a ir chamar os jornalistas, para que as suas câmaras não perdessem um único pormenor.

No entanto, a sutileza de semelhante atitude escapava aos que tratavam de abandonar a capital.

Ninguém suspeitava, nem mesmo os milhões de telespectadores de olhos colados aos pequenos ecrãs na América e Europa, do verdadeiro nível de sofisticação que agora estava ao alcance do preocupado Chuck Horner, em Riad. Ignoravam então que a maior parte dos alvos seria escolhida de um menu preparado pelas objetivas de satélites no Espaço e demolidos por bombas guiadas por laser, que raramente erravam a pontaria.

Os cidadãos de Bagdá não desconheciam, porém — e era o que mais os apoquentava, à medida que escutavam a BBC — que, a quatro dias da meia-noite de 12 de janeiro, o prazo para retirar do Kuwait expiraria e os aviões de guerra americanos surgiriam no céu. Por conseguinte, a cidade achava-se silenciosa, na expectativa.

Mike Martin pedalava devagar na Rua Shurja, em direção às traseiras da igreja. Viu a marca a giz ao passar e prosseguiu em frente. Ao fundo do beco, travou, saltou para o chão e consagrou os minutos imediatos ao ajustamento da corrente, ao mesmo tempo que olhava para trás, a fim de verificar se se registrava algum movimento no seu encalço.

Por fim, tranquilizado, retrocedeu, apagou a marca com um pano úmido, subiu para a bicicleta e recomeçou a pedalar.

O oito deitado significava que o aguardava uma mensagem debaixo da lápide no cemitério abandonado da Rua Abu Nawas, junto do rio, a cerca de oitocentos metros dali.

Em criança, brincara naquela área, com Hassan Rahmani e Abdelkarim Badri. Agora, as lojas das cercanias estavam encerradas e o cais já não era tão frequentado como outrora. O silêncio e isolamento que predominavam serviam perfeitamente o seu objetivo. No topo da Abu Nawas, avistou um grupo de guardas da AMAM à paisana, mas não prestaram atenção ao fellagha que pedalava na bicicleta do amo.

A mensagem estava de fato no lugar previsto. Mike Martin recolheu a folha de papel de seda dobrada e apressou-se a regressar à barraca no recinto da residência do embaixador soviético, em Mansour.

Em nove semanas, a situação estabilizara na residência murada. A cozinheira russa e o marido tratavam-no de forma suportável e ele aprendera um pouco do seu idioma. Ia às compras todos os dias, o que lhe proporcionava um excelente pretexto para visitar todas as caixas de letras mortas. Enviara assim catorze mensagens ao invisível Jericho, do qual recebera quinze.

Fora interceptado pela AMAM oito vezes, todavia o seu aspecto humilde e a bicicleta com a cesta cheia de hortaliça, fruta ou outras compras, haviam contribuído decisivamente para que o mandassem em paz.

Não podia saber que planos de guerra se congeminavam em Riad, mas tinha de escrever todas as perguntas e pedidos destinados a Jericho em árabe, após o que os escutava nas gravações que recebia e depois precisava de ler as respostas do informante e transmiti-las numa “erupção”, para que chegassem às

mãos de Simon Paxman.

Entretanto, comprara um calorífero de petróleo e um candeeiro Petromax. Por outro lado, utilizara alguns sacos que trazia do mercado para cortinas das janelas, e possíveis passos no saibro do jardim advertiam-no da aproximação de alguém.

Naquela noite, regressou com alívio ao calor do “lar”, trancou a porta, certificou-se de que não havia qualquer frincha indesejável, acendeu o candeeiro e leu a última mensagem de Jericho. Era mais breve do que habitualmente, mas não menos impressionante. Martin procedeu a nova leitura, para se certificar de que não cometera algum lapso de tradução, e soltou uma exclamação em surdina.

Tratou de montar o transmissor e, para que não houvesse algum mal-entendido, leu-a em árabe e inglês para o gravador.

Finalmente, enviou a “erupção” quando faltavam vinte minutos para a meia-noite.

Consciente de que havia um espaço para transmissão entre a meia-noite e quinze e trinta minutos mais tarde, Simon Paxman não se preocupara em recolher a casa. Por conseguinte, jogava as cartas com um dos técnicos de rádio, quando a mensagem chegou. O segundo técnico de serviço surgiu com a informação da sala de comunicações.

— É melhor vir escutá-la, Simon.

Embora a operação em Riad envolvesse muito mais do que quatro homens, a colaboração de Jericho era considerada tão secreta que somente Paxman, o chefe do posto, Julian Gray e dois técnicos de rádio estavam ao corrente. As suas três salas de trabalho tinham sido virtualmente isoladas do resto da casa.

Simon Paxman escutou a voz na enorme máquina da “choça da rádio”, que na realidade era um quarto de dormir convertido. Martin começou por fornecer a mensagem em árabe e fê-la seguir da sua tradução por duas vezes.

À medida que abarcava o sentido, o chefe do posto sentia uma mão glacial contrair-lhe o estômago. Algo correra mal — muitíssimo mal. O que escutava não podia corresponder à realidade. Os outros dois homens conservavam-se silenciosos a seu lado.

— Era ele? — perguntou Paxman, com ansiedade, logo que a mensagem terminou, pois admitia a possibilidade de Martin ter sido

desmascarado e a voz pertencer a um impostor.

— Sem a menor dúvida — asseverou um dos técnicos. — Submeti-a ao analisador. Referia-se a um aparelho que capta e classifica as vozes segundo as vibrações produzidas, comparadas com as armazenadas na sua memória. A de Mike Martin ficara registrada antes da sua partida para Bagdá. Por conseguinte, a captada naquela noite era a sua, sem margem para a mínima reserva.

Paxman receava igualmente que tivesse sido capturado, torturado e "virado", e agora transmitisse mensagens sob pressão. No entanto, acabou por rejeitar a ideia.

Havia pormenores previamente combinados — uma pausa especial, uma hesitação, um acesso de tosse-que preveniriam os ouvintes em Riad, se a transmissão não fosse espontânea. De resto, a comunicação anterior verificara-se apenas três dias atrás.

A polícia secreta iraquiana era brutal, mas de modo algum rápida nos seus métodos. E Martin não cederia facilmente. Portanto, um homem espancado e "virado" — um farrapo torturado-tão depressa deixaria transparecer o seu estado na fala.

Isso significava que a mensagem era autêntica e se limitara a ler e traduzir o texto recebido de Jericho. O que proporcionava mais imponderáveis. Jericho comunicava a verdade, equivocara-se ou mentia.

— Vá chamar o Julian — indicou, por fim, a um dos técnicos.

Enquanto este obedecia, marcou o número da linha privada do seu homólogo americano, Chip Barber. — Acho conveniente vir até cá, sem demora.

O homem da CIA acordou totalmente com prontidão. A intonação do britânico revelava-lhe que não o acordara para se divertir.

— Algum problema?

— Tem todo o aspecto disso.

Atravessou a cidade e apresentou-se na casa do SIS em menos de meia hora, de camisola de lã e calça de flanela por cima do pijama. Era 1.00 e entretanto Paxman munira-se da gravação em inglês e árabe, além de uma transcrição nos dois idiomas. Os técnicos, que prestavam serviço no Oriente Médio desde longa data,

dominavam a língua local e confirmaram que a tradução de Martin estava correta.

— Deve ser brincadeira — declarou Barber, quando acabou de a escutar. Fez uma pausa, enquanto Paxman lhe explicava os testes a que procedera para se certificar da autenticidade da voz. — Em todo o caso, Jericho informa-nos do que alega que ouviu o Saddam dizer nessa manhã. Pode não passar de uma patranha deste último. Aliás, o homem mente com a maior das facilidades.

Mentira ou verdade, o assunto não podia ser resolvido em Riad. Os postos locais do SIS e da CIA forneciam aos seus generais informação militar tática e até estratégica procedente de Jericho, mas a faceta política competia a Londres e Washington.

— Eles devem estar a preparar cocktails, neste momento — disse Barber, consultando o relógio, que indicava que eram sete horas em Washington. — Alertemos Langley, imediatamente.

— Cacau e biscoitos, em Londres — referiu Paxman. — Vou informar a Century.

O americano retirou-se, a fim de transmitir a sua cópia da mensagem em código a Bill Stewart, com a advertência “cósmica”, grau de urgência mais premente conhecido. Assim, quem a recebesse saberia que o destinatário devia ser localizado com a maior prontidão possível.

Paxman procedeu do mesmo modo em relação a Steve Laing, o qual seria acordado a meio da noite e teria de abandonar a cama quente para mergulhar na noite glacial e rumar a Londres.

Havia mais uma coisa que o agente britânico podia fazer, e fê-la. Martin dispunha de um espaço de transmissão apenas para escuta, às quatro da madrugada. Paxman aguardou essa hora e enviou para o seu homem em Bagdá uma mensagem muito breve, embora não menos explícita. Até ordem em contrário, não se devia aproximar de qualquer das suas seis caixas de cartas mortas. Pelo sim pelo não.

O estudante jordaniano, Karim, efetuava progressos lentos, porém firmes no assédio romântico a Fraulein Edith Hardenburg. Ela permitia que lhe pegasse na mão quando passeavam nas ruas de Viena e até admitia para consigo que o contato lhe proporcionava um prazer especial.

Na segunda semana de janeiro, obteve entradas para o Burgtheater Theater... pagas por Karim, a fim de assistirem à representação de uma peça de Grillparzer, Gygus und sein fíing.

Ela explicou, excitada, antes de entrarem, que se tratava de um rei idoso com vários filhos, e aquele a quem legasse o seu anel seria o sucessor. Karim acompanhou o desenrolar da peça com particular atenção e solicitou várias explicações sobre o texto, que consultava constantemente.

No intervalo, Edith esclareceu-lhe mais algumas dúvidas. Posteriormente, Avi Herzog diria a Barzilai que estava tão excitado como se assistisse à raspagem de um muro para ser pintado.

— Não passa de um inculto — acusou-o o homem do Mossad. — Falta-lhe um mínimo de erudição. Não vim para ampliar a minha cultura.

— Então, concentre-se no trabalho, meu rapaz.

No domingo, Edith, católica devota, foi à missa da manhã na Votivkirche. Karim explicou-lhe que, na sua qualidade de muçulmano, não a podia acompanhar, mas ficaria à espera num café das proximidades.

Mais tarde, sentados diante de xícaras fumegantes, ele entreteve-se a descrever as diferenças e similaridades entre o cristianismo e o islamismo, enquanto ela o escutava, fascinada, reconhecendo que se equivocara ao supor que os muçulmanos adoram ídolos.

— Gostava de jantar consigo — anunciou Karim, três dias depois.

— De acordo, mas você gasta demasiado dinheiro comigo.

— Não num restaurante.

— Então, onde?

— Quer preparar uma refeição para mim? Suponho que sabe cozinhar? Refiro-me a comida autenticamente vienense.

Edith corou ante a perspectiva acabada de mencionar. Todas as noites, a menos que fosse a um concerto, preparava uma refeição modesta na pequena quitinete do seu apartamento. Mas sim, sabia cozinhar realmente.

De qualquer modo, ele levara-a a vários restaurantes dispendiosos, além de que se tratava de um jovem extremamente

educado e atencioso. Que mal podia haver nisso?

Afirmar que a mensagem de Jericho da noite de 12 para 13 de janeiro provocou consternação em determinados círculos secretos de Londres e Washington seria ficar muito aquém da verdade. Um pânico controlado era a expressão mais apropriada.

Um dos problemas consistia no número restrito de pessoas ao corrente da existência do informante e ainda menos dos pormenores. O princípio da necessidade de saber poderá parecer mesquinho ou mesmo obsessivo, mas funciona por um motivo.

Todas as agências sentem uma obrigação por um “bem” que trabalha para elas numa situação de risco muito elevado, por ignóbil que ele seja como ser humano.

O fato de Jericho não passar claramente de um mercenário e não de um ideólogo não era para aí chamado. A circunstância de trair cinicamente o seu país e governo podia considerar-se irrelevante. De resto, as autoridades supremas do Iraque desfrutavam da reputação, justificada e comprovada, de repulsivas, pelo que se tratava de um caso de um velhaco exercer as funções de traidor para com outro do mesmo naipe. O essencial era que, à parte o seu valor óbvio e a possibilidade de a sua informação poder salvar vidas dos Aliados no campo de batalha, Jericho constituía um bem de alto preço, pelo que as duas agências que o controlavam haviam mantido o conhecimento da sua existência limitado a um minúsculo círculo de iniciados.

Por conseguinte, o seu produto fora dissimulado de uma variedade de maneiras. Tinha sido inventada uma miscelânea de versões para explicar a origem da sua torrente de informação.

As disposições militares deviam-se supostamente a uma série de deserções de soldados iraquianos provenientes do Kuwait, entre os quais um major imaginário que fornecera um estendal de elementos valiosos, na sequência de um longo, penoso e delicado interrogatório num local secreto pertencente aos serviços secretos Aliados.

Mas como explicar uma informação direta das palavras proferidas pelo próprio Saddam Hussein, no decurso de uma reunião a que só tinham assistido os homens da sua inteira e permanentemente verificada confiança?

Os perigos de aceitar uma coisa dessas era esmagador. Antes demais, havia inconfidências-é algo que sempre existiu: documentos com resoluções ministeriais que transpiram, assim como mensagens confidenciais que acabam por se tornar conhecidas nos corredores.

Não se tratava da tenebrosa possibilidade de alguém denunciar Jericho pelo nome — na verdade, seria impossível-, mas da sugestão de que chegara de Bagdá uma informação incrível que obrigara a rede de contra espionagem de Rahmani a fazer horas extraordinárias para detetar e isolar a respectiva fonte. Na melhor das hipóteses, isso poderia garantir o futuro silêncio de Jericho, calado para sua própria proteção; na pior, a captura.

Enquanto a contagem decrescente para o início da guerra aérea prosseguia, as duas agências voltavam a contatar com os seus antigos peritos em questões de física nuclear e solicitavam-lhes a reapreciação da informação já fornecida. Haveria na realidade alguma hipótese concebível de o Iraque dispor de meios para uma maior e mais rápida separação de isótopos do que até então se supusera?

Na Grã-Bretanha, peritos de Harwell e Aldermaston foram consultados de novo; na América, em Sandia, Lawrence Livermore e Los Alamos. O Departamento Z, em Livermore, cujos especialistas acompanhavam constantemente a proliferação nuclear no Terceiro Mundo, foi pressionado com insistência.

As respostas confirmaram as opiniões anteriores. Mesmo admitindo um cenário altamente pessimista e que duas “cascatas” de difusão de gás funcionassem não durante um, mas dois anos consecutivos, não havia a mínima possibilidade de o Iraque possuir mais de metade do Urânio 235 de que necessitaria para um único engenho de potência média.

O que deixava as agências perante um menu de opções.

Saddam estava equivocado, porque lhe tinham mentido. Conclusão: improvável. Os responsáveis de semelhante situação pagariam com a vida a ousadia.

Saddam dissera-o, mas mentia. Conclusão: muito provável. Para elevar o moral entre os apoiantes apreensivos. Mas porquê confinar a notícia aos fanáticos mais íntimos, que não estavam

apreensivos? A propaganda estimuladora do moral destina-se às massas e à opinião pública estrangeira. Inexplicável.

Saddam não o dissera. Conclusão: a informação constituía um estendal de mentiras. Conclusão secundária: Jericho mentira porque ambicionava mais dinheiro e previa que, com a eclosão da guerra, os seus préstimos deixariam de ser solicitados. Exigia um milhão de dólares pela informação.

O mesmo Jericho mentira porque fora desmascarado, e revelara tudo. Conclusão: também possível; opção que o colocava numa situação extremamente delicada para manter o contato.

Neste ponto, a CIA transferiu-se firmemente para o banco do condutor. Como era quem pagava, Langley tinha todo o direito de o fazer.

— Vou dizer-lhe o que penso — referiu Bill Stewart a Steve Laing, numa linha segura da CIA para a Century House, na noite de 14 de janeiro. — O Saddam está enganado ou mente, Jericho está enganado ou mente. Em qualquer dos casos, o Tio Sam não vai depositar um milhão de notas verdes numa conta em Viena por essa espécie de lixo.

— Não há qualquer possibilidade de a opção não considerada estar certa?

— Que possibilidade é essa?

— A de que o Saddam o disse e corresponde à verdade.

— Nem por sombras. Trata-se de um número de ilusionismo. Não o vamos tragar. Jericho foi-nos muito útil durante nove semanas, embora, em face da nova situação, tenhamos de verificar tudo. Metade já foi confirmada e é material de alta qualidade. Mas comprometeu a situação com a última mensagem. Pensamos que a fonte secou. Desconhecemos porquê, mas trata-se da opinião dos nossos luminares.

— O que cria problemas a todos nós.

— Eu sei, amigo, e é por isso que telefono a poucos minutos do final da reunião com o diretor. Ou Jericho foi desmascarado e vomitou tudo aos algozes ou pôs-se em fuga. No entanto, se chega a saber que não lhe enviaremos o milhão de dólares que pediu, pode tornar-se perigoso. Em qualquer dos casos, são estas as más notícias a transmitir ao seu homem no local. Suponho que é bom?

— Dos melhores. Tem uma coragem inesgotável.

— Então, tire-o de lá, Steve. Depressa.

— Sim, creio que não nos resta qualquer alternativa, Bill. Obrigado pela informação. Lamento-o, porque era um operador excelente.

— Dos melhores, enquanto durou.

Stewart pousou o fone no descanso. Por seu turno, Laing procurou Sir Colin. A decisão foi tomada em menos de uma hora.

À hora do pequeno-almoço de 15 de janeiro na Arábia Saudita, todos os membros das forças aéreas — americanas, inglesas, francesas, italianas, sauditas e kuwaitianas — sabiam que iriam para a guerra.

Estavam convencidos de que os políticos e diplomatas não tinham conseguido evitá-la. Ao longo do dia, todas as unidades entraram^ em alerta de pré-combate.

Os centros nervosos da campanha estavam localizados em vários estabelecimentos, em Riad.

Em torno da Base Aérea Militar de Riad, havia uma coleção de vastas tendas com ar condicionado conhecida por “Celeiro”. Tratava-se do primeiro filtro para o maremoto de fotografias dos serviços secretos que tinham chegado nas últimas semanas e duplicariam e triplicariam nas subsequentes.

O produto do “Celeiro”, uma síntese da informação fotográfica mais importante proveniente de muitas fontes de reconhecimento, viajava cerca de dois quilômetros na estrada em direção ao quartel-general da Real Força Aérea Saudita, uma importante fatia da qual fora convertida na CENTAF.

Constituído por um edifício gigantesco de betão e vidro, o quartel-general dispunha de uma cave, onde se localizava a base da CENTAF.

Apesar das amplas dimensões dessa cave, continuava a não haver espaço suficiente, pelo que o parque de estacionamento estava repleto demais tendas, onde também se procedia à análise de fotografias.

A cave era o ponto focal de tudo, Centro de Produção de Imagens, um ninho de salas interligadas, onde trabalharam, ao longo da guerra, duzentos e cinquenta analistas, ingleses e

americanos, dos três ramos das forças armadas, e de todas as patentes. Era o Buraco Negro. O chefe, tecnicamente, era o comandante do ar general Chuck Horner, mas como o chamavam com frequência ao Ministério da Defesa, a dois quilômetros dali, o cargo dependia, na maioria das vezes, do seu adjunto, general Buster Glosson.

Os planejadores da guerra aérea do Buraco Negro consultavam diariamente, e até hora a hora, um documento denominado Gráfico Básico do Alvo, uma lista e um mapa de tudo o que existia no Iraque merecedor de ser atingido. Era daí que eles derivavam a bíblia quotidiana de cada comandante aéreo e todo o pessoal do teatro do Golfo — a Ordem de Missões Especiais.

A OME de cada dia constituía um documento imensamente pormenorizado, através demais de cem páginas datilografadas que levava dias a preparar.

A dois quilômetros dali, na Old Airport Road, havia outro edifício importante. O Ministério da Defesa Saudita era imenso — cinco blocos principais interligados de sete pisos.

No quarto, o general Norman Schwarzkopf dispunha de uma confortável suite em que estava muito raramente, pois dormia quase todas as noites num pequeno quarto da subcave, mais perto do seu posto de comando.

No seu total, o ministério tinha quatrocentos metros de comprimento e trinta de altura, suntuosidade que compensava na Guerra do Golfo, quando Riad tinha de albergar muitos estrangeiros inesperados.

No subsolo, havia mais dois níveis de aposentos, em toda a extensão do edifício, e, dos quatrocentos metros, o comando da Coligação ocupava sessenta.

Era aí que os generais se reuniam em conclave ao longo do conflito, os olhos colados a um largo mapa, enquanto outros oficiais indicavam o que tinha sido feito e a reação e disposições do Iraque.

No último dia antes da transmissão de ordens finais, a maioria do pessoal que participaria na ofensiva escreveu para casa. Uns mordiscavam a esferográfica e ponderavam o que deviam dizer. Outros pensavam nas esposas e filhos e choravam enquanto escreviam, com alguns mais sensíveis ao dramatismo da situação

empenhados em recomendar aos filhos para cuidarem da mãe, se o pior se concretizasse.

O capitão Don Walker escutou as notícias com os Outros pilotos e tripulação aérea dos rocketeers dos 336th TFS através das palavras algo tensas do seu comandante em Al Kharz. Eram cerca de nove horas da manhã e o sol já incidia no deserto com uma intensidade escaldante.

Por fim, abandonaram a tenda, imersos em reflexões. Na maior parte dos casos, estas não diferiam. Fora efetuada a última tentativa para evitar a guerra e falhara. Os políticos e diplomatas haviam-se multiplicado em reuniões, com ofertas e ameaças, para impedir que o pior se concretizasse... sem resultado.

Pelo menos, era do que aqueles homens estavam convencidos. A parte teórica, por assim dizer, do conflito terminara. Seguir-se-ia agora a terrível prática.

Walker viu o seu comandante de esquadrilha, Steve Turner, encaminhar-se para a tenda, a fim de escrever a carta que poderia vir a ser a última a Betty-Jane, em Goldsboro, Carolina do Norte. Por seu turno, Randy Roberts trocou algumas palavras com Boomer Henry e afastaram-se juntos.

O jovem de Oklahoma ergueu os olhos à abóbada azul-clara do céu onde ansiara por se encontrar desde criança, em Tulsa, e em que poderia morrer dentro de pouco tempo, no seu trigésimo ano de vida, e orientou os passos para o perímetro. À semelhança dos outros, queria estar só.

Não havia qualquer vedação em torno da base de Al Kharz — apenas o mar ocre de areia que se estendia até o horizonte. Passou diante dos hangares agrupados em redor da área de betão onde os mecânicos inspecionavam os aparelhos, para se certificarem de que se encontrariam nas condições ideais para cumprir a sua missão na guerra iminente.

Walker avistou o seu Eagle entre eles e ficou impressionado como sempre que contemplava a imponente estrutura do F-15 de longe. Até certo ponto, invejava-o. Apesar da sua complexidade moderna, não podia sentir nada, nem ter medo.

Deixou a cidade de lona para trás e vagueou pelo areal, os olhos protegidos do sol pela pala do boné de basebol e óculos de

aviador, quase alheio ao calor nos ombros.

Ao longo de oito anos, voara em aparelhos do seu país e fizera porque lhe agradava. Mas nunca, nem remotamente, encarara a perspectiva de poder morrer em combate. Uma parte de todo o piloto da aviação militar tem presente a noção de testar a sua perícia e coragem e a excelência do seu avião contra outro homem em competência real, de preferência amigável. No entanto, outra parte tem a certeza de que tal nunca acontecerá. Jamais se lhe deparará o horrível ensejo de matar filhos de outras mães ou ser morto por eles.

Naquela manhã, à semelhança de todos os outros, compreendera finalmente que chegara na verdade àquele ponto. Todos os anos de estudos e treino tinham acabado por conduzir a esse dia e lugar e, dentro de quarenta horas, levaria o seu Eagle para o céu mais uma vez, porém agora correria o risco de não regressar.

E, também à semelhança dos outros, pensou na família. Na sua qualidade de filho único e solteiro, lembrou-se dos pais. Evocou todas as ocasiões e lugares da infância em Tulsa, quando brincavam juntos no quintal das traseiras, o dia em que lhe haviam oferecido a primeira luva de catcher de basebol e obrigara o pai a jogar com ele até o por do sol.

Ray Walker era então muito mais jovem e atlético, até que, gradualmente, o inexorável fator tempo tinha feito o prato da balança pender para o outro lado.

Emergiu das reminiscências para regressar ao mar de areia escaldante numa terra longe de casa, com as lágrimas a deslizar pelas faces e a secar ao sol. Se agora morresse, não teria casado, nem conheceria a alegria de ver filhos a saltitar à sua volta. Naquele momento, mais do que nunca, desejava ardentemente casar e ter descendentes, ainda mais do que regressar a Tulsa para tornar a abraçar a mãe.

De novo na base, sentou-se à decrépita mesa da tenda partilhada e tentou escrever à família. Nunca fora um escritor de cartas digno desse nome. As palavras não lhe acudiam com facilidade. Em regra, tendia para relatar as coisas que haviam acontecido recentemente na esquadrilha os eventos da vida social

ou o estado do tempo. Agora, porém, a situação alterara-se.

Acabou por encher duas páginas, como fizeram muitos outros filhos, nesse dia. Tentou exprimir o que lhe ia na cabeça, tarefa que não resultava fácil.

Explicou que, dentro de quarenta horas, decolaria no seu Eagle mais uma vez, mas com uma missão diferente, nova para ele. Tentaria matar seres humanos, que se esforçariam por lhe fazer o mesmo.

Não lhes veria o rosto, nem sentiria o medo que os percorria, tal como eles não se inteirariam do seu, porque os métodos de guerra modernos não o permitiam. Todavia, se conseguissem o seu intento e ele não, queria que os pais soubessem que os estimava profundamente e esperava ter sido um bom filho.

Quando terminou, introduziu o papel dobrado no sobrescrito. Muitas cartas foram expedidas da Arábia Saudita, naquele dia, destinadas a Trenton, Tulsa, Londres, Ruão e Roma.

Naquela noite, Mike Martin recebeu uma “erupção” dos seus controladores em Riad. Quando passou a gravação à velocidade normal, verificou que era Simon Paxman quem falava. Apesar de breve, a mensagem distinguia-se pela clareza.

Na sua informação anterior, Jericho enganara-se redonda — mente. Todas as verificações científicas provavam que não podia ter razão.

Ou se equivocara inadvertidamente ou fizera-o com plena consciência dos seus atos. No primeiro caso, ficaria desconsolado, porque a CIA recusava terminantemente pagar-lhe um único dólar por semelhante material. No segundo, devia ter sido “virado”.

Por conseguinte, só se podia concluir que a operação fora desmantelada, com a colaboração de Jericho, pela contra espionagem iraquiana, agora nas mãos do “seu amigo Hassan Rahmani” ou isso não tardaria a acontecer, se Jericho tentasse vingar-se elucidando os serviços secretos de Bagdá através de uma mensagem anônima.

As seis caixas de cartas mortas deviam considerar-se comprometidas. Em circunstância alguma deviam ser visitadas. Martin tinha de efetuar os preparativos necessários para abandonar o Iraque na primeira oportunidade, porventura a coberto do caos

que se estabeleceria dentro de vinte e quatro horas. Fim da mensagem.

Martin ponderou o assunto ao longo do resto da noite. Não O surpreendia que o Ocidente não acreditasse na informação de Jericho. A revelação de que os pagamentos ao mercenário seriam suspensos constituía um golpe rude. O homem limitara-se a comunicar o conteúdo de uma conferência em que Saddam efetuara uma comunicação importante, crucial. Muito bem, o ditador iraquiano mentira — o fato não tinha nada de novo. Como devia proceder Jericho: limitar-se a ignorar as suas palavras? Fora a ousadia deste último ao exigir um milhão de dólares que provocara a reação radical.

À parte isso, a lógica de Paxman era impecável. Dentro de quatro dias, talvez cinco, Jericho teria descoberto que a fonte dos dólares secara e ficaria furioso, rancoroso. Se não se encontrasse nas mãos de Ornar Khatib, o Atormentador, poderia perfeitamente reagir através de uma denúncia anônima.

Não obstante, semelhante atitude resultaria insensata. Se Martin fosse capturado e torturado, tudo o que revelasse serviria para apontar o dedo acusador a Jericho.

No entanto, as pessoas por vezes cometiam atos irrefletidos. Paxman tinha razão: os “cestos” podiam ser alvo de vigilância.

Quanto a abandonar Bagdá, era mais fácil dizê-lo do que fazê-lo. Através do que escutara no mercado, Martin sabia que as vias de saída da cidade eram fortemente patrulhadas por forças da AMAM e da polícia militar, à procura de desertores. A carta do diplomata soviético, Kulikov, que possuía só autorizava o portador a exercer as funções de jardineiro e moço de recados em Bagdá. Seria difícil explicar a quem o interceptasse por que seguia para oeste, rumo ao deserto, onde enterrara a bicicleta motorizada.

Por fim, decidiu continuar na embaixada soviética por mais algum tempo. Talvez fosse o lugar mais seguro em Bagdá.

Capítulo 15

O prazo para Saddam Hussein retirar do Kuwait expirava à meia-noite de 16 de janeiro. Em mil quartos, cabanas, tendas e pavilhões ao longo da Arábia Saudita, Mar Vermelho e Golfo Pérsico, homens consultavam os seus relógios e em seguida entreolhavam-se. Tinham pouco ou nada para dizer.

Dois pisos abaixo do Ministério da Força Aérea Saudita, por detrás de portas de aço que poderiam proteger as reservas monetárias de qualquer banco do mundo, pairava uma atmosfera de quase anticlímax. Depois de tanto trabalho, tanto planeamento, não havia nada para fazer... nas duas horas mais próximas. Agora, o resto competia aos jovens. Conheciam as suas tarefas e executá-las-iam em plena escuridão, muito acima das cabeças dos generais.

O general Schwarzkopf entrou na sala de guerra às 2.15, e leu uma mensagem às tropas. Depois, o capelão pronunciou uma prece e o comandante-chefe concluiu:

— Muito bem. Vamos ao trabalho.

Longe dali, no deserto, havia já homens em atividade. Os primeiros a cruzar a fronteira não foram os aviões de guerra, mas uma esquadrilha de oito helicópteros Apache pertencentes à 101." Divisão do Exército. A sua missão era limitada, porém-crucial.

A norte da fronteira, mas a curta distância de Bagdá, havia duas potentes bases de radar iraquianas, cujos “pratos” dominavam todo o espaço aéreo do Golfo, a leste, até o deserto ocidental.

Os helicópteros tinham sido preferidos, apesar da sua reduzida velocidade em comparação com os “jatos” de caça supersônicos, por duas razões. Rentes ao deserto, podiam deslocar-se abaixo do raio de ação do radar e aproximar-se das bases sem serem pressentidos. Além disso, os comandantes pretendiam a confirmação visual de perto de que elas tinham sido realmente arrasadas. Ora, somente os “cópteros” conseguiriam fornecer a informação. Se os radares continuassem operacionais, o preço traduzir-se-ia por um número elevado de vidas humanas.

Os Apaches cumpriram a missão a contento. Ainda não tinham sido avistados, quando abriram fogo. Todos os tripulantes

dispunham de capacetes de visão noturna, que lhes permitiam uma visibilidade perfeita, como se o cenário fosse iluminado por luar intenso.

Primeiro, destruíram os geradores elétricos que alimentavam os radares e a seguir os centros de comunicações suscetíveis de informar da sua presença os locais de lançamento de mísseis. Por último, pulverizaram os “pratos” de detecção.

A missão abriu um vasto buraco no sistema de defesa aérea do Iraque, através do qual penetrou o resto do ataque noturno.

Aqueles que viram o plano de guerra aérea do general Chuck Horner opinaram que foi provavelmente um dos mais brilhantes jamais concebidos. Continha uma precisão cirúrgica passo a passo e flexibilidade suficiente para enfrentar qualquer contingência que exigisse uma variação.

A primeira fase era muito clara nos seus objetivos e conduzia a outras duas: destruir todos os sistemas de defesa iraquianos e converter a superioridade aérea dos Aliados em supremacia absoluta. Para que as duas fases restantes obtivessem êxito dentro do auto-imposto limite de tempo de 35 dias, a aviação tinha de dominar todo o espaço aéreo do Iraque.

Para supressão da defesa aérea, a chave era o radar, que na guerra moderna, constitui a ferramenta mais importante e utilizada, apesar da valiosa contribuição de todas as outras.

A sua destruição torna o inimigo cego, como um pugilista de soco demolidor privado da vista.

Com o largo buraco aberto no radar avançado do Iraque, os aparelhos avançaram em direção a outros postos de radar no interior do território e bases de mísseis guiados por ele, com o intuito de alcançar os centros de comando, onde estavam os generais.

Dos couraçados Wisconsin e Missouri e do cruzador Jacinto, ao largo do Golfo, foram lançados cinquenta mísseis Tomahawk Cruise, naquela noite. Orientando-se por meio de uma combinação de banco de memória computadorizado e uma câmara de televisão instalada no “nariz”, abarcavam os contornos da paisagem e apontavam no rumo conveniente. Uma vez na área, “viam” o alvo, comparavam-no com o existente na sua memória, identificavam o

edifício exato e avançavam para ele. O Wild Weasel é uma versão do Phantom especializado na destruição de radares, que transporta HARM, Mísseis Anti-Radiação de Alta Velocidade Quando um prato de radar se acende, ou “ilumina”, emite ondas eletromagnéticas. Não o pode evitar. A função dos HARM consiste em localizar essas ondas com os sensores e avançar diretamente para o coração do radar antes de explodir.

O mais estranho de todos os aviões que se deslocavam para norte no céu noturno talvez fosse o F-117A, conhecido como “caça furtivo”. Todo preto e criado com uma configuração de tal ordem que os seus múltiplos ângulos refletem a maior parte das ondas de radar que se lhe dirigem e absorvendo as restantes no seu próprio corpo, recusa refleti-las para a fonte e denunciar assim a sua existência ao inimigo.

Tornados, pois, invisíveis, os F-117A americanos deslizaram despercebidos através das barreiras de radar iraquianas, para largar as suas bombas de uma tonelada guiadas por laser precisamente nos trinta e quatro alvos associados ao sistema de defesa aérea nacional. Treze deles situavam-se em Bagdá e cercanias.

Quando as bombas caíam e explodiam, os iraquianos faziam fogo cegamente, mas não conseguiam descortinar nada e os projéteis perdiam-se. Em árabe, os “caças furtivos” denominavam-se shabah, que significa fantasma.

Procediam da base secreta de Khamis Mushai, no sul da Arábia Saudita, para onde tinham sido transferidos do local igualmente secreto em Tonopath, Nevada. Terminada a sua missão, afastavam-se com a mesma sutileza, para irem pousar em Khamis Mushai.

As tarefas mais perigosas da noite cabiam aos Tornado britânicos, e consistiam em lançar as enormes e pesadas bombas JP-233. Enfrentavam um duplo problema. Os iraquianos tinham construído os seus aeródromos militares particularmente vastos. O de Tallil tinha uma superfície quatro vezes superior à de Heathrow, com dezesseis pistas que podiam ser utilizadas a qualquer momento, pelo que era impossível destruir todas.

O segundo problema dizia respeito à altitude e velocidade.

As JP-233 tinham de ser largadas de um Tornado em voo

nivelado e estabilizado. Mesmo depois de lançarem as bombas, os aparelhos viam-se forçados a sobrevoar os alvos, pelo que os pilotos corriam o grave risco de ser atingidos.

Os bombardeiros não eram os únicos aviões no ar, naquela noite. Seguia-os um corpo extraordinariamente completo de serviços de apoio.

Os aparelhos iraquianos que decolaram — poucos-, privados de instruções verbais e de orientação de radar, terminaram, na sua quase totalidade, por regressar às bases.

A sobrevoar o sul da fronteira, encontravam-se sessenta aviões de abastecimento, cuja missão consistia em prestar a assistência da sua especialidade aos caças e bombardeiros procedentes da Arábia Saudita e aguardá-los no regresso da missão, já com os depósitos quase vazios, a fim de os reabastecer para o percurso até à origem. À primeira vista, tratava-se de uma operação de rotina, mas, executada na escuridão absoluta, era quase comparável a pretender introduzir esparguete no ânus de um gato raivoso, como comentou um piloto.

Ao amanhecer, a maioria dos radares fora neutralizada, as bases de mísseis desativadas e os principais centros de comando convertidos em montes de escombros. Embora fossem necessários mais quatro dias e noites para completar a obra, a supremacia aérea já se achava bem visível no horizonte. Depois, seria a vez das geradoras de energia elétrica, torres de comunicações, hangares que ainda sobrevivessem e todas as instalações de produção e armazenamento de Armas de destruição em massa.

Mais tarde ainda, haveria a “degradação” e sistemática è menos de cinquenta por cento do poder de combate do exército iraquiano a sul e sudoeste da fronteira do Kuwait, condição em que o general Schwarzkopf insistia antes de atacar com tropas terrestres.

Dois fatores desconhecidos interviriam posteriormente para alterar o curso da guerra. Um foi a decisão do Iraque de enviar uma barragem de mísseis Scud contra Israel, enquanto o outro seria desencadeado por um ato de frustração por parte do capitão Don Walker, da Esquadrilha de Caça tática 336.

A alvorada rompeu a 17 de janeiro sobre uma Bagdá

profundamente abalada.

Os cidadãos vulgares não tinham voltado a dormir desde as três da madrugada e, quando amanheceu, alguns aventuraram-se a sair à rua, para contemplar os profundos estragos produzidos na cidade. Afigurava-se-lhes miraculoso que tivessem escapado vivos a semelhante destruição, por não saberem que os alvos atingidos tinham sido escolhidos meticulosamente, pelo que os civis não haviam corrido o menor perigo de morte.

Mas a verdadeira sensação de choque residia entre as altas patentes. Saddam Hussein abandonara o palácio presidencial e alojara-se no seu bunker de vários pisos atrás do Hotel Rashid, a alguns metros de profundidade, rodeado de todas as comodidades e material sofisticado, para proteção de um eventual engenho atômico lançado nas proximidades. E não era por mera casualidade que a maioria dos hóspedes do Rashid consistia em ocidentais, sobretudo representantes dos media. Quem pretendesse proceder a um meticuloso e persistente bombardeio do bunker, teria de começar por arrasar o hotel.

Por muito que se esforçassem, os sicofantes que rodeavam o Rais experimentavam sérias dificuldades em minimizar os sucessos da noite, à medida que o nível da catástrofe lhes penetrava nas mentes.

Tinham contado com um bombardeio intensivo da cidade que deixaria as áreas residenciais destruídas e milhares de civis mortos. A carnificina seria então revelada aos media, que a divulgariam a todo o mundo. Iniciar-se-ia assim a vaga global de repulsa contra o Presidente Bush e a América em geral, que culminaria com a reunião do Conselho de Segurança e o veto da China e da Rússia contra ulteriores chacinas.

Ao meio-dia, tornava-se óbvio que os Filhos de Cães do outro lado do Atlântico não estavam dispostos a comprazê-los. As áreas populacionais, apesar de próximas de alvos militares, permaneciam virtualmente incólumes.

Não obstante, uma visita pela cidade revelava vinte postos de comando, bases de mísseis e de radar e centros de comunicações reduzidos aos alicerces, enquanto os bairros habitacionais das cercanias apresentavam pouco mais do que vidraças partidas.

Por conseguinte, as autoridades tiveram de se contentar com inventar um morticínio maciço de civis e baixas pesadas infligidas à aviação americana.

A maior parte dos iraquianos, embrutecidos por anos consecutivos da propaganda, acreditaram nos primeiros comunicados... temporariamente.

No entanto, os generais incumbidos da defesa aérea conheciam a realidade. A meio do dia, estavam plenamente convencidos de que haviam perdido quase todas as instalações de radar, os mísseis terra-ar SAM estavam “cegos” e as comunicações com as unidades do exterior quase totalmente cortadas. E, pior, os operadores de radar sobreviventes insistiam em que os estragos tinham sido causados por bombardeiros que não apareciam nos seus ecrãs. Os “mentirosos” foram imediatamente presos.

Durante o dia, prosseguiram as incursões de bombardeio, pelo que o pessoal das ambulâncias apenas pôde recolher os corpos das escassas vítimas entre os civis, levá-los ao hospital mais próximo e deixá-los lá. — O estabelecimento situava-se perto de um importante centro de comando da força aérea arrasado, e todas as camas estavam ocupadas por pessoal de serviço ferido ao longo do ataque. Durante a tarde, o corpo sem vida de uma mulher foi encontrado no fundo de uma ampla cratera produzida por uma bomba e levado igualmente para aquela morgue improvisada.

Com os recursos à beira da ruptura, o patologista trabalhava depressa e sem preocupação especial pela minúcia. A identificação e causa da morte constituíam as suas principais prioridades. Todavia, surpreendeu-se com determinado pormenor. Todos os cadáveres eram de pessoal militar, exceto o da mulher. Aparentava cerca de trinta anos, com um rosto destituído de atrativos especiais, e, por fim, o corpo foi “ornamentado” com um retângulo de cartolina preso ao dedo grande de um dos pés e devidamente embrulhado para o enterramento.

A carteira, encontrada perto dela, continha uma caixa de carmim, baton e documentos de identidade. Depois de estabelecer que se tratava de uma certa Leila Al-Hilla, o atarefado patologista passou ao caso seguinte.

Um exame mais minucioso teria revelado que ela fora violada

selvagemente antes de espancada até morrer. O seu lançamento na cratera ocorrera várias horas depois.

O general Abdullah Kadiri transferira-se do seu suntuoso gabinete no Ministério da Defesa, dois dias atrás, consciente de que não lucraria nada em permanecer lá e acabar por ser destruído por uma bomba americana, pois tinha a certeza quase absoluta de que o edifício não tardaria a ficar reduzido a um monte de escombros. E não se equivocava.

Estabelecera-se na sua casa, convencido de que era suficientemente anônima, apesar de luxuosa, para não figurar num mapa de alvos dos americanos. Neste aspecto, também tinha razão.

O edifício há muito que fora provido de uma sala de comunicações, agora guarnecido por pessoal do ministério. Todas as mensagens destinadas aos vários quartéis-generais de comando do Corpo de Blindados em torno de Bagdá seguiam por cabo de fibras ópticas, igualmente fora do raio de ação dos bombardeiros.

Somente as unidades mais distantes manteriam o contato pela rádio, com a ameaça de interceptação.

O problema de Abdullah Kadiri, naquele entardecer sobre Bagdá, não consistia no contato com os comandantes da brigada blindada ou no tipo de ordens que lhes devia transmitir. Dizia sobretudo respeito à sua segurança pessoal, e não era os americanos que temia.

Duas noites antes, levantara-se da cama para ir à casa de banho e, encontrando a porta encostada, como se qualquer obstáculo do outro lado a impedisse de se abrir, aplicara-lhe todo o peso dos seus cem quilogramas, pois sentia a bexiga prestes a explodir.

Arregalou os olhos de assombro ao ver a amante, envolta num roupão e sentada na sanita, com um pedaço de papel pousado nos joelhos e uma esferográfica na mão. Refeito com prontidão, levantara-a com um movimento brutal e aplicara-lhe um soco no queixo.

Quando ela recuperou o conhecimento, graças a água de um jarro lançada ao rosto, Kadiri teve tempo de ler o relatório que Leila preparara e chamar o seu fiel Kemal, que pernoitava na casa. Fora este último que a levara para a cave.

Kadiri lera e relera a mensagem que ela quase terminara. Se se referisse aos seus hábitos e preferências pessoais como alavanca para futura chantagem, ter-se-ia limitado a mandá-la matar. De resto, nenhum tipo de extorsão poderia afetá-lo, pois ele sabia que o Rais não prestava atenção a semelhantes atividades.

A realidade era muito mais grave. Segundo parecia, ele falara de coisas passadas no seio do governo e do exército. Era óbvio que a prostituta se dedicava à espionagem. Kadiri precisava de saber desde quando, o que ela revelara até agora, mas, sobretudo, para quem.

Kemal começou por satisfazer os prazeres pessoais, devidamente autorizado. Na verdade, ninguém desfrutaria com o que restaria do seu interrogatório. A sessão prolongou-se por várias horas. Depois da confissão completa, ele prosseguiu por sua própria conta até que se certificou de que estava morta.

Kadiri estava convencido de que Leila desconhecia a identidade de quem a recrutara, porém os pormenores que lhe arrancara só podiam corresponder a Hassan Rahmani.

A descrição dos encontros no confessionário da Igreja de São José, para trocar informação por dinheiro, revelava que o homem era um profissional, como na realidade acontecia com Rahmani.

O fato de o vigiarem não preocupava Kadiri. Com efeito, todos os membros do círculo mais próximo do Rais se achavam sob vigilância e até se vigiavam mutuamente.

As regras de Saddam eram simples e claras. Todas as figuras de alto nível permaneciam sob as vistas de três dos seus iguais, que comunicavam o resultado periodicamente. Uma denúncia de traição conduziria inevitavelmente à desgraça final. Assim, poucas conspirações podiam ir muito longe.

Para complicar as coisas, cada um dos membros da entourage era provocado ocasionalmente, para ver como reagia. Um colega, incumbido da experiência, abordava o amigo e propunha-lhe um ato de traição.

Se o interpelado assentia, estava liquidado. E analogamente se não denunciasse quem o abordara. Por conseguinte, toda a abordagem podia ser uma provocação — resultava perigoso pensar o contrário. Daí a imperiosidade de denunciar todo o fato de

semelhante natureza.

O caso de agora apresentava-se porém, diferente. Rahmani era chefe de contra espionagem. Teria tomado a iniciativa por sua alta recreação e, em caso afirmativo, Por quê? Tratar-se-ia de uma operação com o conhecimento e aprovação do próprio Rais e, nessa eventualidade, Por quê?

Kadiri ponderou o que teria dito de comprometedor. Indiscrições sem dúvida, mas nimbadas de traição?

O corpo permanecera na casa até o bombardeio e depois Kemal encontrara uma cratera numa área erma para o depositar. O general insistira em que a carteira dela fosse deixada lá. Desse modo, o filho da mãe do Rabmani inteirar-se-ia mais facilmente do que acontecera à sua informante.

Enquanto a noite se escoava, Abdullah Kadiri continuava a ponderar a situação. Se apenas Rahmani estava envolvido, liquidá-lo-ia facilmente. Mas como podia determinar até que degrau da escada era alvo de desconfiança? Convinha que, doravante, usasse da maior prudência. As digressões à cidade a meio da noite terminariam. De qualquer modo, com o início da guerra aérea, não podiam continuar.

Simon Paxman regressara a Londres, pois não merecia a pena continuar em Riad. Jericho fora “despedido” pela CIA, embora ainda o não soubesse, e Mike Martin permaneceria na embaixada russa, até poder escapar-se para o deserto e encontrar o caminho que o conduziria à segurança, através da fronteira.

Mais tarde, juraria a pés juntos que o encontro com o Dr. Terry Martin, a 18 de janeiro, não passara de mera coincidência. Sabia que o professor vivia em Bayswater, como ele próprio, mas o bairro era enorme e tinha muitas lojas.

Com a esposa ausente para cuidar da mãe enferma e o regresso a casa quase inesperadamente, Paxman encontrara o lar deserto e o frigorífico vazio, pelo que visitara um supermercado em Westbourne Grove.

O carrinho de Terry Martin quase colidiu com o seu, quando entrava no corredor das massas alimentícias e comida para cães. Os dois homens ficaram surpreendidos.

— Estou autorizado a conhecê-lo? — perguntou Martin, com

um sorriso de embaraço, embora não houvesse ninguém nas proximidades.

— Por que não? — replicou Paxman. — Sou um mero funcionário público à procura de alguma coisa para o jantar.

Terminaram as compras juntos e concordaram em se dirigir a um restaurante indiano, em vez de irem para casa e preparar o jantar, pois Hilary ausentara-se da cidade por uns dias.

É claro que Paxman não o devia ter feito. Não se devia sentir desconfortável porque o irmão de Terry Martin se achava numa situação de enorme perigo, para a qual ele e outros o tinham enviado. Todos os manuais da atividade secreta a que se dedicava desaconselhavam semelhante atitude.

E havia outro foco de preocupação. Steve Laing era seu superior hierárquico na Century House, mas nunca estivera no Iraque. O seu campo de ação situava-se no Egito e Jordânia. Ora, Paxman conhecia o Iraque. E falava árabe. Não como Martin, sem dúvida, todavia este era excecional. O suficiente, em todo o caso, em resultado de várias visitas que efetuara antes de ser nomeado chefe de seção do Iraque, para ter criado um respeito sincero pela qualidade dos cientistas iraquianos e capacidade dos seus engenheiros. Não era segredo que a maioria dos institutos técnicos britânicos considerava os seus diplomados daquele país os melhores do Mundo Árabe.

Paxman aguardou que servissem o que haviam pedido e tomou uma decisão.

— Escute, Terry. Vou fazer uma coisa que, se alguma vez transpirar, representará o fim da minha carreira no serviço.

— Acho a revelação drástica. — Martin parecia perplexo.

— Por quê?

— Porque fui prevenido oficialmente contra você.

— Já não confiam em mim? — articulou, cada vez mais intrigado. — Foi o Steve Laing que me arrastou para isto.

— Não me refiro a esse assunto. Pensa-se que você... se preocupa demais.

— Talvez. Deve ser do meu treino. Os acadêmicos detestam os puzzles que parecem destituídos de solução. Temos de continuar a quebrar a cabeça até que a mescla hieroglífica faça sentido. É por

causa da frase naquela interceptação?

— Isso e outras coisas.

— Muito bem. — Fez uma pausa, para levar a xícara de chá aos lábios. — Aguardo a tenebrosa confissão. :.: ^ Garante-me que isto não passará daqui?

— Com certeza.

— Houve outra interceptação.

Paxman não fazia a menor intenção de revelar a existência de Jericho. O grupo dos que estavam ao corrente desse "bem" no Iraque era minúsculo e continuaria a sê-lo.

— Posso escutá-la?

— Não. Foi suprimida. Não contate com Sean Plummer.

— Ele teria de negar, e isso indicaria onde você obteve a informação.

— Qual é o teor do texto? — quis saber Martin.

Paxman elucidou-o, o que levou o interlocutor a pousar o talher e levar o guardanapo à boca, como se tivesse descoberto repentinamente que necessitava de a limpar, enquanto o primeiro perguntava:

Haverá alguma possibilidade de corresponder à verdade?

— Não sei. Não sou físico. As altas patentes acham-no irrealizável?

— Em absoluto. Os cientistas nucleares garantem que não pode ser verdade. Por conseguinte, Saddam mente.

Intimamente, Martin pensava que se tratava de uma interceptação de rádio muito estranha. Parecia mais informações provenientes do seio de uma reunião secreta.

— Isso faz ele sempre — declarou. — Mas em geral para consumo público. Isso destinava-se ao seu núcleo restrito de confidentes? Para quê? Um estímulo moral no limiar da guerra?

— É o que os casacas supõem.

— Os generais foram informados?

— Não. Consideram-se extremamente ocupados de momento, pelo que não podem ser incomodados com assuntos que devem ser fantasistas.

Então, que pretende de mim?

— O esclarecimento da mente de Saddam. Ninguém consegue

interpretá-la. Nada do que faz tem pés nem cabeça, no Ocidente. Será louco varrido ou astuto como uma raposa?

— No seu mundo, inclino-me para a segunda hipótese.

— O terror que nos revolta não tem impedimentos morais para ele e reveste-se de sentido. As ameaças e fanfarronadas parecem-lhe sensatas. Só quando tenta penetrar no nosso mundo, com as atitudes de agente de relações públicas através de televisão, cai no ridículo absoluto. No seu habitat natural, não é pateta.

— Sobrevive, mantém-se no poder, conserva o Iraque unido, os seus inimigos são aniquilados...

— Enquanto-nos encontramos aqui a conversar calmamente, o seu país está a ser pulverizado.

— Não interessa. É tudo substituível.

— Mas por que disse ele aquilo que lhe atribuem?

— Que pensam as altas esferas?

— Que mente. Não — asseverou Martin. — Mente, sim, mas para consumo público. Para o seu núcleo íntimo, não precisa de o fazer.

— Ou a fonte de informação mentiu e Saddam não disse nada disso ou fê-lo por estar convencido de que corresponde à verdade.

— Nesse caso, mentiram-lhe?

— É possível. E quem o fez pagará caro, quando ele o descobrir. Mas a interceptação pode ter sido fabricada. Um bluff deliberado, destinado precisamente a ser interceptado.

Paxman não podia revelar o que sabia — que não se tratava de uma interceptação. A informação provinha de Jericho. E, em dois anos, ao serviço dos israelenses e três meses dos anglo-americanos, nunca se equivocara.

— Tem dúvidas, hein? -observou Martin, Acho que sim.

Suspirou.

— Palha ao vento, Simon. Uma frase numa interceptação, um homem mandado calar e apodado de filho de uma prostituta, uma frase de Saddam acerca de triunfar e ser visto que triunfava... ao atingir a América... e agora isto. Precisamos de um pedaço de cordel.

— Cordel?

— A palha só forma um fardo quando se envolve em cordel.

Tem de haver mais qualquer coisa no que ele tenciona fazer. De contrário as altas esferas têm razão e utilizará a arma do gás que já possui.

— Está bem. Procurarei o pedaço de cordel.

— E eu não me encontrei consigo e esta conversa não aconteceu.

— Obrigado — agradeceu Paxman.

Hassan Rahmani inteirou-se da morte da sua agente Leila dois dias mais tarde, a 19 de janeiro. Ela não aparecera ao encontro previsto para entrega demais informações obtidas na cama do general Kadiri e, temendo o pior, ele consultara o registro de entradas na morgue.

O hospital de Mansour revelara-lhe as provas, embora o corpo já tivesse sido sepultado, com muitos outros dos edifícios militares destruídos, numa vala comum.

Rahmani acreditava tanto que a sua agente fora atingida por uma bomba perdida quando percorria uma área baldia a meio da noite como em fantasmas. Os únicos fantasmas nos céus sobre Bagdá eram os bombardeiros americanos invisíveis acerca dos quais lera em revistas de defesa ocidentais, e tratava-se de invenções bem reais. Tal como a morte de Leila Al-Hilla. A única conclusão lógica era que Kadiri descobrira as atividades extramuros dela e decidira pôr-lhes termos. O que significava que a agente falara antes de morrer.

E significava igualmente, para ele, que Kadiri se convertera num inimigo perigoso e poderoso. Pior ainda: o seu principal elo com os conciliábulos secretos do regime fora cortado irremediavelmente.

Se soubesse que Kadiri não estava menos preocupado do que ele, Rahmani teria experimentado alguma consolação. Mas não se achava ao corrente desse pormenor. Só sabia que, doravante, teria de ser extremamente cauteloso.

No segundo dia da guerra aérea, o Iraque disparou a sua primeira bateria de mísseis contra Israel. Os media apressaram-se a anunciar que se tratava de Scud-B de fabrico soviético, e a denominação ficou até o final do conflito. Na realidade, não eram: Scud1.

O objetivo do ataque não era insensato. O Iraque reconhecia muito claramente que Israel não era um país preparado para aceitar um número elevado de baixas entre os civis. Quando os primeiros mísseis caíram nos subúrbios de Telaviv, os israelenses reagiram ficando em pé de guerra. Precisamente o que Bagdá pretendia.

No seio da Coligação de cinquenta nações voltadas contra o Iraque, havia dezessete Estados Árabes, e se existia alguma coisa que todos partilhavam, à parte a fé islâmica, era a hostilidade a Israel. O Iraque calculava, provavelmente com razão, que, se conseguisse levar os israelenses a participar na guerra atacando-os, as nações árabes da Coligação abandonariam a luta. O próprio rei Fahd, monarca da Arábia Saudita e Guardião dos Dois Lugares Santos, ficaria numa posição impossível.

As primeiras reações à queda dos mísseis em Israel consistiram no receio de que contivessem gás ou culturas de vírus. Se tal acontecesse, os israelenses não teriam ficado impávidos. Provou-se imediatamente que as ogivas eram de um explosivo convencional. Não obstante, o efeito psicológico no país foi enorme.

Os Estados Unidos apressaram-se a pressionar Jerusalém para que não desencadeasse um contra-ataque. Garantiram a Itzhak Shamir que resolveriam o assunto. Israel reagiu realmente sob a forma de uma vaga de caças-bombardeiros F-15, mas mandou-os regressar à base quando ainda estavam no espaço aéreo israelense.

O verdadeiro Scud era um míssil soviético obsoleto de que o Iraque adquirira novecentos, vários anos atrás. Tinha um raio de ação de trezentos quilômetros e transportava uma ogiva de cerca de quinhentos quilogramas. Não era guiado e, mesmo na sua forma de origem, aterraria num ponto indeterminado num raio de oitocentos metros do alvo.

Do ponto de vista do Iraque, tratava-se de uma aquisição virtualmente inútil. Com efeito, os mísseis não poderiam alcançar Teerã na guerra Irã-Iraque e ainda menos Israel, mesmo que fossem disparados do extremo da fronteira ocidental iraquiana.

O que o Iraque entretanto fizera, com ajuda técnica alemã, podia considerar-se bizarro. Havia cortado os Scud em pedaços e utilizado três para criar dois novos mísseis. Na realidade, o novo

míssil Al-Husayan não servia para nada de extraordinário.

Graças à adição de depósitos de combustível, os iraquianos aumentaram o alcance para seiscentos e vinte quilômetros, para que pudesse chegar a Teerão e Israel. Porém a carga útil fora reduzida para uns patéticos oitenta quilogramas. A sua orientação, sempre incerta, tornara-se caótica. Dois lançados contra Israel não só não atingiram Telaviv como foram parar à Jordânia.

Mas como-arma de terror, quase cumpriu o seu objetivo. Embora o total de Al-Husayan que caiu em Israel tivesse menos carga útil que uma das bombas americanas de mil quilogramas largadas no Iraque, levaram^ a população israelense ao limiar do pânico.

A América respondeu de três maneiras. Um milhar de aviões aliados foi desviado das tarefas atribuídas sobre o Iraque, para localizar e destruir os pontos fixos de lançamento dos mísseis e, se possível e sobretudo, os móveis.

Foram enviadas para Israel baterias de mísseis Patriot americanos, numa tentativa para abater os enviados pelo Iraque, mas em particular para convencer os israelenses a permanecerem fora da guerra.

E os SAS e mais tarde, os Boinas Verdes americanos seguiram para os desertos ocidentais do Iraque para localizar as unidades de lançamento de mísseis móveis e destruí-los com os seus Milan ou informar a base pela rádio, para que enviasse a aviação.

Os Patriot, embora acolhidos como salvadores de toda a Criação, tiveram um êxito limitado, mas não por culpa deles. A Raytheon concebera-os para interceptar aviões e não mísseis e foram adaptados apressadamente à nova função. A razão pela qual quase nunca atingiram qualquer ogiva inimiga ainda permanece hoje no segredo dos deuses.

A verdade era que, ao aumentar o raio de ação dos Scud convertendo-os nos Al-Husayn, os iraquianos também aumentaram a altitude. O novo míssil, ao penetrar no espaço interior no seu voo parabólico, ficava ao rubro na descida, algo para o que o Scud não fora concebido. Assim, ao reentrar na atmosfera terrestre, desfazia-se. O que caía sobre Israel não era um míssil completo, mas uma

chuva de fragmentos.

O Patriot, no cumprimento da sua missão, elevava-se para a interceptação e, em vez de enfrentar um objeto, deparava-se-lhe uma dúzia. Por conseguinte, o seu minúsculo cérebro mandava-o fazer aquilo para que fora treinado — concentrar-se no maior. O que costumava corresponder ao depósito de carburante vazio, que caía descontrolado. A ogiva, muito mais pequena e separada, continuava em queda livre. Muitas não chegaram a explodir e a maior parte dos estragos sofridos por edifícios israelenses deveu-se ao mero impacto de ricochete, por assim dizer.

Se o chamado Scud era um terror psicológico, o Patriot podia considerar-se um salvador psicológico. Mas a psicologia funcionou porque era uma parte da solução.

Outra parte era o acordo de três secções estabelecido entre a América e Israel. A primeira consistia na contribuição dos Patriot — grátis. A segunda dizia respeito à promessa do aperfeiçoado míssil Arrow, quando estivesse pronto — a instalar em 1994. A terceira era o direito de Israel de escolher um máximo de cem alvos suplementares que as forças aéreas dos aliados eliminariam. Eram sobretudo os situados no Iraque ocidental que afetavam os israelenses: estradas, pontes, aeródromos; em suína, tudo o que apontava para oeste em Israel. Nenhum desses alvos, pela sua situação geográfica, não tinha nada que ver com a libertação do Kuwait, do outro lado da península.

Os caças-bombardeiros das forças aéreas americanas e britânicas destinados à perseguição dos Scud anunciaram numerosos êxitos, encarados com imediato ceticismo pela CIA, ante a ira dos generais Chuck Horner e Schwarzkopf.

Dois anos depois da guerra, Washington negou oficialmente que tivesse sido destruído um único posto de lançamento de mísseis móvel pela força aérea, sugestão que ainda hoje indigna os pilotos envolvidos na operação. A verdade é que eles foram largamente iludidos mais uma vez pelo maskirovka.

Se o deserto a sul é uma mesa de bilhar incaracterística, os do oeste e noroeste apresentam-se rochosos e cheios de ravinas e uades. Fora essa área que Mike Martin percorrera durante a sua infiltração em Bagdá. Antes de disparar os mísseis, o Iraque criara

numerosos postos de lançamento de Scud móveis, dissimulados, juntamente com os verdadeiros, ao longo da paisagem.

Costumavam instalá-los durante a noite — um tubo de chapa metálica montado na carroçaria de um velho caminhão e, pouco antes da alvorada introduziam nele um bidon de petróleo e algodão, que incendiavam. Longe dali, os detetores dos AWACS captavam a fonte de calor e anotavam a localização demais um local de lançamento de mísseis. Os caças sobrevoavam-no mais tarde e faziam o resto.

Quem não podia ser iludido deste modo eram os homens do SAS. Embora fossem apenas um punhado, percorriam o deserto ocidental nos seus Land Rover e motorizadas e conservavam os olhos bem abertos. A duzentos metros de distância, conseguiam distinguir um alvo verdadeiro de outro simulado.

À medida que as rampas de lançamento eram retiradas dos esconderijos, os homens do SAS observavam a manobra com potentes binóculos. Se havia demasiados iraquianos presentes, alertavam a força aérea pela rádio; de contrário, utilizavam os seus mísseis Milan antitanques, que produziam resultados espetaculares.

No quarto dia da guerra aérea, 20 de janeiro, a Esquadrilha 336 de Al Kharz era uma das unidades que não fora transferida para as áreas desérticas a oeste.

A sua missão daquele dia incluía um enorme silo de mísseis SAM a noroeste de Bagdá. Os SAM eram controlados por dois largos “pratos” de radar.

Os ataques aéreos do plano do general Horner desenrolavam-se agora mais para noroeste. Com quase todas as bases de mísseis e pratos de radar a sul de uma linha horizontal através da parte meridional de Bagdá eliminados, chegara o momento de limpar o espaço aéreo a leste, oeste e norte da capital.

Com vinte e quatro Strike Eagle na esquadrilha, 20 de janeiro seria um dia de múltiplas missões. O comandante, tenente-coronel Steve Turner, previra um grupo de doze aviões para a base de mísseis. Um conjunto de Eagle tão numeroso era conhecido por “gorila”.

O “gorila” era dirigido por um dos dois comandantes de esquadrilha mais antigos. Quatro dos doze aparelhos transportavam

HARM, destruidores de mísseis que se fixam em sinais infravermelhos provenientes de um prato de radar. Os outros oito levavam duas longas e reluzentes bombas guiadas por laser, conhecidas por GBU-10-1. Quando os radares estivessem “mortos” e os mísseis “cegos”, seguiriam os HARM e destruiriam as baterias de mísseis.

Não parecia que as coisas pudessem correr mal. Os doze Eagle decolaram em três grupos de quatro, estabeleceram-se em formação de escalão e subiram aos oito mil e quinhentos metros. O céu apresentava-se de um azul radioso e o deserto ocre em baixo era claramente visível. O boletim meteorológico sobre o alvo indicava vento mais forte que na Arábia Saudita, mas não fazia qualquer alusão a um shamal, tempestade de areia que pode varrer um alvo em poucos segundos.

A sul da fronteira, os doze Eagle encontraram-se com as suas fontes de abastecimento, dois KC-10, e, com os depósitos atestados, rumaram a norte, em direção ao Iraque. O AWACS no Golfo revelou-lhes que não havia sinais de atividade hostil à sua frente. Se houvesse caças iraquianos no ar, os Eagle possuíam, além das suas bombas, dois tipos de mísseis ar-terra: o de Intercepção Aérea 7 e o AIM-W0) mais conhecidos por Pardal & Bobinador.

A base de mísseis estava no local previsto, mas os seus radares não estavam ativos, de contrário ter-se-iam “iluminado” imediatamente para orientar os SAM na sua pesquisa de intrusos iminentes. Assim que entrassem em atividade, os quatro eagle que transportavam os HARM apagá-los-iam.

Se o comandante iraquiano temia demasiado pela sua própria segurança ou era extremamente prudente, os americanos nunca conseguiram determiná-lo. No entanto, os radares recusavam-se a entrar em atividade. Os quatro primeiros Eagle, dirigidos pelo comandante de esquadrilha, perderam altitude na medida do possível e do prudente para os provocar, porém a situação não se alterou.

Após vinte minutos sobre o alvo, o ataque foi cancelado e os componentes do “gorila” voltaram-se para o seu segundo objetivo.

Don Walker trocou breves palavras com Tim Nathanson, o seu

navegador atrás dele. O alvo secundário do dia era uma rampa de lançamento de mísseis Scud a sul de Samarra, aliás visitada por outros caças-bombardeiros por constituir uma fábrica de gás venenoso conhecida.

Os AWACS confirmaram que não havia sinais de decolagem das duas vastas bases aéreas iraquianas a leste de Samarra e em Balad, a sueste. Doo Walker, o seu colega à direita e os dois aparelhos avançaram) para a rampa de lançamento de Scud.

Todas as comunicações entre a aviação americana eram codificadas pelo sistema rápido Havequick, que distorce a fala, para a eventualidade de estar à escuta um estranho que não possua o mesmo dispositivo. O código-chave pode ser modificado todos os dias, mas era do conhecimento de todos os aviadores aliados.

Walker olhou em volta. O céu estava límpido. A uns oitocentos metros, o colega Randy “R-2” Roberts voava a estibordo e levemente mais acima, com o navegador, Jim “Boomer” Henry, sentado atrás dele.

Quando estava sobre a rampa fixa, Walker perdeu altitude para identificar devidamente o alvo. Ante a sua frustração, ficou com a visibilidade obscurecida por nuvens de areia, um shamal de convecção criado pelo vento forte de superfície.

As suas bombas guiadas por laser não errariam a pontaria, desde que pudessem seguir o feixe projetado no alvo a partir do Eagle. Ora, para o projetar, ele precisava de ver o alvo.

Furioso e consciente de que o carburante se esgotava apressadamente, bateu em retirada. Duas frustrações na mesma manhã eram demasiado. Detestava aterrar com a carga completa. No entanto, nada podia fazer para o evitar. A rota de regresso estendia-se para o sul.

Três minutos mais tarde, avistou um enorme complexo industrial a seus pés.

— Que é aquilo? — perguntou ao navegador, que consultou os mapas.

— Chama-se Tarmiya.

— Safa, que é grande.

— Se é...

Embora nenhum dos dois o soubesse, o complexo industrial de

Tarmiya continha 381 edifícios e abarcava uma superfície de dez quilômetros por dez.

— Vem na lista?

— Não.

— Vou espreitar, em todo o caso. Cobre-me o traseiro, Randy.

— Entendido — respondeu o colega, através da rádio.

Walker conduziu o Eagle para os três mil metros de altitude.

O complexo industrial era na verdade enorme. No centro, havia um edifício de largas dimensões, mais ou menos como um estádio coberto. — — Vou entrar.

— Olha que não vem na lista, Don.

Walker desceu para os dois mil e quinhentos metros, ativou o sistema de orientação por laser e alinhou a posição do aparelho pelo da vasta fábrica na sua frente. No momento em que leu a indicação apropriada no quadrante, largou as bombas.

Ambas cumpriram a sua obrigação. Explodiram ao contatar com o terraço da fábrica. Ato contínuo, Walker ergueu o nariz do Eagle e conduziu-o para os oito mil e quinhentos metros de altitude. Uma hora mais tarde, ele e o colega no outro aparelho idêntico, regressavam a Al Kharz, após novo reabastecimento no ar. Antes de abandonar o local, Walker vira o clarão ofuscante das duas explosões, a espessa coluna de fumo que se levantara e os primeiros indícios da nuvem de areia que se seguiria ao bombardeio.

O que não pôde ver foi que as bombas destruíram uma seção da fábrica e projetaram uma larga área do telhado no espaço, como a vela de um navio no mar.

E tão pouco observou que o vento forte do deserto, o mesmo que o impedira de ver a rampa de lançamento de mísseis Scud, fez o resto. Arrancou a parte sobrevivente do telhado, como se abrisse uma lata de sardinhas, e chapas de aço voaram em todas as direções.

De regresso à base, à semelhança de todos os outros pilotos, procedeu a um extenso relatório verbal, operação fastidiosa para quem acabava de executar uma missão cansativa, mas inevitável. Chefiava o grupo que recebia as informações a major Beth Kroger.

Ninguém pretendia proclamar que a operação “gorila” fora um

êxito rotundo, mas todos os pilotos tinham destruído o seu segundo alvo, salvo uma exceção. Um dos seus oficiais falhara o segundo e optara por um terceiro ao acaso.

— Por que carga de água fez isso? — inquiriu Beth Kroger.

— Porque era enorme e parecia importante.

— Nem sequer figurava na lista geral — salientou ela, que anotou a localização exata do complexo fabril, para os cuidados do TACC, Tactical Air Control Centre, que partilhava a cave da CENTAF, por baixo do quartel-general da força aérea saudita, com os analistas do Buraco Negro, em Riad. — Se for um centro de engarrafamento de água ou uma fábrica de alimentos para bebés, esfolam-no vivo.

— Fica tão irresistível, quando se zanga — ironizou Don Walker.

Beth Kroger era uma excelente oficial de carreira. Se alguém tinha de lhe dirigir piropos, que o fizessem os colegas de coronel para cima. E como os únicos três na base eram irredutivelmente casados, Al Kharz começava a tornar-se-lhe insuportável.

— Não são coisas que se digam, capitão — advertiu, e afastou-se para redigir o relatório.

Ele suspirou e afastou-se para descansar. Reconhecia, porém, que ela tinha razão. Se porventura arrasara o maior orfanato do mundo, o general Horner não descansaria enquanto não o baixasse de posto. Afinal, nunca lhe revelaram o que destruíra naquela manhã. Mas não fora um orfanato.

Capítulo 16

Karim foi jantar com Edith Hardenberg no apartamento desta, em Grinzing, na mesma noite. Seguiu para os subúrbios em transporte público e fez-se acompanhar de adereços apropriados ao momento: duas velas perfumadas, que colocou na pequena mesa do recanto em que comeriam, e duas garrafas de vinho de qualidade.

Ela abriu-lhe a porta, corada e embaraçada como sempre, e voltou para a quitinete, onde preparava o Wiener Schnitzel. Havia vinte anos que não cozinhava para um homem e achava a tarefa excitante.

Karim cumprimentou-a com um beijo casto na face à entrada, o que acentuou o rubor, e em seguida consultou a enorme quantidade de discos numa prateleira e optou por uma passagem da ópera Nabucco, de Verdi, que colocou no eletrofone.

O aroma das velas não tardou a combinar-se com as cadências suaves de “O Coro dos Escravos” e inundar todos os recantos do apartamento.

A atmosfera correspondia exatamente à descrição feita pela equipe neviot, que se introduzira lá, algumas semanas atrás — tudo muito arrumado e extremamente limpo. O ambiente próprio de uma mulher cuidadosa que vivia só.

Quando a refeição estava pronta, Edith apresentou-a com copiosas desculpas. Karim provou a carne e considerou-a a mais saborosa que jamais comera, o que contribuiu igualmente para intensificar o rubor.

Enquanto comiam, conversavam — de temas culturais, da projetada visita ao Palácio de Schonbrunn e à fabulosa coudelaria da Hofreitschule, escola de equitação espanhola no interior do Hofburg, na Josefsplatz.

Ela comia do mesmo modo que fazia tudo o resto, com precisão, como um pássaro a debicar um pedaço de pão. Tinha o cabelo puxado para trás, como sempre, com um rolo conservador sobre a nuca.

Ao clarão das velas, pois ele apagara o candeeiro elétrico,

Karim mostrava-se atraente e cortês como sempre. Não parava de encher o copo da anfitriã, pelo que ela consumiu muito mais do que se permitia, de vez em quando.

O efeito combinado da comida, vinho, velas, música e companhia do seu jovem amigo corroía-lhe gradualmente as defesas da reserva habitual.

Quando os pratos estavam vazios na sua frente, Karim inclinou-se para a frente e fitou-a nos olhos.

— Edith...

— Sim?

— Posso fazer-lhe um pedido?

— Se o desejar.

— Por que usa o cabelo puxado para trás?

Era uma pergunta impertinente, de natureza pessoal. Não surpreendia, pois, que corasse ainda mais.

— Bem... usei-o sempre assim.

Não era verdade. Recordava-se de uma época, com Horst, em que o deixava tombar nos ombros, denso e castanho, no verão de 1970. Houvera uma ocasião em que o vento o agitava, no lago de Schlosspark, em Luxenburg.

Karim levantou-se sem uma palavra e moveu-se atrás dela, que experimentou pânico crescente. Aquilo era absurdo. Dedos hábeis desfizeram o rolo e soltaram o cabelo, enquanto Edith permanecia rígida. Por fim, ele colocou-se a seu lado, estendeu-lhe ambas as mãos e sorriu.

— Assim, está muito melhor. Parece dez anos mais nova e mais bonita. Escolha o seu disco favorito, enquanto me encarrego do café. De acordo?

Sem aguardar autorização, pegou-lhe nas mãos e ergueu-a da cadeira, para a conduzir ao recanto da sala. A seguir, voltou-se para a quitinete, ao mesmo tempo que as soltava com lentidão estudada.

Ela congratulava-se por ele lhas ter finalmente largado. Ao mesmo tempo, apercebeu-se de que tremia da cabeça aos pés. A sua amizade sempre fora platônica. No entanto, não lhe tocara realmente. É claro que não permitiria que aquilo passasse dali.

Observou-se fugazmente num espelho da parede — corada, de cabelo solto sobre os ombros. Julgou descortinar uma jovem que

conhecera, vinte anos atrás.

Tentou dominar-se e foi escolher um disco. Do seu apreciado Strauss, autor de valsas que ela conhecia até à última nota: “Rosas do Sul”, “Os Bosques de Viena”, “Os Patinadores”, “Danúbio Azul”... Ainda bem que ele estava na cozinha e não viu que quase se lhe soltou da mão, quando se preparava para o colocar no prato do gira-discos. Entretanto, Karim parecia não experimentar a menor dificuldade em encontrar o café, os filtros da máquina, o açúcar, a água.

Edith sentou-se na extremidade do sofá, quando ele reapareceu, de joelhos unidos e xícara pousada no regaço. Queria falar do concerto marcado para a semana seguinte no Musikverein, mas as palavras não lhe acudiam aos lábios. Ao invés, provou o café.

— Não tenha medo de mim, por favor-murmurou ele. — Sou seu amigo.

— Que disparate... É claro que não tenho medo.

— Ótimo. Eu nunca a magoaria, como deve saber.

Amigo. Sim, eles eram amigos, uma amizade nascida do amor mútuo pela música, arte, ópera e cultura em geral. Nada mais, evidentemente. Havia uma distância enorme entre amigo e namorado. Ela sabia que as colegas do banco tinham maridos e namorados e vi-as excitadas quando se preparavam para comparecer a um encontro romântico. Isto não é “Rosas do Sul”? — Com certeza.

— A minha favorita de todas as valsas.

— E minha também. — Assim era melhor — falar de música.

Por fim, levantou a xícara do regaço e pousou-a ao lado da de Karim, na mesinha à sua frente. De súbito, ele pôs-se de pé, pegou-lhe nas mãos e puxou-a para si.

— Mas, que? ...

No momento imediato, encontrou-se nos seus braços, a rodopiar cautelosamente na pequena sala para não colidir com qualquer obstáculo.

“Adiante, rapaz, não perca mais tempo”, teria dito Gidi Barzilai. Mas que sabia ele daquelas situações? Nada. Primeiro, a confiança e só depois o mergulho. A pouco e pouco, os dois corpos, de início

pudicamente separados, foram encurtando a distância até que ficaram quase colados. De súbito, ele soltou-lhe a mão direita, ergueu-lhe o queixo e beijou-a.

Não foi um beijo voraz. Karim conservou os lábios unidos, sem efetuar a menor tentativa para uma intervenção da língua. Entretanto, na mente dela desenrolava-se um turbilhão de considerações, uma voragem de sensações, como um avião descontrolado que rodopiava em direção ao solo, onde inevitavelmente se esmagaria: o banco, Gemutlich, a sua própria reputação, a juventude dele, a diferença de raças, as idades, o calor, o vinho, o odor, o vigor, os lábios. A valsa chegou ao fim.

Se ele fizesse mais alguma coisa, Edith tê-lo-ia mandado sair. Separou os lábios dos dela e soltou-lhe a cabeça lentamente, até pousou no seu peito. Conservaram-se assim imóveis durante vários segundos.

Por último, foi ela que se desprendeu. Voltou-se para o sofá e sentou-se, o olhar fixo na sua frente. De repente, viu-o de joelhos diante de si.

Está zangada comigo, Edith? — perguntou Karim, pegando-lhe nas mãos.

— Não devia ter feito isto.

— Foi mais forte que eu. Juro-o.

— Acho conveniente que se retire.

— Se está zangada e pretende castigar-me, só há uma maneira de o fazer. Não permitir que a volte a ver.

— Bem, estou um pouco confusa.

— Diga que nos tornaremos a ver, por favor.

— Julgo que sim.

— Se dissesse que não, eu abandonava os estudos e voltava para o meu país. Não conseguiria continuar em Viena sem a poder ver.

— Não seja tonto. Tem de acabar o curso.

— Então, continuamos a encontrar-nos?

— Pois sim.

Karim retirou-se cinco minutos mais tarde. Edith apagou as velas, enfiou a modesta camisa de dormir de algodão, escovou o cabelo, lavou os dentes, passou o rosto por água e deitou-se.

Conservou-se imóvel na escuridão, com os joelhos dobrados. Transcorridas duas horas fez uma coisa inédita há muitos anos. Sorriu. Cruzava-lhe o espírito uma ideia alucinada, mas não se preocupava. “Tenho um amigo. É dez anos mais novo, estudante, estrangeiro, árabe e muçulmano. Mas não me importo.” O coronel Dick Beatty, da USAF, estava de serviço noturno naquela noite, nas profundezas da Old Airport Road, em Riad.

O Buraco Negro nunca parava, nem abrandava o ritmo, e nos primeiros dias da guerra aérea funcionava mais furiosa e rapidamente que até então.

O plano magistral do general Chuck Horner experimentava os efeitos do deslocamento causado pela diversão de centenas de aviões de guerra para localizar e destruir rampas de lançamentos de mísseis Scud, em vez de se concentrar nos alvos previamente estabelecidos.

Qualquer general de combate confirmará que o plano pode ser concebido até à última porca e parafuso, mas quando o balão sobe no espaço nunca se desenrola exatamente em conformidade com o previsto. A crise provocada pelo lançamento de mísseis contra Israel estava a revelar-se um problema grave. Telaviv gritava a Washington e Washington gritava a Riad. A diversão de todos aqueles aviões de guerra para neutralizar as esquivas rampas de lançamento constituía o preço que a Casa Branca tinha de pagar para manter os israelenses afastados de uma eventual ação retaliatória, e as ordens da Casa Branca não toleravam qualquer argumentação. Todos compreendiam que, se Israel perdesse a paciência e entrasse na guerra, as consequências seriam calamitosas para a frágil Coligação agora concentrada contra o Iraque, mas o problema assumia proporções ainda mais graves.

Os alvos inicialmente estipulados para o Dia Três eram protelados por falta de aviões, e os efeitos em cadeia assemelhavam-se aos produzidos numa série de pedras de dominó. Um problema adicional consistia em que ainda não podia haver redução da BDA. Era essencial e tinha de se fazer. A alternativa poderia resultar assombrosa.

A Bomb Damage Assessment era crucial, porque o Buraco Negro tinha de conhecer o nível do êxito, ou falta dele, da vaga de

ataques aéreos de cada dia. Se um centro de comando iraquiano, posto de radar ou bateria de mísseis importantes figurava na Ordem de Ataque Aéreo, era devidamente atacado. Mas fora destruído? Em caso afirmativo, até que ponto? Dez por cento, cinquenta ou um monte de escombros fumegantes?

Depreender simplesmente que a base iraquiana fora arrasada não bastava. No dia seguinte, aviões Aliados de outra base poderiam sobrevoar o local no cumprimento de outra missão. E se o posto ainda se achava operacional, poderiam morrer pilotos.

Por conseguinte, os tripulantes dos aparelhos, apesar de extenuados quando regressavam, tinham de descrever minuciosamente o que haviam feito. Ou julgavam haver feito. No dia seguinte, outros aviões sobrevoavam o local e tiravam fotografias.

Assim, diariamente, quando a Ordem de Ataque Aéreo iniciava a sua passagem à preparação de três dias, o menu de origem de alvos escolhidos tinha de incluir as missões da “segunda visita”, para completar o trabalho executado apenas parcialmente.

No quarto dia da guerra aérea, 20 de janeiro, as forças aéreas Aliadas ainda não tinham chegado à fase de neutralização das fábricas industriais consideradas produtoras de Armas de destruição em massa. Continuavam a concentrar-se nas SEAD Naquela noite, o coronel Beatty preparou a lista das missões de fotografias de reconhecimento para o dia seguinte, com base nos relatos efetuados pelos comandantes de esquadrilha.

À meia-noite, quase chegara ao fim e as primeiras ordens já seguiam para as várias esquadrilhas das missões que decolariam ao amanhecer.

— Temos também isto — disse um oficial subalterno.

O coronel baixou os olhos para o alvo indicado.

— Tarmiya? Que significa?

É o que diz na informação.

— Onde raio fica isso?

— Aqui.

Voltou-se para o mapa na parede, mas o local carecia de significado para ele.

— Radar? Mísseis, base aérea, posto de comando? ...

— Não, senhor. Um complexo industrial.

... Estava cansado. A noite revelava-se penosa e prometia continuar assim até à alvorada.

— Ainda não chegamos às fábricas, homem. Mostre cá a lista.

Percorreu-a com a vista por um momento. Incluía todas as instalações industriais conhecidas dos Aliados dedicadas à produção de Armas de destruição em massa e outras que produziam obuses, explosivos, veículos, peças de armas e sobresselentes de tanques.

Na primeira categoria figuravam Al-Qaim, As-Sharkat, Tuwaitha, Fallujah, Hillah, Al-Atheer e Al-Furat. O coronel não podia saber que faltava Rashadia, onde os iraquianos tinham instalado a sua segunda cascata centrífuga de gás para produzir urânio refinado, o problema que escapara aos peritos da Comissão Medusa. Essa fábrica, descoberta pelas Nações Unidas muito mais tarde, não estava enterrada, mas dissimulada como uma empresa de engarrafamento de água.

E Beatty também não podia estar ao corrente de que Al-Furat era a localização enterrada da primeira cascata de urânio, aquela que o alemão Dr. Stemmler visitara, “algures perto de Tuwaitha”, cuja posição havia sido fornecida por Jericho.

— Não vejo aqui nenhuma Tarmiya — grunhiu.

— De fato, não está incluída na lista — confirmou o ajudante.

— Dê-me a referência de rede.

Ninguém podia esperar que os analistas memorizassem centenas de nomes bizarros de lugares árabes, sobretudo porque, em alguns casos, uma única designação abarcava dez alvos separados, pelo que todos recebiam uma referência de rede do Sistema de Posicionamento Global que os reduzia a doze dígitos, um quadrado de cinquenta metros de lado.

Quando bombardeara a vasta fábrica de Tarmiya, Don Walker anotara essa referência, que se achava apensa ao seu relatório no regresso à base.

— Não está aqui — protestou o coronel. — Nem sequer é um raio de alvo. Quem a bombardeou?

— Um piloto qualquer da 336 em Al Kharz. Não conseguiu destruir os dois primeiros alvos devido às condições atmosféricas. Provavelmente não quis regressar de mãos a abanar.

— Cabeça de morteiro... Bem, dê isso à BDA. Mas sem prioridade especial. Não merece a pena perder película com ele.

O tenente-comandante Darren Cleary sentava-se diante dos comandos do seu Tomcat F-14 e sentia-se profundamente frustrado.

Em baixo, a estrutura maciça do porta-aviões USS Ranger avançava com a velocidade de vinte e sete nós.

O mar da área norte do Golfo apresentava-se calmo na pré-alvorada e o céu não tardaria a tornar-se radioso e azul. Devia ser um dia de prazer para um jovem piloto da Armada em serviço num dos melhores caças do mundo.

Conhecido por Defensor da Esquadra, o Tomcat de dois homens adquirira grande popularidade quando figurara no filme Top Gun, e Darren Cleary deveria congratular-se por poder pilotá-lo. O motivo da sua contrariedade baseava-se em não participar numa missão de combate, mas numa BDA, para se entreter a tirar fotografias, como se queixara na véspera. Ainda protestara junto do responsável das Operações, sem resultado.

“Alguém tem de se ocupar disso”, foi a única explicação que obteve. À semelhança de todos os pilotos de combate dos Aliados na Guerra do Golfo, temia que os “jatos” iraquianos abandonassem os céus passados poucos dias e pusessem assim termo a qualquer possibilidade de uma confrontação.

Por conseguinte, ante a sua desolação, fora escalado para uma operação TARPS.

Seria uma missão de quatro horas, com dois reabastecimentos. Tinha de fotografar doze alvos, e não estaria só. À sua frente, estava um A-6 Avenger, com bombas guiadas por laser, para a possibilidade de se lhes deparar o Triple-A, em cuja eventualidade o Avenger ensinaria os artilheiros iraquianos a caiarem-se. Um Prowler EA-6B também participava na missão, armado com HARM, para o caso de avistarem uma rampa de mísseis SAM dirigidos por radar. O Prowler utilizaria o seu HARM para o destruir e o Avenger ocupar-se-ia dos mísseis.

Se porventura a Força Aérea iraquiana fizesse a sua aparição, haveria mais dois Tomcat acima e de cada lado do fotógrafo, com os seus potentes radares AWG-9 capazes de discernir o perímetro das coxas do piloto iraquiano antes de se levantar da cama.

Todo esse metal e tecnologia destinava-se a proteger o que se achava suspenso em baixo e atrás dos pés de Darren Cleary, um Sistema de Rede de Reconhecimento Aéreo tático.

Pairando ligeiramente à direita da linha central do Tomcat, o TARPS parecia um caixão aerodinâmico de seis metros de comprimento e algo mais complicado que uma Pentax de turista.

O seu nariz constituía uma potente câmara com duas posições: para-a-frente-e-para-baixo e diretamente para baixo. Atrás, estava a câmara panorâmica que “olhava” para fora, para os lados e para baixo. Ainda atrás disso, situava-se o Conjunto de Reconhecimento, para registrar o calor térmico e a sua fonte. Assim, o piloto podia ver no seu Mostrador Elevado o que ia fotografando.

Darren Cleary subiu aos cinco mil metros, reuniu-se ao resto da sua escolta e foram ao encontro da fonte de abastecimento.

Sem ser incomodado pelos iraquianos, fotografou os onze principais alvos que lhe haviam sido atribuídos e concentrou-se então em Tarmiya, o décimo segundo.

Quando sobrevoava o local, volveu os olhos para o Mostrador e resmungou: “Que diabo é aquilo? ” Foi o momento escolhido pela reserva de película das câmaras se esgotar.

Após novo reabastecimento, a missão pousou no Ranger sem qualquer incidente. A tripulação do porta-aviões desmontou as câmaras dos suportes e levou-as para o laboratório fotográfico.

Cleary apresentou o relatório desprovido de qualquer fato notável e desceu à sala de projeções com o representante dos serviços secretos, a fim de explicar o significado de cada fotografia, à medida que aparecia no ecrã. Entretanto, o agente tomava apontamentos para o seu relatório, que seguiria ao seu destino juntamente com o de Cleary e as fotos.

Quando chegaram às últimas vinte, o homem dos serviços secretos perguntou: — Estas quais são?

— Não me pergunte — replicou Cleary. — Pertencem ao alvo de Tarmiya, aquele que em Riad incluíram à última hora.

— Que são essas coisas dentro da fábrica?

— Parecem pastilhas elásticas para gigantes.

Foi uma designação que criou raízes. O agente utilizou-a no seu relatório, juntamente com a admissão de que não fazia a menor

ideia de que se tratava. Quando a embalagem ficou completa, um Lockheed S-3 decolou do Ranger para a levar a Riad. Darren Cleary regressou às missões de combate aéreo sem nunca ter de enfrentar um único MIG e abandonou o Golfo no porta-aviões em abril de 1991.

Wolfgang Gemutlich preocupava-se profundamente com a sua secretária particular, naquela manhã.

Mostrava-se cortês e formal como sempre e tão eficiente como ele exigia, e as exigências de Herr Gemutlich nunca se podiam considerar modestas. No entanto, acabou por ter de reconhecer para consigo que se passava algo de invulgar com Edith Hardenberg.

Deu tratos à imaginação durante algumas horas, até que descobriu a diferença. Ela recorrera ao pó-de-arroz, coisa que nunca sucedera desde que estava ao seu serviço. Tentou, com uma ponta de alarme, verificar se utilizara igualmente o batom, mas tranquilizou-se.

No entanto, havia algo mais que de momento lhe escapava. Foi somente à hora do almoço, quando estendia o guardanapo de linho sobre a secretária e em seguida comia os sanduíches preparadas como sempre por Frau Gemutlich, que se lhe fez luz no espírito.

Os olhos de Fraulein Hardenberg exibiam um brilho especial. Com perplexidade crescente, ele pousou a sanduíche de queijo e compreendeu que descortinara a mesma síndroma entre algumas das funcionárias do banco pouco antes de irem para casa, sexta-feira à tarde.

Era de alegria, de felicidade. Edith Hardenberg sentia-se feliz. Via-se claramente na maneira como andava e falava e até no seu aspecto geral. Wolfgang Gemutlich começou a preocupar-se ainda mais. Oxalá ela não passasse a gastar dinheiro para além das suas posses.

As fotografias tiradas pelo tenente-comandante Darren Cleary chegaram a Riad à tarde, parte da catadupa de imagens recentes que desabava nas instalações da CENTAF todos os dias. Algumas provinham dos satélites KH-11 e KH-12 e forneciam aspectos de todo o Iraque. Se não apresentavam qualquer variação das da

véspera, eram arquivadas.

As do Tomcat do Ranger figuravam entre as que interessavam à Avaliação de Estragos de Bombas. Eram filtradas através do Celeiro, coleção de tendas verdes na periferia da base aérea militar, identificadas e enviadas para o Buraco Negro, onde desembocavam no departamento da BDA.

O coronel Beatty entrou de serviço às sete da tarde e trabalhou durante duas horas debruçado sobre fotografias de várias origens. Quando chegou às de uma fábrica em Tarmiya, enrugou a fronte, levantou-se e dirigiu-se a uma secretária ocupada por um sargento aviador britânico da Royal Air Force.

— Que é isto, Charlie?

— Tarmiya, coronel. Recorda-se da fábrica bombardeada ontem por um Strike Eagle, aquela que não figurava na lista?

— Ah, sim, a que nem sequer era um alvo.

— Exato. Um Tomcat do Ranger tirou estas fotos hoje de manhã, por volta das dez horas.

— Mas que raio se passa lá? ; Não sei. Foi por isso que as deixei na sua secretária, coronel. Ninguém as compreende. ?

— Bem, não há dúvida de que o piloto do Eagle estragou a gaiola de alguém. — O sargento britânico e o coronel americano fixaram os olhos nas imagens trazidas pelo Tomcat de Tarmiya. Eram perfeitamente claras e a definição fantástica.

— Quais são as dimensões da fábrica? — perguntou Beatty.

— Cerca de cem metros por sessenta.

O gigantesco telhado fora arrancado, restando apenas um fragmento que cobria a quarta parte do espaço ocupado pela estrutura.

O restante que estava exposto achava-se bem nítido. Havia subdivisões causadas por paredes parciais © em cada uma delas um largo disco escuro cobria a maior parte do chão.

— São de metal?

— Sim, senhor, segundo o detetor de infravermelhos. De um aço qualquer.

Ainda mais intrigante, e o motivo pelo qual o pessoal da BDA se mostrara tão interessado, fora a reação iraquiana ao bombardeio de Don Walker. Em torno da fábrica sem telhado, agrupavam-se

cinco enormes gruas, como cegonhas a debicar algo existente no interior. Com os estragos existentes em todo o país, as máquinas daquela natureza eram disputadas como se fossem de ouro.

Em volta do recinto e igualmente dentro, numerosos operários desenvolviam esforços frenéticos para fixar os discos aos ganchos das gruas, a fim de serem removidos.

— Contou os tipos, Charlie?

— São mais de duzentos.

— E os discos... — O coronel consultou o relatório do agente dos serviços secretos a bordo do Ranger-...as pastilhas elásticas para gigantes?

— Não faço a menor ideia, coronel. Nunca tinha visto nada assim.

— Bem, não restam dúvidas de que são importantes para Saddam Hussein. Tarmiya não é realmente um alvo?

— O sargento pegou numa fotografia do arquivo e apontou, enquanto Beatty se debruçava sobre o seu ombro.

— Vedação de corrente metálica.

— E aqui? — O coronel pegou numa lupa. — Área minada...

— Baterias Triple-A... torres de guardas armados. Onde encontrou tudo isto, Charlie?

— Aqui.

Fixou o olhar na nova fotografia colocada na sua frente — uma imagem tirada de ultra-alta altitude de toda Tarmiya e área circundante. Por fim, emitiu um longo suspiro.

— Vamos ter de reexaminar tudo. Como diabo nos escapou?

Na verdade, todo o complexo industrial de Tarmiya fora considerado destituído de interesse estratégico pelos primeiros analistas por razões que mais tarde passaram a fazer parte do folclore das toupeiras humanas que trabalhavam e sobreviviam no Buraco Negro.

Eram americanos e ingleses, todos pertencentes à OTAN. O seu treino consistira na avaliação de alvos soviéticos, e tentavam detetar pormenores reveladores com base na maneira como estes faziam as coisas.

Os indícios que procuravam eram os considerados padrão. Se um edifício ou um complexo era militar e importante, achar-se-ia

inacessível, guardado contra intrusos e protegido de um eventual ataque.

Havia torres de guardas, vedações especiais, baterias Triple-A mísseis, áreas minadas, aquartelamentos? Existiam sinais de veículos pesados ou alguma central elétrica? Tudo isto implicava um alvo. Ora, em Tarmiya não havia nada disso.

O que o sargento da RAF fizera, obedecendo a um palpite, fora reexaminar uma fotografia de um nível muito elevado de toda a área. E lá estavam: a vedação, as baterias, os aquartelamentos, os portões reforçados, os mísseis, a faixa minada. Mas longe.

Os iraquianos tinham-se limitado a escolher uma vasta extensão de cem quilômetros por cem e erguido uma vedação em toda a sua volta. Nada do gênero teria sido possível na Europa Ocidental ou mesmo na Oriental.

Afinal, o complexo industrial, setenta de cujos trezentos e oitenta e um edifícios se revelaram mais tarde dedicados à produção de guerra, situavam-se no centro do quadrado, largamente separados, para evitar danos produzidos por um bombardeio.

— Uma central elétrica? Não há aí nada capaz de alimentar coisa alguma mais potente que um secador de cabelo.

— Neste outro ponto, coronel. Quarenta e cinco quilômetros a oeste. Os cabos de alta tensão seguem no sentido oposto.

— Aposto que são falsos. O verdadeiro cabo deve estar enterrado e estender-se da central elétrica para o coração de Tarmiya.

— Trata-se de uma fonte de cento e cinquenta megawatts.

— Filho da mãe... — De súbito, endireitou-se e pegou nas fotografias. — Bom trabalho, Charlie. Vou levá-las a Buster Glosson. Entretanto, não há necessidade de ficarmos de braços cruzados. Se essa fábrica destelhada é importante para os iraquianos, a fazemos ir pelos ares.

— Sim, senhor. Vou incluí-la na lista.

— Mas não para daqui a três dias. Amanhã mesmo. Que há disponível?

O sargento aproximou-se de umo console de computador e premiu as teclas convenientes.

— Nada, coronel. Temos todas as unidades ocupadas.

— Não podemos desviar uma esquadrilha?

— Não creio... Ah, um momento! Temos a Quatro Mil e Trezentos, em Diego.

— Ótimo. Tome as providências convenientes. Os Buff que se encarreguem disso.

— Se me permite a observação, coronel, os Buff não são exatamente bombardeiros de precisão.

— Dentro de vinte e quatro horas, os iraquianos terão transferido todo o material de lá. Não nos resta qualquer alternativa. Eles que deem conta do recado.

— Perfeitamente, coronel.

Mike Martin estava demasiado impaciente para permanecer encerrado no recinto da embaixada soviética mais do que dois ou três dias. Os dois empregados domésticos passavam as noites em claro devido à cacofonia interminável da queda de bombas e mísseis.

Vociferavam imprecações contra os aviadores americanos e ingleses, mas as reservas de alimentos esgotavam-se, e o estômago de um russo constitui um argumento de peso. A única solução consistia em mandar o jardineiro, Mahmoud, às compras, mais uma vez.

Havia três dias que pedalava pela cidade, quando Martin avistou a marca a giz, na parede das traseiras de uma das velhas casas Khayat, em Karadit-Mariam, o que significava que Jericho deixara uma encomenda na caixa de cartas mortas correspondente.

Apesar dos bombardeios, a capacidade de recuperação natural das pessoas empenhadas em prosseguir as suas vidas começara a estabelecer-se. Por outro lado, tudo indicava que os Filhos de Cães e os Filhos de Naji conseguiam atingir aquilo que pretendiam e deixar o resto incólume.

Passados cinco dias, o Palácio Presidencial convertera-se num monte de escombros (Dia Dois), o do Ministério da Defesa deixara de existir e o mesmo se aplicava à central telefônica e principal geradora elétrica. E, circunstância ainda mais inconveniente, as nove pontes decoravam o fundo do Tigre, embora um grupo de pequenos empresários tivesse organizado um serviço de ferry-boats

para cruzar o rio.

A maioria dos edifícios importantes conservava-se intacta. O Hotel Rashid, em Karch, continuava cheio de correspondentes da Imprensa estrangeira, apesar de o Rais se encontrar indubitavelmente no bunker por baixo. E, pior ainda, a central da AMAM, uma coleção de casas interligadas numa rua isolada do tráfego perto de Qasr-el-Abyad, em Risafa, mantinha-se em segurança. Por baixo de duas delas, situava-se o Ginásio, só mencionado em murmúrios, onde Ornar Khatib, o Atormentador, arrancava as confissões.

Do outro lado do rio, em Mansour, o bloco de escritórios em que funcionava o quartel-general da Mukhabarat apresentava-se intacto.

Mike Martin ponderou o problema da marca a giz, enquanto regressava à residência do embaixador soviético. Recebera ordem formal para evitar todo e qualquer contato com o informante. Se fosse um diplomata chileno, teria obedecido e procederia acertadamente. Mas Moncada nunca fora treinado para se conservar imóvel, durante dias se necessário, num posto de observação, entretido a observar a paisagem.

Naquela noite, prescindindo da bicicleta, tornou a atravessar o rio em direção a Risafa, quando as incursões aéreas principiavam, para alcançar o mercado de legumes em Bashra. Os poucos transeuntes com que se cruzava estavam unicamente empenhados em procurar refúgio, além de que os membros das patrulhas da AMAM também não pareciam interessados em frequentar as ruas, com os americanos a largar bombas sobre as suas cabeças. Refugiou-se no telhado de um armazém de fruta, de cuja beira podia ver a rua, o pátio e o tijolo na parede que assinalava o “cesto”. Conservou-se aí, vigilante, durante oito horas, das 20.00 às quatro da madrugada.

Se o local estivesse sob observação da AMAM, não haveria menos de vinte homens nas imediações. Assim, ao longo daquele período, algum pormenor teria denunciado a sua presença, pois Martin duvidava de que o pessoal de Khatib ou de Rahmani pudesse manter-se imóvel durante tanto tempo.

O bombardeio terminou cerca das quatro da madrugada. Às

4.10, ele desceu para a rua, cruzou-a, acercou-se do tijolo solto, recolheu a mensagem e afastou-se.

Alcançou a residência do embaixador soviético pouco antes de amanhecer e seguiu diretamente para a barraca.

A mensagem de Jericho era simples. Não recebera notícias durante nove dias. Não vira qualquer marca a giz. Desde a sua última informação, não tornara a haver qualquer contato. Não dera entrada qualquer quantia na sua conta bancária. Não obstante, a sua mensagem fora retirada do “cesto”, como tivera o cuidado de verificar. Que se passava?

Martin não a transmitiu para Riad. Sabia que não devia ter desobedecido à ordem, mas quem estava no centro da ação era ele e não Paxman, pelo que lhe assistia o direito de tomar algumas decisões. O risco daquela noite fora calculado. Se descortinasse o mínimo indício de que o local era vigiado, ter-se-ia afastado sem o visitar.

Existia a possibilidade de Paxman ter razão e Jericho estar comprometido. E também que este último se limitasse a comunicar o que ouvira Saddam Hussein dizer. O ponto crucial consistia no milhão de dólares que a CIA recusava pagar. Por fim, Martin redigiu uma resposta de sua autoria.

Referiu que tinham surgido problemas resultantes do início da guerra, mas não havia nada de especial que um pouco mais de paciência não resolvesse. Confirmou que a última mensagem fora recolhida e transmitida, porém ele, Jericho, devia compreender que um milhão de dólares era uma quantia muito elevada e a informação tinha de ser corroborada, o que tardaria alguns dias. Assim, precisava de conservar a calma naqueles tempos conturbados e aguardar que a próxima marca a giz lhe indicasse o reatamento do serviço de momento interrompido.

Martin depositou a mensagem no esconderijo durante o dia, no muro junto do fosso de água estagnada da Velha Cidadela, em Aadhamiya, e, ao anoitecer, traçou a marca a giz na porta de ferro da garagem, em Mansour.

Vinte e quatro horas mais tarde, tinha sido apagada. Ele sintonizava para a frequência de Riad todas as noites, mas não conseguia captar absolutamente nada. Sabia que lhe tinham

ordenado que saísse de Bagdá e os seus controladores provavelmente aguardavam que cruzasse a fronteira. Não obstante, decidiu aguardar mais algum tempo.

Diego Garcia não é um dos lugares do mundo mais visitados. Trata-se de uma ilhota, pouco mais do que um atol de coral, na extremidade do arquipélago de Chagos, ao sul do Oceano Índico. Outrora território britânico, há anos que está alugada aos Estados Unidos da América.

Apesar do seu isolamento, durante a Guerra do Golfo foi anfitriã da apressadamente reunida Esquadrilha de Bombardeamento 4300 da USAF, composta por Estratofortalezas B-52.

A B-52 era a mais antiga combatente da guerra, depois de estar ao serviço durante mais de trinta anos, em muitos dos quais foi a espinha dorsal do Comando Aéreo Estratégico, com quartel-general em Omaha, Nebrasca — um enorme mastodonte alado que sobrevoava a periferia do império soviético, dia e noite, com ogivas termonucleares nas suas entranhas.

Por antigo que fosse, o aparelho continuava a ser um bombardeiro temível, e a versão atualizada “G” foi utilizada na Guerra do Golfo, com efeitos devastadores, nos esconderijos no deserto das chamadas tropas de elite da Guarda Republicana do Iraque, a sul do Kuwait. Se a nata do exército iraquiano abandonou os seus bunkers de mãos erguidas no decurso da grande ofensiva da Coligação, o fato deveu-se em parte a ter os nervos arrasados e o moral abalado pelos bombardeios ininterruptos das B-52.

Embora só houvesse oitenta na guerra, a sua capacidade era tão vasta que largaram vinte e seis mil toneladas de bombas, quarenta por cento do total utilizado durante o conflito.

Uma das razões por que causaram tanto terror entre os elementos da Guarda Republicana deveu-se à circunstância de voarem fora do campo visual e acústico, pelo que as bombas tombavam sem o mínimo prenúncio.

Na alvorada de 22 de janeiro, três Buff decolaram de Diego Garcia e rumaram à Arábia Saudita. Cada aparelho transportava a carga máxima, preparada para ser largada de doze mil metros de altitude.

Os três bombardeiros constituíam a habitual “célula” das operações Buff e as tripulações contavam com um dia de lazer, para pescar ou nadar nas águas cálidas antecedidas pelos recifes que circundavam a ilhota. No entanto, encheram-se de resignação e projetaram a rota em direção a uma fábrica distante que nunca tinham visto, nem veriam." Por conseguinte, seguiram para norte, localizaram Tarmiya, captaram a “imagem” da fábrica indicada e largaram as cento e cinquenta e três bombas. Depois, regressaram à base, no arquipélago de Chagos, Na manhã de 23, mais ou menos quando Londres e Washington começavam a pedir mais fotografias das “pastilhas elásticas”, foi preparada mais uma missão da BDA; porém agora a recolha de fotografias seria levada a cabo por um Phantom proveniente da base de Sheika Isa em Bahrain.

Numa notável quebra da tradição, os Buff atingiram mesmo o alvo e, onde se erguera a fábrica de “pastilhas elásticas”, havia agora uma larga e profunda cratera. Londres e Washington tiveram de se contentar com a dúzia de fotografias que o tenente-comandante Darren Cleary lhes fornecera.

Os melhores analistas do Buraco Negro tinham-nas examinado, haviam encolhido os ombros e decidido enviá-las aos seus superiores nas duas capitais.

Seguiram imediatamente cópias para o centro de interpretação de fotografias britânico, JARIC, e para o ENPIC, em Washington.

Quem passa pelo edifício de tijolo escuro de determinado bairro da capital dos Estados Unidos não suspeita do que acontece dentro. O único indício exterior da existência do Centro Nacional de Interpretação Fotográfica consiste nas vias de escape do sistema de ar condicionado, que mantém a uma temperatura constante um bloco imenso dos computadores mais poderosos da América.

É aí que chegam as imagens captadas pelos satélites e onde se encontram os analistas que informam o pessoal do Departamento de Reconhecimento Nacional, do Pentágono e da CIA da natureza exata do material recolhido por aqueles dispendiosos “pássaros”. Trata-se de especialistas extremamente competentes, mas nunca tinham visto discos como aquelas “pastilhas elásticas” de Tarmiya. Por conseguinte, assim disseram e arquivaram as fotografias.

Peritos do Ministério da Defesa em Londres e do Pentágono em Washington, ao corrente de praticamente todas as armas convencionais desde o arco e a flecha, examinaram as fotos, abanaram a cabeça e devolveram-nas à procedência.

Para a eventualidade de terem algo em comum com armamento de destruição maciça, foram mostradas a cientistas de Porton Down, Harwell e Aldermaston, em Inglaterra, e a outros em Sandia, Los Alamos e Lawrence Livermore, na América. O resultado foi idêntico. A melhor sugestão apresentada consistiu em que os discos faziam parte de enormes transformadores destinados a uma nova central elétrica iraquiana. Foi a explicação finalmente aceite, quando o pedido demais fotografias de Riad obteve a resposta de que a fábrica de Tarmiya deixara virtualmente de existir.

Era uma boa explicação, mas não esclarecia um problema: por que razão estavam as autoridades iraquianas tão desesperadamente empenhadas em dissimular o local?

Só na noite de 24 de janeiro Simon Paxman, de uma cabina pública, telefonou ao Dr. Terry Martin, no seu apartamento.

— Interessa-lhe mais uma refeição indiana?

— Hoje, não posso — informou Martin. — Estou a fazer as malas.

Absteve-se de referir que Hilary regressara e desejava passar o serão com o amigo.

— Onde vai? — perguntou Paxman.

— Aos Estados Unidos. Fui convidado para falar sobre o Califado dos Abássidas. Parece que gostaram dos meus estudos sobre a estrutura legal do Terceiro Califa. Fica para outra vez.

— É que surgiu uma coisa nova acerca daquilo no sul.

— Mais um enigma que ninguém consegue decifrar. Desta vez, não se trata de nuances do idioma árabe, mas de uma questão técnica.

— Que é?

— Uma fotografia. Muni-me de uma cópia.

Martin hesitou.

— Mais palha ao vento? Está bem, no mesmo restaurante. As oito.

— Talvez não passe disso — admitiu Paxman. — Palha.

Não sabia que tinha na mão um longo pedaço de cordel para a atar.

Capítulo 17

Terry Martin desembarcou no Aeroporto Internacional de São Francisco pouco depois das três da tarde do dia seguinte, aguardado pelo seu anfitrião, professor Paul Maslowski, cordial e sorridente, que se apressou a abraçá-lo ao bom estilo da hospitalidade americana.

— A Betty e eu calculamos que um hotel seria muito impessoal e talvez não se importasse de ficar conosco — declarou, enquanto conduzia o carro para a faixa de rodagem da autoestrada.

— Com o maior prazer-disse Martin, sinceramente.

— Os estudantes estão ansiosos por ouvi-lo, Terry. Não há muitos, claro, pois a nossa faculdade de árabe é menor que que a sua, mas reina grande entusiasmo.

— Excelente. Terei muito gosto em conhecê-los.

Conversaram animadamente sobre a paixão comum, a Mesopotâmia medieval, até que chegaram à casa pré-fabricada do professor, num setor residencial em Menlo Park.

Martin foi então apresentado à esposa de Maslowski, Betty, e escoltado a um confortável quarto de hóspedes. Consultou o relógio, que indicava cinco menos um quarto, e perguntou:

— Posso telefonar?

— Com certeza — assentiu o professor. — Quer falar para casa?

— Não, para dentro do país. Empresta-me a lista?

O número que Martin pretendia figurava em Livermore. Laboratório Nacional Lawrence L., no Condado Alameda.

— Ligava-me ao Departamento Z? — pediu, quando a telefonista atendeu, pronunciando Zed, à inglesa.

— A quem?

Departamento Zee — corrigiu. — Ao gabinete da direção.

— Um momento, por favor.

Surgiu na linha outra voz feminina. — Gabinete da direção. Em que lhe posso ser útil?

O sotaque britânico talvez influísse. Ele explicou quem era e o que fazia no país, numa breve visita, e gostaria de falar com o

diretor. Nova pausa, para em seguida aparecer uma voz masculina.

Dr. Martin?

— Sim.

— Sou Jim Jacobs, o subdiretor. Em que o posso servir?

— Bem sei que é muito em cima da hora, mas encontro-me nos Estados Unidos para pronunciar uma conferência na Faculdade de Estudos sobre o Próximo Oriente, em Berkeley, e interessava-me passar por aí para falar consigo.

— Pode dar-me uma indicação de que se trata?

— Bom, não é fácil. Sou membro do setor britânico da Comissão Medusa. Isto sugere-lhe alguma coisa?

— Com certeza. Encerramos dentro de momentos, pelo que hoje já não há tempo. Pode ser amanhã?

— Perfeitamente. Tenho a conferência à tarde. Se fosse da parte da manhã...

— Às dez? — propôs o Dr. Jacobs.

Ficou assente. Martin abstivera-se propositadamente de referir que não era um cientista nuclear, mas arabista. Não convinha complicar as coisas.

Naquela noite, do outro lado do mundo, em Viena, Karim levou Edith Hardenberg para a cama. A sedução não foi precipitada nem desajeitada, parecendo culminar naturalmente um serão de música de concerto e ceia. Enquanto o conduzia ao seu apartamento, ela tentava convencer-se de que seria apenas para lhe oferecer café e conceder um beijo de despedida, embora no fundo soubesse que tentava iludir-se.

Quando Karim a tomou nos braços e beijou com suavidade, mas de forma persuasiva, não se opôs. E no momento em que a levou para o quarto e começou a despi-la com uma eficiência sutil que Horst nunca usara, reconheceu a inutilidade de se insurgir.

Quando se encontraram entre os lençóis, não soube exatamente como devia reagir, pelo que deixou o parceiro tomar a iniciativa. Os beijos subsequentes perderam a suavidade anterior, mas ganharam em avidez, quase voracidade, também nada que se comparasse com a maneira de proceder de Horst.

Ele possuiu-a duas vezes ao longo da noite — a primeira pouco depois da meia-noite e a segunda já no limiar da alvorada,

sempre com um cuidado e prudência que tornariam qualquer tentativa de resistência quase absurda. De resto, resistir não figurava nas intenções imediatas, nem mais ou menos remotas, de Edith., que acabou por colaborar inteiramente.

Embora não fizesse a menor ideia de que o seu hóspede tinha qualquer interesse no mundo além dos estudos árabes, o Dr. Maslowski insistiu em levá-lo a Livermore no carro, para não se sujeitar à despesa de uma longa corrida de táxi.

— Parece que albergo debaixo do meu teto uma pessoa mais importante do que supunha — observou pelo caminho.

Mas embora Martin asseverasse que não era o caso, o californiano sabia o suficiente sobre o Laboratório Lawrence Livermore para compreender que nem toda a gente conseguia ser recebida por um membro da direção, após um mero telefonema prévio.

À entrada do recinto, um segurança uniformizado examinou o passaporte de Martin, utilizou o telefone para contatar com alguém no interior e indicou o parque de estacionamento.

— Espero aqui — disse Maslowski.

Atendendo à atividade a que se dedica, o laboratório constitui uma coleção quase estranha de edifícios na Vasco Road, alguns modernos, mas a maioria remonta aos dias em que o complexo era uma base militar.

Jim Jacobs era um pouco mais velho do que Terry Martin, aparentava cerca de quarenta anos, doutorado em física nuclear, e recebeu-o num pequeno gabinete em cima de cuja secretária se viam numerosos documentos dispersos.

— Faz frio, hein? Aposto que pensava que ia apanhar calor na Califórnia. É a convicção geral dos forasteiros. Mas nesta área não. Toma café?

— É uma boa ideia.

— Com leite, açúcar? ...

— Simples, por favor.

— O Dr: Jacobs premiu o botão do intercomunicador.

— Arranjam-se dois cafés, Sandy? O meu já sabe como é. O outro simples.

E sorriu ao visitante. Não se deu ao trabalho de comunicar que

contatara com Washington para obter confirmação da idoneidade de Martin e de que se tratava realmente de um membro da Comissão Medusa. Jacobs estava ao corrente da existência desta última, porque ele e os seus colegas tinham sido consultados por várias vezes sobre o Iraque e haviam revelado todos os elementos de que dispunham, os pormenores da história de insensatez e incúria por parte do Ocidente que quase tinham proporcionado uma opção atômica a Saddam Hussein. Em que lhe posso ser útil?

— É, por assim dizer, um tiro na escuridão — admitiu Martin, abrindo a pasta de que se fizera acompanhar-, mas alguma vez viu isto?

Pousou na secretária uma cópia das doze fotografias da fábrica Tarmiya — a que Paxman lhe confiara desobedientemente. Jacobs observou-a por um momento e inclinou a cabeça afirmativamente.

— Recebi uma dúzia delas de Washington, há três ou quatro dias. Que posso dizer? Não têm qualquer significado.

— Não consigo ser mais explícito do que fui para eles. Nunca vi nada de parecido com isto.

Naquele momento, Sandy fez a sua aparição com um tabuleiro que continha duas xícaras fumegantes — uma loura sorridente, perfeitamente senhora de si.

— Olá — disse a Martin.

— Viva. — Ele voltou-se de novo para Jacobs. — O diretor também as viu?

O interpelado enrugou a fronte. A implicação consistia em que ele podia não ter idoneidade suficiente para se pronunciar.

— Está a esquiar no Colorado. Mas mostrei-as a alguns dos nossos melhores cérebros, que são realmente bons, pode crer.

— Não duvido — apressou-se Martin a afirmar. Mais uma diligência frustrada. De qualquer modo, não acalentara grandes esperanças.

Sandy pousou as xícaras na secretária e, ao ver a fotografia, disse:

— Isto, outra vez?

— Sim, outra vez — disse Jacobs, com um sorriso. — O Dr. Martin acha que devia ser mostrado a alguém mais...velho.

— Pode ser ao papá Lomax, por exemplo — sugeriu ela, e retirou-se.

— Quem é o papá Lomax? — quis saber Martin.

— Não faça caso. Trabalhou aqui, mas aposentou-se e vive isolado na montanha. De vez em quando, aparece por cá para matar saudades. O pessoal feminino adora-o e ele traz-lhe sempre flores silvestres.

Tomaram o café e trocaram impressões sobre banalidades durante alguns minutos, até que se despediram. Uma vez no corredor, Martin deteve-se por um momento e assomou à porta da antecâmara.

— Onde posso encontrar o papá Lomax? — perguntou a Sandy. : Não sei ao certo. Vive na montanha, mas nunca esteve lá ninguém daqui.

— Tem telefone?

— As linhas normais não chegam lá, mas creio que possui um portátil. A companhia de seguros insistiu nisso. Ele é muito idoso, sabe.

O rosto dela exibiu a expressão de sincera preocupação que só a juventude californiana sente pelas pessoas com mais de sessenta anos. Consultou um ficheiro e indicou um número de telefone, que Martin anotou, após o que agradeceu e retirou-se.

A dez fusos horários dali, anoitecera em Bagdá. Mike Martin pedalava ao longo da Port Said Street. Acabava de passar diante do velho Clube Inglês e, recordando-o da adolescência, voltou-se para trás, a fim de o ver melhor.

A falta de atenção quase provocou um acidente. Alcançara a extremidade da Nafura Square e, irrefletidamente, continuou a pedalar. Uma longa limusina apresentou-se à sua esquerda e, embora não tivesse prioridade, os dois motociclistas que a ladeavam não pareciam dispostos a parar.

Um deles acabou por travar repentinamente, mas não conseguiu evitar que a roda da frente derrubasse a bicicleta, muito menos pesada.

Martin rolou no pavimento, enquanto os legumes da cesta se espalhavam em volta. A limusina parou e em seguida contornou-o, antes de readquirir a velocidade anterior.

: De joelhos, Martin sacudiu a cabeça e viu que o passageiro assomava à janela para ver quem era o imprudente que ousara fazer-lhe perder uma fracão de segundo do seu indubitavelmente precioso tempo.

Era um rosto frio, acima do uniforme de brigadeiro-general, magro e acerbo, de lábios finos cruéis. No entanto, o que mais atraiu a atenção de Martin foram os olhos — agudos, totalmente inexpressivos, como os de um corpo sem vida.

Sabia que acabava de ver o homem mais temido do Iraque depois do Rais, ou porventura tanto como este último. Chamavam-lhe Al Muazib, o Atormentador, extrator de confissões, chefe da AMAM, Ornar Khatib.

Terry Martin marcou o número no período do almoço, mas não obteve resposta. Apenas o tom melífluo da voz gravada, que repetia: “A pessoa que procura não está disponível ou saiu. Volte a tentar mais tarde, por favor.” Paul Maslowski levara-o a almoçar com os colegas da faculdade no refeitório da universidade e as conversas haviam sido animadas e acadêmicas. Martin voltou a tentar o número após o almoço, antes de seguir para Barrows Hall, acompanhado pela diretora dos Estudos sobre o Próximo Oriente, Kathlene Keller, mas tornou a não obter resposta.

A conferência decorreu satisfatoriamente. Assistiram vinte e sete estudantes, e ele ficou impressionado com o nível e profundidade da sua compreensão do material que escrevera e publicara sobre o tema do Califado que governara a Mesopotâmia Central no período a que os europeus chamavam idade Média.

Quando abandonava a sala, avistou um telefone na parede do corredor e tentou a sorte mais uma vez. — Estou... — articulou uma voz rouca.

É o Dr. Lomax?

— Só existe um, amigo. Sou eu.

— Talvez lhe pareça estranho, mas acabo de chegar de Inglaterra e gostava de conversar consigo. Chamo-me Terry Martin.

— De Inglaterra, hein? Isso é longe. Que pode pretender um inglês de um jarreta como eu?

— Pôr à prova a sua memória. Mostrar-lhe uma coisa.. Não é fácil explicar pelo telefone. Posso passar por aí?

— Não é um impresso do IRS?

— Não.

— Ou a fotografia de uma boneca da Playboy? " -Receio bem que não. :

— Aguçou-me a curiosidade. Sabe o caminho?

— Não, mas tenho aqui papel e lápis. Se me fornecer as indicações necessárias...

O papá Lomax descreveu a maneira de chegar ao local onde vivia, o que demorou algum tempo, enquanto Martin-anotava tudo cuidadosamente.

— Fica para amanhã — concluiu. — Hoje já é tarde © você perdia-se na escuridão. E precisa de um transporte de quatro rodas.

Foi um dos dois únicos J-STARS E-8A da Guerra do Golfo que captou o sinal, na manhã de 27 de janeiro. Os J-STARS ainda eram aparelhos experimentais e deslocavam-se com numerosos técnicos civis a bordo, quando receberam ordem, em princípios de janeiro, para seguirem urgentemente da sua base na fábrica de Grumman Melbourne, na Florida, para quase o lado oposto do mundo, na Arábia.

Naquela manhã, um dos dois partira da base aérea militar em Riad e sobrevoava a fronteira iraquiana, ainda dentro do espaço aéreo saudita. O plink era tênue, mas indicava metal, que se deslocava lentamente, no interior do Iraque — um com — bóio com um máximo de dois ou três caminhões. No entanto, era para isso que o J-STAR servia, pelo que o comandante da missão informou um dos AWACS que sobrevoavam em círculos a parte norte do Mar Vermelho, revelando a posição exata do alvo.

No interior da estrutura do AWACS, o comandante marcou o local e olhou em volta à procura de um elemento no ar disponível para fazer uma visita hostil ao comboio. Todas as operações no setor do deserto ocidental continuavam concentradas na caça aos mísseis Scud, à parte a atenção prestada às duas vastas bases aéreas iraquianas denominadas H2 e H3, situadas naquela área. O J-STAR podia ter localizado uma rampa de Scud móvel, embora o fato fosse pouco vulgar durante o dia.

O AWACS descobriu um elemento de dois Strike Eagle F-15E rumo ao sul proveniente da Scud-Alley North.

Don Walker seguia para sul a sete mil metros de altitude, após uma missão nos arrebaldes de Al Qairn, onde ele e o colega Randy Roberts tinham arrasado uma base de mísseis fixa que protegia uma das fábricas de gás venenoso programada para ulterior destruição.

Walker recebeu a ordem e verificou o carburante. Não restava muito. Depois de lançar as bombas guiadas por laser, dispunha apenas de dois Sparrows e outros tantos Sidewinders. No entanto, estes últimos eram mísseis ar-ar, para a eventualidade de se depararem "jatos" iraquianos.

Algures a sul da fronteira, o seu abastecimento aguardava pacientemente, e ele necessitaria de poupar até à última gota para regressar a Al Kharz. No entanto, o comboio estava apenas a oitenta quilômetros de distância e unicamente a vinte e cinco da sua rota prevista. Mesmo que não possuísse projéteis apropriados, podia perfeitamente ir espreitar.

Como o colega no outro aparelho ouvira tudo, Walker gesticulou através da canopla transparente e os dois Eagle "picaram" para a sua direita.

A dois mil e quinhentos metros de altitude, avistou a fonte do plink que aparecera no ecrã do J-STAR. Não era uma rampa de Scud, mas dois caminhões e dois BRDM-2, veículos blindados de fabricação soviética, que se deslocavam sobre rodas em vez de cremalheiras.

Do seu posto de observação, Walker podia ver mais do que isso. Num uade profundo atrás dele, estava um Land-Rover. A mil e quinhentos metros, conseguia descortinar os quatro homens do SAS britânico à sua volta, como minúsculas formigas no tapete acastanhado do deserto. Simplesmente, não podiam aperceber-se dos quatro veículos iraquianos que formavam uma ferradura em redor, nem dos soldados que saltavam para o chão dos dois caminhões para os cercar.

Walker convivera com membros do SAS em Omã. Sabia que atuavam no deserto ocidental contra as rampas de mísseis Scud, e vários colegas da esquadrilha já tinham entrado em contato com eles, quando haviam localizado um alvo que se achavam impossibilitados de enfrentar.

A mil metros de altitude, viu os quatro ingleses olhar para cima com curiosidade, O mesmo fizeram os iraquianos, a oitocentos metros de distância. Walker apressou-se a premir o botão de transmissão.

— Atenção, destruir os caminhões.

— Entendido.

Embora não dispusesse de bombas, nem mísseis, acondicionado na asa direita, havia um canhão Vulcan M-61-AI de vinte milímetros, capaz de expelir o carregador de quatrocentos e cinquenta projéteis com uma rapidez impressionante. A bala do canhão de vinte milímetros tem o tamanho de uma banana pequena e explode no momento do impacto, No caso de um caminhão com tropas, pode estragar-lhes os planos.

Walker ligou a unidade de pontaria e viu os alvos na posição ideal no quadrante.

O primeiro BRDM recebeu uma centena de balas e desintegrou-se num mar de chamas e o segundo não tardou a sofrer a mesma sorte. A vez dos caminhões não se fez esperar e os sobreviventes correram freneticamente em direção ao abrigo proporcionado por um grupo de rochas nas imediações.

Dentro do uade, os quatro homens do SAS abarcaram a situação e trataram de subir para o seu transporte e abandonar o local da emboscada ao longo do curso de água seco.

Os Eagle, por seu turno, ganharam altitude e rumaram ao ponto onde os aguardava o aparelho de abastecimento.

O comandante da patrulha do SAS era um sargento chamado Peter Stephenson, que acenou na direção dos caças que se afastavam; e murmurou:

— Não sei quem vocês são, amigos, mas fico a dever-lhes um favor.

Mrs. Maslowski possuía um jipe Suzuki como transporte de reserva que raramente conduzia e insistiu em que Terry Martin o utilizasse. Embora o seu voo de regresso a Londres não decolasse antes das cinco da tarde, ele partiu cedo porque não sabia que obstáculos se lhe depariariam pelo caminho.

O Dr. Maslowski tinha de voltar para a faculdade, mas emprestou-lhe um mapa para que não se perdesse. A estrada em

direção ao vale do rio Mocho obrigou-o a passar de novo por Livermore, onde enveredou pela Mines Road.

Teve sorte com as condições atmosféricas. O inverno nunca é muito agreste nessa região, mas a proximidade do mar provoca nebulosidade e bancos de nevoeiro com frequência. Ora, naquele 27 de janeiro, o céu apresentava-se límpido e o vento era fraco, embora fizesse algum frio.

Cerca de vinte quilômetros adiante, Martin abandonou a Mines Road e entrou num caminho estreito que se estendia por uma encosta à beira de um precipício crescente, ao fundo do qual, em pleno vale, o rio Mocho brilhava ao Sol, no seu curso por entre as rochas.

Por fim, desembocou numa extensão plana e arborizada.

Pouco depois, passou por uma fazenda isolada e, oito quilômetros adiante, avistou a cabana, de cuja chaminé se elevava uma estreita coluna de fumo azulado de lenha.

Imobilizou o Land-Rover no pátio e apeou-se. Numa cerca próxima, uma vaca observou-o com aparente curiosidade. Como brotavam sons rítmicos do outro lado da cabana, Martin contornou-a e descobriu o papá Lomax numa pequena elevação rochosa sobranceira ao vale e rio em baixo.

Tinha setenta e cinco anos e, apesar da preocupação de Sandy, o aspecto de quem lutava com ursos pardos como mero passatempo. Com cerca de um metro e oitenta e três de altura, jeans encardidas e camisa de xadrez, o velho cientista rachava lenha com a mesma facilidade com que qualquer pessoa cortava pão.

Afinal, sempre deu com o sítio, hein? Ouvi-o aproximar-se. — Pousou o machado e aproximou-se do visitante, ao qual estendeu a mão. — Dr. Martin, salvo erro.

— Exato.

— De Inglaterra? — Sim.

Levou a mão à algibeira da camisa, puxou de uma bolsa de tabaco e um livro de mortalhas e começou a enrolar um cigarro.

— Suponho que não é um político?

— Não me tenho nessa conta — Uma ocasião, trabalhei com um que passava o tempo a aconselhar-me a deixar de fumar. —

Acendeu o cigarro e encheu os pulmões de fumo. — Bem, que o traz por cá?

— Tenho de lhe pedir desculpa desde já — disse Martin, abrindo a pasta. — Talvez não passe de mera perda de tempo para ambos, mas gostava que desse uma olhadela a isto. Lomax pegou na fotografia e observou-a.

— É realmente de Inglaterra?

— Sem dúvida.

— Fez uma viagem enorme só para me mostrar esta foto. — Reconhecera?

— Que remédio. Passei cinco anos da minha vida a trabalhar lá.

Martin teve a desconfortável sensação de que abria a boca de espanto.

— Trabalhou mesmo aí?

— Durante cinco anos. Em Tarmiya.

— Onde diabo fica isso? Isto é Oak Ridge.

Desta vez, engoliu em seco várias vezes.

— Escute, Dr. Lomax. Esta fotografia foi tirada há seis dias por um “caça” da Marinha dos Estados Unidos que sobrevoava uma fábrica bombardeada, no Iraque.

O outro ergueu os olhos azuis brilhantes entre as pálpebras brancas e tornou a baixá-las para a foto.

— O filho da mãe... Eu bem preveni os bastardos. Há três anos.

— Escrevi um artigo em que advertia de que era este tipo de tecnologia o de utilização mais provável do Terceiro Mundo. Que lhe aconteceu?

— Acho que o rasgaram.

— Quem?

— Quem havia de ser? Os cabeçudos.

— Sabe o que são esses discos dentro da fábrica.

— Claro. Calutrões. Isto é uma réplica da velha fábrica de Oak Ridge.

— Calu... quê?

Lomax voltou a erguer a vista. — Imagino que não é médico? Ou físico?

— Não. A minha especialidade são os estudos árabes.

— Calutrões. Ciclotrões californianos. A abreviatura dá calutrões.

— Que são, na realidade?

— Separação de isótopos eletromagnéticos. Na sua linguagem, refinam Urânio 238 crude para filtrar o Urânio 235 das célebres bombas. Diz você que isto é no Iraque?

— Precisamente. Foi bombardeado por acaso, há uma semana. A fotografia é do dia seguinte. Até agora, ninguém sabia de que se tratava.

Volveu o olhar para o vale, ao mesmo tempo que expelia o fumo pelas narinas.

— Filho da mãe — repetiu. — Vivo aqui porque quero.

— Longe do smog e tráfego ruidoso. Tive a minha conta de tudo isso e bastou. Não possuo televisão, mas gosto de ouvir rádio.

— Isto diz respeito a Saddam Hussein, hein?

— Sim. Pode falar-me um pouco mais desses calutrões?

— Foi em 1943 — murmurou, com uma expressão pensativa. — Há muito tempo, como vê. Já lá vão quase cinquenta anos. Antes de você nascer. Éramos então um pequeno grupo que tentava fazer o impossível, jovens, dinâmicos, engenhosos, e não sabíamos que se tratava de uma impossibilidade, Por conseguinte, o fizemos. Havia Fermi, da Itália, e Pontecorvo, Fuchs, da Alemanha, Nils Bohr, da Dinamarca, Nunn May, da Inglaterra, e outros. E nós, ianques: Urey, e Ernest. Eu era muito novo. Apenas vinte e sete anos.

— A maior parte do tempo, limitávamos-nos a tentar fazer coisas que nunca tinham sido experimentadas e testar outras que se não podiam fazer. Dispúnhamos de um orçamento que hoje pareceria ridículo, pelo que trabalhávamos dia e noite e economizávamos, na medida do possível. Tinha de ser, pois o tempo urgia. Contra todas as previsões, conseguimos, em três anos. Deciframos os códigos e fabricamos a bomba. O Garoto e o Gordo. Depois a força aérea largou as em Hiroxima e Nagasaqui, e o mundo disse que não devíamos ter feito aquilo. O pior era que de contrário outros o fariam. A Alemanha nazi, a Rússia de Estaline...” Os calutrões... — lembrou Martin.

— Pois. Ouviu falar do Projeto Manhattan?

— Com certeza.

— Pois bem, tínhamos vários gênios em Manhattan; dois, em particular: Robert J. Openheimer e Ernest O. Lawrence. Sabe a quem me refiro?

— Muito bem;.

— Pensava que eram colegas, parceiros, hein?

— Acho que sim.

— Pois, engana-se. Eram rivais. Todos sabíamos que a chave de tudo se chamava “urânio”, o elemento mais pesado do mundo. E, em 1941, também estávamos cientes de que somente o isótopo 235, mais leve, criaria a reação em cadeia de que necessitávamos. A habilidade consistia em separar 0,7 por cento do 235 oculto algures na massa do Urânio 238. Quando a América entrou na guerra, recebemos um apoio substancial. Após anos de esquecimento, as altas esferas queriam resultados “ontem”. Sempre a velha história. Por conseguinte, nos preparamos para separar esses isótopos.

— Openheimer voltou-se para a difusão do gás: reduzir o urânio a um fluido e depois a gás. O hexafluoreto de urânio, venenoso e corrosivo, difícil de manipular. A centrífuga apareceu mais tarde, inventada por um austríaco capturado pelos russos, que passou a trabalhar em Sukhumi. Antes da centrífuga, a difusão do gás era lenta e difícil. Lawrence enveredou pelo outro caminho: a separação eletromagnética pela aceleração de partículas. Sabe o que isso significa?

— Receio bem que não.

— Basicamente, impelem-se os átomos a uma velocidade dos diabos e depois utilizam-se ímanes gigantescos para os fazer descrever uma curva. Dois carros de corrida entram velozmente numa curva, um pesado e o outro leve. Qual se despista?

— O pesado.

— Exato. É esse o princípio. Os calutrões dependem de ímanes gigantescos com cerca de sete metros de largura. Estes discos — Lomax pousou o indicador nas “pastilhas elásticas” -são os ímanes. O conjunto é uma réplica do meu antigo bebé em Oak Ridge, Tennessee.

— Se funcionava, por que abandonaram o processo? — quis

saber Martin.

— Por uma questão de rapidez. Openheimer chegou primeiro. O seu método era mais rápido. Os calutrões eram extremamente lentos e muito dispendiosos. Em 1945, e sobretudo quando o tal austríaco foi libertado pelos russos e nos visitou para mostrar a centrífuga que inventara, a tecnologia dos calutrões foi abandonada. Passou ao domínio público. Qualquer pessoa pode obter os pormenores e os planos, na biblioteca do Congresso. Foi provavelmente o que os iraquianos fizeram.

Os dois homens conservaram-se silenciosos por vários minutos.

— Está-me a dizer que o Iraque decidiu utilizar a tecnologia Ford de Modelo T e, como toda a gente pensou que se destinava a carros de corrida, ninguém deu por isso? — observou finalmente Martim.

— Mais ou menos. A memória das pessoas é curta. O velho Ford de Modelo T seria antigo, mas funcionava. Levava uma pessoa ao seu destino. Transportava-a de A para B. E avariava-se muito raramente.

— Os cientistas que o meu governo e o seu têm consultado sabem que o Iraque possui uma cascata de centrífugas de difusão de gás em funcionamento, há mais de um ano. Outra está na iminência de entrar em atividade, embora talvez isso ainda não acontecesse. Nessa base, calculam que os iraquianos não podem ter refinado urânio puro suficiente... digamos, trinta e cinco quilos... para fabricar uma bomba. E têm toda a razão-assentiu Lomax. — Precisam de cinco anos, só com uma cascata, ou mesmo mais. Um mínimo de três, com duas.

— Mas suponhamos que estão a empregar calutrões em tandem. Se fosse chefe do programa da bomba do Iraque, como atuaria?

— Não desse modo-asseverou, principiando a enrolar novo cigarro. — Em Londres, explicaram-lhe que se começa com o bolo amarelo, que se considera zero por cento puro, e tem de se refinar até 93 por cento de pureza para conseguir uma qualidade apropriada para a bomba?

Martin recordou o Dr. Hipwell, com a sua nuvem de fumo do

cachimbo, que numa sala do subsolo de Whitehall dissera precisamente a mesma coisa.

— Sim, informaram-me disso.

— Mas não se preocuparam em acrescentar que a purificação de zero até vinte consome a maior parte do tempo? Não referiram que à medida que a pureza aumenta, o processo se torna mais rápido?

— Não.

— Pois é verdade. Se eu dispusesse de calutrões 6 centrífugas, não as poderia utilizar em tandem. Teria de o fazer em sequência. Faria circular o urânio básico através dos calutrões para o passar de zero a vinte ou talvez vinte e cinco por cento de pureza e depois usava-o para alimentar as novas cascatas.

— Por quê?

— Reduziria o tempo de refinação nas cascatas num fator de dez.

Ponderou o que acabava de ouvir, enquanto Lomax chupava o cigarro.

— Nesse caso, quando lhe parece que o Iraque poderá ter os trinta e cinco quilos de urânio puro?

— Depende de quando começaram com os calutrões.

Martin voltou a refletir. Quando os “jatos” israelenses haviam destruído o reator iraquiano de Osirak, Bagdá adotara duas políticas: de dispersão e duplicação, espalhando os laboratórios por todo o país, para não poderem voltar a ser bombardeados e recorrendo a uma técnica de cobertura-de-todas-as-possibilidades na compra e experimentação. O bombardeio de Osirak acontecera em 1981.

Lomax pegou num pedaço de madeira pouco maior que uma lasca e começou a efetuar traços no chão.

— Os tipos têm algum problema com o abastecimento de bolo amarelo, o alimento básico?

— Não, o alimento abunda.

— É natural-grunhiu. — Quase se pode comprar em qualquer supermercado. — Fez uma pausa e indicou a fotografia com o fragmento de madeira. — Isto mostra cerca de vinte calutrões. Eles não têm mais?

— Talvez tenham. Não o sabemos. Admitamos que se resumem a esses.

— Portanto, desde 1983?

— É uma suposição básica. Continuou a riscar no chão com a madeira.

— O nosso amigo Hussein tem escassez de energia elétrica?

Martin pensou na geradora de cento e cinquenta megawatts no lado do deserto oposto a Tarmiya e na sugestão do Buraco Negro de que o cabo seguia para lá pelo subsolo.

— De modo algum.

— Nós tínhamos. Os calutrões absorvem uma quantidade enorme para poderem funcionar. Em Oak Ridge, construímos a maior geradora alimentada a carvão jamais concebida, e mesmo assim tivemos de recorrer à rede pública — Lomax efetuou mais alguns traços no chão. — E a respeito de fio de cobre?

— Podiam comprá-lo no mercado aberto.

— Os ímanes gigantescos exigem milhares de quilômetros de fio de cobre. Durante a guerra, não conseguimos obtê-lo.

— Era todo absorvido pela produção militar. Sabe como a Lawrence resolveu o problema?

— Não faço a menor ideia.

— Pedimos emprestadas ao Forte Knox todas as suas barras de prata e fundimo-las para conseguir o fio. No final da guerra, devolvemos-lhas. — Completou os cálculos e endireitou-se. — Se reunissem vinte calutrões em 1983 e fizessem o bolo amarelo por eles até 1989, para depois pegarem em urânio puro a trinta por cento e alimentarem com ele a centrífuga durante um ano, conseguiriam os seus trinta e cinco quilos com noventa e três por cento de pureza em novembro.

— Deste ano?

— Não, meu amigo. Do ano passado.

Martin consultou o relógio, quando iniciava a viagem de regresso. Meio-dia. Oito horas da noite em Londres. Paxman já devia ter abandonado o local de trabalho. Infelizmente, ele não sabia o seu número do apartamento.

Podia aguardar doze horas em São Francisco ou partir já. Optou pela segunda alternativa e chegou a Heathrow às Onze da

manhã de 28 de janeiro, para se encontrar com Paxman às 12.30. Duas horas mais tarde, Steve Laing reunia-se de urgência com Harry Sinclair, na embaixada em Grosvenor Square, e, às 15.00, o chefe de posto de Londres da CIA falava por uma linha direta e extremamente segura com o subdiretor (Operações), Bill Stewart.

Só na manhã de 30 de janeiro, Bill Stewart conseguiu obter um relatório completo para o DCI. Webster.

— Bate tudo certo — comunicou ao antigo juiz do Kansas.

— Enviei homens à cabina perto da montanha Cedar, e o velhote, Lamox, confirmou-o. Encontramos o artigo original. Estava arquivado. Os registros de Oak Ridge corroboram esses discos e calutrões.

— Como foi possível? — perguntou o DCI. — Como se explica que nunca nos déssemos conta?

— Bem, a ideia deve ter partido de Jaafar Al-Jaafar, o patrão iraquiano do programa. Além de Harwell, em Inglaterra, também se treinou no CERN, nos arrebaldes de Genebra. É um acelerador de partículas gigantescas.

— E daí?

— Os calutrões são aceleradores de partículas. De qualquer modo, toda a tecnologia dos calutrões passou ao domínio público, em 1949. Desde então, basta apresentar o pedido para a poder consultar.

— E os calutrões... onde foram comprados?

— Aos poucos, sobretudo à Áustria e França. As aquisições não despertaram suspeitas devido à natureza antiquada da tecnologia. A fábrica foi construída por jugoslavos. Como estes exigiram planos para se orientar, os iraquianos forneceram-lhes os de Oak Ridge. Explica-se assim que a Tarmiya seja uma réplica.

— Quando aconteceu tudo isso?

— Em oitenta e dois.

— Por conseguinte, o que esse agente... como se chama? ... Jericho O que ele comunicou corresponde à verdade?

— Limitou-se a revelar o que alegou ter ouvido Saddam Hussein dizer numa reunião secreta. Receio já não podermos excluir a possibilidade de que, desta vez, o homem não mentiu.

— E pusemo-lo a andar?

— Exigia um milhão de dólares por esta informação. Nunca pagamos uma quantia tão astronômica, e na época parecia...

Mas é uma pechincha atendendo à sua natureza.

O DCI levantou-se e moveu-se em direção à janela panorâmica. As faias estavam desnudas e, no vale, o Potomac deslizava em direção ao mar.

— Providencie para que Chip Barber regresse a Riad e veja se existe alguma maneira de restabelecer o contato com Jericho.

— Há um intermediário: um agente britânico infiltrado em Bagdá que se faz passar por árabe. Mas sugerimos à Century House que o mandasse sair de lá.

— Esperemos que ainda não o tenha feito. Precisamos de retomar os negócios com Jericho. Não se preocupe com os fundos. Eu autorizo-os. Onde quer que esse diabólico dispositivo esteja oculto, temos de o localizar e bombardeá-lo, antes que seja tarde.

— Muito bem. Quem... quem vai informar os generais?

Webster suspirou.

— Avisto-me com Colin Powell e Brent Scowcroft, dentro de duas horas.

“Antes tu do que eu”, refletiu Stewart, enquanto se retirava.

Capítulo 18

Os dois homens da Century House chegaram a Riad antes de Chip Barber, procedente de Washington. Steve Laing e Simon Paxman apresentaram-se antes da alvorada, depois de tomarem o voo da noite em Heathrow.

O chefe de posto em Riad, Julian Gray, aguardava-os no seu habitual carro anônimo e levou-os à casa onde ele tinha virtualmente residido, apenas com visitas esporádicas para ver a esposa, durante cinco meses.

Ficou surpreendido com o reaparecimento súbito de Paxman de Londres e ainda mais de Steve Laing, para coordenarem uma operação que fora encerrada.

Na casa, por detrás de portas fechadas, Laing revelou a Gray a razão pela qual Jericho tinha de ser localizado e reativado sem demora.

— Então, o filho da mãe sempre dizia a verdade!

— Temos de partir desse princípio, embora não disponhamos de provas — admitiu Laing. — Quando é o espaço de escuta de Martin?

— Entre as onze e um quarto e a meia-noite menos um quarto. Por razões de segurança, há cinco dias que não contatamos com ele. Contávamos que aparecesse na fronteira, a todo o momento.

Esperemos que ainda não tenha saído de lá. De contrário, estamos enterrados em trampa até às orelhas. Haveria necessidade de o reinfiltrar, o que poderia demorar uma eternidade.

— Os desertos iraquianos estão cheios de patrulhas.

— Quantas pessoas estão ao corrente disso? — perguntou Gray.

— O menor número possível, situação que se deve manter.

Fora estabelecido um grupo de necessidade-de-saber muito restrito entre Londres e Washington, mas para os profissionais ainda era demasiado numeroso. Na capital americana, havia o Presidente e quatro membros do seu gabinete, além do presidente do Conselho de Segurança Nacional e o dos chefes de Estado-maior General. A estes deviam juntar-se quatro homens em Langley, um dos quais,

Chip Barber, seguia para Riad. O infortunado Dr. Lomax tinha um hóspede indesejado na sua cabana, para se assegurar de que não se verificava o menor contato com o mundo exterior.

Em Londres, a notícia chegara ao conhecimento do Primeiro-Ministro, John Major, o secretário do gabinete, dois membros deste último, enquanto na Century House havia três homens ao corrente.

Em Riad, havia agora três na casa do SIS e Barber, que não tardaria a juntar-se-lhes. Entre os militares, a informação limitava-se a quatro generais — três americanos e um britânico.

O Dr. Terry Martin contraíra um acesso diplomático de gripe e residia confortavelmente numa casa segura do SIS no campo, cuidado por uma governanta de ares maternais e três vigilantes de tendências menos familiares.

Doravante, todas as operações contra o Iraque respeitantes à localização e destruição do dispositivo que os aliados supunham ter a designação de código de Qubth-ut-Allah, o Punho de Deus, seriam empreendidas sob a capa de medidas ativas destinadas a liquidar o próprio Saddam Hussein ou qualquer outra razão plausível.

Na verdade, já se haviam efetuado duas tentativas do gênero. Tinham sido identificados dois alvos em que o presidente iraquiano poderia residir, pelo menos temporariamente. Ninguém podia dizer com exatidão quando, porque ele se deslocava com a rapidez e sutileza de um fogo-fátuo de um esconderijo para outro, quando não estava no bunker de Bagdá.

Vigilância aérea constante concentrava-se nos dois lugares. Um era uma casa no campo a sessenta quilômetros de Bagdá e o outro um enorme lar móvel convertido numa caravana de guerra e centro de planeamento.

Numa ocasião, os vigilantes aéreos tinham visto baterias de mísseis móveis e blindados ligeiros que se posicionavam em torno da casa. Uma esquadrilha de Strike eagles entrou em cena e destruiu-a. Tratava-se de um falso alarme — a ave não estava naquela gaiola.

Na segunda vez, dois dias antes do final de janeiro, a enorme caravana fora vista mover-se para outro local. Seguiu-se novo ataque, com idêntico resultado.

Em ambas as ocasiões, os pilotos expuseram-se a riscos

elevados, pois a artilharia iraquiana respondeu furiosamente. O malogro do extermínio do ditador deixou os aliados perante um dilema. Desconheciam por completo os movimentos exatos de Saddam Hussein.

A verdade era que, à parte um número reduzido de guarda-costas pertencentes ao Amn-al-Khass, comandado pelo seu próprio filho, Usay, ninguém fazia a menor ideia do paradeiro do Rais.

Na realidade, transitava de um lado para o outro, a maior parte do tempo. Apesar da convicção de que se achava no seu bunker subterrâneo durante as incursões aéreas inimigas, não parava lá muito demoradamente.

No entanto, a sua segurança estava garantida por uma série de elaborados estratagemas. Em várias ocasiões, era “visto” pelas suas próprias e entusiásticas tropas, quando na verdade não passava de um dos seus sósias, capazes de serem tomados por Saddam pelas pessoas que não pertencessem ao seu círculo íntimo.

Não admirava, pois, que os aliados não conseguissem localizá-lo. Não obstante, tentaram... até à primeira semana de fevereiro. A partir de então, foram canceladas todas as tentativas de assassinato, e os militares nunca compreenderam porquê.

Chip Barber chegou à casa britânica em Riad pouco depois do meio-dia de final de janeiro. Após as saudações da praxe, os quatro homens sentaram-se, dispostos a aguardar a hora em que tentariam contatar com Mike Martin, se ainda estivessem em Bagdá.

— Suponho que nos impuseram um prazo? — observou Laing.

— Vinte de fevereiro. O general Schwarzkopf quer fazer avançar as suas tropas nessa data.

— Vinte dias. — Paxman assobiou em surdina. — O Tio Sam vai assumir a responsabilidade?

— Exato. O diretor já autorizou a transferência de um milhão de dólares para a conta de Jericho. Pela localização do dispositivo infernal, admitindo que existe e é só um, pagaremos ao filho da mãe cinco milhões.

— Cinco milhões de dólares? — exclamou Laing. — Mas nunca ninguém pagou tanto por informações confidenciais.

— Que quer? — Barber encolheu os ombros. — Jericho é um

mercenário. Só lhe interessa o dinheiro. Então, que o mereça.

Há um estratagema no meio de tudo isto. Os árabes regateiam e nós não. Cinco dias depois de ele receber a mensagem, baixamos a fasquia meio milhão cada vinte e quatro horas, até que ele nos forneça a localização exata.

Os três ingleses entregaram-se a reflexões sobre a quantia que representava muito mais do que os salários de todos durante uma vida inteira.

— Bem, isso deve acelerar-lhe a marcha — reconheceu, por fim, Laing.

A mensagem foi redigida durante o fim da tarde e princípio do serão. Primeiro, tinha de ser estabelecido contato com Mike Martin, o qual deveria confirmar em linguagem codificada que ainda estava lá e desfrutava de liberdade.

Depois, Riad revelar-lhe-ia a oferta a Jericho pormenorizadamente e salientaria a urgência da operação.

À hora do jantar, comeram quase por mera formalidade, dominados pela tensão que imperava na sala. Às sete e meia, Simon Paxman dirigiu-se à cabana da rádio com os outros e pronunciou a mensagem para o gravador, que lhe acelerou a velocidade e reduziu para dois segundos de duração.

Dez segundos depois das onze e um quarto, foi enviado um breve sinal, que significava “Está à escuta? ”. Três minutos mais tarde, registrou-se uma minúscula “erupção”. O prato do satélite captou-a e quando foi reduzida à velocidade normal soou a voz de Mike Martin: “Urso Preto à Montanha Rochosa. Escuto.” Houve uma explosão de alívio na casa em Riad.

— Tem-se mantido lá durante catorze dias — admirou-se Barber. — Por que carga de água não se pôs a andar, quando lhe ordenamos?

— Porque é casmurro — murmurou Laing. — E ainda bem.

Entretanto o radiotelegrafista enviava nova mensagem.

Precisava de cinco palavras de confirmação, embora o oscilógrafo lhe indicasse que o tipo de voz condizia com o de Martin e este não se exprimia sob pressão. Com efeito, catorze dias são mais do que o suficiente para abalar o espírito de um homem.

A mensagem era tão breve quanto possível nas circunstâncias:

“De Nelson e do Norte, repito, de Nelson e do Norte. Terminado.” Escoaram-se mais cinco minutos. Em Bagdá, Martin agachava-se no chão da sua barraca no recinto da embaixada soviética. Depois de escutar o blip de som fugaz, disse a resposta, comprimiu-a na habitual “erupção” e transmitiu-a para a capital saudita.

Os três homens ouviram-no dizer: “Cantemos o nascer do brilhante dia.” O radiotelegrafista sorriu. É ele, sem a menor dúvida. Vivo em liberdade.

— Isso é algum poema? -perguntou Barber.

— Sim, o segundo verso, que diz na realidade: “Cantemos o nascer do novo dia.” Se o pronunciasse corretamente, significaria que tinha uma arma apontada à cabeça.

O radiotelegrafista enviou a mensagem final e cortou a comunicação.

— Talvez não obedeça aos costumes locais — disse Barber, abrindo a pasta-, mas a vida diplomática goza de certos privilégios.

— Ena, Dom Perignon! — exclamou Gray. — Langley pode permitir-se esses luxos?

— Langley acaba de atirar cinco milhões de notas verdes para a mesa de póquer. Por conseguinte, acho que pode oferecer-lhes umas gotas da rija.

— É uma atenção inesperada — comentou Paxman, secamente.

Uma única semana produzira uma transformação quase radical em Edith Hardenberg — ou melhor, uma semana e os efeitos de estar apaixonada.

Graças ao encorajamento moderado de Karim, visitara um cabeleireiro em Grinzing, que lhe conferira um aspecto totalmente diferente à cabeça. Por outro lado, o amante orientou-a na escolha de uma larga variedade de produtos de beleza e modo correto e mais eficiente de os aplicar.

No banco, Wolfgang Gemutlich assistia à metamorfose com estupefacção crescente, acentuada pela segurança, até então inexistente, com que se comportava no trabalho.

Todavia, ele julgava saber o que sucedera. Uma das estouvadas colegas convencera-a a entrar em despesas. Sim, a chave de tudo residia nisso: gastar dinheiro. E a experiência

ensinara-lhe que o corolário de semelhante maneira de proceder só poderia consistir no infortúnio, o que o levava a recear o pior.

A timidez natural dela não se evaporara por completo, pelo menos no banco. Mas na presença de Karim, quando estavam sós, revelava uma exuberância que a surpreendia. Por conseguinte, as sessões de amor passaram gradualmente de unilaterais para uma entusiástica e arrebatadora participação mútua.

Na noite de 3 de fevereiro, ele apresentou-se no apartamento com uma caixa oblonga envolta em papel brilhante e uma fita artística. Não deves fazer isto, Karim. Gastas demasiado dinheiro.

— O meu pai não tem problemas materiais — replicou ele, tomando-a vigorosamente nos braços. — Concede-me uma mesada generosa, como sabes. Preferias que a gastasse em boates?

— Não sejas tonto. — Edith pegou na caixa. — Posso ver o que é?

— Foi para isso que o trouxe.

A princípio, não compreendeu de que se tratava. O conteúdo parecia constituir um conjunto de sedas, rendas e diferentes cores. Quando se lhe fez luz no espírito, porque vira anúncios em revistas, corou com intensidade.

— Oh, não posso, Karim! Nem pensar!

— Podes, sim. Vai para o quarto e vê se te servem. Prometo não espreitar.

Pousou a oferta na cama e contemplou-a com enlevo. ela, Edith Hardenberg, usar aquilo? Nunca! Havia meias, porta-ligas, cuecas, soutiens e camisas de dormir curtíssimas.

Manteve-se quase uma hora fechada no quarto, até que, envolta num roupão, abriu a porta. Karim pousou a xícara de café, levantou-se, aproximou-se e olhou-a por um momento. Em seguida, estendeu a mão para o cinto do roupão e desfez lentamente o nó. Ela tornou a corar, mas não se opôs.

— Tens um aspecto sensacional, gatinha — sussurrou Karim.

Depois de fazerem amor, Edith levantou-se da cama e dirigiu-se à casa de banho. Quando reapareceu, acercou-se dele, que continuava deitado, sentou-se na borda da cama e fez deslizar o dedo ao longo da leve cicatriz que tinha num dos lados do queixo, resultante de uma queda que dera na estufa de flores do pai, em

Aman.

Ele sorriu, pegou-lhe na mão e acariciou o anel que ela usava no dedo mindinho, oferecido pela mãe.

— Que fazemos esta noite? -perguntou ela.

— Vamos sair. Ao Bristol, por exemplo.

— Comes demasiados bifes.

— Karim desferiu-lhe uma leve palmada na coxa.

— São estes bifes que mais aprecio.

— Bem, vou-me vestir.

Edith levantou-se e observou-se ao espelho. Como podia ter mudado tanto? Como conseguira convencer-se a usar lingerie? De súbito, compreendeu. Fizera-o por Karim. Por ele, não recuaria perante qualquer sacrifício. O homem que amava e lhe retribuía o afeto, merecia tudo dela.

Departamento de Estado dos Estados Unidos 1 Washington, DC 20520

MEMORANDO PARA: James Baker, Secretário de Estado

DE: Grupo Político de Contra-Espionagem e Análise

ASSUNTO: Assassínio de Saddam Hussein

DATA: 5 de fevereiro de 1991 :

CLASSIFICAÇÃO: Só para os olhos.

Claro não lhe passou despercebido que, desde o início das hostilidades entre as Forças Aéreas da Coligação provenientes da Arábia Saudita e Estados vizinhos e a República do Iraque, se efetuaram duas, provavelmente mais, tentativas para, eliminar o presidente iraquiano Saddam Hussein.

Foram todas perpetradas por meio de bombardeio aéreo e exclusivamente pelos Estados Unidos.

Por conseguinte, este grupo considera urgente enumerar as prováveis consequências de uma tentativa bem sucedida para assassinar o referido dirigente do Iraque.

A sequela natural seria, obviamente, que o regime que sucedesse à atual ditadura do partido Baath se achasse sob os auspícios das forças da Coligação e assumisse a forma de um governo humano e democrático.

Estamos convencidos de que semelhante esperança é enganadora.

Em primeiro lugar, o Iraque não é, nunca foi, um país unido. Há pouco mais de uma geração, não passava de um ninho de lutas entre tribos rivais. Contém, em partes quase iguais, duas seitas potencialmente hostis do Islã, as fés sunitas e xiitas, além de três minorias cristãs, a que se deve juntar a nação curda, a forte, vigorosamente empenhada na obtenção da independência.

Em segundo, nunca houve a mais remota experiência de democracia no país, que passou de turco para haxemita e para o domínio do partido Baath, sem o benefício de um interlúdio de democracia como nós a entendemos.

Assim, na eventualidade do termo repentino da atual ditadura através do assassinato, há dois cenários realistas.

O primeiro consiste numa tentativa para impor do exterior um governo de consenso que abarcasse todas as principais facções em termos de uma coligação de base ampla.

Em conformidade com a óptica deste grupo, uma estrutura dessa natureza sobreviveria no poder por um lapso de tempo extremamente limitado. As tradicionais e antigas rivalidades não tardariam a destruí-la.

Os curdos aproveitariam a oportunidade, negada desde longa data, para optar pela secessão e estabelecimento da sua própria república no norte. Um governo central fraco em Bagdá baseado no acordo por consenso seria impotente para impedir essa tendência.

A reação turca seria previsível e furiosa, porque a sua própria minoria curda ao longo do território fronteiriço se apressaria a juntar às do outro lado da fronteira para uma resistência reforçada ao domínio turco.

A sueste, a maioria xiita em torno de Basra e Shatt-al-Arab encontraria bons motivos para efetuar aberturas a Teerão. O Irã se sentiria tentado a vingar a chacina dos seus jovens na recente guerra Iran-Iraq, aceitando-as, na esperança de anexar o sueste iraquiano em face da incapacidade de Bagdá.

Os Estados do Golfo pró-ocidentais e a Arábia Saudita precipitar-se-iam em algo muito próximo do pânico ante a perspectiva de o Irã se aproximar da fronteira do Kuwait.

Mais a norte, os árabes do Arabistão iraniano fariam causa comum com os seus homólogos do outro lado da fronteira, no

Iraque, atitude que seria vigorosamente reprimida pelo Ayatollah, em Teerão.

Temos assistido com preocupação crescente à guerra civil entre sérvios e croatas, na antiga Jugoslávia. Até agora, a luta não se estendeu à Bósnia, onde aguarda uma terceira força sob a forma dos muçulmanos bósnios. Quando chegar aí, como acabará por acontecer, a chacina será ainda mais implacável.

Não obstante, este grupo crê que quanto se passa na Jugoslávia ficará a perder de vista em comparação com o cenário agora desenhado de um Iraque em desintegração total. Em semelhante eventualidade, podemos contar com uma guerra civil em território iraquiano e áreas circundantes e desestabilização total do Golfo. Só o problema dos refugiados atingiria cifras astronômicas.

O único outro cenário viável consiste em Saddam Hussein ser sucedido por um general ou membro de alto nível da hierarquia do Baath. No entanto, como todos eles são tão sanguinários como o atual Rais, torna-se difícil descortinar que vantagens adviriam da substituição de um monstro por outro.

A solução ideal, embora de modo algum perfeita, tem, pois, de ser a conservação do status quo no Iraque, com a supressão de todas as Armas de destruição em massa e o poder convencional degradado ao ponto de não constituir uma ameaça para um Estado vizinho durante o mínimo de uma década.

Poderá argumentar-se que a persistência das infrações aos direitos humanos por parte do presente regime iraquiano, se se lhe permitir a sobrevivência, se tornará ainda mais preocupante. Sem a menor dúvida. Contudo, o Ocidente tem assistido a eventos terríveis na China, Rússia, Vietnã, Tibete, Timor Leste, Camboja e muitas outras partes do mundo. Não é possível aos Estados Unidos impor humanidade a escala universal, a menos que estejam dispostos a participar numa guerra global permanente.

O resultado menos catastrófico da atual guerra no Golfo e eventual invasão do Iraque consiste, portanto, na sobrevivência no poder de Saddam Hussein como único chefe de um território iraquiano unificado, embora militarmente castrado com vista a uma agressão estrangeira.

Por todas as razões expostas, este grupo recomenda o termo de todos os esforços para assassinar o Rais do Iraque ou marchar sobre Bagdá e ocupar o país.

Respeitosamente, PI AG Mike Martin viu a marca a giz a 7 de fevereiro e recolheu a mensagem da caixa de cartas mortas na mesma tarde. Pouco depois da meia-noite, montou o transmissor na barraca e leu-a para a máquina gravadora, que a reduziu à usual "erupção". A seguir ao árabe, juntou a sua própria tradução em inglês e enviou a mensagem às 0.16, hora do seu "espaço" no ar.

— Ei-lo — anunciou o radiotelegrafista em Riad. — O Urso Preto está a transmitir.

Os quatro homens ensonados que estavam na sala contígua acudiram prontamente. Quando finalmente se procedeu à decodificação, Paxman, cujo árabe era melhor que o dos companheiros, informou:

— Encontrou-o. Jericho diz que o encontrou.

— Deixe ouvir, Simon — disse Laing.

A parte em árabe chegou ao fim e principiou a tradução em inglês. Excitado, Barber desferiu um soco na palma da outra mão.

— O tipo conseguiu-o! Pode dar-me uma cópia da mensagem?

O técnico rebobinou a gravação, aplicou os fones nos ouvidos e começou a batê-la à máquina.

Barber utilizou o telefone da sala para ligar ao quartel-general subterrâneo da CENTAF. Necessitava de falar com determinado homem.

Aparentemente, o general Chuck Horner não precisava de dormir muitas horas. Embora ninguém do Comando da Coligação ou do quartel-general da Força Aérea, na Old Airport Road, necessitasse de consagrar muito tempo ao sono, Horner superava todos nesse particular.

Tinha o hábito de percorrer as salas da CENTAF a meio da noite, movendo-se dos analistas do Buraco Negro para o Centro de Controlo Aéreo tático. Se um telefone perto dele tocava e ninguém acudia a atender, apressava-se a levantar o fone, pelo que muitos oficiais da Força Aérea convencidos de que se tratava de um colega descobriam estupefatos e algo embaraçados que falavam com o patrão.

Embora fosse um hábito muito democrático, às vezes originava situações desconfortáveis. Certa ocasião, um comandante de esquadrilha, que manteremos imerso no anonimato, telefonou para informar que os seus pilotos eram alvo de intenso fogo de barragem de Triple-A quando seguiam para as suas missões. Não haveria possibilidade de desencorajar os artilheiros iraquianos com uma visita dos bombardeiros pesados, os Buff?

O general Horner replicou que tal não era possível, pois os Buff estavam sobrecarregados de trabalho; o outro, porém, insistiu, sem que obtivesse melhor resposta. Por último, exasperado, bradou:

— Então, vá para o raio que o parta!

Poucos oficiais podem exprimir-se em semelhantes termos a um superior hierárquico e escapar às consequências. Não obstante, não se registrou a menor reação contundente.

Foi, pois, aí que Chip Barber o encontrou naquela noite, cerca da uma hora, e reuniram-se no gabinete do general, no seio do complexo subterrâneo, quarenta minutos mais tarde.

Chuck Horner leu a transcrição inglesa da mensagem com uma expressão grave. Barber empregara o termo “processador” para anotar algumas passagens, pelo que o texto ficara um pouco confuso.

— Isto é mais uma das suas deduções de reuniões com homens de negócios da Europa? — acabou por perguntar, secamente.

— Consideramos a informação fidedigna.

O general emitiu um grunhido. À semelhança da maioria dos combatentes, não gostava de perder muito tempo com o mundo subterrâneo, pessoas às quais costumava chamar “fantasmas”.

— Esse suposto alvo está associado àquilo que penso? — insistiu.

— Consideramo-lo muito importante — assentiu Barber. ;"; Antes demais, vamos observá-lo minuciosamente.

— Desta vez, foi um 77 de Taif que fez as honras. Tratava-se de uma versão aperfeiçoada do velho U-2, utilizado como compilador de informação multitarefas, capaz de sobrevoar o Iraque fora do campo visual de terra e possuidor de uma tecnologia

apropriada para penetrar profundamente nas defesas com imagens de radar e equipamento de escuta. Mas ainda conservava as câmaras fotográficas e às vezes empregavam-no não para uma foto panorâmica, mas para uma missão individual “íntima”. E a tarefa de fotografar um alvo conhecido apenas por Al-Qubai constituía o auge da intimidade.

Havia um segundo motivo para recorrer ao TR-1 — pode transmitir as suas imagens com prontidão, sem necessidade de esperar que o aparelho regressasse, se procedesse à revelação da película e a fizesse seguir para Riad. Enquanto o TR-1 sobrevoava a faixa do deserto a oeste de Bagdá e a sul da base aérea de Al-Muhammadi, as imagens que “via” apareciam no ecrã de um televisor na cave do Quartel-General da Força Aérea Saudita.

Havia cinco homens na sala, entre os quais o técnico que operava o console e podia, a uma ordem dos outros quatro, ordenar ao modem do computador que “congelasse” a imagem e fornecesse uma cópia para estudo.

Chip Barber e Steve Laing achavam-se presentes, tolerados com a sua indumentária civil naquela Meca de maioria militar, enquanto os outros dois eram o coronel Beatty, da USAF, e o chefe de esquadrilha, Peck, da RAF, ambos peritos de análise de alvos.

O motivo das palavras “Al-Qubai” consistia em que era a aldeia mais próxima do alvo, e, como se tratava de uma localidade demasiado pequena para figurar nos mapas, o que interessava aos analistas era a grade de referência e a descrição que a acompanhava.

O TR-1 localizou o alvo a poucos quilômetros da grade de referência enviada por Jericho, mas não subsistiam dúvidas quanto à exatidão da descrição, além de que não havia quaisquer outras localidades num largo raio.

Os quatro homens viram o alvo surgir gradualmente no ecrã e imobilizar-se, uma vez atingida a nitidez mais perfeita possível. Ato contínuo, o modem emitiu uma cópia para estudo.

— Está aí debaixo? — murmurou Laing.

— Tem de estar-replicou o coronel Beatty. — Não há nada que se pareça num espaço de muitos quilômetros.

Na verdade, Al-Qubai era a fábrica de energia nuclear do

programa do Dr. Jaafar. Um engenheiro nuclear britânico observara, uma ocasião, que a sua perícia se compunha de “10 por cento de gênio e noventa por cento de canalização”. Na realidade, não era só isso.

A fábrica de engenharia era o local onde os artífices pegavam no produto dos físicos, cálculos dos matemáticos e computadores e resultados dos químicos e montavam o produto final. Eram os engenheiros nucleares quem convertia o dispositivo num objeto metálico utilizável.

O Iraque enterrara a sua fábrica de Al-Qubai inteiramente debaixo do deserto, a mais de vinte e cinco metros de profundidade, e aquilo era apenas o telhado. Sob este último, três pisos de oficinas prolongavam-se para baixo. A habilidade com que tudo fora encoberto justificava o comentário do chefe de esquadrilha Peck, naquele momento:

— Os mariolas...

Foi o coronel Osman Badri, um jovem gênio de engenharia militar iraquiana, o responsável da solução para dispor o vasto complexo, que iludiu os Aliados, com todos os seus aviões-espiões.

Observada do ar, Al-Qubai parecia um vasto cemitério de automóveis. Quatro dos montes de veículos enferrujados constituíam estruturas soldadas, sob as quais, tubos provenientes do subsolo sugavam ar puro ou expeliam os gases nocivos por entre as carroçarias retorcidas.

A construção principal — aparentemente um barracão — , a oficina de corte, com reservatórios de oxigênio e acetileno dispostos no exterior, ocultava a entrada do poço do elevador. A naturalidade de soldar naquele lugar justificava uma fonte de calor.

A estrada de piso irregular explicava-se claramente: destinava-se ao acesso dos caminhões que chegavam com veículos inutilizados e partiam com sucata de aço.

Todo o sistema fora avistado por AWACS, que registraram uma enorme massa metálica no meio do deserto. Uma divisão de tanques? Um depósito de munições?

O que os quatro homens em Riad também não podiam ver era que quatro outras mini montanhas de carroçarias enferrujadas estavam igualmente soldadas, com a configuração interna de

cúpulas, mas possuidoras de macacos-hidráulicos. Duas alojavam potentes baterias antiaéreas e as outras duas mísseis SAM, modelos 6, 8 e 9.

— É, pois, debaixo disto — articulou Beatty.

Enquanto observavam a imagem, entrou em cena um caminhão longo com carros inutilizados. Diria-se que se deslocava aos solavancos, porque o 777 que voava a vinte e cinco mil metros de altitude, registrava “diapositivos” à razão de vários por segundo. Os dois membros dos serviços secretos observaram fascinados, até que o veículo se imobilizou junto do barracão de soldagem.

— Aposto que a comida, água e outros tipos de abastecimento estão por baixo das carroçarias que vêm no caminhão — disse Beatty. — O pior é que nunca conseguiremos arrasar o raio da fábrica. Nem os Buff podem bombardear tão fundo.

— Podíamos encerrar os tipos lá em baixo — aventurou Peck. — Destruíamos o poço do elevador e cortávamos-lhes a única saída.

— Parece-me uma boa ideia — admitiu Beatty. — Quantos dias faltam para a invasão por terra?

— Doze — informou Barker.

— Chegam — volveu Beatty. — Uma vaga de aparelhos, um “gorila”, voando a alto nível, guiados por laser.

Laing dirigiu um olhar de advertência a Barber, que se apressou a salientar:

— Preferíamos uma operação mais discreta. — Uma missão de duas unidades, a baixo nível, com confirmação visual da destruição.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Pretendem dizer-nos alguma coisa? — perguntou Beatty.

— Como, por exemplo, que Bagdá não deve saber que estamos interessados?

— Não pode ser da maneira que indiquei? — volveu Laing.

— Parece não haver qualquer tipo de defesa. A chave, aqui, consiste na dissimulação.

Beatty suspirou. “Enfim, não tenho nada com isso”, refletiu.

— Que acha, Joe? -perguntou ao chefe de esquadrilha.

— Os Tornados podem dar conta do recado — concordou o

interpelado. — Com Buccaneer a assinalar o alvo. Seis bombas de quinhentos quilos através da entrada do poço. Aposto que o barracão é de ferro-betão por dentro. Deve conter a explosão satisfatoriamente.

— Muito bem. — Beatty inclinou a cabeça, satisfeito. — Encarrego-me de obter autorização do general Horner. Quem quer utilizar?

— A esquadrilha seiscentos e oito de Maharraq. Conheço o comandante, Phil Curzon. Mando-o chamar?

O comandante Philip Curzon tinha a seu cargo doze Tornados Panavia da Real Força Aérea da Esquadrilha 608, na ilha de Bahrain, aonde haviam chegado doze meses atrás, provenientes da sua base em Fallingbostel, Alemanha. Pouco depois do meio-dia de 8 de fevereiro, recebeu uma ordem que não admitia objecções para se apresentar imediatamente no quartel-general da CENTAF, em Riad. A urgência era de tal ordem que, pouco após a recepção da mensagem, uma ordenança comunicou-lhe que um Huron americano acabava de aterrar, para o levar.

— Que diabo estará a acontecer? — articulou para consigo, ao embarcar no pequeno aparelho.

Os quatro homens que se haviam reunido para ver as fotografias da missão do TR-1 às dez da manhã, ainda não se tinham retirado. Faltava apenas o técnico. Não necessitavam demais imagens. As que possuíam achavam-se dispersas em cima da mesa. O chefe de esquadrilha Peck procedeu às apresentações.

Steve Laing explicou o que se pretendia e Curzon examinou as fotografias.

Não era néscio, de contrário não comandaria uma esquadrilha dos bombardeiros mais dispendiosos de Sua Majestade. Nas primeiras missões de baixo nível com bombas JP-233 contra aeródromos iraquianos, perdera dois aparelhos e quatro excelentes pilotos-dois haviam morrido, enquanto os restantes tinham sido feitos prisioneiros e apresentados na TV do Iraque, com as habituais cenas humilhantes em que as relações públicas de Saddam eram peritas.

— Porque não se inclui este na lista geral de alvos a destruir? — acabou por perguntar. — Para quê tanta pressa?

— Vou ser franco — declarou Laing. — — Estamos convencidos de que se situa aí o principal e porventura único armazém de gás venenoso de Saddam. Há motivos para supor que se preparam para transferir uma carga importante para as primeiras linhas. Daí a urgência.

Beatty e Peck arrebitaram as orelhas. Era a primeira explicação que escutavam para justificar o interesse dos "fantasmas" na fábrica sob o cemitério de veículos.

— Mas dois aparelhos de ataque? -persistiu Curzon. — Só? isso é próprio de uma missão de prioridade extremamente baixa. Que direi à minha tripulação? Fica desde já assente que não lhe quero mentir.

— Não há necessidade, nem eu o toleraria — asseverou Laing. — Limite-se a dizer a verdade. O reconhecimento aéreo revelou movimentação de caminhões no local. Os analistas creem tratar-se de veículos militares e concluíram que o aparente cemitério de sucata encobre um depósito de munições. Em especial, no interior do barracão central. Por conseguinte, é esse o alvo. Quanto à missão de baixo nível, não há mísseis nem Triple-A, como pode ver.

— Isso é verdade?

— Juro-o.

— Então, para quê a intenção bem clara de que, se algum dos meus homens for abatido e interrogado, Bagdá não se deve inteirar da origem da informação? Acreditam na história do caminhão militar tanto como eu, meus senhores.

O coronel Beatty e o chefe de esquadrilha Peck entreolharam-se. O homem não se deixava iludir com facilidade.

— Diga-lhe, Chip-indicou Laing, resignado.

— Muito bem. Mas o que lhe vou revelar é só para os seus ouvidos, hein? O resto corresponde inteiramente à verdade. Temos um transfuga. Nos Estados Unidos. Transferiu-se para lá antes da guerra, para terminar um curso superior. Agora, apaixonou-se por uma moça americana e quer ficar. Durante os interrogatórios do pessoal da Imigração, veio à baila algo de importante que nos foi transmitido.

— Por alguém da CIA? -inquiriu Curzon.

— Exato. Estabelecemos um acordo com o tipo. Obtém o cartão verde, se nos ajudar. Quando esteve no Iraque com a Engenharia do exército, participou em alguns projetos secretos. Agora, quer divulgar o que sabe. Pronto, ficou inteirado.

— Uma última pergunta. Se o homem se encontra nos Estados Unidos em segurança, para quê a necessidade de iludir Bagdá?

— Há — outros alvos que ele nos está a revelar. Levará algum tempo, mas talvez lhe arranquemos cerca de duas dezenas. Se alertarmos Bagdá de que ele canta como um canário, os iraquianos transferem o material para locais desconhecidos durante a noite.

Levantou-se e recolheu as fotografias, cada uma das quais, a um lado, continha a grade de referência no mapa.

— Está bem. Amanhã, ao alvorecer. Pouco depois o barracão terá deixado de existir. — E retirou-se.

Durante a viagem de regresso, ponderou o que acabavam de lhe ordenar. Algo lhe segredava que cheirava fortemente a esturro. No entanto, as explicações eram perfeitamente plausíveis. Não mentiria aos seus homens, mas fora proibido de revelar toda a verdade. A faceta animadora da situação consistia em que o alvo se baseava na dissimulação e não na proteção. Assim, eles deveriam regressar incólumes. E já sabia quem dirigiria as operações.

O chefe de esquadrilha Lofty Williamson refastelava-se ao sol do entardecer numa cadeira de lona, quando o mandaram chamar. Lia a última edição do World Air Power Journal, a bíblia do piloto de combate, e contrariava-o ser arrancado de um bem fundamentado artigo sobre um dos caças iraquianos que se lhe poderia deparar pela frente.

O comandante estava no seu gabinete, com as fotografias espalhadas na sua frente, e, ao longo de uma hora, explicou ao chefe de esquadrilha o que se pretendia.

— Disporão de dois Bucks para lhes marcarem o alvo, pelo que poderão executar o trabalho e bater em retirada antes que os infiéis compreendam o que aconteceu.

Williamson procurou o seu navegador, que os americanos conhecem por wizzo, o qual, hoje em dia não se limita a navegar, pois tem a seu cargo a eletrônica e os sistemas de armas. O tenente Sid Blair gozava da reputação de conseguir localizar uma lata de

sardinhas no Sara, se necessitasse de ser bombardeada.

Os dois homens, coadjuvados pelo técnico das Operações, estabeleceram a rota da missão. A localização exata do cemitério de veículos foi determinada, com auxílio da grade de referência, nos mapas, que tinham uma escala de 1/50000.

O piloto deixou bem claro que queria atacar do leste no momento exato do nascer-do-Sol, para que os artilheiros tivessem a luz pela frente, enquanto ele veria o alvo com a maior clareza.

Blair insistiu em que pretendia um ponto de referência inconfundível para proceder a pequenos ajustamentos de última hora no seu determinador de rota. Descobriram, a vinte quilômetros do alvo na direção leste, um mastro de rádio precisamente a mil e seiscentos metros da reta final.

O fato de a operação se desenrolar ao alvorecer proporcionava-lhes o Tempo sobre o Alvo, ou TOT de que necessitavam. A razão pela qual o TOT deve de ser mantido exato com a aproximação de segundos estabelece a diferença entre o êxito e o desaire. Se o primeiro piloto se atrasa, nem que seja um simples segundo, o colega que o segue pode ser atingido pela explosão das bombas que o outro lançou. Pior ainda: o primeiro piloto terá um torpedo atrás de si à velocidade de cerca de quinze quilômetros por segundo — fato pouco tranquilizador. Finalmente, se o primeiro chega demasiado cedo ou o segundo demasiado tarde, os artilheiros em terra têm tempo de acordar e fazer pontaria. Por conseguinte, o segundo “entra” no momento em que os estilhaços das primeiras explosões se extinguem.

Williamson recorreu aos companheiros habituais, dois jovens tenentes, Peter Johns e Nicky Tyne. O momento exato em que o Sol despontaria acima das pequenas colinas a nascente do alvo foi calculado para as 7.08 e o ataque para 270 graus oeste.

Tinham sido escolhidos dois Buccaneers da Esquadrilha Número 12, com base também em Maharraq. Williamson trocaria as últimas impressões com os seus pilotos pela manhã. Os armeiros receberam instruções para embarcar três bombas de quinhentos quilogramas equipadas com nariz de orientação por laser PAVEWAY. Os quatro tripulantes jantaram às oito e foram-se deitar, para serem acordados às três da madrugada.

Era ainda noite cerrada quando apareceu uma picape nas instalações do pessoal da Esquadrilha 608 para levar os quatro tripulantes.

Os Buccaneers só tinham chegado ao Golfo uma semana atrás, depois de inicialmente se dizer que não eram necessários. Desde então, haviam provado sobejamente a sua utilidade. Na sua essência destruidora de submarinos, os Buck estavam mais acostumados a frequentar as águas do Mar do Norte à procura de submersíveis soviéticos, mas também se adaptavam às condições do deserto.

A sua especialidade consiste no voo a baixa altitude. A principal razão do seu aparecimento no Golfo consistia nas baixas importantes sofridas nos primeiros tempos pelos Tornados nas suas missões de ultra baixa altitude iniciais.

Atuando sós, tinham de largar as bombas e segui-las até o alvo, mesmo no coração dos TripJe-A. Mas quando trabalhavam em conjunto com os Buccaneers, as bombas dos Tornados levavam o nariz cônico PAVEWAY de busca de laser, enquanto os Buck transportavam e utilizavam o transmissor laser, denominado PAVESPIKE.

Deslocando-se acima e atrás do Tornado, o Buck podia “marcar” o alvo, deixando-o largar a bomba, e afastar-se do local sem perda de um segundo.

Além disso, o Buck tinha o PAVESPIKE montado num balanceiro estabilizado giroscopicamente nas suas entranhas, pelo que também podia oscilar, enquanto mantinha o feixe laser fixo no alvo até que a bomba o atingia.

Depois de devidamente equipados e como ainda faltavam duas horas para a decolagem, William, na sua qualidade de comandante da missão, transmitiu as últimas instruções aos companheiros. : Em seguida, tomaram café e ocuparam-se da derradeira fase dos preparativos. Cada um deles muniu-se de uma pequena Walther PPK carregada, para a eventualidade de terem de pousar no deserto e serem atacados pelos iraquianos. Também levavam mil libras em soberanos de ouro de cinco e a “folha de trampa”. Este notável documento foi apresentado no Golfo aos americanos, porém os ingleses entendiam-no perfeitamente,

sobretudo porque permaneciam naquela área desde os anos vinte.

A “folha de trampa” é uma carta em árabe e seis tipos de dialeto beduínico do seguinte teor: Prezado senhor beduíno: o portador deste documento é um oficial britânico. Se o devolver à patrulha inglesa mais próxima, completo com os testículos, de preferência no lugar ortodoxo e não na boca, receberá a recompensa de cinco mil libras de ouro. Às vezes, funcionava.

Os uniformes de voo dispunham de chapas refletoras nos ombros suscetíveis de serem detetadas por uma equipe de salvamento, se o piloto tivesse de descer no deserto.

Após o café, havia a esterilização, que não era tão radical ou desconfortável como o nome pode sugerir. Eram removidos todos os anéis, cigarros, isqueiros, cartas, fotos da família; numa palavra, tudo o que pudesse proporcionar a um interrogador uma “alavanca” sobre a personalidade do prisioneiro. A operação achava-se a cargo de um membro feminino da aviação, mas por sorte fora enfermeira e aceitou o encargo com boa disposição.

Por último, os quatro homens subiram para bordo. A primeira tarefa consistia em se instalarem nos lugares com suficiente liberdade de movimentos para poderem utilizar o rádio. Em seguida, Williamson ligou o motor à sua direita e o Rolls-Royce RB-199 começou a uivar suavemente. Depois, o da esquerda.

Finalmente, os quatro aparelhos decolaram em direção ao local onde a fonte de abastecimento, o Victor da Esquadrilha 55, os aguardava, algures sobre a fronteira saudita com o Iraque.

Graças ao radar, localizaram-no na escuridão, aproximaram-se e procederam à delicada operação do abastecimento em voo. Até aí, tinham consumido a terça parte do conteúdo dos respectivos depósitos. A seguir, afastaram-se para o interior do deserto.

Os navegadores estabeleceram a primeira de três rotas diferentes, com dois pontos de regresso, que os conduziriam ao Ponto Inicial de leste. Quando voavam a uma altitude mais elevada, tinham vislumbrado o Sol nascente, mas agora, sobre o deserto, e voando mais baixo, imperavam as trevas.

Williamson voava com o auxílio do TIALD, Thermal Imaging and Laser Designator, dispositivo produzido numa fábrica de biscoitos convertida em Edimburgo. Tratava-se de uma combinação

de uma câmara de TV de ultra-alta definição com um sensor térmico de raios infravermelhos. Graças a ele, os pilotos podiam ver tudo à sua frente — rochas, despenhadeiros e elevações, como se emitissem um clarão.

Pouco antes do nascer-do-Sol, Sid Blair avistou o mastro de rádio e indicou ao seu piloto que corrigisse o rumo num grau.

Williamson acertou os comandos das bombas para a posição “escravo” e volveu o olhar para o seu Mostrador Elevado, o qual indicava os quilômetros e segundos que faltavam para o momento do lançamento. estava então a trinta metros de altitude, sobre terreno plano.

O Sol surgiu acima das colinas e os primeiros raios projetaram-se no areal, e expuseram o alvo, a dez quilômetros. Ele viu o brilho metálico dos montes de carroçarias enferrujadas, com o barracão no centro e a larga porta voltada para o seu lado.

Os Buck achavam-se a trinta metros de altitude e dois quilômetros atrás.

— Estou a marcar. informou o navegador do primeiro Buck.

O seu feixe de laser fixou-se no meio da porta do barracão. A cinco quilômetros, Williamson iniciou a ascensão, apontando o nariz do aparelho para cima e suprimindo a sua visão do alvo. Não fazia diferença, porque a tecnologia se incumbiria do resto. A cem metros, recebeu indicação para soltar a carga. Ato contínuo, premiu o respectivo comando e as três bombas de quinhentos quilogramas partiram velozmente.

Com o aparelho mais leve, ele elevou-se rapidamente para trezentos metros. :

Como tinha uma câmara de TV no ventre do seu aparelho, o navegador do Buccaneer pôde ver o impacto das bombas mesmo no centro da porta do barracão. Toda a área em redor se dissolveu num lençol de chamas e fumo, ao mesmo tempo que uma coluna de pó se erguia quase na vertical. Quando começava a pousar, Peter Johns, no segundo Tornado, avançava para o local, trinta segundos após o aparelho do comandante da missão.

O navegador do Buck não viu apenas isso. Achavam-se presentes armas. " — Eles têm Triple-A -exclamou.

O segundo Tornado começava a elevar-se. O segundo

Buccaneer assistiu a tudo. O barracão desintegrara-se com o impacto das primeiras três bombas, para revelar uma estrutura retorcida. Mas havia canhões antiaéreos entre os montes de sucata.

— Bombas despachadas! — anunciou Johns, e fez o Tornado descrever uma curva rápida. O seu Buccaneer também, se afastava do alvo, porém o PAVESPIKE do seu ventre mantinha o feixe no que restava do barracão.

— Impacto! — bradou o navegador do Buck.

Registrou-se um clarão de disparos entre a sucata. Dois mísseis SAM partiram no encalço do Tornado.

Williamson regressara aos trinta metros sobre o deserto, mas rumava no sentido contrário, em direção ao Sol, agora bem acima do horizonte. De súbito, ouviu a voz de Peter Johns:

— Fomos atingidos!

Atrás dele, Jim Blair mantinha-se silencioso. Praguejando de cólera, Williamson tornou a alterar o rumo, esperançado em manter os artilheiros iraquianos em respeito com o seu canhão. No entanto, chegou demasiado tarde.

Ouviu um dos Buck dizer “Os tipos têm mísseis” e avistou o Tornado de Johns, que tentava ganhar altitude, expelindo fumo de um motor, após o que o piloto de vinte e cinco anos anunciou:

— Vou descer...e ejetar-me...

Não havia nada mais a fazer. Nas primeiras missões, os Buck costumavam acompanhar os Tornados “a casa”. Entretanto, chegara-se ao consenso de que o podiam fazer sem companhia. Em silêncio. Os dois marcadores de alvos fizeram o melhor possível o que deviam fazer. Pousaram os ventres no deserto sob o sol matinal e conservaram-nos lá.

Williamson dominava a custo a indignação, convencido de que lhe tinham mentido. Não fora o caso, pois ninguém estava ao corrente da existência de Triple-A e mísseis ocultos em Al-Oubai.

A altitude elevada, um TR-1 enviou imagens da destruição para Riad. Uma Sentinela E-3 captara as palavras trocadas no espaço e comunicou a Riad que tinham perdido a tripulação de um Tornado.

Williamson regressou só, para apresentar o relatório e descarregar a ira nos seletores do alvo em Riad. Sob o quartel-

general da CENTAF na Old Airport Road, a satisfação de Steve Laing e Chip Barber pelo fato de o Punho de Deus ter ficado sepultado no ventre em que fora criado achava-se atenuada pela perda dos dois jovens.

Os Buccaneer, que se deslocavam em voo rasante através do deserto ao sul do Iraque, a caminho da fronteira, encontraram um grupo de camelos de beduínos a pastar, o que proporcionou aos pilotos um dilema delicado: contorná-los ou voar por baixo.

Capítulo 19

O brigadeiro Hassan Rahmani sentava-se atrás da secretária do seu gabinete no edifício da Mukhabarat, em Mansour, e ponderava os eventos das últimas vinte e quatro horas quase com desespero.

O fato de os principais centros militares e de produção de guerra estarem a ser destruídos sistematicamente por bombas e mísseis não o preocupava. Essas ocorrências, que ele previra com semanas de antecedência, limitavam-se a-tornar mais iminente a invasão americana e a queda do homem de Tikrit.

Era algo que ele aguardava com ansiedade, embora naquele dia, 11 de fevereiro, ignorasse que tal não aconteceria. Apesar de ser um homem excecionalmente inteligente, não dispunha de uma bola de cristal para antever o futuro.

O que o apoquentava naquela manhã era a sua própria sobrevivência, as probabilidades de sobreviver para assistir à queda de Saddam Hussein.

O bombardeio, na madrugada do dia anterior, da fábrica de engenharia nuclear de Al-Qubai, dissimulada tão astuciosamente que nunca ninguém admitira a sua descoberta; abalaria a elite no poder em Bagdá.

Minutos depois da retirada dos dois bombardeiros britânicos, os artilheiros sobreviventes tinham estabelecido contato com Bagdá para comunicar o ataque. Ao inteirar-se, o Dr. Jaafar Al-Jaafar metera-se no carro e visitara o local para tomar conhecimento da situação do pessoal. O acadêmico estava fulo e, à tarde, queixara-se amargamente a Hussein Kamil, de quem dependia o programa nuclear do Ministério da Indústria e Industrialização Militar.

Um programa que, da despesa total em armamento de cinquenta bilhões de dólares numa década, apenas consumira oito milhões, para no momento do seu triunfo ser destruído! Dar-se-ia o caso de o estado não poder garantir a proteção do seu pessoal? Assim perorava o diminuto cientista perante o genro de Saddam Hussein.

O físico iraquiano pouco mais tinha que um metro e meio de

altura, com constituição de mosquito, mas em termos de influência exercia um peso considerável, e constava que não ficara por aí nos seus protestos.

O embaraçado Hussein Kamil comunicara a triste nova ao sogro, cuja cólera também atingira um grau elevado. Quando tal acontecia, toda Bagdá tremia pela sua vida.

Os cientistas que trabalhavam no subsolo não só tinham sobrevivido ao bombardeio como conseguido fugir, porque a fábrica continha um túnel estreito que se prolongava por cerca de um quilômetro debaixo do deserto e terminava numa galeria circular vertical, com pegas metálicas nas paredes. O pessoal saíra por essa via, mas seria impossível retirar a pesada maquinaria do mesmo modo.

O elevador principal e monta-cargas constituía uma amálgama de ferros retorcidos, da superfície até uma profundidade de sete metros, cuja restauração representaria uma complexa obra de engenharia que se prolongaria por várias semanas-semanas essas que Hassan Rahmani suspeitava que o Iraque não possuía.

Se as coisas ficassem por aí, ele ter-se-ia sentido simplesmente aliviado, pois mergulhara em profunda apreensão desde a conferência no palácio antes do início da guerra, em que Saddam revelara a existência do “seu” dispositivo.

O que agora preocupava Rahmani era a fúria alucinada do chefe de estado-maior. O vice-presidente, Izzat Ibrahim, telefonara-lhe pouco antes do meio-dia da véspera, e o chefe da contra espionagem nunca vira o seu confidente mais íntimo em semelhante condição.

Explicara-lhe que o Rais estava fora de si de cólera, e quando isso acontecia costumava haver derramamento de sangue. Só essa consequência poderia serenar o homem de Tikrit. O vice-presidente deixara bem claro que se esperava que ele, Rahmani, obtivesse resultados, e depressa. Como, por exemplo, a descoberta da maneira como o inimigo se inteirara da localização do complexo de Al-Qubai.

Rahmani contatara com amigos do exército, os quais haviam falado com os seus artilheiros, e as revelações eram categóricas num ponto. A incursão britânica envolvera dois aviões. Havia outros

dois a uma altitude mais elevada, mas supunha-se que se tratava de caças para lhes proporcionar cobertura, e não tinham largado qualquer bomba. Depois, Rahmani falara para o departamento de Operações da Força Aérea. Segundo vários oficiais, possuidores de treino ocidental, nenhum alvo de importância militar significativa mereceria apenas uma ação de dois aparelhos. Nem pensar.

Rahmani depreendia pois que, se os britânicos não acreditavam que se tratava na verdade de um cemitério de veículos, que pensariam que era? A resposta residiria porventura nos dois aviadores abatidos. Ele gostaria de se ocupar pessoalmente do interrogatório, convencido de que, com determinadas drogas alucinogênicas, os faria falar em poucas horas.

O exército confirmaria que capturara o piloto e o navegador três horas após a incursão, no deserto, um dos quais coxeava, em virtude de ter fraturado um tornozelo. Infelizmente, um piquete da AMAM comparecera com notável prontidão e levara os aviadores. Ninguém se opunha nem comentava os atos da polícia secreta. Por conseguinte, encontravam-se agora nas mãos de Ornar Khatib, e que Alá se compadecesse das suas almas.

Privado da oportunidade de brilhar, revelando a informação fornecida pelos aviadores, Rahmani reconhecia que teria de contribuir com alguma coisa. Faltava só descobrir com quê.

Só mereceria a pena que o fizesse com aquilo que o Rais desejava. E que poderia ele desejar? Uma conspiração, sem dúvida. Nesse caso, tê-la-ia. A chave seria o transmissor.

Pegou no telefone e ligou ao major Hohsen Zayeed, chefe da seção seguinte da sua unidade, incumbida de interceptar transmissões da rádio. Era altura de voltarem a conversar.

Trinta quilômetros a oeste de Bagdá, situa-se a vila de Abu Ghraib, local assaz incaracterístico e, não obstante, um nome conhecido, ainda que raramente mencionado, em todo o Iraque. É que existe aí a grande prisão, limitada quase exclusivamente ao interrogatório e reclusão de detidos políticos. Nessa conformidade, não é dirigida pelo pessoal dos serviços prisionais, mas pela temível AMAM.

Mais ou menos quando Hassan Rahmani telefonava ao seu perito da sigint, um longo Mercedes preto aproximava-se do portão

da prisão. Dois guardas que reconheceram o ocupante apressaram-se a abri-lo. Se se atrasassem uma fracão de segundo, ele reagiria com brutalidade glacial.

O veículo entrou e o portão foi fechado de novo. O ocupante não reconheceu os esforços dos guardas com a mínima reação. Eram personagens irrelevantes.

O Mercedes imobilizou-se junto dos degraus de acesso ao edifício principal e outro guarda acudiu a abrir a porta do lado do passageiro. O brigadeiro Umar Khatib, de uniforme impecável, apeou-se e subiu os degraus apressadamente, enquanto um membro do pessoal lhe levava a pasta.

Para alcançar o seu gabinete, utilizou o elevador até o quinto e último piso, após o que pediu café turco e começou a consultar os documentos que trouxera, relatórios do dia que revelavam os progressos registrados nas extrações da informação necessária aos presos encerrados nas celas da cave.

Por detrás da sua fachada impenetrável, estava tão preocupado como o seu colega do outro lado de Bagdá, que odiava com o mesmo veneno com que o sentimento era retribuído.

Ao contrário de Rahmani, que, com a sua educação em parte inglesa, domínio de línguas e modos cosmopolitas, podia ser inerentemente suspeito, Khatib contava com a vantagem fundamental de ser de Tikrit. Desde que executasse a missão que o Rais lhe confiara, e de forma satisfatória, mantendo a torrente de confissões de traição em atividade para lhe tranquilizar a inesgotável paranoia, não corria qualquer perigo.

Mas as últimas vinte e quatro horas tinham sido preocupantes. Também recebera um telefonema na véspera, mas do genro, Hussein Kamil. À semelhança de Ibrahim, este último informara-o da cólera cega do Rais por causa do bombardeio de Al-Qubai e exigia resultados.

E, ao contrário de Rahmani, Khatib tinha os aviadores britânicos nas mãos, o que constituía uma vantagem, por um lado, e um inconveniente, por outro. O Rais desejaria saber, e depressa, como os prisioneiros haviam sido instruídos antes da missão. Como estavam os aliados ao corrente da existência de Al-Qubai e até que ponto?

Era a ele, Khatib, que competia fornecer essa informação, e havia quinze horas que os seus homens “trabalhavam” com os aviadores, desde as sete da tarde anterior, quando tinham chegado a Abu Ghraib. Até agora, os insensatos haviam resistido.

Do pátio por baixo da janela do gabinete brotou o som de um silvo, um baque e um gemido. Khatib enrugou a fronte, perplexo, mas fez-se-lhe imediatamente luz no espírito.

No meio do pátio, um iraquiano achava-se suspenso pelos pulsos de uma viga, com as pontas dos pés a apenas dez centímetros do chão. A um lado, via-se um jarro cheio de água salgada, a princípio límpida, mas agora avermelhada.

Todo o guarda e soldado que cruzasse o pátio tinha de se deter, pegar numa das varas de rotim mergulhadas no jarro e aplicar uma única vergastada nas costas do homem, entre a nuca e a altura dos joelhos. Um cabo debaixo de um toldo nas proximidades velava pelo cumprimento da ordem.

O prisioneiro era um vendedor do mercado que fora ouvido chamar filho de uma prostituta ao Presidente e aprendia, demasiado tarefe, que os cidadãos deviam um mínimo de respeito ao Rais.

O fato intrigante residia na resistência que revelava, pois já suportara quinhentas vergastadas, recorde impressionante. Morreria antes da milésima, mas tratava-se de uma situação interessante. Outro pormenor não menos curioso era ter sido denunciado pelo seu próprio filho de dez anos. Ornar Khatib sorveu o café, desenroscou a tampa da caneta estilográfica e debruçou-se sobre os documentos.

Meia hora mais tarde, soou uma pancada discreta na porta.

— Entre — indicou, e ergueu os olhos, na expectativa. Precisava de ouvir boas notícias, e havia somente uma pessoa que podia bater à porta sem ser previamente anunciada pelo ordenança postado na antecâmara.

O homem que entrou era corpulento e a própria mãe teria sérias dificuldades em o considerar bem parecido. O rosto apresentava-se implacavelmente marcado pela varíola e havia duas cicatrizes circulares onde lhe haviam extraído quistos. Fechou a porta atrás de si e aguardou que Khatib se lhe dirigisse.

Embora fosse um simples sargento — o fato-macaco coberto

de nódoas não revelava o posto-? o brigadeiro dispensava-lhe uma simpatia especial pouco vulgar nele.

Este último gesticulou na direção de uma cadeira e ofereceu-lhe um cigarro. O sargento acendeu-o e expeliu o fumo com satisfação^ O seu trabalho era pesado e fatigante e a oportunidade de fumar sempre bem-vinda. O motivo pelo qual Khatib tolerava semelhantes liberdades a um homem de graduação tão baixa devia-se a experimentar uma sincera admiração por Ali.

Com efeito, o sargento nunca o desapontara, com a sua infatigável e constante eficiência. Calmo, metódico e marido e pai irrepreensível, era um verdadeiro profissional.

— Então?

— O navegador está quase. Quanto ao piloto... — O interpelado encolheu os ombros. — Dou-lhe mais uma hora.

— Recordo-te que têm de falar ambos, sem ocultar nada.

— E as suas versões devem condizer. O Rais confia em nós.

— Talvez fosse conveniente ir até lá, senhor. Dentro de dez minutos saberá o que pretende. Primeiro o navegador e, quando se inteirar, o piloto segue-lhe o exemplo.

— Muito bem.

Khatib levantou-se e Ali abriu-lhe a porta. Desceram, juntos à cave no elevador. Aí, havia uma estreita passagem de acesso à escada da subcave. Ao longo desse corredor, viam-se portas de aço e, do outro lado destas, agachados entre os seus próprios excrementos, sete aviadores americanos, quatro ingleses, um italiano e um kuwaitiano.

No nível seguinte, havia mais celas, duas das quais ocupadas, e Khatib espreitou pelo postigo da primeira.

Iluminava-a uma única lâmpada suspensa do teto. No centro, sentava-se numa cadeira de plástico um homem completamente nu, ao longo de cujo peito se viam fragmentos de vômito, sangue e saliva. Tinha os punhos algemados atrás dele e cobria-lhe o rosto uma máscara sem orifícios para os olhos.

Dois homens da AMAM, de macacão igual ao do sargento Ali, postavam-se na sua frente e acariciavam tubos de plástico de um metro de comprimento cheios de betume, que aumentava o peso sem reduzir a flexibilidade. Era óbvio que faziam uma pequena

pausa no espancamento.

Khatib inclinou a cabeça num gesto de aprovação e passou a cela contígua. Pelo postigo, viu que o segundo prisioneiro não usava máscara. Um dos olhos estava completamente fechado e inchado. Quando abriu a boca, expôs os hiatos onde se tinham situado dois dentes.

— Tyne... — balbuciou num murmúrio. — Nicholas Tyne, tenente da aviação. Cinco zero um zero nove seis oito.

— É o navegador — sussurrou o sargento.

— Qual dos nossos homens fala inglês? — perguntou Khatib, no mesmo tom. ?

— O da esquerda.

— Vai chamá-lo. — .

Ali entrou na cela e reapareceu com um dos interrogadores, ao qual Khatib se dirigiu em árabe. O homem assentiu com um movimento de cabeça, voltou a entrar na cela e colocou uma máscara no rosto do navegador. Só então o brigadeiro permitiu que a porta da cela fosse aberta.

O homem que falava inglês debruçou-se sobre a cabeça de Nicky Tyne e disse, através da máscara:

— Pronto, tenente. Para si, acabou-se. Não há mais torturas. — Fez uma pausa, enquanto o corpo do prisioneiro parecia descontrair-se. — Mas o seu amigo não terá tanta sorte. Aliás, já está moribundo. Podem, pois, levá-lo para o hospital, com lençóis lavados, médicos e tudo o que necessitar, ou acabar com ele já. Depende de você. Quando nos revelar o que pretendemos, removemo-lo daqui.

Khatib indicou o corredor com um movimento de cabeça e o sargento Ali entrou por sua vez na outra cela, de onde brotaram os sons produzidos pelas varas de plástico em contato com o peito do prisioneiro. De súbito, este começou a gritar.

— Parem com isso, filhos da mãe!-exclamou Nicky Tyne.

— Era um depósito de munições, para projéteis de gás venenoso.

O espancamento interrompeu-se e Ali emergiu, ofegante, da cela do piloto.

— É um gênio, saiydi brigadeiro.

Khatib encolheu os ombros modestamente. — Nunca se deve subestimar o sentimentalismo dos ingleses e americanos-lembrou. — Vai buscar os tradutores para recolher todos os pormenores. Quando tiverem as transcrições, leva-as ao meu gabinete.

De regresso às suas instalações, telefonou a Hussein Kamil. Uma hora mais tarde, este último tornava a contatar com ele. O sogro estava encantado com as notícias recebidas e convocaria uma reunião, talvez para essa noite. Ornar Khatib devia estar preparado para comparecer.

Naquele serão, Karim abordara o tema das condições de trabalho de Edith.

— Nunca te aborreces, no banco?

— Não, porque é uma atividade interessante. Por que perguntas?

— Bem, não sei. Não compreendo como podes achar isso interessante. Para mim, seria a maior fonte de tédio do mundo.

— Pois para mim não.

— Que lhe encontras de interessante?

— Examinar os extratos de conta, anotar investimentos e coisas do gênero. É um trabalho importante, podes crer.

— Não concordo. Acho-o de uma monotonia atroz.

Karim jazia de costas na cama dela, que se aproximou e deitou-se a seu lado, para lhe rodear os ombros com o braço.

— Às vezes, dizes cada tolice... Mas amo-te loucamente.

— O Winkler Bank é um estabelecimento comercial.

— Em que consiste a diferença dos outros?

— Não temos clientes a entrar e sair constantemente com livros de cheques.

— Por conseguinte, não têm dinheiro sem clientes. É claro que temos, mas nas contas depositadas.

— Nunca tive disso. Apenas uma pequena conta corrente.

— De resto, prefiro o metal sonante.

— Não o podes manipular, quando se fala de milhões. Roubavam-to. Portanto, uma pessoa deposita-o no banco e investe-o.

— Estás-me a dizer que o velho Gemutlich manuseia milhões? Dinheiro dos outros?

— Sim, milhões e milhões.

— Xelins ou dólares?

— Dólares, libras, aos milhões.

— Não era eu que lhe confiava o meu dinheiro.

Edith endireitou-se, visivelmente chocada.

— Herr Gemutlich é de uma honestidade a toda a prova. Nem lhe passaria pela cabeça fazer o que insinuas.

— É possível, mas há quem não hesitasse. Agora me lembro de que conheço um homem que tem conta no Winkler. Chamasse Schmitt. Um dia, entro no gabinete do Gemutlich e digo:

"Boa tarde, Herr Gemutlich. Chamo-me Schmitt e tenho conta neste banco." Ele consulta os livros e responde: "Tem, sim senhor." Então, anuncio: "Gostava de o levar todo." Mais tarde, quando aparece o verdadeiro Schmitt, a conta encontra-se esgotada. É por isso que prefiro o dinheiro corrente.

Ela soltou uma gargalhada ante semelhante ingenuidade e mordeu-lhe levemente a orelha.

— Não conseguirias nada. Herr Gemutlich decerto conheceria o teu Schmitt pessoalmente. De resto, terias de te identificar.

— Os passaportes podem falsificar-se. Os palestinianos fazem-no a torto e a direito.

— E assinar um documento. Ora, haveria no banco uma assinatura do verdadeiro titular da conta.

— Eu aprendia previamente a falsificá-la.

— Qualquer dia, enveredas pelo crime, Karim. Tens mesmo fundo de vigarista. — Riram com entusiasmo por um momento.

— Aliás, se fosses estrangeiro, terias provavelmente uma conta numerada. E essas são totalmente inexpugnáveis.

— Que é isso? — perguntou ele, enrugando a fronte.

— Uma conta numerada?

— Sim. — Depois de se inteirar como funcionavam, explodiu: — Mas isso é uma loucura! Qualquer pessoa pode alegar que lhe pertence. Se o Gemutlich não conhecer o titular pessoalmente...

— Há métodos de identificação, pateta. Códigos muito complexos, métodos de escrever cartas, determinadas maneiras de fazer a assinatura... Em suma, toda uma variedade de formalidades para verificar que a pessoa é realmente o titular da conta.

— A menos que sejam satisfeitas à risca, Herr Gemutlich não colabora. Por conseguinte, a personificação é impossível.

— Deve ter uma memória incrível.

— Estás a ser completamente obtuso. Encontra-se tudo escrito. Bem, levas-me a jantar ou não?

— Merece-lo?

— Sabes bem que sim. — Bom. Mas quero hors-d'oeuvre.

Ela mostrou-se intrigada.

— Pois sim. Pede-o, quando chegarmos ao restaurante.

— É a ti que me refiro.

Karim estendeu o braço, enfiou os dedos no elástico das cuecas dela e puxou-a para si. Em seguida, colocou-se-lhe em cima e começou a beijá-la. De repente, imobilizou-se, o que a alarmou.

— Descobri como faria! Recorria a um arrombador, para abrir o cofre do velho Gemutlich e consultar os códigos. Então,podia levar a minha avante.

Edith soltou uma risada de alívio ao ver que ele não mudara de ideias acerca de fazer amor.

— Não conseguirias nada... Huuum... Faz lá isso outra vez.

— Conseguia, sim.

— Não!

— Sim. Arrombam-se cofres todos os dias. Basta ler os jornais, para chegar a essa conclusão.

Fez deslizar a mão ao longo do corpo dele e imobilizou-a na virilha.

— Ena! Isso é tudo para mim? És forte, viril e estupendo, Karim. No entanto, o velho Gemutlich, como lhe chamas, é mais esperto do que tu.

No momento imediato, deixava de se preocupar com o grau de esperteza do banqueiro.

Enquanto o agente do Mossad fazia amor em Viena, Mike Martin montava o transmissor à medida que a meia-noite se aproximava e o 11 de fevereiro cedia o lugar ao 12.

O Iraque estava então apenas a oito dias da planeada invasão de 20 de fevereiro. A sul da fronteira, a fatia do deserto pertencente à Arábia Saudita albergava a maior concentração de homens, armas, peças de artilharia e tanques num espaço tão reduzido

desde a Segunda Guerra Mundial.

A atividade aérea prosseguia sem interrupção, embora a maior parte dos alvos da lista originária do general Horner já tivesse sido visitada, por vezes em duas e mais ocasiões. Apesar da inserção de novos alvos resultante da breve barragem de mísseis Scud contra Israel, o plano inicial regressara à normalidade. Todas as fábricas conhecidas de produção de Armas de destruição em massa haviam sido pulverizadas, no que se achavam incluídas mais doze graças à informação proveniente de Jericho.

Como arma funcional, a força aérea iraquiana deixara de existir. Era muito raro os seus caças de interceptação que se opunham aos Eagle, Hornet, Tomcat, Falcon, Phantom e Jaguar dos aliados regressarem às suas bases, e em meados de fevereiro nem se davam ao trabalho de tentar. Parte da nata dessas forças seguira para o Irã, onde fora imediatamente imobilizada.

Ao nível mais elevado, os comandantes dos Aliados não compreendiam a razão pela qual Saddam tinha decidido enviar os melhores aviões de combate para o território do seu velho inimigo. Na realidade, a partir de determinada data, esperava firmemente que todas as nações da região se vissem perante a inevitabilidade de se curvar aos seus desejos e nessa altura recuperaria a sua frota aérea.

Entretanto, já não havia praticamente uma única ponte intacta em todo o país ou uma geradora elétrica a funcionar.

Em meados de fevereiro, registrou-se um acréscimo do esforço aéreo dos Aliados contra o exército iraquiano no sul do Kuwait e na fronteira deste com o Iraque.

Da fronteira este-oeste ao norte da Arábia Saudita até à estrada Bagdá-Basra, os Buff não paravam de bombardear a artilharia, tanques, baterias de mísseis e posições de infantaria. Todavia, os generais aliados em Riad ignoravam que quarenta importantes centros dedicados à produção de Armas de destruição em massa ainda existiam ocultos sob o deserto e montanhas ou que as bases de Sixco permaneciam intactas.

Desde a destruição da fábrica de Al-Qubai, imperava maior satisfação entre os quatro generais que estavam ao corrente do que realmente contivera, assim como entre os homens da CIA e do SIS

postados em Riad.

E esse estado de espírito achava-se espelhado na breve mensagem que Mike Martin recebeu naquela noite. Os seus controladores em Riad começavam por informá-lo do êxito da missão dos Tornado, apesar da perda de um dos aparelhos. A transmissão prosseguia para o felicitar por continuar em Bagdá depois de ter sido autorizado a partir e pelos excelentes resultados da sua ação. Finalmente, comunicavam-lhe que pouco mais havia para fazer. Devia enviar uma mensagem final a Jericho, para exprimir a gratidão dos Aliados e explicar que o contato seria retomado após a guerra. Depois, Martin teria mesmo de regressar à Arábia Saudita, antes que lhe fosse impossível.

Este último desmontou o transmissor, guardou-o no esconderijo habitual e deitou-se, para se entregar a cogitações antes de adormecer. Afigurava-se-lhe curioso o fato de as forças aliadas não tencionarem entrar em Bagdá. Não era porventura Saddam Hussein o alvo principal de tudo? Algo se alterara no panorama inicial. Se se inteirasse da reunião que se desenrolava no quartel-general da Mukhabarat naquele momento, a menos de um quilômetro do local em que estava, o sono de Mike Martin não seria tão calmo.

Em questões de perícia técnica, há quatro níveis: competente, muito bom, brilhante e “natural”. Esta última categoria vai muito além da mera perícia, para entrar numa área em que todo o conhecimento técnico é reforçado por um “tato”, um instinto visceral, um sexto sentido, uma empatia com o sujeito e maquinaria que não figuram nos manuais.

Em assuntos relacionados com a rádio, o major Moshen Zayeed era um natural. Jovem, de óculos de lentes grossas que lhe conferiam o aspecto de um intelectual, vivia, comia e respirava a tecnologia da rádio.

Pouco depois da meia-noite, ele e Rahmani encontravam-se reunidos no gabinete deste último.

— Algum progresso? — inquiriu o brigadeiro.

— Creio que sim. Não existe a menor dúvida da sua existência. O pior é que recorre a transmissões de erupção quase impossíveis de localizar, devido à sua rapidez. Quase, mas não

totalmente. Com habilidade e paciência, pode acabar-se por detetar uma, ainda que só dure escassos segundos.

— Espera consegui-lo em breve?

— Bem, reduzi a gama das frequências de transmissão a uma faixa muito estreita na banda da ultra alta frequência, o que facilita as coisas. Há dias, a sorte bateu-me à porta. Concentrávamos-nos numa faixa estreita, por mero descargo de consciência, quando ele surgiu no ar. Escute.

— Zayeed ligou o pequeno gravador de que se fizera acompanhar e brotou uma mescla de sons incompreensíveis do minúsculo alto-falante. — É só isto? — perguntou Rahmani, perplexo.

— Em código, claro.

— Claro. Pode decifrá-lo?

— Duvido muito. A codificação foi efetuada num único chip de silicone, num microcircuito complexo.

— Então, não se pode mesmo decodificar? O brigadeiro sentia a perplexidade aumentar. Zayeed vivia num mundo muito seu e exprimia-se numa linguagem ao alcance de pouca gente. Na realidade, de momento desenvolvia um esforço notável para tentar empregar uma terminologia acessível ao interlocutor.

— Não se trata bem de um código. Para converter esta algaravia na versão de origem, haveria necessidade de empregar um chip de silicone idêntico. As permutações possíveis rondam as centenas de milhões.

— Então, qual é a utilidade da descoberta?

— Obtive um ponto de referência.

— Um ponto de referência? -Rahmani inclinou-se para a frente, subitamente excitado.

— Exato. E quer saber uma coisa? A mensagem foi enviada a meio da noite, trinta horas antes do bombardeio de Al — -Dubai. Quase juraria que os pormenores da fábrica nuclear figuravam nela. Mas há mais.

— Continue.

— Situa-se aqui.

— Em Bagdá?

O major Zayeed sorriu e abanou a cabeça. Reservara o melhor

para o fim. Queria que o seu esforço fosse devidamente apreciado.

— Não, senhor. Aqui, na área de Mansour. Julgo que se encontra dentro de um quarteirão de dois quilômetros por dois.

Rahmani refletiu quase freneticamente. A coisa estava a concentrar-se num círculo reduzido — muitíssimo reduzido, mesmo. O telefone tocou e ele atendeu e escutou em silêncio por uns segundos. Por fim, pousou o fone e levantou-se.

— Tenho de sair. Só mais um pormenor. Quantas interceptações precisa de efetuar para localizar o transmissor? Com a aproximação de um quarteirão ou, preferivelmente, de uma casa?

Se a sorte não nos voltar as costas, uma. Talvez não o apanhe à primeira tentativa, mas creio que acabarei por consegui-lo. Oxalá envie uma mensagem longa. Nessa eventualidade, poderei fornecer-lhe um quadrado de cem metros de lado.

O brigadeiro respirava pesadamente, enquanto se dirigia para o carro.

Eles acudiram à reunião com o Rais em dois ônibus de janelas obscurecidas. Os sete ministros deslocavam-se num e os seis generais e três chefes dos serviços secretos no outro. Nenhum via para onde ia e, do outro lado da divisória, o motorista limitava-se a seguir a motocicleta.

Só quando o veículo se imobilizou num pátio murado os nove homens que viajavam no segundo foram autorizados a apear-se, após um percurso indireto de quarenta minutos. Rahmani calculou que estavam no campo, a uns cinquenta quilômetros da capital. Não havia sons de tráfego e o clarão das estrelas revelava os vagos contornos de uma espaçosa casa, com janelas de estores pretos.

Os sete ministros já estavam à espera na sala de estar principal. Os generais ocuparam os lugares que lhes eram destinados e aguardaram em silêncio. Os guardas conduziram o Dr. Ubaidi, dos serviços secretos no estrangeiro, Rahmani da contra espionagem e Ornar Khatib, da polícia secreta, a três cadeiras defronte da poltrona reservada ao Rais.

Este último entrou poucos minutos depois. Todos se levantaram e ele fez-lhes sinal para que se sentassem.

No caso de alguns, havia mais de três semanas que não viam o presidente e achavam-no tenso, com olheiras e bochechas mais

pronunciadas.

Sem qualquer preâmbulo, Saddam Hussein abordou o motivo da reunião. Houvera um bombardeio, como de resto todos sabiam, mesmo aqueles que desconheciam a existência da fábrica de Al-Qubai antes do ataque.

O local era tão secreto que somente uma dúzia de homens no fraque sabia exatamente onde se situava. Não obstante, fora bombardeado. Apenas as figuras mais importantes e alguns dos técnicos mais dedicados do país o tinham visitado, e sempre de olhos vendados e num veículo hermético. Apesar de todas as precauções, registrara-se o bombardeio.

Seguiu-se um profundo silêncio — o silêncio do medo. Os generais — Radi, da Infantaria, Kadiri, dos Blindados, Ridha, da Artilharia, e Musuli, da Engenharia-e os outros dois-da Guarda Republicana e do Estado-maior-olhavam fixamente a carpeta na sua frente.

— O nosso camarada Ornar Khatib interrogou os dois aviadores ingleses capturados — acrescentou o Rais, numa inflexão ominosa. — Ele vai explicar o que aconteceu.

Todos os olhares se concentraram no quase esquelético visado, o qual começou a falar, sem desviar os olhos de um ponto indeterminado do corpo do Chefe do Estado, diante dele.

Anunciou que os prisioneiros tinham dado com a língua nos dentes, sem omitir coisa alguma. O comandante de esquadrilha revelara-lhes que a aviação Aliada vira caminhões militares entrar e sair de determinado cemitério de veículos. Com base nessa informação, os Filhos de Cães haviam suspeitado da existência camuflada de um depósito de munições, em particular de projéteis de gás venenoso. Não o consideraram de alta prioridade, nem possuidor de defesas antiaéreas sofisticadas, pelo que foram mobilizados unicamente dois aviões para a missão, com dois outros aparelhos a voar a uma altitude mais elevada para “marcar” o local. O piloto e o seu navegador nada sabiam além disto.

O Rais inclinou a cabeça para o general Farouk Ridha.

— Verdadeiro ou falso, Rafeek?

— É normal, sayidi Rais — declarou o homem que comandava a artilharia e os locais de mísseis SAM. — Eles enviam primeiro os

neurotizadores de mísseis para destruir as defesas e depois os bombardeiros para atingir os alvos. No caso de um alvo de alta prioridade, somente dois aviões sem apoio nunca aconteceu.

Saddam ponderou a resposta, com os olhos negros a não denunciar um único fragmento das suas cogitações. Semelhante atitude fazia parte do poder que exercia sobre aqueles homens e impossibilitava-os de prever como deviam reagir.

— Não subsiste qualquer possibilidade de os prisioneiros terem ocultado alguma coisa e saberem mais do que confessaram?

— De modo algum — replicou o interpelado, com firmeza.

— Foram... persuadidos a colaborar inteiramente.

— Então, fica o assunto encerrado? — volveu Saddam, em tom quase sibilino. — O bombardeio não passou de uma deplorável casualidade?

Várias cabeças se inclinaram em torno da sala. O grito — mais propriamente um uivo — que soou em seguida, quase os paralisou.

— ERRADOS! Estão todos errados!

No instante imediato, a voz readquiriu a inflexão sibilina, mas o medo não se dissipou. Todos sabiam que a suavidade do tom podia preceder a mais terrível das revelações, o mais selvagem dos castigos.

— Não tem havido movimento de caminhões militares na área. Foram um mero pretexto fornecido aos pilotos para a eventualidade de serem aprisionados. Existe algo mais na forja, hein?

A maioria dos presentes transpirava, apesar do ar. condicionado. Tinha sido sempre assim, desde a alvorada da História, quando o tirano da tribo chamava o feiticeiro e os súbditos aguardavam, trémulos, com receio de que a vara mágica apontasse para um deles. :

— Há uma conspiração — sussurrou o Rais. — Um traidor.

— Alguém conspira contra mim. — Conservou-se silencioso por uns minutos, enquanto os outros se esforçavam por dominar a apreensão crescente. Quando tornou a falar, dirigiu-se aos três homens na sua frente. — Descubram-no. Descubram-no e tragam-no à minha presença. Quero que se inteire por meu intermédio do tipo de castigo existente para estes casos. Ele e a família.

E abandonou a sala, seguido de perto pelos guarda-costas. Os

dezesseis homens que permaneceram sentados não ousavam sequer entreolhar-se. Haveria um sacrifício, mas ninguém sabia de quem.

Quinze deles mantinham uma distância prudente do décimo sexto, a quem chamavam Al Muazib, o Atormentador, que proporcionaria o sacrifício.

Hassan Rahmani também guardava silêncio. O momento não era oportuno para abordar interceptações da rádio. As suas operações eram delicadas, sutis, baseadas na detecção e inteligência. A última coisa de que precisava eram as botas pesadas da AMAM a destruírem-lhe as investigações.

Imersos em terror, os ministros e generais retiraram-se finalmente através da noite, com destino ao cumprimento das suas obrigações.

— Ele não os guarda no cofre — informou Avi Herzog, aliás Karim, que tomava o pequeno-almoço com o seu controlador, Gidi Barzilai, na manhã seguinte.

O local do encontro era seguro: o apartamento deste último. Herzog só efetuara o telefonema, de uma cabina, depois de Edith Hardenberg ter ido para o banco. Pouco depois, chegara a equipe yarid, que metera o colega numa caixa" e o escoltara ao local de reunião, para haver a certeza de que ninguém o seguiria.

Gidi Barzilai inclinou-se para a frente, os olhos dominados por um clarão de aprovação.

— Bom trabalho, rapaz. Fico a saber onde ele não guarda os códigos. Só falta averiguar onde os guarda realmente.

— Na secretária.

— Na secretária? Enlouqueceu, de certeza. Qualquer pessoa pode forçar uma gaveta.

— Já a viu?

— A secretária de Gemutlich ? Não.

— Aparentemente, é muito grande, ornamentada e velha.

— Uma verdadeira antiguidade. E tem um compartimento especial, criado pelo fabricante. Tão secreto e difícil de encontrar, que Gemutlich o considera mais seguro que qualquer cofre. Julga que um ladrão procuraria o cofre e nunca se lembraria da secretária. E, mesmo que a revistasse, não descobriria o compartimento.

— E ela não sabe onde está?

— Não. Nunca assistiu à sua abertura. Quando tem de o utilizar, ele fecha-se sempre à chave.

...Barzilai refletiu por uns momentos.

— Que espertalhão... É capaz de ter razão.

— Posso pôr termo à ligação?

— Ainda não. Procedeu de forma brilhante, mas não abandone a cena, por enquanto. Se desaparecesse agora, ela recordaria sua última conversa e traçaria a conclusão óbvia. Continue a procurá-la, mas não torne a abordar assuntos relacionados ao banco.

Ponderou o problema. Ninguém de sua equipe em Viena vira o cofre, mas havia alguém que tivera esse privilégio.

Apressou-se a enviar uma mensagem codificada a Kobi Dror, em Telaviv. O Vigilante foi chamado e fechado numa sala com um artista.

O Vigilante não era multifacetado, mas possuía um atributo surpreendente: uma memória fotográfica. Ao longo de cinco horas, conservou-se sentado com os olhos fechados, para evocar pormenorizadamente a entrevista que tivera com Gemutlich, quando se fizera passar por um advogado de Nova Iorque. A sua principal tarefa consistia em procurar dispositivos de alarme nas janelas e portas, um cofre-forte embutido na parede, fios que indicassem a existência de comandos ativados pela pressão do pé — numa palavra, todas as artimanhas para manter uma sala segura. Depois, comunicara superiormente tudo o que se lhe deparara. A secretária não lhe despertara interesse especial. No entanto, sentado numa sala do bulevar Rei Saul, algumas semanas mais tarde, podia fechar os olhos e voltar a ver tudo.

Assim, descreveu a secretária minuciosamente ao artista. De vez em quando, o Vigilante observava o desenho, indicava uma correção e reatava as reflexões. O artista utilizava tinta-da-china e um aparo fino e coloria a secretária com aguarelas. Ao cabo de cinco horas, reproduzira o móvel tão exatamente como se o tivesse na sua frente.

O resultado seguiu para as mãos de Gidi Barzilai através da mala diplomática, de Telaviv para a embaixada israelense em Viena. O destinatário recebeu o importante desenho passados dois dias.

Entretanto, a consulta da lista de sayanim por toda a Europa revelara a existência de Monsieur Michel Levy, antiquário no bulevar Raspail, em Paris, considerado um dos maiores peritos de mobiliário clássico do Continente.

Foi somente na noite de 14 de fevereiro, na mesma data em que Barzilai recebeu o desenho colorido em Viena, que Saddam Hussein tornou a convocar os seus ministros, generais e chefes dos serviços secretos.

A reunião efetuou-se mais uma vez por indicação do dirigente da AMAM, Ornar Khatib, o qual fez constar o seu êxito através do genro, Hussein Kamil, e também numa casa a meio da noite. O Rais entrou finalmente na sala e gesticulou em seguida a este último, para que revelasse o que descobrira.

— Que posso eu dizer? — O chefe da polícia secreta ergueu as mãos e baixou-as num gesto de impotência. — Como sempre, o nosso Rais tinha razão e nós estávamos errados.

— O bombardeio de Al-Qubai não foi um mero acidente. Há na verdade um traidor, e precisa de ser desmascarado.

Registrou-se um murmúrio coletivo de admiração e o orador olhou em volta com ar de satisfação pelo efeito produzido.

— Como chegou a essa conclusão? — quis saber o Rais.

— Graças a uma combinação de sorte e dedução — admitiu Khatib, com falsa modéstia. — Quanto ao primeiro ingrediente, trata-se de um dom de Alá, como sabemos, o qual sorri sempre ao nosso Rais. Dois dias antes do ataque dos bombardeiros dos Beni Naji, foi estabelecido um posto de controlo numa estrada das proximidades. Tratava-se de uma medida de vigilância de rotina, para evitar sobretudo o contrabando, e os números dos veículos eram devidamente anotados. ? ; “Há dois dias, examinei a lista e verifiquei que a maioria era da área: picapes e caminhões. Um, porém, dizia respeito a um carro dispendioso, registrado aqui, em Bagdá, pertencente a um homem que podia ter motivos para visitar Al-Qubai. No entanto, através de um telefonema, averiguei que não estivera no local. Nesse caso, por que estava naquelas paragens? ” Saddam Hussein inclinou a cabeça lentamente. Era, na verdade, um excelente trabalho de dedução, se correspondia à verdade. Pouco habitual em Khatib, que confiava mais na força bruta.

— Que foi lá fazer? — perguntou o Rais.

O interpelado deixou transcorrer um momento, antes de responder, para criar o devido efeito.

— Anotar a descrição exata do suposto cemitério de veículos, definir a distância do ponto de referência importante mais próximo... Em suma, tudo o que um avião necessitaria para encontrar o local.

O murmúrio coletivo repetiu-se, agora de incredulidade.

— Mas isso foi mais tarde, sayidi Rais. Primeiro, convidei o homem a procurar-me no quartel-general da AMAM, para uma conversa amigável.

O espírito de Khatib evocou a “conversa amigável” que se desenrolara na cave das instalações da AMAM, em Saadun, Bagdá, conhecida por Ginásio.

Habitualmente, confiava os interrogatórios ao seu pessoal, contentando-se com determinar o grau de severidade a empregar, para depois apreciar o resultado. Todavia, o assunto em causa revestia-se de tanta gravidade que decidira incumbir-se ele próprio da tarefa.

No teto da cela, havia dois ganchos de aço, distanciados um, metro entre si, dos quais pendiam duas curtas correntes presas a uma tábua. Ele fixara os pulsos do suspeito às extremidades desta última, pelo que ficara suspenso com os braços afastados um do outro cerca de um metro. Como não se achavam na vertical, a tensão era muito maior.

Os pés permaneciam a dez centímetros do chão, com os tornozelos presos a outra tábua de um metro de comprimento. A configuração em “X” do prisioneiro permitia o acesso a todas as partes do corpo e, como estava no centro da sala, podia ser abordado de todos os lados.

Ornar Khatib pousou a vara de rotim numa mesa e voltou-se para o homem. Os uivos intensos que soltara durante as primeiras cinquenta vergastadas tinham-se extinguido, substituídos por um vago murmúrio.

— É um imbecil, meu amigo. Podia pôr termo a isto com facilidade. Traiu o Rais, mas ele é misericordioso. Basta que confesse.

— Juro... por Alá, o Grande... que não traí ninguém.

O homem chorava como uma criança, enquanto Khatib refletia que a resistência não se prolongaria por muito tempo.

— Traiu, sim. Conhece o significado de Qubth-ut-Allah?

— Com certeza...

— E sabe onde foi colocado, como medida de segurança?

— Sim.

Desferiu uma joelhada nos testículos expostos do prisioneiro, que se teria dobrado pela cintura instintivamente, se pudesse. Vomitou, e o líquido espesso e viscoso gotejou para a extremidade do pênis.

— Sim, quê?

— Sim, sayidi.

— Assim é melhor. E sabe que o local onde o Punho de Deus estava escondido não era do conhecimento dos nossos inimigos?

— Claro, sayidi, é segredo. ?

Khatib estendeu a mão, que atingiu o homem em pleno rosto.

— Então, como se explica que esta madrugada aviões inimigos o bombardeassem e destruíssem a nossa arma, alma danada, Mansour?

O prisioneiro arregalou os olhos, com a indignação a sobrepor-se à vergonha do insulto. Em árabe, Mansour é o homem que exerce as funções da mulher nas relações homossexuais.

— Mas não é possível... Poucas pessoas estão ao corrente da existência de Al-Qubai...

— Chegou ao conhecimento do inimigo, que o destruiu.

— Juro que é impossível, sayidi. Nunca conseguiriam descobri-lo. Quem o construiu, o coronel Badri, dissimulou-o muito bem...

O interrogatório prosseguiu durante mais meia hora, até à inevitável conclusão.

Khatib viu as reflexões interrompidas pelas palavras do Rais:

— Quem é o traidor?

— O engenheiro, Dr. Salah Siddiqui, O assombro foi geral, enquanto Saddam Hussein inclinava a cabeça repetidamente como se suspeitasse do homem desde longa data.

— Pode saber-se a soldo de quem trabalhava? — perguntou Hassan Rahmani.

Khatib dirigiu-lhe uma mirada incisiva e deixou transcorrer uns segundos antes de responder.

— Não o confessou.

— Mas há de confessar, de certeza — asseverou o presidente.

— Lamento ter de anunciar que, nesse ponto da confissão, o traidor morreu — murmurou Khatib.

Rahmani pôs-se de pé, indiferente ao protocolo.

— Tenho de protestar, sayidi Rais. O fato revela a mais incrível incompetência. O traidor devia ter uma maneira de contatar com o inimigo. Agora, nunca nos inteiraremos desse importante, vital mesmo, pormenor.

Khatib dirigiu-lhe um olhar de ódio tão intenso, que Rahmani, que na adolescência lera Kipling na escola de Mr. Hartley, se lembrou de Krait, a serpente que sibilava: — Cautela, pois sou a morte.” Que tem a dizer a isto? — inquiriu Saddam.

— Que posso eu dizer, sayidi Rais? — articulou Khatib, constrangido. — Os homens que trabalham comigo amam-no como se fosse o seu próprio pai. Porventura mais. Morreriam por si, se fosse necessário. Quando escutaram a confissão do traidor, verificou-se... digamos, um excesso de zelo.

Tretas”, refletiu Rahmani. No entanto, o presidente inclinava a cabeça lentamente. Era o gênero de linguagem que gostava de ouvir.

— É compreensível — admitiu. — São coisas que acontecem. E você, brigadeiro Rahmani, que critica o seu colega, obteve algum resultado?

— Há um transmissor em Bagdá, sayidi Rais.

E Rahmani repetiu o que o major Zayeed lhe revelara. Pensou em acrescentar uma última frase, “Mais uma transmissão e localizaremos quem as envia”, mas decidiu que podia ficar para outra oportunidade.

— Uma vez que o traidor morreu — declarou o Rais — posso anunciar-lhes o que estava impossibilitado de fazer, há dois dias. O Punho de Deus não foi destruído, nem sequer enterrado. Vinte e quatro horas antes do bombardeio, mandei removê-lo para um lugar mais seguro.

Os aplausos prolongaram-se por vários minutos, enquanto o

círculo restrito de fiéis exprimia a admiração pelo gesto de gênio do seu chefe supremo.

Este explicou que o dispositivo seguira para a Fortaleza, cuja localização não lhes interessava, de onde seria lançado, para alterar o curso da História, no dia em que o primeiro soldado americano transpusesse a fronteira terrestre da terra santa do Iraque.

Capítulo 20

A revelação de que os Tornado britânicos não tinham atingido o alvo pretendido com o bombardeio a Al-Qubai abalou fortemente o homem conhecido apenas por Jericho, e foi com extrema dificuldade que se ergueu para aplaudir com os outros.

No ônibus de janelas obscurecidas que o transportou, com os outros generais, ao centro de Bagdá, conservou-se imerso em silêncio, entregue a reflexões.

Estava-se virtualmente nas tintas para o fato de o famigerado dispositivo ter sido transferido para um lugar chamado Qaala — Fortaleza-, de que nunca ouvira falar, e poder causar muitos milhares de vítimas mortais.

Era a sua própria posição que lhe absorvia os pensamentos. Ao longo de três anos, arriscara tudo — denúncia, ruína e morte horrível-para trair o regime do seu país. O objetivo fundamental não consistira em estabelecer simplesmente uma avultada fortuna pessoal no estrangeiro, pois talvez também o conseguisse através da extorsão e roubo no Iraque, embora isso acarretasse igualmente riscos.

A intenção básica concentrara-se em fugir para o estrangeiro sob uma nova identidade, proporcionada por quem lhe pagava, a coberto das vingativas brigadas de assassinos. Assistira ao destino daqueles que se limitavam a roubar e abandonar o país — viviam sob terror constante, até que, um dia, os verdugos iraquianos os capturavam e liquidavam.

Ele, Jericho, desejava a fortuna e segurança, razão pela qual acolhera com satisfação a transferência do seu controlo de Israel para os Estados Unidos. Os americanos cuidariam da sua segurança e facilitar-lhe-iam a compra de uma mansão junto do mar, no México.

Agora, o panorama modificara-se. Se ele guardasse silêncio e o dispositivo fosse utilizado, pensariam que mentira e tratariam de lhe congelar a conta bancária, pelo que todos os seus arriscados esforços resultariam vãos. Necessitava, pois, de os prevenir de que houvera um equívoco. Mais alguns riscos e tudo terminaria

definitivamente: o Iraque derrotado, o Rais afastado e Jericho longe dali e em segurança.

Redigiu a mensagem no isolamento do seu gabinete, em árabe como sempre, no papel de seda habitual. Referiu a reunião daquela noite e esclareceu que, quando enviara a informação anterior, o dispositivo ainda estava em Al-Qubai, como revelara, mas quarenta e oito horas depois, aquando do ataque dos Tornado, já fora transferido. Aludiu a tudo o resto que apurara recentemente e ao local secreto conhecido por Fortaleza, de onde seria lançado, quando o primeiro soldado americano transpusesse a fronteira do Iraque.

Pouco depois da meia-noite, instalou-se ao volante de um carro anônimo e desapareceu entre as artérias estreitas da cidade. Ninguém pôs em causa o seu direito de proceder assim, nem se atreveria a interrogá-lo. Deixou a mensagem debaixo de uma laje no velho cemitério da Abu Nawas Street e em seguida inscreveu a marca a giz nas traseiras da igreja de São José, na área dos cristãos. Desta vez, o sinal era ligeiramente diferente, e ele estava esperançado em que o homem que recolhia o seu material não perdesse tempo em atuar.

Mike Martin abandonou o recinto da embaixada soviética às primeiras horas da manhã de 15 de fevereiro. A cozinheira entregara^lhe uma longa lista de produtos para comprar, incumbência que ele experimentaria sérias dificuldades em satisfazer, pois os gêneros começavam a escassear. Com efeito, os agricultores preferiam ficar nas suas fazendas em vez de se sujeitarem a perder quase um dia inteiro no transporte, porque os-bombardeios haviam destruído a maior parte das pontes e estradas.

Martin iniciou a ronda pelo mercado de especiarias na Shurja Street e em seguida pedalou em direção às traseiras da igreja de São José. Ao ver a marca a giz, sobressaltou-se.

Agora, em vez de consistir num oito deitado, com um traço vertical ao longo dos dois círculos, apresentava uma pequena cruz cada um, indicativas de que se tratava de uma emergência, como fora estabelecido desde o começo.

Pedalou velozmente até à Abu Nawas Street e, depois de se certificar de que ninguém o observava, recolheu a mensagem.

Regressou à embaixada e explicou à contrariada cozinheira que, mau grado todos os seus esforços, não encontrara a maior parte dos produtos que encomendara. Assim, teria de voltar a deslocar-se ao mercado na parte da tarde.

Em seguida, redigiu uma mensagem para esclarecer a razão pela qual considerara conveniente tomar a iniciativa das operações. Não havia tempo para consultar Riad e aguardar a resposta. A parte mais grave para ele era a revelação de Jericho de que a contra espionagem iraquiana se achava ao corrente da existência de um transmissor clandestino que enviava “erupções”. Por conseguinte, a situação justificava que passasse a tomar decisões espontaneamente.

Como só dispunha de espaço de transmissão à noite, recorreu à banda de VHF, após certificar-se de que o primeiro-secretário Kulikov e o motorista estavam na embaixada e a cozinheira e o marido almoçavam. Apesar do risco de descoberta a que mesmo assim se expunha, montou o transmissor com a antena parabólica junto da porta aberta da barraca e enviou a mensagem.

Na sala de comunicações da casa requisitada pelo SIS em Riad, acendeu-se uma luz amarelada numa das consolas, à uma e meia da tarde. O radiotelegrafista de serviço interrompeu o que fazia, gritou para que alguém o fosse ajudar e sintonizou para a frequência do dia atribuída a Martin.

O colega assomou à porta e perguntou:

— Há alguma novidade?

— Chama o Steve e o Simon. O Urso Preto está no ar e trata-se de uma emergência.

Martin deixou transcorrer quinze minutos e iniciou a transmissão.

As antenas em Riad não foram as únicas que captaram a “erupção”. Nos arrebaldes de Bagdá, outro prato parabólico que “varria” a banda de VHF, detetou parte dela. A mensagem era tão extensa, que, apesar de comprimida, durou quatro segundos. Os “ouvidos” iraquianos receberam os dois últimos e obtiveram uma posição.

Assim que terminou, Martin desmontou o equipamento e ocultou-o no lugar habitual. Acabava de o fazer, quando ouviu

passos no saibro. Era o marido da cozinheira que, num acesso de generosidade, decidira oferecer-lhe um cigarro dos Balcãs, após o que regressou à casa.

"Pobre diabo", refletiu. "Que vida mais monótona a sua." Quando se encontrou só, o "pobre diabo" começou a escrever em árabe no bloco de papel de correio aéreo que guardava debaixo da enxerga. Entretanto, um gênio da rádio conhecido por major Zayeed, debruçava-se sobre um mapa da cidade e concentrava-se em particular no bairro de Mansour. No final dos cálculos, verificou se porventura se equivocara e ligou ao brigadeiro Hassan Rahmani, no quartel-general da Mukhabarat, a apenas quinhentos metros do losango que representava Mansour a tinta verde e ele traçara no mapa. O encontro foi marcado para as quatro da tarde.

Em Riad, Chip Barber movia-se em excitado vaivém na sala de estar da casa, com uma cópia da mensagem na mão, ao mesmo tempo que praguejava como não fazia desde que abandonara os Fuzileiros, trinta anos atrás.

— Que raio julga o gajo que está a fazer? — vociferou aos dois homens dos serviços secretos.

— Calma, Chip — recomendou Laing. — Ele tem estado sob forte tensão. Os maus da fita estão a apertar a rede à sua volta. A prudência mais elementar indica que o tiremos de lá, o mais depressa possível.

— Sim, eu sei que o tipo é bom, mas não tem o direito de proceder assim. Em última análise, os responsáveis somos nós.

— De acordo, mas está ao nosso serviço e num barril de pólvora-lembrou Paxman. — Se quer continuar lá, é para completar a missão, tanto por ele como por nós.

Três milhões de dólares — grunhiu Barber, um pouco mais calmo. — Como diabo vou explicar a Langley que ofereceu a Jericho mais três milhões de notas verdes para obter a informação certa, desta vez? O filho da mãe do iraquiano devia ter acertado à primeira. Quem nos garante que não se trata de um estratagema para nos esmifrar?

— Estamos a falar de um informante de confiança — salientou Laing.

— Talvez. E talvez o Saddam disponha de urânio em

quantidade suficiente e consiga utilizá-lo a tempo. A única coisa que possuímos são os cálculos de alguns cientistas e a pretensão dele, se na verdade a ventilou. Jericho é um mercenário e pode estar a mentir com todos os seus dentes. Os cientistas talvez se enganassem e o Saddam é um mentiroso nato. Que temos realmente em troca de todo esse dinheiro?

— Quer correr o risco?

Barber afundou-se pesadamente numa cadeira.

— Não — acabou por dizer. — Muito bem. Vou consultar Washington. Depois, informaremos os generais, que precisam de se inteirar disto. Mas garanto-lhes uma coisa. Se esse tal Jericho nos estiver a levar à certa, arranco-lhe um braço e utilizo-o para o espancar até à morte! Às quatro da tarde, o major Zyeed apresentou-se no gabinete de Hassan Rahmani, com os seus mapas e cálculos. Explicou meticulosamente que acabava de efetuar a terceira triangulação e reduzira a área ao losango inscrito no mapa, referente ao bairro de Mansour. O brigadeiro observou-o com uma expressão de dúvida e disse:

— Tem cem metros de lado. Sempre pensei que a tecnologia moderna podia circunscrever as fontes de transmissão a um metro quadrado.

— Isso é se eu obtiver uma transmissão longa — explicou pacientemente o jovem major. — Posso captar um feixe do receptor de interceptação não mais amplo que um metro. Cruzando-o com o da interceptação de um ponto diferente, fico com o metro quadrado que menciona. Mas estas transmissões são muito breves. Não estão no ar mais do que dois segundos.

— O melhor que posso conseguir é um cone muito estreito, com o vértice no receptor, que se estende ao longo do país e vai alargando. Talvez um ângulo de um segundo de grau na bússola.

— No entanto, uns três quilômetros além daí, converte-se numa centena de metros. Mesmo assim, é uma área pequena. Repare.

Rahmani tornou a fixar o olhar no mapa. O losango continha quatro edifícios.

— Vamos até lá espreitar-sugeriu.

Os dois homens percorreram Mansour com o mapa, até que

chegaram à área assinalada. Era residencial e muito próspera. As quatro residências achavam-se largamente separadas e protegidas por muros. Anoitecia, quando eles completaram a inspeção.

— Reviste-as de manhã — indicou Rahmani. — Mandarei cercá-las por tropas, discretamente. Você sabe o que deve procurar. Portanto, entra com os seus especialistas para vasculhar tudo. Uma vez descoberto o transmissor, teremos encontrado o espião.

— Há, porém, um problema — referiu o major. — Vê aquela placa, acolá? É a residência do embaixador soviético.

Rahmani ponderou a situação, consciente de que ninguém o felicitaria se provocasse um incidente internacional.

— Reviste primeiro as outras três casas-decidiu finalmente. — Se não obtiver nada, eu trato do problema do edifício soviético com o Ministério dos Assuntos Estrangeiros.

Enquanto conversavam, um membro do pessoal da casa em causa estava a cinco quilômetros de distância. O jardineiro Mahmoud Al-Khouri estava no antigo cemitério britânico e colocava uma folha de papel dobrada no recipiente para flores de uma sepultura há muito abandonada. Mais tarde, efetuou uma marca a giz na parede do edifício do Sindicato dos Jornalistas. Numa visita posterior àquela área: perto da meia-noite, reparou que tinha sido apagada.

Naquela noite, efetuou-se uma reunião extremamente confidencial em Riad, numa sala isolada, dois pisos abaixo do edifício do Ministério da Defesa Saudita. Estavam quatro generais e dois civis — Barber e Laing. Quando estes últimos terminaram de falar, os militares permaneceram imersos em medita-tivo silêncio.

— É mesmo verdade? — acabou um dos americanos por perguntar.

— Não temos provas absolutas — explicou Barber. — Mas pensamos existir uma forte possibilidade de a informação ser exata.

— Por quê? — quis saber o general das USAF.

— Como decerto já suspeitavam, há meses que temos um “bem” a trabalhar para nós na alta hierarquia de Bagdá.

Seguiu-se uma série de murmúrios de assentimento.

— Nunca me passou pela cabeça que a informação rigorosa sobre os alvos se devesse à bola de cristal de Langley — comentou

o general da força aérea, ainda ressentido com o fato de a CIA duvidar da eficiência dos seus pilotos.

— Na verdade, todo o material fornecido se tem revelado particularmente exato-disse Laing. — Custa-me a crer que o homem resolvesse agora mentir. Devemos correr semelhante risco?

Registrou-se novo silêncio de vários minutos.

— Há uma coisa que vocês não estão a tomar em consideração-observou o oficial da USAF. — O lançamento.

— O lançamento? — repetiu Barber.

— Sim. Possuir uma arma é uma coisa, mas lançá-la em cima do inimigo é outra, muito diferente. Ninguém acredita que o Saddam domine a técnica da miniaturização. Isso pertence aos domínios da hipertécnica. Por conseguinte, não pode enviá-la por meio de um canhão de tanque. Ou de uma peça de artilharia do mesmo calibre. Ou de uma bateria tipo Katyushka. Ou de um míssil.

— Por que não de um míssil, general?

— Por causa do peso total — esclareceu o aviador, com uma ponta de sarcasmo. — O raio do peso total. Se se trata de um dispositivo em bruto, por assim dizer, estamos a falar de meia tonelada. Ora, sabemos que os mísseis de Al-Abeid e Al-Tammtrz ainda estavam em desenvolvimento quando arrasamos a fábrica de Saad-16. Estes e os Al-Badr são a mesma coisa. Inoperativos, por causa de um peso total insuficiente.

— E o Scud? — perguntou Laing.

— Aplica-se o mesmo. O chamado Al-Husayn de longo alcance destrói-se na reentrada e tem um peso total de 160 quilos. Até o Scud de fabricação soviética atinge um peso total de 600. Demasiado pequeno.

— Resta uma bomba largada de um avião — recordou Barber.

— Todavia, o general da força aérea enrugou a fronte.

— Dou-lhes a minha garantia pessoal de que nenhum aparelho iraquiano voltará a aproximar-se da Fronteira. A maioria nem decolará da pista. Os que o fizerem e rumarem a sul serão abatidos a meio do percurso. Disponho de AWACS e caças em número mais do que suficiente para isso.

— E a Fortaleza? — volveu Laing. — A rampa de lançamento?

— Um hangar ultra-secreto, provavelmente subterrâneo, com

uma única pista, que contém um Mirage, um MIG ou um Sukhoi preparado para deslocar. Mas havemos de lhe tratar da saúde antes de chegar à fronteira.

A decisão competia ao general americano, sentado à cabeceira da mesa.

— Tencionam procurar o repositório desse dispositivo, a tal Fortaleza? — perguntou a meia-voz.

— Sim, senhor. Estamos já a tentar — informou Barber. — Precisamos apenas demais alguns dias.

— Descubram-no e nós destruímo-lo.

— E a invasão dentro de quatro dias? — argumentou Laing. — Depois lhes digo.

Naquela noite, foi anunciado o adiamento da invasão do Kuwait e Iraque por terra, para 24 de fevereiro.

Mais tarde, os historiadores apresentaram duas razões alternativas para semelhante decisão. Uma consistia em que os fuzileiros norte-americanos queriam alterar o eixo principal do ataque alguns quilômetros mais para oeste, operação que exigiria movimentos de tropas, transferência de depósitos de munições e outros preparativos. O que correspondia à verdade.

Outra razão mais tarde invocada na Imprensa foi que dois gênios de computadores britânicos haviam “entrado” no do Ministério da Defesa e afetado a série de boletins meteorológicos para a área a atacar, o que provocara confusão quanto à escolha do melhor dia para iniciar a invasão, do ponto de vista de condições atmosféricas. Na realidade, o tempo era estupendo entre os dias 20 e 24, segundo as previsões, e deteriorou-se à medida que o avanço se iniciava.

O general Norman Schwarzkopf era um homem possante, física, mental e moralmente. Mas seria super-humano se a tensão daqueles últimos dias não começasse a afetá-lo.

Havia seis meses que trabalhava até vinte horas por dia, sem uma pausa. Não só dirigira a maior e mais rápida reunião de tropas da História — tarefa que, só por si, bastaria para perturbar um homem menos vigoroso — como enfrentara as complexidades de relações com as sensibilidades da sociedade saudita e lançava água na fervura, quando surgiam atritos suscetíveis de aniquilar a

Coligação.

No entanto, não era tudo isto que lhe agitava o sono de que necessitava, nos últimos dias. Tratava-se da enorme responsabilidade de ter a seu cargo as vidas de tantos jovens.

No pesadelo que o visitava com regularidade, havia o Triângulo. Sempre o Triângulo. Um triângulo retângulo de terra, deitado de lado. O que constituiria a base era a linha da costa de Khafji, ao longo de Jubail, até às três cidades interligadas de Dammam, Al Khobe e Dhahran.

A perpendicular do triângulo era a fronteira que seguia da costa para oeste, primeiro entre a Arábia Saudita e o Kuwait e depois se internava no deserto para se converter na fronteira iraquiana.

A hipotenusa era a linha inclinada que unia o último posto avançado a oeste no deserto com a costa de Dhahran.

Dentro desse triângulo, quase meio milhão de jovens e algumas jovens aguardavam ordens. Oitenta por cento deles eram americanos. A leste, havia os sauditas, outros contingentes árabes e os fuzileiros. No centro, encontravam-se as grandes unidades americanas blindadas e mecanizadas e, entre elas, a primeira divisão blindada britânica. No flanco da extremidade, os franceses.

Uma ocasião, o pesadelo vira dez mil jovens prepararem-se para o ataque, ficarem ensopados por uma chuva de gás venenoso e morrerem entre as colinas de areia e o arame farpado. Agora, era pior.

Apenas uma semana atrás, ao contemplar o triângulo num mapa de batalha, um membro dos serviços secretos do exército sugerira: “Talvez o Saddam tencione ocultar a sua arma secreta aí.” na época, estava convencido de que gracejava.

Naquela noite, o comandante-geral tentou de novo dormir descansado, mas não o conseguiu. Sempre o Triângulo. Demasiados homens e muito pouco espaço. Na casa do SIS, Lang, Paxman e os dois técnicos de rádio partilhavam uma grade de cervejas trazida dissimuladamente da embaixada britânica. Também estudavam o mapa e viam o Triângulo. E sentiam igualmente a tensão.

— Bastava uma bomba como a de Hiroxima para pulverizar

tudo — observou o primeiro.

Não precisavam de ser cientistas. A primeira explosão mataria mais de 100000 jovens soldados. Em poucas horas, as radiações começariam a propagar-se e cobririam tudo à sua passagem com a morte.

Os navios teriam tempo para se afastar, mas não as tropas terrestres ou os habitantes das cidades sauditas. A leste, a nuvem alargar-se-ia gradualmente, sobre Baliram e os aeródromos militares, através da costa do Irã, para exterminar uma das categorias que Saddam Hussein considerara indignas de viver. Persas, judeus e moscas...

— O tipo não a pode lançar-asseverou Paxman. — Não possui um único míssil ou avião capaz disso.

Mais a norte, oculto no Jebal em Hamreen, no interior da culatra da peça com um cano de 180 metros de comprimento e um alcance de 1000 quilômetros, o Punho de Deus jazia inerte e preparado para ser mandado voar.

A casa em Qadisiya estava apenas meio acordada e totalmente desprevenida para os visitantes que chegaram ao amanhecer. Quando o proprietário a mandara construir, muitos anos atrás, situava-se no meio de pomares.

Erguia-se a cinco quilômetros das quatro casas em Mansour que o major Zayeed, do corpo de contra espionagem, se preparava para colocar sob vigilância.

A expansão dos subúrbios a sudoeste de Bagdá envolvera a velha casa, e o novo ramal de caminho-de^ferro de Qadisiya percorria a área que outrora se compunha de pessegueiros e laranjeiras.

Não obstante, era uma moradia suntuosa, pertencente a um indivíduo próspero há muito retirado dos negócios, circundada por um muro e ainda com algumas árvores de fruta a um canto do jardim.

Havia dois caminhões de soldados da AMAM, comandados por um major, que não perderam tempo com requintes de boas maneiras. A fechadura do portão principal foi destruída com um tiro e os militares avançaram quase em tropel, para derrubar igualmente a porta da casa e agredir o decrépito serviçal que tentou opor-se-

lhes.

Percorreram a casa apressadamente, abrindo armários e arrancando cortinados, enquanto o aterrorizado ancião a quem a moradia pertencia tentava encobrir e proteger a esposa.

Os soldados esquadrinharam brutalmente todos os recantos e não encontraram nada do que lhes interessava. Em seguida, vasculharam o jardim, e foi num lado, perto do muro, que descobriram a terra remexida recentemente. Dois deles mantiveram o velho em respeito, enquanto outros escavavam o solo.

O conteúdo do saco de lona que desenterraram não podia ser mais prometedor: um aparelho de rádio. Embora não fosse entendido no assunto, o major sabia que aquilo não tinha virtualmente nada de com um com um transmissor ultramoderno como o utilizado por Mike Martin, ainda enterrado no chão da sua barraca no jardim da residência do secretário soviético Kulikov.

O ancião começou a balbuciar que nunca vira aquele objeto e alguém se devia ter introduzido na propriedade para o ocultar ali, porém os soldados derrubaram-no com as coronhas das espingardas e a esposa, que gritava de terror, sofreu a mesma sorte.

O major examinou o trofeu e, apesar dos seus fracos conhecimentos da matéria, verificou que alguns dos hieróglifos no saco pareciam ser caracteres em hebraico.

Não lhes interessava o serviçal ou a velha, mas apenas o homem. Apesar de ter mais de setenta anos, levaram-no de rastos e atiraram-no para dentro de um dos caminhões, como se fosse uma saca de figos.

O major estava satisfeito. Em obediência a uma informação anônima, cumprira o seu dever. Os seus superiores ficariam contentes. Não era um caso para a prisão de Abu Ghraib. Levou o detido para o quartel-general da AMAM e, mais concretamente, para o ginásio. Na sua opinião, era o único lugar para os espiões israelenses.

No mesmo dia, 16 de fevereiro, Gidi Barzilai estava em Paris, para mostrar o desenho colorido a Michel Levy. O idoso antiquário estava encantado por lhe poder ser útil. Somente uma ocasião haviam recorrido aos seus préstimos, para ceder algum mobiliário

para um katsa que tentava ganhar acesso a determinada casa, fazendo-se passar por negociante de antiguidades.

Para Michel Levy tratava-se de um prazer e excitação, algo que contribuía para incutir um pouco de animação na existência de um velho; ser consultado pela Mossad, poder colaborar de algum modo.

Bouile declarou.

— Perdão? ... — disse Barzilai, perplexo. — — Bouile — repetiu o ancião. — Também se pode dizer Buhl. Refiro-me ao grande fabricante de secretárias francês. O seu estilo não permite confusões. Isto não foi de sua autoria, note-se.

— Então, de quem?

Monsieur Levy já ultrapassara os oitenta anos, mas tinha faces rosadas e olhos aguados que brilhavam com o prazer de viver.

— Quando morreu, Bouile legou a oficina ao seu protegido, o alemão Oeben, o qual, por sua vez, passou a tradição a um compatriota, Riesener. Creio que isto é do período deste último.

— Tenciona comprá-lo?

Gracejava, evidentemente, pois sabia que a Mossad não comprava obras de arte.

— Digamos que estou apenas interessado. Estas secretárias...

— Bureaux — corrigiu Levy. — É um bureau.

— Bem, estes bureaux costumam ter compartimentos secretos?

— Refere-se a uma cachette? Sem dúvida. Há muitos anos, quando um homem podia participar quase inesperadamente num duelo e perder a vida, uma dama que tivesse um affair precisava de usar da maior discrição. Não havia telefone, faxes ou vídeos. Todas as ideias perversas que acudiam à cabeça do amante tinham de ser reproduzidas por escrito. Por conseguinte, onde podia ela esconder as cartas da curiosidade natural do marido?

— Não num cofre, por não existir. Nem numa caixa de ferro, porque o consorte exigiria a chave. Assim, as pessoas da alta sociedade da época mandavam fazer peças de mobiliário com cachettes. Nem sempre, mas com certa frequência. Tinha de se tratar de um trabalho perfeito, sob pena de se tornar visível.

— Como poderia uma pessoa saber se determinado móvel que

tencionava comprar dispunha de um desses esconderijos?

— Quer ver um?

Levy efetuou vários telefonemas e, por fim, os dois homens saíram juntos e meteram-se num táxi, para visitarem outro antiquário. Levy trocou algumas palavras com ele, que acenou afirmativamente e se afastou por uns minutos. Pouco depois, examinavam uma secretária notavelmente parecida com a de Viena.

— Ora bem — disse Levy. — A cachette não pode ser grande, de contrário notava-se nas mediações externas diferentes das internas. Por conseguinte, tem de ser estreita, vertical ou horizontal. Provavelmente com um máximo de dois centímetros de espessura, dissimulada numa área que pareça maciça, de uns três centímetros. O indício consiste no dispositivo de abertura. — Abriu uma das gavetas. — Meta a mão aqui. — (Barzilai obedeceu e tateou até que os dedos atingiram o fundo.) — Procure em volta.

— Porque não há nada. Pelo menos, nesta gaveta. Mas podia haver um botão ou uma simples saliência. Bastaria então exercer pressão.

— Que aconteceria?

— Um pequeno estalido e erguer-se-ia uma parte do fundo da gaveta. A cachette situar-se-ia aí.

Em menos de uma hora, explicou ao katsa os dez lugares básicos em que se devia procurar para accionar a mola que expunha o compartimento secreto.

— Nunca tente empregar a força-recomendou, finalmente.

— Deixaria vestígios na madeira.

Como recompensa, Barzilai ofereceu um excelente almoço no Coupole ao antiquário e em seguida regressou a Viena.

Às primeiras horas da manhã de 16 de fevereiro, o major Zayeed e a sua equipe apresentaram-se numa das três casas que deviam ser revistadas. As outras duas estavam seladas, com homens armados postados junto de todas as entradas e os perplexos e indignados ocupantes mantidos à distância.

Zayeed mostrou-se perfeitamente delicado, porém a sua autoridade não enfrentou a menor objecção. Ao contrário da equipe de AMAM, a cerca de dois quilômetros dali, em Qadisiya, os homens do major eram peritos, causavam poucos estragos e

revelavam-se muito mais eficientes.

Começando pelo rés-do-chão e terminando no telhado, para esquadrinharem debaixo das telhas, não descuravam um único centímetro quadrado.

O jardim também não escapou, sem que aparecesse qualquer indício prometedor. Antes do meio-dia, Zayeed considerou-se satisfeito, apresentou desculpas aos ocupantes e passou à casa seguinte.

Na cave debaixo do quartel-general da AMAM em Saadun, o velho estava deitado em cima de uma mesa, devidamente atado a ela, rodeado por quatro especialistas dispostos a arrancar-lhe uma confissão completa. Além deles, achavam-se presentes um médico e o brigadeiro Ornar Khatib, que, a um canto, trocavam impressões com o sargento Ali.

Foi o chefe da AMAM quem decidiu o menu de torturas a aplicar. O sargento arqueou uma sobrancelha e refletiu que decerto necessitaria do fato-macaco, para não ficar com o uniforme coberto de sangue. Por fim, Ornar Khatib retirou-se, pois tinha expediente a despachar no seu gabinete.

O velho continuava a proclamar que nada sabia sobre um transmissor e havia dias que não visitava o jardim, devido ao tempo inclemente que fazia. No entanto, os interrogadores não estavam interessados nas suas lamúrias. Ataram-lhe os tornozelos ao cabo de uma vassoura que passava sobre o peito dos pés. Dois deles ergueram estes últimos até à posição conveniente, com as plantas voltadas para fora, enquanto Ali e o outro retiravam das paredes os pesados chicotes de cabo elétrico.

Quando as vergastadas principiaram, o velho pôs-se a gritar com intensidade, até que as forças o abandonaram gradualmente e desmaiou. No entanto, um balde de água gelada no rosto reanimou-o com prontidão.

De vez em quando, ao longo da manhã, os verdugos descansavam. Durante esses intervalos, outros entretinham-se a verter água salgada nos pés ensanguentados.

A meio da manhã, achavam-se convertidos em polpa irreconhecível, com os ossos expostos. Por fim, o sargento suspirou e fez sinal para que o processo fosse interrompido: Acendeu um

cigarro e saboreou o fumo, enquanto o ajudante pegava numa curta barra de ferro para partir os ossos das pernas do prisioneiro, dos tornozelos até os joelhos.

O velho gemia súplicas ao médico, todavia este conservava o olhar fixo no teto. Recebera ordens bem claras para manter o homem vivo e consciente. :

Do outro lado da cidade, o major Zayeed terminou a busca à segunda casa, cerca das quatro horas, quando Gidi Barzilai e Michel Levy se levantavam da mesa do restaurante em Paris. O resultado não diferia da visita anterior. Assim, acrescentou desculpas aos ocupantes e passou à terceira e última casa.

Em Saadun, o velho desmaiava com maior frequência, enquanto o médico advertia os interrogadores de que ele necessitava demais tempo para se recompor. Preparou uma seringa e injetou o líquido no sistema circulatório do prisioneiro. O efeito foi quase imediato, arrancando-o do estado de quase-coma e agudizando a sensibilidade dos nervos.

Quando as agulhas colocadas ao lume atingiram o rubro, foram introduzidos lentamente no escroto e testículos dissecados do velho.

Pouco depois das seis horas, este último voltou a entrar em coma e desta vez o médico não acudiu a tempo. Atuou furiosamente, a fronte alagada pela transpiração do medo, mas todos os estimulantes, injetados diretamente no coração, resultaram inúteis.

Ali abandonou a sala e reapareceu passado cinco minutos, com Ornar Khatib. Este contemplou o corpo, e os anos de experiência que possuía revelaram-lhe algo para o que não carecia de um diploma de Medicina. Voltou-se, e a bofetada que aplicou ao médico vibrou nas paredes, ao mesmo tempo que o projetava no chão.

— Cretino!-vociferou. — Ponha-se daqui para fora!

O outro guardou os utensílios apressadamente na maleta e desapareceu, encolhido, como se temesse o reatamento das represálias.

Ele protestou a inocência até o fim — informou Ali. — Posso garantir que, se soubesse alguma coisa, o teria revelado.

— Metam-no num saco impermeável e levem-no à mulher, para que o sepulte.

Era um saco de lona branco com cerca de dois metros de comprimento e cinco de largura, deixado à porta da casa em Qadisiya, às dez da noite. Com lentidão e grande dificuldade, por serem idosos, a viúva e o serviçal levaram-no para dentro e pousaram-no em cima da mesa da sala de jantar. Em seguida, ela ocupou a sua posição à cabeceira e começou a entoar lamentos fúnebres.

O perturbado serviçal, Talat, tentou utilizar o telefone, mas descobriu que o fio fora arrancado da parede, pelo que se dirigiu à farmácia das proximidades e pediu ao proprietário que tentasse contatar com o seu jovem amo.

Na mesma altura em que o farmacêutico procurava conseguir uma ligação através do sistema telefônico iraquiano imerso virtualmente num caos, e Gidi Barzilai regressava a Viena e enviava um telegrama em código a Kobi Dror, o major Zayeed comunicava a Hassan Rahmani a ausência de progressos nas suas pesquisas.

— Não estava lá — assegurou ao chefe da contra espionagem. — De contrário, tínhamos descoberto. Tem de ser, por tanto, a quarta casa, a residência do diplomata.

— Tem a certeza de que não pode haver engano? — insistiu Rahmani. — Não se tratará de outra casa?

— Não, senhor. A mais próxima dessas quatro situa-se muito fora da área indicada pela interceptação. A fonte das transmissões de “erupção” encontra-se no interior do losango do mapa. Posso jurá-lo.

Mergulhou em reflexões. Os diplomatas eram complicados de investigar, sempre prontos a recorrer ao Ministério dos Assuntos Estrangeiros para apresentar queixa a nível oficial. Para se introduzir na residência do camarada Kulikov, necessitaria de apelar para as altas instâncias. Muito altas, mesmo.

Quando Zayyed se retirou, Rahmani telefonou ao Ministério dos Assuntos Estrangeiros. Teve sorte, porque o ministro, depois de uma viagem prolongada ao estrangeiro, não só regressara como ainda estava no gabinete e acedeu em recebê-lo às dez da manhã seguinte.

O farmacêutico gostava de ser prestável, pelo que prosseguiu as tentativas para efetuar a ligação ao longo da noite. Embora não conseguisse falar com o filho mais velho do ancião assassinado, recorreu a um contato no exército para transmitir um recado ao mais jovem.

Chegou ao conhecimento do destinatário na sua base longe de Bagdá, ao amanhecer. Ato contínuo meteu-se no carro e iniciou a viagem. Normalmente, efetuaria o percurso num máximo de duas horas. Naquele dia, 17 de fevereiro, levou seis. Havia patrulhas e postos de interceptação em vários pontos da estrada, que lhe retardaram a marcha, embora invocasse o cargo que exercia nas fileiras para conseguir prioridade.

Todavia, o sistema não funcionou nos locais em que as pontes tinham sido destruídas, onde se viu forçado a esperar pelo ferryboat. Assim, passava do meio-dia, quando se apresentou em casa dos pais.

Tentou obter da mãe lavada em lágrimas e desesperada a descrição dos fatos, mas o seu quase-histerismo impediu-o de conseguir uma única frase coerente. Por fim, conduziu-a ao quarto e obrigou-a a tomar dois comprimidos de um sonífero.

Em seguida, dirigiu-se à cozinha e sentou-se à mesa para que o velho Talat lhe expusesse os fatos. O serviçal obedeceu e, no final do relato, foi ao jardim mostrar-lhe o local onde os soldados tinham encontrado o rádio dentro do saco de lona. O jovem inspecionou o muro e descobriu as marcas produzidas pelo intruso que o enterrara.

Hassan Rahmani teve de esperar, o que não lhe agradava, para ser recebido pelo Ministro dos Assuntos Estrangeiros, Tariq Aziz, o que só aconteceu às onze.

— Creio que não estou a compreender bem — disse o diplomata, fitando-o através das lentes grossas dos óculos. — As embaixadas têm autorização de comunicar com as suas capitais pela rádio e as transmissões são sempre codificadas.

— Claro, senhor ministro, e fazem-no do edifício de chancelaria. Isso está incluído no tráfego diplomático usual. Mas o caso que me trouxe é diferente. Refiro-me a uma transmissão secreta, como as utilizadas pelos espiões, que envia “erupções” a

um receptor que não se encontra em Moscou, mas muito mais perto.

— “Erupções”? — repetiu Aziz, enrugando a fronte. Aguardou que o interlocutor o elucidasse e acrescentou: — Continuo a não entender. Por que razão um agente qualquer do KGB...e deve tratar-se de uma operação dessa organização... enviaria “erupções” da residência do primeiro-secretário, quando lhe assiste o pleno direito de o fazer através do transmissor mais potente da embaixada?

— Não sei.

— Então, arranje uma explicação mais concreta, brigadeiro.

— Faz alguma ideia do que se passa fora do seu gabinete? Sabe que regressei ontem à noite de Moscou, após acaloradas discussões com Gorbachev e o seu representante Yevgeny Primakov, que esteve cá a semana passada? E que trouxe comigo uma proposta de paz que, se o Rais a aceitar... vou apresentar-lha dentro de duas horas... poderá levar a União Soviética a pedir a convocação do Conselho de Segurança para proibir os americanos de nos atacar? Ora, apesar de tudo isso, neste preciso momento, você pretende que eu humilhe a União Soviética autorizando uma busca em forma à residência do primeiro-secretário? Francamente, brigadeiro, creio que enlouqueceu. \ A entrevista terminou em seguida. Hassan Rahmani, abandonou o ministério indignado, porém impotente. Havia, contudo, uma coisa que Tariq Aziz não proibira. Dentro das paredes da sua residência, Kulikov seria intocável. Ou mesmo no seu carro. No entanto, as ruas não lhe pertenciam. :

— Quero o local cercado — anunciou à sua melhor equipe de vigilância, assim que regressou ao seu gabinete. — Mas com a maior discrição. E devem seguir os visitantes, quem quer que eles sejam.

A operação estava totalmente montada ao meio-dia. Os vigilantes aguardavam em carros dissimulados atrás das árvores das cercanias. Outros, algo mais afastados do local, observavam a aparição de alguém que se destinasse à área em causa, a fim de prevenirem os colegas pela rádio.

O filho mais jovem olhava o saco de lona em cima da mesa da sala de jantar que continha o corpo do pai. As lágrimas rolavam-lhe

livremente pelas faces, ao mesmo tempo que evocava os dias venturosos de um passado já distante. O pai era então um médico próspero, com numerosa clientela e ocupava-se inclusivamente de famílias de alguns membros da comunidade britânica, apresentados pelo seu amigo Nigel Martin.

Recordava os tempos em que ele e o irmão brincavam no jardim dos Martin, com Mike e Terry, e perguntava-se o que lhes teria acontecido.

Cerca de uma hora mais tarde, reparou em algumas manchas na lona que pareciam ter aumentado de tamanho e chamou:

— Talat!

— Sim, amo?

— Traz uma tesoura e uma faca da cozinha. A seguir, o coronel Osman Badri cortou o saco de lona pelo topo ao longo do comprimento até à extremidade oposta. Depois, abriu-o e expôs o corpo desnudo do pai.

Segundo a tradição, tratava-se de uma tarefa que competia às mulheres, mas a mãe não se achava em condições de a empreender. Ele pediu água e ligaduras, lavou o corpo torturado, ligou os pés dilacerados e cobriu os órgãos genitais brutalizados. Entretanto, continuava a chorar e, à medida que as lágrimas rolavam, operava-se uma transformação nele.

Ao anoitecer, telefonou ao Imã do cemitério de Alwazia, erro Risafa, e tratou dos preparativos para o funeral na manhã seguinte.

Mike Martin esteve na cidade, na manhã de domingo, 17 de fevereiro, mas regressou depois de comprar os produtos encomendados pela cozinheira e visitar os três locais em busca de sinais a giz, pelo que entrou no recinto da embaixada pouco antes do meio-dia. Durante a tarde, ocupou-se do jardim. Kulikov, embora não fosse cristão, nem muçulmano, para celebrar o dia santo na sexta-feira ou o sabbath no domingo, achava-se retido em casa com um resfriado e queixara-se do estado das suas roseiras.

Enquanto Martin trabalhava nos canteiros, os vigilantes da Mukhabarat postavam-se sub-repticiamente ao longo do exterior do muro. Ele calculava que Jericho não poderia ter nada a comunicar antes de transcorridos dois dias, pelo menos. De qualquer modo, tornaria a visitar os locais habituais na tarde seguinte.

O funeral do Dr. Badri realizou-se pouco depois das nove da manhã. Naquela época, os cemitérios de Bagdá não tinham mãos a medir, por assim dizer, pelo que o Imã estava extremamente atarefado. Poucos dias antes, os americanos haviam bombardeado um abrigo público e provocado mais de trezentos mortos. A indignação popular aumentava rapidamente. Os acompanhantes de outro funeral perguntaram ao reservado coronel se o seu familiar perdera a vida em resultado das bombas americanas, porém ele respondeu secamente que morrera de causas naturais.

Segundo os hábitos muçulmanos, o enterro desenrola-se rapidamente, sem um longo compasso de espera entre o óbito e a inumação. E não há caixão ao estilo dos cristãos, pois o corpo é simplesmente envolto num lençol. O farmacêutico também compareceu, tentando consolar a viúva, e retiraram-se todos em grupo, quando a breve cerimônia terminou.

O coronel Badri estava a poucos metros do portão do cemitério, quando ouviu pronunciar o seu nome. Nas proximidades, avistou uma limusina com janelas obscurecidas. A da retaguarda estava aberta e a voz voltou a chamá-lo.

O coronel pediu ao farmacêutico que acompanhasse a mãe a casa e, depois de se afastarem, aproximou-se do carro.

— Queira entrar, coronel — solicitou a voz. — Precisamos de conversar.

Badri abriu a porta e espreitou para dentro. O único ocupante afastara-se para o lado, a fim de lhe conceder espaço. Ele julgou reconhecer o rosto, embora apenas vagamente. Tinha a certeza de que já o vira algures. Em seguida, subiu e fechou a porta. O homem de fato cinzento premiu um botão e o vidro da janela subiu em silêncio, isolando o interior do veículo dos sons exteriores.

— Acaba de sepultar o seu pai.

— É verdade. — Quem seria o homem? Por que não conseguia identificá-lo?

— O que lhe fizeram desafia qualquer classificação. Se me tivesse inteirado a tempo, talvez conseguisse salvá-lo. Infelizmente, informaram-me demasiado tarde.

Osman Badri experimentou uma sensação não muito diferente da produzida por um soco no estômago. Descobriu com quem

falava — um homem que lhe haviam indicado numa recepção militar, dois anos atrás.

— Vou fazer-lhe uma confissão, coronel, que, se me denunciasse, ocasionaria a minha morte ainda mais horrível que a do seu pai.

Badri refletiu que só havia uma coisa que se aplicava às palavras do interlocutor. Traição.

— Outrora, eu adorava o Rais — informou o homem, a meia-voz.

— Eu também.

— Mas os tempos mudam e as pessoas também. Ele enlouqueceu e, na sua loucura, acumula as crueldades que pratica. É imperioso que se ponha termo a semelhante situação. Está ao corrente da Qaala, sem dúvida?

Badri tornou a surpreender-se, desta vez com a mudança brusca de assunto.

— Com certeza. Participei na sua construção.

— Exato. Sabe o que se encontra lá, neste momento?

— Não. — Fez uma pausa, enquanto o outro o elucidava.

— Não é possível!

— Infelizmente, é. Ele tenciona utilizá-lo contra os americanos. E sabe em que consistirá a represália? Num contra-ataque do mesmo tipo. Não ficará uma única construção de pé. Só o Rais sobreviverá. Quer tomar parte numa enormidade dessas?

Badri pensou no corpo acabado de sepultar e tomou uma decisão.

— Que pretende de mim?

— Fale-me da Qaala.

— Para quê?

— Para que os americanos a destruam.

— Pode transmitir-lhes a informação?

— Garanto-lhe que há maneiras de superar todos os obstáculos.

E assim, o coronel Osman Badri, o jovem engenheiro que desejara construir edifícios que durariam séculos, como tinham feito os seus antepassados, revelou tudo ao homem conhecido por Jericho.

— Grade de referência — urgiu este último. Depois de se elucidar também disso, indicou:— Volte para o seu posto, coronel. Estará em segurança.

O jovem saiu do carro e afastou-se, ao mesmo tempo que a sensação pungente no estômago persistia. Ainda não percorrera cem metros, quando começou a perguntar-se: “Que fui eu fazer? ” De súbito, compreendeu que tinha de falar com o irmão — o irmão mais velho que conservava sempre a cabeça mais fria e o espírito desanuviado.

O homem a quem a equipe do Mossad chamava Vigilante regressou a Viena naquela segunda-feira, chamado de Telaviv. Era, mais uma vez, um advogado prestigioso de Nova Iorque, com toda a documentação necessária para o provar.

Embora o verdadeiro advogado já não estivesse em férias, as possibilidades de Gemutlich, que detestava os telefones e máquinas de fax, contatar com aquela cidade norte-americana para se certificar, eram reduzidas. De qualquer modo, tratava-se de um risco que a Mossad estava disposta a correr.

O Vigilante instalou-se mais uma vez no Sheraton e escreveu a Herr Gemutlich. Tornou a pedir desculpa pela chegada inesperada a Viena e esclareceu que o acompanhava o contabilista da sua firma, pretendendo ambos efetuar um primeiro depósito substancial em nome do seu cliente.

A carta foi entregue por mão própria ao fim da tarde e a resposta do banqueiro austríaco chegou ao hotel na manhã seguinte, para propor um encontro às dez horas.

O Vigilante apresentou-se de fato acompanhado. O homem a seu lado era conhecido simplesmente por Arrombador, por ser essa a sua especialidade.

Se a Mossad possui no seu quartel-general em Telaviv uma coleção virtualmente incomparável de empresas inexistentes, passaportes falsos, variedade de papel timbrado e todos os outros adereços para iludir o próximo, o seu orgulho concentra-se justificadamente nos arrombadores de cofres e serralheiros. A capacidade daquela organização secreta para se introduzir em lugares trancados ocupa uma posição de realce no mundo subterrâneo da Informação e Contra-Espionagem. Se uma equipe

cheviot se tivesse ocupado da infiltração no caso Watergate, ninguém se inteiraria.

Tão elevada era a cotação desses especialistas de Israel, que quando os fabricantes de fechaduras britânicos enviavam amostras de um novo produto ao SIS para apreciação, a Century House consultava Telaviv. O Mossad examinava-o, descobria como se podia forçar e devolvia-o a Londres com a classificação de "impregnável".

A próxima vez que a fábrica inglesa da especialidade apresentava uma nova fechadura particularmente brilhante, a Century House pedia-lhe que a recolhesse e enviasse um modelo "mais fácil" para análise. Foi este último que seguiu para Telaviv. Aí, os peritos estudaram-no, conseguiram finalmente forçá-lo e restituíram-no ao SIS, com a indicação de "inexpugnável". Mas foi o primeiro que a Century House recomendou ao fabricante que comercializasse.

O fato originou um incidente embaraçoso, um ano mais tarde, quando um serralheiro do Mossad passou três cansativas e enfurecedoras horas no corredor de um bloco de escritórios numa capital europeia, antes de emergir lívido de cólera. Desde então, os ingleses testam as suas fechaduras e deixam a Mossad cuidar dos seus próprios problemas.

O serralheiro proveniente de Telaviv não era o melhor de Israel, mas o imediato na escala de valores da especialidade. Havia uma razão de peso para isso: possuía algo que faltava ao melhor.

O jovem escutou as instruções de Gidi Barzilai ao longo de seis horas, durante a noite, sobre a obra de um fabricante franco-alemão de secretárias do século XVIII e a descrição completa efetuada pelo Vigilante da topografia interna do edifício onde funcionava o Winkler Bank. A equipe yarid completou a sua educação com a enumeração dos movimentos do guarda-noturno.

Naquela mesma segunda-feira, Mike Martin esperou pelas cinco horas da tarde antes de pegar na velha bicicleta e abandonar o recinto residencial de Kulikov pelo portão das traseiras, do lado do jardim.

Em seguida, pedalou ao longo da estrada em direção à estação de ferry-boats mais próxima, para atravessar o rio, onde

outrora se situava a ponte de Jumhuriya, antes de os Tornado lhe concederem a sua particular atenção.

Ao dobrar a esquina, avistou o primeiro carro estacionado. Depois, o segundo, mais adiante. Quando os dois homens emergiram deste último e se postaram no centro da estrada, sentiu o estômago contrair-se. Arriscou-se a olhar para trás — dois homens do outro carro desencorajavam qualquer ideia de retroceder. Consciente de que tudo terminara, continuou a pedalar em frente. Não havia qualquer alternativa. Um dos indivíduos do primeiro carro apontou para a beira.

— Para ali! — bradou.

Martin deteve-se debaixo das árvores. No instante imediato surgiram mais três homens — soldados-" as espingardas apontadas ao peito dele, que ergueu as mãos lentamente.

Capítulo 21

Naquela tarde, em Riad, os embaixadores inglês e americano encontraram-se, na aparência informalmente, para se entregarem ao hábito caracteristicamente britânico do chá das cinco.

Também se achavam presentes nos jardins da embaixada britânica Chip Barber, supostamente integrado no pessoal da embaixada dos Estados Unidos, e Steve Laing, que poderia dizer a quem o interrogasse que fazia parte da seção cultural do seu país. O terceiro convidado, numa das suas raras pausas do serviço no subsolo, era o general Norman Schwarzkopf.

Pouco depois, reuniam-se a um canto isolado do jardim, com as xícaras fumegantes à sua frente. Tornava a vida mais fácil saber o que realmente as pessoas faziam para sobreviver.

O único tópico abordado consistiu na guerra iminente, porém aqueles cinco homens dispunham de informações negadas a todos os outros. Entre elas, figurava a notícia dos pormenores do plano de paz apresentado naquele dia por Tariq Aziz a Saddam Hussein, trazido de Moscou, e as conversações com Mikhail Gorbachev. Tratava-se de uma fonte de preocupação, mas por razões diferentes.

O general Schwarzkopf já divulgara nesse dia uma sugestão proveniente de Washington segundo a qual o ataque talvez fosse mais cedo do que o planeado. O plano de paz soviético exigia um cessar-fogo e retirada do Iraque do Kuwait no dia imediato.

Washington conhecia estes pormenores, não através de Bagdá, mas de Moscou. A resposta imediata da Casa Branca consistiu em que a proposta tinha méritos, mas não solucionava questões básicas. Não fazia qualquer alusão à anulação para sempre das pretensões do Iraque sobre o Kuwait, nem tomava em consideração os danos impossíveis de imaginar causados a este último: os quinhentos poços de petróleo incendiados, os milhões de toneladas de crude vertidas no Golfo para envenenar as suas águas, ou os duzentos kuwaitianos executados ou ainda a pilhagem na Cidade do Kuwait.

Segundo Colin Powell me revelou, o Departamento de Estado

inclina-se para uma posição ainda mais dura — informou o general. — Quer exigir a rendição incondicional.

— Sem dúvida — confirmou o enviado americano.

— Eu preveni-os de que precisavam de um arabista para analisar a situação — volveu o general.

— Por quê? — inquiriu o embaixador britânico.

Os dois embaixadores eram diplomatas consumados, com longa permanência no Oriente Médio. E ambos arabistas.

— Bem — declarou o comandante-chefe — esse tipo de ultimato não funciona com os árabes. Preferem a morte.

Estabeleceu-se um longo silêncio. Os embaixadores observaram o semblante impenetrável do general, em busca de uma sugestão de ironia.

Os dois homens dos serviços secretos mantiveram-se calados, mas percorria-lhes a mente o mesmo pensamento: “É precisamente essa a questão, meu caro general.” — Vens da casa do russo.

Era uma afirmação e não uma pergunta. O homem da Contra-Espionagem, apesar de trajar à civil, tinha obviamente a patente de oficial.

— Sim, Documentos.

Martin procurou nos bolsos e puxou do bilhete de identidade e da carta amarfanhada que ostentava a assinatura do secretário Kulikov. O iraquiano examinou o primeiro, ergueu os olhos para comparar a fotografia com o original e leu a carta.

Os falsificadores israelenses tinham executado um excelente trabalho. Era de fato o rosto rude, com barba de alguns dias, de Mahmoud Al-Khouri que figurava no documento.

— Revista-o — ordenou por fim o oficial.

O outro homem à paisana moveu as mãos ao longo do corpo do detido e abanou a cabeça. Não estava armado.

— Bolsos.

O conteúdo destes revelou algumas notas de dinar, um canivete, paus de giz de várias cores e uma pequena sacola de plástico.

— Que é isto? — inquiriu o oficial, pegando nesta última. O infiel deitou-a fora. Utilizo-a para o meu tabaco.

— Mas não contém tabaco nenhum.

— Pois não, Bey, Acabou-se-me. Tencionava comprar mais no mercado.

— Não me chames bey. Isso desapareceu com os turcos. De onde és?

— Martin descreveu a pequena aldeia no norte.

— É muito conhecida pela qualidade dos seus melões — acrescentou.

— Estou-me nas tintas para os teus melões — respondeu o oficial.

Uma longa limusina surgiu do fundo da rua e deteve-se a uns duzentos metros do pequeno grupo. O soldado fez sinal ao seu superior e inclinou a cabeça naquela direção. O outro voltou-se e ordenou a Martin:

— Aguarda aqui.

Encaminhou-se para o carro e dirigiu-se ao ocupante através da janela aberta.

— Quem é aquele? — perguntou Hassan Rahmani.

Um jardineiro, senhor. Trabalha naquela casa. Cuida das roseiras e vai às compras para a cozinheira.

— Esperto?

— Não, senhor, praticamente um simplório. É um camponês da região dos melões, no norte.

Refletiu por um momento. Se prendesse o imbecil, os russos estranhariam que não regressasse, o que os alertaria. Acalentava a esperança de que, se a iniciativa de paz dos soviéticos abortasse, o autorizassem a revistar a residência. Por outro lado, se deixasse o homem ir à sua vida, poderia prevenir o amo. A experiência indicava a Rahmani que só havia uma linguagem que um iraquiano sem recursos entendia bem. Por conseguinte, puxou da carteira e extraiu uma nota de cem dinares.

— Dá-lhe isto. Que vá às compras e volte para casa.

— Depois, que conserve os olhos bem abertos, à procura de alguém com um chapéu de prata enorme. Se guardar silêncio a nosso respeito e amanhã nos revelar o que viu, será recompensado. Se, pelo contrário, falar de nós aos russos, entregá-lo-ei à AMAM.

— Perfeitamente, brigadeiro.

O oficial aceitou o dinheiro e foi transmitir ao jardineiro as

instruções que acabava de receber. — Um guarda-chuva? sayidi? — articulou este último, perplexo.

— Sim, de prata, enorme, talvez preto, apontado ao céu.

— Nunca viste nenhum?

— Não, sayidi — declarou, com ar compungido. — Quando chove, mete-se toda a gente em casa.

— Não é para proteger da chuva, estúpido! Serve para transmitir mensagens.

— Um guarda-chuva que transmite mensagens — repetiu pausadamente. — Hei-de prestar atenção.

— Pronto, põe-te a andar — indicou o oficial, meneando a cabeça, num gesto de desespero. — E guarda silêncio sobre o que se passou aqui.

Martin subiu para a bicicleta e pedalou. Quando passou diante da limusina, Rahmani voltou a cabeça para o outro lado. Não havia necessidade de deixar o camponês ver o rosto do chefe da Contra-Espionagem da República do Iraque.

Martin descobriu a marca a giz às sete e recolheu a mensagem às nove. Leu-a à luz da montra de um café-o clarão de um candeeiro de petróleo, claro, pois não havia energia elétrica. Quando se inteirou do texto, emitiu um silvo em surdina, dobrou o papel várias vezes e guardou-o no interior das cuecas.

Nem merecia a pena pensar em regressar à residência do Primeiro-Secretário russo. O transmissor fora descoberto e a menor tentativa de enviar uma mensagem resultaria catastrófica. Pensou na hipótese de se dirigir ao terminal de ônibus, mas havia patrulhas do exército e da AMAM por todo o lado, à procura de desertores. Ao invés, dirigiu-se ao mercado de fruta em Basra e abordou um condutor de pesados que seguia para oeste. Destinava-se a poucos quilômetros para além de Habbaniyah, e vinte dinares convenceram-no a aceitar um passageiro. Muitos motoristas de caminhões preferiam percorrer as estradas durante a noite, persuadidos de que os Filhos de Cães nos seus aviões não os poderiam ver na escuridão, sem saberem que, de noite ou de dia, os transportes de fruta não constituíam os alvos prioritários do general Chuck Horner.

Por conseguinte, viajaram ao longo da noite e, ao amanhecer,

Martin foi depositado na autoestrada a oeste do Lago Habbaniyah, onde o motorista prosseguia por um desvio em direção às fazendas produtoras de fruta do Vale do Eufrates. Tinham sido interceptados duas vezes por patrulhas, mas Martin mostrara os documentos e explicara que regressava a casa por ter sido despedido pelo infiel para o qual trabalhava.

Naquela noite, Osman Badri não estava longe de Mike Martin e rumava na mesma direção. O seu destino era a base de caças onde o irmão mais velho, Abdelkadrim, exercia as funções de comandante de esquadrilha.

Durante os anos oitenta, uma empresa de construções belga chamada Sixco fora contratada para a instalação de oito bases aéreas superprotegidas, a fim de conterem a nata dos caças iraquianos.

A chave de tudo consistia no fato de quase tudo se situar no subsolo — aquartelamento, hangares, depósitos de carburantes e de munições, oficinas e potentes geradores para fornecimento de energia elétrica.

A única coisa visível à superfície eram as pistas, com três mil metros de extensão. Mas como parecia que não havia hangares ou quaisquer edifícios nas proximidades, os Aliados supunham que se tratava de aeródromos abandonados.

Uma inspeção mais atenta e demais perto revelaria portas de betão com um metro de espessura de acesso a rampas, nas extremidades das pistas. Cada base era um quadrado de cinco quilômetros de lado rodeado por uma vedação de arame farpado. No entanto, como no caso de Tarmiya, as instalações Sixco pareciam inativas e abandonadas.

Para operar a partir delas, os pilotos teriam de receber instruções no subsolo, subir para os aparelhos e ligar aí os motores. Só depois de estes devidamente aquecidos seriam abertas as portas das rampas.

Assim, os caças podiam percorrê-las velozmente, deslizar na pista e decolar em poucos segundos. Mesmo quando o AWACS os detetou, diria que haviam surgido bruscamente e supôs-se que se dedicavam a uma missão a baixa altitude e provinham de outro local.

O coronel Abdelkarim Badri prestava serviço numa dessas bases Sixco, conhecida apenas por KM 160, porque se situava nas proximidades da estrada Bagdá Ar Rutba, cento e sessenta quilômetros a oeste da capital. O seu irmão mais jovem apresentou-se à entrada ao recinto protegido por arame farpado pouco depois do por do sol.

O guarda telefonou para a base no subsolo e não tardou a surgir um jipe que parecia ter emergido das entranhas da Terra. Um jovem tenente da Força Aérea acompanhou o visitante ao interior da base e, depois de enveredarem por numerosos corredores, desembocaram na área destinada aos oficiais e, mais precisamente, no apartamento do comandante.

Abdelkarim e o irmão abraçaram-se. O primeiro tinha trinta e sete anos, também coronel, bem parecido, de bigode fino estilo Ronald Colman Apesar de solteiro, nunca necessitava de desenvolver esforços porfiados para conseguir companhia feminina. Os generais da Força Aérea reconheciam que se tratava do melhor piloto de caças do país, e os russos que o tinham treinado com os seus MIG 29 “Fulcrum” supersônicos concordavam plenamente.

— Que te traz por cá? — perguntou, terminadas as efusões iniciais.

Osman descreveu os eventos das últimas sessenta horas — a chegada das tropas da AMAM ao amanhecer, a busca, a descoberta do rádio no jardim, o espancamento da mãe e Talai e a detenção do pai. Explicou que tinha sido chamado pelo farmacêutico e regressara a casa, para se lhe deparar o corpo sem vida do pai em cima da mesa da sala de jantar.

Os lábios de Abdelkarim comprimiram-se, quando o irmão referiu o que descobrira ao abrir o saco de lona que continha o corpo mutilado.

Inclinou-se para a frente com curiosidade, quando Osman explicou que fora interceptado à saída do cemitério e o diálogo que se estabelecera.

— Disseste-lhe tudo isso? — estranhou no final.

— Sim.

— E é verdade? Participaste mesmo na construção da Fortaleza, da Qaala?

— Exato.

— Revelaste-lhe onde se situa, para que ele informe os americanos?

— Achas que fiz mal?

Refletiu por um momento e perguntou:

— Quantas pessoas mais, em todo o Iraque, estão ao corrente disso? !

— Cinco.

— Indica-as.

— O Rais, Hussein Kamil, que se encarregou da parte financeira e do recrutamento do pessoal, Amer Saadi, fornecedor da tecnologia, o general Ridha, que contribuiu com os artilheiros, e o general Musuli, do Corpo de Engenheiros, que me incumbiu da obra.

— E os pilotos dos helicópteros que transportam os visitantes?

— Precisam de conhecer as coordenadas do lugar, mas não o que contém. E são mantidos em quarentena, numa base qualquer. Desconheço o local.

— Quantos desses visitantes estão inteirados?

— Nenhum. São-lhes vendados os olhos antes da decolagem, até o local de chegada.

— Se os americanos destruírem o Qubth-ut-Allah, de quem julgas que a AMAM suspeitará? Do Rais, dos ministros, dos generais... ou de ti?

— Que fui eu fazer? — gemeu Osman, levando as mãos à cabeça.

— Receio que nos tenhas destruído a todos.

Ambos conheciam as regras. No caso de traição, o Rais não exigia um único sacrifício, mas a extirpação de três gerações — pais e tios, para exterminar a semente conspurcada; irmãos, pelo mesmo motivo, e filhos e sobrinhos, para que nenhum sobrevivente levasse a cabo uma vingança. Osman Badri começou a chorar em silêncio.

Abdelkarim levantou-se, fê-lo pôr-se de pé e abraçou-o.

— Procedeste como devias. Agora, temos de descobrir a maneira de sair daqui. — Consultou o relógio, que indicava oito horas. — Não há linhas telefônicas públicas para Bagdá.

Apenas as subterrâneas com o pessoal da Defesa e seus

vários bunkers. Mas esta mensagem não se lhes destina. Quanto tempo levarias a chegar a casa da nossa mãe?

— Três horas, quatro no máximo.

— Dispões de oito para ir e voltar. Diz-lhe que meta tudo o que considerar valioso no carro do pai. Ela sabe conduzir; não muito bem, mas o suficiente. Que leve o Talat e siga para a aldeia dele. Pedirá asilo à tribo, até que um de nós contate com ela, Muito bem. Posso estar de volta ao amanhecer. Mas para quê?

— Amanhã, dirijo uma esquadrilha de MIG através do Irã, onde ficaremos. Outros já o fizeram. É uma ideia arrojada do Rais para salvar os seus melhores aviões de caça. Não acre — dito que o consiga, mas podemos aproveitá-la para sobreviver. Irás comigo.

— Mas o MIG 29 não é apenas de um lugar?

— Tenho uma versão de treino com dois. O modelo UB.

— Vestirás o uniforme de oficial da Força Aérea. Com um pouco de sorte, havemos de nos safar. E agora, põe-te a mexer.

Mike Martin seguia para oeste, naquela noite, na estrada de Ar Ruthba, quando o carro conduzido por Osman Badri passou velozmente a seu lado. No entanto, nenhum deles reparou no outro. O destino do primeiro situava-se no próximo ponto de travessia do rio, cerca de vinte e cinco quilômetros adiante. Aí, em virtude da destruição da ponte, os caminhões tinham de esperar pelo ferry-boat, e ele disporia de maiores possibilidades de pagar a outro motorista para que lhe desse boleia..

A meio da noite, descobriu exatamente um veículo nessas condições, porém o homem só o pôde levar até um lugar logo após Muihammadi, onde Martin teve de tornar a esperar... Às três da madrugada, o carro do coronel Badri voltou a passar, agora no sentido contrário; todavia ele absteve-se de lhe fazer sinal para parar, consciente de que o condutor tinha pressa. Pouco antes da alvorada, surgiu outro-caminhão, que se prontificou a levá-lo. Martin pagou-lhe do maço de dinares cada vez mais reduzido. Calculou que, de manhã, o pessoal da residência de Kulikov se queixaria de que o jardineiro desaparecera.

Uma busca efetuada à barraca revelaria o bloco de papel de carta debaixo da enxerga, objeto estranho na posse de um analfabeto, assim como o transmissor sob as lajes do chão. Antes

do meio-dia, as pesquisas para o localizar já se achariam no auge, com início em Bagdá, mas tornando-se gradualmente extensivas a todo o país. Por conseguinte, precisava de se entranhar no deserto antes de anoitecer.

O caminhão em que viajava ultrapassara o marco dos 160 quilômetros, quando a esquadrilha de MIG 29 decolou.

Osman Badri estava aterrorizado, pois pertencia ao número das pessoas que detestam viajar de avião. Nas cavernas subterrâneas, aguardara à parte, enquanto o irmão transmitia instruções aos quatro jovens pilotos que constituíam a esquadrilha. A maior parte dos contemporâneos de Abdelkarim morrera, pelo que aqueles pertenciam a outra geração e escutavam-no atentamente.

No interior do MIG, mesmo com a canopla fechada, Osman não se recordava de ouvir um ruído tão intenso. Encolhido na carlinga atrás do irmão, teve a sensação de que recebera o coice de uma mula na base das costas, no momento em que o aparelho se pôs em marcha.

Decidiu fechar os olhos e orar. Quando os voltou a abrir, verificou que estavam no ar e, espreitando para baixo, descobriu que as portas das rampas estavam de novo fechadas e as pistas apresentavam o habitual aspecto de abandono.

A trezentos metros de altitude, a esquadrilha de cinco MIG formou uma fila indiana, com rumo a leste, esperançada em escapar à detecção do radar e cruzar os arrebaldes a sul de Bagdá a coberto da curiosidade dos americanos.

Naquela manhã, mais ou menos a essa hora, o capitão Don Walker da 336.a Esquadrilha de Caças, proveniente de Al Kharz, chefiava um grupo de quatro Eagle Strike em direção a Al Kut, a norte, com o objetivo de bombardear uma ponte importante sobre o Tigre, na qual um J-STAR procedente do Kuwait surpreendera vários tanques da Guarda Republicana.

A 336 passara a maior parte da sua guerra em missões noturnas, todavia a ponte a norte de Al Kut constituía uma “posição urgente”, o que significava que não havia tempo a perder, se o material pesado iraquiano a utilizava para se dirigir ao sul. Assim, a missão de bombardeio daquela madrugada tinha a designação de código de “Operação Jeremias”, e o general Chuck Horner insistira

na sua execução imediata.

Os Eagle transportavam bombas de mil quilogramas dirigidas por laser e mísseis ar-ar. Em virtude do posicionamento dos suportes das primeiras sob as asas, a carga era assimétrica, com as bombas a um lado mais pesadas que os mísseis Sparrow no outro, situação que tinha o nome de “carga bastarda”. No entanto, o controlo automático de compensação equilibrava a diferença, mas, apesar disso, não era a companhia que mais agradava aos pilotos, na eventualidade de um combate encarniçado.

Enquanto os MIG, agora a cento e setenta metros de altitude, se aproximavam de oeste, os Eagle avançavam do sul, a cento e vinte quilômetros de distância.

A primeira indicação que Abdelkarim teve da sua presença consistiu numa espécie de trinado nos fones. O irmão atrás dele não sabia de que se tratava, mas os outros pilotos achavam-se perfeitamente inteirados. A esquadrilha formava agora um “V”, com Abdelkarim no vértice, e todos se deram conta do som.

Provinha do seu RWR — Receptor de Aviso de Radar e significava que havia outros radares algures a esquadrinhar o céu.

Com efeito, os quatro Eagle tinham-nos ajustados para a posição de “rastreio” e os feixes estendiam-se para a frente, a fim de determinar o que estava lá. Os Receptores de Aviso de Radar haviam-nos captado e informavam os respectivos pilotos.

Os MIG nada podiam fazer além de prosseguir na rota estabelecida. A cento e setenta metros de altitude, encontravam-se muito abaixo dos Eagle e cruzavam o espaço de rastreio destes últimos.

A cem quilômetros de distância, o trinado nos fones dos pilotos iraquianos converteu-se num blip agudo, o que indicava que os RWR lhes revelavam: “Alguém nas proximidades desligou a posição de rastreio e aponta para vocês.” Atrás de Don Walker, o wizzo, Tim, apercebeu-se da alteração na atitude do radar e anunciou:

— Temos cinco alvos não identificados a noroeste, em voo baixo. — E ligou a IFF, enquanto os três wizzos dos outros aparelhos lhe seguiam o exemplo.

A Identificação de Amigo ou Inimigo é uma espécie de transponder existente em todos os aviões de combate, que emite

um impulso em determinadas frequências, alterado diariamente. Os aparelhos do mesmo lado da luta captam-no e respondem: “Sou amigo.” A aviação inimiga não está, pois, em condições de o fazer. Os cinco blips no ecrã de radar que cruzavam o horizonte dos Eagles podiam ser outros tantos “amigos” que regressavam de uma missão.

— Tim interrogou-os através dos sistemas Um, Dois e quatro, mas não obteve resposta.

— Hostis — informou imediatamente.

Don Walker transmitiu a ordem necessária aos outros pilotos e começou a perder altitude.

Abdelkarim Badri sabia que estava em desvantagem. Compreendeu-o no momento em que o sistema de rastreio dos americanos se fixou na sua esquadrilha. Não precisava de uma IFF para se certificar de que os outros aparelhos não podiam ser iraquianos. Inteirou-se de que fora descoberto por hostis e aceitou a realidade de que não os poderia enfrentar vitoriosamente.

A sua desvantagem residia no MIG que pilotava. Como se tratava da versão de treino, único tipo com dois lugares, não fora previsto para combater.

— Que descobriram? — perguntou ao piloto do avião mais próximo.

— São três hostis a grande altitude, mas estão a “picar” rapidamente.

— Dispersem e tentem alcançar o Irã!

Não precisou de o repetir. Os quatro aparelhos partiram disparados e não tardaram a transpor a barreira do som.

Apesar do acréscimo de carburante, podiam manter a velocidade durante o tempo suficiente para se esquivarem, aos americanos e atingir o seu destino.

Abdelkarim Badri, porém, não dispunha de semelhante possibilidade, devido às insuficiências do modelo de treino que pilotava.

Acudiram-lhe ao espírito uns versos que lera muito tempo atrás de um poema estudado na escola de Mr. Hartley, em Bagdá. De Tennyson? De Wordsworth? Não, de Macaulay e referiam-se a um homem nos seus derradeiros momentos de vida:

— A todo o homem nesta terra, , A morte acode, cedo ou tarde.

— E de que melhor maneira pode um homem morrer do que enfrentando uma situação temível, perante as cinzas dos seus pais e os templos dos seus Deuses?

Com um suspiro de determinação, conduziu o MIG Fulcrum para uma altitude mais elevada e foi ao encontro dos americanos.

Os quatro Eagle surgiram quase imediatamente no ecrã do radar.

— Jesus! — exclamou Tim. — Ele avança diretamente para nós!

Walker não necessitava que o wizzo o informasse, pois o seu radar indicava-o com a maior clareza.

Entretanto, encolhido no seu canto, o coronel Osman Badri sentia-se totalmente apavorado. Só sabia que o aumento repentino da velocidade e o acréscimo da altitude lhe sacudiam o corpo de uma forma incontrolável.

— Que está a acontecer? — bradou através da máscara, sem se dar conta de que o irmão não o podia ouvir, por não haver premido o respectivo botão.

Entretanto, Don Walker concentrava-se nos comandos dos mísseis. Deparavam-se-lhe duas opções: o AIM-7 Sparrow de longo alcance era guiado por radar do próprio Eagle, enquanto, por outro lado, dispunha do AIM-9 Sídewinder de curto alcance, que visava uma fonte de calor.

Avistou o outro aparelho a vinte e cinco quilômetros — um ponto negro que avançava para ele. identificou-o como sendo um MIG 29 Fulcrum, mas não sabia que se tratava da versão UB de treino. Sabia, sim, que podia transportar o míssil soviético AA-10, com alcance não inferior ao dos seus AIM-7. Foi por essa razão que optou pelos Sparrow.

A vinte quilômetros, disparou dois. Os mísseis captaram a energia do radar proveniente do MIG e seguiram-na obedientemente.

Abdelkarim Badri avistou os clarões, estendeu o braço para a esquerda e premiu um manípulo.

Dois segundos depois de disparar os Sparrow, Don Walker

arrependeu-se de não ter preferido os Sidewinder. E por um motivo muito simples: estes últimos localizavam o alvo, independentemente da posição do Eagle, enquanto os outros necessitavam de ser guiados. Se ele cortasse o contato naquele momento, vaguearam no espaço e acabariam por precipitar-se no solo inofensivamente.

Estava na iminência de o fazer, quando viu os “mísseis” lançados pelo MIG rolarem em direção ao chão. Compreendeu, incrédulo, que não o eram. O revestimento de alumínio dos depósitos de combustível refletia os raios solares. Tratava-se de uma artimanha em que quase caíra.

No MIG, Abdelkarim BadSri verificou que o americano não reduziria a velocidade. Pusera-lhe a coragem à prova e perdera. Entretanto, atrás dele, o irmão lembrou-se de que tinha de carregar no botão para ser ouvido e, ao ver o aparelho elevar-se quase na vertical, gritou:

— Para onde vamos?

A última coisa que ouviu neste mundo foi a voz calma de Abdelkarim:

— Calma, rapaz. Vamos cumprimentar o nosso pai. Allah Akhbar.

Walker viu os dois Sparrow explodir naquele momento e provocar um mar de chamas e fragmentos de metal, ao mesmo tempo que sentia a transpiração deslizar em grossas gotas pelo peito.

O piloto do aparelho mais próximo da sua esquadrilha, Rartdy Roberts, ergueu a mão enluvada, com o polegar voltado para cima. Walker retribuiu o gesto e a formação prosseguiu em direção à ponte de Al Kut.

Os acontecimentos sucedem-se tão rapidamente num combate aéreo, que toda a operação, desde o primeiro sinal do radar à destruição do Fulcrum, não durou mais de trinta e oito segundos.

O Vigilante apresentou-se no Winkler Bank às dez horas em ponto, acompanhado do “contabilista”, que segurava uma volumosa attaché case com cem mil dólares.

O dinheiro constituía na realidade um empréstimo temporário preparado pelo sayan bancário, o qual se sentiu profundamente aliviado quando lhe asseguraram que ficaria depositado no Winkler

apenas por um breve lapso de tempo, para depois lhe ser restituído.

Quando viu as notas verdes, Herr Gemutlich ficou encantado. No entanto, não se mostraria tão entusiasmado se soubesse que os dólares ocupavam apenas metade da altura da attaché cas& e ficaria mesmo horrorizado se se inteirasse do que estava sob o fundo falso.

Como medida de discrição, o contabilista ficou na sala de Fraulein Hardenberg, enquanto o advogado e o banqueiro combinavam os códigos de funcionamento confidenciais para a nova conta. Reapareceu em cena para guardar o recibo do dinheiro, e, por volta das onze horas, o assunto ficou encerrado. Herr Gemutlich chamou o porteiro para acompanhar os visitantes à saída.

Enquanto desciam no elevador, o contabilista murmurou algo ao ouvido do advogado americano, que o traduziu ao porteiro. Com uma breve inclinação de cabeça, este último imobilizou a cabina na sobreloja e saíram os três.

O advogado indicou a porta das instalações sanitárias ao companheiro e este entrou, enquanto ele e o porteiro aguardavam no corredor.

Naquele momento, acudiu-lhe aos ouvidos o som de um tumulto no átrio, nítido porque se situava ao fundo de quinze degraus de mármore, na extremidade oposta do corredor, a meia dúzia de metros do ponto em que estavam.

Com um murmúrio de desculpa, o porteiro encaminhou-se para lá, a fim de poder ver o que se passava em baixo. O que se lhe deparou, obrigou-o a descer apressadamente, como que para resolver qualquer problema. Era uma cena insólita. Três arruaceiros, visivelmente embriagados, assediavam a recepcionista para que lhes desse dinheiro para reatarem a libação. Esta explicaria mais tarde que a tinham convencido a abrir a porta, intitulando-se funcionários dos Correios.

Dominado pela indignação, o porteiro tentou expulsar os desordeiros. Ninguém se apercebera de que um deles, ao entrar, largara um maço de tabaco junto do batente da porta, pelo que esta, apesar de dispor de uma forte mola, não se fechara por completo.

E também ninguém se deu conta de que, a coberto da

confusão, um quarto homem se introduzira no átrio a gatinhar como uma criança. Quando se levantou, reuniu-se-lhe imediatamente o advogado de Nova Iorque, que seguira o porteiro na escada de mármore.

Conservaram-se a um lado, enquanto este último conseguia finalmente expulsar os intrusos. Quando se voltou, viu que o advogado e o contabilista tinham descido da sobreloja e, com pedidos de desculpa, acompanhou-os à saída.

Uma vez na rua, o contabilista emitiu um profundo suspiro de alívio.

— Espero nunca mais ter de fazer isto.

— Não se preocupe — tranquilizou-o o advogado. — Saiu-se estupendamente.

Exprimiam-se em hebraico, porque o “contabilista” não falava qualquer outro idioma. Na realidade, era caixeiro de um banco em Beersheeva e estava em Viena na sua primeira e última missão secreta por ser irmão gémeo e idêntico do Arrombador, então encerrado na arrecadação da sobreloja, onde se conservaria durante doze horas.

Mike Martin chegou a Ar Rutba a meio da tarde, depois de levar vinte horas a percorrer uma distância que normalmente não lhe consumiria mais de seis, de carro.

Nos arrebaldes da vila, encontrou um pastor com um rebanho de cabras, o qual surpreendeu e encheu de alegria ao comprar-lhe quatro pelos dinares que lhe restavam, por um preço que era quase o dobro do que obteria no mercado.

As cabras não pareceram contrariadas por serem conduzidas para o deserto, apesar de agora usarem cabrestos de corda. Ignoravam, naturalmente, que se destinavam apenas a justificar a razão pela qual ele percorria aquela área a sul da estrada, ao sol intenso da tarde. O problema de Martin consistia em que não dispunha de uma bússola, pois ficara com o resto do seu equipamento no esconderijo da barraca em Maosour. Servindo-se do Sol e do seu relógio barato, determinou o melhor possível a localização do uade onde enterrara o transporte.

Era um trajeto de oito quilômetros, retardado pelas cabras, mas a presença destas revelou-se útil em duas ocasiões; Soldados

com os quais se cruzou na estrada acompanharam-no com a vista até que desapareceu ao longe, embora não o abordassem.

Descobriu o uade que lhe interessava pouco antes do por do sol e aproveitou o tempo que faltava para anoitecer para descansar, enquanto as cabras dispersavam, depois de as soltar.

A máquina permanecia intacta, envolta num saco de plástico. Tratava-se de uma Yamaha de 125 centímetros cúbicos preta. Juntamente com ela, achava-se a bússola e uma pistola e respectivas munições, A arma era uma Browning de treze tiros, protegida; com um coldre que ele fixou com fita adesiva à coxa direita. Doravante, não haveria mais dissimulações. Se fosse interceptado, teria de disparar e pôr-se em fuga.

Rolou durante toda a noite, a uma média muito melhor do que acontecera com os Land-Rover. À meia-noite, efetuou uma breve pausa para reabastecer de combustível a Yamaha, com o conteúdo de um dos depósitos de reserva e beber água e tragar parte das rações-K que também retirara do esconderijo.

Nunca chegou a saber quando cruzou a fronteira, pois a paisagem era incaracterística, com uma extensão de rochas, areia e cascalho.

Esperava certificar-se de que estava em território saudita, quando alcançasse a Tapline Road, única autoestrada naquelas paragens. O piso melhorava sensivelmente e ele deslocava-se a quarenta quilômetros horários, quando avistou o veículo. Se não estivesse tão cansado, teria reagido mais rapidamente, mas os reflexos eram afetados pela exaustão.

A roda da frente da Yamaha colidiu com o arame atravessado na estrada e ele descreveu uma série de voltas, até se imobilizar de costas. Quando abriu os olhos, viu um vulto na sua frente e o brilho baço de metal.

— Bouge pas, mec ?

Não se tratava de árabe. Martin esquadrinhou a memória e recordou-se vagamente de um professor que tentava ensinar-lhe os meandros da língua de Corneille, Racine e Moliere. — Netirez articulou, pausadamente. — Je suis anglais.

Existem apenas três sargentos britânicos na Legião Estrangeira Francesa, um dos quais se chama McCullin.

— Ah, sim? — replicou naquele idioma. — Para já, levante-se. De caminho, passe para cá a pistola, se não se importa.

A patrulha da Legião estava muito a oeste da posição atribuída na linha dos Aliados e percorria a Tapline Road em busca de possíveis desertores iraquianos. Com o sargento McCullin a servir de intérprete, Martin explicou ao tenente francês que estivera no Iraque no exercício de uma missão.

A revelação era perfeitamente aceitável para a Legião, pois atuar atrás das linhas constituía uma das suas especialidades. E, pormenor altamente útil para Martin, possuía um transmissor de rádio.

O Arrombador aguardou pacientemente na escuridão da arrecadação durante o resto de terça-feira e ao longo da noite. Ouviu vários membros do pessoal do banco entrar nas instalações sanitárias, satisfazer as necessidades fisiológicas e retirar-se. Através da parede, detetava igualmente o ruído do elevador. Conservava-se sentado na pasta que o acompanhava e, de vez em quando, consultava o mostrador luminoso do relógio.

Entre as cinco e meia e as seis, apercebeu-se do movimento dos funcionários em direção à saída. Sabia que o guarda-noturno chegaria às seis, admitido pelo porteiro, o qual, entretanto, se teria certificado de que todos se haviam retirado, em conformidade com as anotações na lista que possuía.

Quando ele se retirasse por sua vez, pouco depois das seis, o guarda-noturno trancaria a porta da rua e ligaria os alarmes. Em seguida, sentar-se-ia diante do televisor portátil que trazia sempre, até à hora da primeira ronda.

Segundo a equipe yarid, até o pessoal da limpeza se achava sujeito a inspeção. Ocupava-se das partes comuns — salas, escadas e instalações sanitárias-durante as noites de segunda-feira, quarta e sexta, mas na de terça ninguém incomodaria o Arrombador. No sábado, voltava para limpar os gabinetes, sob as vistas do porteiro, que nunca se afastava.

A rotina da vigilância noturna era aparentemente sempre a mesma. O guarda efetuava três rondas-às dez da noite, e duas e cinco da madrugada.

No período entre a entrada em serviço e a primeira, via

televisão e tragava o jantar que trazia de casa. No lapso de tempo mais longo, entre as dez e as duas, passava pelo sono, depois de acertar um pequeno despertador para o acordar. O Arrombador tencionava efetuar a sua tarefa nessa altura.

Já vira o gabinete de Gemutlich e a espessa porta de madeira maciça, mas, afortunadamente, sem qualquer dispositivo de alarme. A janela continha um, e ele apercebera-se da leve protuberância de dois pedais entre o parquete e a carpeta.

Às dez em ponto, ouviu o elevador deslocar-se para cima, transportando o guarda-noturno, que iniciaria a ronda no último piso, onde verificara se as portas permaneciam trancadas, e desceria a pé até o piso térreo.

Por último, satisfeito com o resultado normal da inspeção, regressou ao poiso habitual e entreteve-se a ver um concurso gravado.

Às 22.45, o Arrombador abandonou a arrecadação e subiu a escada até o quarto andar, em plena escuridão.

A porta do gabinete de Gemutlich consumiu-lhe quinze minutos, após o que entrou.

Embora usasse uma fita em torno da cabeça para fixar uma minúscula lanterna elétrica, puxou de outra maior e mais potente para inspecionar o aposento. Conseguiu assim evitar os dois pedais que ativariam o alarme e aproximar-se da secretária. Em seguida, apagou-a e voltou a orientar-se apenas pelo clarão da que tinha à cabeça.

As fechaduras das três gavetas superiores não provocaram qualquer problema. Depois de tirar estas últimas, introduziu a mão e, após várias tentativas, localizou o botão que lhe interessava. Quando o premiu, soou um leve estalido e abriu-se um espaço estreito, com cerca de três centímetros, mas suficiente para conter vinte e duas folhas de papel fino, cada uma das quais era uma réplica da autorização oficial para movimentar as contas ao cuidado de Gemutlich.

O Arrombador puxou de uma pequena máquina fotográfica e de um dispositivo metálico em que a montou para obter uma reprodução nítida.

A folha do topo do pequeno maço descrevia o método de

operar a conta aberta na manhã anterior pelo Vigilante, em nome do cliente fictício da América. A que lhe interessava figurava em sétimo lugar. Ele já conhecia o número, pois a Mossad depositara dinheiro na conta de Jericho durante dois anos antes de passar a trabalhar para os americanos. Para descargo de consciência, decidiu fotografar todas. Por fim, certificou-se de que deixava tudo como o encontrara e à uma e dez regressara ao seu esconderijo na arrecadação.

De manhã, aproveitou um momento em que o corredor se achava deserto, desceu ao átrio pela escada, misturou-se com as várias pessoas presentes para tratar de assuntos com o banco e transpôs calmamente a saída.

Quando o helicóptero Blackhawk depositou Mike Martin na Base Aérea Militar de Riad, ao meio-dia, havia um pequeno grupo de homens ansiosos à sua espera, entre os quais Steve Laing e Chip Barber. No entanto, Martin não contara com a presença do seu comandante, coronel Bruce Craig. Enquanto ele permanecera no Iraque, as posições do SAS no deserto a oeste da fronteira iraquiana haviam-se estendido a uma área mais vasta, com duas companhias das quatro existentes em Hereford.

— Conseguiu-a, Mike? — perguntou Laing.

— Consegui, mas não me foi possível enviá-la pela rádio.

Explicou rapidamente o motivo e entregou a folha de papel dobrada que continha a última mensagem de Jericho.

— Ficamos preocupados, quando não apareceu nas últimas vinte e quatro horas — confessou Barber. — Executou um excelente trabalho.

— Uma pergunta simples, meus senhores — interpôs o coronel Craig. — Se já não precisam do meu oficial, posso recuperá-lo?

Laing, que lia o texto da folha, decifrando o árabe o melhor que podia, ergueu os olhos.

— Acho que sim. Com os nossos sinceros agradecimentos.

— Um momento — acudiu Barber. — Que destino tenciona dar-lhe, coronel?

— Proporcionar-lhe alimento e uma cama mais ou menos confortável para que se recomponha...

— Tenho uma ideia melhor. Que diz a um bom bife com batatas fritas, uma hora imerso numa banheira de mármore e uma cama fofa?

— Já ouvi ofertas menos atraentes — disse Martin, com um sorriso.

— Muito bem, coronel. O seu homem vai-se instalar numa suite do Hyatt, perto daqui, durante vinte e quatro horas.

— De acordo?

— Não vejo qualquer inconveniente. Até amanhã a esta hora, Mike — despediu-se Craig. No breve percurso até o hotel diante do quartel general do GENTAF, Martin traduziu a mensagem de Jericho para Laing e Barber.

— Excelente — declarou este último. — Os rapazes da aviação irão lá e arrasarão tudo.

Martin permaneceu de fato imerso numa banheira de mármore durante uma hora, barbeou-se, lavou a cabeça e, quando emergiu da casa de banho, o bife com batatas fritas aguardava-o na sala.

Achava-se a meio da refeição, quando o sono desencadeou uma ofensiva irresistível. Encaminhou-se para a confortável cama no quarto contíguo e adormeceu quase instantaneamente.

Enquanto dormia, aconteceram várias coisas.

Em Viena, Gidi Barzilai enviou os pormenores da movimentação da conta numerada de Jericho a Telaviv, onde foi preparada uma réplica idêntica com o texto apropriado.

Karim encontrou-se com Edith Hardenberg, quando ela saiu do banco, após mais um dia de trabalho, levou-a a tomar café e anunciou que tinha de ir à Jordânia durante uma semana, a fim de visitar a mãe, que adoecera. Edith aceitou a explicação, exerceu pressão na mão dele quando se despediram e rogou-lhe que voltasse o mais depressa possível.

Seguiram ordens especiais do Buraco Negro para a base aérea de Taif, onde um aparelho 77-1 se preparava para decolar no cumprimento de uma missão no norte do Iraque, no intuito de fotografar um importante complexo de armamento em As-Sharqat.

A missão sofreu algumas alterações, com novas coordenadas, especificamente para visitar e fotografar uma área em que se situava uma série de colinas no setor setentrional de Jebal ai

Hamreen. Quando o comandante da esquadrilha protestou, explicaram-lhe que as ordens se achavam subordinadas à palavra-chave de “Jeremias”. Os protestos extinguiram-se imediatamente.

O TR-1 decolou pouco depois das duas e, às quatro, as suas imagens começavam a aparecer nos ecrãs da sala de reuniões do Buraco Negro.

Havia nuvens e chuva sobre a cordilheira Jebal, naquele dia, mas, graças ao seu radar de infravermelhos, o dispositivo ASARS-2, o avião espião obteve as fotografias que pretendia.

Foram examinadas à medida que chegavam pelo coronel Beatty, das USAF, e o chefe de esquadrilha Peck, da Royal Air Force, os dois melhores especialistas na matéria do Buraco Negro. A reunião de planeamento principiou às seis. Havia apenas oito horas presentes. Presidia o adjunto do general Horner, o igualmente firme, embora mais jovial, general Buster Glosson. Os dois membros dos serviços secretos, Steve Laing e Chip Barber, também tinham comparecido, porque haviam sido eles os reveladores do alvo e conheciam os seus antecedentes. Os dois analistas, Beatty e Peck, foram convocados para explicar a sua interpretação das fotografias da área. E havia igualmente três oficiais do estado-maior — dois americanos e um inglês-, que anotariam o que se devia fazer e providenciariam para que fosse feito.

O coronel Beatty iniciou a sessão com aquilo que se tornaria o fulcro da reunião.

— Temos problema.

— Então, descreva-O-indicou o general.

— A informação referida dá-nos uma grade de referência.

— Doze algarismos: seis de longitude e seis de latitude. Mas não se trata de uma referência SATNAV que limite a área a meros metros quadrados. Estamos a falar de um quilômetro quadrado.

— Para jogar pelo seguro, aumentamos para dois.

— E daí?

— Aqui a temos.

Beatty gesticulou em direção à parede, que era quase totalmente ocupada por uma fotografia ampliada de alta definição, com cerca de dois metros de lado.

— Não vejo nada de especial — confessou o general. —

Apenas montanhas.

— O problema é precisamente esse. Não está aí.

— O quê? — insistiu, enrugando a fronte, A peça.

— Qual peça?

— A chamada peça Babilônia.

— Estava convencido de que vocês tinham interceptado todas na fase de construção.

— E o fizemos. Mas parece que nos escapou uma.

— Já discutimos o assunto. Trata-se de um míssil ou de uma base secreta de caças-bombardeiros. Nenhuma peça pode disparar um projétil tão grande.

— Esta pode. Consultei Londres a esse respeito. Um cano de cento e oitenta metros de comprimento e um de diâmetro.

— Uma carga superior a meia tonelada e o alcance de mil quilômetros, consoante o propulsor utilizado, e a distância daqui ao Triângulo?

— Setecentos e cinquenta quilômetros. Os seus caças podem interceptar um obus, general?

— Não.

— E mísseis Patriot?

— Talvez, se estiverem no lugar apropriado no momento conveniente e o detetarem a tempo. As probabilidades são reduzidas.

— O essencial é que, peça de artilharia ou míssil, não se encontra lá — salientou o coronel Beatty.

— Está enterrado, como a fábrica de montagem de Al — -Dubai? -sugeriu Barber.

— Isso foi dissimulado com um cemitério de veículos — lembrou o comandante de esquadrilha Peck. — Aqui, não há nada. Estrada, cabos de alta-tensão, defesas, heliporto, arame farpado, barracões. Apenas uma paisagem árida de colunas, com vales no meio.

— E se tiverem recorrido ao mesmo estratagema que em Tarmiya? -aventurou Laing. — A colocação do perímetro de defesa muito longe do ponto fulcral.

— Já consideramos essa hipótese — disse Beatty. — Esquadrinhamos oitenta quilômetros em todas as direções e nada.

— Somente uma pura operação ilusória? — aventou Barber.

— Nem pensar. Os iraquianos defendem sempre os seus bens valiosos, mesmo dos próprios compatriotas. Vejam isto. — Beatty aproximou-se da fotografia e indicou um grupo de cabanas. — Uma aldeia de camponeses nas proximidades. Fumo de lenha, cercados de cabras, outras à solta no vale...

— Talvez escavassem todo o interior da montanha-admitiu Laing. — Vocês fizeram-no, na de Cheyenne.

— Isso é uma série de cavernas, túneis e um conjunto de salas atrás de portas reforçadas — esclareceu Beatty. — Estamos a falar de um cano de cento e oitenta metros. Se alguém tentasse metê-lo no interior de uma montanha, vinha tudo abaixo. Impossível.

Seguiram-se uns momentos de silêncio, com todos os olhares cravados na fotografia. No interior do quadrado, havia três colinas e parte de uma quarta. A maior das primeiras não se achava marcada por qualquer porta reforçada ou estrada de acesso.

— Se não se encontra aí, por que não se bombardeiam os dois quilômetros quadrados? — propôs Peck — Assim a elevação ruía em cima da peça. É uma boa ideia — aprovou Beatty — Podíamos utilizar os Buff, general.

— Posso apresentar uma sugestão? — perguntou Barber.

— Com certeza — assentiu o general Glosson.

— Se eu fosse Saddam Hussein, com a sua paranoia, e dispusesse de uma arma tão valiosa, confiaria a guarda a um homem da máxima idoneidade. E dar-lhe-ia ordens no sentido de que, se a fortaleza fosse submetida a um ataque aéreo, fizesse fogo. Por outras palavras, se as primeiras duas ou três bombas errassem o alvo... e dois quilômetros quadrados são uma área enorme... as restantes poderiam revelar-se inúteis, por demasiado tardias, ainda que fosse uma fracão de segundo.

O general Glosson enrugou a fronte.

— Onde pretende chegar, Mr. Barber?

— Se o Punho de Deus se encontra no interior dessas colinas, está oculto com uma operação enganadora extremamente ardilosa. A única maneira de haver cem por cento de certeza de destruir consiste numa operação similar. Um único avião que atinja o alvo em cheio logo à primeira tentativa.

— Não sei quantas vezes vou ter de repetir isto — articulou Beatty, exasperado. — Não conhecemos a localização exata do alvo.

— Creio que o meu colega se refere à marcação do alvo — observou Laing.

— Mas isso implica mais um avião -objetou Peck. — Como os Buccaneer a procederem à marcação para os Tornado.

— O próprio marcador do alvo tem de o ver primeiro.

— Com os Scud, resultou-recordou Laing.

— Pois, os homens do SAS marcaram os locais de lançamento dos mísseis e nós destruímo-los. Mas encontravam-se à superfície.

— Precisamente.

Registrou-se novo silêncio de alguns segundos.

— Está a falar de colocar homens nas montanhas para nos fornecer um alvo de um quadrado com dez metros de lado — murmurou o general Glosson.

— O debate prolongou-se por mais duas horas. Mas regressava sempre ao argumento de Laing.

— Primeiro localizá-lo, depois marcá-lo e por fim destruí-lo — e tudo sem os iraquianos se aperceberem antes de ser demasiado tarde. À meia-noite, um cabo da Royal Air Force dirigiu-se ao Hotel Hyatt. Como não obtivesse resposta da suite, o recepcionista abriu-lhe a porta. O militar entrou no quarto e sacudiu pelo ombro o homem de roupão de banho que dormia profundamente.

— Solicitam a sua presença na casa em frente, major.

Capítulo 22

— Está aí — asseverou Mike Martin, duas horas mais tarde.

— Onde? — perguntou o coronel Betty, com sincera curiosidade.

— Aí, algures.

Na sala de reuniões do Buraco Negro, Martin debruçava-se sobre a mesa e examinava a fotografia de uma ampla seção da cordilheira de Jebal al-Hamreen-, um quadrado de oito quilômetros de lado.

— As aldeias, as três aldeias, aqui e aqui — acrescentou, apontando com o indicador.

— Que têm?

— São falsas. Apesar de convincentes, com todos os pormenores das verdadeiras, estão cheias de guardas.

O coronel Beatty cravou o olhar nos três aglomerados de cabanas. Um situava-se num vale a menos de um quilômetro do meio das três elevações no centro da foto, enquanto os outros dois ocupavam áreas nas encostas, mais distantes.

Nenhuma das aldeias era suficientemente grande para suportar uma mesquita. Cada uma tinha um celeiro central para armazenamento dos produtos para o inverno e outros abrigos, de menores dimensões, destinados ao gado. Uma dúzia de modestas cabanas constituía o resto do aldeamento, do gênero que se observa nas áreas montanhosas do Oriente Médio.

A vida das montanhas do Iraque é dura no inverno, com fortes chuvas e ventos por vezes agrestes. A ideia generalizada de que toda a área do Oriente Médio é quente não corresponde à realidade.

— Você conhece o Iraque e eu não, major. Por que diz que são falsas?

— Por causa do sistema de apoio de vida — explicou Martin. — Demasiadas aldeias, camponesas, cabras e ovelhas. E forragem insuficiente. Passariam fome.

— Afinal, era tudo bem claro-grunhiu Beatty.

— E prova que Jericho não mentiu, nem se enganou. Ora, se eles fizeram isso, é porque ocultam alguma coisa.

O coronel Craig, comandante do 22. regimento do SAS, reunira-se na cave e, depois de conversar com Steve Laing a meia-voz por uns momentos, voltou-se para os outros.

— Que lhe parece, Mike?

— Encontra-se aí, Bruce. Talvez até se conseguisse ver...a mil metros, com um bom binóculo.

— As altas patentes querem enviar uma equipe para marcar o alvo. Você fica de fora.

— Com a breca! A região deve estar cheia de patrulhas a pé. Como vemos, não há estradas.

— E daí? As patrulhas podem evitar-se.

— E se esbarrarem numa? Ninguém fala árabe como eu.

— De resto, trata-se de um lançamento HALO. Os helicópteros também não servirão.

— Você já fez mais do que o suficiente, segundo me constou.

— Fantasias das más línguas. Ainda não participei em ação a valer. Estou farto de vegetar na sombra. Os outros permaneceram no deserto durante semanas, enquanto eu cuidava de um jardim.

— Vamos para a base. Aí, podemos planejar melhor. Se a sua ideia me agradar, a poremos em prática.

Antes da alvorada, o general Schwarzkopf decidiu que não havia qualquer alternativa e concedeu autorização. No recanto da base aérea militar de Riad onde as forças do SAS se alojavam, Martin expusera as suas ideias ao coronel Craig e recebera luz verde para as concretizar.

A coordenação do plano competiria a este último, para os homens em terra, e ao general Glosson, para a eventual intervenção dos caças.

Buster Glosson tomou o pequeno-almoço com o seu amigo e superior hierárquico Chuck Horner.

— Tem alguma preferência quanto à unidade a utilizar?

Horner recordou-se de um certo oficial que se lhe dirigira com aspereza pelo telefone, duas semanas atrás.

— Tenho — decidiu. — A esquadrilha 336. Mike Martin vencera a sua argumentação com o coronel Craig salientando-logicamente — que, com a maioria dos soldados do SAS estacionados no Golfo já dispersos no interior do Iraque, era o único

oficial superior disponível, além de comandante da Esquadrilha B, então envolvida em operações no deserto, chefiada pelo seu Número Dois, e só ele falava árabe fluente.

No entanto, o argumento decisivo foi a sua experiência de descida de para-quedas em queda livre. Quando prestava serviço no Terceiro Batalhão de para-Quedistas do regimento, frequentara o curso em Brize Norton e saltara com a equipe de treino. Mais tarde, repetira a operação em Netheravon e lançara-se com os Diabos Vermelhos, mais conhecidos por Freds Vermelhos.

A única maneira de penetrar nas montanhas do Iraque sem provocar o alarme consistia num lançamento HALO — High Altitude, Low Opening -o que implicava saltar do avião a oito mil metros de altitude e permanecer em queda livre, para abrir o para-quedas aos mil e duzentos. Decididamente, não se tratava de um trabalho para recém-chegados.

O planeamento da missão deveria prolongar-se por uma semana, mas não havia tempo para tal. A única residia em os vários aspectos do lançamento, a marcha a corta-mato e a escolha da Posição de Expectativa serem planeados simultaneamente. Para isso, ele necessitava de homens em que pudesse confiar.

De regresso às instalações do SAS na base militar em Riad, fez a sua primeira pergunta ao coronel Craig foi:

— Com quem posso contar?

A lista era curta, por haver muitos homens ausentes em operações no deserto, e um nome despertou^lhe imediatamente a atenção.

— Peter Stephenson. Este é imprescindível.

— Está com sorte. Transpôs a fronteira, há uma semana, e mantém-se em repouso desde então. Encontra-se em excelente condição.

Martin conhecera o sargento Stephenson quando este era cabo e ele capitão no seu primeiro período de serviço no regimento como comandante de companhia. Tal como Martin, tinha experiência de lançamento em queda livre.

— Este é bom-disse Craig, apontando para outro nome. — Um homem da montanha. Penso que precisará de dois.

— Conheço-o — assentiu Martin, vendo que se tratava do

cabo Ben Eastman. — Tem toda a razão. Aceito-o. Quem mais?

O último escolhido foi o cabo Kevin North, de outra esquadrilha. Martin nunca trabalhara com ele, mas era um especialista da montanha altamente recomendado pelo seu comandante.

Havia cinco áreas do planejamento que tinham de ser abordadas simultaneamente, e ele dividiu as tarefas pelos três, sob a sua coordenação global.

Em primeiro lugar, havia a escolha do avião que os largaria, e Martin não hesitou em optar pelo Hércules C-130. De momento, encontravam-se nove em serviço no Golfo, todos com base no Aeroporto Internacional Rei Khaled. Entre eles, figuravam três pertencentes à Esquadrilha 47, da base de Lyneham, Wiltshire, em cuja tripulação figurava um certo tenente Glyn Morris.

Ao longo da Guerra do Golfo, os transportes Hércules ocupavam-se fundamentalmente da transferência de carga chegada a Riad para as bases da Royal Air Force em Tabuk, Mubarak, Dhahran e até Seeb, em Omã. Morris exercia as funções de inspetor daquele tipo de missões, mas a sua verdadeira especialidade era PJI, Parachute Jump Instrutor, e Martin saltara sob a sua égide, no passado.

O comodoro do Ar Iam Macfadyen, comandante da RAF no Golfo, aprovou imediatamente a escolha do Hércules para a missão do SAS, e os técnicos começaram imediatamente a convertê-lo para a operação HALO prevista para aquela noite.

Figurava com prioridade nos trabalhos de conversão a construção de umo console de oxigênio no sobrado do compartimento de carga. Como voava normalmente aos baixos níveis da atmosfera, o Hércules nunca carecera de semelhante auxiliar para manter as tropas vivas a grandes altitudes. O tenente Morris, plenamente consciente do que tinha de fazer, recorreu a um segundo PJI de outro Hércules, o sargento Sammy Dawlish, e trabalharam persistentemente durante todo o dia, dando os preparativos por concluídos ao por do sol.

A segunda prioridade eram os para-quedas. Até então, o pessoal do SAS não descera no Iraque vindo dos céus. Fizera-o em rodas.

Na base aérea militar, havia uma seção de equipamento de segurança, onde o SAS guardava os seus para-quedas. Martin requisitou oito e outros tantos de reserva, embora ele e os seus homens apenas necessitassem de quatro de cada. O sargento Stephenson recebeu a incumbência de inspecionar e acondicionar os oito durante o dia.

Os dois cabos foram encarregados de obter e verificar tudo o resto de que havia necessidade, o que incluía quatro conjuntos de vestuário, quatro mochilas de alpinista grandes, cantis, capacetes, cinturões, armas, — concentrados de alto valor que continham tudo o que havia para comer — munições, estojos de primeiros-socorros, etc, numa lista que parecia interminável. Cada homem levaria um peso total de quarenta quilogramas, na mochila de alpinista, e poderia vir a necessitar de tudo até o último grama.

O pessoal da manutenção concentrava-se na parte mecânica do Hércules, num hangar à parte.

Martin foi virtualmente levado pela mão pelos seus seis técnicos-quatro americanos e dois britânicos — e apresentado aos "brinquedos" que teria de utilizar para localizar o alvo com um erro de poucos metros quadrados e transmitir a informação para Riad.

Em seguida, foi juntar-se aos planejadores, no Buraco Negro, que se debruçavam sobre uma larga mesa com novas fotografias obtidas por outro TR-1, naquela manhã, logo após a alvorada. As condições atmosféricas eram excelentes, pelo que as imagens revelavam todos os pormenores da cordilheira Jebal al-Hamreero.

— Concluímos que o raio da peça deve estar apontada para sul ou sueste — disse o coronel Craig. — Por conseguinte, o melhor ponto de observação deve ser aqui.

Indicou uma série de fissuras na encosta de uma montanha a sul da presumível Fortaleza — a elevação no centro do grupo dentro do quilômetro quadrado que fora concebido pelo falecido coronel Osman Badri.

— Quanto a um DZ, há aqui um pequeno vale, cerca de quarenta quilômetros a sul. Vê-se o brilho da água numa minúscula corrente que se prolonga por ele.

Martin prestou atenção. Tratava-se de uma pequena depressão nas colinas, com quinhentos metros de comprimento por

cerca de cem de largura, com margens cobertas de vegetação e rochas dispersas.

— É a melhor hipótese?

O coronel encolheu os ombros.

— Sinceramente, é a única de que dispomos. A mais próxima situa-se a setenta cliques do alvo. Mais perto, e vê-las-iam pousar.

— No mapa, durante o dia, seria facílimo, mas em plena escuridão, mergulhando através do ar glacial a mais de duzentos quilômetros por hora, resultaria ainda mais provável errar o ponto em que deviam pousar.

— Aceito-a — acabou por decidir.

— Muito bem. Vou ocupar-me dos preparativos.

O navegador da RAF não teria uma tarde desafogada. Competir-lhe-ia encontrar o caminho sem luzes e sob um céu sem Lua, não para a zona de aterragem, mas para um ponto no espaço do qual, tomando em consideração a deriva do vento, quatro corpos abandonariam o avião para encontrar o minúsculo vale. Os corpos em queda sofriam sempre certa deriva, e cabia-lhe calcular o seu valor.

Ao anoitecer, reuniram-se todos no hangar vedado ao restante pessoal da base. O Hércules estava preparado. Sob uma das asas, estava o monte de equipamento que os quatro homens necessitariam. Stephenson estava satisfeito com o resultado dos preparativos. A um canto, havia uma mesa espaçosa. Martin, que se fazia acompanhar de fotografias ampliadas fornecidas pelo Buraco Negro, levou os companheiros para lá, a fim de elaborar o percurso dos DZ até às fissuras onde tencionavam postar-se, deitados, para estudar a Fortaleza durante o tempo que fosse indispensável. Tudo prenunciava duas noites de marcha dura, com um compasso de espera no dia de permeio. Nem merecia a pena avançar em plena claridade, além de que o caminho não seria em linha reta.

Por fim, cada um pegou na sua mochila de alpinista, que continha igualmente um pesado cinturão com numerosas bolsas, que colocariam depois de pousar no solo.

Ao por do sol, comeram hamburgers impelidos com água mineral, e os quatro homens descansaram até à hora da partida, que estava prevista para as 21.45, com o provável lançamento às

23.30.

Martin sempre reconhecera que o período de expectativa era o pior. Depois da atividade frenética ao longo do dia, constituía uma espécie de anticlímax. Não havia nada para se concentrar, além da tensão, a preocupação constante de que fora omitido algum pormenor de importância vital. Era o lapso de tempo em que eles comiam, liam ou escreviam à família, passavam pelo sono ou iam às instalações sanitárias.

Às nove, um trator rebocou o Hércules para fora do hangar, e a tripulação composta pelo piloto, co-piloto, navegador e engenheiro de voo, iniciou os testes preliminares. Vinte minutos mais tarde, apareceu um ônibus de janelas obscurecidas para levar os homens e respectivo equipamento ao avião, que aguardava com as portas da retaguarda abertas e a rampa baixada.

Os dois PJI achavam-se preparados. Somente sete subiram a rampa a pé e entraram na vasta caverna do Hércules. Em seguida, a rampa foi recolhida e as portas fechadas.

Enquanto o avião da RAF se erguia no céu noturno, a 21 de fevereiro, um helicóptero americano foi convidado a conservar-se no ar, antes de pousar no seu setor da base.

Fora enviado a Al Kharz para recolher dois homens. Steve Turner, comandante da esquadrilha 336, tinha sido chamado a Riad pelo coronel Buster Glosson. Acompanhava-o, por ordem superior, o homem que considerava o seu melhor piloto para ataques a baixa altitude.

Tanto o comandante dos Rocketeer como o capitão Don Walker não faziam a menor ideia da razão por que os tinham chamado. Uma hora mais tarde, numa pequena sala sob o quartel-general da CENTAF, foram elucidados. E recomendaram-lhes que guardassem sigilo absoluto do que acabavam de se inteirar.

Depois, regressaram de helicóptero à sua base.

Após a decolagem, os quatro militares puderam soltar os cintos de segurança e mover-se no casco do avião. Martin encaminhou-se para a parte da frente, subiu os degraus de acesso à coberta de voo e sentou-se para trocar impressões com o resto da equipe.

Voaram a três mil metros de altitude em direção à fronteira

iraquiana e em seguida começaram a subir. Aos oito mil, o Hércules estabilizou e sobrevoou o Iraque, aparentemente só no céu estrelado.

Na realidade, eles não estavam sós. Sobre o Golfo, um AWACS recebera ordem para manter vigilância constante ao espaço circundante. Se algum ecrã iraquiano, por qualquer motivo ainda não determinado pelas forças aéreas dos Aliados, se "iluminasse", devia ser atacado imediatamente. Para tal, encontravam-se por baixo deles duas esquadrilhas de Wild Weasel, com-mísseis anti-radar HARM.

Para a eventualidade de algum piloto de "caça" iraquiano decidir percorrer o céu naquela noite, uma esquadrilha de Jaguar da RAF estava acima e à esquerda deles e outra de Eagle F-15C à direita. Assim, o Hércules voava dentro de uma caixa protetora de tecnologia letal. Nenhum outro piloto no céu, naquela noite, sabia porquê. Limitavam-se a cumprir ordens.

Na verdade, se alguém visse um blip no radar, suporia que o transporte seguia para norte, rumo à Turquia.

Entretanto, o responsável deste último esforçava-se por tornar a viagem dos seus hóspedes o mais agradável possível, com chá, café, refrigerantes e biscoitos.

Quarenta minutos antes do Ponto da Largada, o navegador transmitiu um clarão de advertência, para indicar P-menos quarenta, e iniciaram-se os derradeiros preparativos.

Os quatro soldados colocaram o para-quedas principal e o de reserva — o primeiro sobre a largura dos ombros e o outro mais abaixo, nas costas. Seguiram-se as mochilas de alpinista, suspensas com a abertura para baixo nas costas sob os para-quedas e a extremidade entre as pernas. As armas, o Heckler com silenciador e a metralhadora ligeira Koch MP5 SD, foram fixadas no lado esquerdo e o cilindro de oxigênio individual à cintura.

Por último, puseram os capacetes e as máscaras de oxigênio, antes de ligar estas últimas à consola do centro, uma estrutura com a configuração de uma mesa de jantar grande, cheia de cilindros de oxigênio. Quando todos respiravam normalmente, o piloto foi informado e começou a expelir o ar e pressão atmosférica do casco para a noite, até que ficaram nivelados.

A operação durou quase vinte minutos. Depois, voltaram a sentar-se e aguardar. Um quarto de hora antes do Ponto de Largada, chegou nova mensagem da coberta de voo, e o responsável do avião indicou aos PJI que mandassem os soldados passar da respiração do oxigênio do console para os mini cilindros individuais, os quais dispunham de abastecimento para trinta minutos, e eles necessitariam de três ou quatro minutos disso para a descida.

Nessa altura, apenas o navegador conhecia exatamente a posição, mas a equipe do SAS confiava inteiramente em que seria largada no local exato.

Entretanto, o responsável do avião achava-se em contato com os soldados por meio de uma torrente constante de sinais manuais, que terminou quando apontou ambas as mãos às luzes por cima do console. Acudiu-lhe então aos ouvidos uma série de instruções do navegador.

Os homens levantaram-se e começaram a mover-se, devagar, como astronautas, com o inconveniente do peso do equipe — mento, em direção à rampa. Os PJI, também abastecidos de oxigênio pelos cilindros individuais, seguiram-nos.

Os homens do SAS colocaram-se em fila diante da porta ainda fechada da comporta e cada um inspecionou o equipamento diante dele.

Aos P-menos quatro, a comporta desceu e eles viram-se perante o ar negro, a oito mil metros de altitude. Novo sinal manual — dois dedos erguidos pelo PJI — indicou-lhes que se achavam a P-menos dois. Eles avançaram lenta e prudentemente para a borda da rampa e olharam as lâmpadas, apagadas de cada lado. De súbito, tornaram-se vermelhas e a seguir verdes.

Os quatro homens voltaram-se para dentro e saltaram para trás, de braços abertos e rostos virados para baixo. No instante seguinte, deixavam de ver o Hércules, tragado pela noite.

O sargento Stephenson ia à frente.

Depois de estabilizarem a posição de queda, eles desceram durante oito quilômetros sem um som. A mil e duzentos metros de altitude, o dispositivo ativado pela pressão atmosférica fez irromper os para-quedas. Na segunda posição, Mike Martin viu a sombra,

dezessete metros abaixo, parecer que se imobilizava. No mesmo segundo, sentiu a vibração produzida pela abertura do seu para-quedas e passou a descer a vinte e dois quilômetros por hora.

O para-quedas do sargento deslocava-se para a direita, pelo que ele o imitou. O céu estava limpo de nuvens, com as estrelas bem visíveis e os contornos das montanhas vagamente desenhados por todos os lados. De repente, avistou aquilo que decerto atraíra a atenção do sargento: o brilho tênue do curso de água ao longo do vale.

Peter Stephenson pousou mesmo no centro da zona, a poucos metros da margem da corrente, num tapete de relva. Martin imitou-o pouco depois.

O cabo Eastman seguiu-lhes o exemplo a uns cinquenta metros. Entretanto, Martin libertava-se das correias do para-quedas, pelo que não viu Kevin North pousar.

Com efeito, o montanhista foi o quarto e último, descendo a uma centena de metros dali, já nas proximidades da encosta da colina, mas tropeçou numa rocha e colidiu com outra violentamente, com o que fraturou o fémur esquerdo em oito lugares.

O cabo sentiu o osso estalar com clareza absoluta, porém o embate foi tão intenso que atenuou a dor. Por breves segundos. Em seguida, irrompeu em vagas crescentes. Rolou sobre si próprio e segurou a coxa com ambas as mãos, ao mesmo tempo que gemia:

— Isso não, meu Deus, por favor. Embora não se apercebesse, porque aconteceu dentro da perna, começou a sangrar. Um fragmento de osso perfurou a artéria femoral, que passou a inundar o ferimento de sangue.

Os outros três localizaram-no no momento imediato. Tinham-se desembaraçado dos para-quedas mochilas alpinas, convencidos de que ele procedera do mesmo modo. Quando se deram conta de que não estava com eles, apressaram-se a procurá-lo. Stephenson puxou da lanterna-lapiseira e apontou-a à perna.

— Pô... — murmurou.

Dispunham de estojos de primeiros socorros e ligaduras, mas de nada para uma emergência de semelhante envergadura. O cabo precisava de terapia de trauma, plasma e intervenção cirúrgica sem demora. Stephenson abriu a mochila de North, extraiu o estojo de

primeiros socorros e preparou uma injeção de morfina. Mas não foi necessária. A dor atenuava-se, à medida que o sangue se esvaía.

O ferido abriu os olhos, fixou-os em Mike Martin, sussurrou “Lamento, chefe” e voltou a fechá-los. Dois minutos depois expirava.

Noutra altura e noutro lugar, Martin talvez pudesse exteriorizar a dor que sentia por perder um homem como North, que trabalhava sob as suas ordens. Agora, porém, era-lhe impossível. Os outros reconheceram o fato e entregaram-se às tarefas que lhes competiam, imersos em silêncio. A dor surgiria mais tarde.

Martin acalentara a esperança de enrolar os para-quedas e abandonar o vale antes de procurar uma fissura para enterrar o material excedente. Agora, era impossível. Havia o corpo de North para sepultar.

— Junte tudo o que há para enterrar, Pete. Procure um buraco algures ou abra-o. Comece a juntar pedras, Ben.

Debruçou-se sobre o corpo, retirou-lhe os elementos identificativos e a pistola automática e foi ajudar Eastman. Conjuntamente com as facas e as mãos, os três homens abriram uma cova na área relvada e depositaram lá o corpo de North. Por cima, colocaram quatro para-quedas abertos, os quatro de reserva ainda dobrados, quatro cilindros de oxigênio, correias e outros objetos de que já não tinham necessidade.

A seguir, amontoaram pedras em cima; não para indicar a existência de uma sepultura, mas ao acaso, como se tivessem rolado da encosta. Impunha-se que o aspecto do vale fosse tanto quanto possível o mesmo que uma hora antes da meia-noite. Contavam efetuar cinco horas de marcha antes da alvorada, mas aquela operação imprevista consumiu-lhes mais de três. Alguns dos artigos da mochila de North foram enterrados com ele — a roupa, comida e água. Dividiram os outros pelos três, o que tornou as suas cargas ainda mais pesadas.

Abandonaram o vale uma hora antes de amanhecer e entraram em SOP — modo de proceder constante. O sargento Stephenson assumiu as funções de batedor e avançou à frente dos companheiros, lançando-se ao chão antes de atingir o topo de uma elevação, para a eventualidade de existir uma surpresa desagradável do outro lado.

As nuvens começaram a cobrir as montanhas precisamente quando Martin as necessitava, pois retardavam a alvorada e proporcionavam-lhes uma hora de marcha suplementar. Em noventa minutos, cobriram doze quilômetros. Por fim, a claridade crescente obrigou-os a procurar um refúgio para durante o dia.

Martin escolheu uma fissura horizontal nas rochas sob uma saliência, dissimulada com vegetação, um pouco acima de um uade seco. Em seguida, tragaram algumas rações, beberam água e prepararam-se para dormir. Dividiram o tempo de espera em três turnos e ele ocupou-se do primeiro.

Acordou Stephenson às onze da manhã e dormiu enquanto o sargento ficava de vigilância. Às 16.00, Ben Eastman sacudiu levemente Martin. No momento em que este abriu os olhos, viu que o outro levava o indicador aos lábios. Apurou os ouvidos e detetou os sons guturais de vozes que se exprimiam em árabe.

Stephenson acordou igualmente e arqueou uma sobrancelha interrogativamente: “E agora, que fazemos? ” Martin continuou à escuta, por um momento. Eram quatro homens, em missão de patrulha, cansados da tarefa de marchar interminavelmente através das montanhas. Inteirou-se assim de que tencionavam acampar ali durante a noite.

Refletiu que já tinham perdido muito tempo. Precisavam de partir por volta das seis da tarde, quando a escuridão envolvesse as montanhas, para alcançar as fissuras que assinalavam a posição da Fortaleza.

As palavras trocadas pelos iraquianos revelaram-lhe que pretendiam procurar lenha para uma fogueira, e decerto visitariam o local onde os homens do SAS se ocultavam. Mas mesmo que não se aventurassem até ali, escoar-se-iam várias horas primeiro que adormecessem.

A um sinal seu, os dois companheiros puxaram das facas de gume duplo e começaram a deslizar em silêncio para o uade em baixo.

Terminada a tarefa, Martin revistou os iraquianos mortos. Pertenciam à tribo Al-Ubaidi, constituída por habitantes das regiões montanhosas, e usavam a insígnia da Guarda Republicana.

Necessitaram de uma hora para arrastar os quatro corpos para

o fundo de uma fissura, que cobriram com parte da tenda camuflada e arbustos. Por sorte, não dispunham de rádio, pelo que não deveriam contatar com a base antes do regresso. Como não regressariam, passariam dois dias pelo menos, até que dessem pela sua falta.

Os três homens reataram a marcha ao anoitecer, tentando recordar-se da configuração das montanhas que haviam observado nas fotografias, para alcançar a que lhes interessava.

O mapa que Martin possuía constituía uma confecção brilhante, traçado por um computador com base nas fotos aéreas obtidas pelo 777, revelando a estrada entre a DZ e a posição procurada. Detendo-se de vez em quando para consultar o localizador SATNAV, podia certificar-se do rumo e grau dos progressos efetuados. À meia-noite, calculou que faltavam cerca de dezesseis quilômetros, para norte.

No entanto, naquela área, com a possibilidade de haver patrulhas em volta, o avanço tinha de ser lento. Já tinham enfrentado uma, e não convinha que o fato se repetisse.

Em todo o caso, dispunham de uma vantagem — os NVG, óculos de visão noturna, graças aos quais podiam avistar o terreno à sua frente com uma iluminação verde-claro.

Duas horas antes da alvorada, viram os contornos gigantescos da Fortaleza e começaram a escalar a encosta à sua esquerda. A montanha que tinham escolhido situava-se na periferia sul do quilômetro quadrado fornecido por Jericho, e das fissuras perto do topo deveriam poder contemplar a face setentrional da Fortaleza — se porventura se tratava dela — a uma altura quase igual à sua parte superior.

Treparam com persistência durante uma hora, respirando com alguma dificuldade. O sargento Stephenson, que precedia os companheiros, enveredou por um estreito caminho de cabras que contornava o topo da montanha. Pouco antes de o alcançar, deparou-se-lhes a depressão que o 777 -/ “vira”. Era melhor do que Martin esperava — uma fissura natural na rocha de dois metros e setenta de comprimento, um e vinte de profundidade e sessenta centímetros de altura.

Trataram imediatamente de tornar o nicho invisível do exterior,

protegendo-o com uma espécie de rede.

Em seguida, Martin utilizou uma das suas engenhocas. Tratava-se de um transmissor, muito mais pequeno do que possuíra no Iraque, pouco maior que dois maços de cigarros e ligou-o a uma pilha de cádmio-níquel, com potência suficiente para lhe proporcionar mais tempo para falar do que necessitaria.

A frequência fora estabelecida previamente e no outro lado havia alguém permanentemente à escuta. Para atrair a atenção, bastava carregar no botão de transmissão numa sequência combinada de blips e pausas e aguardar que respondessem do mesmo modo.

A terceira componente do conjunto era um prato de parabólica, dobrável como o de Bagdá, embora mais pequeno. Apesar de agora se encontrar mais longe do que na capital iraquiana, estava também numa posição mais elevada.

Depois de orientar o prato para sul, premiu o botão. Um-dois-três-quatro-cinco; pausa; um-dois-três; pausa, um, pausa, um.

Cinco segundos mais tarde, o rádio que tinha nas mãos começou a emitir sons abafados. Quatro blips, quatro blips, dois.

Tornou a carregar no botão de transmissão e disse para o microfone:

— Fale Nínive, fale Tiro. Repito: Fale Nínive, fale Tiro.

Retirou o dedo do botão e aguardou. Pouco depois, surgiu a reação do outro lado: um-dois-três; pausa; um, pausa, quatro.

Por fim, guardou o aparelho na bolsa impermeável, pegou no binóculo e assomou ao topo da fissura. Atrás dele, Stephenson e Eastman achavam-se comprimidos como embriões, mas aparentemente confortáveis.

Quando o Sol despontava na manhã de 23 de fevereiro, o major Martin concentrou-se no estudo da obra-prima do seu antigo companheiro de estudos, Osman Badri, a que máquina alguma conseguia ver.

Em Riad, Steve Laing e Simon Paxman fixavam os olhos arregalados na folha que o técnico de rádio acabava de lhes entregar.

— Com a breca!-exclamou o primeiro, entusiasmado. — Ele encontra-se lá. Está no raio da montanha!

Vinte minutos mais tarde, a notícia chegou a Al Kharz. O capitão Don Walker regressara à base na madrugada de vinte e dois, dormira durante o que restava da noite e começara a trabalhar logo após o nascer-do-Sol, quando os pilotos que tinham executado missões nas últimas horas completavam o relatório e iam deitar-se.

Ao meio-dia, tinha um plano para apresentar aos seus superiores, o qual seguiu imediatamente para Riad e foi aprovado. Durante a tarde, foram estabelecidos os tripulantes, avião e serviços de apoio apropriados.

O plano consistia numa incursão de quatro aparelhos a uma base iraquiana muito a norte de Bagdá denominada Tikrit East, não longe do local de nascimento de Saddam Hussein. Seria uma operação noturna, com bombas de uma tonelada guiadas por laser. Don Walker comandá-la-ia, com o seu companheiro habitual e outro elemento de dois Eagle.

Miraculosamente, a missão figurou na ordem de serviço de Riad, embora tivesse sido concebida doze horas antes e não três dias.

As três restantes tripulações necessárias foram imediatamente libertadas de outras tarefas e nomeadas para a missão Tikrit East, prevista para a noite de 22 (talvez) ou qualquer outra que fosse superiormente decidido. Até lá, manter-se-iam em estado de alerta permanente.

Os quatro Eagle Strike foram preparados ao por do sol de 22 e, às 22.00, a missão achava-se cancelada. Nenhuma outra a substituiu. Os oito tripulantes receberam instruções para descansar, enquanto o resto da esquadrilha voltava a procurar tanques de unidades da Guarda Republicana, a norte do Kuwait.

Com a colaboração do grupo de planeamento da missão, foi elaborada uma rota para Tikrit East que levaria os quatro Eagle através de um corredor entre Bagdá e a fronteira iraniana a leste, com um desvio de quarenta e cinco graus sobre o lago As Sadiyah e depois diretamente em frente até Tikrit.

Quando tomava o pequeno-almoço no refeitório, Don Walker foi chamado pelo seu comandante de esquadrilha.

— O seu marcador de alvo está preparado — revelou-lhe. — Vá descansar, porque pode ser uma noite dura.

Quando o Sol surgiu, Mike Martin começou a estudar a montanha do outro lado do vale. Graças à potência do binóculo que utilizava, conseguia distinguir todos os pormenores.

Na primeira hora de observação, parecia uma montanha vulgar. A vegetação cobria a encosta, havia rochas dispersas e uma configuração geral irregular. Não se achava presente coisa alguma que se pudesse considerar insólita.

De vez em quando, ele semicerrava os olhos para lhes proporcionar algum descanso, pousava a cabeça nos braços e voltava a assestar o binóculo.

A meio da manhã, começou a desenhar-se um conjunto de pequenos pormenores. Em algumas partes da montanha, a vegetação parecia crescer de uma maneira diferente da de outras. Havia áreas em que se apresentava demasiado regular, como que em linhas. Mas não se via qualquer porta, a menos que estivesse do outro lado, estrada, marcas de pneus, tubos que expelissem o ar viciado do interior ou sinais de escavações antigas. Foi o deslocamento do Sol que facultou o primeiro indício.

Pouco depois das onze, ele julgou detetar um brilho de algo na vegetação. Apontou o binóculo para lá e aumentou a ampliação. O Sol desapareceu atrás de uma nuvem. Quando reapareceu, o reflexo repetiu-se. De súbito, Martin descobriu a causa-um fragmento de arame no chão.

Pestanejou, para ver melhor. Sim, era um pedaço de arame com cerca de trinta centímetros. Fazia parte de um troço mais longo, com revestimento verde de plástico, uma pequena extensão do qual fora raspada a extremidade para revelar o condutor.

O arame era um de vários, todos enterrados na vegetação, expostos ocasionalmente pelo vento.

Cerca do meio-dia, conseguiu ver melhor. Uma seção da encosta tinha a vegetação disposta de uma forma especial para dissimular os cabos.

Por fim, avistou uma espécie de socalco. Parte da encosta compunha-se de blocos de betão, cada um cerca de oito centímetros recuado em relação ao de baixo. Ao longo dessas superfícies horizontais, fora depositada terra da qual irrompia a vegetação, numa sequência regular e uniforme de que se não podia

responsabilizar a Natureza.

Inspecionou outras áreas da montanha, mas a sequência interrompia-se, para recomeçar mais adiante, à sua esquerda. Ao princípio da tarde, solucionou o problema.

A análise efetuada em Riad estava correta... até certo ponto. Se alguém tentasse escavar todo o centro da elevação, esta teria ruído. O autor do projeto decerto abarcara três colinas existentes, suprimira as faces internas e reforçara as lacunas entre os picos para criar uma cratera gigantesca. Ao preencher os espaços, o construtor acompanhara os contornos das elevações, criando os mini-socalcos. Depois de tudo finalmente coberto de novo, plantara a vegetação que agora se apresentava com o aspecto normal.

Por cima da cratera, o teto da fortaleza era seguramente uma cúpula geodésica. E havia numerosas rochas dispersas, sem dúvida provenientes de outros lugares ou artificiais, que a intempérie acabara por reduzir à aparência vulgar.

Martin passou a concentrar-se na área junto do ponto onde o rebordo da cratera decerto se situara antes da construção da rotunda.

Estava uns dezessete metros abaixo do topo da cúpula. Aquilo que procurava já fora percorrido pelo seu olhar várias dezenas de vezes sem que se apercebesse.

Tratava-se de um aglomerado rochoso de tonalidade acinzentada, mas duas linhas escuras percorriam-no transversalmente. Quanto mais as examinava mais se perguntava por que razão alguém subira tão alto para as colocar.

Levantou-se algum vento, que obrigou uma das linhas a mover-se. De repente, ele descobriu que eram fios de aço que se estendiam sobre as rochas e desapareciam entre a vegetação.

Havia rochas mais pequenas em torno do aglomerado, como sentinelas formadas num círculo. Para quê a disposição tão circular e os fios de aço? Se alguém em baixo puxasse estes últimos, o aglomerado mover-se-ia?

Às três e meia, chegou à conclusão de que não se tratava de um aglomerado rochoso, mas de uma lona encerada cinzenta, com as extremidades fixadas pelo peso de rochas dispostas num círculo.

Debaixo dela, descortinou gradualmente um vulto circular, com

cerca de um metro e meio de diâmetro. Tinha na sua frente uma lona cuidadosamente colocada, sob a qual, invisíveis do exterior, se projetavam os últimos noventa centímetros da peça Babilônica, da sua culatra, duzentos metros dentro da cratera. Estava apontada para su-sueste, em direção a Dhahran, a setecentos quilômetros de distância.

— Detetor de alcance — murmurou aos homens atrás dele, passando-lhes o binóculo.

O objeto que recebeu em troca assemelhava-se a um telescópio, com o qual via a montanha e a lona que ocultava a peça, mas sem qualquer ampliação.

No prisma, havia quatro divisas em forma de “V”, com os vértices apontados para dentro. Martin fez girar o botão regulador até que os quatro contataram e formaram uma cruz, a qual se fixou na lona. Em seguida, procedeu à leitura no limbo graduado: mil e oitenta metros.

Depois, utilizou a bússola, que lhe forneceu uma referência em relação à sua própria posição de 348 graus, 10 minutos e 18 segundos.

O localizador SATNAV proporcionou-lhe o último dado de que necessitava — a sua própria posição na superfície do planeta em relação ao quadrado mais próximo: quinze metros por quinze.

A montagem do prato da parabólica num espaço tão reduzido não se revelou uma operação fácil e consumiu-lhe dez minutos. Quando chamou Riad, a resposta foi imediata. O mais pausadamente possível, Martin leu ao microfone os três conjuntos de números — a sua própria posição exata, a direção indicada pela bússola dele para o alvo e o raio de ação. Na capital saudita procederiam aos cálculos suplementares e indicariam ao piloto as suas coordenadas.

Por último, Stephenson substituiu-o no posto de observação, para indicar a eventual presença de alguma patrulha iraquiana, e tentou passar pelo sono.

Às oito e meia, em plena escuridão, testou o marcador de alvos de infravermelhos, cuja configuração lembrava uma lanterna de grandes dimensões, com uma coronha e um visor na retaguarda.

Ligou-o à pilha, apontou-o à Fortaleza e espreitou. A montanha

achava-se tão iluminada como se houvesse luar. Em seguida, fixou-o na lona que encobria o cano da peça Babilônia e premiu o gatilho.

Um feixe invisível de raios infravermelhos cruzou o vale, e ele viu surgir um pequeno ponto vermelho na encosta. Atuando no visor, apontou-o à lona e conservou-o aí durante trinta segundos. Satisfeito, desligou o aparelho e voltou para debaixo da rede protetora.

Os quatro Eagle Strike decolaram de Al Kharz às 22.45 e subiram a sete mil metros. Para três tripulações, tratava-se de uma missão de rotina destinada a bombardear uma base aérea iraquiana. Cada aparelho transportava duas bombas de uma tonelada guiadas por laser, além dos mísseis ar-ar de autodefesa.

O reabastecimento a sul da fronteira do Iraque desenrolou-se com normalidade, após o que a esquadrilha, que tinha o nome de código de Bluejay, rumou a norte, sobrevoando a localidade iraquiana de As-Samawah às 23.14. Observavam silêncio absoluto da rádio, como sempre, e sem luzes, com cada wizzo perfeitamente capaz de ver os outros aparelhos no seu radar. O céu achava-se desprovido de nuvens e o AWACS do Golfo fornecera-lhes a indicação de “imagem límpida”, o que significava a ausência de caças iraquianos no ar.

Às 23.39, o wizzo de Don Walker informou:

— Ponto de desvio dentro de cinco minutos.

Todos o ouviram e compreenderam que alterariam a rota sobre o lago As Sadiyah no momento indicado.

Quando começavam a descrever o ângulo de quarenta e cinco graus, a fim de apontarem a Tikrit East, as outras três tripulações ouviram Don Walker anunciar:

— Esquadrilha Bluejay... Tenho problemas no motor. Vou RTB. Assuma o comando, Bluejay Três.

O Bluejay Três era Bull Baker, comandante do outro elemento de dois aparelhos. A partir de então, as coisas passaram a correr mal e de uma maneira assaz sinistra.

O piloto que seguia a par de Walker, Randy “R-2” Roberts, acercou-se, mas não notou nada de anormal nos motores, apesar do que o Bluejay Um perdia velocidade e altitude. Se tencionava RTB — Regressar à Base — competia-lhe acompanhá-lo, a menos

que o problema fosse de pouca monta. Todavia, qualquer anomalia nos motores sobre território inimigo nunca se pode considerar de pouca monta.

— Entendido — disse Baker.

Naquele momento, ouviram Walker ordenar:

— Volte para junto do Bluejay Três, Bluejay Dois! Volte para lá, repito. Sigam para Tikrit ti East.

Perplexo, Roberts tratou de obedecer, enquanto o seu comandante continuava a perder altitude sobre o lago, como todos podiam verificar através dos radares.

Ao mesmo tempo, reconheciam que ele fizera o impensável. Por qualquer razão, talvez por confusão devida ao problema com o motor, utilizara a rádio e em linguagem clara. E, como se isso não bastasse, mencionara o seu destino.

Sobre o Golfo, um jovem sargento da USAF que tinha a seu cargo parte da bateria de consolas a bordo do avião do AWACS, chamou, intrigado, o seu comandante de missão.

— Temos um problema. O comandante da Bluejay descobriu uma deficiência num motor e quer RTB.

— Tomei conhecimento.

Na maior parte dos aviões, o piloto é o capitão, responsável por tudo. Num AWACS, tem essa responsabilidade quanto à segurança do aparelho, mas o comandante de missão é o patrão no tocante a dar ordens pelo ar.

Mas ele exprimiu-se em linguagem clara Indicou o alvo da missão.— Mando RTB a todos?

— Negativo — replicou o comandante. — A missão prossegue.

O sargento concentrou-se de novo no console, completamente desconcertado. Deviam estar todos loucos. Se os iraquianos tivessem escutado a transmissão, as suas defesas em Tikrit East estariam devidamente preparadas para ripostar.

De súbito, tornou a ouvir a voz de Walker.

— Comandante Bluejay, alarme máximo! — Os dois motores pararam! Vou-me ejetar!

Voltara a exprimir-se em linguagem clara! Os iraquianos, se estavam à escuta, tinham entendido tudo.

E não se equivocava. As mensagens haviam sido captadas.

Em Tikrit East, os artilheiros retiravam as coberturas dos Triple-A e os mísseis atraídos pelo calor aguardavam o som da aproximação de motores. Entretanto, outras unidades entravam em estado de alerta e partiam em direção ao lago, a fim de procurarem os dois aviadores sinistrados.

— O Bluejay Um está inoperante, comandante. Temos de fazer RTB os restantes.

— Tomei conhecimento. Negativo.

O comandante consultou o relógio. Recebera ordens bem claras. Não as compreendera, mas tinham de ser cumpridas.

Entretanto, a esquadrilha Bluejay estava a nove minutos do alvo, onde a aguardava uma comissão de boas-vindas. Os três pilotos conduziam os seus Eagte imersos em silêncio de estupefacção.

No AWACS, o sargento ainda conseguia ver o blip do Bluejay Um no ecrã, sobre a superfície do lago. Era óbvio que a tripulação o abandonara e não tardaria a despenhar-se.

Quatro minutos mais tarde, o comandante da missão pareceu mudar de ideias.

— Atenção, Esquadrilha Bluejay! AWACS chama Esquadrilha Bluejay! RTB! Repito, RTB!

Os três Eagle Strike alteraram o rumo para regressar à base. Os artilheiros iraquianos em Tikrit East, privados de radar, aguardaram em vão durante mais uma hora. Na periferia sul da Jebal ai Hamreen, outro posto de escuta iraquiano ouvira a troca de mensagens. A missão do coronel de transmissões não consistia em alertar Tikrit East ou qualquer outra base aérea da aproximação de aviões inimigos. Competia-lhe apenas providenciar para que nenhum entrasse na área da Jebal.

No momento em que a esquadrilha Bluejay mudara de rumo sobre o lago, ele entrara em alerta âmbar. O percurso daí até à base aérea, levaria os Eagle a sobrevoar a periferia sul da cordilheira. Quando se inteirou de que um dos aparelhos se despenhara no solo, regozijara-se e, ao tomar conhecimento de que os restantes rumavam a sul, ficara aliviado. Por conseguinte, mandou suspender o estado de alerta.

Don Walker espiralou até se encontrar a trinta metros da

superfície do lago e emitiu então o alerta máximo. Em seguida, enquanto quase roçava as águas do As Sadiyah, introduziu as suas novas coordenadas no respectivo aparelho e rumou a norte, em direção à Jebal. Ao mesmo tempo, entrou em LANAIRN.

A Navegação e Fixação do Alvo a Baixa Altitude, Infravermelha para a Noite é o equivalente americano do sistema TYALD britânico. Ligando para LANAIRN, Walker podia olhar através da canopla da carlinga e ver o cenário à sua frente com a maior clareza, iluminado pelo feixe de raios infravermelhos emitido de baixo da asa.

Colunas de informação no seu Mostrador Elevado forneciam-lhe agora o rumo, velocidade, altitude e tempo até o Ponto de Largada.

Podia ter ligado o piloto automático, deixando o computador ocupar-se dos comandos, mas preferia permanecer em “manual” e tratar disso ele próprio.

Socorrendo-se das fotografias de reconhecimento fornecidas pelo Buraco Negro, traçara uma rota até à cordilheira que nunca lhe permitia ir acima da linha do horizonte, com as alterações necessárias na área das elevações.

Quando ele lançou o alarme resultante da suposta avaria em ambos os motores, o rádio de Mike Martin captou ;uma série previamente combinada de blips. Ato contínuo, apontou o marcador de alvos infravermelhos ao centro da lona, a mil metros de distância, regulou o ponto vermelho para o centro e conservou-o aí.

Os blips significavam “sete minutos para o lançamento da bomba”, e a partir de então o ponto vermelho não podia mudar de posição nem um centímetro.

— Não era sem tempo-resmungou Eastman. — Estou a ficar enregelado.

— Já falta pouco — assegurou-lhe Stephenson, começando a guardar as coisas na mochila. — Depois, vais poder dar à sola até te fartares.

Somente o rádio ficou cá fora, preparado para a transmissão seguinte.

No banco da retaguarda do Eagle, o wizzo, Tim, podia ver a mesma informação que o piloto. Quatro minutos para o lançamento, três e meio, três... Os números sucediam-se no quadrante do

aparelho, enquanto o avião sobrevoava as montanhas em direção ao alvo. Passou como uma flecha sobre o local onde Martin e os seus homens haviam pousado e levou segundos a cobrir o terreno ao longo do qual eles tinham avançado com as suas cargas.

— Noventa segundos para o lançamento...

Os homens do SAS ouviram o som dos motores provenientes do sul, enquanto o Eagle iniciava a ascensão.

O caça-bombardeiro ultrapassou as últimas elevações cinco quilômetros a sul do alvo, quando o contador chegava ao zero. Na escuridão, as duas bombas em forma de torpedo abandonaram os alojamentos entre as asas e subiram durante alguns segundos, impelidos pela sua própria inércia.

No interior das três aldeias fictícias, os soldados da Guarda Republicana ficaram ensurdecidos com o rugido dos “jatos” sobre as suas cabeças e precipitaram-se para as peças. Em escassos segundos, os telhados dos celeiros foram abertos pelos mecanismos hidráulicos e expuseram os mísseis.

As duas bombas reagiram à força da gravidade e começaram a cair.

Mike Martin jazia de bruços, na expectativa, enquanto, à sua volta, as montanhas tremiam, e conservava o ponto vermelho imóvel na peça Babilônia.

Não chegou a ver as bombas. Foi obrigado a desviar os olhos da montanha verde, convertida num clarão intenso de chamas e explosões. :

Os dois projéteis atingiram o alvo simultaneamente, três segundos antes de o coronel da Guarda, nas entranhas do cavado da montanha, poder estender a mão para o comando de lançamento dos mísseis.

Martin viu todo o topo da Fortaleza irromper num autêntico braseiro. O clarão produzido permitiu-lhe descortinar um cano maciço que parecia contrair-se e voar quase em seguida em numerosos fragmentos, — Um incêndio e pêras — comentou o sargento Stephenson. — Infernal, mesmo.

Martin começou a transmitir os códigos de alerta para os ouvintes em Riad.

Don Walker teve de ganhar mais altitude do que usualmente,

depois de lançar as bombas, em virtude do risco de colidir com um dos picos das montanhas em volta.

Foi a aldeia mais afastada da Fortaleza que obteve o melhor tiro. Os mísseis que disparou não eram SAM russos, mas os mais eficientes de que o Iraque dispunha-Roland franco-alemães.

O primeiro seguiu demasiado baixo e perdeu-se ao longe. O segundo, porém, foi mais afortunado. Walker sentiu o abalo profundo da colisão no instante em que o míssil atingiu e quase arrancou o motor de estibordo.

O Eagle foi projetado através do céu, com os seus delicados sistemas destruídos e as chamas a formarem uma espécie de cauda de cometa. Walker tentou atuar nos comandos, mas não obteve a menor reação. Restava-lhe ejetar-se.

Nunca tivera de executar uma manobra de emergência de semelhante natureza. A sensação de choque aturdiu-o por uns instantes e privou-o do poder de decisão. Por sorte, os fabricantes tinham contado com isso. No momento em que o pesado banco de metal se separou do seu corpo, o para-quedas abriu-se automaticamente e ele ficou imerso na escuridão, oscilando sobre um vale que não conseguia enxergar.

A distância não era grande, e o contato com o chão ocorreu poucos segundos mais tarde. Rolou várias vezes, ao mesmo tempo que tentava localizar e accionar o fecho das correias. Por fim, logrou libertar-se do para-quedas, que o vento arrastou ao longo do vale. Assim que se levantou, olhou em redor e chamou:

— Tim? Está bem, Tim?

Procurou desesperadamente o seu wizzo, até que acabou por encontrá-lo. Tim ejetara-se perfeitamente, mas parte da onda de choque do míssil danificara a unidade de separação do banco, pelo que caíra na encosta da montanha preso a ele. Nenhum ser humano sobreviveria a um impacto de semelhante natureza.

O jovem jazia de costas no vale, numa amálgama de membros fraturados. Walker retirou-lhe a máscara, separou-o dos destroços do banco, voltou as costas ao clarão proveniente da montanha e pôs-se a correr, sem conseguir conter as lágrimas.

Correu até que lhe faltaram as forças e acabou por se arrastar para uma fissura, a fim de descansar.

Martin contatou com Riad dois minutos após as explosões que destruíram a Fortaleza. Enviou a série de blips e em seguida a mensagem; -Agora, Barrabás. Repito: Agora, Barrabás.

Os três homens do SAS, desligaram o rádio, guardaram-no, colocaram as mochilas às costas e começaram a afastar-se da montanha, o mais rapidamente possível. A área seria patrulhada como nunca, não propriamente à sua procura-era pouco provável que os iraquianos descobrissem imediatamente a razão pela qual o bombardeio fora tão certeiro-, mas para tentarem encontrar os tripulantes do avião abatido.

O sargento Stephenson tomara nota do local onde o Eagle se despenhara e calculou que a tripulação se devia encontrar nessa área, entrando em consideração com uma eventual deriva provocada pelo vento.

Vinte minutos mais tarde, os três homens do SAS descobriram o corpo sem vida do wizzo de Don Walker. Reconhecendo que nada podiam fazer por ele, reataram as pesquisas.

Dez minutos depois, ouviram, atrás deles, o estampido contínuo de armas de fogo de pequeno calibre, que se prolongou por algum tempo. Os Al-Ubaidi também tinham encontrado o corpo e, enraivecidos, crivavam-no de balas. O gesto serviu igualmente para denunciar a sua posição, e o trio de fugitivos estugou o passo.

Don Walker quase não sentiu o contato da lâmina da faca de Stephenson na garganta. A pressão era leve como a de um fio de seda. Mas ergueu os olhos e viu um homem debruçado sobre ele — alto e magro, com uma pistola na mão esquerda apontada ao seu peito e o uniforme da Divisão de Montanha da Guarda Republicana. Por fim, articulou:

— O momento não é o mais apropriado para tomarmos chá. Sugiro que nos raspemos daqui.

Naquela noite, o general Norman Schwarzkopf estava só na sua suite no quarto andar do edifício do Ministério da Defesa Saudita.

Não fora aí que passara a maior parte do tempo nos últimos sete meses, pois conservara-se quase sempre ausente a visitar todas as unidades de combate que podia ou em reunião na subcave, com os seus planejadores e adjuntos. — Agora, sentava-

se à secretária, adornada com o telefone vermelho ligado diretamente a uma rede de alta-segurança com Washington, e aguardava.

À uma menos dez da madrugada de 24 de fevereiro, o outro telefone tocou.

— General Schwarzkopf? -O sotaque era britânico.

— Sim, o próprio.

— Tenho uma mensagem para o senhor.

— Pode falar.

— Diz o seguinte: “Agora, Barrabás. Agora, Barrabás.” — Obrigado - agradeceu o comandante-chefe da Coligação, e pousou o fone.

A invasão por terra foi iniciada às quatro horas da madrugada desse dia.

Capítulo 23

Os três homens do SAS continuaram a caminhar durante o resto da noite. Estabeleceram um andamento que deixou exausto e ofegante Don Walker, apesar de não ter de carregar qualquer peso e supor que estava em excelente condição física.

De vez em quando, ajoelhava-se, consciente de que não podia prosseguir e a própria morte seria preferível às dores excruciantes dos músculos.

Quando tal acontecia, duas mãos de aço seguravam-no, uma debaixo de cada axila, e ouvia o sotaque inconfundível do sargento Stephenson junto do ouvido.

— Só mais um pouco, amigo. Vê aquela elevação? Poderemos descansar no outro lado.

Não foi, porém, o que aconteceu. Em vez de se encaminharem para sul, em direção aos contrafortes da cordilheira Jebal Hamreen, onde correriam o risco de se lhes deparar Guardas Republicanos com veículos, Mike Martin preferiu rumar a leste, no sentido das colinas que se estendiam até à fronteira iraniana. Era uma tática que obrigava as patrulhas dos homens da montanha de Al-Ubaidi a ir no seu encalço.

Pouco antes da alvorada, avistou um grupo de seis homens em baixo que pareciam ganhar terreno.

No entanto, continuaram em frente, até que, perto da vila de Khanaquin, ele resolveu fazer uma pausa, para contatar com Riad pela rádio. Entretanto, Stephenson e Eastman mantinham-se vigilantes, voltados para oeste, de onde poderiam surgir as patrulhas perseguidoras.

Martin limitou-se a comunicar que restavam três homens do SAS e os acompanhava um aviador americano. Absteve-se de indicar a sua posição, para o caso de a mensagem ser interceptada. Depois, reataram a marcha.

No topo das montanhas, perto da fronteira, encontraram abrigo numa espécie de cabana de pedra, utilizada pelos pastores locais no verão, quando os rebanhos procuravam pasto nas áreas mais elevadas. Aí, com guarda montada pelo sistema rotativo, aguardaram ao longo dos quatro dias da guerra terrestre, enquanto,

a sul, os tanques e aviação dos Aliados esmagavam o exército iraquiano numa ofensiva de noventa horas e prosseguiam até o Kuwait.

No mesmo dia, primeiro da guerra terrestre, um soldado solitário entrou no Iraque, proveniente de oeste. Era um israelense dos comandos de Sayeret Matkal, escolhido pelo seu excelente árabe.

Um helicóptero israelense, equipado com tanques de longo alcance e a aparência do exército jordaniano, emergiu do Negev e atravessou o deserto da Jordânia, para depositar o homem no interior do Iraque, a sul do ponto de travessia de Ruweishid.

Depois, alterou o rumo e regressou a Israel, despercebido.

À semelhança de Mike Martin, o soldado dispunha de uma motorizada, com pneus apropriados para percorrer o deserto. Apesar de camuflada para parecer velha, enferrujada e cheia de mossas, tinha o motor em ótima condição e transportava combustível de reserva em dois recipientes aos lados da roda da retaguarda.

O soldado seguiu pela estrada principal para leste e entrou em Bagdá ao por do sol.

As preocupações dos seus superiores em termos de segurança tinham sido exageradas. Entretanto, os habitantes da capital sabiam que o seu exército estava a ser destroçado no deserto, no sul do país e no Kuwait. Ao fim da tarde do primeiro dia, a AMAM recolhera ao seu aquartelamento, de onde não voltou a sair.

Agora que o bombardeio terminara, porque todos os aviões dos Aliados eram necessários sobre o campo de batalha, os habitantes de Bagdá circulavam livremente e trocavam impressões sobre a chegada iminente dos americanos e ingleses para varrer Saddam Hussein do seu pedestal.

Era uma euforia que duraria uma semana, até tornar-se evidente que os Aliados não apareceriam, e a AMAM voltou a estabelecer o seu círculo férreo em torno da população.

A estação central de ônibus estava cheia de soldados, na sua maioria reduzidos à roupa interior, pois haviam-se desembaraçado dos uniformes no deserto. Tratava-se dos desertores que se tinham

esquivado aos pelotões de execução à sua espera na retaguarda das linhas da frente. Vendiam as suas Kalashnikov pelo preço de uma passagem de regresso às aldeias natais. No início da semana, essas armas podiam atingir trinta e cinco dinares, para o preço se reduzir a dezessete, quatro dias mais tarde.

O israelense infiltrado achava-se incumbido de uma missão, que executou durante a noite. O Mossad conhecia a localização de apenas três das caixas de cartas mortas para contatar com Jericho, deixadas por Alfonso Benz Moncada em agosto. Na realidade, Martin cancelara duas, por razões de segurança, mas a terceira ainda funcionava.

O israelense depositou mensagens idênticas em três “cestos”, inscreveu as três marcas a giz apropriadas, subiu para a motorizada e rolou de novo para oeste, incorporando-se na multidão de refugiados que seguia naquela direção.

Tardou mais um dia a alcançar a fronteira. Uma vez aí, cortou para sul da estrada principal, no sentido do deserto, entrou na Jordânia, recuperou o transmissor que enterrara na areia junto de um aglomerado de pedras e utilizou-o. O blip-blip foi captado imediatamente por um avião israelense que sobrevoava o Negev, e um helicóptero não tardou a surgir no local para levar o infiltrador.

Este não dormiu durante aquelas cinquenta horas e comeu pouco, mas executou a missão e regressou à procedência são e salvo.

No terceiro dia da guerra terrestre, Edit Hardenberg sentou-se à sua secretária no Winkler Bank perplexa e irritada. Na manhã anterior, quando se preparava para regressar a casa, recebera um telefonema.

A voz do outro lado do fio, num alemão impecável com sotaque de Salisburgo, apresentou-se como sendo um vizinho da mãe dela e comunicou que Frau Hardenberg dera uma queda grave na escada e ficara muito maltratada.

Edith apressou-se a tentar telefonar à mãe, mas deparou-se-lhe repetidamente o sinal de linha interrompida. Desesperada, ligou à central telefônica de Salisburgo e inteirou-se de que o número em causa estava avariado.

Por fim, telefonou ao banco para comunicar que não

compareceria e seguiu no carro para Salisburgo, onde chegou ao fim da manhã. A mãe, de excelente saúde, ficou surpreendida ao vê-la e assegurou-lhe que não sofrera qualquer queda ou outro tipo de acidente. Quanto à avaria do telefone, explicou, indignada, que um vândalo desconhecido cortara o cabo à entrada do prédio.

Quando Edite regressou a Viena, já era tarde para se apresentar no banco.

No dia seguinte, foi encontrar Wolfgang Gemutlich ainda mais mal humorado do que ela e teve de suportar uma vigorosa descompostura pela ausência da véspera.

O principal motivo do agressivo estado de espírito do banqueiro não tardou a tornar-se óbvio. A meio da manhã do dia anterior, procurara-o um jovem que declarara chamar-se Aziz e ser filho do titular de uma conta numerada substancial. Segundo ele, o pai achava-se adoentado e incumbira-o de o representar.

E o árabe apresentara documentação perfeitamente em ordem que o autorizava a movimentar a referida conta. Herr Gemutlich examinara^a minuciosamente, em busca de alguma irregularidade, mas tivera de se render à evidência.

O jovem declarara que o pai pretendia encerrar a conta e transferir o dinheiro para outro estabelecimento bancário. E isto apenas dois dias depois de haverem sido depositados nela três milhões de dólares, o que elevava o total para dez.

Edith Hardenberg escutou a descrição do angustiado chefe sem o interromper e, no final, quis elucidar-se melhor acerca do referido Aziz. Sim, na verdade o seu nome de baptismo era Karim e tinha uma cicatriz no queixo. Se não estivesse tão desolado com a situação, Herr Gemutlich decerto teria estranhado que a sua secretária o interrogasse acerca de um homem que sem dúvida nunca vira.

Quando saiu do trabalho, ela seguiu diretamente para casa e procedeu a uma limpeza radical. Por fim, pegou em duas caixas de cartão e foi depositá-las no contentor do lixo à entrada do prédio. Uma continha uma larga variedade de produtos de beleza e a outra diversas peças de lingerie.

Os vizinhos revelaram mais tarde que manteve o equipamento de alta-fidelidade a funcionar até meio da noite. Desta vez, optou de

preferência por obras de Verdi, e não de Mozart ou Strauss, como era seu hábito, com particular insistência no “Coro dos Escravos”, da ópera Nabucco.

Por fim, já de madrugada, a música parou e ela partiu no carro, com dois objetos da cozinha.

Foi um contabilista aposentado, que saíra para passear o cão no Prater Park, na manhã seguinte, que a encontrou.

Envolvia-a o casaco de tweed cinzento, com o cabelo puxado para a nuca e sapatos de salto raso. Prendera a corda de nylon no ramo resistente de uma árvore e saltara do pequeno escadote de cozinha, que se via ao lado, para se enforcar.

Achava-se numa posição irrepreensível, as mãos aos lados do corpo e biqueiras dos sapatos apontadas para o chão. Uma senhora impecável na morte, como fora em vida.

O dia 28 de fevereiro foi o último da guerra terrestre. Nos desertos do Iraque a oeste do Kuwait, o exército iraquiano fora cercado e aniquilado. A sul da cidade, as divisões da Guarda Republicana que tinham invadido o Kuwait, a 2 de agosto, haviam deixado de existir. Nesse dia, as forças que ocupavam a cidade, depois de incendiar tudo o que podia arder e tentar destruir o resto, partiram para o norte numa coluna irregular de caminhões, picapes e outros veículos pesados.

Foram interceptados no ponto em que a autoestrada do norte atravessa a cumeada de Mutla. Os Eagle, Jaguar, Tomcat, Hornet, Tornado, Thunderbolt, Phantom e Apaches sobrevoaram a coluna e reduziram-na a um monte de destroços. Os militares que não perderam a vida renderam-se com prontidão. Ao fim da tarde, as primeiras forças árabes entravam no Kuwait para o libertar.

Naquela noite, Mike Martin voltou a contatar com Riad e inteirou-se dos últimos desenvolvimentos, após o que indicou a sua posição e a de uma área razoavelmente plana nas proximidades.

Os homens do SAS e Walker encontravam-se sem comida, derretiam neve para beber e passavam frio, por não se atreverem a fazer uma fogueira e denunciarem onde estavam. A guerra terminara, mas as patrulhas das montanhas podiam desconhecer o fato.

Pouco depois da alvorada, dois helicópteros Blackhawk

cedidos pela Divisão Aérea 101 americana foram recolhê-los. Era tão grande a distância desde a fronteira saudita, que vinham da base de emergência estabelecida pela 101, oitenta quilômetros no interior do Iraque, após o maior assalto de helicópteros da História. Mesmo desde essa base na margem do rio Eufrates, era uma distância enorme até às montanhas da fronteira perto de Khanaquin.

Era essa a razão da presença de dois aparelhos — o segundo dispunha ainda demais combustível para o percurso de regresso à base principal.

Por uma questão de segurança, oito Eagle sobrevoavam o local, e Don Walker olhou para cima com curiosidade.

— São os meus camaradas! — exclamou. Despediram-se numa faixa de areia varrida pelo vento, rodeada pelos destroços de um exército derrotado, perto da fronteira saudita-iraquiana. Um Blackhawk levou Walker para Dhahran, enquanto um Puma britânico aguardava à distância, a fim de transportar os homens do SAS para a sua base secreta.

Naquela noite, numa casa de campo confortável, nas dunas ondulantes de Sussex, o Dr. Terry Martin foi informado de onde o irmão estivera desde outubro e que estava agora fora do Iraque e em segurança na Arábia Saudita.

O acadêmico quase adoeceu de alívio e o SIS deu-lhe boleia de regresso a Londres, onde reatou a sua vida como professor na Escola de Estudos Orientais e Africanos.

Dois dias mais tarde, a 3 de março, os comandantes das forças da Coligação reuniram-se numa tenda junto de um pequeno aeródromo iraquiano chamado Safwan, com dois generais de Bagdá para negociar a rendição.

Os únicos porta-vozes dos Aliados eram os generais Norman Schwarzkopf e o príncipe Khalid bin Sultan. Ao lado dos americanos, sentava-se o comandante das forças britânicas, general Sir Peter de la Billière.

Os oficiais ocidentais ainda hoje estão convencidos de que só compareceram dois generais iraquianos em Sawan. Na realidade, eram três.

A rede de segurança americana era extremamente apertada, para excluir a possibilidade de um assassino se introduzir na tenda

em que os generais de campos opostos se reuniam. Toda uma divisão cercava o aeródromo.

Ao contrário dos comandantes aliados, que tinham chegado do sul numa série de helicópteros, o grupo iraquiano recebera instruções para se dirigir de carro a uma encruzilhada a norte do aeródromo. Aí, abandonaram os veículos e transferiram-se para transportes blindados americanos denominados humvees, que os conduziram ao local de encontro.

Dez minutos depois de os generais entrarem na tenda de negociação com os seus intérpretes, outra limusina Mercedes preta percorria a estrada de Basra em direção à encruzilhada. A barreira naquele ponto era comandada por um capitão da Sétima Brigada de Blindados e o inesperado veículo foi imediatamente interceptado.

No banco de trás, estava um terceiro general iraquiano, embora apenas brigadeiro-general, que segurava uma attaché-case preta. Tanto ele como o condutor não falavam inglês, e o capitão não dominava o árabe. Este último preparava-se para contatar pela rádio com o aeródromo, a fim de pedir instruções, quando chegou um jipe conduzido por um coronel americano, com outro oficial da mesma patente no banco de trás. O primeiro usava o uniforme das Forças Especiais dos Boinas Verdes e o passageiro exibia a insígnia da G2, Informação Militar.

Os dois homens mostraram os cartões de identidade, e o capitão, que os examinou, reconheceu a sua autenticidade e efetuou a saudação militar.

— Não há novidade, capitão — disse o coronel Boina Verde.

— Estávamos à espera deste filho da mãe. Parece que se atrasou por causa de um furo.

— Aquela pasta — acudiu o oficial da G2, apontando para a attaché-case do brigadeiro iraquiano, que entretanto se apeara — contém os nomes de todos os nossos POW inclusive os aviadores desaparecidos. O general Schwarzkopf quer vê-la com urgência.

Não restavam dúvidas. O coronel Boina Verde impeliu o oficial iraquiano sem delicadeza em direção ao jipe. Por seu turno, o capitão estava perplexo. Não sabia absolutamente nada de um terceiro general iraquiano. E não ignorava que a sua Unidade ingressara recentemente na lista negra por se ter vangloriado de

ocupar Safwan, quando não alcançara esse objetivo. O que menos lhe interessava de momento era voltar a provocar a ira do general Schwarzkopf retardando a recepção da lista dos aviadores desaparecidos. Por conseguinte, o jipe prosseguiu a marcha em direção a Safwar".

Na estrada a caminho do aeródromo, o veículo passou entre filas de blindados americanos que se estendiam por quase dois quilômetros. Depois, havia uma área vazia antes do cordão de helicópteros Apache que circundavam o local das negociações.

Quando deixaram os blindados para trás, o coronel da G2 voltou-se para o iraquiano e indicou-lhe em árabe irrepreensível:

— Debaixo do banco. Não saia, mas vista isso depressa.

O interpelado vestia o uniforme verde-escuro do seu país e o que estava sob o banco era de coronel das Forças Especiais da Arábia Saudita. Ele trocou rapidamente de roupa, sem a menor hesitação.

Pouco antes de alcançar o círculo de helicópteros, o jipe abandonou a estrada e internou-se no deserto, contornando o aeródromo e rumando a sul. No lado oposto de Safwan, regressou à faixa de rodagem.

Os tanques dos Estados Unidos alinhavam-se de cada lado, voltados para fora. A sua missão consistia em impedir o acesso a eventuais infiltradores. Os respectivos comandantes, do alto das suas torres, assistiram à passagem de um jipe com dois dos seus coronéis e um oficial saudita, que abandonava o perímetro e a zona protegida, pelo que não lhe prestaram atenção especial.

O veículo tardou quase uma hora a alcançar o aeroporto do Kuwait, na época pouco mais que um monte de escombros coberto por uma nuvem de fumo proveniente dos poços de petróleo incendiados ao longo de todo o emirado. O percurso demorou tanto porque, para evitar a carnificina da estrada de Ila fiidge, descreveu um largo arco através do deserto a oeste da cidade.

A oito quilômetros do aeroporto, o coronel da G2 retirou um comunicador manual do porta-luvas e transmitiu uma série de blips. Sobre o aeroporto, um avião isolado iniciou a manobra de aproximação.

A torre improvisada era um reboque guarnecido por

americanos e o aparelho que se acercava um Aerospace HS 125 britânico. Além disso, tratava-se do avião pessoal do comandante, general da Ia Billière. Ou, pelo menos, devia ser, porque tinha todo o aspecto disso. Por outro lado, o sinal que emitia condizia com o habitual, pelo que o controlador de tráfego autorizou^o a aterrar.

O HS 125 não rolou, depois de pousar, em direção ao monte de escombros, mas a um local distante, onde aguardava um jipe americano. A porta do avião abriu-se, foi lançada a escada e três homens subiram para bordo.

Granby Um, autorização para decolar — ouviu o controlador de tráfego, que se concentrava na chegada de um Hércules canadense com medicamentos para o hospital.

— Aguarde, Granby Um. Qual é o seu plano de voo? — Queria na realidade dizer: “Para onde raio julga que vai? ” -Desculpe, torre do Kuwait.

A voz era clara e firme, puro estilo da Royal Air Force. O controlador, que estava farto de ouvir pilotos da RAF, achava-os todos cabotinos.

— Atenção, torre do Kuwait. Acabamos de receber a bordo um coronel das Forças Especiais Sauditas gravemente doente.

Um membro da comitiva do príncipe Khalid. O general Schwarzkopf pediu a sua evacuação imediata, pelo que Sir Peter ofereceu o seu avião. Autorização para decolar, amigo.

No mesmo sopro, o piloto britânico acabava de mencionar um general, um príncipe e um cavaleiro do reino. O controlador era um primeiro-sargento competente, com uma excelente folha de serviço na Força Aérea dos Estados Unidos. A recusa de evacuação de um coronel saudita enfermo integrado na comitiva de um príncipe a pedido de um general a bordo do avião pertencente ao comandante britânico de modo algum lhe beneficiaria a carreira. Por conseguinte, não hesitou.

— Autorizado a decolar, Granby.

O HS 125 abandonou o Kuwait, mas em vez de rumar a Riad, que dispõe de um dos melhores hospitais do Oriente Médio, fixou a rota no sentido da fronteira norte do reino.:

O permanente alerta AWACS viu-o e perguntou que destino levava. Desta vez, a voz clara e firme com sotaque britânico

explicou que se dirigia para a base inglesa em Akrotiri, no Chipre, a fim de evacuar, de regresso à pátria, um amigo íntimo e também oficial do general de la Billière, gravemente ferido por uma mina. O comandante do AWACS não tinha o menor conhecimento do assunto, mas não sabia exatamente como devia objetar. Mandava abater o aparelho?

Quinze minutos mais tarde, o HS 125 abandonou o espaço aéreo saudita e cruzou a fronteira da Jordânia.

O iraquiano sentado na retaguarda do "jato" desconhecia tudo aquilo, mas estava impressionado com a eficiência dos ingleses e americanos. Tinham-lhe acudido dúvidas quando recebera a última mensagem dos seus "patrões" ocidentais, mas reconheceu que era prudente abandonar o país já, em vez de aguardar até mais tarde e fazê-lo por sua própria iniciativa e sem ajuda. O plano que lhe fora revelado naquela comunicação funcionara com a suavidade de um sonho.

Um dos dois pilotos da RAF de uniforme tropical emergiu do cockpit e murmurou algo ao coronel americano da G2, o qual sorriu.

— Bem-vindo à liberdade, brigadeiro — disse em árabe ao passageiro. — Acabamos de abandonar o espaço aéreo saudita. Não tardará a seguir num avião comercial para a América.

— Antes que me esqueça: tenho uma coisa para si.

Extraiu um talão do bolso do peito e mostrou-o ao iraquiano, que o leu com satisfação crescente. Tratava-se de um simples total — a quantia depositada na sua conta pessoal em Viena, agora superior a dez milhões de dólares.

O Boina Verde estendeu a mão para um pequeno compartimento e retirou vários copos e uma série de garrafas-miniaturas de scotch. Em seguida, verteu o conteúdo de cada uma em cada copo e distribuiu-os.

— Bem, meu amigo: à aposentação e prosperidade.

Bebeu, o outro americano imitou-o e, por fim, o iraquiano sorriu e fez o mesmo.

— Devemos chegar dentro de uma hora — informou o coronel da G2, em árabe. — Entretanto, aproveite para descansar.

E deixaram o passageiro só. Este pousou a cabeça na almofada do assento e deixou o espírito vaguear pelos eventos das

últimas vinte semanas, em que amealhara a sua fortuna.

Expusera-se a grandes riscos, mas a recompensa justificara-os. Evocou o dia em que estava na sala de reuniões do palácio presidencial e ouvira o Rais anunciar que o Iraque possuía finalmente, no momento oportuno, a sua própria bomba atômica. A revelação provocara-lhe um abalo profundo, tal como acontecera com o corte repentino de todas as comunicações, depois de informar os americanos.

Mais tarde, tinham voltado a dar sinais de vida, mais insistentes que nunca, para exigir que se inteirasse da localização do engenho em causa.

Ele não fazia a menor ideia, porém a oferta irresistível de cinco milhões de dólares justificara que pusesse tudo em jogo. E, no entanto, resultara muito mais fácil do que previra.

O desesperado engenheiro nuclear, Dr. Salah Siddiqui, fora capturado nas ruas de Bagdá e acusado, entre o mar de dores excruciantes em que se achava imerso, de ter revelado o local onde o engenho estava. Protestando a sua inocência, divulgara a área de Al-Qubai e a camuflagem do cemitério de veículos. Na verdade, o cientista não podia saber que era interrogado três dias antes do bombardeio e não quarenta e oito horas depois.

O abalo seguinte de Jericho ocorrera ao inteirar-se da queda dos dois aviadores britânicos, ocorrência que não fora prevista. Precisava desesperadamente de averiguar se, nas informações fornecidas antes da missão, lhes fora fornecida alguma indicação de como a revelação chegara ao conhecimento dos Aliados.

O alívio ao tornar-se óbvio que nada sabiam a esse respeito — o fato de o local constituir um depósito de munições para a artilharia — fora de breve duração, quando o Rais insistira em que tinha de haver um traidor. A partir de então, o Dr. Siddiqui, acorrentado numa cela sob o ginásio, tinha de ser eliminado, o que acontecera com uma injeção de ar no coração, que originara uma embolia coronária. Os registros do seu interrogatório, de três dias antes do bombardeio até dois depois, haviam sido devidamente alterados.

Mas o maior de todos os abalos consistira em tomar conhecimento de que os Aliados não tinham alcançado o seu objetivo e a bomba fora removida do esconderijo para um local

chamado Qaala, a Fortaleza. Qual fortaleza? Onde?

Uma observação casual do engenheiro nuclear antes de morrer revelara que o ás da camuflagem era um certo coronel Osman Badri, da Engenharia, porém a consulta aos registros indicara que se tratava de um adepto apaixonado do Presidente. Como alterar a situação?

A resposta residia na detenção e assassinato do seu estimado pai, com base em acusações forjadas. A partir de então, o amargurado Badri fora autêntica massa de vidraceiro nas mãos de Jericho, durante o encontro na sua limusina, logo após o funeral.

O homem chamado Jericho, também apelidado de Atormentador, sentia-se em paz com o mundo. Acudiu-lhe uma leve e agradável sonolência, porventura resultante da tensão dos últimos dias. Tentou mover-se, mas descobriu que os membros não lhe obedeciam. Os dois coronéis americanos olhavam-no e exprimiam-se num idioma que ele não entendia, embora soubesse que não era inglês. Esforçou-se por dizer algo, mas os lábios não logravam formular qualquer palavra.

O HS 125 rumava agora a sudoeste e sobrevoava a costa da Jordânia, a três mil e quinhentos metros de altitude. Sobre o Golfo de Agaba, o Boina Verde abriu a porta do lado do passageiro e permitiu a entrada de um jato de ar, embora o piloto tivesse reduzido a velocidade ao mínimo possível.

Os dois coronéis ergueram o corpo inerte, que tentava dizer algo, sem o conseguir. Sobre as águas azuis a sul do Golfo de Aqaba, o brigadeiro Ornar Khatib abandonou o avião e mergulhou na superfície, num impacto que quase o desmembrou. Depois, os tubarões fizeram o resto.

O HS 125 rumou a norte, passou sobre Eilat, após reentrar no espaço aéreo israelense, e aterrou finalmente em Sde Dov, aeródromo militar a norte de Telaviv. Aí, os dois pilotos despiram os uniformes britânicos e os coronéis os americanos, para retomarem as patentes habituais nas fileiras de Israel. Por seu turno, foram retiradas as insígnias da Royal Air Force do “jato”, em seguida pintado para retomar o aspecto originário e devolvido ao sayan de aluguer de aparelhos no Chipre.

O dinheiro de Viena foi transferido primeiro para o Kanoo Bank

em Bahrain e depois para outro estabelecimento bancário na América. Uma parte seguiu para o Hapoalim Bank em Telaviv e foi restituído ao governo israelense — correspondia ao que Israel pagara até à passagem de Jericho para a CIA. O saldo, cerca de oito milhões de dólares, ingressou naquilo a que a Mossad chama “O Fundo de Divertimento” Cinco dias depois de a guerra terminar, dois outros helicópteros americanos de longo curso regressaram aos vales da cordilheira de Hamreert. Não pediram autorização a ninguém, nem procuraram aprovação.

O corpo do tenente Jim Nathanson, oficial do Sistema de Armamento do Eagle Strike, nunca foi encontrado. Os soldados da Guarda Republicana tinham-no destruído com rajadas de metralhadora, e os chacais e abutres haviam-se ocupado do resto.

As suas ossadas devem achar-se algures em aqueles vales; frios, a menos de duas centenas de quilômetros de onde os seus antepassados outrora labutaram e sofreram junto idas águas de Babilônia.

O pai recebeu a comunicação em Washington e chorou-o sem companhia na mansão de Georgetown.

O corpo do cabo Kevin North, ao invés, foi recuperado. Enquanto os Blackhawk aguardavam, mãos britânicas separaram-no dos destroços do banco em que se ejetara e depositaram-no num saco impermeável apropriado. Em seguida, levaram-no para Riad e daí para Inglaterra a bordo de um Hércules.

Em meados de abril, foi celebrada uma pequena cerimônia no quartel-general do SAS, nos arrebaldes de Hereford.

Não existe qualquer cemitério para os homens do SAS. Muitos deles jazem em campos de batalha estrangeiros, cujos nomes são desconhecidos da maioria das pessoas.

Alguns encontram-se sob as areias do deserto da Líbia, onde tombaram em combate contra as forças de Rommel, em 1941 e 1942. Outros estão entre as ilhas gregas, nos montes Abruzos, Jura e Vosges. Acham-se dispersos na Malásia, Bornéu, Ieme, Mascate e Oman, em selvas, regiões glaciais e sob as águas frias do Atlântico, ao largo das ilhas Falkland.

Sempre que os corpos foram recuperados, regressaram à Grã-Bretanha, mas para serem entregues às famílias, para

enterramento. Mesmo nesses casos, nenhuma pedra tumular menciona o SAS, porque o Regimento acreditado é a unidade original de onde o soldado veio — Fuzileiros, Paras, Guardas ou qualquer outra.

Existe apenas um monumento. No coração das Linhas, em Hereford, há uma torre baixa e maciça, pintada de castanho-chocolate. No topo, um relógio dá as horas, pelo que a construção tem simplesmente o nome de Torre do Relógio.

Em torno da base, veem-se placas de bronze em que estão inscritos todos os nomes e lugares onde morreram.

Naquele abril, havia cinco novos nomes a descerrar. Um deles fora fuzilado pelos iraquianos no cativeiro, dois abatidos quando tentavam alcançar a fronteira saudita e um quarto sucumbira a hipotermia, depois de permanecer vários dias com a roupa encharcada em condições de temperaturas glaciais. O quinto era do cabo North.

Achavam-se presentes vários antigos comandantes do Regimento, nesse dia de chuva: John Simpson, o conde Johnny Slim, Sir Peter, o diretor das Forças Especiais, J. P. Lovat e o coronel Bruce Craig. Além do major Mike Martin e alguns outros.

Como estavam no seu país, os que ainda prestavam serviço podiam usar a boina cor de areia raramente vista, com o seu emblema do punhal alado e a divisa “Quem Ousa Vence”.

A cerimônia não foi longa. Os oficiais e soldados assistiram ao descerramento dos novos nomes. Perfilaram-se e afastaram-se para regressar aos vários edifícios da messe.

Pouco depois, Mike Martin subiu para o carro que deixara estacionado no parque, transpôs os portões guardados e rumou ao chalé que ainda possuía numa aldeia nas colinas de Herefordshire.

Pelo caminho, evocou tudo o que acontecera nas ruas e areias do Kuwait, no céu em cima, nas vielas e bazares de Bagdá e nos montes da cordilheira de Hamreen. Como era um homem reservado, congratulava-se ao menos com uma coisa: ninguém se inteiraria jamais.

FIM

Nota Final

Todas as guerras devem ensinar lições; do contrário, seriam travadas em vão e os combatentes que tombaram sacrificaram a vida para nada.

A do Golfo ensinou duas lições bem claras, se as Potências tiverem discernimento suficiente para apreendê-las.

A primeira está em que é rematada loucura as trinta nações industrialmente mais desenvolvidas do mundo, que dispõem entre si de noventa e cinco por cento de armamento de alta tecnologia e meios para a sua produção, venderem esses artefatos aos loucos, agressivos e perigosos em troca de lucros financeiros a curto prazo.

Ao longo de uma década, o regime da República do Iraque pôde armar-se a um nível assustador, graças a uma combinação de insensatez política, cegueira burocrática e ganância coletiva. A eventual destruição, em parte, dessa máquina de guerra custou largamente muito mais que o seu fornecimento.

Poderia ser impedida facilmente uma repetição da situação com o estabelecimento de um registro central de todas as exportações para determinados regimes, com penas draconianas para qualquer encobrimento. Analistas capazes de examinar o panorama geral não tardariam a descobrir, pelo tipo e quantidades de materiais encomendados ou fornecidos, se estavam em preparação Armas de destruição em massa.

A alternativa consistirá numa proliferação de armamento de alta tecnologia para fazerem os anos da Guerra Fria parecer uma época de paz e tranquilidade.

A segunda lição diz respeito à recolha de informação. Com o final da Guerra Fria, muitos esperavam que pudesse ser substancialmente restringida. A realidade mostra precisamente o contrário. Durante os anos setenta e oitenta, os avanços técnicos na recolha e utilização de informação por meios eletrônicos foram tão impressionantes, sobretudo no campo dos serviços secretos, que os governos do Mundo Livre se convenceram, à medida que os cientistas produziam os seus dispendiosos milagres, de que todo o trabalho se cingiria às máquinas. O papel da humint, recolha de

informação pelos seres humanos, foi minimizado.

Na Guerra do Golfo, toda a panóplia da magia técnica do Ocidente surgiu em primeiro plano e, em parte devido ao seu custo impressionante, foi considerada virtualmente infalível.

Mas não era. Com uma combinação de perícia, engenho, astúcia e trabalho árduo, largas porções do arsenal do Iraque e os meios da sua produção já tinham sido ocultados ou dissimulados de tal modo que as máquinas não os podiam ver.

Os pilotos voaram com grande coragem e eficiência, mas também foram iludidos com frequência pela astúcia daqueles que concebiam as réplicas e a camuflagem.

O fato de os meios químicos e a possibilidade nuclear nunca terem sido postos em prática foi, à semelhança da Batalha de Waterloo, “uma coisa que esteve por um triz”.

O que ficou bem claro no final da guerra foi que, para determinadas tarefas em certos lugares, ainda não há substituto para o dispositivo de recolha de informação mais antigo do mundo: o Globo Ocular, Penetração Suprema.

.ePub

HG